

WITH
Everything
I AM

The Three Series

KRISTEN **ASHLEY**

New York Times BESTSELLING AUTHOR



P  L
APRESENTA

WITH
Everything
I AM

Serie The Three
Livro 02

KRISTEN ASHLEY



6 anos de tradução

Equipe PL

Tradução: Kay Gab

Revisão Inicial: Leanan

Revisão Final: Bliss Tambora

Leitura Final: Sílvia Helena

Formatação: Lola

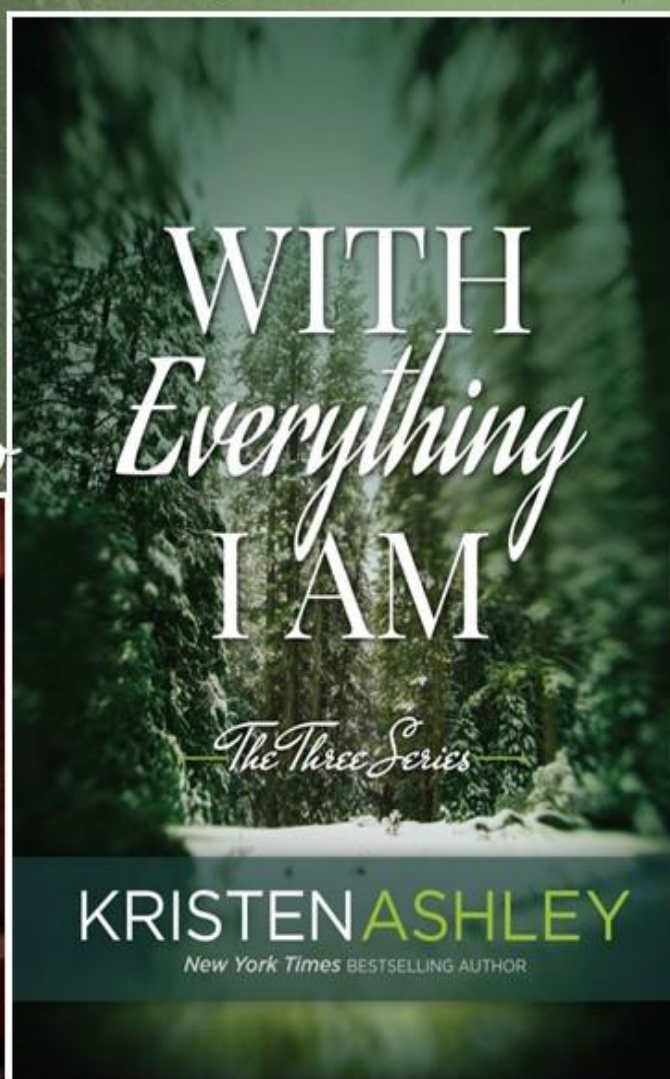
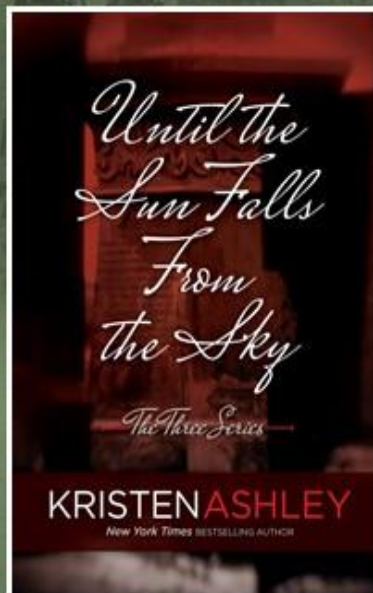
Verificação: Anna Azulzinha

PLAPRESENTA:

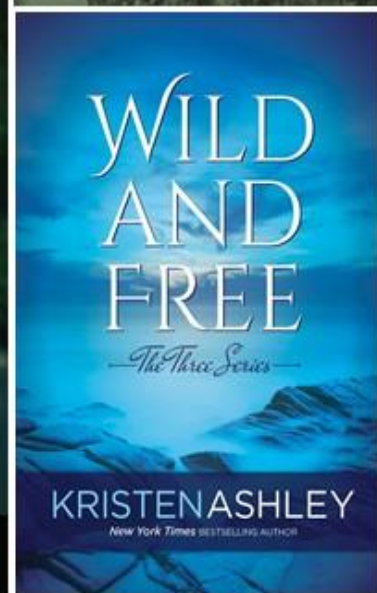


Lançamento

Distribuído



Em
Breve



Agradecimentos

Chas e Ríkkí,

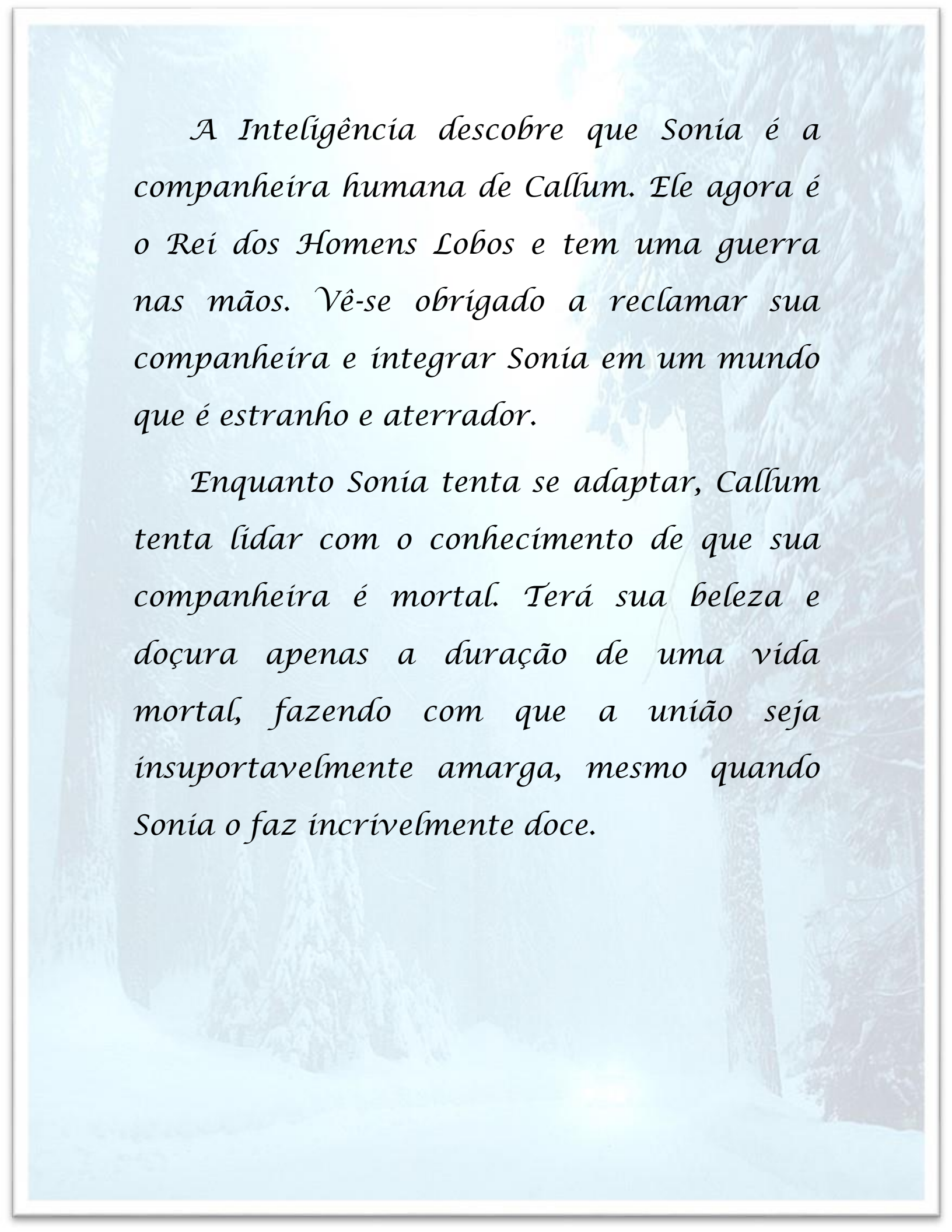
*Vocês mantiveram a minha
sanidade.*

Amo muito vocês.

Sínope

Uma noite, Callum é levado aos bosques por instinto, um instinto de proteção. Na forma de lobo, encontra uma criança, pela qual se sente atraído instantaneamente de uma forma feroz que não entende muito bem.

Sônia Arlington vivia uma vida solitária. Ela tem certas habilidades que a fazem uma estranha e tem uma doença rara que, se não tratada, poderia matá-la. Seu pai a fez prometer nunca permitir que alguém descobrisse suas habilidades. Isto obriga Sônia a permanecer distante, sempre se protegendo contra a exposição.



A Inteligência descobre que Sonia é a companheira humana de Callum. Ele agora é o Rei dos Homens Lobos e tem uma guerra nas mãos. Vê-se obrigado a reclamar sua companheira e integrar Sonia em um mundo que é estranho e aterrador.

Enquanto Sonia tenta se adaptar, Callum tenta lidar com o conhecimento de que sua companheira é mortal. Terá sua beleza e doçura apenas a duração de uma vida mortal, fazendo com que a união seja insuportavelmente amarga, mesmo quando Sonia o faz incrivelmente doce.

“A tradução em tela foi efetivada pelo Grupo Pégasus Lançamentos de forma a propiciar ao leitor o acesso à obra, incentivando-o à aquisição integral da obra literária física ou em formato e-book. O grupo tem como meta a seleção, tradução e disponibilização apenas de livros sem previsão de publicação no Brasil, ausentes qualquer forma de obtenção de lucro, direto ou indireto.

No intuito de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, o grupo, sem prévio aviso e quando julgar necessário poderá cancelar o acesso e retirar o link de download dos livros, cuja publicação for veiculada por editoras brasileiras.

O leitor e usuário ficam cientes de que o download da presente obra destina-se tão somente ao uso pessoal e privado, e que deverá abster-se da postagem ou hospedagem do mesmo em qualquer rede social e, bem como abster-se de tornar público ou noticiar o trabalho de tradução do grupo, sem a prévia e expressa autorização do mesmo.

O leitor e usuário, ao acessar a obra disponibilizada, também responderá individualmente pela correta e lícita utilização da mesma, eximindo o grupo citado no começo de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar da presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998.”

**Favor não publicar nossos arquivos no
Facebook!**

**Se você viu algum livro do PL no face,
sem a nossa autorização, converse com a
moderação.**

**Se você gosta dos livros feitos pelo PL
ajude!!!**

**Quem gosta respeita nosso grupo!
Não publica diretamente no face,
expondo ao grupo de forma
desnecessária.**

**Não aceitamos reclamações
sobre as traduções do
grupo!**

**Não gostou, leia o livro no
idioma original**

Equipe Pégasus Lançamentos



Prólogo

Conexão

O rastro de sangue levava diretamente aos caçadores.

Normalmente os teria adiantado muito antes, mas seu lado direito ferido por uma bala de escopeta e sendo ele incapaz de descansar ou transformar-se para se curar rapidamente, simplesmente estava perdendo mais sangue, mais energia e contendo-se.

Tentou sentir seus irmãos, mas não estavam perto. Não era esperado por horas.

Chegou cedo, muito mais cedo.

Algo o atraía para o bosque, chamando-o.

E, como de costume, seguiu seus instintos.

Saiu mais cedo e transformou-se para que seus sentidos ficassem mais agudos para buscar o que fosse.

Assim, estava distraído e se fosse honesto consigo mesmo, arrogante. Sentiu o cheiro dos caçadores, mas nunca esperou que fosse uma ameaça. Os seres humanos nunca eram.

Enquanto corria, percebeu novamente. Estava perto, fosse o que fosse a atração era muito forte, o que o fez momentaneamente perder o foco.

Isto lhe custou. Não estava olhando para onde ia. Não estava percebendo a paisagem.

Parou abruptamente de forma dolorosa, a neve caindo como asas brancas ao seu lado. Uma montanha escarpada diante dele. Um denso bosque de pinheiros, difícil de entrar especialmente ferido do lado. Havia caçadores a suas costas e a sua esquerda...

Ele olhou fixamente.

Uma criança.

Usava um gorro rosa, cachecol, botas, luvas e um casaco azul marinho, seu longo cabelo loiro caía pelos ombros.

Seus olhos verdes estavam sobre ele.

Não tinha mais de cinco anos, talvez seis, sozinha na neve, no bosque em plena noite.

Que merda era aquela? Ele pensou.

Deveria estar perdida. Sua necessidade de resgatá-la era o que deve ter sentido.

Mas não podia sentir o medo nela, nem sequer dele e desta forma todos e tudo o que temia.

Mas ela obviamente não temia nada.

Olhava-o com calma, como se passeasse pela luz da lua com frequência e longe, como se pudesse claramente ver na escuridão.

Como se fosse um dos seus.

Impossível, pensou.

Primeiro, ela era loira. Não havia loiros entre os seus. Nenhum. Não na história.

Em segundo lugar, ele sentia seu cheiro e era profundamente humano.

Considerou transformar-se. No entanto, mesmo se o frio não pudesse matá-lo, não gostava da ideia de transformar-se em um homem nu de quase dois metros com uma ferida de bala na coxa diante de uma criança. Sem falar nos caçadores, que estavam se aproximando e ele poderia mais facilmente atacar como um lobo — o que não era proibido — mas franziu o cenho, mesmo se não houvesse alternativa como parecia que seria o caso.

Mas estava proibido transformar-se diante de um humano que não conhecia sua cultura secreta.

Completamente proibido.

Mesmo para ele.

Ouviu os caçadores contra a neve e os galhos, cada vez mais perto e virou-se rapidamente e grunhiu baixo.

Em sua vasta experiência descobriu que havia dois tipos diferentes de caçadores humanos.

Aqueles que levavam a sério o chamavam de “esporte” e se comportavam, de certa forma, com honra. Estes ele sabia, não eram este tipo de caçadores. Assim, se não tivessem cuidado — o que não tinham — poderiam machucá-la.

Não podia permitir isto.

De fato, morreria para impedi-lo.

A força deste conhecimento o surpreendeu, mas soube imediatamente e instintivamente em sua alma imortal.

Os caçadores explodiram entre as árvores até onde ele estava parado e levaram suas escopetas.

Grunhiu outra vez e avançou, mostrando-se como um alvo.

Surpreendentemente, também o fez a menina e o fez rapidamente.

—Não! — Ela gritou, chamando atenção dos caçadores e antes que pudesse mover um músculo, parou na frente dele. Ela abriu os braços como se para protegê-lo com seu corpo.

Afastou o olhar dos caçadores e a olhou com surpresa.

—Meu cachorrinho! — Gritou ela. — Machucou meu cachorro!

—Afasto-se deste animal! — Gritou um caçador, o cano de sua arma movendo-se sutilmente apontando longe da menina.

—Jesus. — Murmurou outro. — O que faz uma criança aqui?

—Meu cachorro! — Gritou novamente, virou e levantou os dedos dos pés para poder envolver os braços ao redor de seu pescoço, apertando seu rosto contra os grossos pelos ali. — Machucou o meu cachorro! — Repetiu ela com um gemido, como se seu coração estivesse destruído. Logo, sem afastar os braços do pescoço dele, virou a cabeça para os caçadores e gritou. — Papai ficará tão louco.

—Filha, afaste-se deste animal. — Ordenou o primeiro caçador.

Ela o ignorou.

— Papai percorreu todo o Alaska para conseguir um cachorro para mim e saiu esta noite. Ele não apareceu quando papai o chamou e chamou, assobiou e ficamos tão preocupados, muito e muito preocupados, tanto que não pudemos dormir. Estávamos procurando-o, olhando por todos os lugares. Papai está por aí... — Ela levantou o braço para apontar vagamente na direção de onde vinha. — Estávamos procurando-o e papai ficará louco ao descobrir que disparou em meu cachorrinho! — Ela terminou com um gritinho, lançando o braço ao redor de seu pescoço novamente, mantendo-se apertada e pressionando o rosto contra seus pelos, seu corpo começando a se sacudir em falsos soluços.

Maldição, ela era uma humana esperta e como um lobo, se pudesse rir, o teria feito.

Infelizmente não podia.

Em seu lugar, ele moveu-se e sem demora ela se pressionou mais perto.

—Porra. — Murmurou o terceiro caçador, seus olhos se estreitando sobre a menina enquanto abaixava sua arma. — Esta é a filha do Senador Arlington?

—Porra! — Silvou o segundo caçador, abaixando sua própria arma. — Sim.

—Menina... — O primeiro caçador começou em tom calmo.

Ela afastou o rosto de seu pescoço e olhou para os caçadores.

—Vá embora! Agora! Se forem agora, não direi a papai que foram vocês.

Hesitaram, todos as armas para baixo agora, os pés se movendo.

—Vão embora! — Gritou, a voz da menina perfurando o ar denso.

—Talvez possamos conversar com o Senador Arlington. — O terceiro sussurrou sua sugestão. — Explicar as coisas.

—Sim? — Perguntou o primeiro caçador com sarcasmo, voltando os olhos irritados para seu amigo. — Quer dizer ao

Senador Arlington como estávamos na noite e disparamos ao cachorro de sua preciosa filha? Quer fazer isto, Gary? Hum?

—Isto não é um cachorro. — Disse o segundo caçador, sem afastar os olhos da fera. — É um lobo.

—Não se parece com nenhum lobo que tenha visto. — Observou o terceiro caçador e sua voz ficou ambiciosa. — É enorme. Uma beleza. Deve pesar quarenta e cinco quilos a mais que qualquer lobo...

—É um lobo, não um cachorro. — Disse o segundo caçador.

—Jesus, Lloyd, alguma vez viu um lobo selvagem ficar de pé junto a uma criança com os braços ao redor de seu pescoço? — O primeiro caçador, claramente o cérebro do grupo, disse.

—É uma raça rara! — Gritou a menina, soando adoravelmente impaciente, deixando claro que a conversa era muito irritante e tinha coisas melhores para fazer. Seus braços ficaram tensos enquanto continuava. — Por isso papai estava procurando-o....

—Certo, menina. —Interrompeu o primeiro caçador, dando um passo atrás enquanto levantava o braço para indicar que seus amigos deveriam seguir seu exemplo. — Promete que não dirá a seu pai que nos viu?

—Promete deixar de caçar lobos nesta região? — Respondeu astuta, sem soar com cinco ou seis anos, mas muito mais velha.

—Menina... — Começou o primeiro caçador.

Ela o interrompeu com raiva.

— Sabe que é proibido.

Os caçadores olharam surpresos.

—Eles disseram que ela era estranha. — O terceiro caçador disse, retrocedendo vários passos, sussurrando de forma que pensava que não pudesse ser ouvido.

—Não sou estranha! — Gritou a menina e ele lançou os olhos caninos para ela com surpresa, porque ele claro, podia ouvir. Mesmo na forma de um homem sua audição era melhorada, mas nunca conheceu um humano com este traço.

O terceiro caçador começou a murmurar outra vez.

— Estranha.

O corpo da menina ficou rígido com a dolorosa afronta.

O lobo grunhiu.

Todos os caçadores olharam fixamente para a fera.

—Prometa! — Disse ela.

Ficaram em silêncio.

—Contarei a papai... — Ameaçou.

—Bom, menina, prometemos. — Assegurou o primeiro caçador, virando-se novamente...

O lobo e a menina ficaram imóveis e em silêncio, observando os caçadores se afastarem. Um passo, dois, três,

quatro e logo deram a volta e avançaram rapidamente pelo bosque.

—Homens tolos. — Sussurrou ela irritada enquanto o deixava ir e o olhava, seus espertos olhos verdes movendo para seu lado, logo murmurando. — Pobrezinho. — Deu uns tapinhas em seu pescoço. — Papai cuidará de você, ele é bom nisso. Vamos para casa.

Começou a se afastar e ficou quieto, observando-a, inseguro, mesmo com sua experiência com os humanos, inumanos e feras, não sabia o que fazer com esta menina.

Ela se virou.

— Bem, cachorro. — Disse. — Pode confiar em mim. Não sou louca. Juro. É apenas que... — Fez uma pausa e moveu a cabeça de lado. — Os animais me entendem. Papai diz que é um dom especial. —Bateu na coxa com a luva rosa. — Vamos, iremos cuidar bem de você. — Ela levou a mão ao coração, fez uma cruz e sorriu de forma tão adorável que sentiu em sua alma. Em seu coração.

Virou-se e foi embora.

Ele a seguiu.

Não por sua promessa de cuidar dele.

Mas porque precisava protegê-la.

Não estava longe, talvez uma caminhada de cinco minutos — mas dolorosamente incomoda e pesada para ele — quando

chegaram a uma cabana de troncos de árvore. Luzes inundavam as janelas, uma árvore de Natal brilhante via-se dali.

—Esta é a casa. — Disse com voz reverente. — Temos outra casa, na cidade, para mamãe e papai, mas prefiro assim. Estamos aqui todos os Natais. — Ela virou-se para ele e sorriu brilhante. — Venha!

Correu o resto do caminho, abrindo a porta e girando novamente a luva para tocar sua perna.

Mancando menos, mas mancando, seguiu-a.

Entrou na cabana e pode ver exatamente porque preferia este lugar a qualquer outro.

Era pequeno, mas acolhedor, rústico, quente e amável.

Poderia viver ali sua vida.

Estava ocupada correndo pela cabana e ele ficou parado na porta observando-a.

—Iremos esquentá-lo e poderá descansar. Mamãe e papai chegarão logo e saberão o que fazer. Papai sempre sabe o que fazer. — Disse enquanto juntava lençóis limpos sobre o tapete ante o fogo com suas mãos ainda com luvas e logo se virou para ele e lhe deu uma palmada na perna. — Vamos, cachorrinho. Está tudo bem.

Mancou cautelosamente para os lençóis.

Tirou as luvas e passou os dedos por sua cabeça.

— Bom cachorro. — Murmurou.

Caiu com um gemido canino entre os lençóis.

— Aí mesmo. — Sussurrou, agachando-se ao lado dele para dar-lhe uma massagem.

Logo correu para a porta, fechou-a e tirou o gorro, as luvas, o cachecol e o casaco, jogando-os de forma eficiente no sofá.

Pegou uma manta em uma poltrona e levou até ele, lançando-a sobre seu corpo e acomodou cuidadosamente enquanto sentia que seu lado começava a se curar.

A ferida iria se curar em cerca de meia hora.

Ela se sentou atrás dele e sussurrou.

— Ficarei aqui com você até que papai chegue a casa. — Ele a sentiu pressionar seu pequeno corpo em suas costas. — Eu o mantereí quente e seguro. — Murmurou, sua voz ficando sonolenta. — Então papai cuidará de você.

Independente do fato dela ser claramente uma criança dotada, como qualquer criança, estava dormindo como morta em questão de minutos.

E ele se deitou ao seu lado, deixando que a cura acontecesse e pensando que ainda que ela claramente adorasse seu pai, teria uma conversa com o homem que deixava sua filha — dotada ou não — sozinha em uma cabana remota e que passeasse pelo bosque durante a noite. Ele não se importava

que ela fosse obviamente muito capaz ou se de fato, comunicava-se com animais.

Nenhum pai humano bom faria isto.

Estava completamente curado muito antes deles chegarem.

Afastou-se com cuidado para não acordar, transformou-se e estava de pé ao seu lado enrolado na manta que ela colocou sobre ele quando a porta se abriu.

Seus irmãos lançaram um olhar a ele e logo à menina, seu irmão Calder jogou a ele uma calça.

Ele a vestiu enquanto seu pai se aproximava.

Muito perto da menina.

Inconsciente endireitou-se, a calça ainda não abotoada e moveu-se para parar à frente dela.

Os olhos de seu pai deslizaram para longe da menina e foram a ele.

Logo observou o rosto de Mac com suavidade.

—Callum. — Murmurou Mac com suavidade.

—É a filha do Senador Arlington. — Anunciou Callum, sua voz baixa em respeito ao seu sono, mas retumbando porque estava furioso.

—Eu sei. — Respondeu seu pai.

—Não tenho certeza da lealdade de um homem que deixa sua filha desprotegida. — Continuou Callum.

Callum viu algo se refletindo no rosto de Mac e viu que o apoiava.

—Não importa. — Disse seu pai em voz baixa e quando Callum abriu a boca para falar novamente Mac levantou a mão. — O Senador Arlington foi assassinado esta noite. Sua esposa com ele.

A cabeça de Callum virou-se para a menina inocente dormindo e sentiu seu estomago se contorcer dolorosamente ao pensar nela, sobre tudo porque perdeu seu pai e sua mãe, claramente amados, em uma noite de Natal.

—Estava aqui por sua segurança. — Continuou Mac e os olhos de Callum foram para ele enquanto continuava. — Também estava aqui por ela.

—Eu... — Callum começou, surpreso com este anúncio e muito cansado das surpresas.

Mac se aproximou.

— Foi um teste.

A mandíbula de Callum ficou tensa.

Suportou alguns testes de seu pai em sua muito longa vida.

Viu Mac olhar para trás, para a menina com uma expressão infinitamente suave e soube que seu pai não terminou.

Não estava errado.

Quando os olhos de Mac voltaram a Callum, continuou.

— Como sempre, passou. — Callum observou seu pai sorrir e algo estranho e alegre brilhou em seus olhos antes de murmurar. — E ela também.

—Sobre o que está falando? — Perguntou Callum.

Mac não vacilou.

— Esta noite, meu filho, a conexão começou.

Callum sentiu que seu corpo ficava rígido antes que seus olhos fossem para a menina.

Voltou a olhar para seu pai, com a voz cheia de incredulidade irritada.

— É humana.

Mac respirou fundo pelo nariz, vacilou e abriu a boca, fechou e voltou a abri-la para dizer.

— Sim.

—Não posso estar conectado a um ser humano. — Disse Callum.

—O oráculo falou. — Declarou seu pai.

Callum ouviu seus irmãos respirarem forte.

Mac se aproximou ainda mais e sua voz sussurrou quando perguntou.

— Sentiu?

Maldito inferno.

Sim, sentiu.

Era mais forte que ele, mais forte que a conexão com seus irmãos e mais importante que tudo.

Morreria por ela.

Ela era para si muito importante, sua razão de existir.

Porra, até mesmo se moveu à frente de seu próprio pai para protegê-la, sabia que um lobo não prejudicaria uma alma viva a menos que fosse obrigado a fazê-lo.

—Merda! — Exclamou ele.

—Ela ficará protegida até que seja o momento adequado.
— Assegurou Mac.

Callum estreitou o olhar e grunhiu.

— É melhor que seja.

Mac olhou de lado.

— Ryon cuidará disso, use nossos melhores homens.

—Mas, Mac, não podemos... — Começou a dizer Ryon e Callum observou como os olhos de seu pai se estreitaram.

—Faça! — Disse Mac.

—Estamos em guerra! — Disse Ryon. — Precisamos de todos os homens que pudermos. Não podemos permitir...

Mac cortou Ryon, repetindo.

— Faça!

Callum observou como seus irmãos se moviam e se olhavam.

Então seus olhares voltaram a ele com uma compreensão clara como o amanhecer.

Callum teve o mesmo pensamento que eles e sentiu seu corpo se endurecer.

Olhou novamente para Mac e perguntou inquieto.

— Ê, minha rainha?

Observou seu pai assentir e a angustia o rasgou, mas não permitiu que aparecesse, assim levantou o queixo.

—Quando? — Perguntou.

—Não importa. — Respondeu Mac.

—Você é meu pai e meu rei, é uma porra de assunto o dia em que irá morrer. — Disse Callum.

Mac não respondeu.

Callum se inclinou para frente.

— Porque não me disse?

—Tenho minhas razões. — Respondeu Mac.

Jesus, Mac podia ser misterioso e em trezentos e cinquenta anos de sua vida nunca deixou de incomodar Callum.

—Mac... — Callum começou, mas seu pai levantou a mão e a colocou no ombro de Callum.

—Estamos em guerra e esta guerra não terminará sob meu reinado. Você e ela. — Olhou a menina antes de seus olhos voltarem a seu filho. — Levarão nosso povo à paz.

Callum não sabia o que sentia, porque havia muito para sentir.

O que sabia era que não gostava nada daquilo.

Seus olhos caíram sobre seu pai e ele prometeu.

— Se te derrubarem, será uma maldita paz e apenas em meus malditos termos.

Mac se inclinou e seus dedos apertaram o braço de Callum.

Logo sussurrou ao ouvido de seu filho.

— Estou contando com isso.



Capítulo

1

Claro

Sonia Arlington caminhou pela loja e apagou as muitas luzes de Natal que decoravam o espaço.

Não pode evitar. Sua mãe e seu pai amavam o Natal. O deixava tão especial que sempre que olhava para uma árvore se lembrava deles, apesar de terem morrido naquela data.

Ajustou o cachecol branco ao redor do pescoço, colocou o gorro branco sobre as orelhas e levou as luvas cinza na mão, puxando a alça de sua bolsa de camurça com mais segurança sobre o ombro.

Deu um último olhar a sua loja, chamada Claro, porque tudo o que vendia nela era claro, prateado, cinza ou branco. Tudo. Moveis, roupas — ainda que as roupas nunca fossem todas claras — velas, joias, tudo.

Amava sua loja tanto como o Natal.

Yuri perguntava — em voz alta com frequência — porque se incomodava em trabalhar. Pensava que era louca, tendo em sua conta bancária milhões de dólares “infectados” — palavras dele— que herdou de seu pai e sua mãe em diferentes contas.

Sonia não podia se imaginar não trabalhando. Que porra faria se não trabalhasse?

Sabia o que Yuri queria que fizesse.

Amava Yuri, mas ainda franzia o nariz ao pensar, pressionando o código no painel do alarme e saindo rapidamente, fechando as três trancas da porta principal.

Logo se virou para sua casa.

Estava a quatro quarteirões de distância. Estava usando um casaco cinza claro, botas de salto fino e neste dia nevava. Caminhava pela calçada com uma graça parecida a uma modelo em uma passarela.

Isto, seu pai dizia — se vivesse para vê-la em saltos e, claro, caminhando pela neve com eles — seria uma de suas habilidades especiais.

Ela tinha muitas. Todas, como seu pai dizia sempre e sempre, eram excepcionais.

Ela era, dizia seu pai, dotada.

Extremamente dotada.

E assim, explicava sempre e sempre — novamente — que deveria se sentir orgulhosa.

Muito orgulhosa.

Mas, ainda assim, nunca poderia dizer a ninguém sobre elas.

Nunca.

Ninguém.

Assim, não o fez.

Enquanto cruzava a rua do primeiro para o segundo quarteirão, o sentiu.

E seu cheiro.

Isto também era parte de seus dons.

Sentia coisas. Coisas estranhas. Olhos nela. Uma presença. Sobre tudo benigno, mas recentemente — e incomodo — havia algumas vezes que pareciam ameaçadores. E ela sentia o cheiro das coisas. Muitas coisas. Coisas que os outros não sentiam.

Estava ali fora. Sentia sua presença, cheirava seu aroma. Era bom. Era inclusive agradável — imensamente — atraente demais — e era familiar.

Muito familiar.

Procurou em sua memória, mas não conseguia encontrar.

Fosse o que fosse, sabia que não a machucaria.

De fato, tinha este estranho e forte desejo de procurá-lo, dirigir-se a ele, até mesmo correr até ele.

Apesar do impulso ser poderoso — e surpreendente, nunca sentiu algo assim antes — não deixava que o percebesse. Fazer isto permitiria saber que podia senti-lo, o que não podia fazer.

Seu pai lhe disse, repetidamente, que era especial, excepcional e dotada. Mas sem que ele dissesse durante os trinta e um anos que vivia e sabendo que ninguém ao seu redor compartilhava tais “dons”, entendia que não era especial, excepcional e dotada. Era uma estranha.

Muito estranha.

Definitivamente rara.

E isto não era algo bom para saberem sobre você.

A presença se movia com ela, a seguia e ela ignorava como fazia com muitos outros que sentiu ao longo de sua vida — ou mais precisamente, desde a morte de seus pais — enquanto caminhava para casa. Então avistou sua casa na esquina e sorriu a si mesma. A visão de sua casa e a paz que sempre sentia ao vê-la, lhe permitia afastar com firmeza a alarmante sensação sedutora.

Gregor — e Yuri — ficaram loucos quando comprou sua casa de campo. Bom, não tão loucos, eram muito polidos para isto, mas definitivamente desaprovaram. Em primeiro lugar, porque, apesar de ser muito agradável — colorida — a área residencial que surgiu ao seu redor, era uma simples casa de campo. Sonia Arlington — como diziam várias vezes — não residia em algo tão comum como uma fazenda.

Em segundo lugar, porque quando a comprou, era um desastre.

Felizmente, Sonia tinha dinheiro. Assim, arrumou tudo.

Subiu os degraus e abriu a porta. O alarme soou quando entrou e digitou o código. Deixou cair sua bolsa na entrada e caminhou pela escuridão, indo diretamente para os interruptores que acendiam as luzes de Natal. Logo tudo brilhou, todas elas e eram muitas em ambos os andares.

Enquanto o fazia, dentro e fora de sua casa se iluminou e não precisava olhar para saber qual o efeito. Assim como fosse decorada para uma revista — sua casa sempre era fotografada para a revista da cidade, cada ano no Natal, duas vezes foi capa.

Sonia queria ela mesma decorar, mas ainda em seus primeiros anos na casa tentou, mas nunca teve dom para aquilo e sempre ficava feio.

Sua mãe sim sabia fazê-lo. Cherise Arlington era uma mestra de decoração de Natal. Assim, Sonia não podia suportar seus próprios esforços horríveis.

Então contratava decoradores a cada ano.

E sempre ficava lindo.

Caminhou diretamente pela porta principal e desceu até a calçada branca para pegar sua correspondência no poste ao lado da porta.

—Olá Srta. Arlington! — Gritou alguém do seu lado.

Virou-se para ver os Lanigan entrando em sua caminhonete, seus dois jovens, Jed e Jake, ambos de pé fora e saudando-a.

Ela sabia que estava ali, claro. Ouviu os pés de Jay Lanigan na neve — sabia que era ele, porque jogava futebol e não estava em temporada, assim Jay não fazia nada neste período — tirando-a de sua concentração. Também sentiu o cheiro de sua pele e cabelo. Mas como estavam a várias portas, ela não se virou para eles. Fazê-lo iria expor seu segredo e Sonia guardava isto com sua vida.

—Olá! — Respondeu ela, fingindo surpresa e saudando. Logo viu Joanne Lanigan entrando no carro. — Pronta para o Natal, Jo? — Perguntou.

—Se estiver tudo pronto para o Natal irei disparar em você! — Gritou Jo com um sorriso. — Faltam ainda algumas semanas.

Sonia estava pronta desde setembro. Era o tanto que amava o Natal. Planejava todo o ano.

—Umas coisas mais para fazer. — Sonia mentiu.

—Certo. —Gritou Jo. — Hoje recebemos seu cartão. O primeiro todos os anos.

Sonia encolheu os ombros ainda que não pudessem vê-la, ela podia vê-los, claros como o dia. Sua visão noturna, outro dom, era perfeita.

— Estou organizando e não tenho um trabalho a tempo completo, duas crianças e um marido que desaparece quando é temporada de futebol. — Respondeu Sonia em voz alta.

—Ei! Ouvi isso! — Gritou Jay do outro lado da caminhonete.

—Bem! — Respondeu Jo. — Então talvez note que seus vizinhos me vêem limpando a neve hedionda de setembro a janeiro. Yes!

Sonia riu entre dentes enquanto olhava sua correspondência, depois se virou para seus vizinhos e gritou.

— Com certeza Jay vai voltar a nevar.

—Sempre! — Gritou Jay, não ofendido pelo comentário de Sonia.

Não ficaria. Sonia era uma grande vizinha. Ela vigiava sua casa quando estavam fora, incluindo caminhar com os cães completamente fora de controle, já que ninguém além dela o fazia, cuidar de sua casa — ou dos cães. Com frequência cuidava das crianças. Fazia churrasco durante o verão. E dava uma festa tão espetacular no Natal, que toda vizinhança esperava sem fôlego receber seu convite. Faziam isto inclusive que estivessem incapacitados. Sabia isto porque outro dos vizinhos de Sonia quebrou uma perna e outro o tornozelo caindo da escada enquanto colocava as luzes de Natal em sua casa e mesmo em cadeira de rodas iriam a sua festa.

Sonia se afastou dos Lanigan e logo voltou para sua casa.

A cerca de madeira branca que rodeava sua propriedade e a varanda corria a ambos os lados da casa e tinha um corrimão branco por onde passava algumas plantas, luzes claras brilhando em seus arcos e pontinhos brancos grudados como cortinas. Dois pequenos carrinhos de mão cheios de plantas e forrados com luzes cintilantes ficavam em ângulos apontando para dentro na parte de cima da escada. Velas individuais estavam em todas as janelas. Mais verde e luzes corriam pelo telhado. Um alto, largo e fabuloso pinheiro real decorado a perfeição e iluminado com abundância de luzes brilhantes, estava ao lado da janela.

Ela suspirou diante da vista, como fazia todos os dias desde o momento que terminava a decoração. Sempre voltava para casa, acendia as luzes e logo verificava a correspondência para que pudesse apreciar a vista e deixar que o momento brilhasse sobre ela.

Com pesar voltou a entrar na casa, tirou o gorro e as luvas e os colocou cuidadosamente no aparador junto à porta. Ela pendurou o cachecol nos ganchos do outro lado de sua entrada junto com seu casaco.

Entrou em casa, movendo as cartas — principalmente os catálogos — entre os dedos.

Dentro estava decorado de forma que Gregor e Yuri aprovassem, mas ela o fazia apenas para que se calassem a respeito.

Não era um esplendor cômodo, rústico de fazenda.

Uma vez que passou pela ampla entrada, toda o andar de baixo era uma sala, as paredes largas para que fizessem uma abertura. Na esquerda e direita haviam duas poltronas, uma de cada lado da lareira, mantas alegres como o Natal as cobriam. A parte traseira da esquerda era uma sala de jantar com outra lareira, idêntica a outra com adornos natalinos. A cozinha estava atrás da sala à direita. Não havia luzes nas cozinhas, mas tinha forros e panos de prato com temas de Natal e tinha na parede um suporte para panelas e espátulas de panqueca — ainda que nunca as tivesse usado para fazer panquecas — em tons verde e vermelho. Tinha também uma torneira vermelha em forma de campainha e uma verde em forma de boneco de neve.

As paredes ao redor foram pintadas em cores tranquilas e coordenadas em verde claro — a área dos assentos à esquerda — e verde mais escuro — a área dos assentos à direita — e azul — sala de jantar e cozinha. A cozinha era toda cheia de aparelhos. O mobiliário elegante, modernos e sobre tudo caro. A decoração mínima foi escolhida cuidadosamente para dar vida aos moveis e a pintura.

Parecia como sua loja Claro, mas com sutis toques de cor.

Sonia adorava Claro.

Detestava sua decoração.

Mas detestava Gregor e Yuri se queixando ainda mais, assim que cedeu, o que fez em inúmeras vezes em sua vida desde que Gregor se converteu em seu guardião depois que seu pai e sua mãe morreram.

Foi até a cozinha e colocou a correspondência no balcão. Sem tirar as botas de salto, pegou um pedaço de peixe, cozinhou um pouco de arroz integral e acrescentou algumas verduras.

Comeu de pé em seu balcão, pensando que não tinha gosto de nada.

Sem sal, bem, completamente sem sal.

Sonia amava comida. Demais. Em sua adolescência, começou a engordar e Gregor notou e comentava com frequência.

Isto foi um problema. Considerando que mesmo ativa quando criança, sempre foi levemente gordinha. E ainda que fosse tão cuidadosa como agora e era obsessivamente cuidadosa com a dieta e exercícios, era curvilínea e nada diminuía seu traseiro ou os seios, sem importar o que fosse. E Sonia tentava de tudo.

Assim, por Gregor e sua própria tranquilidade — porque Gregor podia rompê-la, algo que fazia com frequência — era cuidadosa com sua comida e uma vez que ficou adulta, sua bebida.

Parou de frente ao balcão, comendo e repassando os catálogos, dobrando cuidadosamente os cantos quando via algo que queria comprar de Natal para uma amiga, uma vizinha ou uma de suas meninas. Para o ano seguinte claro, já que suas compras todas foram feitas para este ano.

Uma vez que terminou de comer, limpou tudo e foi para seu escritório no andar de cima revisar seu e-mail e sua página no Facebook. Não mudou seu status. Nunca o fazia. Tinha poucos amigos no Facebook porque quase não tinha amigos. Isto porque sabia que era estranha, não porque não gostava de pessoas.

Então, como era sexta-feira e a funcionária da limpeza ia as sextas e a casa parecia limpa e encantadora — e porque ela sempre o fazia as sextas — cuidava de si mesma.

Às sextas significavam limpeza facial, manicure e pedicure.

Toda sexta.

Sem falhar.

A menos que, claro, tivesse uma hora marcada no salão no sábado, o que acontecia também, uma vez por mês.

Isto se devia a que Sonia não tinha amigos com quem sair e beber — com muita frequência — e quase não saía — mais.

Para se aproximar de alguém, passar uma pequena quantidade de tempo com eles, significava que perceberiam suas habilidades.

Não importava o cuidadosa que pudesse ser, sempre percebiam. Amigos ou namorados notaram no passado e foi muito incomodo — para dizer o mínimo.

Assim Sonia Arlington passava a maior parte do tempo sozinha.

Considerando que era sociável, muito sociável, com isto significava que Sonia Arlington passava a maior parte do tempo solitária.

Quando encheu a banheira, tirou as roupas e as guardou. Esfregou a máscara esfoliante no rosto e depilou as pernas.

Quando seu banho ficou pronto, colocou essência de lavanda e alguns sais de banho, esfregando tudo em sua pele, mesmo as costas com uma escova longa. Acomodou-se e passou seus diversos cremes no rosto, lavando e passando condicionador nos cabelos enquanto relaxava.

Depois, saiu da banheira, secou-se e vestiu um robe. Logo fez suas unhas das mãos e dos pés.

Tudo com facilidade e precisão.

Quando terminou, foi até o armário e pegou uma injeção.

Tinha um transtorno sanguíneo extremamente raro herdado de seu pai. Cada noite de sua vida — e Gregor o fez até os onze anos quando ele lhe ensinou de forma paciente a fazê-lo — ela aplicava a injeção.

Odiava, mas como seu pai dizia sempre, poderia morrer sem elas.

Uma vez, em rebelião durante sua adolescência, deixou de toma-las. Escondeu de Gregor. Ficou lívido quando soube. Ele era muito cuidadoso com suas injeções e era tão inflexível como seu pai para que as tomasse todos os dias sem falta.

Quando não o fez, foi um erro.

Dois dias depois que parou, enquanto dormia, acordou com uma sensação estranha e aterradora como se saindo de sua pele.

De verdade.

Como se a qualquer momento, o formigar em sua pele a partisse e fervesse diretamente seu sangue. Podia senti-lo, cada célula de sangue, fervendo em suas veias.

Arrastou-se ao banheiro, tão intensa era a dor, para aplicar uma injeção e como agora, quando a agulha perfurou a nádega direita, sentiu o líquido entrar.

Não havia outra forma de descrever. Como a ebulição das células de seu sangue naquele dia terrível, a injeção entrou. Movendo-se por seu sistema, até as pontas dos pés, para cima, para baixo e até as pontas dos dedos, através de seu couro cabeludo e para fora em seu cabelo.

Mas esta sensação durava apenas alguns minutos. Diferente da noite que lutou durante horas antes de ceder.

Como de costume, quando terminou o ardor, agarrou o armário, respirou profundamente e deu a seus sistemas vários minutos para se assentar. Deixou a agulha em uma lixeira pequena para objetos pontudos e caminhou para seu quarto.

Gregor nem Yuri, apesar de muitas vezes estarem ali, não entravam em seu quarto.

Isto porque não era elegante e moderno.

Era cômodo, rústico como uma fazenda.

Tinha moveis caseiros. Uma colcha colorida com alianças de casamento na cama. Almofadas com babados. Tapetes trançados de cores vibrantes. Um puff em tons marrons com babados e mais disso nas janelas, até mesmo as almofadas tinham babados.

Seu quarto era bonito e adorava, era bem claro, mais inclusive que o Natal.

Porque lhe lembrava seu lar.

Não era a elegante residência na cidade que compartilhava com sua mãe socialite e o Senador dos Estados Unidos em DC, quando seu pai estava a trabalho. Ou sua amável casa nesta mesma cidade.

Seu verdadeiro lar.

A cabana nas montanhas.

Lançou um olhar ao redor do quarto e viu, entre as almofadas no centro da cama, seu lobo. Como as luzes de Natal,

cada noite, durante todo o ano, a visão de seu lobo a fazia sorrir.

Seu pai o fez para ela e deu-lhe de presente no primeiro Natal que se lembrava.

Tinha dois anos.

E dormia com ele todas as noites desde os dois anos.

Era um animal de pelúcia, uma réplica exata de seu lobo, o que infelizmente morreu na mesma noite que seus pais.

Ela soube que era seu lobo quando o viu — tinha um animal de pelúcia para provar este fato.

E o amou com profundidade inexplicável e insondável desde o momento em que seus olhos pousaram nele.

Apesar de ter morrido, nunca a abandonou, nenhuma vez, todos estes anos.

Sabia porque ele vinha a ela em sonhos.

Girou a cabeça e viu o canto da árvore de Natal. Era menor e não estava perfeitamente decorado. As luzes multicoloridas não ficavam boas porque ela quem as colocava. A decoração não coincidia porque vinha dos pertences de sua mãe e seu pai, do que praticamente não tinha nada. Isto se devia a que Gregor os vendeu, presenteou ou jogou fora com um detalhe assombroso. Assim, realmente não tinha nada mais que estas decorações. Era as decorações que seus pais compraram durante seu casamento, dadas por amigos ou que tinham desde criança.

Eram estas que decoravam sua amada cabana, destruídas em um incêndio florestal — outra coisa preciosa que Sonia perdeu.

Ao longo dos anos, porque acreditava que era o que seus pais queriam que fizesse, Sonia acrescentou adornos, mas nada que encontrou e se apaixonou. Tudo estava longe de ser perfeito, mas era definitivamente sua perfeita árvore de Natal.

Esta era a árvores com a qual se sentava cada manhã de Natal e abria os presentes que os amigos e vizinhos lhe davam.

Esta era sua verdadeira árvore.

Acendeu as luzes das árvores e de sua cama. Cuidadosamente passou um creme em seu rosto — para não estragar suas unhas — deitou-se nos lençóis — para não destruir as unhas dos pés — e leu até que as unhas secaram e ficou com sono.

Então, como fazia cada noite sem falta, passou loção nos pés, logo uma diferente nas mãos e finalmente óleo de amêndoa nas cutículas.

Apagou a luz da mesinha ao lado. Seu olhar foi para a pequena árvore de Natal e novamente, em profundo contentamento, Sonia suspirou.

Esta era absolutamente sua época favorita do ano.

Porque cada noite, desde o dia depois do Dia de Ações de Graça até o dia depois do Ano Novo, dormia em um quarto banhado por luzes de Natal.

E a lembrava de um tempo, há muito tempo atrás, quando era amada.



Abriu os olhos e viu seu “cachorro” de pé junto a cama.

Em seus sonhos desde a noite que seus pais morreram, ela o via de pé junto a sua cama, olhando-a com seus olhos inteligentes avermelhados. Mas ela sabia em seu coração que ele estava ali para cuidar dela, para fazer companhia, para mantê-la a salvo, para protegê-la.

Não todas as noites — lamentavelmente — mas na maioria delas depois que seus pais morreram.

Com o passar dos anos, estas noites reduziram, até que apenas aparecia algumas vezes por ano.

Mas sempre, um desses momentos era perto do Natal.

—Olá cachorro. — Sussurrou em seu sonho.

Sentou-se, tão enorme era seu cachorro que parecia de alguma forma real.

Ela sorriu para ele.

Ele a observou.

—É meu lindo lobo que veio esta noite? Perguntou.

Seu “lindo” lobo começou a chegar mais tarde, anos mais tarde, quando estava em sua adolescência.

Era um sonho completamente diferente.

Odiava admitir porque amava seu cachorro, mas adorava estes sonhos.

Seu cachorrinho grunhiu.

Sonia piscou lentamente, sonhadora.

Quando seus olhos se abriram, seu lindo lobo estava ali, ela o sentiu.

O edredom deslizou por seu corpo, virou-se, olhou para cima e o viu.

Deus, era bonito.

E ele era enorme.

Seu corpo nu deslizou na cama ao seu lado, sobre tudo nela e ela sentiu seu calor e seu imenso peso com gosto.

Ela olhou seus olhos azuis claros.

—Olá. — Ela suspirou.

Ele sorriu.

Deus, ele tinha um grande sorriso.

Seu braço o envolveu enquanto a outra mão subia, como sempre, para tocar seu lindo rosto. A ponta dos dedos em seu grosso cabelo, o polegar deslizando ao longo de sua sobrancelha

escura, logo para baixo, sobre a mandíbula afiada e ao longo do lábio inferior cheio.

Ela o olhava fascinada — não importava quantas vezes olhasse para ele — enquanto as pontas douradas saiam disparadas de suas pupilas e o normal azul céu de suas íris se via obrigado a sair, seu brilhante e deliciosamente faminto olhar cobria tudo.

Ela levantou a cabeça do travesseiro e colocou a boca contra a dele.

— Onde esteve, meu lindo lobo?

Sua língua deslizou ao longo do lábio inferior.

Sonia estremeceu e abriu as pernas para que seu quadril pudesse ficar ali.

Isto era, sobre tudo, um convite.

Também era para que pudesse envolvê-lo amorosamente, com proteção em suas extremidades.

Ela o ouviu grunhir enquanto o sentia contra sua boca.

Estremeceu novamente.

Então, com sua voz profunda e rouca de aprovação, disse.

— Sempre molhada, minha pequena.

—Apenas para você. — Sussurrou, com o fôlego preso, o coração acelerado, a pele se aquecendo. Não precisava que ele a tocasse, a beijasse, nada.

Apenas precisava ficar perto e ela estava pronta para ele.

—O que quer? — Sua voz ecoou, seu quadril pressionando. Podia sentir a promessa dele e não... podia... esperar.

—Você, dentro de mim. — Respondeu.

—Somente isso? — Brincou.

—Foi-se por um tempo. — Disse ela e arqueou as costas. — Senti sua falta.

Ela o observou de perto enquanto seu rosto se acalmava antes de murmurar.

— Pequena.

Ela adorava quando ele a chamava de “pequena” porque, com 1,75m estava longe de ser pequena.

Por isso adorava ainda mais quando a chamava de “pequena”.

Ela pressionou os lábios contra os seus, apertou seus membros ao redor do corpo dele, levantou os quadris contra o dele, cravou as unhas nos músculos de suas costas e implorou.

— Por favor, meu lindo lobo foda-me...

Ela não terminou, seu quadril se levantou, o fôlego preso em excitante antecipação e ela esperou pela invasão.



Os olhos de Sonia se abriram.

—Maldição! — Soltou suavemente na noite.

Sempre justo antes que as coisas boas acontecessem, acordava.

E sempre, quando acordava, estava quente e incomoda.

Intenso.

Frustrante.

A menos que fizesse algo a respeito, o que sempre acontecia.

Voltou-se para sua mesinha de noite, pegou seu brinquedo, tocou o botão e deslizou entre suas pernas.

Seu pescoço se arqueou, seu corpo ficou tenso e pouco depois sua mente se encheu de visões de seu lindo lobo e ela gozou.

Não era tão bom como em seu sonho, mesmo tão frustrante como era.

Mas era tudo o que iria conseguir.

Seu “cachorro” estava morto e seu “lindo lobo” não existia no mundo real — infelizmente — assim o brinquedo era tudo o que tinha.

Por alguma razão aquela noite a incomodava mais do que pensava que poderia.

Deixou o brinquedo, levantou-se da cama e sentou-se no assento da janela para olhar para a escuridão.

—Preciso de um cachorro. — Disse para a janela.

E ela o fez. Sempre desejou ter um, inclusive quando era criança. Seu pai lhe comprou um no Natal anterior e ele e sua mãe estava a caminho de pegá-lo quando aconteceu o acidente. Mas depois de terem sido assassinados, Gregor que não queria um animal em sua casa, deu o cachorro.

Um cachorro não pensaria que era estranha porque podia ver melhor, ouvir melhor e sentir as coisas. Um cachorro não se importaria, apenas com que o alimentasse, o acariciasse e jogasse Frisbee para ele.

—Isso é tudo. — Disse para a janela. — Estou recebendo um...

Ela parou, seu corpo congelou, mas sua cabeça girou para olhar a porta.

Alguém estava em sua casa.

Levantou-se de um salto e correu para a mesinha de noite, puxando o celular.

Pressionou apenas o 9 e o 1 antes que chegassem a ela.

Isto a surpreendeu.

Quando os percebeu, tinham aberto a porta e seu alarme não tocou. Não conhecia ninguém que pudesse se mover tão rápido e em silêncio enquanto ao mesmo tempo desativava o alarme.

Uma mão em sua boca e um braço ao redor de sua cintura e ela foi girada ao redor, suas pernas voando e deixou cair o telefone.

Instintivamente seus dedos formaram uma garra e passou pelo braço ao redor de sua cintura. Ela sentiu suas unhas largas e fortes — tomava sempre vitaminas todas as manhãs e isto a deixava com os cabelos brilhantes e as unhas fortes que cresciam rápido, deixando-a neste momento feliz — cravando profundamente.

Ouviu um grito inumano e foi lançada com tanta força que voou através do quarto, literalmente pelo ar e bateu contra a parede.

Caiu no chão e não duvidou. Ela levantou-se e correu.

Foi pega em questão de segundos. Com o pulso preso, girou bruscamente e o puxão no braço a fez sentir uma dor aguda e intensa até o ombro. Não teve tempo para gritar, seu braço estava de volta à sua frente e seu outro pulso preso e puxado para frente. Seu atacante, notou distraída, era enorme e tinha mãos enormes, segurando ambos os pulsos apertados em sua frente com pouco esforço enquanto sua outra mão cobria sua boca.

Os lábios chegaram ao seu ouvido.

—Comporte-se, Queenie¹.

—Jesus, porra, é uma maldita gata selvagem. —
Murmurou outro atrás deles.

Seu cheiro golpeou Sonia então.

Ela os sentiu antes.

Eles as rastrearam antes. Eram os ameaçadores.

Mas sempre mantiveram distância. Agora, obviamente, não estavam longe e isto fez com que o terror a atravessasse.

Abraçou-a com facilidade. Sua força era difícil não perceber. Estava chutando com os calcanhares seus tornozelos e nem sequer resmungava.

Podia quebrar seu pescoço em um instante, sabia. Como sabia, não podia dizer, simplesmente o fazia.

No entanto, lutou contra ele e apenas parou quando notou o que estava fazendo.

Seu corpo ficou rígido.

Ele a estava cheirando.

Cheirando-a.

Segurou a respiração.

—Porra, sente o cheiro dela? —Perguntou contra seu pescoço, com os braços apertando-a dolorosamente.

¹ Queenie é um apelido dado a uma garota que tem o mesmo nome de uma rainha, apelido muito usado na época vitoriana durante o Império Britânico. Derivado da palavra em inglês “cwen” que significa “mulher” é uma referência ao monarca ou sua esposa.

Sentiu seu colega se aproximar, mas o ouviu respirar pelo nariz.

Então seu amigo murmurou.

— Jesus.

—Tocou a si mesma esta noite, Queenie? — Perguntou seu captor, sua voz sorridente.

Seu corpo sacudiu em surpresa.

Meu deus, pensou histérica, são como eu.

—Claro que sim. —O outro se aproximou, inclinando-se em sua enorme altura para olhar seu rosto. — Ela não cheira normalmente assim. Teria percebido.

Por alguma estranha razão, seu captor esfregava a testa em seu pescoço, sua mandíbula em sua bochecha. — Cristo, estou ficando duro.

—O que acha? — Perguntou seu amigo, aproximando-se, sua voz caindo, cheia de feia ambição. — Conseguiremos medalhas, promoção ou ambos, se a usarmos antes do Rei reclamá-la?

O corpo de Sonia ficou rígido enquanto o medo congelava cada músculo.

—Ambos. — Murmurou seu captor, removendo a mão de sua boca, descendo por seu pescoço, seus seios, seu objetivo inconfundível enquanto continuava. — Eu primeiro.

Abriu a boca para gritar. A mão de seu captor disparou a seu rosto e ela deu um impulso forte para se soltar quando ouviram um aterrador uivo, incrivelmente assustador.

Todos congelaram, mas os olhos de Sonia dispararam até a porta.

O homem de seus sonhos estava ali.

Ela ofegou.

Logo se moveu, deixou-se cair em ambas as pernas e nem sequer um segundo se passou antes que se levantasse...

E o homem se foi, mas de repente, não podia acreditar no que via, seu lobo, vivo e grunhindo enquanto voava pelo quarto.

Aterrissou ao lado do outro captor, que soltou um grito ferido.

Sonia que estava pensando que seu medo a fazia alucinar, aproveitou a oportunidade para olhar e viu uma poça de sangue se formar pelo quarto antes que fosse jogada novamente.

Ela voou pelo ar e caiu, a parte de cima de sua cabeça golpeando contra a ponta de sua mesinha de cabeceira. Sentiu um breve momento de dor e ouviu um grunhido forte ao mesmo tempo em que podia jurar que ouviu uma carne sendo rasgada.

Então tudo ficou negro.



Capítulo

2

O Trono

Ryon entrou na sala do trono na Mansão Territorial e sentiu que sua mandíbula se endurecia.

Desdemona estava sentada no trono sobre o tablado, seu escuro e reluzente cabelo ao redor de seus ombros, seu rosto completamente tranquilo, doze guardas de honra na parte de trás do trono estavam descendo os degraus do estrado.

Ela, ao menos, era inteligente o suficiente para saber que se quisesse tentar algo, precisaria de pelo menos treze deles para derrubá-lo.

No entanto, ela não era inteligente o suficiente para não parecer inconsciente de sua visita surpresa.

Ou havia a possibilidade distinta de que ainda estava ofegando pela oportunidade de ver Callum e montou de forma apressada este circo para seu próprio benefício.

Merda, Ryon ligou para ela apenas meia hora antes e ela conseguiu montar este espetáculo.

Cadela estúpida.

Mal deu dois passos na sala antes que todos os guardas caíssem sobre o joelho, em uma das mãos e olhando para cima.

Muito lentamente, Desdemona levantou-se com graça da cadeira e tomou seu tempo dando um passo a sua esquerda antes de curvar-se de forma cerimonial.

Ryon não a viu em anos e não mudou nada. Arrogante devido a seu alto nascimento, vaidosa por causa de sua extrema beleza e estúpida porque simplesmente era assim.

Tinha sorte por Ryon ir até ela. Se Callum visse esta demonstração, teria sua cabeça e seria merecido.

Ele poderia tê-la de qualquer forma e merecia mais.

Desdemona, filha de Titium e governadora dos territórios ocidentais das Américas, estava a ponto de saber que o Rei Callum não era, em absoluto, paciente, generoso e benevolente como o Rei McDonagh foi.

Sem dizer uma palavra, subiu os degraus do estrado e sentou-se no trono, murmurando.

—Levantem-se.

O guarda e Desdemona ficaram de pé.

Desceu dois degraus e virou-se para ele.

—Ryon. — Ela saudou de forma familiar e com qualquer outra pessoa menos ela, porque não gostava dela e com o que estava acontecendo em seu território, Ryon poderia ter permitido.

Em troca, percebeu os olhos do guarda, nunca gostou de Mona e sabia o estado de seu território, assim a cortou. — Esqueceu-se, Governadora.

Ele observou como seu rosto ficava pálido, sua boca endurecia e seus olhos brilhavam.

Jesus, ela era estúpida.

Deveria bater nela.

Não o fez. Queria que seu cérebro funcionasse corretamente quando ela concluísse o trabalho que tinha para ela.

Observou-a enquanto inclinava a cabeça e murmurava.

— Sua Graça.

Deixou ir sua silenciosa rebelião, levantou a mão e comentou.

— Isto é impressionante. Há meia hora, não sabia da iminente chegada do Rei.

—Estamos sempre prontos no Território Ocidental, Sua Graça. — Respondeu Desdemonia.

Merda, ela sabia que iriam chegar.

Por isso moveram a Rainha.

Poderia ser a cadela mais estúpida?

—Onde está, quero dizer. — Hesitou antes de terminar. —
O Rei?

Ryon a observou.

Sim, podia ser mais estúpida. Porque havia uma possibilidade de que ela nem sequer soubesse sobre a Rainha e mesmo como aqueles em seu território conspiraram para romper o tratado, porque não podia esconder seu desejo de ver Cal.

Ela estava com toda certeza, ansiosa por isso.

De fato, havia uma possibilidade mais que leve de que orquestrou este fiasco para consegui-lo.

Se não estivesse envolvida na conspiração, este grande espetáculo era inteiramente para Cal.

Jesus, Cal devia ser um mestre de seu próprio pênis para inspirar este tipo de devoção. Terminou seu caso com Desdemona há mais de cem anos e ela ainda não o superou.

—Está buscando sua Rainha. — Respondeu Ryon sem rodeios, expondo o conhecimento que durante trinta e um anos foi tratado como o mais crucial segredo de Estado.

Cada guarda ofegou e até mesmo Desdemona.

Certo, talvez ela não soubesse.

— A Rainha está em meu território? — Perguntou ela, com voz ofegante e irritada, sem sequer tentar esconder. Qualquer outra pessoa acharia este conhecimento uma honra sem reservas, mesmo se soubessem que a Rainha é humana.

—Sim. — Respondeu Ryon.

—Não acredito. — Sussurrou ela.

—Acredite, Mona. — Respondeu Ryon bruscamente. — E enquanto está envolvendo sua mente ao redor, é melhor rezar para que ele chegue a ela antes que os homens que foram enviados para sequestrá-la.

Seu corpo sacudiu e o ar na sala ficou denso.

Finalmente a cadela foi inteligente o suficiente para sentir medo e definitivamente sabia o suficiente para saber que seu medo estava justificado.

Ela se inclinou para frente e seu rosto estava ainda mais pálido, seus olhos traíam seu medo, mas sua voz estava irritada.

— Ninguém em meu território sonharia em sequestrar a Rainha.

—Eles o fariam e fizeram. Recebemos notícias a onze horas que a estariam sequestrando esta noite. Por isso estamos aqui.
— Informou Ryon.

—Isto é impossível. — Respondeu.

A cabeça de Ryon de repente se inclinou de lado e respirou fundo pelo nariz.

Cal estava ali.

Também sua Rainha com ele.

Não a teria se não estivesse sob ameaça.

A cerimônia de acasalamento não iria começar até um ano. Supunha-se que Cal deveria começar seu habitual cortejo humano em poucas semanas em sua festa anual de Natal. Deveria ficar como um hospede de um vizinho, um lobo que foi plantado em uma casa de frente a sua anos atrás.

Isto era algo que Ryon pediu que fizesse. Cal queria agarrá-la, como era seu dever. Ryon, por outro lado, esteve lendo relatórios sobre ela e observando-a durante trinta e um anos.

Sonia Arlington precisava ser cortejada. Como humana, era o que esperava.

Mas sendo tudo o que era, merecia.

Ryon levou um tempo para falar com Cal sobre tudo, especialmente desde a morte de seu pai, Cal estava lendo os relatórios sobre ela, além de olhar as fotos. E por isso, sem mencionar o simples fato de que era sua companheira e Cal estava ficando impaciente.

Muito impaciente.

Mas, aparentemente, a mão de Cal foi forçada e o tratado se rompeu.

Isto significava guerra.

Desdemona levantou a cabeça para a porta. Ela também percebeu.

—É impossível, Mona? — Perguntou Ryon em voz baixa e a olhou enquanto ela se virava lentamente para ele, sua garganta se movendo convulsivamente.

Sim, Monas, você... está... fodida, pensou Ryon enquanto se levantava do trono e se aproximava do seu lado direito.

No segundo seguinte, Cal passou pela porta.

Ryon sentiu que sua mandíbula se apertava novamente ao ver Sonia envolta em uma manta, inconsciente nos braços de Cal.

O guarda e Desdemona, sem demora, caíram de joelhos, adiantando-se sua mão, mas na presença de seu Rei, inclinaram a cabeça para o chão.

Ryon não ficou de joelhos.

Não era apenas um Duque. Não era apenas primo de Cal. Não apenas nasceu precisamente um ano depois de Cal — na mesma hora, uma causalidade significativa na irmandade. Mas seu sangue se misturou com o de Cal em muitos campos de batalha para que Ryon ficasse de joelhos.

Ele o fez uma vez, depois que o Rei caiu.

Cal lhe proibiu de voltar a fazê-lo.

Sem olhar para ninguém além de Ryon, Cal se dirigiu ao trono.

Ryon sentiu um músculo saltar em sua mandíbula ante o olhar de fúria no rosto de seu primo.

Cal se sentou no trono, acomodando Sonia suavemente em seu colo para que ficasse perto, sua testa em seu pescoço, a mão apoiada em seu peito, os joelhos inclinados e aconchegados do seu lado. Seus braços, finalmente, se colocaram protetores ao redor dela.

Ryon a viu muitas vezes desde aquela noite em que sua mãe e seu pai foram assassinados. Era uma criança bonita.

Ela era uma fodida mulher incrível. Se não fosse a Rainha destinada, Ryon a teria levado para sua cama.

E a mantido ali.

Até o dia de sua morte.

Cal era um bastardo sortudo.

—Levantem-se. — Ordenou Cal, sua voz um rugido irritado.

Desdemona se levantou lentamente, como os olhos cuidadosamente sem olhar para Sonia, mas tampouco olhando para Cal.

Ryon não tinha tempo para Mona.

—Está bem? — Perguntou a seu primo, com os olhos cravados em Sonia.

—Ellington a lançou pelo quarto. Ela bateu a cabeça e ficou inconsciente. Estava acordando, mas a sedei para irmos à cabana. — Cal respondeu, seus olhos nunca deixando Mona.

Os olhos de Ryon nunca saíram de Sonia, mas suas mãos se fecharam em punhos.

Ante a notícia de que sua futura rainha foi agredida, o ar na sala ficou mais denso. Ou como diria, Ryon, mais grosso.

Mona respirou fundo.

Logo disse algo imensamente estúpido.

—É humana.

—Ela é sua Rainha. — Disse Cal e Mona deu um passo atrás, inclinando a cabeça enquanto ele continuava. — Jesus, nunca entenderei a decisão de meu pai sobre você. — Grunhiu Cal com a cabeça inclinada e os ombros caídos. — Diga-me Mona, como pode deixar o tratado se romper em seu território?

Mona levantou a cabeça.

— Não o fiz...

Cal a interrompeu.

— Aconteceu.

Mona inclinou a cabeça para frente.

— Mas, Sua Graça, não tive...

Cal a interrompeu novamente, mordendo cada palavra.

— Em tempos tensos, é seu maldito trabalho monitorar cada lobo.

—Mas, Cal.... — Começou ela com pesar e sem vacilar em sua familiaridade com seu soberano, então Ryon começou a avançar.

—Deixe Ry. — Cal cortou e Ryon parou e olhou para trás.

—Irei interrogá-la pessoalmente. — Ryon exigiu e sem olhá-lo Cal concordou com a cabeça.

—Interrogar-me? — Perguntou Desdemona, um estremecimento de medo passando por sua voz.

—Os guerreiros estão chegando, Mona. Não pode ouvi-los? Pelo amor da merda, alguma vez presta atenção? — Disse Cal. A cabeça de Mona se inclinou e Ryon ouviu os sons da tomada de posse da mansão. — A trama se incubou nestas paredes, Governadora... — Explicou Cal. — Amanhã à noite, saberemos quem esteve envolvido.

O guarda se movia incomodo e a boca de Mona se abria e fechava como um peixe, mas Cal se levantou de seu trono, segurando Sonia. Começou a caminhar pela sala segundos antes que as portas se abrissem e vinte lobos guerreiros, todos escolhidos especificamente por Cal como guarda real, avançaram.

Separaram-se para Cal e Sonia como se o houvessem praticado centenas de vezes. Cal caminhou através da corrente de guerreiros e saiu da sala.

Ryon olhou para Magnum, o líder e moveu a cabeça para Mona visivelmente trêmula.

—Ela é minha. — Ordenou.

Logo saiu da sala como Cal em busca de seu tenente.



Capítulo

3

A Cabana

Ainda que Sonia se sentisse acordada, sabia que não podia estar.

Estava bem quente e se sentia como se estivesse deitada em um colchão super macio e Sonia não tinha um desses colchões. Mas iria conseguir um, sentia-se muito bom.

Também sentia como se tivesse um edredom suave e confortável, que cobria seu corpo, assim como os lençóis mais macios da história da humanidade a envolvia. Ela possuía uma colcha, não um edredom e seus lençóis eram suaves, mas nem tanto.

E por último, não estava segurando seu lobo de pelúcia contra o peito e Sonia nunca dormia sem seu lobo de pelúcia para desgosto dos poucos amantes que teve em sua vida.

Abriu os olhos para avaliar seu estado sonolento e descobriu que definitivamente estava sonhando.

Sabia que sim porque viu um travesseiro sob sua cabeça — também não era o seu — e estava na cabana de sua família e como esta cabana foi queimada a cinzas anos atrás, tinha que ser um sonho.

Isto se demonstrou com certeza quando ouviu uma porta se abrir.

Ficou tensa quando ouviu passos pelo chão. E ela o olhou, sem se mover, enquanto observava um homem incrivelmente alto entrar no quarto.

Tudo o que via era suas costas, mas também viu que seu cabelo era escuro e grosso. Usava uma dessas camisas acolchoadas, de flanela, um casaco marrom, cinza e amarelo sobre um fundo creme. Também vestia jeans e botas. Podia ver o apertado e volumoso músculo de suas coxas pela calça jeans quando se agachou junto a lareira e tranquilamente moveu alguns troncos com as mãos enluvadas em uma pilha grande ali.

—Sei que está acordada. — Sua voz profunda soou e ela piscou.

Conhecia essa voz e seu estranho sotaque. Não americano, não escocês, não inglês, não francês uma bonita mistura de todos eles.

Seu lindo lobo.

Sim, sem dúvida estava sonhando.

Mas este era diferente.

Nunca sonhou com sua cabana antes. Sempre estava em seu quarto ou em algum outro iluminado pela luz do fogo, um quarto no qual nunca esteve, mas que a fazia sentir-se estranhamente em casa.

E nunca se sentiu tão viva.

Sonhou toda sua vida. Era outro dom que tinha que sabia que outros não. Seus sonhos não eram estranhos ou sem conexões. Eram claros, contavam histórias e sempre se lembrava de tudo.

Gostava deste novo sonho.

—Não, não estou. — Disse para as costas dele enquanto depositava o último tronco. — Estou sonhando.

Levantou-se, virou-se e ela suspirou sonhadora.

Deus, era lindo.

Amava cada plano e ângulo de seu rosto e havia muitos deles e muito para amar. Ele era simplesmente lindo.

Sobrancelhas escuras, olhos azuis, mandíbula forte, nariz interessante e lábio inferior cheios.

Podia, notou com surpresa, se barbear. Nunca esteve assim em nenhum de seus outros sonhos. Com o rosto duro e escuro, parecia não ter se barbeado em dias.

Ela nunca gostou de barba, mas nele ficava bem.

Tirou os olhos de seu rosto e notou que usava uma camiseta cinza escura sob a camisa de flanela.

E tinha um cinto com uma grande fivela.

Suas roupas eram casuais, o que não era o habitual para Sonia, sobre tudo neste corpo grande, musculoso, de ombros largos, magro e pernas longas.

Porra, se ele fosse real e vivesse em uma verdadeira cabana nas montanhas e uma mulher o visse, tudo estaria terminado. Todos saberiam e as mulheres se arrastariam por ali como formigas sobre um cone de sorvete derretido.

Observava-a com curiosidade, assim se levantou sobre um cotovelo e perguntou suavemente.

— Porque está aqui, meu lindo lobo?

Com suas palavras, as sobrancelhas dele se juntaram e era um olhar decididamente infeliz.

Sonia o olhou fixamente.

Nunca pareceu infeliz antes em nenhum de seus sonhos.

—O que disse? — Perguntou com a voz baixa e não tão estranha — dado o olhar — infeliz.

Ela decidiu ir com ele. Sempre brincava um pouco e com frequência, até mesmo brincava em seus sonhos.

—Ouvii-me lobo.

Tirou as luvas e as deixou na cadeira enquanto caminhava para ela.

Sonia o observou.

Sua graça era assombrosa. Sempre esteve perto de sua cama quando sonhava com ele. Apenas sentia que se unia a ela ali. Nunca o viu se mover.

Parecia bem quando se movia.

Homem, estava adorando este novo sonho.

Parou para sentar-se na cama e deixou-se cair de costas para olhá-lo.

—Gosto desse sonho. — Informou com um sorriso.

Sentou-se ao seu lado na cama, as sobrancelhas franzidas ainda.

—Sonia, não está sonhando. — Disse.

Ela colocou uma mão em seu antebraço e puxou para ela enquanto lhe dizia sorrindo.

— Certo.

Inclinou-se para frente para que ambas as mãos estivessem na cama dos lados e ele respondeu suavemente.

— Bom, pequena. Está acordada, isto não é o sonho. — Seus olhos azuis se moveram por seu rosto antes de perguntar. — Sente-se bem?

—Sinto-me muito bem. — Respondeu. Ainda que tivesse que admitir ser um sonho estranho, que sua cabeça doía um pouco e sentia-se aturdida, como se dormiu demais.

Levantou a mão e a colocou de um lado de sua cabeça. Era tão grande que quase cobria tudo.

Seu polegar alisou sua sobrancelha, mas seus olhos nunca deixaram os dela.

—Chamou-me “lobo”. — Declarou suavemente.

Ela não respondeu. Sentou-se, soltando sua mão, o corpo se aproximando dele, seu rosto se aproximando também. Sentia seu corpo sólido, mas também o ignorou e colocou a mão no rosto dele.

—Tenho que fazer contato. — Disse como se não soubesse.

Ela tocou seu rosto em sonhos.

Sempre.

Fez novamente, com as pontas dos dedos entrou nos cabelos grossos, o polegar deslizando pela testa, pelo rosto afiado e logo pelo lábio inferior.

—Sonia. — Sua boca se moveu contra seu polegar. Ela levantou o olhar de seus lábios para os olhos, que estavam procurando, mas não ficaram dourados — ei! —Consegue sentir?

Ela concordou com a cabeça.

Oh, ela o sentia. Sempre o sentia em seu sonho.

E esperava que este sonho, que não apenas era mais nítido, claro e vivo que qualquer outro, durasse muito mais tempo, não terminasse com seu brinquedo na mesinha de cabeceira.

Ele sorriu.

Ela aspirou seu fôlego.

Deus, amava, amava, amava seu sorriso.

—Sente. — Murmurou, sua voz profunda e rouca, tanto que era quase uma coisa física e parecia realmente, realmente muito feliz com algo.

Era um terno olhar.

E a rouquidão em sua voz era de uma excelente profundidade.

Ela se aproximou e colocou as mãos sobre os ombros largos, colocou a boca na dele e seus olhos nunca deixaram os seus e exigiu.

— Vai me beijar lobo? Ou não?

Esperava com grande expectativa que o dourado tomasse suas pupilas e apagasse todo o azul de sua íris.

Ela nunca viu o dourado apagar o azul tão rápido.

Mas sabia o que isso significava.

Logo seu braço foi ao redor dela, seu quadril e pernas se moveram, seu calor e peso colossal a estavam segurando contra a cama.

Finalmente!

Então aconteceu algo estranho.

Não a provocou.

Não a deixou envolver as pernas ao redor dele.

Não esperou seu convite.

Inclinou a cabeça e a beijou.

Oh.

Minha.

Nossa!

Sonia absolutamente estava amando este sonho!

Sua boca se abriu sob a dele e isso foi tudo.

Explosão.

Não foi gentil.

Era intenso.

Consumia.

Ela estava errada. Não precisava estar ali para que estivesse pronta para ele.

Seu beijo era incrivelmente assombroso, enviou-a de excitada com sua presença à combustão espontânea por sua invasão.

Precisava fazê-lo, agora, sua língua tocou a dele, seu grunhido encheu sua boca e foi tão intenso que desceu por sua garganta.

Isto se sentia ainda melhor.

Ela se arqueou contra ele e gemeu novamente.

Seus braços a rodearam e ele rodou, levando-a com ele, deixando-a por cima, suas mãos em seu cabelo dos lados da cabeça, mantendo-os longe de seu rosto, mas ainda caindo ao redor deles.

E continuou beijando-a e Sonia esperava que este sonho e este beijo nunca terminasse.

Nunca.

Seu joelho subiu, as pernas se abriram, uma coxa caiu entre as suas e sua perna aterrissou apertada contra o calor dela.

A cabeça de Sonia moveu-se para trás, a boca se abriu lentamente em um gemido silencioso enquanto o sentia. O forte e duro músculo pressionando com força sua parte mais sensível.

Meu deus, estava a ponto de gozar!

Apenas com isso.

Ouviu outro grunhido, parecia muito longe — mas estava muito perto — e rodou novamente e desta vez com ela. Ela aproveitou a oportunidade para beijá-lo novamente e deslizou contra sua coxa dura coberta pela calça jeans.

Arrepios a percorriam e ela segurou sua camisa como se nunca quisesse deixá-lo ir.

Seus braços ficaram tensos ao redor dela, mas a boca soltou-se e ele grunhiu.

—Porra, pequena.

—Não pare. — Implorou, sua voz soava desesperada porque estava desesperada, o sonho poderia terminar a qualquer momento. Sua mão entrou em seu cabelo para forçar seus lábios até os seus. — Por favor, não pare ou o sonho acabará.

Sentiu seu corpo ficar rígido e sua insistente mão em seu cabelo não a levava a nenhum lugar.

Abriu os olhos e viu que a olhava.

—Não pare. — Implorou ela.

—Sonia...

A mão tocava seus cabelos e ia descendo sobre seu traseiro.

— Não quero que o sonho...

Ela não termina de falar porque ouviu um celular tocar justo quando o sentiu vibrar contra sua mão.

Nos sonhos não havia celulares tocando.

Ou sim, mas apenas para acordá-la.

Ela esperou.

Continuou tocando.

Continuou vibrando.

A luz do sol, seu corpo duro e quente, os fortes braços, seu peso e este maldito celular vibrando contra sua mão, se intrometeram todos ao mesmo tempo.

Ela não estava sonhando.

Os olhos de Sonia ainda presos aos dele, se abriram mais.

Lembranças a inundou.

Os intrusos da noite anterior.

Então ele estava ali.

Seu cachorro.

Não, não estava certo, estava alucinando.

Mas algo aconteceu porque ele estava ali.

Como pode esquecer a noite anterior?

Com um terrível ruído escapando de sua garganta, violentamente saiu de seus braços e pulou da cama.

Parou a vários metros de distância e girou para olhá-lo fixamente.

O homem dos seus sonhos.

Estava agora a observando da cama na cabana de seus pais.

—Isto não é um sonho. — Sussurrou.

Mas...

Tinha que ser. Isto não era possível.

—Venha aqui, pequena. — Murmurou suavemente.

Ele a chamou de “pequena”.

Ela fechou os olhos. Logo os abriu.

—Isto não é um sonho. — Repetiu ela, querendo que ele dissesse que era.

Mas não o fez. Moveu-se e seus braços se levantaram, a palma para fora, mas o resto de seu corpo paralisou com medo.

Ante esta reação, parou, mas sua cabeça balançou.

Esta era a cabana de seus pais. Ela sabia.

Mas estava diferente.

A cozinha era mais nova, maior. Tinha uma geladeira e uma batedeira enorme. O balcão com a pia era bonito. Os armários eram melhores.

Sua cabeça moveu-se para o outro lado.

Ainda havia um sofá grande e acolhedor diante de uma mesa de café que estava na frente do fogo crepitando. O sofá ainda era ladeado por cômodas poltronas. Havia uma manta de lã jogada casualmente sobre o canto do sofá. O tapete em que

todos os moveis estavam, era grande, grosso e convidava para deitar-se nele com uma almofada, um livro e uma manta agradável e cômoda.

Mas o mobiliário era diferente, mais novo, mais robusto e rústico. Realmente gritavam: Acomode-se e leve seu tempo.

Sua cabeça foi para frente e viu a enorme cama. Maior, mais larga, coberta por um edredom suave de pele de cabra.

Independente das mudanças, era a cabana de seus pais.

Como podia ser isto?

Seu lindo lobo.

Sua cabana?

Ela o olhou novamente.

—Não pode ser. — Sussurrou. — Gregor me disse que esta cabana foi incendiada a anos.

Seu rosto mudou no momento que pronunciou o nome de Gregor, mas Sonia estava muito ocupada registrando o fato de que claramente ficou louca para permitir que o olhar que cruzava seu rosto aparecesse.

—Não se incendiou, pequena. — Disse suavemente, chamando sua atenção novamente enquanto se afastava da cama. No instante que o fez, ela retrocedeu dois passos.

Parou, de pé ao seu lado.

—Quem é você? — Perguntou.

Ele respondeu de imediato.

— Callum.

Callum.

Vagamente pensou ser um nome interessante. De forma distraída, pensou que parecia com ele.

Olhou para baixo e viu que vestia a camisa de algodão da noite anterior.

As lembranças golpearam novamente, lembranças feias, de terror e ela deu outro passo para trás enquanto sua cabeça se levantava.

—Eles iam me machucar. — Disse.

Ele começou a caminhar para ela assegurando.

— Não irão machucá-la.

Ela continuou afastando-se, mas ele não parou desta vez.

—Eles iam me machucar. — Repetiu.

—Não irão te machucar. — Ele também repetiu, mas sua voz era menos suave. De fato, não era amável em absoluto. Era tranquila e firme.

Suas pernas eram maiores — muito maiores — e se aproximou rapidamente.

Sentiu os troncos da parede da cabana contra seus ombros e parou porque não tinha para onde ir.

Então sentiu o duro peito golpear sua mão, que deslizou para cima enquanto ele se aproximava mais até que parou, a um centímetro de distância.

Inclinou a cabeça para trás e o olhou. Sentia que seus lábios tremiam e ficou com medo.

Ela tentou impedir o movimento e não pode fazê-lo, então sussurrou.

— Resgatou-me?

Ele levantou as mãos e ela ficou tensa, mas as colocou nos troncos de cada lado de sua cabeça. Inclinou-se para que ficassem cara a cara, tão perto que podia sentir o hálito em sua pele.

—Sonia, ninguém mais irá machucá-la. Não enquanto estiver comigo.

Sentiu um tipo diferente de tremor deslizando por seu corpo.

Porque sua voz não estava firme quando disse isso.

Sua voz rouca, era rica e sólida. Como se estas palavras não fossem apenas palavras e sim um voto sagrado.

— Não entendo o que está acontecendo. — Sussurrou ela e seu corpo ficou tenso quando a cabeça dele se aproximou e logo girou para o lado.

Então fez algo estranho.

E ela precisou admitir, era surpreendente e lindo em sua ternura.

Com a testa, ele acariciou sua bochecha, até sua mandíbula e de volta ao cabelo.

Deixou de acariciá-la com a testa, passou os lábios por sua orelha e disse com suavidade.

—Tome um banho e se vista, pequena. Terminarei com a madeira. Tomaremos um café. Então eu explicarei tudo.

Sonia ficou ali de pé, os ombros contra os troncos da cabana de sua família perdida, mas uma cabana sempre amada, seu lugar preferido no mundo, com o calor do corpo do homem de seus sonhos golpeando o seu. Muito real, os musculosos ombros, o rosto contra o seu, os lábios em sua orelha, sua gloriosa voz chamando-a de “pequena” e então não pode fazer nada além de concordar com a cabeça.



Os sentidos de Sonia voltaram ao normal quando Callum se afastou dela, mas segurou sua mão e a levou até as sacolas de compras alinhadas contra a parede oposta.

Percorreu todas com a mão em um enorme punho, ainda que houvessem dez e eram grandes. Isto demonstrava que sua teoria estava correta, tinha completo controle sob seu corpo e era mais forte que um touro, porque não conhecia nenhum

homem ou mulher — mesmo com compradores experientes — que pudessem fazer isto como ele fez, sem esforço.

Carregou as sacolas para o banheiro sem soltar sua mão.

Parou dentro e deixou cair as sacolas junto a parede.

Sonia olhou fixamente as sacolas de forma idiota, notando que quase ocupavam todo o espaço que Callum e ela não ocupavam.

—Tudo o que precisar estará nestas sacolas. — Anunciou chamando sua atenção e ela olhou para ele enquanto inclinava a cabeça para o balcão no banheiro. — Ou naquelas.

Olhou para o balcão para ver mais três sacolas ali, mas menores.

Logo olhou para Callum e concordou.

—Quando terminar, se não estiver na casa, estarei fora. — Continuou.

Ela concordou novamente.

—Precisa comer, pequena. Devo sair um tempo. A cozinha está abastecida. Ovo, torradas, bacon. — Continuou e este último soou como uma ordem suave.

Ainda estava atordoada com todo o acontecimento para fazer qualquer coisa além de concordar com isso também. Logo saiu do banheiro, fechando silenciosamente a porta atrás dele.

Claro, o banheiro rústico de seus pais foi modernizado significativamente. Ainda parecia rústico, mas tinha uma

banheira de pernas como garras que facilmente poderia acomodar dois. A banheira tinha um elaborado sistema de torneiras e jatos, além de uma ducha. O lavabo terminava em um fabuloso balcão que combinava muito bem com os troncos nas paredes e o piso madeira. Sem mencionar o tapete grosso e suave, toalhas e um grande espelho sobre a pia com uma grande luminária acima.

Não foi até depois que descobriu que as três sacolas estavam cheias com seu xampu favorito, condicionador, sabonete líquido, creme e perfume, assim como creme para depilação e uma variedade de cosméticos com tons exatos, incluindo escovas.

Olhou também as dez sacolas e encontrou uma variedade de roupas femininas informais. Calças de veludo, jeans, cintos, blusas térmicas de manga longa, camisetas, pulôver, suéter, coletes de lã, meias grossas, todos em seu tamanho exato. Mas não em suas cores. Geralmente usava branco, negro, cinza ou prata. Não havia nada disso e claro, nunca usou roupa informal, não em seus trinta e um anos.

Encontrou também lingerie sexy, rendadas, sedosas e acetinadas para dormir e ainda peças íntimas sensuais a serem usadas — e não o seu clássico e habitual, mas utilitárias — nas sacolas.

Depois do banho passou seu creme, borrifou algo de perfume, passou creme nos cabelos e aplicou uma leve camada de maquiagem.

Secou o cabelo com um secador que encontrou no armário. Fazia isto de pé de frente ao espelho seminua em um sutiã verde claro com rendas creme e uma calcinha cavada combinando. Nunca iria olhá-los em uma loja, mas tinha que admitir que tudo era lindo e a fazia se sentir um pouco ousada. Foi então que seus pensamentos se arrastaram pela lógica através da noite e esta manhã e tudo o que aconteceu.

À noite, enquanto dormia de forma inocente — era o que diria a todos — os homens invadiram sua casa.

Eles a agarraram, a assustaram quase até a morte e discutiram sobre estuprá-la.

Então Callum entrou e obviamente salvou o dia.

No entanto, depois não chamou a polícia.

Ela não acordou em uma cama de hospital ou foi abordada por um oficial uniformizado.

O mais importante, não apresentada por uma autoridade apropriada a Callum como o homem que passava por sua casa e a ouviu gritar — o que ela também percebeu, não gritou, assim como ele saberia que deveria entrar! Assim, ao ouvir seu grito, galantemente explodiu dentro da casa para tirá-la das garras do mal.

Esta manhã, quando acordou pensando estar em um sonho, não lhe informou de maneira firme que não estava, de fato, sonhando. E Callum, ela também percebeu, podia ser muito firme.

Então, ele não atuou como um cavalheiro e se aproveitou de sua óbvia confusão e vulnerabilidade e a beijou e fez outras coisas também.

Agora descobria que ele conhecia suas preferências por artigos de higiene e sabia seu tamanho de roupas.

Estava preparado para isso.

Muito preparado.

Ela sabia por que e pensou ser uma brincadeira cruel e cósmica que o homem lá fora cortando a lenha — podia ouvir o machado e os troncos caindo na neve — parecia ser o homem dos sonhos dela.

Foi uma manobra sádica para que este idiota a levasse ali.

Ela também percebeu isso.

Gregor, por alguma razão demente, eliminou sistematicamente cada vestígio de sua mãe e de seu pai e a vida que tinha com eles. Exceto seu lobo de pelúcia e as decorações natalinas, mas apenas porque deu um ataque exagerado aos seis anos de idade.

Obviamente se desfez da cabana também e não teve coragem de lhe dizer que a vendeu.

Depois que se livrasse de Callum, finalmente iria exigir respostas de Gregor. Então iria dizer ao seu filho Yuri de uma vez por todas que não iria dormir com ele e definitivamente não iria se casar com ele. Por último, nunca falaria com outro homem até o dia.... que ela... morresse!

Exceto claro, Gregor, depois que ela o perdoasse porque, ainda que estivesse longe, ainda o amava. E Yuri, depois que ela também o perdoasse, porque ainda que soubesse que ele pensava de outra forma, sempre foi como um irmão e também o amava.

Vestiu uma calça laranja de cós baixo com cordões coloridos, que não iria achar bonita — mesmo que fosse. — Acrescentou um cinto de couro marrom com margaridas estampadas, que era outra coisa que estava determinada a não achar bonito — mesmo que fosse. Logo, vestiu uma blusa rosa brilhante de mangas longas, que tinha uma fita com flores costuradas abaixo dos botões até o colarinho, que se encaixava perfeitamente e surpreendentemente não era a cor certa para ela, mas realmente a deixava bonita, mesmo que nunca o houvesse adivinhado — apesar de tudo.

Também calçou um par de meias que não eram quentes e cômodos — apesar de serem.

Não encontrou sapatos, mas não precisava deles.

Ainda.

Saiu do banheiro e pegou as sacolas — precisou de três viagens — e as levou de volta para o grande cômodo.

Arrumou a cama — irritada — enquanto ouvia Callum cortar a lenha do lado de fora. Às vezes, o ouvia parar e aproximar-se da casa, então ficava tensa, mas o fazia apenas para empilhar os troncos na varanda traseira, porque nunca entrava.

Encontrou café, serviu-se uma xícara e abriu a geladeira para ver que Callum a encheu inteira com leite integral.

Claro.

Sabia seu tamanho de roupa, mas não sabia que religiosamente tomava leite desnatado.

Imbecil!

Fez um lanche para os dois e surpreendentemente ouviu a porta de trás se abrir no momento que terminou.

Ouviu suas botas no piso enquanto estava ocupada tirando as formas do forno.

Parou na entrada da cozinha em forma de “u”.

Ela não se virou. Se o fizesse, poderia jogar algo nele.

Ou chorar.

Ou ambos.

—Sonia?

—Sim. — Disse fechando o forno com o pé e sem olhá-lo.

—Está bem? — Perguntou soando preocupado.

Imbecil!

—Muito bem. — Respondeu ela, ocupada em colocar a comida em seus pratos. — O café da manhã está pronto.

—Eu sei.

Isto causou uma reação. Ela se virou para olhá-lo e lembrou-se da brincadeira gigantesca que o cosmo estava fazendo com ela, porque ele era muito, muito bonito.

Enterrou este pensamento e perguntou. — Como soube?

—Senti o cheiro. Ouvi. — Respondeu e virou enquanto terminava. — Voltarei depois de tomar um banho.

Ele se virou e não viu a boca dela aberta.

Estava fazendo bacon. Podia sentir o cheiro de bacon a uma milha de distância.

Mas ouvir?

Como?

Ela, claro, podia ouvir os preparativos finais do lanche.

Viu-o desaparecer no banheiro quando sentiu um arrepio em sua coluna e decidiu ignorar isso também.

Ele não podia saber sobre seus dons, mas poder fingir tê-los também. Mesmo Gregor e Yuri não sabiam. Claro, com frequência fez estragos ao redor deles. Ainda assim, nunca disseram nada.

Encontrou talheres e guardanapos, quando ele terminou o banho, estava colocando seu prato sobre o balcão que separava a cozinha da sala de estar.

Deslizou sobre o banco e olhou seu prato.

Como de costume, Sonia parou em frente ao balcão e a ele — a última parte não era um costume, obviamente — e comeu enquanto pensava em como sair desta bagunça.

Precisaria de um milhão de dólares?

Dois?

Três?

O que aceitaria para abandonar seu jogo?

—O que é isto? — Perguntou Callum, sua voz intensa de forma que parecia conter algum impulso e quando o olhou, seu rosto estava completamente em branco.

—Ovos, bacon e torradas. — Respondeu.

Voltou a olhar para seu prato.

Sonia continuou comendo.

—Reconheço a torrada. — Comentou com uma educação forçada e levantou os olhos para ver que segurava uma torrada entre o polegar e o indicador. — Tem manteiga?

—A manteiga engorda. — Respondeu Sonia e mordeu sua torrada seca.

Callum a observou mastigar como se fosse fascinante ver a devastação de um terremoto em câmera lenta na televisão.

—O que fez com o bacon? — Perguntou Callum depois de engolir.

—Cortei a gordura. — Informou. — A carne é boa. Proteína. A gordura é ruim.

Suas sobrancelhas se levantaram e continuou, sua voz já não tão educada, mas cheia de incredulidade.

— Tirou a gordura do bacon?

—Sim.

Olhou seu prato.

—Os ovos estão brancos.

—É porque tirei as gemas. Estão cheias de colesterol.

Ela voltou os olhos para seu prato e continuou comendo, mas levantou a cabeça quando o ouviu se mover.

Então observou com surpresa e não com um pouco de irritação enquanto dava a volta no balcão, indo diretamente para a lixeira e deixava todo seu prato ali.

Logo observou com surpresa maior ainda e de novo irritação que caminhava até ela, puxava seu prato, tirava a torrada de seus dedos e lançava na lixeira também.

Sonia ficou olhando-o sem dizer uma palavra enquanto ele abria a geladeira, pegava o bacon e jogava um grande pedaço na

frigideira e ligava a torradeira. Logo caminhou até o balcão onde deixou a caixa de ovos.

Então começou a quebrar os ovos em um copo enquanto ela gaguejava.

— Você apenas... apenas... jogou minha comida fora.

— Aquilo não era comida. — Respondeu.

— Era meu café da manhã. — Disse ela.

— Não era isso tampouco.

— Callum...

Virou-se para ela enquanto o bacon começava a fritar. Avançou rapidamente. Não se afastou rápido o suficiente. Seu quadril golpeou o balcão e ele se aproximou.

Suas mãos foram para o balcão a ambos os lados dela, inclinou-se para baixo para que ficassem cara a cara.

— Está muito magra. Precisa comer. Não as claras dos ovos, nem as torradas sem bacon ou gordura.

Achava que estava muito magra?

Era cego?

Sonia não podia se mover, mas ainda assim, sua boca se abriu.

Ignorou seu olhar surpreso e continuou falando.

— Não mais desta merda, Sonia. Nem para mim e nem para você.

—Está... — Fez uma pausa, sem pensar no que estava dizendo continuou. — Dizendo o que devo comer?

—Maldição. — Respondeu sem ter nenhum problema em dizer o que queria.

Afastou-se do balcão e voltou para a cozinha.

Observou com horror enquanto ele preparava o café da manhã em uma frigideira.

Não apenas não cortou a gordura do bacon e não separou as gemas, como também não escorreu a gordura do bacon antes de jogar oito — sim oito! — Ovos mexidos na frigideira. Não satisfeito, também jogou um punhado — e sua mão, Sonia notou em várias ocasiões, era grande — de queijo cheddar ralado na mistura e polvilhou com sal e alho.

Além disso, passou manteiga na torrada o suficiente para ter um AVC seguindo de ataque cardíaco e as colocou na bagunça de queijo e bacon.

Serviu tudo isto em pratos, pegou uma xícara e encheu de café quente, acrescentou um pouco de leite e entregou ambos, o prato e a xícara para ela.

Logo pegou seu próprio prato, apoiou o quadril no balcão, colocou os olhos azuis nela e ordenou.

— Coma.

Ela olhou seu prato.

Tinha que admitir que parecia bom.

E cheirava fantástico.

Logo o olhou.

—Não posso comer isso.

—Coma. —Repetiu ele.

—Isto é.... não posso...

—Sonia. — Disse seu nome lentamente, de uma forma impaciente. — Pode comê-lo ou darei a você.

Ela sentiu seus olhos se abrirem mais antes de perguntar.

— Está brincando, verdade?

Balançou a cabeça.

Ela olhou o prato.

Era, em essência, um sequestrador.

Ele iria, pensou, mantê-la como refém para pedir resgate, se não a seduzisse — em outras palavras, a enganasse — por milhões de dólares.

Foi, até agora, muito agradável apesar de ser um idiota.

Mas ele não deveria empurrá-lo.

Sonia pegou o garfo e comeu.

E ao fazê-lo, disse a si mesma que não tinha um gosto tão bom — ainda que tivesse.



Capítulo

4

Explicação

Depois que comeram o café da manhã — Sonia não pode terminar o seu, o que Callum permitiu, mas ele limpou seu prato, um ato que pensava ser intimidante e a fazia se sentir quente e fria, assustada e excitada, tudo ao mesmo tempo — Callum demonstrou que não terminou com seus pecados.

Em primeiro lugar, segurou a mão de Sonia e a levou para a sala de estar.

Quando ela disse.

—Irei lavar os pratos. — Ele respondeu. — Mais tarde.

Pecado número um.

Todo mundo sabia que deveria limpar a cozinha assim que terminasse de usá-la. Se não o fizesse, os restos ficariam duros e levaria séculos para limpá-los. Além disso, Callum não era exatamente um cozinheiro organizado, fez uma bagunça enorme.

No entanto, considerando as diversas circunstâncias incertas, a principal das quais era o fato de ter sido sequestrada, decidiu neste momento não discutir sobre os pratos.

Ele parou junto a uma das grandes poltronas, soltou sua mão, foi ao fogo e o alimentou, lançando outro tronco.

Logo cruzou a sala para outra lareira situada na parede do outro lado da cama e alimentou o fogo, com um tronco da enorme pilha a seu lado e o jogava sobre as brasas ardendo.

Então cometeu o pecado número dois.

Caminhou para trás, sentou-se em uma das poltronas, inclinou-se para frente, segurou sua mão e apertou firme, mas com um suave puxão de modo que ela saiu de seus pés com um leve, surpreso e incontrolável grito. Moveu o corpo ao cair e aterrisar em seu colo.

Ela parou e se afastou, mas seus braços se fecharam ao redor dela.

—Um... — Murmurou com cautela. — O que está fazendo?

—Como eu disse, depois do café da manhã, eu explicaria tudo. — Com os braços cada vez mais tensos, puxando-a mais perto. — Então irei explicar. —Terminou.

—Um... — Murmurou novamente, ainda mais cautelosa, tentando não se alarmar. — Pode me explicar sentado aqui enquanto eu me sento ali naquele sofá?

Ela pensou, considerando que apenas o conhecia a uma hora, era um pedido razoável.

—Não.

Ali estava. O Callum firme.

Aparentemente ele não achava muito razoável.

Sonia discordou.

—Eu ficaria mais confortável no sofá. — Ela informou.

—Ficaria mais confortável no meu colo se relaxasse. — Respondeu.

Certo, talvez não estivesse louca.

Talvez estivesse.

Em lugar de relaxar, ficou mais tensa.

—Mal te conheço. — Apontou.

—Temos uma semana para resolver isto. —Respondeu.

Ela o olhou firme.

—O que significa isto? — Perguntou ela.

Ignorou completamente sua pergunta e fez outra.

— Porque me chamou de “lobo”?

Ela piscou.

Logo perguntou.

— O que?

—Nesta manhã, quando acordou, chamou-me de “lobo”.

Oh Deus meu.

Não poderia lhe contar seus sonhos.

Nunca.

Em um milhão de anos.

Ninguém sabia de seus sonhos e ela não iria compartilhá-lo com este homem que acabou de conhecer, o que era importante observar, um sequestrador!

E de qualquer forma, mesmo ela, não sabia por que o chamava assim em seus sonhos.

—Não o fiz. — Mentiu. — Fiz? — Acrescentou.

—Sim, o fez. Sabe que sim. Lembra-se de cada segundo desta manhã.

Puta merda!

Tinha uma grande memória, fotográfica não chegava nem perto. Era outro de seus dons.

Ele sabia? E se sim, como sabia?

Ela também não queria a resposta.

—Pensei que estivesse sonhando. — Lembrou.

—Sim, percebi isto. Ainda assim me chamou de “lobo” e quero saber por quê.

—Pensei que esta cabana tivesse se incendiado. — Sonia mudou de assunto e explicou. — Meus pais eram os donos há muito tempo. — Não que ele por alguma razão ímpia não

soubesse. — Disseram que queimou quando tinha sete anos. Bem, como ainda está de pé e não queimada e estou aqui, pensei que fosse algo impossível, ainda que obviamente não, considerando que não está queimada, assim achei que era um sonho. Não sabia o que estava fazendo.

A mão que descansava em seu quadril se curvou ao redor da cintura. Seu braço, já ali, ficou tenso.

Assim ele a aproximou mais.

A mão no peito dele apertou mais para trás.

Era mais forte que ela, mas lhe permitiu um pouco de espaço, não o suficiente, mas algo.

—Pequena, está escondendo algo de mim. — Disse em voz baixa, seus olhos sérios e não felizes. — Direi apenas uma vez. Não faça isso.

Não tinha certeza como responder.

O fato dele saber que ela estava escondendo algo, era estranho e alarmante. E que seus olhos ficaram sérios e irritados era simplesmente alarmante.

Ela decidiu responder ao olhar sério e não havia alegria em seus olhos, então piscou com muito, muito cuidado.

Como iria conseguir sair disso?

Oh merda, teria que lhe dar algo. Odiava, mas deveria fazê-lo.

Ela engoliu saliva.

Logo disse com voz trêmula.

— Você é muito bonito.

Sua cabeça inclinou de lado com surpresa.

Ela o ignorou e continuou.

—Pensei. — Sua voz ficou rouca e limpou a garganta. — Eu estava em um sonho. Sempre... —Fez uma pausa, respirou fundo e apressou-se em dizer. — Uma vez quando era criança, conheci um lobo. — Sua cabeça se moveu e olhou com preocupação enquanto seus olhos ficaram intensos. — Certo. — Assegurou, mal interpretando seu olhar. — Ia mencionar, sempre fui boa com os animais. Estava ferido, mas não era perigoso. Deixou-me ajudá-lo.

—Sonia... — Callum começou, mas ela falou sobre ele.

—Quando o conheci, eu o trouxe aqui, o lobo. E.... gostava do lobo. Era um lindo lobo. Vi lobos antes no bosque com meu pai, mas nunca um como ele. Era enorme e tinha esta dignidade... — Fez uma pausa novamente, percebendo que estava afastando-se do caminho e continuou. — De qualquer forma me impressionou. Nunca o esqueci e acho, que por pensar que estava em um sonho, vê-lo aqui nesta cabana, dado que da última vez me encontrei com um lobo, por alguma razão, o usei como um apelido carinhoso. — Ela puxou a respiração e logo disse. — Assim que aí está, por isso o chamei de “lobo”.

E isso não soava como uma mentira. De fato, estava muito satisfeita consigo mesma e talvez, por isso chamou Callum em seu sonho de “lobo” também, quem iria saber?

Quando ela parou de se felicitar, concentrou-se em seu rosto. Logo respirou fundo.

Seu rosto era suave e amável e se surpreendeu ao ver que seus olhos não estavam azuis, mas dourados.

Oh não.

Disse a si mesma com firmeza, que não gostava quando seus olhos ficavam assim — mas gostava.

De qualquer forma, como o fazia?

—O que? — Sussurrou ela, esquecendo as angustias quando seus olhos ficavam assim, mas a mão dele deslizou de suas costas até seu pescoço, os dedos pararam ali e ele forçou sua cabeça até o ombro.

—Nada, pequena. —Murmurou, mas sua voz era quente e gentil também.

Respirou fundo outra vez e disse a si mesma que seu corpo grande e quente não se sentia bem aconchegado ao seu — sentia sim — e sua voz rouca e suave retumbando em seu ouvido não soava maravilhosa — soava sim. Então se lembrou que estava em uma situação terrível, sentada no colo de um homem grande, forte, ainda que bonito era provavelmente

perigoso e não o homem dos seus sonhos — ainda que fosse, de certa forma.

Armou-se de coragem para começar a falar sobre o que queria.

—Quero ir para casa. — Disse em seu ombro.

—Não pode querida, pelo menos, por um tempo. — Foi sua resposta.

—Quero ir para casa. —Repetiu.

—Precisa ficar comigo. Quando isto terminar, não sei onde estaremos. Assim conversaremos quando acontecer.

Quando isso terminar?

E...

Não sabia onde estariam?

Do que ele estava falando?

Não se importava, não iria perguntar.

Assim suavemente disse.

— Callum, quando poderá me levar para casa?

—Pequena, não pode ir para casa. —Repetiu.

—Eu te darei um milhão de dólares.

Segurou a respiração e esperou.

Ele ficou em silêncio.

Oh não. Falou um valor alto demais muito rápido? Ou ele estava irritado por saber que ela tinha mais que isso? Ela tinha, ele deveria saber, uma vez que ela era sua refém.

Enquanto estes pensamentos passavam por seu cérebro, sentiu seu corpo tremer sob ela.

Levantou a cabeça e viu que ele sorria. O tremor de seu corpo era porque estava rindo dela.

—Não acho graça. — Disse perdendo a paciência.

—Acha que a sequestrei. — Disse.

Sua boca se abriu novamente — e de novo.

—Desculpe? — Perguntou depois de fechá-la.

Sua cabeça se inclinou para baixo e ele acariciou sua testa com a dele de uma forma tão terna que ela disse a si mesma que odiava — quando absolutamente não o fazia — antes de dizer. — Minha pequena, eu não a sequestrei.

De repente ela ficou irritada por ele chamá-la de “pequena” e o fato deste homem na vida real fazê-lo, era a pior piada cósmica de todas.

Talvez isto a deixasse como uma idiota, mas não se importava.

Ela puxou a cabeça para trás.

—Certo, Callum, isto é o que sei. — Declarou. — Dois homens entraram na minha casa, me agarraram, falaram sobre me estuprar e de repente, ainda que na metade da noite e sem

fazer ruídos, está você ali para salvar o dia. Em lugar de chamar a polícia ou uma ambulância quando perdi a consciência, você me tira da cidade e me traz para uma cabana no bosque. Uma cabana que convenientemente tem roupa nova e artigos de higiene, tudo o que gosto. É todo doce, mas mandão ao mesmo tempo e conheço seu jogo. Não é meu salvador. Sabe que sou rica. Diga seu preço, dê-me seu telefone, vou transferir o dinheiro para você sem problemas. Então poderá me levar para casa para continuar com os preparativos para o Natal e você poderá ir para a praia ou encontrar alguém mais para enganar.

Observou-a por um momento, aparentemente perturbado com o rumo de seus pensamentos sobre a situação e a forma contundente como ela lhe informou este fato, assim respondeu.

— Certo Sonia, agora irá ouvir o que realmente está acontecendo.

— Isto deve ser bom. — Sonia murmurou com sarcasmo.

— Não, não será bom. — Respondeu sério. — Provavelmente irá se assustar, provavelmente não irá acreditar em nenhuma palavra que disser, mas também é a verdade.

Ela o fulminou com o olhar.

Ele suspirou.

Logo falou e cometeu o pecado número três.

Além disso, tinha razão. O que disse a assustou. Mas a forma como dizia mostrava que ele acreditava, o que deixava tudo ainda pior.

—A noite, dois homens entraram em sua casa. Eu sabia que iriam fazê-lo porque me entregaram as informações onze horas antes sobre a trama. Sou, é melhor entender bem isso, o líder de um bando que tem milhares de membros em todo o mundo. Aqueles eram soldados do bando rival. Você, pequena, é importante para mim. Eles sabem disso e queriam tirá-la de mim. O que fizeram rompeu um tratado que era frágil no melhor dos casos. Agora estamos em guerra.

Sonia já não o olhava.

Ela estava assombrada.

Queria evitar as perguntas que chegavam. Mas não podia.

—É o líder de um bando? — Perguntou.

—Sim. — Respondeu ele.

—Que tem milhares de membros?

—Sim.

Ela ficou olhando seu lindo rosto.

Era lindo. Não havia dúvidas.

Mas estava louco como o chapeleiro.

Por alguma razão continuou dizendo.

— Sou importante para você?

—Muito.

—Por quê? — Sua voz estava cada vez mais aguda. — Mal me conhece.

—Chegaremos a isso mais tarde.

Ela piscou surpresa e irritada pôr como uma idiota ainda dizer.

— O que quer dizer com que “eram” soldados? O que aconteceu com eles?

—A noite eu os executei.

Sonia ofegou ante esta notícia e logo ficou tensa, pronta para fugir.

Seus braços se fecharam ao redor dela, negando qualquer tentativa de fugir.

Era muito tarde, sabia e em um esforço instintivo de autoproteção, renunciou.

—Você os matou. — Sussurrou horrorizada por ele fazer tal coisa e igualmente horrorizada por ele lhe contar isso com tanta... com tanta... calma.

Não eram bons homens. Eram uma ameaça. Não ameaça por se embebedar e entrar em brigas, por gritarem muito nos jogos de beisebol, agarrar e mandar beijos para as mulheres quando passavam por eles. Não, eram muito, muito piores. Ela sabia. Sentiu uma vez mais. E eram novos, a ameaçadora presença ficou por perto apenas por um tempo, mas sabia que a

estavam seguindo durante semanas. Invadiram sua casa e discutiram sobre estuprá-la.

Mas executá-los?

—Eles a tocaram. — Respondeu Callum.

—Eu sei.

—Tinham a intenção de estuprá-la.

—Eu sei! — Gritou ela sem se importar com sua força e o fato dele poder submetê-la facilmente e até machucá-la, então começou a lutar em seus braços.

Suas mãos deslizaram por seu cabelo e se contorceu.

Acalmou-se com o início de uma dor que era ainda suave, mas caso se movesse, iria piorar.

Seus olhos continuavam dourados quando aproximou o rosto.

E sua expressão era feroz e irritada e muito, muito assustadora.

—É minha companheira Sonia, minha Rainha. — Anunciou, sua voz extremamente igual a seu rosto, suas palavras, simplesmente uma loucura. — Estava destinada a mim antes que fosse concebida. Estive esperando por mais tempo do que posa imaginar. E a tocaram antes que eu a tocasse. Cometeram alta traição e por isso apenas a execução seria justa. Por tocá-la, suas mortes não foram rápidas.

Sonia descobriu que segurava a respiração.

Callum não parecia perceber.

—Irei explicar mais a medida do passar dos dias, mas isto você sabe. É minha, Sonia Arlington. Foi minha por séculos. Tem uma semana... uma semana... para me conhecer e entender minha cultura. Queria poder ter mais tempo, mas depois do que aconteceu a noite, meu povo está em guerra. Sou seu Rei, eles precisam de mim. Não tenho tempo sobrando, mas independente deste fato eu irei lhe dar uma semana. Usarei este tempo sabiamente e sugiro, pequena, que você também o faça. Isto será melhor se o fizer.

—O que? — Sussurrou apesar de si mesma, sem entender nem a metade do que disse e sem saber que parte do “que” ele não estava entendendo?

Sua mente se concentrou em um ponto de muitos.

— O que será muito melhor?

Ele aproximou seu rosto.

— Ao final desta semana, pequena, estaremos voando para a Escócia. Teremos uma cerimônia de acasalamento e a partir deste momento, será obrigada e me obedecer pelas leis de meu povo, assim como será minha até a morte.

Obviamente ela fez a pergunta errada.

—Estarei... o que? — Gritou. Sim, em seu rosto.

—Obrigada a me obedecer.

—Estarei... obrigada... a.... obedecer... você... —Repetiu, enunciando cada palavra com um horror claro e aberto.

Ignorou seu horror.

—Até sua morte.

Tentou se afastar.

A mão em seu cabelo, o braço ao redor de seu corpo e sua força era de dar inveja a Hercules e deixava tudo inútil.

Assim que sussurrou.

— Oh meu Deus.

Ignorou isso também e disse.

—Pode ser que tenha notado que não tem sapatos.

Sonia piscou uma vez mais.

Logo concordou com a cabeça.

Callum continuo de imediato, mas em outro assunto.

—Irei terminar lá fora, a tempestade já está aqui. Estão prevendo neve, talvez alguns centímetros. A eletricidade pode acabar facilmente e o isolamento não é o melhor. Precisamos do fogo. Pode nevar toda a noite. Tenho que cuidar de tudo.

Com este anuncio, ficou de pé, levando-a com ele. Em algum lugar em sua mente confusa, distraída, devastada, oh meu Deus o que irá acontecer comigo, ela notou que nenhum outro homem a levantou fácil assim — não em absoluto — e a segurou contra o peito como se não pesasse mais que plumas.

Virou-se e a colocou na poltrona, com os joelhos contra o peito, os pés no assento.

Inclinou-se e colocou uma mão em cada lado da poltrona.

—Tome um tempo, aceite o que acabo de dizer. Se tiver perguntas, conversaremos depois do almoço.

Olhou para suas costas enquanto caminhava pela cabana e saía pela porta traseira.

Logo girou a cabeça para olhar para as janelas dianteiras e viu que a neve começou a cair.

Forte.

Então percebeu que não chegaria muito longe em uma tempestade de neve sem sapatos, mesmo se conseguisse escapar.

E tinha que escapar.

Porque estava presa em uma cabana com um louco assassino que pensava que era sua Rainha e tinha a intenção de prendê-la até que morresse.

Então, para sua vergonha, Sonia sentiu que uma lágrima caía de seu olho e deslizava pelo rosto enquanto seu medo extremo superava qualquer coragem que pudesse reunir.

Essa lágrima foi seguida por outra.

Logo outra.

E logo mais outras.



Capítulo

5

Incompatibilidade

Callum terminou de dividir os troncos e empilhá-los na varanda traseira, na qual instalou janelas contra tempestades esta manhã enquanto Sonia dormia.

Estava preocupado com a tempestade. As nevascas eram previstas como fortes e isto poderia anular a rede e interferir no sinal do celular. Além disso, se algo acontecesse não queria ter neve dentro da cabana. Poderia se transformar, mas Sonia não.

Em qualquer outro momento, ficaria encantado com a neve em sua cabana. Desde que a comprou há décadas, passou uma grande quantidade de tempo ali. Independente do fato de seu título chegar aos castelos da Escócia, Inglaterra e França, uma mansão na costa leste dos Estados Unidos e seu direito de ocupar qualquer mansão territorial enquanto viajava, brincou com a ideia de conversar com Sonia para viverem ali. Em sua cabana por um longo período depois de terem ganhado a

guerra. Pelo menos até que começassem a ter filhotes. Lembrava dos anos que passou nas Montanhas Rochosas canadenses e gostava de sua intimidade, o denso bosque que o rodeava, percebendo e sentindo o cheiro da vida silvestre.

Uma vez ela disse que amava aquele lugar, foi uma das razões pela qual a comprou. A outra era ele também amava e este era o único lugar apenas deles, sem mencionar que ela pensava estar em um sonho quando acordou ali.

Pensou que não seria difícil influenciar em sua forma de pensar.

Este pensamento era tudo o que iluminava o pensamento de Callum de manhã.

Assim entrou na casa, tirando as luvas e jogando-as sobre o balcão da cozinha.

No entanto, ao entrar, seus olhos foram diretamente para Sonia.

Ela não o olhou. De fato, não se moveu.

Estava sentada onde a deixou, enroscada com o pescoço torto olhando por cima do encosto da cadeira e pela janela, para a neve que caía.

Por um momento brilhante naquela manhã, pensou também que sentiu sua conexão, como todos os lobos ao instante e poderia dispensar com gratidão esta piada de cortejo, reclamá-la, agarrá-la e mantê-la ao seu lado.

Também, por um momento nesta manhã, exultou o fato de que ela não era o que ele temeu quando leu os vários relatórios que foram liberados para ele depois da morte de seus pais ou quando ele a observou caminhar até sua casa na noite anterior. Foi a primeira vez que a viu em pessoa, desde que a conheceu há anos, na véspera de Natal.

Por outro momento naquela manhã, exultou que ela estivesse bem, atenta a seu lobo, cheia de vida e tudo o que ele oferecia.

Sua atitude sensual e atraente de manhã, sua resposta a seu beijo, a sua coxa, a seu toque, pensava que o aprovava.

No entanto, seu péssimo e desagradável café da manhã e sua conduta logo após erradicou tudo isso.

Era linda sem dúvida. Ao ler os relatórios e ver suas fotos, isto o despertou. Era um homem, mas especialmente um lobo. Teria que estar morto para que suas fotos não o afetassem.

No entanto, era vagamente alarmante a vida incolor que levava. Porra, até sua casa estava pintada de cinza claro. Mas quando seus irmãos a recebessem de braços abertos, Callum esperava que ela florescesse sob sua adulação.

Ainda assim, tinha que admitir, em circunstâncias normais, além de notar sua beleza, ela não o tentaria e quando os lobos encontravam seus companheiros, isto não era apenas incomum, era sem precedentes.

Ele conviveu com seu quinhão de seres humanos, não era isso.

Era que não gostava de loiras.

E também não gostava de mulheres magras.

Não era tão magra como alguns humanos que morriam de fome e se exercitavam, era verdade, mas definitivamente não era tão curvilínea como uma loba ou as humanas que ele escolheu.

E detestava falar de comida saudável, gordura, colesterol e qualquer coisa similar. Não se sentia atraído por mulheres que contavam as calorias, andavam se salto alto e usavam vestidos sob medida. Ele também não se sentia atraído por mulheres que eram excessivamente vaidosas, fazendo sua ridícula missão de ter o cabelo perfeito, a maquiagem e as unhas. Isto não servia de nada para ele. Callum desprezava a ideia de desperdiçar a preciosa vida fazendo dietas e se embelezando. Sentia mais desprezo pelas mulheres que se dedicavam a estas atividades como Sonia, sabia pelos relatórios, mas saberia pelas unhas perfeita e a pele.

Nas raras ocasiões em que não estava empenhado em suas funções ou dedicado a guerra, preferia se transformar em um lobo e correr ao ar livre. Ou fazendo qualquer coisa ao ar livre, de preferência cortando madeira. Ou embebedando-se com cerveja ou uísque com seus irmãos. Ou comendo muito. Ou na cama com alguma fêmea humana ou loba que não apenas sabia brincar, mas que gostava de foder e estava disposta a entregar-

se a ele para que pudesse satisfazer suas necessidades, mas também para que pudesse aliviar seu próprio desejo.

Não bebendo martinis em bares elegantes, fazendo compras ou comendo minúsculas porções de culinária gourmet.

E Sonia Arlington parecia, atuava e foi relatada como uma mulher que preferia empenhar-se neste último.

No entanto, estavam conectados. Mesmo quando se questionou sobre isso, ele sentiu que fervia em seu sangue, em seu ventre e nesta manhã, ela deu-lhe uma esperança muito tênue de que talvez houvesse algo mais em Sonia Arlington.

Ele se aproximou de sua poltrona e agachou-se ao seu lado.

Ela não moveu seu olhar da nevasca.

—Sonia. — Ele chamou suavemente e ela virou a cabeça.

Ela já não estava chorando, mas viu as marcas das lágrimas em sua maquiagem. Nem sequer as limpou.

Sentiu um estranho sentimento no peito ante a visão. Ignorou isto e endireitou-se, segurou sua mão e a tirou do sofá. Segurando-a, levou seu corpo irresistível pela sala e a girou para ficar de frente a ele.

Tinha pouco tempo para se acostumar a ele e ensiná-la os caminhos de sua nova vida, mas sabia que neste momento poderia precisar de um pouco de espaço.

No entanto, ninguém deveria ficar ocioso. Precisava de algo para fazer.

Inclinou a cabeça para as sacolas de compras e a bolsa de couro.

Ele apertou sua mão antes de dizer de forma tranquila.

— Tire tudo das sacolas, as suas e as minhas. Limpe a cozinha. Vou tomar um banho.

Viu seus olhos brilharem com a ordem, mas acostumado a que as pessoas seguissem suas ordens sem questionar, não pensou em nada, soltou sua mão e foi para sua mochila. Pegou uma roupa limpa e foi para o banheiro.

Enquanto estava tomando banho, a ouviu se mover, guardar suas roupas, arrumar as sacolas, limpar a cozinha.

Algo nisto o incomodava.

Era irracional, mas preferia que fosse rebelde. Ao menos isto seria interessante.

Em seu curto tempo juntos, ela teve ataques leves de coragem e fogo, mas sempre cedia.

Muito rápido.

Limpou o espelho e olhou a si mesmo, decidindo não se incomodar em se barbear e também pensando na semana e de fato na vida com a saudável, mimada e obediente Sonia.

Seu pai era um homem paciente, aceitando ser o homem que ensinou a seu filho muitas lições e o testou muitas vezes.

Mac não conseguiu, no entanto, ensiná-lo paciência ou aceitação.

Callum deixou sua roupa no cesto e saiu do banheiro.

A cozinha estava limpa e Sonia em uma poltrona, uma xícara em seus dedos perto de seu rosto. Os olhos sobre o fogo.

Uma loba nunca poderia ficar assim.

Se ele estivesse ali com uma, ela o atacaria quando saísse do banheiro.

Merda, ele a colocaria para forma por querer tomar um banho sozinho.

Se não, estaria fazendo algo. Assar, organizar a cozinha, encontrar algum tipo de trabalho, sem importar o que fosse. Porra, inclusive lendo ou nestas circunstâncias, conspirando.

Não olhando fixamente para o fogo.

Seu celular tocou no bolso traseiro e quando ele o alcançou, a viu girar lentamente a cabeça para ele.

E tinha que admitir que quando os olhos verdes o golpearam, ela era linda.

Muito bonita.

Maravilhosa.

Nunca se cansaria de olhá-la.

Ao menos tinha isto.

Ele abriu o telefone e o colocou no ouvido enquanto seu olhar se movia para o fogo.

—Callum. — Respondeu e caminhou para parar atrás do sofá e estudar o perfil branco, mas elegante.

—Cal. — Disse Ryon em seu ouvido. — Achei que quisesse saber, Mona não tem nada a ver com isso.

Não era uma surpresa. Sua ex-amante não era inteligente o suficiente para conspirar. Nunca entendeu porque se envolveu com esta loba, era incrível na cama, mas era uma idiota.

—Dois dos guardas da mansão estavam envolvidos. Estão sob custódia e a caminho da Escócia para julgamento. — Ryon continuou.

—Excelente. — Murmurou Callum.

—Ainda estamos interrogando outros. — Continuou Ryon. — Os dois que rompemos juram que estavam trabalhando sozinho e não nos deram porra nenhuma de sobre como descobriram sobre Sonia. Vamos continuar trabalhando, mas meu instinto diz que não tem nada limpo nisto e a captura dos dois não minimizará as coisas. É algo maior.

O instinto de Callum também dizia o mesmo e esperava que não fosse verdade. Uma rebelião derrubou seu pai e há anos, seu irmão mais novo. O tratado era simples demais para eles.

Ele queria sangue, então rendição.

—Acalme-se. — Ordenou Callum.

Houve um silêncio.

—Como está Sonia?

Ryon, por outro lado, deixou muito claro que a Rainha de Callum não o deixaria entediado.

Ryon tinha muito mais paciência e aceitação que Callum. Desfrutava da caça a tímidas mulheres. Gostava de sair, outra coisa que Callum detestava. Preferia agarrar tudo. Raramente participava de um encontro, isto o deixava frio. Ryon adorava isto, brincar com elas, atraí-las, até mesmo atormentá-las até ir para o finalmente.

Callum nunca o entendeu.

—Ela está... — Callum começou a falar, mas parou quando viu todo o corpo de Sonia.

Logo girou a cabeça para olhar para o banheiro e sem demora, saltou do sofá, explodiu sua xícara de café na mesa e correu para o banheiro.

—Ela o que? — Perguntou Ryon em seu ouvido, mas Callum ouviu a procura de Sonia, irritada, mesmo frenética, no banheiro. — Cal? — Ryon perguntou.

Callum não respondeu por que Sonia saiu correndo do banheiro, parou e o olhou fixamente.

—Minha injeção. — Sussurrou.

—O que? — Perguntou Callum, olhando seu rosto pálido.

Ela adiantou-se de propósito e parou diante dele.

—Não trouxe minha injeção. — Disse.

—Cal? O que está acontecendo? — Ryon perguntou em seu ouvido.

—Um minuto. — Respondeu Callum, tirando o telefone do ouvido e perguntando a Sonia. — Que injeção?

—Minha injeção. — Repetiu. — Minha medicação. Preciso dela todas as noites. — Sua estranha calma começou a se evaporar e sua voz ficou alta quando ela exigiu. —Temos que voltar para a cidade agora mesmo!

Certo, talvez não estivesse olhando fixamente o fogo.

—Não iremos voltar para a cidade. — Disse com firmeza.

Ela deu o último passo que os separou e agarrou seu pulso, movendo-o.

—Não entende. Preciso dela.

Callum a observou e logo colocou o telefone de volta que estava por certo na mão unida ao pulso que ela segurava e não soltava.

—Ouvii isso? — Perguntou a Ryon.

—Do que se trata? — Perguntou Ryon.

—Sabe algo sobre uma injeção? — Perguntou Callum.

—Não. — Respondeu Ryon.

Ryon sabia tudo sobre Sonia Arlington. Recebeu suas ordens e Ryon era um excelente soldado.

O melhor.

Callum tirou o telefone da orelha e lhe advertiu.

— Sonia, não é uma boa ideia jogar este jogo.

Seus olhos se abriram e ela sacudiu seu pulso.

—Não estou jogando nada! —Gritou, sua voz trêmula pelo medo.

Quando Callum não respondeu, seu rosto ficou mais pálido. Ela puxou seu pulso e deu um passo atrás, cravando as unhas em seus cabelos na testa, puxando seu peso para trás e segurando.

Logo respirou fundo, abaixou as mãos, inclinou a cabeça para trás e disse com voz forte. — Callum, estou falando muito sério. Tenho um transtorno sanguíneo hereditário e raro. Se não tomar esta injeção a noite, ficarei doente. Se ficar doente e morrer, nunca conseguirá o dinheiro do sequestro.

Callum continuou olhando-a sem dizer uma palavra.

Ela era, lembrou-se de seu breve encontro a trinta e um anos atrás, muito esperta.

Ela era, ele sabia agora, não menos esperta.

Ela deu um passo na direção dele, pois quase se afastou e inclinou a cabeça ainda mais.

—Se não conseguir aquela injeção, meu sangue vai superaquecer. E não estou brincando. Vai aquecer e aquecer até ferver meus órgãos dentro do meu corpo. — As mãos dela foram aos bíceps dele. —Eles vão falhar, eu vou morrer, mas antes disso, irei agonizar. — Os dedos dela apertaram os braços dele. —Callum, isto não é um jogo. Leve-me para casa, verá quando me levar para casa!

Deus, ela era boa.

—Não vamos sair desta cabana. — Ele decretou e ela imediatamente fez um barulho de frustração, misturado com medo, no fundo de sua garganta.

Então ela se afastou novamente e jogou o braço para indicar as janelas.

—Olha aquilo lá fora! — Ela gritou. —Vai nevar dentro de algumas horas. Nós nunca sairemos daqui. Essa medicação não é vendida nas farmácias!

Que conveniente, Callum pensou.

—Claro que não é. — Murmurou Callum.

Ela deu um passo para frente e piscou antes de estreitar os olhos.

—Não é vendida em farmácias Callum, porque minha doença é muito rara, não tem uma demanda para isso. Pego diretamente em meu médico pessoal onde Gregor pegava antes de mim e meu pai antes dele. Preciso do medicamento, está em

casa. Não podemos ir à farmácia local com uma receita e pedir para o farmacêutico!

Callum ouviu Ryon chamando seu nome pelo telefone ainda aberto em sua mão e colocou-o no ouvido.

—Ry. — Ele disse.

—Ela acha que a sequestrou? — A voz de Ryon estava cheia de humor.

—Evidentemente. — Callum respondeu com paciência forçada.

—Isso é hilário. — Ryon comentou, soando como se realmente achasse hilário, porque estava rindo através de suas palavras.

—Ryon. — Uma única palavra de Callum mostrou que sua paciência diminuía rapidamente.

—Deixe-me checar. — Ryon respondeu.

—Ela está blefando. — Callum retornou.

—Não há nenhum mal em me deixar verificar. Se não for nada, ligarei para você. Se ela estiver dizendo a verdade, mandarei alguém subir a montanha. — Ryon ofereceu.

—Faça isso. — Callum ordenou.

—Farei. — Ryon respondeu e Callum ouviu-o desligar.

—Tenho um homem verificando sua medicação. — Callum disse a Sonia e observou as sobrancelhas dela subirem antes dela visivelmente relaxar.

—Obrigada. — Ela sussurrou com emoção.

Estava levando isso longe demais.

—Sonia. — Ele chamou, recuperando a atenção dela que saiu do foco, em seu aparente alívio extremo. —Estou lhe dizendo agora, se isto for um jogo, não vou gostar.

Sua mandíbula ficou tensa e ela virou a cabeça, seu cabelo balançando sobre seus ombros.

—Ligue para seu homem de volta. — Ela exigiu. —Diga que está na caixa verde de remédios no armário do meu banheiro. As agulhas na caixa azul ao lado. Se temos que ficar aqui uma semana, vou precisar de tudo isso. — Ela começou a se virar, mas depois recuou e então levantou seu olhar irritado para ele. —E o recipiente de objetos cortantes.

Então ela pisou duro, sim, pisou duro para o banheiro e bateu a porta.

Callum olhou para a porta e em vez de sentir raiva de seu jogo, sentiu-se excitado por seu espírito.

—É assim que eu gosto. — Ele murmurou, então se virou para jogar outro tronco ao fogo.



Meia hora mais tarde, depois que Sonia passou algum tempo no banheiro organizando seus produtos de higiene pessoal, reorganizando seus produtos de higiene pessoal, reorganizando as toalhas, limpando histericamente o espelho e a pia, se sua audição estivesse correta “e sempre estava” ela saiu do banheiro.

Em seguida, andou de um lado para o outro.

Callum, em seu laptop no balcão da cozinha, ignorou-a.

Em seguida, o telefone tocou.

Ela parou de andar, girou e olhou para ele.

Callum a observou.

Ela parecia gloriosa em sua raiva.

Sim, ele gostava muito mais desta Sonia.

Não tirando os olhos dela, puxou o telefone do bolso e o levou até o ouvido.

—Callum.

—Ela não está mentindo. — Ryon disse e Callum não soube o que fazer com essa informação. Provou que ela não estava blefando e ainda forneceu a indesejável informação de que sua companheira tinha uma rara doença sanguínea que se não fosse tratada, poderia levar a uma morte agonizante.

Algo sobre isto o atingiu de uma forma como nunca se sentiu antes em toda a sua vida.

—Mande um homem trazê-lo para a cabana. — Callum ordenou e observou os ombros de Sonia caírem, enquanto inclinava sua cabeça para trás e olhava para o teto com os olhos fechados e um extremo alívio por seu rosto.

Porra, se ele tivesse pagado para ver, ele a teria matado.

O que o abalou ainda mais.

—Até falei com o médico dela. — Ryon, sempre minucioso, disse em seu ouvido enquanto Sonia vagava até a cozinha e começava a tirar coisas da geladeira e armários. —Ela tem uma doença rara no sangue. Nunca ouvi falar disso, tem cerca de dezessete longas sílabas. Herdou de seu pai. — A voz de Ryon abaixou. —É grave, Cal. Ela pode morrer com isso.

—Como perdeu isto? — Callum retrucou.

Ryon riu e Callum viu vermelho. —Mac, e você, eu vou lembrá-lo, não permitiam que qualquer dos irmãos a espionasse enquanto estivesse dentro de sua casa. A seguíamos pelas lojas. Monitorávamos suas compras e despesas. Vasculhávamos o lixo, mas você nunca nos deixou entrar na casa dela ou observá-la na mesma. Ela visitava o médico regularmente, mas os registros são confidenciais, o que, a propósito, significa que eu tive que persuadir o médico para conseguir que ele me dissesse alguma coisa. Ela tem uma prescrição mensal de controle de natalidade, que soubemos a partir de uma leve invasão que fizemos em seus registros há algum tempo. Ela as pegava todo mês com seu médico, juntamente com as injeções

que não conhecíamos. Mas esta doença ela tem desde o nascimento. Descobrimos o que Caleb rastreou, mas tivemos que voltar anos e mesmo assim, foi enterrado, quase como se estivesse escondido. As informações sobre sua doença e a receita para as injeções estavam protegidas por muitas senhas, mesmo Caleb teve problemas para desbloquear.

Mesmo que isso fizesse sentido, Callum não gostou.

Não apenas porque eles deixaram isso passar e a falta do medicamento poderia tê-la matado, mas também pelo fato de que o fazia sentir uma estranha sensação de mal-estar pôr a informação estar escondida, protegida, segura. Registros médicos eram confidenciais, mas por que esta condição de risco seria guardada tão cuidadosamente? Em caso de emergência, essa informação não precisaria estar prontamente disponível?

Os olhos dele se moveram para Sonia e pelo que viu, soltou a inquietação que sentia. Certo então, tinha coisas mais importantes com que lidar.

—Está nevando por aí? — Callum perguntou.

—Nevando muito. — Ryon respondeu.

—Não nevou aqui na montanha. O homem que virá pode precisar de uma motoneve ou um ATV², qualquer coisa, mas precisa trazer esta medicação até a noite. Está entendido?



—Falei com o médico, Cal. Eu sei como isso é importante.
— Ryon retornou calmamente. — Estou enviando Waring. Ele sabe que é prioridade e é para a Rainha. Ele é um bom homem. Estará aí com os remédios.

Callum sentiu seu corpo endurecer.

—Ele sabe...?

—Cal, não faça essa pergunta. — Ryon interrompeu calmo. —Ele não sabe o que há no pacote, apenas que a Rainha pediu.

Ryon, Callum sabia, nunca iria expor a fraqueza de Sonia. Apenas o círculo interno “que seria Callum, Ryon e os irmãos de sangue, Caleb e Calder” saberiam desta revelação mais recente.

Callum mudou de assunto.

—Mais sobre a trama?

—Nós estamos ampliando a rede.

—Eu quero relatórios regulares.

—Você os terá.

—Mais tarde. — Murmurou Callum.

—Boa sorte. — Ryon respondeu, sua voz cheia de humor por ouvir a conversa entre Callum e Sonia.

Callum não respondeu. Desligou o telefone.

Sonia estava preparando o almoço como se ele consistisse de uma enorme salada e nada mais.

Não, na verdade, Sonia parecia estar punindo os legumes que logo seriam o almoço, se o seu uso frenético da faca não estivesse em qualquer outra coisa.

Callum empurrou o telefone no bolso de trás, deslizou do banco e desviou do balcão indo em direção a ela.

Ficou próximo quando ela girou e levantou a faca, não para desferir contra ele, mas apenas apontando.

—Você não chegue perto de mim. — Ela surtou, balançando a faca na palavra “você”. Então se voltou para a cenoura que estava aniquilando e continuou cortando. — Poderia ter me matado.

—Estou ciente. — Respondeu ele, forçando sua voz a ser suave.

Seus ombros enrijeceram, mas ela continuou cortando.

—Rezo a Deus que quem estiver com meus remédios chegue aqui a tempo.

—Eles estarão aqui. — Ele disse firme.

—Nunca o perdoarei por isso, mas se tudo não terminar da maneira que espero. — Ela se virou na palavra “espero” e estreitou o olhar para ele. — Será assim, não estarei aqui tempo suficiente para perdoar.

Sua declaração o atingiu ainda mais, mas não deixou transparecer.

—Pare de cortar e coloque a faca no balcão. — Callum ordenou suavemente e ela imediatamente atendeu ao seu comando. Batendo com a faca no balcão e pegando a tábua de corte, despejando a cenoura em cima das folhas da salada já em uma tigela.

Fazia tudo com raiva, havia cenouras em todos os lugares.

Ela ignorou a chuva de cenouras, bateu a tábua de volta e pegou um pepino.

Ele avançou, posicionando-se atrás dela e segurou seus pulsos, os dois e envolveu os braços dela e dele ao redor de seu abdômen enquanto se inclinava para baixo para que sua boca estivesse na orelha dela.

Seu corpo inteiro, da cabeça aos pés, ficou tenso ao seu toque.

Ele ignorou e murmurou.

—Peço desculpas por lhe preocupar, pequena.

Como uma criança, em sua nítida lembrança, ela era uma boneca viva. Ele nunca se esqueceu dela, nenhuma característica, em nenhum minuto.

Ele ficou satisfeito naquela manhã ao ouvir que ela não o esqueceu também e mais satisfeito ao saber que o encontro deles claramente teve um efeito tão profundo sobre ela, como

teve sobre ele. Isto deu-lhe uma tênue esperança de que ela entenderia a conexão deles em algum nível e poderia, em breve, abraçá-lo de coração.

Com esse pensamento, ele puxou-a mais forte contra si.

Ela ficou em silêncio.

—Sonia. — Ele chamou.

—Vou aceitar seu pedido de desculpas no momento em que seu homem entrar por aquela porta.

—É justo. — Ele concordou.

—Agora, tire suas mãos de mim. —Ela exigiu.

—Não. — Respondeu ele.

Ela ficou ainda mais dura.

Callum ignorou novamente.

—Meu povo é afetuoso, Sonia. Nós nos tocamos. Nos abraçamos. Somos carinhosos. — Entre outras coisas mais agradáveis, ele decidiu ser sensato e não compartilhar naquele momento. —Você precisa se acostumar com isso.

—Bem, não pertenço a nenhum povo, portanto, não estou acostumada a afagar, tocar e abraçar. Especialmente homens que conheci a poucas horas. Agora, solte-me! — Ela repetiu.

Sua resposta foi puxá-la mais perto.

A resposta dela foi ficar ainda mais rígida.

Ele decidiu mudar de assunto e disse.

—Se você acha que irei comer salada no almoço...

—Vou fazer sanduíches de queijo grelhado para você. Pode ter queijo em todas as refeições que eu não me importo. Eu comerei salada... — Seus braços se endureceram com este desafio, mas ela continuou. —Tive comida o suficiente para duas refeições no café da manhã, mas preciso de algo leve antes do jantar e você terá que me forçar a comer se quiser algo diferente.

Callum sorriu em seu cabelo.

Finalmente estava começando a gostar disso.

Portanto, ele concordou.

—Tudo bem, Sonia.

—Agora, por favor, poderia tirar suas mãos de mim?

Ele esfregou sua testa contra o seu cabelo, em seguida, deslizou os lábios ao redor da curva de sua orelha.

Ele gostava do cheiro dela. Era humana, mas isso estava longe de ser desagradável.

Com os seus lábios moldando a curva da orelha dela, ele sentiu um leve estremecimento através de seu corpo rígido, antes dela enrijecer novamente.

Sim, definitivamente, começava a gostar disso.

Ele moveu os lábios na pele atrás da orelha e repetiu.

—Tudo bem, Sonia.

Então ele a soltou e a viu começar a dizimar o pepino enquanto caminhava de volta para seu laptop.

Ele descobriu, vinte minutos depois, que ela fazia excelentes sanduíches de queijo grelhado.

E precisava admitir, a salada também não estava ruim.



Capítulo

6

Rei

Sonia estava de pé na cozinha aquecendo a chaleira para uma xícara de seu chá favorito, dizendo que não era grata a Callum por certificar-se que tivesse algo dele no estoque. Mas estava. Tomava chá o tempo todo. Não sabia o que ela faria sem ele.

Isso foi depois de passar uma tarde olhando o fogo e planejando sua fuga.

Fez isso enquanto o ouvia falar ao telefone dezessete vezes. Contou. Não havia nada melhor para fazer, exceto planejar sua fuga, claro.

Ou ele era um ótimo ator ou era um pretexto mais elaborado do que imaginava ou, ele de fato, tinha “homens”. Pelo menos três deles pode contar. Um chamado Ryon, um chamado Caleb e um chamado Calder e todos eles relatavam frequentemente uma série de coisas que soava ser

uma guerra, com assuntos que incluía Callum dando uma variedade de ordens como o líder do bando.

Ele também passou uma boa parte do tempo no seu computador.

Felizmente, o resto do tempo ele a deixou em paz, então pode planejar sua fuga.

E traçar o que faria.

Ela não tinha sapatos, mas tinha muitas meias e ele tinha vários pares de botas.

Tudo bem, então seus pés eram grandes como as mãos dele.

Mas se calçasse muitas meias, talvez pudesse manter suas botas no pé tempo suficiente para fugir.

E fugir era o que faria. Já fazia trinta e um anos desde que caminhou por aquela floresta com seu pai, mas quando era criança andava o tempo todo com ele e ela tinha uma boa memória. Seu pai adorava ficar ao ar livre, especialmente à noite e levava Sonia com ele.

Havia animais ali, mas não tinham medo dela. Seu pai também tinha esse dom especial. Eles viam a vida selvagem ao luar com sua visão noturna — o pai dela também — e lembrava-se muito sutilmente que aqueles tempos eram mágicos.

Lembrava-se também de uma caverna não muito longe que seu pai lhe mostrou.

Não apenas pelo abrigo, mas Callum imaginaria que iria procurar por ajuda, não se abrigar em uma caverna até que o caminho estivesse limpo.

Ela poderia levar um cobertor, empacotar a comida e ir ficar lá até o tempo melhorar e depois sair, encontrar alguém e denunciar o sequestro.

Se continuasse nevando, as pegadas dela seriam cobertas em minutos.

Além disso, tinha uma melhor audição, visão e olfato do que Callum. Ela seria capaz de senti-lo se ele fosse atrás dela.

Ele iria, mas seria tarde demais e depois de tudo o que aconteceu naquela manhã, a presença sedutora que percebeu na noite anterior, obviamente era o cosmos fazendo uma brincadeira cruel. Ela notou que era ele —e partiu seu coração — notou no instante em que ele entrou levando lenha e invadido a casa, quando ela abriu sua bolsa e guardou suas roupas.

Se ele fosse atrás dela e chegasse a qualquer lugar perto, ela saberia.

Assim que conseguisse sua medicação, esperava que não parasse de nevar. Então poderia fugir daquele assustador, mandão — mas bonito —idiota.

Eles jantaram e ela fez um grande bife, batatas assadas — com manteiga e nata, seus quadris nunca iriam perdoá-la — vegetais e pães. Ela não queria dar-lhe razão para prendê-la contra o balcão ou qualquer outra coisa que a deixasse irritada

e a fizesse querer arrancar seus olhos. E ela disse a si mesma que a refeição não estava absolutamente deliciosa —quando estava.

Agora iria tomar chá, examinar os armários para planejar o que levar, rezar para que seu “homem” conseguisse chegar através da espessa camada de neve que ainda estava caindo e então, encerraria a noite.

Quando ouviu o apito da chaleira, sentiu.

Alguém estava chegando.

Ela não fez nenhum movimento ou deu qualquer indicação de que sentiu alguma coisa.

Mas sabia que eles estavam chegando.

Oh meu Deus! Espero que sejam os guardas do parque, ela pensou.

—Espere aqui. — Callum ordenou e ela levantou a cabeça.

Ele saiu do balcão e foi rapidamente até o closet. Saiu carregando algumas de suas roupas e um par de botas.

Ele andou diretamente para a porta, virou-se para ela e declarou.

—Voltarei dentro de cinco minutos. Faça café.

Então ele se foi.

Ela olhou para a porta.

O que ele estava fazendo agora?

Então pensou, cinco minutos.

Será que teria tempo suficiente para juntar o que precisava, colocar mais roupas e sair de lá? Talvez até mesmo ver quem estava lá fora e pedir ajuda?

Não

Era um risco muito grande.

Teria que fazer isso quando ele estivesse dormindo. Cinco minutos não lhe daria uma vantagem suficiente e se não conseguisse encontrar quem estava lá fora, mesmo com seus sentidos aguçados, nesta tempestade, poderia se perder.

Ela não precisava ir da frigideira — sequestrada por um louco — ao fogo — perdida em uma tempestade de neve.

Ela precisava continuar com seu plano.

Ela se moveu para a cafeteira e estava despejando a água quando a porta se abriu.

Sonia virou-se para a porta e olhou.

Callum entrou, seguido por outro homem, também moreno, também alto — não tão alto quanto Callum, cinco ou sete centímetros mais baixo — musculoso, mas sem o mesmo volume. Ele também parecia mais jovem.

Mas ela olhou, porque ele estava vestindo as roupas de Callum.

Mas que porra?

Eles entraram, Callum fechou a porta, o olhar do homem foi para seu rosto e depois ele caiu imediatamente em um joelho.

Sonia se preparou para agir — embora ela não tivesse ideia do que faria — mas pensou por um segundo que ele poderia ter uma hipotermia ou algo assim. Mas viu quando sua mão foi para o chão ao lado de seu joelho e abaixou a cabeça.

Então, em voz forte e profunda que retumbou do outro lado da sala — mas de qualquer forma não importava, teria ouvido se ele dissesse a trinta metros longe e do lado de fora, nesta tempestade violenta — ele murmurou com reverência. — Minha Rainha.

Sonia engasgou.

Ele ficou curvado, com a cabeça baixa.

— Levante-se. — Callum murmurou calmo, mas, inconfundivelmente de uma maneira real.

Mas que porra era aquela?

O homem se levantou e sorriu para ela.

Então ele virou-se para Callum e comentou.

— Ela é bonita.

O olhar assustado de Sonia foi do homem para Callum que estava olhando para ela.

—Ela é. — Ele murmurou e em seguida levantou seu queixo para Sonia. —Waring precisa de uma xícara de café, comer alguma coisa. Cuide disso.

Sonia piscou quando Callum deu um tapa nas costas do homem e o levou para a sala.

O que estava acontecendo?

Ela não ouviu nenhum veículo. Ouviu e sentiu o cheiro de uma pessoa que se aproximava da cabana.

Aparentemente Callum sentiu também!

E por que ele estava com as roupas de Callum? Como conseguiu chegar ali a pé, em meio a uma nevasca sem um sopro de neve e sem roupa? E o que ele quis dizer com “Minha Rainha”? E o que Callum quis dizer com “Cuide disso”?

E o que lhe pareceu pertinente repetir, estava acontecendo?

—Sonia. — A voz firme de Callum veio para ela e seu corpo a sacudiu para fora de seu devaneio. —Café. Waring veio correndo os últimos dezesseis quilômetros.

Correndo?

—Sim, claro. — Ela murmurou tentando disfarçar seu alarme, tinha que admitir sua curiosidade e perguntou ao outro homem. —Como você quer tomá-lo?

—Com dois dedos de uísque. — Ele respondeu ainda sorrindo para ela. Esperou Callum pousar uma pequena bolsa

na mesa do café e sentar-se antes que tomasse seu assento, olhou Callum e repetiu. — Realmente, Sua Graça, ela é muito bonita.

Sua Graça?

—Eu notei. — Callum respondeu com humor em seu tom.

Apesar de tudo, ouvir Callum concordar que ela era “muito bonita” com aquele humor quente em sua voz e fez um arrepio percorrer toda a pele de Sonia.

Ela fingiu que não aconteceu, encontrou o uísque, colocou dois dedos, adicionou o café, levou-o para a sala e entregou-o para o homem.

—Obrigada por ter trazido meu... — Ela começou, mas antes de terminar as mãos de Callum a pegaram, curvando-se ao redor do seu quadril e ela voou através do ar por um instante até que caiu em seu colo.

Isto fez Waring sorrir novamente.

Ele fez Sonia girar antes dela gritar.

—Callum!

Callum a ignorou completamente, abraçando-a apertado, e ele perguntou a Waring. — Você quer um sanduíche ou quer que Sonia grelhe um bife?

Waring acariciou seu abdome plano e disse.

—Comi um sanduiche antes de me transformar. Estou bem. O café e uísque irão me revigorar. O tempo não está tão

ruim um pouco abaixo da montanha. Apenas aqui em cima que sem dúvidas está mais forte. — Seu sorriso aumentou e ele disse. —E é apenas descida no caminho de volta.

Tanto Callum quanto Waring riram disto como se fosse hilário.

Sonia não entendeu.

Então, novamente, Sonia não estava entendendo nada. Exceto o fato de que Callum, ela observou com extremo aborrecimento, tinha uma grande gargalhada.

O que também era parte da piada do cosmos, sem dúvida.

—Então, quando formos a batalha Rainha Sonia irá conosco? — Waring perguntou, sorrindo para ela novamente. — Ela seria útil. Faz um bom café. —Ele terminou antes de tomar mais um gole.

Rainha Sonia?

Batalha?

—Provavelmente não. — Respondeu Callum. —Ela é humana. É a única maneira de garantir sua segurança.

Humana?

Segurança?

—Entendido. —Waring murmurou.

Lentamente Sonia virou a cabeça para Callum.

Quando seus olhos se encontraram, ele abaixou a cabeça, esfregou a testa contra a sua, o corpo dela ficou rígido e ele sussurrou em seu ouvido. — Explicarei mais tarde.

Ele puxou a cabeça de volta, ela olhou para ele e em seguida, virou-se para Waring.

—Não acho que iremos à batalha, uma vez que existem tantas coisas que Callum terá. — Ela levantou as mãos e fez as aspas. — Que explicar mais tarde, o que talvez dure até o novo milênio para fazer isso.

Tanto Callum quanto Waring riram disso também.

Sonia decidiu não os informar que não estava achando graça.

Então decidiu, desde que isto era muito estranho para palavras, não levantar objecções já que Callum parecia perfeitamente feliz conversando com Waring, enquanto ela estava sentada em seu colo. Algo que não a deixava tão feliz.

Quando Waring terminou seu café, Callum ficou de pé, levando Sonia com ele. Waring ficou atrás dele e Callum os deixou para ir até o laptop.

—Leve este pen drive para Caleb, certo? — Ele perguntou, entregando o objeto para Waring, que o levou.

—Você tem uma cópia? — Ele perguntou em seguida e olhou para Sonia e absurdamente disse. — Saliva. Provavelmente não é bom para o pen drive.

—O que? — Sonia respirou, mas Callum estava tirando sua medicação da mochila e ela viu que estava embrulhada em papel pardo e colado com fita adesiva, para mantê-lo escondido.

Quando a bolsa ficou vazia, ele a jogou para Waring.

—Bem pensado. — Waring disse a Callum e virou-se novamente para Sonia. —É por isso que ele é Rei.

—Rei? — Sonia sussurrou, mas Callum estava ao lado dela. A mão dele deslizando ao longo de seus ombros, a puxando para seu lado e juntos caminharam levando Waring à porta, como se fossem um velho casal, indo se despedir de uma visita.

Na porta, Waring virou-se e curvou sua cabeça para Sonia. —Foi uma honra conhecê-la, Sua Graça. — Então levantou a cabeça e sorriu novamente.

Antes que Sonia pudesse dizer uma palavra, Callum apertou o ombro dela. —Volto dentro de cinco minutos.

Então ele e Waring saíram pela porta.

Sonia olhou para a porta e fez isso por um tempo.

Então perguntou. —O que aconteceu?

A porta não sentiu vontade compartilhar seus segredos.

Ela e uma afiada faca estavam na cozinha lutando para tirar a fita do medicamento quando Callum voltou, novamente carregando suas roupas.

Sonia parou com o pacote na mão, a ponta de faca inserida em uma minúscula área não colada onde esperava encontrar uma abertura e viu quando Callum andou até o armário, jogou as botas então caminhou até o banheiro e saiu sem as roupas.

Ele caminhou pela cozinha, parou perto dela, inclinou seu quadril contra o balcão, estendeu a mão e puxou a faca da mão congelada dela e colocou-a de lado. Então pegou o pacote das mãos dela.

Saindo de seu torpor, Sonia perguntou. — Será que já é mais tarde?

Sem tirar os olhos dela, ele levou o pacote até a boca e com os seus precisos dentes brancos, abriu uma seção da fita. Então, arrancou o resto da embalagem, segurou as duas caixas em suas mãos e olhou para elas.

Finalmente, levantando sua cabeça. —Você precisa tomar isso agora?

—Perguntei se já é mais tarde. —Ela repetiu.

—E eu perguntei se minha companheira precisa da medicação que vai impedi-la de morrer de forma agonizante. — Callum retornou calmamente. —Como pode ver, a minha pergunta tem prioridade.

Era hora de tomar a medicação, embora pudesse esperar. Qualquer hora, mesmo tarde da noite estava bem.

Ela preferia algumas respostas.

Olhou para ele, viu a expressão em seu rosto e cedeu.

—Posso esperar.

—Vamos. — Ele disse e começou a caminhar para o banheiro.

Ele disse “vamos”?

Vamos?

Sonia ficou imóvel.

Callum se virou.

—Sonia.

—Dê-me os remédios. Irei...

Ele cortou-lhe, dizendo.

—Irá me ensinar a aplicar em você.

Sua boca se abriu.

Então disse.

— Não, não vou.

Ao que ele respondeu.

—Sim, irá.

—Não, eu...

—Sonia, venha aqui.

—Mas, você...

—Vem aqui ou irei lhe buscar.

A voz dela aumentou de forma estridente. —Não posso acreditar que acha que...

Ele começou a caminhar em sua direção. E ela começou a recuar.

Em segundos ela foi arremessada por cima de seu ombro e em mais alguns segundos, foi colocada de pé no banheiro.

Ela mal conseguiu se equilibrar quando girou seu tronco, fechou e trancou a porta, enquanto ela olhava horrorizada.

Então ele virou e exigiu. — Agora, mostre-me o que fazer.

Ela agarrou as caixas, mas ele lhe arrancou das mãos, como era muito mais alto e tinha o braço de um gigante não conseguiu pegá-las, merda de homem!

—Sou perfeitamente capaz de fazer isso sozinha. — Ela retrucou.

—E se não puder? — Ele perguntou.

—O que quer dizer com se eu não puder? Faço isso todos os dias desde que tinha onze anos. Sou capaz de fazê-lo. — Ela respondeu.

Ele curvou-se para se aproximar e levou tudo o que ela tinha para não se inclinar para trás.

—E se não puder? — Ele repetiu. —E se chegar uma hora onde não puder aplicar em si mesma? Se estiver gripada e

delirando? Como seu companheiro, preciso saber como cuidar de você.

Realmente?

Ele pensava de verdade que era sua companheira?

Ela o conhecia a um dia!

E foi o dia mais estranho, mais assustador de sua vida!

Ele era louco... como... o chapeleiro!

—Você não é meu companheiro. — Ela retrucou.

—Sonia, eu sou.

—Você não é.

Ele se endireitou e olhou para o teto antes de resmungar.
—Que merda.

—Você pode dizer isso novamente. — Ela suspirou, cruzando os braços no peito.

Ele abaixou o queixo até olhar para ela. — Apenas mostre como aplicar a porra da injeção.

—Não!

—Mostre-me! — Ele gritou para ela.

Este era um daqueles momentos que a irritava e a fazia querer arrancar os olhos dele.

Sonia não fez isso.

Em vez disso, ela disse. — Dê-me as caixas.

—Maldição, Sonia... — Ele começou, mas ela o interrompeu.

—Você quer que eu mostre? Então dê-me as caixas, merda, para que eu possa lhe mostrar! — Ela retrucou.

Ele fez uma careta por um momento, antes de entregar-lhe as caixas.

Então com extrema má vontade, Sonia mostrou-lhe como colocar a agulha e com uma extrema e ainda maior vergonha, ela virou-se, abriu o cinto e cordões e tirou a calça para expor sua nádega direita superior.

—Basta espetar e pressionar. — Ela disparou com raiva. — Quanto mais rápido colocar...

Ela parou de falar quando sentiu o calor de seus dedos passando sobre sua pele nua. Ela se ergueu e girou.

—Callum, basta espetar... — Ela começou, mas ele colocou a injeção de lado, agarrou os quadris dela e a virou. — Callum. — Ela disse, virando a cabeça para olhar para ele, então, explodiu. —Callum! — Quando o dedo enganchou na calça dela e puxou um pouco para baixo de seu quadril, enquanto a outra mão a segurava firme.

—Pequena. — Ele murmurou enquanto deslizava seu polegar ao longo de sua pele.

—O que você está fazendo? — Ela tentou falar, mas saiu ofegante.

Seu polegar acariciava a bunda dela, suavemente, até mesmo com ternura.

Então seus olhos chegaram até os dela. —Você parece uma almofada para alfinetes, porra.

O corpo dela ficou tenso e ela desviou o olhar.

—Isso acontece quando você tem que tomar uma injeção, todas as noites. — Ela disse a ele. —Agora, se apenas...

Suas mãos em seus quadris tornaram-se braços em volta de seu abdômen e ele a puxou contra o seu corpo grande e duro.

—Não gosto disso. — Ele disse para o cabelo no topo de sua cabeça.

Ele não gostava disso? Ele deveria tentar ser ela.

—Isso também não me agrada. — Ela respondeu. —Não é divertido. Por isso é melhor apenas fazê-lo rápido e acabar logo.

Por um momento ele ficou em silêncio. Depois suspirou.

Então, sem soltá-la, estendeu uma mão para pegar a injeção.

—Puxe seus cordões para mim. — Ele ordenou suavemente.

Ela fez o que disse e sem demora sentiu o golpe.

Em seguida sentiu o ardor.

O braço dela voou para fora e seus dedos se enrolaram ao redor da pia enquanto prendia a respiração, fechava os olhos e lutava contra a dor.

Enquanto queimava, se viu entre seus braços, inclinada em seu corpo, com o rosto dele enterrado no seu pescoço.

Seu abraço quente a perturbava.

Porque isso a fazia se sentir bem.

Ela sempre lutou contra a dor sozinha. Apenas durava um minuto ou dois, mas ainda doía.

Nunca teve ninguém, ninguém, que a ajudasse lutar contra a dor. Não, desde sua mãe e seu pai, que a abraçavam forte depois de lhe darem a injeção. Gregor não era o tipo de homem de “abraços”.

Isso também a surpreendeu.

Callum era um homem muito dominante, embora também mostrasse momentos de ternura.

Mas nada como isto.

Os dedos dela se enrolaram ao redor de seu antebraço. — Callum.

—Dói. — Foi uma declaração.

—Sim.

—Parece ruim.

—É insuportável.

Os braços dele a apertaram ainda mais.

—Callum, está tudo bem. Estou acostumada a isso.

—Não há nenhuma outra maneira?

Ela balançou a cabeça.

Ele afundou ainda mais seu rosto no pescoço dela, antes de sussurrar. —Pequena.

Antes que pudesse dizer alguma coisa, ele subiu sua calça e cinto, então ela estava nos braços dele e saiam do banheiro caminhando a passos largos para a sala de estar.

Ele a colocou no sofá e não hesitou em se juntar a ela, deitando e fixando-a entre seu corpo grande e o encosto do sofá.

Ela olhou para ele e anunciou. —Eu gostaria de um chá.

—Eu vou pegar daqui a pouco. Fale-me sobre essa sua coisa.

—Que coisa?

—Esse lance do seu sangue.

Ela respirou fundo.

Ele estava sendo muito gentil. Interessado demais. E muito doce.

E isso estava mexendo com sua cabeça.

Então ela achou melhor dar-lhe o que ele queria. Seria mais rápido dessa forma.

—Eu não sei muito sobre isso, ninguém sabe. É muito raro. Vivi com isso toda a minha vida. Há apenas um tratamento, a injeção. Eu sei porque conversei com meu médico sobre alternativas, mas não há nenhuma.

—Eles estão pesquisando? — Callum perguntou.

—Não, como eu disse, é raro. Tenho sorte de ainda existir um tratamento.

Sua voz era suave, quando ele disse. —Querida, o que eu vi ali, isto não é sorte.

Lá estava ele.

Gentil demais. Preocupado demais.

De uma forma muito doce.

Ela tentou ser indiferente sobre isso. —Confie em mim, Callum, se eu não seguir o tratamento, irei durar aproximadamente uns dez minutos. — Ela disse a ele. —Tentei uma vez, parei com os medicamentos durante dois dias, pensei que estivesse fervendo viva.

—Jesus. — Ele murmurou.

Ela olhou.

Ele realmente sentia isto.

Profundamente.

O que fez Sonia sentir algo profundo também.

Uma coisa louca.

Um forte impulso de ir em direção a ele para acalmá-lo e confortá-lo.

Antes que pudesse impedir, se pressionou mais a ele e garantiu. —Callum, está tudo bem. Estou acostumada a isso. —

Ela deu-lhe um sorriso provocante. —Acho que provavelmente foi bom ter minha rebeldia adolescente contra a injeção. Aprendi rapidamente que esta é a melhor alternativa.

Seus olhos perfuraram os dela e ele respondeu. —Não acho graça nisso.

Sim, ele realmente estava se sentindo assim.

E sim, estava profundamente.

Ela não sabia o que fazer. Isso a fazia esquecer que ele era um louco e achar que poderia ser o homem de seus sonhos.

Seu lindo lobo.

Deveria ser por isso que não podia lutar contra aquela estranha atração.

E poderia ser por isso que seu sorriso se desvaneceu, ela se aproximou ainda mais e a voz dela era suave quando disse.

—Isso porque não tem graça. Mas são dois minutos de dor todos os dias. Pelo menos há uma coisa que ajuda, mesmo que seja algo terrível. Poderia ser muito pior.

Seus braços ao redor dela ficaram apertados e uma de suas mãos foi para atrás, em seus cabelos, escondendo seu rosto no pescoço dele.

Então ele disse.

—Aplicarei a injeção em você todas as noites.

O corpo de Sonia sacudiu e sua cabeça recuou.

—O que?

Ele abaixou o queixo para olhar para ela.

—Você me ouviu.

—Certo, mas por quê?

—Você não deve fazer isso sozinha.

—Eu fiz isso sozinha por vinte e seis anos. —Ela apontou.

—Sim e isso acaba agora.

—Porquê? — Ela gritou.

—Você não se viu.

—O que isso significa?

—Isso significa que não irá fazer isso sozinha. — Afirmou implacavelmente.

—Isto é ridículo! — Ela retrucou, tentando afastar-se para ele apenas puxá-la de volta, desta vez ainda mais perto.

—Você mal podia ficar em pé. — Ele disse a ela, com a cabeça ainda inclinada para baixo e seus olhos ficando dourados.

Bem, ela descobriu algo. Os olhos dele ficavam dourados por muitas razões, incluindo raiva.

Era bom saber.

Em face de sua ira, ela ainda replicou.

— Vou repetir, eu fiz isso por vinte e seis anos.

—E vou repetir, não fará mais sozinha, não mais. Irei lhe aplicar a porra da injeção.

Sonia o olhou.

Callum ficou sério.

Seu rosto, ela calculou, era muito melhor do que o olhar dela.

Calculou isso porque ele não recuou, ela sim.

—Sabe. — Ela começou a falar. —Por um segundo pensei que você fosse bom, até mesmo doce. Você não é. É um grande idiota mandão.

O rosto dele começou a suavizar e ela viu o azul começar a infiltrar-se atrás do dourado de suas íris antes dele começar.

— Sonia...

Ela o interrompeu e empurrou o peito dele — sem sucesso — antes de exigir.

—Posso tomar chá agora?

Callum suspirou, o suspiro de um homem acuado, o que a irritou ainda mais.

Ele não foi raptado. Ele não recebia ordens. Ele não foi forçado a receber uma injeção de um homem que mal conhecia.

Por que ele parecia acuado, ela nunca saberia!

Ele interrompeu seus pensamentos.

—Pegarei o chá para você, então iremos conversar sobre o que aconteceu mais cedo, quando Waring esteve aqui.

Ela se empurrou para cima e conseguiu se apoiar em um dos cotovelos.

—Não me faça nenhum favor lobo, vou buscar meu próprio chá e não quero falar sobre...

Ela parou de falar porque, de repente, não estava mais apoiada em seus cotovelos.

Estava deitada de costas e a maior parte do peso dele a imobilizando ao sofá.

E o dourado venceu o azul nos seus olhos e seu rosto estava longe de suave, o que não era engraçado.

—Callum...

—Chame-me de “lobo” quando você me quiser por perto, quando quiser que eu a abrace e quando quiser que eu transe com você. Você não me chama de “lobo” quando está irritada comigo, entendeu?

Sonia não sabia o que acontecia com ela, nunca sentiu nada assim antes.

Além disso, não era inteligente. Não era cauteloso. Não estava agindo cuidadosamente com um sequestrador louco.

Mas também não se importava.

Perante o que parecia ser raiva, ela não recuou. Não importava ele ser muito maior e muito, muito mais forte do que ela. Não importava que ele ter executado dois homens na noite passada, porque a tocaram.

Apenas estava cansada de toda esta situação.

—Deixe-me ver se entendi direito. — Ela retrucou. —Você já me disse o que comer. Fez-me sentar em um lugar que eu não queria. Agora, está me dizendo o que devo falar?

—Você entendeu direito. — Ele grunhiu.

—Oh, você tem razão, eu entendi direito. — Ela disse e em seguida, gritou. —Você é um grande idiota mandão!

Seus olhos se estreitaram e ele disse pausadamente. — Eu perguntei, entendeu?

—Falo inglês Callum, eu entendi. — Ela respondeu. — E também ouvi você dizer que posso usar esta palavra quando quiser você perto de mim, quando quiser que me abrace e quando quiser que me foda, então, não prenda a respiração, porque nunca irá me ouvir chamá-lo de “lobo” novamente!

Ela estava ofegante, quando terminou, seu peito subindo e descendo com a respiração.

Sua voz ficou mais baixa, assim como seu rosto também se abaixou até o dela quando ele avisou. —Eu tenho um plano para testar essa ameaça.

Sua respiração aumentou, assim como seu pulso, mas ela ainda provocou.

—Certo. Vamos ver se consegue se esforçar muito para demonstrar todas as formas de fazer com que sua suposta companheira o odeie!

Ele fez uma careta para ela.

Ela olhou feroz para ele.

E não sentiu nenhum triunfo quando ele parou o concurso de encarar, empurrou-se para cima se levantando e depois inclinando e apoiando-se sobre ela. —Eu lhe darei o chá. Mova-se desse sofá, Sonia e esta farsa termina agora.

Sua respiração parou.

Lá estava ele.

—Que farsa? — Ela sussurrou.

Ele ficou inclinado sobre ela, mas acenou com um braço e respondeu.

—Esta. Eu lhe daria este namoro ridículo. Waring a chamou de Rainha e curvou-se em consideração a mim e a quem você irá se tornar. Se me desafiar novamente, irei levá-la para a cama e fazer de você minha Rainha de verdade... agora... porra.

—O.... o que? — Sonia gaguejou em confusão — e, uma grande dose de medo — enquanto ela se levantava sobre o cotovelo.

—Meu povo não precisa de cerimônias e rituais, mesmo que as tenhamos. Mas se eu tiver relações sexuais com você e lhe reclamar, está feito. Estará ligada a mim. Isso é tudo que há em minha cultura que faz a menor diferença. Durmo com você e assim será oficialmente, minha Rainha.

—Você está... está me cortejando? — Ela sussurrou.

—Você ouviu uma palavra do que disse esta manhã?

Ela pensou ter ouvido todas elas.

Com um movimento rápido ele se endireitou e passou os dedos por seu cabelo, deixando a mão em seu pescoço antes de olhar para o teto e perguntar.

—Quem iria acreditar que eu preferiria estar em um fodido campo de batalha?

Sonia não acreditaria.

Naquele momento, Sonia não acreditaria em nada.

Exceto o fato doloroso de que ele era louco de pedra.

Ela inclinou sua cabeça para baixo e ele fez uma careta para ela.

—Agora fique aí, não se mova e eu lhe trarei seu maldito chá.

Então ele se afastou e ela fez o que ele disse.

Não tinha ideia do que estava acontecendo e estava ficando cada vez mais confusa a cada minuto.

O que sabia, considerando as consequências, era que não iria se mover do sofá.

Além disso, nunca mais iria chamá-lo de “lobo” novamente.

Por último, por causa disso, ela sempre iria odiá-lo, sempre.

E iria odiá-lo porque levou para sempre seu amado e lindo lobo para longe.



Callum estava ferrado.

Sabia disso e poderia se chutar.

Perdeu a paciência e o seu formidável temperamento e além disso, o mais lamentável, esqueceu que Sonia não sabia o que estava acontecendo.

Ele disse a ela algumas coisas, mas ela não entendia ainda, em sua mente estava em uma conspiração armada para raptá-la, degradá-la e talvez até mesmo matá-la. Uma trama na qual seu povo estava em guerra, as pessoas pelas quais ele era responsável, em uma guerra... que precisava vencer.

Ela teve um dia.

Apenas um dia.

Ao longo de mais de trezentos anos, ele sabia que iria encontrar sua companheira e sujeitar-se a ela. Sempre quis que ela não fosse sua Rainha, pois significaria a morte de seu pai, mas, como cada lobo, antecipou o grande prazer de encontrar sua companheira.

Agora estava com ela a menos de vinte e quatro horas e fodeu tudo.

Ryon o avisou, mesmo tão longe como estava, insistiu que ele precisava ser gentil e tolerante com Sonia.

Não era simplesmente porque Callum não tinha tempo para esta coisa ridícula — o que não era. Callum não namorava. Ele não cortejava. Ele pegava. Mesmo que sua companheira não estivesse sob ameaça e seu povo não estivesse em guerra, tinha pouca paciência para cortejar e, além disso, não gostava.

E, obviamente, ele não era muito bom nisso.

Agora era o Rei, mas sempre foi um príncipe. Ninguém o questionava. Apenas alguns, todos de seu sangue e de seu círculo íntimo, o convenciam ao contrário. As pessoas seguiam suas ordens e compreendiam sua posição e ele esperava isto, tinha direito a isso.

Mas Sonia não sabia disso.

De nada.

No mundo dela, os homens pediam as mulheres em namoro. Eles iam a jantares, cinema, conheciam uns aos outros através de conversas.

Com as fêmeas humanas, se ele as quisesse, comprava uma bebida, então encontrava uma oportunidade para beijá-las e isso era tudo o que tinha que fazer, sempre tudo o que tinha que fazer. Em seguida, as levava para a cama.

Com lobas, ele nunca se preocupou com bebidas.

E se enganou sobre ela.

Ela era feroz e espirituosa e tudo o que a levou a uma vida incolor, estava perdido ali nesta cabana.

Sonia, sua companheira, a mulher a qual o destino o conectou, acordou em sua cama esta manhã.

Então, era natural que ficasse confusa, por estar onde estava e com nada menos do que um estranho, após o que aconteceu na noite anterior.

Em seguida ele a assustou. Ela recuou em sua concha. De forma tola ele lamentou seu destino, mas apenas para descobrir que ela podia sair daquela concha em chamas e tinha mais fogo e espírito do que ele saberia lidar.

Sua única desculpa para seu comportamento desta noite foi vê-la suportar a tortura da injeção e em primeiro e maldito lugar, ele nem mesmo fazia ideia de sua necessidade em tomar a injeção.

Como ela podia fazer aquilo todas as noites de sua vida era um mistério.

Como iria suportar dar a ela aquela dor, ele não tinha ideia.

Tudo o que sabia era que daria um jeito e ela nunca mais iria suportar a dor sozinha novamente.

O pensamento de que ela precisou fazer isso durante décadas o dilacerava.

Ele fez seu chá, serviu um uísque para si mesmo e decidiu que iria consertar esta situação enquanto voltava para o sofá. Ela estava deitada de lado, a almofada sob o rosto, o olhar no fogo, visivelmente de volta à sua concha.

Porra, pensou Callum.

Ele colocou as bebidas na mesa de centro e inclinou-se para levantá-la. Colocou-se atrás dela, suas costas contra o canto do sofá, uma perna contra as costas do sofá. As costas de Sonia estavam descansando contra seu peito e estômago, os quadris dela aninhados em sua virilha, sua bunda no assento e ele enroscou sua outra perna com as dela.

Ela se manteve rígida. Assim como imaginou.

—Você poderia pegar as bebidas, querida? — Ele perguntou baixinho e sem hesitação ela inclinou-se, pegou suas bebidas e entregou-lhe seu uísque por cima do ombro sem olhar para ele.

Sim, totalmente ferrado.

Ele iniciou o controle de danos.

—Não gosto de vê-la sofrer com aquela injeção. —Ele admitiu.

Ela hesitou apenas um momento antes de responder baixinho.

—Sim, notei isso.

Callum continuou.

—Mas nesta manhã, gostei quando você me chamou de “lobo”.

Ela permaneceu em silêncio, mas seu corpo ficou ainda mais tenso.

Callum continuou.

—Tanto é assim, que quando falou com raiva, isso me irritou.

Ela tomou um gole de seu chá antes de dizer.

—Eu notei isso também.

Ele deslizou seu braço em volta de seu abdômen e deu-lhe um aperto.

Ele bebeu seu uísque.

Então disse.

—Você precisa saber o que está acontecendo e precisa saber quem eu sou, vou explicar por que faço o que eu faço.

Mais silêncio.

Callum suspirou.

Então ele falou.

—Mencionei “meu povo” e “minha cultura”. O que quero dizer quando digo isso é que meu povo é diferente do seu. Nós somos uma seita secreta da sociedade que vive ao lado de humanos desde os registros da história.

Enquanto ele falava, seu corpo ficava ainda mais tenso e ele sentia sua respiração acelerar.

Ela pensava que ele era maluco.

Ele se inclinou para frente, levando-a com ele e colocou seu copo na mesa de centro. Ele pegou seu chá e fez o mesmo. Então levou os braços de volta e envolveu os dois braços ao redor dela, um no abdômen, um no peito, seus dedos segurando seu ombro onde ele a acariciava.

—Descanse sua cabeça no meu peito. — Ele ordenou e novamente, sem demora, ela fez como lhe foi dito.

Ela aceitou.

Imediatamente.

Callum sentiu seu maxilar ficar tenso enquanto revirava os olhos.

Ele decidiu usar a artilharia pesada.

Os braços dele apertaram ainda mais quando disse a ela.

—Seu pai era um amigo de meu povo.

O corpo dela ficou rígido antes dela se virar em seus braços e levantar seu rosto para olhar para ele.

—O que? — Ela sussurrou, mas ele viu que o rosto dela estava maravilhado.

Callum nada podia fazer nada além de olhar.

Porra, ela era bonita, mas olhando assim...

Inacreditável.

Ele levantou uma mão para passar as costas de seus dedos contra a pele macia de sua bochecha, o que ela permitiu felizmente, enquanto ele respondia.

—O Senador Arlington era um amigo do nosso povo. Ele era o elo entre as culturas. Era um bom homem. Um homem respeitado. E era um amigo do meu pai.

—De verdade? — Ela perguntou

—De verdade, pequena. — Ele respondeu suavemente.

A artilharia pesada foi uma boa jogada aparentemente, para ela não se afastar. Seu corpo relaxou no dele e o rosto dela ainda estava cheio de admiração.

Ele moveu seu cabelo grosso, longe de sua testa e o colocou atrás da orelha antes de continuar. —Meu pai foi Rei por muitos anos. Há cinco anos, ele morreu em batalha. — Seus olhos capturaram os dela, ela engasgou e ele terminou. —Agora, eu sou o Rei.

Seus lábios se separaram, mas ela permaneceu em silêncio.

Callum continuou. —Na noite em que o futuro Rei nasce, à meia-noite, os oráculos falam. Apenas por falar eles anunciam o futuro Rei, mas principalmente falam de sua noiva.

—Vamos voltar a falar de seu pai. — Ela falou suavemente.

—Esta é uma parte importante, pequena. —Ele disse.

Ela ignorou-o e perguntou. —Vocês eram próximos?

Ele assentiu.

—Muito? — Ela perguntou.

Callum continuou acenando.

A admiração deslizou de suas feições enquanto se tornaram suaves com indisfarçável compaixão.

—Sinto muito. — Ela sussurrou. —Eu sei como é isso.

Certo.

Bonita, impetuosa e espirituosa e ele poderia acrescentar, doce.

Sonia Arlington podia ser incrivelmente doce.

A fim de não ceder a sua forte e súbita vontade de levá-la para a cama e descobrir o quão doce ela poderia ser, ele moveu um pouco do seu cabelo por cima do ombro. Passou os dedos por eles sem tirar os olhos dela enquanto dizia.

—Eu sei. O Senador Arlington era um bom homem e meu pai me disse que ele a amava muito.

A dor cortou brevemente os olhos dela e ele a apertou em seus braços.

Ela respirou de forma suave e disse.

—Então você acha que eu sou sua noiva.

Ele sorriu e respondeu.

—Você é minha noiva. Os oráculos previram.

Ela concordou com a cabeça e continuou.

—E seu povo acha que eu sou sua Rainha.

Ele sentiu seu sorriso se alargar enquanto declarava.

—Você é, minha Rainha.

—E é por isso que sou importante para você.

—Sim. A companheira de qualquer macho do meu povo é importante, importante o suficiente para dar sua vida por ela. Mas você é a Rainha. Qualquer pessoa do meu povo daria sua vida por você.

Ela olhou-o por um momento, seus olhos estavam ilegíveis, então ela comentou.

—Isto é uma grande responsabilidade.

As mãos dele se moveram para seus braços, para puxá-la até seu peito para que seu rosto ficasse mais perto dele e ele brincou.

—E eu sei como é isso. — Ele a viu curvar um dos lados de seus lábios antes de continuar. —É meu dever prepará-la para assumir esta responsabilidade. Hoje não foi um bom dia, pequena, mas eu prometo que de agora em diante, serei mais paciente.

—Isso seria bom. — Ela sussurrou.

Ele sorriu para ela, satisfeito com seus esforços e ainda mais satisfeito com os resultados, ao mesmo tempo se perguntando se seria um erro tático beijá-la.

Então ele pensou, que se foda.

Seus dedos entraram em seu cabelo e levou seu rosto mais perto do dele, mas antes que sua boca pudesse capturar a dela, ela falou.

—Os olhos do seu povo fazem isso?

—O dourado? — Ele perguntou e ela assentiu com a cabeça. —De certa forma. — Ele respondeu. —Os olhos daqueles de nós com sangue real ficam dourados. Outros, amarelo ou marrom.

—Então somente sua família tem essa cor linda?

Sim, Sonia Arlington era definitivamente doce.

Ele assentiu com a cabeça enquanto puxava o rosto dela mais perto ao mesmo tempo inclinando o seu para o dela.

—Sim.

A cabeça dela resistiu e ali estava a resistência em seu tom quando ela sussurrou.

—Callum...

Ele ignorou ambos e finalmente capturou os seus lábios.

Ela continuou resistindo, empurrando a cabeça dela contra sua mão e a mão dela contra seu peito.

Ele inclinou sua cabeça, sua boca aberta sobre a dela e a língua dele tocou seus lábios.

Tinham um gosto doce também.

Ele a sentiu murmurar.

—Oh. — Contra a sua língua, mas usou a oportunidade para deslizá-la entre os seus lábios.

A língua dele tocou a dela, sua cabeça parou de empurrar assim como sua mão e ela derreteu-se nele inclinando a cabeça, a mão deslizando até se enrolar ao redor de seu pescoço.

O beijo não foi ardente ou espirituoso.

Foi simplesmente brilhante, inesquecível, doce.

E isso agitou Callum de uma maneira como ele nunca se sentiu antes.

Portanto, antes de realmente cometer um erro tático explorando esse sentimento e empurrando-a muito longe, depois de ferrar tão regamente naquele dia, ele separou sua boca da dela e colocou seu rosto contra o peito dele.

Ele deslizou os dedos por seu cabelo e pode ouvir sua respiração se acelerando, mas ela não se afastou. Deitou-se em seus braços, com seu rosto contra seu peito.

E ele rezou para que seu controle de danos funcionasse.

Ela tomou uma satisfatória e vibrante respiração antes de perguntar.

—Você quer o seu uísque?

— Sim, pequena.

Ela inclinou-se para frente, pegou seu uísque e entregou a ele. Ela inclinou-se novamente e enganchou a caneca em seu dedo.

Então Sonia deitou-se silenciosamente, protegida pelo seu corpo com o rosto contra seu peito, ocasionalmente levantando a cabeça para beber seu chá enquanto ele bebia uísque, o fogo ardia e a neve caía lá fora.

Sim, pensou com alívio, parecia que seu controle de danos funcionou.

E, pensou Callum, viver uma vida assim com Sonia, não seria chata.

Em vez disso, poderia ser apenas doce.



Capítulo 7

Família

—Hum... — Sonia murmurou.

—Quieta. — Callum cortou.

Sonia ficou tensa nos braços de Callum.

Parecia que sua tentativa de fuga não foi uma boa ideia.

Ela ainda continuava embalada em seus braços enquanto ele marchava com raiva, não, furioso através da neve de volta à cabana.

Ela planejou bem seu plano de fuga bem, antes dele ser frustrado.



Após seu primeiro dia muito ruim, que terminou em um não tão ruim no final da noite, ela decidiu passar algum tempo dando-lhe uma falsa sensação de segurança antes que fugisse

dali. Ela fingiu entender suas explicações de que ele era o Rei de uma seita secreta da sociedade, compreender e aceitar sua loucura. E descobriu que fingir não era difícil de fazer por causa de sua delicadeza, seu discurso sobre seu pai — digamos que até mesmo insano talvez, mesmo que o que disse sobre o pai dela fosse bom — e seu pai — que ele obviamente perdeu ou se convenceu disso.

Embora não tenha sido difícil fingir durante a conversa, foi difícil... quando descobriu que ele esperava que ela dormisse com ele na cama de casal.

Sim.

Dormir.

Com.

Ele.

Ela negou — como qualquer uma faria!

Ele insistiu — mas de forma suave.

Ela hesitou novamente.

Ele insistiu — um pouco mais firme.

Ela cedeu.

Felizmente, isso foi relativamente fácil, considerando que ele estava ocupado com o fogo. Isso puxou suas lembranças sobre seu pai fazendo a mesma coisa. Ele estava sempre mexendo no fogo para manter sua família quente enquanto eles estavam na cabana. No banheiro, ela vestiu uma de suas

camisolas sexy de seda rendada e deslizou na cama antes que ele tivesse um vislumbre dela.

Infelizmente, depois que ele se trocou no banheiro e saiu vestindo nada além de uma calça de pijama de flanela azul marinho, ela teve uma completa visão de seu peito. Seu enorme, definido e musculoso peito completamente cheio de pelos que se espalhavam em uma variedade tentadora em seu peito e abdômen. Pelos no peito que somente a mão de Deus poderia ter criado após o qual, somente Deus podia observar “Meu trabalho aqui está feito”. Os pelos do peito de Callum era apenas... perfeito.

Realmente, o cosmos estava brincando com ela.

Ele deslizou na cama ao lado dela e teve certeza de que seu grande corpo levaria a maior parte do espaço — isso não aconteceu, tinha um belo e confortável espaço apenas para ela.

Ele disse um suave boa noite ao qual ela, por sua vez, respondeu.

Em seguida, ficou tensa, esperando que ele tentasse algo.

Ele não o fez.

Deitou-se de costas e ela ouviu quando a respiração dele ficou constante.

Demorou um pouco, mas finalmente Sonia adormeceu.

Infelizmente, quando ela acordou, descobriu que ele se virou de costas para ela, mas ela se virou também e estava de

conchinha com ele. Encostada em toda a extensão de seu corpo. Seu joelho sobre a perna dele, seus quadris aconchegados no dele, seu braço em volta da cintura dele, seu torço contra suas costas, mas a testa dela estava pressionada contra seu ombro.

Ela começou a afastar-se. Antes que pudesse ter sucesso nisso, no entanto, os dedos dele seguraram seu pulso e a manteve onde estava.

—Eu, hum... preciso ir ao banheiro. — Ela disse suave para a musculosa pele das costas dele.

Ele soltou seu pulso, mas rolou, ela se afastou para evitar seu grande corpo, mas antes que pudesse fugir para fora do seu alcance, seu braço enlaçou a cintura dela e ele a puxou, em grande parte, para baixo dele.

Os olhos dela se fixaram nos dele e estavam dourados.

Bom Deus, como ela gostava quando os seus olhos ficavam assim — mesmo que ela dissesse a si mesma que não gostava.

—Estou ansioso para acordar assim todos os dias, pequena. — Ele murmurou, com sua voz rouca de sono.

Sonia engoliu em seco.

Callum sorriu.

O coração dela se apertou em seu sorriso.

Ele abaixou a cabeça e moveu-a para o lado, ele esfregou sua testa contra a dela e então a soltou.

Aquele dia não podia ter sido menos diferente do que o anterior.

Eles não brigaram.

Eles comeram demais e não comeram alimentos muito gordurosos.

Conversaram. Sobre seu pai, o pai dela e o fato de que — supostamente — foram amigos de longa data. Sobre seu reino que, aparentemente, era mundial e incluía exércitos e territórios que eram supervisionados por governadores e várias outras coisas.

De verdade, ele tinha uma imaginação muito fértil. Era fascinante, mas insano.

Embora no fundo, quanto mais ele falava com orgulho e carinho em sua voz, mais queria acreditar que este mundo era real.

E ele falou sobre a posição de sua Rainha. Essencialmente, ela não tinha nada para fazer a não ser os deveres de ficar ao seu lado o tempo todo e o apoiando em tudo o que pretendia fazer.

Apesar dela ter perguntado, ele disse que entraria no assunto “guerra” mais tarde.

A maior parte da conversa acontecia enquanto eles estavam abraçados ou Sonia, sentada no seu colo ou os dois esticados no sofá com Sonia em seus braços.

Na verdade, ele dizer que seu povo era “carinhoso” era um eufemismo. Ele era a pessoa mais delicada que ela já conheceu.

Nem Gregor, nem Yuri a tocavam, abraçavam ou mimavam. Eles eram muitas vezes friamente afetuosos, mas não de qualquer forma física.

Mas com Callum, mesmo quando não estavam abraçados, ele encontrava maneiras de tocá-la. Enquanto ela estava cozinhando, ele chegava perto, colocava uma mão na cintura dela e olhava por cima de seu ombro para a comida que preparava. Ou quando ela estava jogando paciência no computador, ele vinha por trás, passava o braço em seu peito, a puxava até suas costas descansarem contra a frente de seu corpo e a segurava ali por longos momentos antes de inclinar, esfregando sua testa contra a dela e soltá-la.

Ele nunca dizia nada. Apenas a tocava.

Ele comportou-se durante todo o dia, como prometeu, inteiramente diferente — paciente e delicado, às vezes provocante e doce.

Especialmente quando aplicava a injeção. A reação dele não foi menos severa e a reação dela ao seu abraço reconfortante não foi menos profunda.

Obviamente, desde que ele tinha “homens” — novamente, falou com eles ao telefone, muitas vezes naquele dia e ela até conheceu o atrevido, mas respeitoso Waring — decidiu que ele era um líder de uma seita ou algo assim. De alguma forma, ele

decidiu que ela era sua “companheira” e sendo o líder, convenceu seu povo que ela era a Rainha deles.

Eles tinham recursos. Isso também era óbvio. Mesmo pequena como era, a cabana da família dela estava espetacularmente equipada. As roupas, dele e dela, eram informais, mas eram de uma excelente marca e de alta qualidade. Seu telefone celular e computador eram top de linha. A cozinha não estava apenas completamente abastecida, tudo nela era o que havia de melhor — os aparelhos, os utensílios, potes e panelas, até a comida.

Ela não acreditou em uma palavra do que ele disse sobre o pai dela, mas calculou, que em sua mente confusa, ele acreditava.

Era triste que este glorioso homem obviamente não estava bem.

Mas era assustador que, conforme o dia avançava, algo estava lhe dizendo para não se importar.

Ela entendia como ele recrutava seus seguidores. Porque ele era o tipo de homem que você seguia, mesmo que fosse louco.

Havia algo nele. Era mais do que o fato dele ser incrivelmente bonito — embora isso ajudasse. Mais do que a acentuada inteligência em seus olhos azuis. Mais do que a profundidade rica de sua voz atraente e rouca. Mais do que seu

jeito cheio de confiança absoluta que se exibia através de cada movimento de seu poderoso corpo e cada palavra que ele falava.

Era a força tranquila, mas feroz de sua personalidade que era convincente e quase impossível de resistir.

Enquanto o dia passava Sonia se encontrava querendo acreditar em seu mundo, para ser uma parte dele, até mesmo — livrai-me senhor — a ideia ridícula, mas atraente de ser sua Rainha.

Ela estava tentando encontrar maneiras de classificá-lo em seu cérebro. Dizendo para si, que o ver em sonhos por anos significava que eles deveriam ficar juntos, apenas como ele disse que deveriam. Que talvez ela fosse sua Rainha. Que talvez ele fosse seu lindo lobo.

Mas o lado lógico de cérebro que estava lutando a batalha de sua vida contra o Callum cativante dizia que não havia tais coisas como seitas secretas com Reis, Rainhas e guerras.

Ele era apenas um louco que a sequestrou, talvez assassinou homens ao fazê-lo — mesmo sendo homens maus, mas mesmo assim — e tinha a intenção de fazê-la sua “companheira” sem ganhar nada em troca.

Portanto, muito tempo depois que ouviu a respiração dele, mesmo na segunda noite, ela preparou sua fuga.

Isso a assustava de forma insana, assim tentou rastejar silenciosamente ao redor enquanto se preparava e saía pela porta dos fundos.

Mesmo com quatro pares de meias grossas, andar com as botas dele era demorado e desajeitado, estava muito frio e a neve estava caindo suavemente, o que significava que ela tinha que perder um precioso tempo cobrindo seus rastros.

Mas mesmo que se lembrasse que a caverna estava a uma curta distância, talvez vinte minutos a pé da cabana, levou-lhe o que pareceu horas para chegar lá.

Ela não acendeu uma fogueira... porque não sabia como, mas também porque ela não queria que a vissem.

Em vez disso, ela desembalou cuidadosamente seus remédios e comida, envolveu-se no cobertor de lã que levou — e mesmo assim estava congelada até os ossos dentro de minutos — e ficou acordada até o amanhecer tocar o céu.

Ela caiu em um sono exausto enquanto considerava seus próximos passos.

Então ela o sentiu.

Instantaneamente acordada e alerta, ela levantou-se, mas sua grande forma encheu a boca da caverna antes mesmo dela tirar o cobertor de seus ombros.

Ela olhou para ele.

Isto era impossível. Quando ela o sentiu ele não estava perto.

Como ele chegou ali tão rápido? Ele não podia senti-la e ninguém poderia se mover tão rápido. Ele talvez soubesse sobre a caverna.

—Você sabia sobre a caverna. — Ela sussurrou.

—Quieta. — A voz dele ainda estava calma.

Ela endireitou os ombros e o enfrentou dizendo corajosamente. —Não quero voltar.

—Quieta! —Ele rugiu, sua voz estava sem um mínimo de calma.

Sonia ficou imóvel.

Callum caminhou para frente, pegou seu remédio, a embrulhou no cobertor, a pegou em seus braços e caminhou com raiva, saindo da caverna.

Tanto por sua tentativa de fuga. E apenas conseguiu ficar longe dele algumas horas.

De verdade, estava em sérios problemas.

E estava em ainda mais problemas, porque não sabia se deveria sentir medo por ele tê-la encontrado ou... se deveria se sentir feliz.

Eles foram se aproximando da cabana e ela soube instantaneamente que havia pessoas dentro.

Ficou tão chocada com isso que ela se esqueceu de esconder seu dom e sussurrou.

— Callum, há pessoas...

—Quieta.

—Mas...

Os braços dele ficaram tão apertados que quase, mas não completamente, doeu.

Ela achou prudente ficar quieta, então ficou.

Ele passou direto pela varanda até a porta dos fundos da cabana e foi diretamente para dentro.

Havia quatro pessoas. Todas altas. Todas se pareciam muito com Callum, três tinham olhos azuis celestes, mas um tinha olhos verdes. Um deles era uma mulher.

Eles estavam todos olhando para Callum e Sonia, com divertidas expressões em seus rostos.

Callum ignorou-os e jogou Sonia na cama.

Sonia saltou, em seguida, estabeleceu-se e olhou para o bonito, mas enfurecido, rosto de Callum, não sabendo o que fazer ou se ela iria viver tempo suficiente para saber.

A voz de Callum estava de volta ao mesmo tom calmo quando ele afirmou.

— Então, ontem foi uma mentira.

Sabendo que esta voz anunciava o rugido assustador se ela dissesse a coisa errada, Sonia decidiu não falar nada.

E de qualquer forma, eles tinham plateia.

Eles iriam fazer isso na frente de uma plateia?

—Responda. —Callum exigiu.

Aparentemente, eles fariam isso na frente de uma plateia.

—Hum... — Sonia murmurou.

—Responda-me!

Lá estava ele, o rugido.

Certo, talvez ele fosse um assassino, um sequestrador louco e houvesse uma maneira melhor para lidar com isso. Ela apenas não sabia o que era e estava com tanta raiva que não se importava.

Ela jogou o cobertor e ficou de joelhos, gritando.

—Você me sequestrou!

—Eu lhe disse, Sonia...

—Eu sei o que você me disse! — Ela interrompeu em um grito. —Que eu sou sua companheira, sua Rainha, blá, blá, blá. Posso dizer o que acho sobre isso? — Ela exigiu.

—Não, certamente, não! — Ele gritou de volta.

—Bem, isso é inaceitável! — Ela gritou. — Isso é mesmo louco!

—Se eu a levar para baixo da montanha, colocá-la em sua casa, tirar sua guarda, você será sequestrada e morta em poucos dias. — Ele a cortou.

—De verdade. — Ela murmurou com desprezo.

—De verdade. — Ele disse de volta.

—Eu... — Ela começou.

—Você esqueceu o que aconteceu há três noites? — Ele exigiu.

—Claro que não! — Ela retrucou.

—A ameaça é real. —Ele informou a ela.

—Apenas se você configurar isso para me fazer pensar que é real. —Ela lançou de volta.

Todo o seu corpo estremeceu antes dele trovejar.

—Por que no cacete eu faria isso?

—Para me fazer concordar com seu plano maluco! — Ela respondeu.

Callum rosnou, virou a cabeça para o lado e disparou.

—Eu deveria tê-la agarrado, levado para um castelo e ido para a cama com você. Isto teria terminado dentro de horas, não dias, porra e não com esse lixo ridículo. Mas não, eu ouvi você.

—Não me envolva nisso. — Disse o homem de olhos verdes, sorrindo de orelha a orelha, como se o show fosse muito divertido.

—Sonia, querida. — Um dos homens de olhos azuis estava falando com ela e ela moveu seu olhar para ele. —O que Callum diz é verdade. Você é a Rainha e está sob ameaça.

— Você diz isso. —Sonia respondeu. —Ele fez lavagem cerebral em você. Eu odeio ter que dizer isto, mas você é um membro de seu culto.

Todos eles, incluindo Callum, olharam para ela como se ela fosse louca.

Ela não sabia muito sobre lavagem cerebral, mas disseram que intervenções brutais era muitas vezes o caminho a percorrer quando alguém era viciado em alguma coisa, até mesmo o carisma de outra pessoa, então ela foi em frente.

De qualquer forma, ela já estava ferrada. Não tinha nada a perder.

—Eu não culpo você. — Ela prosseguiu. —Ele pode ser muito encantador e carismático. Ainda assim, ele não é um homem de bem.

Todos os recém-chegados começaram a rir.

Callum fez uma cara feia para ela, um momento antes de inclinar sua cabeça para trás e dizer para o teto. — Maldição.

—Sonia. — A mulher chamou e Sonia olhou para ela. — Querida, eu sou Regan, mãe de Callum.

A boca de Sonia caiu com esta notícia.

Ela se parecia com Callum, com certeza. Mas parecia ser a irmã dele, não sua mãe. Na verdade, ela parecia mais jovem do que ele.

—O que? — Sonia respirou.

Regan veio para frente.

—Deixe-me lhe mostrar uma coisa, querida. — Ela disse suavemente.

Ela tinha uma grande bolsa de couro, de designer, por cima do ombro e puxou uma foto emoldurada. Quando Regan chegou perto dela, ela virou a foto para Sonia. Era uma foto de sua mãe no dia do casamento de seus pais.

Em pé com a mãe dela estava um homem alto, digno, que parecia com cada um dos homens nesta sala, mas especialmente Callum. De pé com seu pai, havia uma mulher a que agora estava diante dela.

—Porra. — Ela sussurrou, então olhou para a mulher que, desde o dia em que seus pais se casaram, há décadas, até naquele exato dia na cabana, parecia não ter envelhecido um momento e anunciou o óbvio. —Fotos podem ser alteradas.

—Eu conheci Cherise Mayfair Arlington ao que parece uma vida toda. — Regan declarou. —Ela era uma amiga querida.

Ah não. Isso não era justo.

—Não... — Sonia avisou.

—Ela gostava de rosa... e se vestia com essa cor tanto quanto podia. — Regan continuou e o coração de Sonia deslizou até sua garganta quando ela ouviu estas palavras.

—Não... — Sonia repetiu, mas essa única palavra soou embargada.

Regan a interrompeu.

—Lassiter gostava de azul e ele detestava rosa...

Sonia a cortou.

— Isso não é nem um pouco bom.

Não era bom usar seus pais contra ela.

Embora o que Regan disse fosse verdade. Seu pai sempre tentava falar para sua mãe não ficar vestindo-a de rosa... e ele sempre estava comprando roupas azuis para ela. Era uma briguinha boba que eles disputavam com bom humor, apesar da vida dolorosamente curta que ela passou com eles.

Ninguém podia saber disso fazendo pesquisas sobre ela.

Sonia tinha até se esquecido.

—Você não envelheceu um dia sequer desde esta foto. —
Acusou Sonia.

Regan respirou fundo e respondeu.

—Nosso povo envelhece lentamente.

Ela poderia dizer isso novamente.

Regan se aproximou um pouco e pressionou emocionalmente mais profundo.

—Todos os domingos, Lassiter fazia para você panquecas em forma de estrelas.

O coração de Sonia se apertou.

Agora, realmente. Como ela sabia disso?

Ninguém poderia saber disso.

Exceto seu pai e sua mãe e os dois estavam mortos.

Sonia se afundou na cama, sussurrando.

—Pare com isso.

A voz do Regan ficou ainda mais triste e amorosa quando ela disse. —Cherise me disse que seu livro favorito era A Árvore Generosa.

—Pare.

—Ela disse que lia para você todas as noites.

—Pare.

—Era o único livro que você queria ouvir.

Sonia sentiu a beirada da cama se afundar e parou, olhando para a mulher.

Os olhos dela ficaram dourados.

E isso bateu nela, tardiamente, que não era natural, os olhos mudarem assim. Os olhos de ninguém faziam isso. Era uma coisa mudar, digo, se você estivesse usando uma determinada cor., mas a cor mudar completamente? Para esse atraente, embora inexplicável tom, não era de natureza humana ou de qualquer natureza que Sonia conhecia.

E não era natural os homens de seus sonhos ganharem vida.

Isso não acontecia. A ninguém.

Nunca.

O olhar dela deslizou através do ambiente — todos excessivamente altos, todos morenos, todos exuberantes, todos com olhos claros e inteligentes. Como Waring na outra noite.

Como Callum.

Porra.

Essas pessoas não eram como seu povo.

Essas pessoas eram de uma cultura diferente. Eles pertenciam a uma seita secreta da sociedade, que vivia ao lado de humanos.

O olhar dela moveu-se para Callum que a observava de perto, a raiva de seu rosto foi substituída por algo profundamente suave.

—Eu sei que é difícil para você entender, mas Callum e você estão conectados por toda a eternidade, mesmo antes dos dois existirem, mesmo antes que vocês fossem células em um útero. — Regan continuou suavemente. —Vocês estão destinados um ao outro, ligados um ao outro. É a forma do nosso povo. Vocês são companheiros e, Sonia, isso é uma coisa linda. Sua mãe e seu pai eram bons amigos do nosso povo. Eles nos aceitaram. Eles ficariam muito felizes que você estivesse entre nós. Muito felizes. Eu juro, querida.

Enquanto Regan falava, Sonia não tirava os olhos de Callum.

—Sonhei com você. — Ela sussurrou e observou como seu corpo ficou visivelmente tenso. —Desde que eu era adolescente, sonho com você.

Os outros começaram a afastar-se, mas nem ela nem Callum moveram um músculo.

Finalmente, ele disse baixinho.

—Você me conhece.

—Nos meus sonhos, tem aparecido para mim por vinte anos.

—Você me conhece. — Ele repetiu.

Sonia assentiu com um espasmódico aceno assustado.

—Quando acordei no outro dia, eu pensei que fosse outro sonho.

Vagamente, ela ouviu o fechar da porta dos fundos.

—Você compreende que é minha? — Ele perguntou.

Foi então que ela compreendeu.

Isso percorreu sua alma. Isso a fez se sentir inteira novamente, após estar fragmentada desde a véspera de Natal, trinta e um anos atrás.

Não, isso a fez se sentir verdadeiramente completa, como ela nunca se sentiu em sua vida.

E, ao mesmo tempo, a assustava muito.

Ela engoliu em seco.

Então balançou a cabeça novamente.

—Você entende que é, minha Rainha?

—Estou com medo. — Ela admitiu livremente. Não sabia o porquê, mas estava com medo. Dele, do fato de suas histórias serem reais, ela estar sob ameaça, ela pertencer a ele, seu povo estar em guerra e ela ser a Rainha deles.

Como era mesmo ser uma Rainha?

—Eu cuidarei de você. — Ele respondeu suavemente.

Ela olhou para ele por um longo momento antes de concordar novamente.

Seu corpo relaxou.

Então, com seus olhos dourados e brilhantes, ele disse de forma calma.

—Venha até seu lobo, pequena.

Com as pernas trêmulas, que se moviam por sua própria vontade, ela saiu da cama, contornou e caminhou lentamente para ele.

Quando estava para diminuir a distância ele a pegou em seus braços e a abraçou forte. Ela tremeu em seu abraço, aterrorizada com a esmagadora incerteza de seu futuro.

Ele sentiu isso e prometeu mais uma vez.

—Eu cuidarei de você.

Ela concordou com a cabeça e seu rosto deslizou contra o peito dele.

Ele esfregou a testa contra o topo da sua cabeça, em seguida, segurou-a firme até que os tremores pararam.

Finalmente, ele perguntou.

—Você está bem?

Ela concordou com a cabeça novamente, não fazendo sua mentira audível.

Colocando o punho sob seu queixo ele inclinou o rosto dela para ele.

—Eu tenho que fazer uma coisa. Estarei de volta em breve. Minha família irá cuidar de você enquanto eu estiver fora.

Sonia concordou com a cabeça, novamente.

Ele dobrou o pescoço e colocou sua testa contra a dela.

—Vamos ter uma bela vida, você e eu. Prometo.

—Certo. — Ela sussurrou.

Ele apertou-a com força, em seguida, a soltou.

Então ele se foi.

Ela olhou para o espaço que ele acabou de ocupar, com sua mente em branco.

De longe, ela ouviu a sua voz grave dizer.

—Vamos correr. — E então ela ouviu a resposta, divertida.

—Sim, porra.

E ela pensou, porque ele era diferente, talvez pudesse dizer-lhe que ela também era diferente. Acima de tudo, ele entenderia. Ele nunca a faria sentir-se estranha.

Então sua mente se encheu de lembranças com centenas de sonhos com seu lindo lobo.

Sua “companheira de vida”.

Seu destino.

E aqueles sonhos...

Seus sonhos...

De uma maneira mágica, aqueles sonhos previram o futuro com um homem bonito, forte, que iria segurá-la, provocá-la, aceitá-la e fazê-la sentir-se amada.

Ela fechou os olhos conforme a alegria tomava conta dela.

Então percebeu, que em uma indesejável intromissão não ligada à sua alegria, ela precisava usar o banheiro.

Acabou e estava com uma mão na maçaneta da porta do banheiro quando ouviu vozes murmurando, vozes que estavam conversando do lado de fora.

Ela ficou imóvel com o que ouviu e parou.

—...Callum está louco? — Perguntou um homem incrédulo.

—Caleb. — Respondeu Regan.

—Não, de verdade, Regan, ele está louco? — Caleb repetiu.

—Você nunca pode saber por quem se sentirá atraído.

—Um monge se sentiria atraído por Sonia, de verdade ela é bonita, muito. — Caleb respondeu e compreendendo estas palavras — e esperando que não o fizesse — o corpo de Sonia enrijeceu. —Para não mencionar que ela é muito engraçada quando está descontrolada. — Caleb terminou.

—Você sabe que o gosto de seu irmão não tende a desviar-se do jeito de Sonia.

—Mesmo assim, está louco. Você a viu?

—Eu a vi.

—Ryon disse que Callum parecia impaciente para o acasalamento, queria acabar logo com isso para que ele pudesse terminar com a rebelião. — Caleb continuou e o brevemente flutuante coração de Sonia balançou antes de Caleb murmurar. —Porra.

—Caleb...

—Se fosse eu, estaria uma merda se eu fosse forçado a passar uma semana com aquela mulher em uma cabana isolada, explicando nossa cultura a ela. Se fosse eu, estaria sozinho com ela em uma cabana isolada e arrastaria isso por tanto tempo, que levaria um ano.

—Bem, não é você. — Regan retrucou com firmeza.

—Não, não é, e é uma pena que não seja. — Ele fez uma pausa e continuou bruscamente. —Não por mim, Regan, por

ela. Uma mulher como aquela? Ela merece um homem que a queira como companheira e não porque os oráculos previram que ela seria a sua Rainha.

Oh querido deus, Sonia pensou enquanto seu coração cambaleante se transformava em pedra.

—Talvez ele desenvolva uma atração por ela. — Sugeriu Regan.

—Oh, ele vai cumprir seu dever com seu povo, Mac certificou-se disso. — Caleb cortou. —Os oráculos disseram que era Sonia, Callum irá se acasalar com Sonia. Fim. Cada um de nós espera encontrar a outra metade de nossa alma. Cal não, dever primeiro, coração depois. — Houve uma pausa e, em seguida, o chute final. —Talvez, se tiver sorte, como um ser humano, ela entenderá sua necessidade de foder com outras de sua espécie.

Sonia respirou fundo.

—Caleb! — Regan surtou. —Você sabe que ele não fará isso. Ela é sua companheira e....

—Ê de Callum que estamos falando, não é? — Caleb retornou sarcasticamente.

Sonia descansou a testa na porta do banheiro.

—Não falo mais sobre isso. — Respondeu Regan. —Eu vou entrar e conhecer a minha futura nora.

—Eu vou correr. — Caleb devolveu irado.

—Faça isso, você precisa. — Retrucou Regan.

Sonia virou as costas para a porta e deslizou até seu traseiro bater no chão. Então ela apoiou sua testa no joelho enquanto passava seus braços ao redor de seus tornozelos.

Evidentemente, o cosmos não acabou com ela.

Por isso lhe deu o belo e carismático Rei de uma seita secreta, onde os olhos de seu povo mudavam de cor e o envelhecimento era lento, como seu destinado companheiro.

Mas também fez com que o Rei não a quisesse.

E, aparentemente, ele era um namorador — até seu irmão disse isso!

Em algum lugar no seu coração a cada momento ela sentia falta de seu pai e sua mãe.

Era apenas em momentos como estes, quando essa dor um pouco entorpecida aumentava, florescia e rasgava, que se lembrava do quão verdadeiramente só ela estava no mundo.

Não que ela frequentemente encontrasse e perdesse o homem de seus sonhos no espaço de minutos.

Mas Sonia Arlington perdeu muito em sua vida.

Esta era apenas a última na sua longa fila de perdas.

E, infelizmente, nunca se acostumava a isto.



Sonia estava na cozinha com Regan observando Callum organizar as luzes e folhagens sobre as cornijas das lareiras.

A decoração de Natal foi ideia de Ryon.

Depois de Sonia experimentar seu mais recente trauma de vida, ela se recompôs — assim esperava) — saiu do banheiro e ela e Regan fizeram o café da manhã para que Regan chamasse “Os meninos”. “Os meninos”, Regan informou a Sonia, eram Calder e Caleb irmãos mais novos de Callum e Ryon, seu primo.

Regan era muito gentil, falando e tagarelando de um modo maternal, que era um pouco estranho — certo, era muito estranho — considerando que ela parecia irmã deles.

Ainda assim, ela esforçou-se muito para avisar Sonia que iria recebê-la no seio da sua ninhada de braços abertos.

Enquanto faziam enormes e fofas panquecas para os homens, ela contou para Sonia histórias sobre seus pais, que era a única coisa boa que aconteceu nesta confusão. Regan, conhecia e tinha histórias sobre os pais de Sonia. Foi algo que Sonia não teve por anos e ela apreciava extremamente. Embora supunha-se que Gregor fosse seu melhor amigo, ele não gostava de falar sobre eles e, eventualmente, Sonia parou de mencioná-los.

Quando Sonia disse isto a Regan, a boca de Regan ficou tensa de uma maneira que a deixou curiosa.

—O que? — Ela perguntou à mãe de Callum.

Regan colocou o bacon na frigideira com um garfo e murmurou.

—É apenas... — Ela olhou para Sonia com o rosto sério e cuidadosamente terminou. — Conheço Gregor também, há muito tempo. Ele não se dava bem com meu marido.

—Oh. — Foi tudo que Sonia disse por que era óbvio que Regan não queria falar sobre isso. Assim não iria considerando que Gregor não se dava bem com seu marido morto.

Isto também não foi uma surpresa. Gregor não se dava bem com quase ninguém.

Callum, Ryon e Calder voltaram e Sonia ouviu-os antes de Regan.

Ela também ouviu, o que ela saberia mais tarde ser Calder, murmurar antes deles entrarem em casa.

—Isto é brilhante. Pode fodê-la hoje à noite, assim poderá levá-la para baixo da montanha e podemos parar de perder tempo com essa merda.

O coração de Sonia se partiu.

Vamos lá. Mais uma prova que ela era apenas um dever real para Callum.

—Jesus, Calder. — Ryon — ela reconheceria mais tarde — murmurou, sua voz soando irritada.

Ela não deixou transparecer que ouviu, mas de forma estranha Regan olhou para Calder quando ele passou com um pacote. Um olhar maternal severo que fez Calder perguntar.

—O que?

Ao que Regan respondeu.

—Você sabe o que.

Quando Callum entrou, foi diretamente para Sonia e envolveu um braço ao redor dela, levando seu corpo de frente para o seu.

—Como você está, querida? — Ele perguntou para a parte superior do cabelo dela.

—Estou bem. — Ela mentiu no peito dele e esperava que tivesse soado como verdade.

Obviamente não, porque ele se afastou e olhou para ela com os olhos em interrogação

Ela não sabia o que fazer para esconder seus pensamentos daqueles olhos inteligentes, então usou a única rota de fuga disponível para ela, como não podia correr para um carro e ir até os confins da terra. Ela envolveu seus braços ao redor dele e enterrou seu rosto em seu peito enorme.

Isto foi a coisa certa a fazer. Seu corpo relaxou, mas seus braços se apertaram em volta dela.

Ela descobriu durante o café da manhã que Callum e o pai dele a protegeram desde que os pais dela morreram. Ryon era o que chamavam de “a liderança” dos “detalhes sobre Sonia”.

Isso significava que eles sabiam praticamente tudo sobre ela — exceto a injeção. Eles sabiam sobre Gregor, Yuri, sua educação, os amigos dela — como eram — sua loja, sua casa, tudo.

Isso explicava essas presenças benignas que Sonia sentia desde que os pais dela morreram e sentia uma estranha sensação de alívio por ela finalmente saber o que era. No entanto, disse a si mesma que não sentia uma tão estranha sensação de aconchego que Callum e seu pai tivessem feito um enorme esforço para protegê-la, desde que seus pais morreram — mas ela sentia.

Portanto, após o café, Ryon caminhou até onde Sonia estava de pé no balcão, movendo a panqueca, que continuava no prato dela, de um lado para o outro. Havia muitas delas, Regan fazia panquecas deliciosas, mas Sonia não estava com fome.

Ele deslizou um braço em volta de seus ombros, aninhou-a ao lado dele e brincou.

—Como uma desculpa por ter lhe perseguido por trinta anos, eu disse a Regan que você claramente tinha uma coisa por Natal. — Ela olhou para ele e ele sorriu para ela, foi quando ela notou que ele era quase tão bonito quanto Callum. —Regan

gosta de fazer compras, essas roupas que você está usando são a prova disso. — Sonia olhou de relance para Regan com surpresa e gratidão em saber que ela lhe proporcionou seu guarda-roupa. Ela olhou de volta para Ryon quando ele terminou. — Ela correu e conseguiu algumas decorações para que você pudesse ter um pouco de Natal enquanto estava presa aqui em cima. Estão no carro.

Isso foi uma coisa tão gentil de se fazer, que o humor de Sonia se elevou instantaneamente e ela não tinha ideia do quanto sua expressão se iluminou.

Também não tinha ideia do quanto isso transformou o seu “lindo” rostinho.

Ela ainda não tinha ideia que Callum podia vê-la claramente de onde ele estava encostado no final do balcão.

E não fazia ideia da intensidade da resposta que Callum sentiu ao ver a expressão dela.

Ela também não sabia que nunca, nenhuma vez, olhou para Callum com uma expressão iluminada e desprotegida. Ela nem sequer compreendeu quando o corpo de Ryon ficou rígido e olhou para ela como se nunca tivesse visto uma mulher antes.

—De verdade? — Ela respirou. —Você fez isso por mim?

Ele se sacudiu em suas palavras, um sorriso lento, lindo, se espalhou em seu rosto, e ele respondeu. — De verdade.

—Obrigada. — Ela sussurrou.

—Qualquer coisa para minha Rainha. — Ele murmurou e seus olhos verdes ficaram suaves.

Não sabendo o que fazer, mas por ter sido informada por Callum que seu povo era afetuoso, ela deu a ele um leve abraço apressado e desconfortável em volta de sua cintura.

Com isso, Ryon abaixou a cabeça e esfregou sua testa ao longo do cabelo dela.

Essa coisa de testa, ela pensou, devia ser algum tipo de gesto do povo de Callum.

No entanto, uma fração de segundo depois que Ryon fez isso a voz de Callum explodiu através da sala.

—Ry, porra. De verdade?

Ryon afastou-se e olhou para Callum que estava de cara feia para eles.

—Ela é difícil de resistir. — Ryon respondeu de forma estranha, mas com um sorriso aberto, malandro.

—Tente novamente. — Callum devolveu, sua voz era áspera, claramente não achando divertido o que eles estavam falando.

Ryon deu-lhe um aperto e a soltou. Então os homens saíram até seu SUV para pegar as decorações de Natal e Caleb voltou.

Caleb ainda parecia com um humor grosseiro, mas deu as boas-vindas à família para Sonia abraçando-a antes de comer suas próprias panquecas.

Eles não levaram uma árvore e todos os enfeites. Mas levaram ramos para colocar sobre a lareira, luzes de Natal, enfeites lúdicos e bugigangas de Papais Noéis, renas e bonecos de neve para colocar na paisagem verde. Haviam também divertidos castiçais festivos apropriados para mesinha de centro com velas verdes e vermelhas, com um cheiro maravilhoso. E por último, um pote de biscoito com a forma de um grande e gordo, boneco de neve que Regan disse que Sonia iria preencher, fazendo biscoitos de Natal.

As mulheres ficaram responsáveis por cozinhar, enquanto os homens bebiam café — Calder e Ryon — ou cuidavam dos ramos e luzes — Callum e Caleb.

Não demorou muito, mas quando tudo já estava terminado e enquanto Regan estava enrolando a massa de pão e Sonia estava cortando homenzinhos de gengibre, o espaço tornou-se quase mágico.

E fazer biscoitos de Natal como ela fazia com sua mãe nesta mesma cozinha, tantos anos atrás, com decorações de Natal na casa, joviais vozes masculinas e a musical voz de Regan, misturando-se ao seu redor, de repente cortou profundamente em Sonia.

Portanto, Sonia congelou na metade de seu bonequinho de gengibre quando Callum ligou as luzes na lareira na sala de estar e ela não sabia que prendeu a respiração.

Regan ouviu isso e virou sua cabeça para Sonia.

—Sonia? Meu amor?

Sonia olhou para as folhagens sobre a lareira brilhando com luzes e balançando com enfeites animados, lindos e ela se lembrou das lareiras decoradas por sua mãe naquela mesma sala.

—Sonia? — Regan chamou novamente, mas Sonia não se mexeu.

Era demais. Todas as coisas.

Demais para aguentar.

—Callum, algo está errado com.... — Regan começou, mas Sonia já havia se afastado da massa, o cortador de biscoito puxado da mão dela e estava sendo virada para o grande corpo de Callum.

—Pequena, olhe para mim. — Ele exigiu.

Automaticamente ela virou a cabeça para trás para olhar para ele.

Ele deu uma olhada em seu rosto e perguntou.

—Jesus, querida, qual é o problema?

Ela não demorou em responder.

—A última vez que estive aqui, as decorações da minha mãe estavam naquela lareira.

Ela mal terminou de falar antes de ser puxada em seu abraço e quando seu corpo quente a cercou, ela perdeu o controle.

Ela explodiu em altos soluços dilacerados. Foi embaraçoso e ela era uma fraca, mas também era compreensível.

Sua vida foi terrível.

Foi perfeita antes, quando sua mãe e seu pai estavam vivos. Idílica. Maravilhosa. Ela foi protegida. Ela foi amada. Tinham lhe dito que ela deveria orgulhar-se de quem ela era e das talentosas coisas que poderia fazer. E viveu sua jovem vida, sabendo que sua mãe e seu pai estariam orgulhosos dela e daqueles dons.

Desde então, tudo que ela tinha era Gregor, que não era exatamente amável, ele sempre foi rispidamente gentil. E Yuri, que também era rispidamente bom, mas decidiu não ser seu irmão de mentira, em vez disso queria, desde que ela fez vinte e um anos — e ele não escondia isso — ser seu amante e marido de mentira.

E sem ninguém saber o que ela podia fazer, muito menos estar orgulhosa disso, ela sentia que era uma estranha.

Por causa disso, precisou esconder seus dons e, portanto, não tinha amigos verdadeiros, que conheciam cada um de seus segredos.

Ela era a companheira de um homem que não a queria.

Ela era a Rainha de um povo que ela não conhecia.

Ela foi atacada, sequestrada e traumatizada.

E agora...

O que?

O que ele queria que ela fizesse?

Ela inclinou sua cabeça para trás e gemeu para Callum. —
Agora o que eu faço?

Ele não respondeu, provavelmente, porque não estava na cabeça dela e não sabia do que se tratava.

Em vez disso, ele a embalou em seus braços e carregou-a para uma cadeira, colocando seu corpo em seu colo, seu rosto em seu pescoço, então seus braços se apertaram em volta dela.

—E então? —Ela exigiu alto no pescoço.

—Você chora, pequena. — Ele respondeu. —Então, juntos, vamos lidar com isso.

Fácil para ele dizer.

Ele era Rei. Ele podia fazer tudo o que quisesse.

Ela era a Rainha, o que significava que apenas o seguia enquanto ele fazia tudo o que queria fazer. Mesmo que ele não a desejasse, ele a teria, se o que Caleb disse era verdade, encontraria alguém que desejasse.

Decidindo esquecer que eles estavam na sala — embora ela realmente não esqueceu que eles estavam na sala — ela declarou. — Sua família vai pensar que sou louca.

— Desde que eles são todos malucos. — Callum respondeu calmo. — Você irá se encaixar.

Ela empurrou sua cabeça para trás, olhou para ele e exigiu saber. — O que seu povo vai pensar de mim?

A grande mão dele foi para o lado do seu rosto e seu polegar afastou as lágrimas que caíam.

Então seus olhos foram para os dela e ele respondeu.

— Eles vão lhe adorar.

Como? Ela pensou. Ele nunca iria amá-la.

Ela decidiu usar a tática que anteriormente funcionou para esconder seus pensamentos e enterrou seu rosto no pescoço dele.

Em seguida, ela fez como ele sugeriu e chorou.

Enquanto ela fazia isso, ouviu Regan trabalhando silenciosamente na cozinha e os homens saindo pelos fundos para deixá-la ter o seu momento.

Quando ela cheirou biscoitos de bonecos de gengibre assando, ela tomou uma respiração instável, ficou sob controle e disse no pescoço da Callum.

— Estou bem agora.

Sua mão entrou no seu cabelo e torceu, usando-a para puxar sua cabeça suavemente para trás e seus olhos azuis verificaram o rosto dela.

Então ele disse algo com uma voz calma, mas firme que fez o mundo girar loucamente.

—Você tem muita coisa para se acostumar, pequena, mas eu pedi a minha família para vir até aqui para lhe mostrar que agora você tem uma família para ajudá-la a se acostumar com isso. As pessoas nessa cabana irão lutar e morrer por você. E eles nunca iriam querer vê-la lutar, não importa com o que. Esta em nossa alma e nunca mais se esqueça disso.

Ela piscou para ele — o que mais ela poderia fazer! — E disse. —Eu acho que sua cultura é muito intensa.

Seus lábios se curvaram em um sorriso, e ele respondeu em tom provocante agora.

—Está aprendendo.

Estava na hora de mover-se para longe de Callum já que quando ele era doce — intenso e provocante — ela poderia esquecer que ele estava com ela por dever real.

—Eu quero um biscoito de boneco de gengibre. — Ela anunciou.

Sua risada se transformou em um sorriso, ela odiava amar o seu sorriso e enquanto estava pensando isso, ele respondeu. —Eu também.



Sonia vagou pelo quarto em sua sexy e rendada camisola de cetim, rapidamente desligando as lâmpadas e soprando as velas perfumadas.

Callum estava no banheiro, trocando-se para dormir. Sua família partiu apenas há pouco tempo.

Ou, ela deveria dizer, ele expulsou sua família depois de pouco tempo.

Enquanto ela estava dando um abraço de despedida em Regan, ela ouviu Callum, que foi com os homens até a SUV, falando com seu primo.

—Ver você fazer isso novamente, Ry, não me deixará feliz.

A voz de Ryon estava bem-humorada quando ele respondeu. —Relaxe, Cal.

—Vou relaxar ao saber que nunca mais ficarei na minha cozinha, vendo meu primo abraçar minha companheira. — Callum retornou.

O bom humor deixou seu tom quando Ryon respondeu. — Eu disse para relaxar.

—Ela é sua Rainha. — Callum respondeu.

—Ela também é Sonia. — Ryon disse de volta. —Porra, não esqueça isso, irmão.

Callum não deu nenhuma resposta, então novamente, ela era apenas a Rainha para ele.

Sonia não deixou transparecer que estava ouvindo algo e de qualquer forma, ela não sabia o que significava a ação. Calculou que fosse coisa de templo, mas ela poderia jurar que Regan também podia ouvi-los. Embora ela não pudesse, os homens estavam resmungando sob sua respiração e definitivamente não estavam perto. Ela podia jurar, porque a boca de Regan tinha um aperto maternal que ela tentou esconder quando sorriu seu último adeus.

Callum e Sonia mal voltaram pela porta da frente antes que ele a arrastasse para o banheiro para aplicar-lhe a injeção.

Então foi por isso que ele expulsou sua família. Não porque ele estava desesperado para ficar a sós com sua companheira depois que ela o aceitou.

Bem, ela achou que ele não iria querer sua predestinada Rainha, pelos oráculos, morrendo de uma doença rara no sangue. O que pensaria o seu povo?

Ela estava debaixo dos cobertores e disse a si mesma que não sentia a deliciosa antecipação que Callum estava prestes a sair com o peito nu — quando ela sentia.

Ele entrou no quarto momentos depois e ela assistiu, como disse a si mesma que não era um ávido fascínio — quando era — quando ele foi diretamente para a lareira desligar as luzes de Natal.

—Não! — Ela deixou escapar e ele virou-se para ela. —Eu gosto de dormir com elas ligadas. Pode dormir com elas acesas? —Ela terminou.

—Já dormi em chuva, neve e lama. — Ele disse. —Posso dormir com as luzes de Natal acesas.

Por que na terra ele dormiu na chuva, neve e lama?

Ela queria saber..., mas não perguntou.

Ela não perguntou porque ele foi diretamente para a cama e ao contrário das duas noites anteriores onde ele manteve uma certa distância, se enrolou direto nela. Abraçou seu corpo com o braço em volta da cintura dela, seu rosto foi para seu pescoço.

Seu corpo ficou rígido.

Bom deus, ele queria transar. Acasalar com ela, então aos olhos de seu povo, ela seria sua rainha e então ele podia parar de “brincar” ali com ela.

Porra.

—Relaxe, querida. — Ele disse em seu pescoço, puxando-a para mais perto.

Ela não pensava assim.

—Estou muito cansada. —Disse ela.

—Então durma. — Ele disse de volta.

Ele pensava que poderia fazer sexo com ela enquanto ela estivesse dormindo?

Oh bom Deus!

—Na verdade. — Ela disse rapidamente. — Pensei que pudéssemos conversar.

Isto parecia ser perfeitamente bom para ele, porque ele puxou o rosto do pescoço dela, descansou a cabeça no travesseiro e aninhou-a mais perto.

—Sobre o que você quer falar? — Ele perguntou.

Oh não. Agora, o que ela fez?

—Hum... — Ela começou.

Ele riu na parte de trás do cabelo dela e então disse suavemente. — Pequena, você teve mais um dia difícil. A fuga frustrada, chegar a um acordo com seu destino, conhecer sua sogra, colapsos emocionais. Eu não vou entrar em você depois de um dia como esse.

Bem, isso era um alívio. Era até uma coisa boa.

E, na verdade, doce.

Felizmente, ele falou, puxando seus pensamentos para longe dele ser doce.

—Por que quer as luzes de Natal acesas?

—Eu gosto de dormir com elas. — Ela disse.

—Sim, imaginei isso. Tinha-as em seu quarto, na sua casa também. Estou perguntando por quê?

Ela encolheu os ombros disposta a falar, mas nunca estaria disposta a deixá-lo entrar e respondeu.

—Eu apenas gosto do Natal.

Ele ficou em silêncio um momento e, em seguida, suspirou.

—Vamos deixar isso de lado, por enquanto.

Finalmente, algo para agradecer. Callum, pelo menos, iria deixá-la manter seus próprios pensamentos para si mesma.

Por agora.

—Vou tentar outra coisa. — Ele disse.

Ela expressou graças ao cosmos cedo demais.

Callum continuou.

—Você quer me dizer por que sua casa inteira é estéril e imaculada, um lugar onde ninguém iria querer passar tempo, mas seu quarto é o oposto?

—Minha casa é linda. — Ela retrucou.

—É. — Ele concordou. —Do tipo estéril, intocada, onde ninguém iria querer ficar.

O corpo dela ficou duro novamente.

— Callum...

—Mas o seu quarto. — Ele interrompeu. — Aquele sim era um lugar onde alguém poderia ficar por mais um pouco.

Ela sentiu seu pulso acelerar sobre o pensamento que Callum teve, que o seu quarto era um lugar onde ele queria ficar um tempo.

No entanto, ele provavelmente queria fazer isso em companhia de outra pessoa.

Ela decidiu deixá-lo saber um pouco, a fim de acabar logo com isso.

—Gregor pode ser.... — Ela tentou encontrar a palavra. — Assustador e ele tem muitas opiniões que ele não se importa de compartilhar.

—O que isso tem a ver com sua casa?

—Ele não gostou quando eu comprei aquela casa, então, para calá-lo, decorei-a da forma que ele gosta. — Ela respondeu. —Mas meu quarto é meu. É meu espaço privado, um espaço onde posso ser quem supostamente sou.

O braço dele enrolou apertado ao redor de seu abdômen e ela sentiu seu rosto no cabelo dela.

—Você pode ser quem você quiser ser em toda parte, querida. Basta fazê-lo. Quem se importa com a opinião de Gregor?

—Eu me importo. Ele me criou. Devo a ele. — Ela respondeu.

O rosto de Callum saiu do seu cabelo e disse com firmeza.

—Você não deve nada àquela porra de homem.

—Eu sei que você não gosta dele. — Ela sussurrou, achando bizarro ao extremo que ele soubesse tanto sobre ela, que suas vidas estiveram conectadas por tanto tempo e de maneiras tão diferentes, e nenhuma das quais ela conhecia. — Sua mãe me contou que seu pai não se dava bem com ele. Mas, durante todo este tempo, ele foi tudo que eu tive. Ele não era bom nisso, mas eu sabia que se esforçava e cuidou de mim. Pode não gostar dele, Callum, mas ele significa algo para mim, tomou conta de mim e fez o melhor que podia.

Houve um silêncio então ela sentiu seu rosto voltar ao cabelo dela e felizmente, ele deixou o assunto.

—Seu quarto lembra-me desta cabana quando eu a comprei. — Ele disse a ela.

—Não me surpreende. — Ela ainda estava sussurrando. — Sempre pensei neste lugar como lar. Acho que, com o meu quarto, eu estava tentando recriar um pouco da casa.

Ele puxou-a ainda mais perto de seu corpo, mas levantou a cabeça para acariciá-la com sua testa.

Quando ele parou, murmurou em seu ouvido.

—Você está em casa agora. — Então ele beijou seu pescoço suavemente, o que fez um prazeroso arrepio percorrer seu pescoço até sua espinha.

Ela estava longe de casa, sabia disso.

Ela nunca estaria em casa novamente, também sabia disso.

Mas, como sempre, isso era tão bom quanto poderia ser.

Com esse pensamento, ela relaxou. Ele leu seu humor, parando de falar e pouco depois, com as luzes de Natal brilhando, ela adormeceu nos braços de Callum.



Capítulo

8

Lobo

Sonia, ouviu um barulho estranho como garras clicando no piso de madeira e abriu seus olhos.

Ela estava na cabana, as verdes, vermelhas e brancas luzes de Natal brilhando na lareira na frente dela, lançando um brilho alegre no quarto escuro.

Seu cachorro estava vagando pela sala. Ele parou e sacudiu seu enorme corpo como se sacudindo a neve fria ou molhada. Então ele começou a inclinar-se para trás sobre suas patas traseiras poderosamente musculosas como se estivesse se preparando para sentar.

Ou saltar.

Mas ele não o fez quando ela sussurrou.

—Cachorrinho.

O corpo dele parou seu movimento, ele ficou em alerta e sua enorme cabeça virou para encará-la.

Este era um sonho, ela sabia.

Seu pai disse a ela que os animais feridos ou doentes muitas vezes desapareciam a fim de morrer com dignidade.

Seu cachorrinho estava cheio de dignidade.

E ela soube, no momento em que ele olhou nos olhos dela naquela noite, que se ele não precisasse, ele nunca a deixaria.

Mas ele estava sangrando.

Então quando Gregor gentilmente a sacudiu, acordando-a naquela manhã de Natal, depois que seus pais morreram e vendo que seu cachorro partiu, ela soube que ele fugiu para morrer.

Mesmo se ele não tivesse, isso foi há mais de trinta anos. Ele era um lobo adulto. Não poderia ter sobrevivido a trinta anos.

Portanto, isto era definitivamente um sonho.

Sonolenta, o braço dela foi em direção a ele e sussurrou.

—Venha aqui, lindo.

Meio adormecida, suas pálpebras se abaixaram lentamente, ela sentiu a pele grossa, macia de seu focinho quase amorosamente deslizar ao longo de seus dedos. Estava frio e úmido, como se ele tivesse acabado de chegar de uma corrida na neve.

—Meu cachorrinho. — Ela suspirou sonolenta e moveu seus dedos sobre seu focinho e cabeça numa carícia amorosa.

Com os olhos ainda fechados, ela terminou seu curso, antes de colocar a mão sob sua bochecha.

—Eu gostaria que você me trouxesse meu lindo lobo. Sinto falta dele. — Ela murmurou quando o sono começou a invadi-la.

Ela queria isso. Em seu sonho, Callum a amava, a ela. Ele não sentia simplesmente um dever para com a sua Rainha e se ela não podia tê-lo no mundo real, tomaria tudo o que pudesse nos seus sonhos.

Ela sentiu a cama se afundar em ambos os lados dela, enquanto ela cheirava a um atrativo perfume almiscarado, que ela nunca sentiu. Ela lutou contra o sono e abriu seus olhos.

Callum estava lá, não o Rei Callum, mas seu lindo lobo. Ele foi inclinando-se, com as mãos na cama em ambos os lados dela. Ela sabia que este Callum era dela, porque seu rosto bonito, nas luzes cintilantes, mostrava uma mistura de ternura e desejo, um olhar que ele lhe lançou muitas vezes antes.

—Aí está você. — Ela sussurrou, a mão dela deslizando em seu antebraço musculoso, encontrando sua pele fria sob seu leve toque.

—Sonia. — Ele murmurou.

Ainda mais dormindo do que acordada, ela moveu as cobertas fora de seu corpo e o convidou.

—Vamos aquecer você.

Os olhos dela se fecharam novamente enquanto ele hesitava, em seguida, o sentiu se mover para a cama. Ela caiu de costas quando ele colocou um joelho no seu lado oposto, moveu-se sobre seu corpo e se estabeleceu ao longo de seu espaço, puxando as cobertas sobre eles, quando ele terminou.

Ela se virou, envolvendo seus braços ao redor dele e enganchando sua coxa sobre seu quadril.

—Você está tão frio. — Ela murmurou, aconchegando-se em seu corpo, era tão bom que quase se sentiu umedecer.

—Sonia.

Ela se aninhou mais perto, seduzida, ao mesmo tempo calma, por aquele belo aroma e ela murmurou um sonolento.

—Mm?

Os braços dele deslizaram ao seu redor, enquanto ele dizia.

—Pequena, eu não sou o seu sonho.

Sonia não atendeu, porque isso era estúpido.

Este era o sonho dela. Até mesmo, porque estavam na cabana e começou com seu cachorro visitando-a, como sempre.

Ela se refugiou mais confortavelmente em seu grande corpo.

—Querida. — Ele chamou enquanto ela flutuava em seu sono. —Eu quero ter certeza que você saiba que não estamos em um dos seus sonhos.

—Estamos sim. — Ela disse. Com o sono a superando, ela terminou em um suspiro sussurrado. —Meu cachorrinho sempre traz você para mim.

Ela estava quase dormindo, então não registrou seu corpo ficar tenso.

Uma de suas mãos subiu até suas costas descansando entre seus ombros. A outra deslizou para baixo descansando em seu firme traseiro.

—Estou feliz por ainda tê-lo em meus sonhos. — Ela murmurou enquanto puxava seus lábios rígidos contra os dela, encaixando os seus macios aos dele.

Era como andar de skate na orla da terra dos sonhos quando ela sentiu seu corpo tremer e sua voz profunda, repleta de diversão murmurar.

—Estou feliz, também.

Ela escorregou em seu sono.



Sonia acordou nos braços de Callum, os dela ao redor dele, sua coxa enganchada em seu quadril.

Levando em conta sua posição, a cama macia, o casulo de calor que deixou o corpo dele rígido e derreteu o dela.

—Bom dia, pequena.

A cabeça dele inclinou-se lentamente para trás e ela olhou em seus olhos azuis celeste.

Ele estava muito acordado e, por algum motivo, sorrindo para ela.

—Bom dia. — Ela murmurou, imediatamente se perdendo em seus sorridentes olhos azuis claro.

Em seguida, deslizou seu olhar para baixo e ela se perdeu na beleza de seus lábios sorridentes emoldurado por seu bigode escuro e grosso.

Aqueles lábios se moveram.

—Isto não é um sonho, pequena.

O resíduo do sono evaporou, a realidade se intrometeu e os olhos dela voltaram para os dele.

—Eu sei. — Ela mentiu.

—Você não sabia ontem à noite. — Ele respondeu.

Sonia olhou. Em seguida, os eventos da noite anterior vieram para ela.

Porra!

—Hum... — Ela começou, seus pensamentos estavam confusos, mas ela parou de falar quando ele rolou, principalmente em cima dela, sua coxa agora entre as dela e seus pensamentos focados em uma coisa. — Callum... — Ela começou a protestar.

Ele a cortou, dizendo casualmente, mas com um sorriso na voz dele.

—Estou curioso sobre esses sonhos.

Os olhos dela se arregalaram e antes que pudesse controlar sua reação, o sorriso na voz dele atingiu seus lábios.

—Veja, duas vezes você pensou que estava sonhando e nas duas vezes que pensou, você veio para cima de mim. — Ele informou a ela.

Oh bom Deus.

Ela decidiu imediatamente que não queria mais sonhar com ele. Nunca mais. Era muito confuso e isso iria colocá-la em apuros.

Ela tentou se afastar.

Ele rolou sobre ela, então ele agora estava totalmente em cima dela, mas colocou seu antebraço na cama ao lado dela para tirar algo do seu considerável peso.

Mesmo assim, ele estava perto, seu corpo cobrindo o dela. Ela podia sentir os pelos do seu peito roçando sua camisola.

Sua respiração começou a ficar pesada quando percebeu de que talvez seus sonhos não iriam colocá-la em apuros.

Talvez eles já a tivessem colocado.

Para sua mortificação, ele continuou como se estivesse meditando.

—Na primeira vez você veio forte. — Seu rosto chegou perto, mas se desviou para o lado dela. Ele não esfregou sua testa ao longo da dela. Em vez disso, ele esfregou o lóbulo de sua orelha com o nariz. —E eu gostei muito. — Ele murmurou em seu ouvido.

—Callum... — Ela começou.

Ele interrompeu novamente, levantando sua cabeça, os picos dourados lentamente invadindo o azul dos seus olhos.

—Na segunda vez, você estava sonolenta e doce. — Sua boca desceu e, contra seus lábios, ele declarou. —Eu gostei disso, também. —Sonia assistiu de perto como os olhos dele ficaram totalmente dourados. —Muito. —Ele finalizou.

—Callum...

—Então, conte-me, pequena, o que fazemos em seus sonhos?

Foi então que ela percebeu que, sim, ela estava profundamente, em apuros.

—Callum...

—Vamos fazer isso? — Ele perguntou, seus lábios deixando os dela, para deslizar por sua bochecha, sua orelha, para baixo em sua mandíbula. Ela sentiu o arrepio deslizar preguiçosamente ao longo de sua pele, enquanto seus lábios voltavam para os dela e roçava suavemente.

—Eu acho... — Ela começou, seus lábios se movendo sob os dele.

Ele cortou-a novamente.

—E vamos fazer isto?

Ele saiu de seus antebraços e suas mãos grandes e quentes deslizavam por seus lados, sobre o inferior de suas costas e em seguida, desceu sobre seu traseiro enquanto ele deu mais de seu peso, algo que seu corpo adorou e, portanto, automaticamente derreteu sob o dele.

Oh, meu senhor, ela pensou e mordeu lábio.

Então ela tentou outra vez.

—Callum, eu posso...?

—E vamos fazer isto? — Ele repetiu antes que sua cabeça inclinasse e seus lábios tomassem os dela em um doce e leve beijo.

Ela tentou afastar sua cabeça, mas desde que estava descansando sobre um travesseiro, ela não tinha espaço para mover-se.

Sua boca se separou da dela brevemente para murmurar.

—E isto.

—Cal...

Erro tático. Abrir sua boca foi uma péssima ideia. Desta vez ele não lhe deu um beijo doce.

Desta vez, a língua dele invadiu a sua boca e deu-lhe um beijo profundo e abrasador.

Independentemente de seu corpo estar adorando, Sonia conseguiu resistir, mas sem espaço para mover a cabeça suas mãos foram para os ombros dele e o empurraram.

Callum, por outro lado, conseguiu insistir. Ele ignorou as mãos dela e deu mais de seu peso, pegando seu traseiro e puxando seus quadris para mais perto dos seus.

Ela sentiu sua dureza contra ela e o desejo instantaneamente surgiu.

Primitivo, animal, uma necessidade que ela sentia às vezes, em seus sonhos. Um desejo que ela tinha muitas vezes sentido brotar com outros amantes e eles gostavam disso, o que significava que sempre era difícil de se livrar deles.

Desta vez, porém, não brotou fazendo com que ela se comportasse um pouco sem vergonha.

Ele floresceu, fazendo-a se comportar altamente devassa.

Foi tão forte, que mesmo que ela tentasse lutar, mesmo que vagamente temesse isso, com Callum cobrindo-a, sua dureza pressionada contra ela, sua língua talentosa invadindo sua boca, ela não era páreo.

Com um gemido, se rendeu. As mãos dela pararam de forçar seus ombros e seus braços se enrolaram no pescoço dele, puxando-o ainda mais perto.

Então a língua dela enroscou-se com a dele.

A cabeça dele se inclinou ainda mais, ele rosnou em sua boca e ela sentiu um borbulhar diretamente entre suas pernas.

Aniquilando seu controle, ela cedeu ao desejo.

Ela abriu totalmente as pernas em convite e os quadris dele abaixaram. Ela o beijou de volta enquanto seus quadris se levantavam, pressionando insistentemente contra sua dureza.

Logo, ele apertou seus quadris contra os dela e outro gemido, mais nítido, escapou de sua garganta enquanto suas unhas arranhavam as costas dele.

Ele soltou a boca da dela, mas não deixou sua pele. Foi ao longo de sua mandíbula, abaixo do seu pescoço, enquanto sua mão surgia deslizando ao longo de sua camisola, por seu lado, seu peito, cobrindo os seios dela.

Sonia se arqueou contra ele, procurando, exigindo.

Seu polegar deslizou sobre seu mamilo e ela curvou o pescoço, o gemido transformando-se em um profundo e faminto som.

Callum voltou, enterrou seu rosto em seu pescoço, sua voz rouca soando na pele abaixo da orelha dela.

—Gostou disso? — Ele perguntou, com seu polegar repetindo o gesto e Sonia repetindo o gemido. —Você gosta disso. — Ele murmurou e o polegar se juntou a um dedo, dando ao seu mamilo um aperto gloriosamente áspero.

—Callum. — Ela respirou e um fogo disparou de seu mamilo para entre suas pernas, sua cabeça girando e sua boca procurando a dele.

Ele não decepcionou. Ele deu-lhe a boca.

Ela deu-lhe seu beijo.

Plantando um pé na cama, ela virou-o — e ele deixou — fixando-se sobre o grande corpo dele, ela embarcou em uma descoberta frenética. O sabor de sua mandíbula coberta pela barba, seu pescoço, a sensação de seu peito sob suas mãos. Ela não conseguia obter rápido o suficiente para se satisfazer e quanto mais ela tinha, mais faminta ficava.

Ele permitiu, em seguida, a mão dele torceu seu cabelo dando um puxão áspero e exigente, que causou uma dor deliciosa. Ele forçou sua boca na dele e deu-lhe um beijo. Mais profundo, mais molhado, mais longo e Sonia não pode deixar de esfregar sua parte mais sensível em seu eixo rígido.

—Jesus, pequena. — Ele gemeu contra sua boca, suas mãos indo para seus quadris, agarrando sua camisola. Ela levantou-se, querendo que ele a tirasse, precisando sentir o peito dele contra seus seios expostos.

Ele não hesitou. Arrancou-a e jogou fora. Seus aquecidos olhos dourados caíram para seu corpo montado no dele, suas mãos deslizando através de suas costelas e mais acima, mas ela abaixou seu peito e apertou-o contra o dele. Seus pelos ásperos

provocaram seus mamilos e isso a fez se sentir tão bem, seus quadris reflexivamente se esfregaram contra os dele.

Suas mãos encontraram seus seios, os polegares roçando os seus mamilos, dedos se juntaram para um rolar inebriante. Então ele a empurrou de costas e subiu, uma mão atormentando o mamilo dela, a outra segurando o seio e levando-o à boca, onde seus lábios se fecharam sobre seu mamilo e puxou.

A boca dele em seu corpo a fez se sentir muito bem, suas costas arquearam exigindo mais, mas sua cabeça se abaixou para vê-lo chupar, conforme o braço dela voava para a cabeceira da cama para se segurar.

Seu corpo estremeceu com a beleza da visão e das sensações.

Ele foi para o outro seio e ela fez um ruído áspero conforme ela se esfregava mais contra seu corpo. A mão dele deixou seu seio e mergulhou em sua calcinha, encontrando-a e foi tão fantástico que ela empurrou contra seus dedos.

No minuto em que o fez, estava voando pelo ar, caindo de costas, Callum pressionando contra ela. Sua mão voltou para a calcinha, seus dedos se curvando, vibrando no lugar exato, perfeito.

Deus, ela nunca sentiu nada assim.

E isso a fazia se sentir tão bem.

Seus braços o circularam, suas unhas roçaram as costas dele, seus quadris ondularam contra seus dedos e o tempo todo os olhos dela estavam presos nos dele.

A mão dela se moveu por seu abdômen, mais para baixo em seu pijama e ela o encontrou.

E ele era enorme, grosso, longo e bonito.

Ela precisava dele.

Agora.

—Lobo. — Ela respirou sua demanda. —Eu quero você dentro de mim.

Seus olhos brilharam e ele deslizou um dedo dentro dela.

Ela ofegou e se esfregou contra a mão dele.

—Molhada. — Ele murmurou, sua voz era gutural e extremamente satisfeita.

—Lobo... — Uma ponta de súplica perfurou o tom quando as palavras de seu sonho foram proferidas na vida real.

Seu dedo deslizou fora dela, mas apenas para balançar insistentemente contra seu ponto doce.

—Você precisa estar pronta para mim.

Ela sabia que estava. Ela sentia. Ele não era um homem comum em qualquer sentido.

—Estou pronta. — Ela sussurrou.

—Pequena...

A mão dela acariciou seu pau e em seguida fechou seu punho ao redor dele e puxou-o para ela.

—Callum. — Ela insistiu. —Estou pronta.

— Pequena...

Ela apertou sua mão, ele gemeu, ela o acariciou e puxou e ele gemeu novamente.

Sua boca foi para a dele e ela exigiu. — Foda-me, lobo.

Callum não precisou de mais persuasão.

Ele se moveu e a calcinha dela sumiu em um piscar de olhos, chicoteando para baixo de suas pernas. O pijama dele foi puxado para baixo por ele próprio.

Em seguida rolou, ela envolveu suas pernas ao redor de seu maciço corpo e sentiu a promessa dele.

—Lobo... — Sonia respirou.

Seus quadris recuaram, seu corpo ficou tenso com a deliciosa expectativa e depois ele empurrou para dentro, empalando-a, entrando até a raiz, enchendo-a completamente e indo tão profundo, que ela poderia jurar que tocava seu ventre.

Ele parou e abaixou a testa na dela, sua respiração estava forte.

Em um tom cheio de maravilha, ele murmurou. —Você tomou tudo de mim.

Ela tomou e cada polegada dele era maravilhosa.

—Eu fui feita para você. — Ela sussurrou de volta e viu de perto, quando seus olhos dourados brilharam.

Então sua boca capturou a dela e lhe deu um beijo molhado e quente enquanto ele a fodia, profundo, duro, rápido e forte e ela amou cada golpe, cada estocada. O corpo dela, sentia-se satisfeito, completo e glorificado.

Ele rolou até ficar de costas, com Sonia montada nele e ela assumiu, cavalgando-o com abandono, as costas arqueadas e quadris selvagens.

Perdida no que eles estavam fazendo, perdida nele, cheia dele.

Ele enrolou um braço ao redor de sua cintura, tirando-a de seu ritmo e ela focou na beleza dele, seu rosto duro com um desejo quase selvagem, antes que ela perdesse a visão quando ele torceu o seu corpo para o criado-mudo. Ela apertou os quadris contra o dele e viu quando ele abriu a gaveta e puxou uma caixa azul, longa e fina de couro cru. Ele a abriu com seu polegar e retirou uma longa e delicada corrente de ouro.

Ele jogou a caixa fora e seus olhos foram para os dela.

—Sonia. — Sua voz era áspera. — Você é minha?

Perdida no momento, imediatamente, ela respondeu. —Eu sou sua.

Ele fez um rápido trabalho envolvendo a corrente de ouro ao redor da cintura dela e fixou-a. Ela viu um pequeno amuleto,

que não pode distinguir, pendurado, quando ele a fixou acima de seus quadris.

As mãos dele envolveram seus quadris e sua boca foi para a dela.

Mas os olhos estavam abertos e o dourado era tão intenso, que parecia incandescente e vibrante.

Então ele disse algo que ficou em seu cérebro, no seu coração e cortou um caminho aquecido até seus corpos ligados.

—Pequena, você está prestes a ser reclamada.

Antes que ela pudesse proferir um ruído, ele a moveu. Tirou-a de cima dele e deitou-a de bruços. Ele ficou de joelhos entre as pernas dela e bruscamente puxou seus quadris, então ela ficou ajoelhada, mas sua cabeça e tronco ainda estavam na cama.

Suas mãos grandes apertaram seus quadris, ele a penetrou até as bolas novamente e novamente. Era selvagem, lindo. Sua cabeça indo para atrás, o cabelo voando sobre os ombros dela, enquanto se apoiava nas mãos e empurrava seus quadris de volta com ávido desejo por seus empurrões.

Ele se inclinou sobre ela e fechou os dedos em seu cabelo, murmurando, baixinho.

— Isso mesmo.

Ele estava certo. Isso mesmo. A verdade, era tudo. O mundo inteiro.

Ela sentiu chegando.

E era tão grande, que sentiu medo.

Então ela lutou contra.

—Callum... — Sussurrou, com um pânico repentino na voz.

Ele puxou sua posição vertical usando o cabelo dela, mas o soltou e seus braços a rodearam, uma mão deslizou para o peito dela e a outra deslizou entre suas pernas enquanto ele continuava mergulhando dentro e fora dela.

—Entregue-se. — Ele persuadiu no ouvido dela, com sua respiração pesada.

Ela continuou lutando. Era muito grande, enorme. Isso iria destruí-la.

Mas estava rastejando, invadindo, tomando tudo. Ela não seria capaz de segurar.

—Não posso. — Ela respondeu.

—Submeta-se. — Agora era um comando. Ele pretendia ser obedecido. Cada movimento que ele fazia o exigia.

—Callum. — Ela sussurrou, freneticamente lutando e perdendo. —Vou gozar.

Então gozou.

A cabeça dela foi para trás e seu corpo se arqueou, dominando-a, passando através dela enquanto ele entrava nela, possuindo-a.

Ele virou a cabeça para que sua boca estivesse na dela, tomando mais, drenando-a.

Em seus braços, empalada em seu pau, com a boca na dele, ele estava reivindicando tudo o que ela era e Sonia gemeu fortemente contra sua boca. O ruído perfurou o ar quando ela estremeceu incontrolavelmente através do mais longo, mais forte, mais luxuriante e demorado clímax, que já sentiu em sua vida.

Ao mesmo tempo o abraço de Callum a circulou, possuindo, protegendo. Uma mão no abdômen, uma no peito, ele pressionou-a para baixo enquanto entrava nela uma última vez e o rugido gutural do seu orgasmo se misturava com seu grito penetrante.

Após, com a grossa respiração dele em seu ouvido e a dela diminuindo, ele não se moveu. Callum segurou-a contra ele como se nunca quisesse deixá-la ir.

Então sua mão deslizou para baixo, seus dedos arrastando a corrente de ouro em seus quadris, ele mexeu no amuleto que estava pendurado ali, ao fazer isso passou rapidamente os dedos contra a pele sensível de seu osso íliaco.

Então ele moveu seus quadris, retirando-o brevemente e entrando uma última vez, um movimento que a percorreu deliciosamente, fazendo-a gemer.

Finalmente ele anunciou, sua voz rouca, mas firme no ouvido dela.

—Você está reivindicada.

Ela sentiu a reivindicação, completamente reclamada, tão reivindicada que ela se sentia possuída.

Sonia estremeceu em seus braços.

Esses braços ficaram mais apertados e ele enterrou o rosto no pescoço dela.

Antes que Sonia pudesse ter um pensamento, ele a levantou tirando-a dele e a colocou delicadamente ajoelhada na cama, mas os manteve perto.

Então ele fez algo incomum. Algo estranho, pungente e belo. Algo que mexeu com a mente dela e dilacerou seu coração.

O braço em volta da cintura dela se deslocou, sua mão deslizou por todo seu corpo, para trás e para baixo, até o monte entre suas pernas, por trás.

Então ele esfregou a palma da mão contra ela.

Curvou seu quadril e ela gemeu.

Então ele a cheirou.

Ela congelou.

—Deus, pequena. — Ele gemeu no seu ouvido. —Eu gostaria que você sentisse nosso cheiro. — Ele passou sua mão deslizando reverentemente através da umidade que escorria entre as pernas dela. —Perfeito. — Ele continuou. —Magnífico.

Ela podia sentir o cheiro.

E ele estava absolutamente certo.

Ele se abaixou e sua mão deslizou até o abdômen dela então, sobre o interior de uma coxa, depois a outra, revestindo-a.

Ela estremeceu contra ele.

Devia ser outra coisa que seu povo fazia.

Era chocante, intenso, mas também estranhamente doce e sensual.

Sua mão a deixou e ele envolveu seu braço ao redor dela novamente, enquanto sua boca voltava a orelha dela.

—Eu a molhei como nós dois pequena. Nós dois. — Ele rosnou, a intensidade do seu tom, provando que o momento era profundo. —E nós somos... bonitos... para caralho.

—Callum... — Ela começou, mas não terminou.

Ele caiu na cama, levando-a com ele e colocando-a completamente em cima dele.

Ele deslizou os dedos em seu cabelo e escondeu o seu rosto no pescoço dela. Deixando uma mão no seu cabelo e a outra mão em concha no seu traseiro.

—Você não deveria ser loira querida, depois disso, pensei que você fosse um dos meus. — Ele comentou, com sua voz claramente satisfeita.

—O que? — Ela sussurrou contra a pele de seu pescoço, não processando suas palavras. Depois do que aconteceu, não processava qualquer coisa, apenas o fato de que estava absolutamente, seriamente e totalmente encrencada.

—Não há loiras em meu povo. — Ele explicou. —E meu povo é ardente, muito mais do que a maioria de seres humanos e eles gostam de brincar. — Ele cravou os dedos no traseiro dela. —Você, obviamente, gosta de brincar. — A mão dele deslizou para cima de seu traseiro para se envolver ao redor da cintura dela e dar-lhe um aperto. —Isto me agrada. — Ele murmurou, este último soando satisfeito.

Muito satisfeito.

Até mesmo presunçoso.

Sonia não sabia o que acabou de acontecer ou mesmo como aconteceu ou mesmo porque ela o deixou ir tão longe.

—Callum...

Ele a cortou. —Foi como em seus sonhos?

—Hum... não, não totalmente. — Ela respondeu automaticamente, levantando a cabeça para olhar para ele, tentando ignorar o fato de que ele parecia satisfeito, feliz e presunçoso e era uma excelente expressão, que fazia coisas

sérias em suas entranhas e começava tudo outra vez. — Callum...

Ele levantou a cabeça e roçou os lábios contra os dela enquanto dava-lhe outro aperto com os braços.

—Então, como foi nos seus sonhos? — Ele perguntou, sorrindo para ela.

Ela ficou apavorada, desesperada para colocar a conversa de volta nos trilhos, embora ainda não soubesse qual o caminho. Esperava de verdade voltar atrás, mesmo que não pudesse imaginar como conseguiria isso, considerando que estava nua em seus braços e implorou a ele que a comesse, ela respondeu imediatamente. —Bem, não havia corrente de ouro, nem sexo e....

Suas sobrancelhas se ergueram e ele interrompeu novamente.

—Sem sexo?

—Não, nós apenas conversávamos um pouco e começávamos com, hum... as coisas e, em seguida, eu sempre acordo. — Ela respondeu apressadamente. —Ouça...

Ele interrompeu.

—Coisas?

—Você sabe, começamos a fazer sexo e em seguida eu acordo. — Ela disse-lhe então e continuou. —Callum, eu quero conversar...

Mas ele não estava ouvindo, estava rindo e em seguida colocou o rosto em seu pescoço novamente e apertou os braços.

—O que é engraçado? — Perguntou ao pescoço dele.

—Pobre bebê. — Ele murmurou, seu tom de voz baixo, mas brincalhão. —Há vinte anos eu venho brincando com você. — Ele rolou sobre ela, ergueu a cabeça para olhar para ela, suas mãos começaram a deslizar ao longo de sua pele e sua voz estava rouca quando ele terminou. —Eu tenho muita coisa para compensar.

—Callum...

Ela parou de falar quando ele sorriu novamente e era tão imoral, tão satisfeito, tão incrivelmente arrogante e sabia que ela não podia fazer nada além de olhar.

—Você me chamou de “lobo”. —Ele afirmou.

O corpo dela ficou tenso.

Callum continuou falando ou mais precisamente, provocando.

—Bom saber que posso acabar com uma de suas relutâncias com alguns beijos.

Em suas palavras, ela esqueceu de tudo instantaneamente e explodiu. —Foram mais que alguns beijos e de qualquer forma, não era eu mesma.

—Se não era você, querida, então terei que fazer tudo o que tiver que ser feito para manter a Sonia que acabei de

foder. A Sonia que gozou para mim tão forte, que pensei que os gritos dela fossem estourar a maldita janela.

Ela estava errada há dois dias.

Ele não era um grande idiota mandão.

Ele era um bastardo arrogante.

Tentou se afastar, empurrando seus ombros, dizendo.

—De todos os arrogantes...

Ela estava se contorcendo embaixo dele quando ele a parou, enterrando o rosto no pescoço dela.

—Ê isso aí, pequena, lute. Será divertido.

Ela rosnou baixo na garganta dele.

Ele riu baixo na dela.

Ela resistiu e empurrou.

Ele segurou os quadris dela e a puxou sob ele, rolando seus próprios quadris, até que ela foi forçada a abrir as pernas.

Ficou imóvel, seus olhos fixos nos dele e ela gritou. —Saia de cima de mim!

—Não, querida. — Ele sorriu para ela, todo Rei altivo e arrogante. —Vou entrar em você.

Ela deu aos ombros dele um forte empurrão e seu celular tocou na mesinha de cabeceira.

Ambas as cabeças se viraram para ele, os olhos dos dois se estreitaram sobre ele, mas por razões completamente diferentes.

—Que merda. — Ele murmurou, estendendo um braço longo para pegá-lo.

—Solte-me. — Ela exigiu novamente, enquanto ele olhava para o visor.

—Resolverei em um minuto, pequena. —Ele disse distraído.

—Saia... de cima... de mim! — Ela retrucou e seus olhos voltaram para ela.

—Fique quieta. — Ele ordenou, a voz dele uma penetrante explosão, real.

Ela se acomodou, porque, aparentemente, o Rei Não Podia Ser Contrariado Por Causa de Sua Origem Real e Callum estava deitado entre as pernas dela.

Ele colocou o telefone no ouvido e disse.

—Callum.

Como ela estava perto, pode ouvir toda a conversa.

—Cal, irmão, você precisa descer a montanha.

Era Calder.

—Porra, por quê? — Callum cortou.

—Você se lembra sobre o que conversamos ontem? — Calder perguntou.

—Sim. — Callum respondeu.

—Bem, nós invertemos isso irmão. Ele está falando. Falando muito. Este território está infestado. É muito mais ferrado do que imaginávamos. Mona... droga, não sei o que Mona tem feito, mas seja qual for a merda, o trabalho dela é que não é. Alguém tem que lidar com ela e nós precisamos começar a nos mover ou essa merda vai começar a se espalhar. — Respondeu Calder.

—Quão ruim é? — Callum perguntou.

—A escala não vai até o tão ruim assim. —Calder respondeu e Sonia observou Callum fechar os olhos e seu rosto endurecer antes de abri-los, enquanto Calder continuava falando. —Ajeite tudo com sua companheira e traga a sua bunda para baixo da montanha. Tenho certeza que irá encontrar tempo para reclamá-la aqui. Temos coisas mais importantes para resolver.

Os olhos de Callum foram até ela, mas ela olhou para seu ombro com raiva e ao mesmo tempo fingindo que não estava ouvindo nada.

—A escritura está pronta. — Anunciou Callum e Sonia levou tudo o que tinha para não reagir às suas palavras.

Bom deus.

Agora ela era uma “Escritura”.

Bem, ele o fez, tudo bem.

—Aleluia. — Calder assoviou. —Eu sabia que não iria demorar. — Observou com profundo respeito, antes de terminar. —Agora, vamos ao trabalho.

—Nós estaremos aí em embaixo no início da tarde. — Callum retornou.

—Nós teremos tudo pronto. — Respondeu Calder. —Até mais tarde.

Sonia observou enquanto Callum fechava o seu telefone e seus olhos voltavam para ela.

—Sinto muito, querida, temos que encerrar por aqui e voltar ao mundo real. — Ele disse a ela e de verdade ele parecia desapontado.

Mas não podia deixar de pensar o quão conveniente tudo isto era.

Callum — e seus irmãos — deixaram claro — várias vezes — que seu tempo na cabana com ela era algo que ele considerava um aborrecimento frustrante. Na verdade, ele próprio, referiu-se a isso como uma “farsa”.

Callum e o irmão dele conversaram qualquer coisa sobre isso ontem.

Esta manhã, Callum não perdeu tempo em seduzi-la, reivindicando-a e em seguida o irmão dele ligou para dizer que era essencial que ele descesse a montanha.

Real dever ordenado, tempo para fazer guerra.

—Sonia? — Ele chamou e ela se concentrou em seu belo rosto. —Não temos muito tempo. Precisamos tomar um banho e ir.

—Certo. — Ela sussurrou, afastando o olhar enquanto sentia algo importante se enrolar na região de seu coração.

—Pequena. — Ele murmurou e ela olhou para atrás, para ele. —Nós vamos voltar. Assim que pudermos. Tudo bem?

Sonia não iria prender a respiração.

—Tudo bem. — Respondeu ela.

Ele inclinou-se para baixo, roçando sua boca contra a dela e em seguida, a segurou, levando-a com ele.

Ela começou a pegar sua camisola, mas com sua mão na dela, ele a puxou ao redor da cama — sim, nua! — Indo em direção ao banheiro.

—Callum. — Ela chamou, tentando soltar a mão dela. — Tome banho primeiro, eu vou fazer as malas.

—Deixaremos as roupas e a comida aqui. Tenho pessoas que virão para a cabana. E nós iremos tomar banho juntos. — Ele anunciou e o coração dela falhou quando ele a puxou até o banheiro, a soltou e virou-se imediatamente para abrir as torneiras do chuveiro.

—Hum... — Ela começou, mas engoliu de volta quaisquer que fossem suas próximas palavras quando as mãos dele foram até seus quadris e puxou-a para seu corpo.

—Eu sei que é muita coisa e sei que é rápido. — Ele afirmou abruptamente. —Mas, em breve, você estará acostumada a mim, ao meu corpo, ao fato de que eu quero você nua na minha cama todas as noites e nua no meu chuveiro todas as manhãs e nua a qualquer momento, assim não precisará usar roupas. Então, é melhor que você comece a se habituar com isso agora.

Ela ficou de boca aberta para ele.

Quão pior isso poderia ficar?

Tão de repente quanto ele a agarrou, ele a soltou e entrou no chuveiro, não tendo claramente nenhum tempo a perder.

Ela olhou para ele, claramente não tendo nada a dizer sobre o assunto.

Sem nada a dizer para isso, porque estava descobrindo rapidamente que, quando o Rei Callum queria algo, o Rei Callum tinha, as mãos dela foram para a corrente ainda pendurada em seus quadris e ela começou a girá-la ao redor para encontrar o fecho.

—Que porra você está fazendo? — Callum grunhiu do chuveiro e ela levantou a cabeça.

—Eu vou tirar isso antes de tomar um banho. — Ela disse a ele, sua voz baixa diante a sua súbita raiva.

Ele saiu do chuveiro — espirrando água por todo lado, aliás — pegou-a no colo, a colocou no chuveiro e se juntou a ela, não hesitando em pegar o xampu

—É uma corrente de reivindicação, Sonia. — Ele informou a ela. —Uma vez que é colocada, você nunca a tira.

Ela piscou para ele enquanto a água caía sobre ela e estupidamente, perguntava. —O que?

Ele voltou sua atenção em colocar xampu em sua grande palma para ela.

—É uma corrente de reivindicação. Vocês humanos têm anéis de casamento, meu povo tem correntes.

Sua boca se abriu.

Ela fechou.

Suas palavras se repetiam em sua cabeça e sua boca se abriu novamente.

Em seguida, ela sussurrou. —Você está dizendo que se casou comigo esta manhã?

Ele mal olhou para ela enquanto se virava para sair de debaixo do chuveiro e se colocar no lugar dela.

—Conectei-a a mim, sim. Por toda vida. Mesma coisa. — Ele respondeu distraidamente, sua mente em outras coisas, não em apenas informá-la do, geralmente alegre, fato de que naquela manhã eles tinham simplesmente se casado.

Ela ficou congelada e olhou enquanto ele massageava o xampu em seu cabelo.

E ela ficou assim por um tempo.

Ele tomou banho e quando ele a viu ali, estreitou seus olhos.

Então ele disse, usando uma voz repleta de uma artificial paciência. —Vamos, querida. Há coisas para fazer.

Ela bruscamente saiu de seu chocado estupor e automaticamente alcançou o seu xampu.

Haviam coisas a fazer.

Essas coisas não incluíam Sonia tendo um momento para processar o fato de que em três dias a vida dela foi virada do avesso.

Ela costumava ter uma vida tranquila, trabalhando em uma loja que ela amava, vivendo em uma casa de fazenda, entre vizinhos que eram boas pessoas. Não era uma vida ótima. Era uma vida solitária. Mas haviam momentos de contentamento e até mesmo de felicidade.

Agora, ela era a Rainha de um povo desconhecido. Ela era a companheira destinada a um homem que mal conhecia, mas sabia que ele não a queria. E ela apenas, simplesmente, tinha se casado com ele.

Conforme aquela coisa se enrolava em seu coração, apertava e se preparava para morrer, Sonia começou a tomar

banho, nua, com seu marido, um homem que ela conheceu três dias antes e nem sequer tinha certeza de que gostava dele.

E ela se apressou.

Porque ele tinha coisas para fazer.



Capítulo

9

Dever

Callum puxou seu SUV dirigindo-se para a ampla área da Mansão Territorial.

Enquanto ele fazia isso percebeu que durante a viagem de duas horas e meia sua mente estava tão concentrada no que estava acontecendo com seu povo e o que ele tinha que fazer sobre isso, tanto com o perigo iminente quanto com o futuro próximo, que ele não disse uma palavra a Sonia.

Ele olhou em sua direção no banco do passageiro e observou que os olhos dela estavam estudando a mansão com curiosidade.

Porra, ela era bonita, sentada ao lado dele, vestindo uma roupa térmica azul gelo, um colete acolchoado, rosa pálido, com um colarinho que emoldurava a elegante linha do seu pescoço, um cachecol de lã verde pálido envolvido ao redor de seu pescoço com a ponta pendendo para frente e jeans levemente

desbotado de cintura baixa nos quadris e que emolduravam brilhantemente a bunda dela. Ele tinha-lhe dado botas de couro marrons claras com saltos baixos que sua mãe comprou para ela e que ele guardou na caminhonete e ela escolheu um cinto combinando.

Na cabana, enquanto ele chamava Ryon e Caleb para informá-los sobre o que ele queria que eles fizessem, antes de sua chegada, ele permitiu que ela tivesse um tempo para aplicar uma camada de maquiagem e secar seu grosso cabelo louro, que caía em elegantes e brilhantes ondas, em seus ombros e costas.

Examinando a beleza, a elegância casual com a qual ela usava suas roupas, lembrando de sua manhã, sabendo que sua corrente estava pendurada em seu quadril, ainda ouvindo seus gritos quentes e sentindo o pulsar ao redor de seu pênis com seu orgasmo desinibido, Callum sentia-se exultante.

Hoje, seu povo iria se encontrar com sua Rainha.

E ela era perfeita.

—Aqui estamos. — Ele disse a ela, desacelerando à medida que se aproximavam da ampla entrada para a mansão.

—Onde é.... — Ela hesitou, ainda olhando o prédio. — Aqui?

—Mansão territorial do território ocidental das Américas. — Ele respondeu distraído. Então seus pensamentos mudaram dos momentos agradáveis com Sonia para aqueles

desagradáveis que em breve seria forçado a enfrentar, sem saber se suas palavras soariam absurdas para ela, enquanto que para ele não soava.

Ele estacionou em sua vaga e saiu do carro, descontente quando viu que ela saiu sem sua ajuda enquanto ele contornava o carro indo até o lado dela.

Ele olhou para o edifício e viu dois de seus guerreiros de guarda.

Eles pareciam estar conversando do lado de fora da mansão, mesmo que ela tivesse extensos jardins murados e sua função fosse governamental, estava acondicionada dentro da cidade e aberta para os transeuntes verem. Os seres humanos pensavam que abrigava uma grande família rica, com um bom número de amigos, embora o governo dos Estados Unidos soubesse de forma diferente. Mas os humanos não tinham ideia de seu propósito e, portanto, soldados vigiando as portas parecia incomum. Quando entre humanos, os lobos faziam todo o possível para parecerem “normais” e, por causa disso, os homens, que estavam de guarda, pareciam estar tendo uma conversa casual.

Callum guiou Sonia até a porta, ele a abriu e fechou. Então segurou sua mão e levou-a até as escadas.

Seus dois soldados curvaram a cabeça brevemente ao seu Rei e Rainha, seus olhares curiosos sobre Sônia, com sorriso em seus rostos.

Sonia automaticamente sorriu de volta e assentiu com a cabeça, não regamente, socialmente. Como se ela estivesse andando na rua, chamou a atenção de um transeunte e lhe dando um sorriso caloroso e amigável.

No seu gesto, os sorrisos dos seus guerreiros alargaram-se.

A mão de Callum apertou a dela.

Sim, Callum pensou, seu povo iria amá-la.

Eles entraram pela grande porta que levava a um corredor longo e largo.

Ryon e Caleb estavam caminhando em direção a eles. Caleb estava carregando uma fina pasta de papel pardo.

—Está tudo pronto. — Caleb anunciou.

—Quero ler o relatório da reunião antes de entrar. — Callum respondeu.

Caleb assentiu com a cabeça e ele e Ryon viraram-se e caminharam de volta a uma curta distância em direção a uma porta fechada. Eles abriram, atravessaram e Callum e Sonia os seguiram.

Era o escritório de Mona, decorado com uma mesa colonial, reluzentes assoalhos de madeira, com grandes, grossos e caros tapetes persas, mobiliário antigo de valor inestimável, pesadas e ornamentadas cortinas nas janelas altas e largas.

Ele viu Sonia olhando ao redor, com os olhos arregalados apreciando a opulência. Vendo o que a sua companheira viu, Callum distraído observou, com certo desdém, que a propensão de Mona em relação a exuberância era evidente no edifício do governo que ela supervisionava desde a criação. Estes não eram os ambientes usuais de um lobo, não tinha nada a ver com isso.

Parou perto da mesa de Mona, inclinou um quadril contra ela, trouxe Sonia perto, soltou a mão dela e abriu o arquivo que Caleb lhe deu.

A mãe dele sempre ficou ao lado de seu pai em tudo. Este era o propósito da Rainha, um apoio físico ao Rei, bem como a demonstração da solidariedade a todos os lobos.

Regan ficava com Mac durante sessões de estratégia e de campanhas. Embora ela não lutasse, ela também não reclamava quando seu alojamento era apenas uma tenda ou duas camas unidas em uma barraca com cobertores amarrados ao redor deles para privacidade. Ela também esteve ao seu lado durante as assembleias diplomáticas e tribunais de guerra.

Como Rainha, Regan realizou seus deveres silenciosamente. A presença dela era tudo o que era necessário. Sua compreensão dos eventos era importante durante os tempos privados que ela compartilhava com Mac. Ela mal podia oferecer-lhe o que ele precisava, se ela não soubesse o que estava acontecendo.

Houveram momentos de separação, mas foram breves e raros.

Sonia, Callum decidiu, faria o mesmo.

Sem dizer uma palavra, ele abriu o arquivo e começou a ler o relatório.

Então ele sentiu Sonia afastar-se e a ouviu dizer baixinho.

—Oi Ryon.

Ele olhou para cima e viu Sonia se levantar em seus dedos dos pés e pressionar um beijo na bochecha de Ryon, então ela inclinou-se de volta e virou a cabeça para cima sorrindo.

—Ei Sonia. — Ryon sorriu para ela por sua vez. — Como está lidando com tudo isso? É tudo um pouco estranho, não é?

—Hum... — Ela murmurou, sem afastar o sorriso de seu rosto e o jeito que ela disse suas próximas palavras refletiu incisivamente que era um eufemismo. —Um pouco.

Ryon riu.

O sorriso de Sonia se iluminou.

A mandíbula de Callum se apertou.

Ryon tinha um jeito com os seres humanos femininos, Callum sabia disso.

Ele apenas não gostava que Ryon usasse isso com a muito recente e definitivamente espetacular esposa reclamada de Callum.

Mas era algo que seu primo não hesitava em fazer, nem antes e nem agora. Também era algo a que Sonia respondia ainda mais e era algo que Callum não gostava.

Antes que ele pudesse responder, Sonia virou-se para Caleb e disse.

—Oi Caleb.

Ela inclinou-se para o irmão de Callum e deu-lhe um toque de bochecha e um sorriso também, mas foi longe de ser tão apaixonante quanto o que ela deu em Ryon.

Ainda assim, Callum observou que mesmo Caleb estava sorrindo para ela com uma expressão extasiada em seu rosto, como se enfeitado.

—Ei, irmã. — Caleb deu uma resposta que fez o corpo de Sonia se contrair.

Então ela sussurrou, melancolicamente.

—Eu nunca fui uma “irmã”.

—Você é agora.

Então Caleb recebeu um grande sorriso da esposa de Callum.

Callum sentiu seu temperamento subindo e, por isso, quando ele disse.

—Sonia. — O nome dela chicoteou através da sala agudo e irritado.

Ela começou e virar-se para ele, com seus olhos confusos, seu rosto empalidecendo.

—Venha aqui. — Callum ordenou e ela hesitou brevemente, mas moveu-se para o lado dele.

Tanto Ryon quanto Caleb olharam para ele. Ryon com aborrecimento. Caleb, Callum ficou surpreso ao ver, com raiva mal escondida.

Ele ignorou suas expressões, olhou para Sonia e instruiu.

—A Rainha deve ficar ao lado do Rei.

—Eu estava a dois metros de distância. — Ela respondeu calma, o rosto dela ficando ainda mais pálido.

—A Rainha deve ficar ao lado do Rei. —Ele repetiu, a viu engolir e sentiu o ar ao redor deles ficar denso, isso vindo de sua família.

O olhar dele cortou para os seus irmãos, mostrando, não verbalmente, seu descontentamento e ele olhou novamente para os papéis.

Ele leu o relatório de três páginas e as palavras apagaram Sonia, Ryon e Caleb da sua mente.

Ele fechou a pasta e olhou para Ryon.

—Raios, Mona é uma idiota. — Ele comentou.

—Sempre foi. — Ryon respondeu.

—Mac ferrou tudo, instalando-a como Governadora deste território. —Callum observou com frustração, entregando o arquivo de volta para Caleb.

Mac o deixou com uma rebelião que, em um ano, com brutalidade estudada, ele anulou, forçando-os a assinar um tratado que juraram nunca assinar, quatro anos mais tarde, eles o romperam.

Fora isso e a ocasional revolta que era normal entre lobos intensos, temperamentais e muitas vezes briguentos, o Reino de Mac foi pacífico e ordenado.

Não havia nenhuma confusão.

Exceto por Mona.

—Ela pensou que fosse uma jogada diplomática. — Ryon respondeu, os olhos dele deslizando para a Sonia. —Titium ficou descontente com o que aconteceu. — Ryon olhou para Callum. —E ele daria um inimigo formidável.

Callum sabia disso.

Durante sua breve aventura há muito tempo, algo que Callum fazia regularmente, um fato que ele pensou que Mona havia compreendido, como todas as outras lobas, porém, ela tinha se apaixonado por ele. Por causa de sua obsessão, sair dela foi desagradável e eventualmente, diplomaticamente sensível.

Titium, governador da Europa e um guerreiro altamente respeitado, estragou sua filha. O que ela queria, Titium dava. Infelizmente, Mona era ambiciosa e obsessiva. Em ordem para que ela deixasse seu filho sozinho, Mac a instalou como Governadora dos então, escassamente povoados, territórios ocidentais da América.

Todos ficaram surpresos quando ela demonstrou razoável habilidade para lidar com sua província ao longo dos anos, mesmo quando emergiu e povoou.

Eles todos ficaram surpresos também quando os anos se passaram e ela nunca encontrou seu companheiro, algo que sabiam, seu pai voltaria sua atenção para longe de Callum.

No entanto, aparentemente, desde a morte de Mac, ela perdeu o foco sobre as suas responsabilidades.

Isto, também. Callum entendia e o irritava.

Callum agora era Rei e a Mona mimada e ambiciosa queria sua atenção até mais do que antes. E ela queria desesperadamente, não importava de que forma chamasse sua atenção.

Ela o queria o suficiente para ferrar tudo e atraí-lo para seus territórios. Algo que, a menos que houvesse uma insurreição, Callum, e Mac antes dele, raramente tinham que fazer, uma vez que os outros governadores governavam suas províncias com eficiência. Na verdade, era algo que os governadores se esforçavam em não fazer, porque a atenção de

Callum, a menos que fosse para uma cerimônia oficial ou uma visita social, não era o que eles procurariam.

Era possível que a loba, provavelmente, nem soubesse o que estava fazendo.

Callum pegou a mão de Sonia e moveu-se em direção à porta, murmurando.

—Vamos resolver isso.

—Espere. — Chamou Ryon e Callum parou, puxando Sonia para o lado dele.

—Informou-a do protocolo? — Ryon perguntou, chegando perto.

—Desculpe? — Callum respondeu, seus pensamentos em qualquer outro lugar menos no protocolo que era algo que, como Rei, ele não tinha que preocupar-se. Somente aqueles ao redor dele o faziam.

Ryon olhou-o feio, mas suavizou seu olhar gentil para Sonia.

—Sonia, você está prestes a entrar em uma sala do trono, na qualidade oficial de nossa Rainha. — Ele explicou suavemente. —Todas as pessoas nessa sala se curvarão para você e Callum. Se estivesse sozinha, iria caminhar ao trono, sentar-se e dizer-lhes para se levantarem. Como está com Callum, não dirá nada. Não fale nada até Callum dizer que você deva falar. Ele vai levá-la ao trono e dar a ordem. Em um

minuto, conforme isso acontecer, as pessoas vão falar, mas você não falará. Sua tarefa é observar em silêncio, não diga uma palavra. Mas preste atenção, amor, em tudo o que está acontecendo. Você vai entender o motivo depois. Está bem?

Callum estava irritado com ele mesmo por não ter pensado em instruí-la, enquanto desciam a montanha.

Ele ficou ainda mais irritado por Sonia estar olhando para Ryon com óbvia gratidão.

Ela assentiu com a cabeça para Ryon. Callum puxou sua mão e sem olhar para ela, levou uma silenciosa Sonia através da mansão e subiram a grande escadaria até a sala do trono.

As portas foram abertas quando eles se aproximaram e ele ouviu Sonia tomar uma surpresa respiração antes que ele a guiasse através dela.

A sala estava cheia de seus guerreiros e funcionários da mansão. Cada um deles, incluindo Mona, que estava ao pé da tribuna, caiu em profunda reverência, cabeça abaixada, cerimoniosamente.

Ele caminhou através da sala, lado a lado com Sonia, cujos passos vacilaram. Olhando para ela, ele viu seu olhar temeroso, fixo nos cinquenta grandes lobos que estavam se curvando.

Ele ergueu a mão dela e a colocou em seu braço, trazendo-a mais perto dele tentando oferecer-lhe conforto.

Ela olhou para ele, com seus olhos ainda assustados, e ele acenou com a cabeça para ela, mas não esperou a resposta dela e levou-a até as escadas do trono, sentando-se ali.

Sem demora, como seu pai fez antes dele e cada Rei, príncipe, duque, governador ou nobre na história fez com sua companheira, ele se sentou no trono e puxou-a para seu colo.

Instantaneamente, ela fez um barulho surpreso e tentou sair.

Seus braços apertaram em volta dela, deu-lhe um aperto de aviso e seu olhar alarmado piscou para ele. Tudo o que ela viu ali a fez olhar ao redor, então, revirou os olhos e seu corpo se adaptou ao seu.

—Levantem-se. — Ele ordenou, a assembleia se levantou e todos os olhos se voltaram para o trono.

Ele sabia o que eles viram.

Se ele não a tivesse reivindicado, ela estaria de pé ao lado direito de seu trono.

Mas, ele a reivindicou e se vinculou, agora sua Rainha estava no colo dele.

Sentiu outra emoção de euforia, compreendendo a enorme importância da ocasião, como fizeram todos na sala. Todos, exceto ele, não tinham sequer imaginado em notar Sonia.

Vendo os olhares deles examinarem Sonia, ele se permitiu um momento de glória, sabendo o que estavam vendo. Mesmo

que isso não tivesse nada a ver com ele e tudo a ver com o destino, ainda estava extremamente orgulhoso disso.

Então, ele começou a reunião.

Não olhando para Mona, seus olhos vasculharam a sala e concentraram-se no vice-governador de Mona.

—Saint. — Ele chamou e o alto guerreiro caminhou em direção ao tablado.

Callum o conhecia bem. Saint lutou ao lado de Callum. Ele era um guerreiro forte, astuto e um bom amigo. Trinta e um anos atrás, Mac instalou Saint ao lado de Mona para se certificar de que ela não descobrisse a existência de Sonia e para que ficasse de olho nela.

Ele fez as duas coisas.

Como era a prática padrão, Saint também foi interrogado, mas, não surpreendentemente não tinha nenhuma conexão com a trama, nem até recentemente, qualquer ideia de que a rebelião escolheu os territórios ocidentais para se reunir.

Ele não tinha ideia, porque Mona não o tinha.

No entanto, foi Saint quem percebeu que alguma coisa estava acontecendo. Ele quem descobriu o plano contra Sonia e revelou a Callum.

Ao longo dos anos, Saint relatou com crescente frequência, que trabalhar com Mona estava se tornando uma tarefa cada vez mais árdua.

Callum, infelizmente, sabia muito bem que Mona não era nenhum piquenique e não pensou muito nisso.

Este foi o erro dele.

Ele estava prestes a corrigi-lo.

Quando Saint parou de pé de frente ao tablado, Callum falou.

—No final do dia, eu vou querer uma lista com os nomes daqueles que você considera os melhores para substituir Desdêmona como governador deste território. — Callum ouviu o suspiro raivoso de Mona e sentiu Sonia se afundar ainda mais em seus braços, mas ele continuou. —Se você estiver interessado, coloque seu nome no topo da lista.

—Sim, Sua Graça. — Saint respondeu, com alívio em seus olhos e um leve sorriso puxando seus lábios.

O olhar de Callum foi para Mona.

—Desdemona, eu a estou destituindo do cargo de governadora, imediatamente.

Ela inclinou-se e começou.

—Mas, Sua Graça...

—Debaixo do seu nariz, uma rebelião se formou em seu território. — Ele anunciou, cortando-a. —Você está bem ciente de que uma das partes mais importantes de seu dever é ser meus olhos e ouvidos nesta região e informar-me se há notícias de uma insurreição. Contudo, ignorou flagrantemente missivas

da Escócia sobre a forma de como supervisionar o seu povo para se certificar de que isso não acontecesse. Isso significa que eles sabiam que sua região era fraca e segmentada. Havia até mesmo dois entre sua guarda pessoal, que estavam envolvidos. Além disso, por causa de suas falhas pessoais, por trinta e um anos você colocou a mim e ao meu pai em uma posição desvantajosa, porque nós não podíamos confiar em você e a sua guarda para proteger, minha Rainha. Agora temos uma situação onde, se você estivesse fazendo seu trabalho, poderia ter resolvido isso e não teria exigido minha atenção ou eu estaria ciente disso muito antes de agora. Mas é muito pior. É uma situação onde rebeldes conhecidos têm se instalado em sua região, eles já conspiraram para romper o Tratado e tudo isto colocou minha Rainha em risco.

—Rei Callum... — Mona começou.

Callum interrompeu laconicamente.

—Mona, é melhor não falar. Ambos sabemos que sua administração nesta província tem sido uma piada, desde o início.

Seu lindo rosto se virou e imprudentemente, ela ignorou seu comando e declarou.

—Seu pai nunca reclamou.

—Este não era o método do meu pai. — Callum retornou.

—Meu pai... — Ela começou, com a ameaça transformando o tom dela.

—Seu pai não tem escolha senão aceitar esta decisão. — Retrucou Callum. —Você está liberada. — Ele declarou em caráter definitivo. Viu seu corpo se sacudir e farejou sua raiva, mas continuou. — Por colocar minha Rainha em perigo, você deve ser punida. Mas em respeito a seu pai, em vez disso, estou lhe dando um ano para encontrar seu companheiro e se estabelecer. Depois desse ano, se não o fizer, será detida.

Seu rosto empalideceu antes de ficar vermelho e ela respirou.

—Detida?

—Não é o que fazemos quando uma das nossas fêmeas se recusam a procurar seus companheiros? — Callum perguntou.

—Mas isso é para... é para... — Ela fez uma pausa e explodiu. — Para mulheres que são loucas!

—Prove sua sanidade. — Callum provocou e ele viu o rosto dela mudar de uma maneira que, em sua impaciência e raiva por ela e seu pai em sua bondade e diplomacia, tinha até então perdido.

Desdemonia, filha de Titium, era estúpida, mimada e ambiciosa.

Ela não era louca.

Ela era extremamente louca.

—Não tenho e não preciso encontrar meu companheiro...
— Ela começou a declarar.

—Desdemonas... — Callum tentou intervir.

Ela continuou teimosa.

—Porque ele está sentado na minha frente!

O ar ficou denso com o choque e o som dos pés se arrastando. O já rígido corpo de Sonia transformou-se em mármore contra seu colo e ele a ouviu inspirar suavemente.

Ryon aproximou-se para colocar fim a insolência de Mona, mas Callum levantou uma mão para impedi-lo.

Quanto mais fundo ela cavasse a sua sepultura, mais profundo Callum iria enterrá-la e ele a queria enterrada tão profundamente que nunca teria que ver o rosto dela novamente.

—Você declara isso na frente de sua Rainha? — Callum perguntou com falsa calma.

—Anos atrás, eu senti a conexão. — Ela disse. —E, não importa o que dizem, Cal, você também sentiu. Eu sei.

Sonia moveu seu corpo, esses movimentos foram leves, mas cheio de inquietação.

Ele deu a sua companheira um abraço reconfortante, antes de dizer ironicamente.

—Difícilmente, Desdemonas.

—O que tínhamos era bom! — Ela gritou desesperada, inclinando-se mais para frente.

—O que tínhamos era sexo. — Callum retornou com desdém e Sonia estremeceu em seus braços que não a abraçaram com conforto, desta vez eles a apertaram.

—Eu sou a companheira do Rei! — Mona declarou furiosa, subindo os degraus.

Ryon disparou para frente, colocando um braço ao redor da cintura dela impedindo-a.

A voz de Callum abaixou e mesmo assim, ele sabia que cada lobo podia ouvir na sala.

—Você não foi nada além de uma foda, Mona. Uma boa, mas eu tive melhores antes. — Ele moveu-se levemente sem tirar os olhos de Mona, enquanto esfregava sua testa contra o cabelo de Sonia, esclarecendo sua mensagem antes de murmurar. —E definitivamente, muito melhor desde então.

Ele ouviu a respiração de Sonia aumentar enquanto via seu peito começar a subir e descer com a discussão, mas ela continuou em seu lugar, o que lhe satisfez. Isto era uma situação intensa entre um povo impulsivo, algo que ela não estava acostumada, mas estava se controlando, como ele adivinhou que iria, brilhantemente.

Mona não se controlou tão bem.

Lutando contra o domínio de Ryon, ela retrucou.

—Mas ela é loira. Você odeia loiras.

—Eu mudei de ideia. — Callum retornou friamente.

Com isso, Mona esticou seus braços, seu rosto ficou vermelho e ela gritou.

—Ela não é nossa Rainha. Ela é uma maldita humana.

— Irreverência ao falar sobre sua Rainha, falando em voz alta durante uma assembleia oficial, em uma sala do trono.

Callum segurou seu sorriso.

Mona foi muito ao fundo, nem mesmo Titium conseguiria tirá-la disso.

—Leve-a daqui Ry. — Ele ordenou.

—Liberada para encontrar seu companheiro? — Ryon perguntou, com seus lábios se contraindo.

—Porra nenhuma. Isole-a. — Respondeu Callum

—Não! — Mona gritou, enquanto lutava.

—De acordo. — Ryon murmurou e alguns lobos riram.

Ele observou, vagamente, que Sonia fechou os punhos.

Enquanto Ryon entregava Mona a dois guerreiros que a levaram se debatendo para fora da sala, Caleb subiu ao tablado e situou-se em seu lado direito. Então sua voz grave ecoou na grande sala.

—Existe alguém nesta sala que tem problema com nossa Rainha humana?

Ninguém falou.

Caleb prosseguiu.

—Há alguém cuja lealdade encontra-se com Desdêmona?

Mais silêncio.

A voz de Caleb, em seguida, anunciou em voz alta.

— Então eis nossa nova Rainha!

Todo mundo olhou para Sonia. Sonia corou.

—Você está sendo um pouco grosso, não está, irmão? —
Callum murmurou.

Houve várias risadas, algumas risadas plenas e uma sala cheia de sorrisos.

—Eu pensei que a situação justificasse isso. — Caleb respondeu, com um sorriso ousado quando se inclinou contra o lado do trono de seu irmão.

Callum lançou-lhe um olhar, em seguida, virou a cabeça, buscando a orelha de Sonia com sua boca e ele perguntou baixinho.

—Gostaria de conhecer seus guerreiros, pequena?

Ela virou o pescoço e seus olhos verdes procuraram os dele. Ela puxou uma respiração pelo nariz e finalmente, concordou com a cabeça.

Levantou-se, colocando-a em pé. Ele deslizou seu braço em volta de seus ombros e a posicionou ao lado dele.

Aos seus homens na sala, ele declarou, sua voz anunciando orgulhosamente.

—É hora de vocês conhecerem Sonia.



— Jesus, é brilhante finalmente ter algo para fazer. — Calder anunciou, sentado em sua cadeira e sorrindo amplamente.

Callum observou seu irmão do seu assento atrás de uma mesa bagunçada com os restos da refeição que comeram ali, enquanto analisavam os relatórios de inteligência e notas sobre os interrogatórios. Por horas, ao longo de tudo isso, exceto quando Caleb a acompanhou até o banheiro, Sonia sentou-se silenciosamente no colo dele, mesmo quando eles comeram.

Calder, Callum sabia, se ele não tivesse sangue real, sem dúvida, seria o líder de uma insurreição. Todos os lobos tinham uma abundância de energia, um entusiasmo pela vida, força em suas opiniões e nenhum deles se esquivava de uma luta.

Calder tinha tudo isso e muito mais.

Calder, mais impaciente e volátil que Callum, era um grande guerreiro, um grande estrategista, que parecia estar em seu mais relaxado momento no meio de uma batalha sangrenta.

Seu irmão, Callum decidiu, precisava encontrar sua companheira.

E seu irmão, Callum decidiu, uma vez que isso tivesse terminado, iria partir para procurá-la. Ele mesmo daria a ordem.

—No entanto. — Calder continuou piscando para Sonia antes de sorrir. — É decepcionante não termos a cerimonia de acasalamento. Você iria adorar, Sonia. —Ele disse a ela. — Nosso povo gosta de uma boa festa e O Acasalamento é a melhor.

—Talvez depois que tudo acabar, Callum lhe dê uma cerimônia. — Ryon sugeriu, com seus olhos suaves sobre a companheira de Callum.

Os olhos de Callum eram tudo, menos suaves sobre seu primo.

Jesus, se ele não o conhecesse, pensaria que Ryon tinha uma queda por ela.

—Um acasalamento real é ainda melhor. — Caleb lançou, também rindo para Sonia. —Uma explosão fodida.

Sonia sorriu para Caleb e os braços de Callum deram-lhe um aperto para capturar a atenção dela.

Isso funcionou, seu rosto voltou-se para ele.

—Gostaria disso, pequena? — Ele perguntou suavemente.

Ela o olhou por um momento, antes de encolher os ombros.

—Falaremos sobre isso mais tarde. — Ele disse a ela e ela acenou com a cabeça. Callum olhou para Saint. —Nossos aposentos estão preparados?

Sonia virou o corpo em seus braços, mas a atenção de Callum estava em Saint que estava respondendo. —Sim, na verdade, estão desde que chegou. Mona ordenou.

—Pelo menos ela fez alguma coisa. — Murmurou Caleb e Saint riu.

—Callum. — Ryon chamou e o olhar de Callum foi para o primo e viu que seus olhos ainda estavam em sua noiva. —Já que isto vai correr aqui e você provavelmente ficará por algum tempo, porque não ficar na casa de Sonia?

Ao ouvir as palavras de Ryon, Sonia instantaneamente relaxou nos braços de Callum e ele a pegou lançando outro sorriso muito grato para Ryon.

—Porra, Ryon, do que você está falando? O Rei sempre fica na mansão. — Calder disse.

—Sim e uma fêmea da nossa espécie saberia e estaria preparada para isso. — Ryon respondeu pacientemente. —Um ser humano, sendo iniciado na nossa cultura é provavelmente um pouco esmagador, Calder, talvez goste do conforto de sua casa enquanto ela é orientada.

Sonia pressionou os lábios juntos e suspirou, claramente, concordando com seu primo.

Callum nunca teria considerado isto. Então, novamente Callum tinha muito pouca experiência com humanos do sexo feminino, exceto, claro, fodê-las.

—Gostaria de ir para casa, Sonia? — Ele perguntou, instantaneamente ela inclinou sua cabeça para trás e assentiu, desta vez alegremente, com aqueles olhos brilhantes sobre ele, para os quais ele sorriu e murmurou. —Então vamos levá-la para casa.

O lugar para onde eles estavam indo agora.

Já era hora da injeção e após sua foda desta manhã, ele estava impaciente para tê-la novamente.

Além disso, tê-la em seu doce e acolhedor quarto iluminado por luzes de Natal, era uma ideia que ele gostava muito. Apenas esperava que os produtos de limpeza que ele ordenou que fossem enviados para a sua casa, tivessem afastado com êxito todos os traços da bagunça que fez com os seus dois atacantes, como ele ordenou que fizessem.

Ele se levantou, levando Sonia com ele e colocando-a sobre seus pés. —Calder, está dispensado por esta noite. — Ele disse para seu irmão e Calder assentiu com a cabeça. Ele então olhou para Saint. —Vamos nos encontrar amanhã para discutir o volume de negócios. — Saint levantou seu queixo e Callum então olhou para Ryon e Caleb. —Vocês sabem o que fazer. — Ambos indicaram, não verbalmente, que compreenderam a sua ordem.

Então ele pegou a mão de Sonia e levou-a da sala.

Sua SUV estava na parte inferior da escadaria, onde ele a deixou e ajudou Sonia em seu assento antes de tomar o seu, ligando a caminhonete e apontando em direção à sua casa.

Ele dirigiu várias milhas antes que o silêncio no carro chamasse sua atenção e finalmente ocorreu-lhe que Sonia teve outro dia cheio e turbulento, provavelmente mistificador.

—Você está bem? — Ele perguntou.

Ela ficou em silêncio.

—Pequena? — Ele perguntou, não tirando os olhos da estrada.

Ela permaneceu em silêncio.

Ele olhou para ela e viu que seus braços estavam cruzados sobre o peito, a sacola cheia com a medicação no colo dela e ela estava olhando através do para-brisas.

—Sonia?

—Oh, posso falar agora? — Ela perguntou sarcasticamente.

—O que?

—Nada. — Ela retrucou. —Apenas me leve para casa.

Porra. Ela estava chateada com alguma coisa.

—Sonia, me diga o que está incomodando você. — Ele ordenou suavemente.

—Nada. Estou perfeitamente bem e ficarei ainda melhor quando finalmente estiver em casa.

Callum concluiu que provavelmente não era verdade, porque parecia que iriam discutir quando chegassem em sua casa. Ele não iria se envolver em uma briga na caminhonete. Além disso, precisava gastar este tempo para controlar seu temperamento, que ela obviamente não conhecia e que hoje, independente de como deliciosamente começou, o resto foi desagradável, para ele dizer o mínimo. Além disso, os próximos dias ou semanas e — embora ele pedisse a Deus que não — possivelmente meses, seriam ocupados e atribulados.

Portanto, ela falhou em sua responsabilidade de fornecê-lo, o que ele pensava que explicou a ela durante seu segundo dia na cabana, era seu dever fornecer. Uma saída. Um comunicado. Seja sob a forma de uma conversa casual em um SUV sobre seu dia, segurando-a em seus braços em sua macia cama em seu doce quarto e falando com ela sobre suas preocupações com o seu povo ou transando com ela tão forte que quando gozasse ela gritaria o seu nome.

O último dos quais foi como ele decidiu, definitivamente, que gostaria de terminar o seu dia.

E era exatamente como terminaria.

Ele virou a curta distância ao lado da casa dela, estacionando atrás da porta da garagem e desligou o motor.

Ela não esperou por ele ajudá-la a sair da SUV — outra questão que ele tinha com ela que ele decidiu, astutamente, falar mais tarde. Ela saiu da caminhonete e foi até sua casa escura.

Em seguida, ficou na porta da frente, braços cruzados, a bolsa com os medicamentos pendurada em seus dedos, enquanto ele levava seu tempo — para acalmar, ainda mais, o temperamento dele, um esforço que falhou — caminhando até sua casa.

—Não tenho a chave. — Ela disse quando ele chegou ao lado dela usando uma voz que deixou claro que era uma acusação.

Ele tinha a chave dela.

Saint deu a ele no dia que chegou. Estava no chaveiro com as chaves da caminhonete, seu SUV sendo outra coisa que Saint forneceu a ele.

Ele usou a chave para deixá-los entrar, enquanto ela olhava para seu chaveiro como se estivesse com vontade de queimar seus dedos.

Quando eles entraram, o alarme começou a soar. Ela virou-se para ele e deu um soco no código, em seguida, entrou na casa.

Callum tirou o casaco, enquanto lentamente as luzes de Natal, de dentro e de fora, começaram a piscar em todos os lugares.

Callum olhou ao redor.

Ryon não estava errado. Sonia, verdadeiramente, tinha uma coisa sobre o Natal.

Ele a ouviu vagar no andar de cima, enquanto ia para sua limpa e intocada cozinha e abria a geladeira, rezando para que ela tivesse cerveja.

Ela não tinha.

Ela nem tinha uma garrafa de vinho branco gelado.

Ele estava procurando as bebidas nos armários quando ela entrou, tendo se despojado de seu colete e cachecol, e seus olhos se estreitaram para as suas correspondências empilhadas ordenadamente em cima do balcão.

—Vejo que alguém tem tomado conta da minha casa. — Ela anunciou rudemente e caminhou até as correspondências, arrancando-as do balcão. Sem olhar para ele, ela as folheou, enquanto exigiu saber. —Você fez isso?

—Sim. — Ele respondeu, voltando para abrir outro armário em que ele viu, graças a Deus, que ela tinha uma série de garrafas de licor e uma delas, para sua grande sorte, continha um bom uísque.

—Eu tremo só de pensar no estado da minha loja, considerando que eu sumi do mapa durante a época de Natal. —Ela apontou um olhar furioso em sua direção, enquanto ele

descobria onde ela guardava os copos. —Minhas meninas estão provavelmente assustadas!

—Só se elas tiverem a incrível capacidade da clarividência.
— Callum respondeu calmo. —Regan providenciou uma de nosso povo, uma mulher que tem uma quantidade considerável de experiência no varejo, considerando que o companheiro dela é dono das lojas de departamento Harrinton, para dizer-lhes que você teve uma situação urgente, a qual foi chamada, mas a pediu para gerenciar a loja em sua ausência.

Esse conhecimento deu a ela um despertar, como seria, considerando que havia uma Harrinton em cada shopping exclusivo do país. Eles eram empreendimentos altamente lucrativos e eram conhecidos como a elite da experiência em varejo.

Ele ignorou a reação dela e o fato de que ela não expressou sua gratidão como ela fez com Ryon, três vezes, quando ele exibiu sua delicadeza e virou-se para servir seu uísque.

Ela jogou a correspondência no balcão e saiu da cozinha.

Ele a ouviu pisotear no andar de cima, enquanto ele encostava seu quadril contra o balcão, tomava um gole de seu uísque e praticava técnicas de respiração.

Isso não ajudou.

Algun tempo depois, ele colocou seu copo vazio em cima do balcão, apagou a luz e subiu as escadas.

Ele a encontrou no quarto dela vestindo uma camisola de malha cinza prateada com uma borda fina de renda branca no corpete e bainha. A camisola abraçava suas curvas e descia até os joelhos. Seu rosto estava limpo de maquiagem e ela estava jogando para trás os cobertores da cama.

—Sonia, está na hora da sua injeção. —Ele disse a ela.

—Sim, estava. É por isso que apliquei eu mesma. — Ela respondeu, subindo na cama e sentando-se com seus ombros contra a cabeceira.

Com esta notícia Callum ficou imóvel, enquanto sua raiva aumentava exponencialmente.

—Desculpe? — Ele perguntou em voz baixa.

Ela pegou um tubo de seu criado mudo. Sem olhar para ele, ela esguichou loção em sua mão, inclinando-se para frente e começou a massagear o pé.

—Eu apliquei em mim mesma. —Ela repetiu.

A única coisa da cabana que ela embalou foi a sua medicação. Ela não precisava de mais nada, o seu povo iria lidar com a roupa suja e os alimentos. E, como eles estariam voltando, esperançosamente, em breve, seria bom que ela tivesse lá roupas e produtos de higiene pessoal. Na verdade, ele pediu a ela que estocasse o que precisasse para que eles pudessem retornar para lá quando quisessem.

Ele entrou no quarto e parou ao pé da cama.

—Eu pensei que tinha explicado que iria lhe dar suas injeções.

Ela moveu sua atenção para o outro pé, mas não para ele. —Você explicou.

—Sonia, olhe para mim. — Ele exigiu.

Ela bateu com o tubo de loção na sua mesinha de cabeceira e então virou-se para enfrentá-lo. Ou, mais precisamente, encará-lo.

—Não vou tolerar outro desafio assim novamente. —Ele afirmou.

Ela inclinou a cabeça para o lado. —Você não vai? Muito bem... —Ela inclinou-se e deitou-se. —Ótimo. Você não será desafiado, porque não estará por perto.

Ele sentiu seus músculos tencionarem ainda mais, quando o controle sobre seu temperamento começou a escorregar.

—Talvez você devesse me explicar isso. — Ele solicitou de uma maneira que dizia, muito claramente, que ela não iria.

Imprudente, ela o fez de qualquer maneira.

—Depois de hoje, decidi que não quero ser sua Rainha. Depois de hoje, decidi que não quero nada com você. Não. —Ela afirmou corajosa. — O seu povo, parece muito agradável, exceto aquela louca, infelizmente, embora você não pareceu notar isso, não completamente bem. Mas você. Eu não quero ter nada a ver com você.

—Pequena. — Ele aconselhou suavemente, enquanto movia-se para o lado da cama. —Eu pararia de falar agora.

—Você pararia? Bem, claro que sim, uma vez que você falou muito durante o dia todo, mas não o suficiente. No entanto, desde que eu não tive autorização para falar quase todo dia, eu tenho um monte de palavras guardadas no meu estoque.

Ele parou ao lado da cama e viu-a pegar o creme, abri-lo e começar a esfregar o hidratante no rosto.

E ele a observava fazer isto enquanto buscava paciência.

Finalmente, ele explicou. —Como Ryon disse, você não podia falar na sala do trono. Você não falou por livre e espontânea vontade, o resto do dia. Eu pensei que estava calada porque estava processando as coisas.

Ela deu um tapa no creme para baixo e olhou para ele. — Eu não estava. Não sabia o que estava acontecendo! Ninguém me disse nada. Incluindo o fato de que poderia falar, eu notei, você nem reparou que não falei!

—Sonia...

—No entanto. — Ela interrompeu. — O fato de que eu não possa falar, seja qual for a hora é.... é medieval! E que me fez sentar em seu colo durante esse... Que.... o que fosse... foi... foi... — Ela fez uma pausa e gritou. —Nem sei o que foi!

—O que foi, é a maneira do meu povo. — Ele disse a ela.

—O que foi, foi à sua maneira, porque você é o Rei. —Ela lançou de volta, agarrando o outro tubo. —O que nos traz de volta ao meu ponto anterior que já terminei com esse negócio de Rainha. Acabou. Você pode ir agora. — Ela terminou, dispensando-o.

Dispensando-o.

Callum perdeu o que esperava ter de paciência ao mesmo tempo em que seu temperamento explodiu.

Ela abriu o tubo e começou a despejá-lo na palma da mão, quando Callum o tirou de mão e jogou-o na sua mesinha de cabeceira. Ele derrapou através de todos os outros tubos, frascos e potes pousados ali, vazando loção por tudo e ela olhou para a bagunça.

Ele inclinou-se para baixo, agarrou os tornozelos dela e arrastou-a para baixo na cama.

—O que você está...?

Ele então subiu na cama e estabeleceu seu peso em cima dela.

—Solte-me. — Ela exigiu, empurrando seus ombros e contorcendo-se debaixo dele.

—Sonia, olhe para mim.

—Saia!

—Olhe para mim, porra! — Ele rugiu, ela calou-se e olhou para ele. —Você quer instrução, eu vou dar para você, mas olhe

para mim quando estiver falando com você e é melhor prestar atenção.

—Você tem minha atenção, Rei Callum. — Ela respondeu sarcasticamente e ele segurou uma respiração, com o seu tom.

Então ele falou. —Não me desrespeite, mesmo em privado. — Ele disse uniforme, calmo, os olhos dela se estreitaram, mas ela fechou a boca. —Boa ideia. — Ele aprovou laconicamente e continuou. —Eu, obviamente, devia ter explicado isto mais claramente mais cedo, mas não o fiz. Agora o farei. O dever da Rainha é apoiar o seu Rei. Você fica ao meu lado ou senta no meu colo, no entanto eu quero isso e você escuta, você aprende e em seguida, depois que eu desempenhar minhas obrigações, que podem muitas vezes não serem muito divertidas, você estará disponível para mim.

—Disponível para você? — Ela perguntou com raiva.

—Disponível para mim. — Ele repetiu.

—E o que isso significa?

—Significa a porra do que eu queira que signifique.

Ela olhou para ele, ele viu a compreensão, então ela revirou os olhos para a cabeceira da cama e murmurou. —Eu estava certa... medieval.

—Sonia...

Os olhos dela voltaram para os dele e ela afirmou friamente. —Solte-me Callum. Você não me deu escolha, mas

eu escolho, não. Este é o século XXI e minha cultura não diz às mulheres para ficarem em silêncio, nem homens fazem as mulheres se sentarem no colo deles durante um procedimento oficial.

—Minha cultura faz. — Ele retrucou. —E eu lhe dei a escolha e você aproveitou, eu vou lembrá-la, muito alegremente. Enquanto você estava conectada comigo, perguntei se era minha. Você não hesitou em dizer sim. Então, no minuto em que você gozou em meu pau, quando você estava de joelhos com a corrente ao redor de sua cintura, você abraçou minha cultura e agora não há volta.

Os olhos dela se arregalaram com horror antes dela retrucar. —Isso é loucura!

—Pode ser, mas você fez isso. Depois de vinte anos sonhando comigo e não me tendo, isso foi obviamente louco e assim que você teve a sua chance de merda, saltou por ela. Ou mais ao ponto, abriu as pernas, montou nele até a porra da base, gemendo todo o maldito tempo.

Ela levantou a cabeça e sua voz abaixou, parecendo ferida, mas Callum estava irritado demais para notar. —Por favor, diga que você não disse isso.

—Eu disse, porque você fez. — Ele retrucou. —E eu sei que você vai fazer novamente.

Seus olhos se arregalaram ainda mais e seu corpo congelou por baixo dele.

—Callum...

Ele mergulhou seu rosto mais perto do dela e seu tom era mortal, quando ele perguntou. —Você quer saber por que eu sei, pequena?

—Callum...

—Porque você não vai a lugar nenhum. Estou certo para caralho, não vai a lugar nenhum! Agora, vai executar seus deveres de Rainha, me deixando usar o seu pequeno e doce corpo para lidar com meu dia, e você vai adorar, cada...maldito... minuto.

Ela abriu a boca para falar.

Ou gritar.

Mas Callum chegou lá primeiro.

Deslizando a mão no cabelo dela e fechando-o em seu punho, ele segurou sua cabeça firmemente e a beijou, áspero e duro, sua língua invadindo e tomando.

Ela lutou com ele o tempo todo.

Fazendo barulhos furiosos em sua garganta, ela se contorceu sob ele, empurrando-o e quando isso não funcionou, ela o arranhou.

Ele sentiu suas unhas rasgando sua camisa, perfurando sua pele. Com a dor, ele afastou a boca longe da dela e ela se aproveitou. Rolando-o um pouco longe dela, ela saiu debaixo

dele e quase se levantou, quando ele a pegou pela cintura e jogou-a de volta na cama.

Ela resmungou com raiva frustrada e recomeçou seu ataque e Callum descobriu, para sua total satisfação, que ela era uma pequena lutadora cruel e astuta, que não apenas rivalizava, mas era melhor do que qualquer loba de sua idade.

A fim de não a machucar, usando todas suas forças com as quais ele poderia quebrá-la em duas, ele não foi capaz de dominá-la. Continuou seu jogo duro e ele desfrutou de cada maldito segundo disso.

Sua respiração aumentou e ele notou que suas lutas diminuíram. Seus empurrões se transformaram em toques. Ela começou a morder-lhe e ao fazê-lo, usou a língua liberalmente. E ele podia senti-la deslizando o nariz ao longo do seu pescoço, capturando o cheiro dele, uma coisa estranha para um ser humano fazer, mas o excitou muito.

Ela nem percebeu quando parou de lutar contra ele e começou a lutar para tirar as roupas do corpo dele.

Mas Callum notou.

Ele decidiu, naquele instante, permitir a sua rebeldia. Diabos, ele até mesmo iria incitar, se essa fosse sua recompensa.

Eles estavam nus e ela estava como naquela manhã, em cima dele com as mãos, boca e língua, tocando, degustando, lambendo, esfregando-se contra ele, como se ela não

conseguisse tê-lo rápido o suficiente. Callum não podia acreditar na sorte que tinha pelo destino ter escolhido uma humana ousada e atrevida para ser sua Rainha.

Ela era perfeita, muito.

Mas era hora de se satisfazer.

Ele a rolou de costas e usou suas mãos, boca e língua ela estava ávida por isso também. Arqueando-se contra ele, suas mãos persuadindo e exigindo, suas unhas arranhando ou mergulhando em seu cabelo para segurá-lo a ela.

Quando a boca de Callum foi para seu estomago, Sonia abriu as pernas e Callum aceitou seu doce convite. Estabeleceu-se entre elas, passou as mãos na parte da trás de suas coxas, erguendo-as e depois jogando seus tornozelos sobre seus ombros.

Finalmente, ela estava ali.

O cheiro dela era inacreditável. Ele queria prová-la desde que a cheirou naquela primeira noite quando a resgatou de seus raptos.

Ele a beijou e ela era tão doce quanto seu cheiro.

No minuto que sua boca a tocou, ela ficou completamente imóvel, um instante antes dele ouvir um baixo e sexy gemido escapar do fundo de sua garganta. Em seguida, ela empurrou os quadris, claro sua Sonia sempre gananciosa, exigiu mais.

Ele sorriu contra ela e entregou-se.

Enquanto trabalhava com sua boca, os movimentos dela ficaram mais agitados e seus gemidos mais rápido através de sua respiração ofegante, até que ele se afastou.

Quando ele o fez, ela gritou desesperadamente. —Não!

Ele moveu-se sobre ela e os rolou, então ficou de costas.

—Você parou. — Ela acusou, se contorcendo sobre ele.

Ele sorriu para ela e levantou a cabeça para enterrar o rosto em seu pescoço.

Ele passou a língua até sua orelha e seu corpo absorveu seu tremor, antes de dizer. —Eu não terminei de comer você, pequena. Tomou tudo de mim esta manhã. Estou curioso para saber o que pode fazer com sua boca.

Ele ouviu sua respiração parar enquanto virava seu rosto para ele e viu, para seu deleite, que ela gostava dessa ideia.

—Você sabe o que eu quero? — Ele perguntou, ela concordou com a cabeça e ele murmurou. —Então dê para mim.

Ela não hesitou um segundo. Moveu-se, posicionando-se sobre sua cabeça e suas mãos deslizaram por suas coxas, seus dedos curvaram-se nos quadris dela enquanto ela inclinava seu corpo para baixo em direção ao seu pau.

No minuto em que ela colocou os dedos ao redor dele, ele a lambeu. Quando a língua tocou a ponta do seu pau duro, ele abaixou os quadris dela e deu-lhe mais. Ela rapidamente

descobriu que quanto mais lhe desse prazer, mais seria recompensada.

E para ela, dar-lhe prazer era uma boa coisa.

Ela moveu os quadris contra sua boca, seu punho ao redor da base do pau dele, seus movimentos eram quase frenéticos, seus gemidos vibrando contra seu eixo quando sua doce e pequena boca o tomou profundamente e ele sabia que ela estava pronta.

Ele se afastou e virou-se contra ela. Tinha seu traseiro nas mãos e suas costas contra a cabeceira da cama, antes que ela tivesse a oportunidade de envolver seus braços e pernas ao redor dele.

Quando ela o fez, ele pressionou a ponta do seu pau contra sua entrada molhada e apertada, mas parou.

A cabeça dela estava inclinada para trás e seus lábios entreabertos, em antecipação.

Mas ele não entrou como queria.

Haviam jogado, ele ganhou e agora queria os despojos da vitória.

—O que você quer? — Ele exigiu.

Os olhos dela se abriram, mas ela não respondeu.

Ele colocou seus lábios nos dela. —Pequena. — Ele murmurou. —Diga-me o que você quer.

—Eu quero que me foda. — Ela sussurrou, pressionando os quadris contra os dele quando ele se afastou.

Sua boca formou um “O” decepcionado e seus olhos se fecharam.

Ele sorriu contra seus lábios.

Sim, ela era absolutamente perfeita, porra.

Mas ele ainda não terminou.

—Chame-me de lobo. — Ele ordenou e os olhos dela se abriram novamente, desta vez por completo.

—Callum...

Ele circulou seus quadris e ela mordeu o lábio inferior, antes de empurrar seus quadris para encontrá-lo.

—Chame-me de lobo. — Ele repetiu bruscamente, a sensação dela, molhada e aberta, esperando por ele, estava deixando-o louco.

—Callum...

—Faça isso, pequena.

—Lobo. — Ela sussurrou.

—Diga tudo.

Ela pressionou seu corpo mais perto, o rosto dela em seu pescoço e sob a orelha ela implorou baixinho. —Por favor, meu lobo, preciso que me foda.

Sonia chamando-o de lobo, implorando-lhe para fodê-la, parecia romper sua alma.

Também rompeu seu controle.

Ele deu o que ela pediu, rápido e duro, então, mais rápido e mais duro, e quanto mais alto ele a levava, mais alto ela ia, até que soube que o orgasmo a estava dominando.

Seu pescoço se virou bruscamente, seus olhos procuraram os dele e ele viu o pânico assim como seu corpo ficou tenso ao redor dele.

Ele levantou a mão para segurar a nuca dela.

O controle do seu próprio orgasmo estava escorregando, mas ele assegurou-lhe com uma voz rouca. —Está tudo bem, pequena, eu tenho você.

Os atordoados olhos dela focaram nele em um escasso segundo antes dela confiar nele e deixar-se ir.

A cabeça dela foi para trás, batendo a mão dele contra a parede, amortecendo sua cabeça da pancada. O corpo dela se arqueou. Seu sexo convulsionou, sugando-o mais profundamente dentro de sua quente e molhada boceta. E, finalmente, ele ouviu seu orgasmo, gemendo alto, com gritos agudos e quase selvagens.

O som de seu clímax foi sua ruína. Ele entrou uma última vez e se juntou a ela em uma explosão brilhante com seu próprio clamor, um rugido animal.

Quando ele voltou do belo lugar que Sonia o levou, o mais belo de sua vida — e considerando que tinha duzentos e oitenta e três anos de idade, isso dizia muita coisa — ele sentiu sua respiração contra o pescoço.

Ela ainda segurava seu corpo firmemente em seus braços, o seu pau ainda confortavelmente dentro dela e pressionava o rosto em seu pescoço. Tudo isso o fez achar que Sonia poderia muito bem ser doce.

E a percepção bateu-lhe de repente, como um peso esmagador, ele queria seus braços ao redor dele, sua respiração agitando sua pele e sua bela conexão por toda a eternidade.

Isso anunciava o conhecimento indesejável que ele viveu por trinta e um anos. Trabalhou uma e outra vez com Mac para chegar a um acordo. Quando se encontrou com Sonia quando era uma criança, e sentiu sua conexão, descobrindo que ela era dele, ele se enfureceu contra isso. Um conhecimento que enterrou profundamente até aquele momento.

Era o conhecimento de que ela era um ser humano mortal e ele era um homem lobo imortal e não tinham a eternidade.

Em vez disso, ele iria desfrutar de sua companhia por décadas, não por milênios.

Então ele poderia vê-la envelhecer.

Então ele iria vê-la morrer.

E o destino escolheu fazer com que ela fosse perfeita, o que fez Callum pensar ser uma maldita e cruel provocação.

Seus braços se apertaram ao redor dela, ele caiu de joelhos e deitou-se de costas, levando-a com ele, com cuidado para manter sua conexão.

Quando a colocou sobre ele, ela aninhou-se mais perto. Seus dedos encontraram sua corrente e a puxou para frente, ele respirou fundo, sentindo o delicioso perfume do cabelo dela, o belo aroma deles misturados entre suas pernas e o cheiro de...

Seu corpo congelou e sua cabeça, ao mesmo tempo que a de Sonia, virou-se para o homem que estava parado na porta.

O cheiro da porra de um vampiro.



Capítulo 10

Vampiros

—Quem diria, Sonny, que quando você fode soa como um animal? — Yuri observou calmamente de pé na porta, olhando fixo para Sonia.

Desmentindo seu tom de voz, os olhos dele estavam em chamas.

Então Callum viu estes olhos se estreitarem na corrente de reivindicação presa na mão de Callum, que estava brincando com ela quando Yuri apareceu na porta e reprimiu um uivo de euforia.

Antes que ele estendesse a mão para jogar o cobertor dobrado na extremidade da cama sobre seus corpos, Callum pensou que Sonia não iria gostar — e provavelmente não teria nenhum problema em compartilhar essa opinião.

Yuri, que tanto queria colocar suas frias mãos de vampiro sobre ela, os encontrou nus, ainda conectados, a corrente de reivindicação dela brilhando nas luzes do quarto e os gritos dos seus orgasmos praticamente ainda zumbindo no ar.

E Callum, porra, gostava muito disso.

Ele adorava o fato de Yuri ter visto e ouvido tudo e que estivesse agora sentindo todo o cheiro.

Assim, ele não conseguia parar de encarar Yuri com um sorriso extremamente satisfeito, ao qual Yuri encarou de volta com uma careta séria e irritada.

—O que... o que você...? — Sonia gaguejou e ouvindo o horror no tom dela, Callum sufocou sua risada e seus braços se apertaram ao redor dela debaixo do cobertor. — O que está fazendo aqui? — Ela gritou.

—Papai quer falar com você. — Respondeu Yuri.

—Agora? — Ela gritou.

Yuri inclinou-se na porta e declarou. —Quando chegamos, notamos que estavam ocupados. Portanto, esperamos até que você terminasse. Então sim, agora, caso você queira ser gentil.

Callum surpreendeu-se por não os ter sentido ou cheirado.

Então novamente, ele estava inteiramente envolvido com sua linda e pequena companheira, por isso, talvez não fosse tão surpreendente.

E pensou que isso apenas ficava cada vez melhor.

Estavam ali há algum tempo.

Simplesmente brilhante.

Callum sentiu o corpo de Sonia estremecer, tirando-o de seus pensamentos, mas Yuri casualmente afastou-se da porta e desapareceu de vista.

Callum olhou da porta para Sonia e descobriu que ela ainda estava olhando para o outro lado do quarto.

—Querida. — Ele chamou, dando-lhe um aperto.

—Diga-me que agora estou sonhando. — Ela sussurrou, a voz ainda cheia de horror, assim como estava seu rosto. Seus olhos estavam atordoados e sem foco e com o olhar dela, Callum teve que reprimir outra risada. —Isso não é um sonho. — Ela afirmou, sua cabeça virou-se lentamente para enfrentá-lo para proferir o seu final. —Isto é um pesadelo.

—Sonia...

—Eles nos ouviram. — Ela sussurrou.

Eles ouviram. Não apenas ouviram seus orgasmos, provavelmente ouviram muito mais. Mesmo se Gregor e Yuri não fossem vampiros com uma audição excepcional, de fato, todos os seus sentidos eram excepcionais, eles ainda podiam ouvi-los. Foda-se, os vizinhos provavelmente os ouviram.

—Sonia...

—Fomos barulhentos. — Sonia continuou.

—Sim, pequena, mas...

—Fazíamos sexo. — Ela proferiu este fato como se ele não tivesse participado totalmente do evento, seus olhos se arregalaram e Callum estava perdendo sua luta com seu divertimento e sentiu seu corpo começar a tremer.

—Sonia...

—Ele disse... —Ela o interrompeu, seu atordado olhar clareando e começou a piscar. —Ele disse... ele disse que eu parecia um animal.

—Son...

Ela saiu dele e rolou irritada para fora.

Callum rolou para o lado dele, levantou-se sobre um cotovelo e viu como desajeitada em sua fúria, Sonia lutava com sua camisola.

O material se enroscou ao redor de seus braços e sua cabeça ficou escondida no tecido, mas ainda falava.

—Eu não posso acreditar no que aconteceu. O que ele disse. Meu irmão! — Ela puxou a camisola para baixo com esforço e então olhou para Callum. —Bem, basicamente, meu irmão me viu nua e.... e.... — Ela se inclinou em direção a ele e continuou. — Presa a você.

—Presa a mim? — Callum repetiu, incapaz de esconder o fio de humor em seu tom e Sonia não perdeu isso.

Ela estreitou seus olhos e retrucou. —Nada disso é engraçado!

Callum pensava que tudo isso era o auge da hilaridade, especialmente a reação dela.

Mas não o compartilhou.

Em vez disso, ele disse. —Pequena, acalme-se.

Ela se inclinou para trás e suas sobrancelhas subiram. — Acalmar?

Callum saiu da cama e puxou o rígido corpo dela em seus braços.

—Sim, acalme-se. Isso aconteceu. Está tudo acabado. Vamos nos vestir, descer e ver com o que estamos lidando.

—Oh, nós faremos isso, tudo bem. Certamente iremos. — Ela disse-lhe, soltando-se de seus braços e então pulando em um pé, tentando puxar sua calcinha para cima.

Callum agarrou suas roupas e as vestiu, enquanto ela vestia a calcinha e ajeitava a camisola para baixo. Então passou os dedos pelo cabelo enquanto caminhava até sua cômoda. Puxou algo fora de uma caixa que estava em cima e o prendeu em seu cabelo, fixando-o em um rabo de cavalo.

Callum vestiu sua calça jeans, estava encolhendo os ombros em sua camisa e ao vê-la sem maquiagem, em uma camisola e rabo de cavalo, seus lábios inchados por seus beijos, seu rosto lavado com o sexo, ele pensou que ela nunca pareceu mais adorável e nunca tão bonita, mais que bonita.

Perfeita.

Sem abotoar a camisa, ele caminhou até ela e puxou-a em seus braços. Abaixou a cabeça e sua boca reivindicou a dela em um beijo tão profundo, que as contusões de seus lábios não iriam desaparecer por dias.

Quando levantou a cabeça seus corações estavam batendo mais rápido e Sonia parecia estar saindo de um delicioso sonho, um fato que o fez querer beijá-la novamente.

Infelizmente, não podia.

—Tudo bem, pequena. — Ele disse suavemente e viu que, com esforço, seus olhos focaram nos dele e ele sorriu, o que fez os olhos dela se concentrarem em sua boca, e isso o fez querer rir, mas continuou falando. —Lembra-se que eu disse que agora você tem uma família e eles não iriam querer que você lutasse, não importa com o que estiver lutando?

Ela piscou e então assentiu com a cabeça.

Ele abaixou seu rosto perto dela, olhou-a nos olhos e disse baixinho. —Você está prestes a ver o que quero dizer.

Os olhos dela se arregalaram, mas ele ignorou o seu olhar, pegou a mão dela e a guiou escada abaixo.

Gregor estava descansando em um dos claros e imaculados sofás de Sonia, junto a sua árvore de Natal.

Yuri estava fumando enquanto se apoiava contra a parte de cima da lareira.

Ambos ficaram em atenção e viraram-se quando Callum e Sonia desceram as escadas até a sala.

O olhar de Callum foi para Gregor e ele exigiu. —Quero saber o que significa isto.

Gregor lentamente fechou os olhos, visivelmente buscando por paciência e quando ele os abriu, disse em sua voz calma e refinada. —Lembre-se com quem você está falando.

—Eu sei exatamente com quem estou falando. — Callum retornou.

—Eu a mantive segura para você por trinta e um anos. — Gregor retrucou, Callum ouviu Sonia suspirar e sentiu sua mão apertar na dele.

Ele curvou a mão dela, puxando-a mais perto e a colocou sob seu braço.

—Você a manteve a salvo por Lassiter por trinta e um anos. —Callum devolveu. —Você prometeu e o fez. Seu trabalho foi concluído.

—Ele já a reivindicou. — Yuri anunciou hostil. —Eu vi a corrente.

Gregor olhou para seu filho e murmurou um aviso. —Yuri.

Devido à posição de Gregor entre os vampiros e a posição real de Callum, Callum conheceu Gregor durante toda a sua vida. No entanto, recentemente, conectados pelos Arlingtons e

principalmente Sonia, Callum conhecia Gregor e Yuri muito bem.

Gregor era alto, cabelo preto e magro. Seu filho era loiro, como sua mãe e tinha mais volume em seu corpo alto.

Gregor era também bastante parecido com Mac, sem o calor. Paciente e pensativo sobre suas ações.

Yuri era muito parecido com Callum, tanto como Callum odiava admitir isso. Impaciente, rápido em se irritar e quando queria algo, conseguia e consideraria as consequências mais tarde.

Exceto, que Yuri, queria Sonia.

E ele nunca a teria.

Não apenas porque ela pertencia à Callum antes mesmo dela existir, mas sobretudo agora e também porque a cultura vampírica não permitia que os vampiros se casassem com mortais.

Yuri não prestou atenção ao aviso de seu pai e seu olhar se estreitou em Callum. —Quatro dias. Você teve quatro dias e já a reclamou. Diga-me Cal, você sussurrou os segredos de seu povo em seu ouvido enquanto estava empurrando dentro dela ou simplesmente a deixou maravilhada com seu lendário pau e ela ainda não sabe porra nenhuma?

Callum ouviu Sonia puxar o ar indignada, sua triunfante exaltação se evaporou e o temperamento dela subiu.

— Você quer que eu o desafie? — Ele perguntou a Yuri e Yuri se afastou da lareira afirmando que realmente queria. A pele de Callum arrepiou, então ele teria que se transformar para assumir o desafio. Mas não acreditava que Sonia, não importasse o quão zangada estava antes e agora gostaria de ver seu amado “cachorrinho” rasgando o seu “irmão” com os dentes.

Sem mencionar que ele ainda não disse a ela que ele era o seu cachorrinho e que seu cachorrinho era um homem lobo.

—Controle o seu filho. — Callum cortou para Gregor, não tirando os olhos de Yuri.

Gregor suspirou e observou. —Você não está ajudando, Yuri.

—Não. — Sonia afirmou categoricamente, seus olhos em Yuri e estavam frios. —Ele não está.

—Sonny... — Gregor começou, mas Sonia o interrompeu.

—Callum levou-me para a cabana, Gregor.

Callum ficou surpreso ao ver Gregor vacilar, mas ele se recuperou rapidamente, levantou-se e olhou para ela e novamente disse. —Sonny...

—Você me disse que ela se incendiou.

—Minha querida.

— Você arrancou-a de mim, não aos poucos, mas rápido e doloroso, como arrancar um curativo. — Ela retrucou. —Foi

isso que pensou? Se atirasse rapidamente, doeria menos? —Ela não deu a chance para Gregor responder, prosseguiu. —Bem, já os perdi rapidamente uma vez, de modo que isso não bastou, porra!

—Sonny, dê-me um momento para explicar. — Gregor disse.

Sonia obviamente não se sentia em um estado de espírito magnânimo quando proclamou. —Callum devolveu-a para mim. Ele me levou para a cabana e me apresentou a Regan. Tem até fotos. Você sabia que não tenho fotos da minha mãe e meu pai? Eu!

—Lassiter e Cherise me fizeram prometer que eu apagaria sua antiga vida para que você pudesse viver sua nova vida. — Gregor retornou calmamente. —Não gostei disso, mas havia um grande número de coisas que Lassiter e eu não concordávamos. Mas ele era seu pai. Isto era o que eles queriam. Jurei fazer o que eles pediram e o fiz.

Callum olhou para o vampiro.

Os diferentes seres imortais na terra todos tinham inquietos relacionamentos uns com os outros. A relação entre vampiros e homens lobos era a mais difícil. No entanto, Callum sempre respeitou a promessa de um vampiro.

Qualquer voto que um vampiro fizesse ele ou ela nunca iria rompê-lo. Eles morreriam para mantê-lo e vampiros apreciavam sua imortalidade, a maioria considerava

sagrada. Ao contrário dos homens lobos, que muitas vezes combatiam e sentiam as perdas, por vezes numerosas, entre seus próprios, os vampiros apenas tinham guerreado uma vez em toda a história. Eles não se reproduziam tão facilmente como homens lobos — que eram muito férteis — e tinham uma variedade de decretos que os regiam, que eram pura loucura, mas foram postos em prática para proteger sua espécie. Por último, não podiam procriar com humanos, o que homens lobos podiam e faziam com frequência, essa era uma das razões pela qual Yuri nunca teria permissão para possuir Sonia como sua companheira mortal. A lei dos vampiros proibia isso.

Homens lobos por sua natureza eram vigorosos e ao menos que houvesse uma insurreição ou rebelião contra a monarquia, as leis eram poucas e os lobos eram livres para fazer suas próprias vidas entre seus irmãos, os seres humanos ou inumanos como eles gostassem. Se Callum ou seu pai antes dele ou o dele antes dele tentassem impor abundantes restrições sobre os lobos, seus irmãos se rebelariam e sua cultura iria cair no caos. Livre para viver suas vidas, no entanto, lobos eram naturalmente calorosos, sociáveis e praticamente consumiam a vida, provavelmente porque com seus intermitentes combates, poderiam ser encurtadas.

Os vampiros eram frios, muito mais controlados e praticamente todos os movimentos que eles faziam eram governados.

As diferenças entre as culturas eram ainda mais evidentes em suas roupas. Tanto Yuri quanto Gregor estavam usando ternos soberbamente feitos sob medida. Callum nem sequer se preocupou em abotoar a camisa de flanela rasgada que ele vestiu sobre a calça jeans. Nem lembrava da última vez que usou um terno e atualmente não possuía nenhum.

Porque eles eram opostos, os dois povos não se davam bem uns com os outros e cuidadosamente evitavam contato.

Callum apenas conhecia um vampiro que respeitava. Seu nome era Lucien e Callum gostava dele porque a intensidade de Lucien o fazia lembrar um lobo.

Para não mencionar, Lucien era um guerreiro épico.

Sonia invadiu seus pensamentos com sua astúcia.

Astúcia demais.

—Você fala como se eles soubessem que iam morrer. — Ela acusou e todos os homens na sala, vampiros e lobo ficaram imóveis.

Callum viu com ainda mais surpresa quando o rosto de Gregor levemente suavizou, ao mesmo tempo, ele rapidamente encobriu.

—Pais, minha querida, quando se tornam pais tendem a planejar essas coisas. A morte é um fato feio da vida e quando amam, querem que sejam cuidados se eles não estiverem por perto. Então Sonny, prepararam-se para a época, deram

instruções estritas e quando concordei em ser seu guardião e aquele infeliz evento ocorreu, jurei que eu iria cumprir com sua vontade e o fiz.

Era um bom disfarce, porque era a verdade, tirando apenas o fato de não compartilhar que Lassiter e Cherise Arlington estavam cuidadosamente preparados para suas mortes, porque o que estavam fazendo em suas vidas os colocaram em perigo mortal.

Callum olhou para Sonia para ver que as palavras de Gregor a afetaram. Seus olhos brilhavam com lágrimas não derramadas e vê-las o feriu. Ele soltou a mão dela, mas enrolou um braço ao redor de seus ombros, colocando-a de frente para o seu peito.

Ela descansou o rosto contra seu peito e envolveu seus braços ao redor de sua cintura. Seu corpo macio moldado ao dele e sua respiração vacilou.

Isso também o feriu rapidamente e o braço em volta de seus ombros se apertaram ainda mais.

Sonia, no entanto, não terminou, absolutamente.

—Por que eles queriam apagá-la? — Ela perguntou a Gregor, sua voz não estava mais plana e acusatória, estava suave e triste.

—Não tenho ideia, minha cara. — Respondeu Gregor. — Lassiter, nem Cherise, compartilharam as razões por trás de seus desejos. Apenas compartilharam seus desejos.

Ela parou um momento, antes de continuar seu interrogatório tranquilo.

—Antes, você disse que estava me mantendo segura para Callum. — Ela afirmou e perguntou. —Você sabia sobre tudo isso?

O ar ficou pesado, este principalmente vindo de Callum e Yuri, mas Gregor manteve a calma.

—Sim. — Ele respondeu simplesmente.

A voz de Sonia estava quase inaudível quando ela perguntou. —Os meus pais?

Gregor se aproximou, seus olhos passando rapidamente para Callum, como se para avaliar a ameaça, como ele faria, considerando que estava se aproximando da companheira de um lobo.

Callum levantou seu queixo e Gregor chegou mais perto.

Calmo, ele respondeu. —Sim, Sonny, eles sabiam sobre seu destino. Eles queriam isso para você. Muito mesmo. Eles ficaram... — Ele hesitou e disse as próximas palavras como se lhe custasse fazer isso. —Honrados por você ser a Rainha.

Sonia puxou uma respiração suave e o corpo dela ficou tenso por um segundo antes de parecer chegar a alguma conclusão, fechou os olhos rapidamente e quando os abriu, relaxou ainda mais em Callum.

—Por que ninguém me disse? — Ela perguntou, sua voz ainda abafada, mas havia uma nota acusatória segmentada através dela.

—Muitas razões, minha querida. — Gregor respondeu, chegando ainda mais perto. —Porque você é humana. Porque havia a possibilidade de não estar segura. Porque precisava amadurecer até uma época em pudesse tomar tudo isso, entendê-lo, não o temer e aceitar seu destino.

Sonia olhou para Gregor por um momento, deixando isso penetrar.

Então ela olhou para Callum e observou. —Sua família sabia, também.

—Nós sabíamos. —Callum disse a ela com sinceridade.

Ela olhou para Gregor, em seguida para Yuri e depois voltou para Callum e tentou afastar-se, mas Callum a segurou.

Ela cedeu à sua retenção e comentou. —Teria sido muito mais fácil para mim agora se sua família tivesse me acolhido. Eu teria entendido sua cultura. Poderia ter crescido nela.

Ela estava certa. E era muito esperta.

Callum respirou fundo, mas foi Yuri quem respondeu.

—Você teria dificilmente se beneficiado em crescer com Callum e sua família. — Ele cortou e quando continuou, seu

tom era amargo. —Confie em mim, as coisas seriam diferentes agora, se você crescesse pensando em Callum como um irmão.

Sonia, muito doce para seu próprio bem, reagiu à amargura, seu rosto ficou suave com a compreensão e a tristeza, e ela sussurrou. —Yuri.

—E Sonny. — Gregor acrescentou. —Seus pais queriam que você crescesse entre seus próprios. Seres humanos. Foi também seu desejo.

Essa era uma mentira deslavada, considerando que eles eram vampiros.

No entanto, há trinta e um anos, Gregor e Yuri fizeram um enorme esforço para viver a farsa de uma vida humana.

Por Sonia.

E para proteger seu destino, não apenas como companheira de Callum, mas também a razão pela qual o destino a escolheu para estar ao seu lado durante esse tempo.

Ela tirou o olhar suave de Yuri e olhou para Gregor. Respirou fundo e em seguida lançou um suspiro pesado.

Callum decidiu que Sonia teve o suficiente. Era hora disso terminar e, portanto, ele anunciou. —Sonia passou por alguns dias estressantes. Compartilhem por que estão aqui, então podemos continuar com nossa noite.

Gregor olhou para Callum e respondeu. — Na verdade, estou aqui para falar com você.

—Então fale. — Ordenou Callum.

Gregor deu um passo para trás, olhou por cima do ombro para seu filho, em seguida, voltou-se para Callum e convidou. —Vamos dar um passeio.

Os olhos de Callum também foram até Yuri, que estava de pé com os braços cruzados sobre o peito, mas seu rosto estava cuidadosamente em branco.

Gregor tinha algo que queria compartilhar em particular, para Sonia não ouvir.

Ele olhou para trás para Gregor. —Não vou deixar Sonia. Não é seguro.

—Yuri ficará com ela. —Gregor respondeu imediatamente.

Callum olhou para Yuri e ele agora estava sorrindo.

—Acho que não. — Ele disse a Gregor. —Vamos para a cozinha.

—Nós vamos caminhar. — Gregor respondeu com firmeza.

—Não vamos. — Callum retrucou ainda mais firme.

—Preocupado? — Yuri insultou e Callum ficou tenso.

—Por que você não fala aqui? — Sonia cortou.

—Eu preciso ter uma conversa particular com seu companheiro. — Gregor respondeu e foi a vez de Sonia ficar tensa.

—Mais segredos? — Ela perguntou com raiva.

—Negócios Sonia. — Gregor respondeu, surpreendendo Callum por mudar para positivamente paternal e surpreendendo Callum ainda mais quando a expressão de Sonia visivelmente ficou como a de uma filha com o tom dele. Gregor, continuou. —Entre sua família e a minha. É tarde, estou cansado, quero acabar com isso e não vai demorar muito tempo. — Ele virou-se para Callum. —Vamos caminhar.

Callum não moveu um músculo.

—Callum. — Gregor disse com um suspiro. —Não importa o comportamento de Yuri, Sonia está segura com ele. Ele nunca faria nada para causar uma ruptura entre nossas famílias.

—Isso é surpreendente, considerando algumas das coisas que saíram de sua boca esta noite. —Respondeu Callum.

—Pare um momento e se coloque no lugar dele. — Gregor retrucou bruscamente, estranhamente perdendo a paciência.

Callum não queria fazer o que Gregor sugeriu, não conseguia impedir as visões que invadiam sua mente. Apenas o pensamento dele desejar Sonia e imaginá-la nua sob ele e conectada a um vampiro fizeram seu sangue ferver.

—Nós iremos caminhar. — Ele murmurou, mas os olhos dele foram para Yuri. —Sonia vá diretamente para a cama.

—Pensei que ela e eu pudéssemos compartilhar um drinque. — Yuri respondeu de forma ácida.

—Ela vai para a cama. — Callum repetiu e não esperando mais respostas, ele se virou e a guiou até o andar de cima.

Ela não resistiu e ficou em silêncio.

Até chegarem no quarto.

—Callum...

—Vá para a cama querida, estarei de volta antes que você perceba.

Ela ficou ao lado da cama e cruzou os braços sobre o peito declarando. —Eu não gosto disso.

Callum também não, mas claramente não tinha escolha.

Havia algo pressionando a mente de Gregor e o instinto de Callum dizia que deveria descobrir o que era para poder lidar com isso, bem como todo o resto e seguir em frente.

Ele abotoou os botões da camisa dizendo. —Quanto mais discutirmos isso, mais tempo vai demorar para acabar com isso.

Sonia não parecia estar preocupada com quanto tempo levaria, ao que ela respondeu. —Eu não sei que parte sobre “isso” eu não gosto mais. O fato de que você e Gregor irão dar um passeio para falar sobre algo que não querem que eu ouça. O fato de você afirmar que eu iria para a cama quando

talvez eu não quisesse ir para a cama. Ou o fato de que você me tirar da sala sem me deixar dizer boa noite aos homens que me criaram.

Callum observou sua companheira. Ele não a conhecia muito bem, mas estava começando a perceber algo sobre ela. E isso era, apenas Sonia poderia encontrar três coisas sobre o conceito vago de “isso” para ficar puta.

—Não iremos discutir agora. — Ele afirmou decisivo.

—Então vou discutir mais tarde. — Ela respondeu.

Com isso, ela subiu na cama, apagou a luz do abajur e acomodou-se, ordenando. —Deixe as luzes de Natal acesas quando sair.

Callum suspirou. Em seguida, calçou suas meias e botas. Então desceu as escadas, parou e olhou para Yuri.

—Sua casa foi arrombada na noite em que eu a levei. — Ele informou ao vampiro e viu um flash passar pelos olhos de Yuri, antes de ficarem duros. —Tentativa de sequestro. — Callum continuou. —Os intrusos foram rudes com ela.

A voz de Yuri era tão dura quanto os olhos dele quando respondeu. —Espero que você tenha lidado com eles.

—Sim. — Callum confirmou e ele viu outro flash, este um sombriamente satisfeito pois sabia o que Callum fez com os dois lobos que tocaram Sonia.

E Callum se sentiu sombriamente satisfeito descobrindo com essa breve troca que Gregor estava correto. Não importava o mau comportamento de Yuri esta noite, ele nunca deixaria nada prejudicar Sonia.

Balançou a cabeça para Gregor, agarrou seu casaco e saiu.

Gregor ficou em silêncio por um quarteirão e meio e Callum estava perdendo a paciência quando finalmente falou.

—Algo mudou. —Gregor proclamou.

—E o que seria? — Callum solicitou quando Gregor não continuou.

—Lucien encontrou sua companheira. — Gregor compartilhou e essa notícia definitivamente valia a pena ser proclamada.

Quase todas as espécies imortais tinham companheiros.

Vampiros não acreditavam neles. Assim como não os tinham.

Após guerrearem há séculos, escreveram as leis copiosas sobre as quais viviam. Uma delas proibia o acasalamento com mortais — aliás com qualquer outro — e naquela época, obrigaram todos os vampiros a renunciarem seus companheiros mortais ou não-vampiros. Eles tinham até mesmo caçado, torturado e executado vampiros e mortais que se recusaram. A partir daí, era permitido apenas se acasalarem com vampiros, o

que reduziu significativamente as chances de encontrar aquela única alma em bilhões com quem você estava destinado a passar a eternidade.

Portanto, eles viraram as costas para a ideia de companheiros.

Callum sorriu para si mesmo por ser Lucien quem encontrou uma companheira. Aquele vampiro tinha bolas.

—É Katrina? — Callum perguntou, esperando que não fosse.

Lucien estava ligado a outra vampira que atendia pelo nome de Katrina. Callum também a conheceu, ela era deslumbrante de olhar, mas lembrava-lhe Mona.

—Não, Katrina foi demitida. — Gregor respondeu, Callum acenou com a cabeça e Gregor continuou. — E então ele precisou... — Gregor fez uma pausa. — Mandá-la embora.

Callum sentiu os lábios ficarem tensos.

Vampiros, oficialmente se uniam a outros vampiros, mas tinham uma saída, chamada “demissão” que era como o divórcio de um mortal.

Ao contrário do voto vampírico, que claramente não incluía os votos de seus companheiros, Callum achava o conceito de demissão dos vampiros repugnante. Lobos não tinham nada igual. Um lobo nunca iria se separar de seu companheiro.

Nunca.

No entanto, se sua companheira fosse Katrina, Callum consideraria.

Mesmo assim, mandá-la embora era além do limite, mesmo para um vampiro. Esta ideia era ainda mais repugnante para Callum. A única coisa que ele sabia, conhecendo Lucien, era que se foi feito, havia uma razão válida por trás disso.

—Quem é ela? — Callum perguntou.

—Uma mortal. — Gregor respondeu e Callum parou bruscamente.

Ele se virou e olhou para o vampiro. —Você está brincando.

Gregor também parou e considerou Callum. —Não estou.

—Maldição. — Murmurou Callum preocupado com Lucien.

Vampiros gostavam de suas leis, viveram sob elas por meio milênio e não se acasalavam com mortais, estava no topo da lista deles.

Lucien e sua companheira poderiam ser perseguidos, torturados e executados.

—Eles estão...? — Ele começou, mas Gregor balançou a cabeça.

—As coisas ficaram... — Gregor hesitou. —Desconfortáveis por um tempo. No entanto, vários membros do Conselho incluindo, obviamente, eu mesmo, vimos sabedoria em rescindir

esse edital específico. Tivemos sucesso em convencer os outros também.

Callum continuou observando Gregor, mantendo seu rosto perfeitamente em branco e seus pensamentos turbulentos para si mesmo.

Começou. A Profecia ou o que ele sabia dela, estava se tornando realidade.

Até a parte que Callum esperava que não fosse.

Porra.

—Então a base da cultura dos vampiros mudou. — Observou Callum.

—De fato mudou. Não apenas Lucien, mas todos os vampiros são livres para tomar companheiros mortais, se assim desejarem.

Callum apertou a mandíbula e começou a andar novamente. Gregor acompanhou seus passos ao lado dele.

Eles viraram o quarteirão e continuaram andando juntos, em silêncio.

Depois de algum tempo, Gregor falou novamente e quando o fez, foi com calma.

—Isto significa que Yuri está livre para tomar uma companheira mortal.

Callum parou e virou-se instantaneamente para o vampiro, lutando contra a fúria cega que imediatamente começou a se implantar dentro dele.

—Não diga mais nada. — Ele avisou.

—Callum, ouça-me.

—Absolutamente não.

—Callum, ouça-me. — Gregor repetiu, mas Callum começou a andar novamente e Gregor acompanhou novamente seus passos ao lado dele.

—Ela é minha filha. — Afirmou Gregor.

Callum parou mais uma vez e virou-se para o vampiro. — Ela é sua protegida.

—Ela era minha protegida, trinta e um anos atrás. É muito tempo, Callum, alimentar uma mortal, vê-la crescer, fazer curativos em seus joelhos esfolados, discutir com ela sobre comer ervilhas e tê-la esperando que você compre o presente de aniversário que ela queria mais que tudo. — Callum apertou os dentes, não afetado pela profundidade do carinho, até então desconhecido de Gregor por Sonia, enquanto Gregor terminava. —Desde então ela se tornou minha filha.

—E você está dizendo que quer que eu renuncie à minha Rainha, afaste a porra da minha companheira, para que assim você possa manter sua filha? — Callum disse.

—Estou dizendo que não quero que ela morra. — Gregor retornou friamente. — Nunca.

Callum respirou fundo. Ele sabia onde isso ia.

E ele não tinha ideia que Gregor tinha esse sentimento profundo por Sonia, mas acreditava. Gregor não era um homem caloroso, não abertamente. Mas Sonia era uma mulher calorosa e seria difícil não ter sentimentos por ela, especialmente se você tivesse passado trinta e um anos colocando curativos em seus joelhos esfolados e comprando seus presentes de aniversário.

Gregor continuou. —Yuri a adora. Ele a ama desde o momento em que colocou os olhos nela. Irá cuidar dela. Vai dar-lhe tudo que ela desejar...

—Você precisa parar de falar. — Advertiu Callum.

Gregor ignorou seu aviso e anunciou o que Callum já sabia. —Ele vai dar a ela uma vida imortal.

Callum prendeu a respiração.

Os vampiros se alimentavam de sangue humano, eles faziam isso desde o início dos tempos. Foi como sua espécie se desenvolveu, eles também desenvolveram a capacidade de proteger suas presas. Portanto, exatamente ao mesmo tempo em que se alimentavam, eles lançavam propriedades curativas em suas refeições humanas através de sua saliva. Essas propriedades eram extraordinariamente fortes, ajudavam a curar a mordida e o sangue a se regenerar rapidamente.

E, se liberado na corrente sanguínea de um ser humano regularmente e por qualquer período de tempo, poderia fazer mais. Regredir o envelhecimento, combater doenças, acelerar muito a cicatrização de ossos quebrados ou digamos suspender os efeitos de uma doença mortal.

E, se liberado na corrente sanguínea de um ser humano regularmente e por tempo indeterminado, poderia mantê-los jovens, vitais e vivos para sempre.

—Sei que seu povo não entende este conceito, mas esta de quem você está falando é a minha companheira. — Concluiu Callum.

O tom de Gregor era realmente gentil quando ele respondeu. —Companheira? Dificilmente, Callum. É a sua vida. Mas e a dela?

A pele de Callum começou a arder novamente, mesmo ao ponto de sentir seu sangue começar a se aquecer a medida em que a transformação começava.

Ele não se transformou sem querer fazê-lo desde que era um jovem lobo que ainda não havia aprendido o controle.

Foi preciso esforço, mas se controlou e começou a andar outra vez rapidamente, suas pernas longas acabando com a distância para contornar o quarteirão que o levaria de volta em direção à casa de Sonia.

Gregor manteve-se com ele, ritmo por ritmo.

—Pense nela, Callum. — Gregor insistiu calmo. — No que ela vai passar, envelhecendo, enquanto você não envelhece, sabendo que...

Callum o interrompeu. —Esta conversa acabou.

—Callum, você tem que pensar em Sonia.

Callum parou novamente, voltou-se para o vampiro e deu um passo mais perto, claramente agressivo e na ofensiva, curvando-se levemente ficando cara a cara com o tutor de Sonia.

—Eu disse, essa conversa acabou.

Gregor manteve a calma e Callum ficou com o rosto sério por um longo momento antes de responder. —Tudo bem, Callum, a conversa acabou.

—Não levante este assunto novamente, não comigo, não com Sonia. —Callum ordenou.

Gregor puxou uma respiração pelo nariz, em seguida, suspirou e concordou. —Não o farei novamente, com nenhum dos dois.

—Yuri. — Callum prosseguiu.

—Falarei com Yuri. — Prometeu Gregor.

—Eu quero que jure sobre isso. — Callum exigiu, ele viu um flash passar pelos olhos de Gregor, em seguida, o vampiro assentiu.

—Você tem meu juramento.

Callum sentiu seu corpo relaxar.

Mas ele não terminou. —Se você e Yuri querem ser parte da vida de Sonia, não importa quão curta ela seja, não vai se comportar como hoje. Especialmente Yuri.

—Como você pode ver, minha notícia era importante. —Gregor retrucou.

—Ligue da próxima vez. —Callum disse entre dentes.

A mandíbula de Gregor ficou tensa, mas ele assentiu.

—Se Yuri falar assim com ela outra vez ou comigo quando ela estiver a uma distância em que eu possa ouvir, vou despedaçá-lo, queimar os pedaços e espalhar as cinzas ao vento.

Esta ameaça não era ociosa, Gregor sabia que Callum poderia cumpri-la.

Yuri podia ser um vampiro com habilidades extraordinárias, incluindo a força.

Mas Callum era o Rei dos homens lobos e sua família não governava, porque eles eram bons na diplomacia. Governavam, porque eles eram os mais fortes, mais rápidos, mais astutos e de longe os mais ferozes guerreiros de todos os lobos.

Nos dentes de Callum, Yuri estaria em pedaços.

Um músculo na mandíbula de Gregor flexionou.

Em seguida, ele defendeu. —Esta noite foi difícil para Yuri.

—Pode ser que sim, mas os últimos quatro dias foram traumáticos para Sonia e o homem que ela considera um irmão se comportando assim não ajuda, porra.

Gregor manteve o rosto sério para Callum por um instante, antes de ceder. —Seu ponto de vista está entendido. Como eu disse, falarei com Yuri.

—Bom. — Callum disse.

Terminando com seu maldito passeio e terminando definitivamente com sua conversa, ele virou-se e percorreu o resto da distância para a casa de Sonia. Não falou o tempo todo e tampouco o fez quando entrou na casa dela e tirou o casaco.

Ele estava caminhando para as escadas, não se dignou sequer a olhar para Yuri, quando ordenou. —Vocês entraram, trancam tudo quando saírem e nunca mais usarão suas chaves novamente, a menos que saibam que Sonia e eu não estamos nesta porra de casa.

—Callum. —Gregor chamou.

Callum sufocou um rosnado, parou, virou-se para o tutor de Sonia e olhou-o em silêncio.

—Esperamos ver Sonia durante as férias. — Gregor disse calmo.

—Veremos. — Callum respondeu grosseiro, colocando-os para fora de sua mente e subindo as escadas, de dois em dois degraus.

Sonia estava dormindo do lado dela quando ele se despiu e juntou-se a ela na cama.

Ele moldou o seu corpo à curva dela e com o braço em volta de sua cintura, a puxou mais perto do seu ainda agitado corpo.

Ele tinha muita coisa na cabeça, mas as únicas coisas que prendiam sua atenção eram precisamente as coisas nas quais não queria pensar.

Tinha um grande número de amigos que encontrou suas companheiras. Histórias de reivindicações eram compartilhadas livremente e escandalosamente entre lobos, tanto masculinos como femininos, até mesmo se gabaram. Porra, era uma prática tão comum que ele sabia até a história da reivindicação de seus pais.

Ansioso por encontrar sua conexão, Mac saiu em uma missão de busca de sua companheira. Isso durou anos, mas Mac, com sua habitual paciência, nunca ficou frustrado.

Ele sentiu Regan, bem antes de até mesmo estar em sua vizinhança. Ele a seguiu e a encontrou sentada nos degraus de frente da casa de campo dos pais dela na França, comendo uma maçã e aparentemente, conforme relatado para Callum por Mac, esperando por ele.

Mac imediatamente a agarrou, arrastou-a para a floresta que rodeava a casa de campo dos pais dela e a reivindicou no chão da floresta, envolvendo a corrente que ele levava no bolso

durante séculos, ao redor da cintura dela antes de ter terminado.

Até terminar o ato, Mac nem sabia o nome dela.

Era assim com os lobos. Lobos não brincavam.

O macho agarrava a fêmea, a reivindicava e sua vida começava.

Embora os lobos não se importarem em falar sobre sexo e lobos acasalados não hesitarem em indecorosas — para outras culturas — demonstrações públicas de afeto, Callum era grato por não saber as particularidades de sua mãe, como faziam alguns amigos dele.

O que ele sabia era isso. Regan era então de Mac e suas vidas juntos começou ali. Callum não era um romântico e nunca imaginou que o relacionamento deles fosse perfeito nos séculos que estiveram juntos. Mas era sólido, era forte, era carinhoso, sensível e por último, era amoroso.

O que Callum tinha com a Sonia podia não ter começado como com os outros lobos, mas a forma como se sentiu no momento em que a mão dela o acariciou na noite passada enquanto era lobo. Então acariciou seu focinho com carinho sonolento. A forma como ele se sentiu quando ela jogou as cobertas de lado e se ofereceu para esquentá-lo. A forma como se sentiu quando ela se pressionou a ele e adormeceu. A maneira como se sentiu quando seus olhos se abriram naquela manhã e ela o olhou com aquele sonolento olhar de amor. A

maneira como se sentiu quando se acoplou a ela e concordou em ser dele. A forma como se sentiu quando a reivindicou e sentiu os cheiros dos dois juntos. E, por último, como se sentia — em quase — todos os momentos, sabia que terminaria como seus pais.

Humana ou não, o que iria ter com Sonia seria sólido, forte, carinhoso, terno e amoroso, bem como animado, ardente e incrivelmente doce. Sonia sentia a força da sua conexão. Ele sabia disso e ela mesma declarou que era dele.

Mas agora Regan estava sem seu companheiro e embora sua mãe mantivesse uma fachada iluminada e alegre, seus olhos sempre traíam sua perda, às vezes sua tristeza, às vezes até mesmo sua confusão como se ela não soubesse o que fazer com uma vida sem Mac nela.

Este seria o futuro de Callum. Não havia nenhuma maneira de escapar.

E esse pensamento não o deixava angustiado.

Isso o enfurecia.

Tanto, que sentiu a transformação novamente contra a sua vontade, vindo sobre ele, aquecendo seu sangue e apertando sua pele.

Em qualquer outro momento, ele se entregaria a isso, se transformaria em um lobo e correria.

Mas não podia, não na cama ao lado de Sonia, nem poderia ir lá fora e vagar pelas ruas da cidade.

Então fez a única coisa que podia fazer.

Ele lutou contra a transformação, lançando-se a sua vontade humana, consciente de seus inatos instintos de lobo.

E seus instintos lhe diziam que sua companheira finalmente estava ao seu lado. Ela estava ali para ele, para cuidar dele, aliviar seu sentido, acalmar suas frustrações e domar a fera dentro dele.

A mão dele deslizou sobre seus quadris, por cima de seu traseiro, entre suas pernas e ele a encontrou. Sem se mexer ou acordá-la, ele acariciou-a até que ouviu a respiração dela ficar pesada durante o sono, seus quadris movendo-se inconsciente contra a mão dele.

E então ela acordou, já molhada, sua respiração aumentando drasticamente quando percebeu o que Callum estava fazendo, mas não lutou.

A doce Sonia de Callum começou a gemer.

Sim, dormindo, acordada, Sonia era dele, porra.

Sua outra mão pressionava sob ela e entre suas pernas. Assumindo, ele usou a mão que a tinha acariciado para tirar sua calcinha e em seguida usou dois dedos para começar a fodê-la.

Acariciando profundamente, sentindo sua umidade revestir seus dedos enquanto iam uma e outra vez para dentro da seda que era Sonia, seu batimento cardíaco aumentou enquanto seu sangue ainda fervia sob sua pele formigando e sua respiração ficava ainda mais forte quando ouviu seus gemidos ofegantes. Ela levantou um joelho para oferecer-lhe melhor acesso e tirou sua camisola quando seus quadris começaram a empurrar, exigindo, movendo-se contra os dedos dele.

Cristo, ela era gloriosa.

Seu pau estava duro e latejante, não poderia esperar mais. Rosnou na parte de trás do cabelo dela, parou de fodê-la com os dedos e colocou a mão contra seu osso púbico. Usando a outra para deslocar seus quadris, ele a puxou com a mão entre as pernas dela até que ficou de joelhos e se posicionou entre eles.

Em seguida, entrou com um impulso violento, conduzindo seu pau até as bolas.

Ele adorava, porra, que ela conseguisse tomá-lo todo. Mesmo as lobas não aguentavam ele todo.

E ele adorava ela ter sido feita para ele. Amava não apenas porque ela entendia isso, mas também porque foi Sonia quem explicou a ele.

Callum amava que ela gostasse de brincar, tanto quanto ele e tão áspero, duro e faminto.

Como nesse instante, Sonia estava de joelhos com seu sexo oferecido a ele descaradamente, suas coxas tremendo na feliz expectativa e ele deu-lhe o que ela queria. Ele se afastou, avançou e entrou até a raiz novamente.

E outra vez.

E outra vez.

E o fez com uma ferocidade que ele apenas usaria com uma loba, nunca um ser humano. Porra, os gemidos de Sonia eram tão afiados e lacônicos, que sacudiam o silêncio através de seus impulsos.

Ela subiu em suas mãos e quando assumiu a posição de uma loba, sua necessidade vivificou, seus golpes aprofundaram-se e ela o tomou, todo seu pau, todo seu poder, alimentando a força de seu desejo.

Ele estendeu seu longo braço e agarrou o grosso cabelo dela, usando isso e sua mão na cintura para esfregá-la contra ele enquanto entrava mais forte, mais duro. Bateu em sua consciência que ela não estava apenas tomando a força acelerada de seus impulsos, ela estava movendo os quadris para encontrá-lo.

Ele sentiu seu sexo tremer ao redor de seu pau, sua respiração começar a ficar forte e sabia que ela estava perto de gozar.

Ele torceu o punho no cabelo dela.

—Diga. — Ele exigiu.

Ela recuou em seu pau, sua respiração áspera se transformando em gritos roucos.

—Sonia, diga, porra. — Seu próprio orgasmo estava chegando. Ele o sentiu subindo em sua virilha e finalmente entendeu o pânico dela nas duas vezes em que a fodeu, porque a força do clímax que se aproximava parecia ser algo que iria destruí-lo.

Não satisfeito, a mão dele torceu novamente seu cabelo, forçando o pescoço dela a arquear-se quando ela gemeu, sua voz rouca quando ele mudou o comando. — Quero ouvir você gritar isso.

—Lobo. — Ela sussurrou, então o sexo dela convulsionou ao redor de seu pau com seu orgasmo e ela fez como ele ordenou, as palavras dela, gritadas tão alto, não era uma possibilidade de os vizinhos ouvirem, era uma certeza. —Meu lobo!

Em suas palavras, ele enterrou-se dentro de sua sedosa umidade e explodiu com um grunhido gutural, sentindo uma intensidade que nunca experimentou. Era parecido com sua transformação em lobo, que era como explodir para fora de sua pele.

E o poder disso foi surpreendente e magnífico.

Quando ele se recuperou, soltou seu cabelo, mas segurou seus quadris e continuou empurrando delicadamente dentro

dela. Ela desabou em sua frente, sua cabeça nos travesseiros, seus cabelos espalhados por todos os lugares, ainda estava ofegante. Ela continuou a oferecer-lhe sua doce bunda enquanto ele ternamente mergulhava dentro dela, seus quadris inclinados para cima e pressionando, incentivando, um convite amoroso, uma delicada rendição, um belo lembrete de que ela pertencia a ele.

Ele deslizou uma mão de seu quadril, passando sobre o inferior de suas costas e até chegar à sua corrente que escorregou para o alto de suas costas, parando sob os seios dela. Ele puxou para baixo onde travou levemente em seus quadris para que ele pudesse lembrar sua companheira da sua presença, algo que nunca queria que ela esquecesse. Então, ainda empurrando, mais lento e mais lento, ele arrastou os dedos ao longo da corrente em suas costas.

Seu corpo estremeceu sob o dele, quando as paredes de seu sexo tremeram delicadamente ao redor de seu pau.

Callum forçou seus quadris nos dela, ele abaixou seus joelhos, fixando-a na cama sobre o estomago, seu pau ainda dentro dela, as pernas abertas agradavelmente amplas para acomodá-lo.

A transformação não estava mais sobre ele. Seu sangue não fervia, sua pele aquecida apenas pela sua gloriosamente doce, bonita, pequena e perfeita, companheira.

Como era a razão para sua existência, ela o saciou.

E ele estava percebendo com feroz satisfação, que ela sempre fazia isso muito bem, porra.

Cansado, colocou seus antebraços um em cada lado dela na cama para aliviar um pouco do seu peso sobre ela. Ele usou seu queixo para afastar o cabelo longe do rosto dela e em seu ouvido, pressionando profundamente dentro dela uma última vez, ele murmurou. —Minha gloriosa Rainha, eu disse que teríamos uma bela vida, você e eu.

E com seu pau ainda duro enterrado profundamente dentro de sua Rainha, Callum, Rei dos lobos, adormeceu enquanto as luzes de Natal da árvore de Sonia lançavam um brilho sobre seus corpos conectados.



Capítulo

11

Escalas

Ainda adormecida, a consciência nebulosa de Sonia registrou as cobertas lentamente deslizarem para baixo de seu corpo.

Ela estava de bruços. Mesmo imóvel, podia sentir a deliciosa dor em cada um de seus músculos e um latejar delicioso entre suas pernas, que era uma vaga dor, um sentimento de gratificação muito maior. A dor era o fantasma de Callum batendo dentro dela, a gratificação era a inebriante lembrança de estar completamente preenchida.

Seus olhos se abriram, em seguida, fecharam quando sentiu o fugaz toque na pele de suas nádegas superiores onde as agulhas de suas injeções eram espetadas.

Este toque fugaz tornou-se um tipo diferente, como se lábios estivessem se arrastando por lá.

Ela suspirou com a beleza do gesto e momentaneamente voltou a dormir.

Então ela sentiu dedos fortes agarrarem os quadris dela e ela foi gentilmente rolada, braços vieram ao redor dela e ela foi levantada.

Aninhou-se no quente, duro e estranho vestido corpo de Callum, colocando seu rosto em seu pescoço tentando dormir, enquanto ele se acomodava na cama, de costas para a cabeceira, seus joelhos dobrados, Sonia se aconchegou em seu colo.

—Sonia? — Ele chamou e suas pálpebras vibraram outra vez.

—Tanto sono. — Ela sussurrou, aconchegando-se mais perto, um de seus braços dobrados e pressionado entre eles, a outra mão repousando sobre seu peito enorme.

—Eu sei, pequena. — Ele murmurou apertando seus braços por um instante, então ela sentiu sua testa deslizar carinhosamente contra o cabelo dela.

—Eu gosto quando você faz isso. — Ela disse, pressionando o nariz no pescoço dele por um momento e depois acomodando-se e suspirando, o cansaço e a pesada dor no corpo chamando-a de volta ao sono.

—Quando eu marco você? — Ela ouviu-o perguntar através de sua diminuta consciência.

—Mm. — Respondeu ela, caindo brevemente em um cochilo, conforme seus braços ao redor de suas panturrilhas deslocavam-se e transformavam-se em dedos, arrastando-se de seu joelho até a coxa.

—Sonia, querida. — Callum chamou e os olhos dela vibraram outra vez.

—Lobo, estou com sono. — Ela protestou fraca e fez seu ponto, aconchegando-se ainda mais em seu corpo firme.

Com suas palavras, seus dedos apertaram suavemente a carne de sua coxa por um momento, antes de começarem a se arrastar novamente.

—Você disse isso, pequena. — Ele respondeu suavemente. —Eu queria que você soubesse que os homens estão aqui. Precisa descansar e preciso ir trabalhar, então eu os chamei. — Seus dedos ainda estavam deslizando do joelho para a coxa e voltava novamente quando ele terminou. —Vim lhe avisar, porque não quero que se assuste se acordar e ouvir vozes.

—Está bem. — Respondeu ela, com seus pensamentos ainda sonolentos, sua atenção voltando-se para os movimentos dos dedos dele.

Ele beijou o topo de sua cabeça e murmurou definitivamente. — Durma o quanto quiser.

Sonia não estava ouvindo.

O corpo dela decidiu que seus dedos não estavam indo longe o suficiente, por uma trilha mais abaixo e inconscientemente, preguiçosamente ela levantou os quadris para ampliar sua rota.

Aqueles dedos pararam.

Involuntariamente, um ruído decepcionado escapou da garganta de Sonia.

Sua mão desceu instantaneamente e sua grande palma descansou calorosamente na junção entre as pernas dela.

Ela registrou em seu cérebro sonolento que isso era bom.

A voz dele ficou mais rouca quando ele perguntou. —Você quer brincar um pouco, pequena?

Antes que sua mente acordasse totalmente, o corpo dela usou sua boca para responder calmamente. —Sim, Callum.

—Minha Rainha doce e gananciosa. — Ele murmurou, sua voz era áspera e satisfeita quando afastou a palma, mas os dedos dele se moveram. Encontrou-a e instantaneamente se contraíram e vibraram, até que ela apertou o rosto no pescoço dele, envolvendo os braços ao redor de seus ombros e se esfregando contra seus dedos.

Ela estava ofegando suavemente contra sua pele, quando os dedos mergulharam dentro dela, acariciando-a suave, porém, profundamente.

—Deus, eu amo sentir você. — Ele sussurrou, adorando o tom de suas palavras não atendidas, Sonia concentrou-se na bela tensão reunindo-se ao redor de seus dedos. —Vai gozar para mim, pequena?

—Sim. — Ela respirou, pressionando para encontrar seus golpes.

Seus dedos dirigiam profundamente e ficou imóvel quando o polegar dele atingiu seu núcleo, pressionando e contraindo e a tensão se construiu rapidamente, em seguida, explodiu magnificamente.

Depois, ela instantaneamente relaxou em seu corpo quando a calma do seu pós-orgasmo e o corpo quente de Callum a envolveram, fazendo-a se sentir segura.

—Tão molhada. — Ele murmurou, seus dedos ainda brincavam com ela, com ternura enquanto ela caía lentamente no sono em seus braços. — São poucos os momentos, Sônia, que eu lamento o meu chamado de Rei. Mas agora, com você em meus braços assim, tão doce, tão molhada, eu daria qualquer coisa para ser capaz de ficar aqui e lhe comer em vez de descer aquelas escadas.

—Mm. — Foi tudo o que Sonia conseguiu dizer, sem ter ideia de que Callum jamais compartilhou com qualquer ser vivo um lamento sobre seu dever real. Na verdade, ele nunca se sentiu tentado por nada que fosse o suficiente para considerar, nem por um instante, evitar esse dever.

No segundo seguinte, o latejar ainda estava lá, com vigor renovado e intensamente mais delicioso, embalando seu corpo, Sonia adormeceu com os dedos de Callum ainda brincando entre as pernas dela.



Sonia acordou, os olhos dela se abrindo para ver seus travesseiros e pensamentos do dia anterior e esta manhã, dolorosamente atingiram sua cabeça.

Seu corpo, debaixo dos cobertores que estavam dobrados confortavelmente ao redor dela, enrijeceu.

—Oh meu Deus. — Ela respirou no travesseiro.

Sentiu a dor nos músculos, o pulsar insistente entre suas pernas e cada centímetro de sua pele esquentou de vergonha quando se lembrou a noite anterior — ambas as vezes, mas especialmente a segunda vez — e esta manhã — bom Deus!

Ela fechou os olhos com força e virou o rosto em chamuscas contra os travesseiros, quando as palavras de Callum, da noite anterior ecoaram em seus ouvidos.

—Minha gloriosa Rainha, eu disse que teríamos uma bela vida, você e eu.

E ela deitou-se sob ele, ouvindo essas palavras, suas pernas descaradamente abertas para recebê-lo, o peso de seu corpo glorioso pressionando-a na cama, ele ainda entrando

profundamente nela, preenchendo-a completamente enquanto ela caía em um sono exausto de um profundo e depravado contentamento.

E ela não queria perdê-lo, seu peso, seu calor, seu pau enchendo-a completamente, fazendo-a se sentir inteira.

—Minha gloriosa Rainha, eu disse que teríamos uma bela vida, você e eu.

Lembranças, aguçadas e penetrantes, encheram a sua cabeça.

Na manhã do dia anterior, Callum, reivindicou-a e então praticamente esqueceu-a por horas.

Na tarde anterior, Callum disse àquela pobre mulher doente, claramente demente, que ela foi “apenas uma foda” enquanto Sonia, sua companheira, sua suposta esposa, estava sentada no colo dele, enfrentando sua ex-amante.

Ele até mesmo esfregou sua testa contra o cabelo de Sonia, deixando claro para a mulher, que era obviamente obcecada por ele — e não de uma maneira saudável — e para não mencionar, para todos naquela sala, que Sonia era melhor do que ela na cama. Isto aprofundou a humilhação de Desdemona em níveis desconhecidos, para não falar de Sonia.

Então, ele e seu povo riram e brincaram com o apavorado esforço de Desdemona e com a sentença de Callum para ela ficar “isolada”. Até mesmo Ryon, que Sonia achava que era um

homem amável. Era evidente que o que quer que fosse o “isolamento” claramente não era bom.

E o lugar de Sonia, sua função como suporte silencioso de Callum. Ali para mais nada do que ele usar o seu “doce corpo” quando ele precisasse liberar a energia de seu dia.

Não era medieval.

Era...

Era...

Ela nem sabia o que era!

E as coisas que ele disse para ela na noite passada, sobre estar desesperada por isso, desesperada por ele.

E Yuri.

E Gregor!

E o que ouviu de Yuri e o que ele viu.

E as coisas que descobriu com eles.

E naquela manhã, oh Deus, naquela manhã, sentada no colo dele e deixando-o brincar com ela como se ela fosse seu brinquedo.

Não, ela não deixou, ela praticamente implorou.

Ela pediu a ele!

Uma bela vida? Ele chamava isso de uma bela vida?

Mais lembranças inundaram a mente dela, estas guerreando com a primeira.

Na manhã anterior, Callum, sexy e doce, como o Callum de seus sonhos, provocando-a na cama antes que a seduzisse e, por falar nisso, depois de apenas um breve momento.

Na tarde anterior, Ryon, Caleb e Calder conversando com ela, como se eles a conhecessem há muito tempo. Como se ela já fosse um membro de sua família. Como se ela não fosse esquisita ou estranha. Como se ela se encaixasse.

E ambas as vezes Callum segurou a mão dela, protetoramente, no braço dele. Puxando-a para mais perto. Oferecendo sua força quando estava assustada na sala do trono e chateada, enquanto enfrentava Gregor e Yuri.

E olhando para trás, na noite anterior quando se dirigiam para sua casa e quando chegaram na casa dela, Callum comicamente paciente em lidar com ela quando estava irritada — antes de se tornar um arrogante dizendo coisas horríveis.

E a maneira como a segurou depois que ela chegou ao clímax, de costas para a cabeceira da cama, sua mão segurando a cabeça dela, algo sobre a maneira como ele fez isso a fez sentir-se preciosa.

E a forma como ele lidou com ela depois de Yuri os interromper naquele momento, com uma divertida paciência diante de sua fúria.

E, antes que descessem para enfrentar Gregor e Yuri, aquele beijo. Aquele beijo profundo, lindo. Um beijo que a fez se sentir bonita, desejada, até mesmo o impossível, amada.

E, em uma conversa difícil, enquanto enfrentava a única família que lhe restava — fora a de Callum, agora — ela relaxou no seu abraço. Callum mostrando-lhe fisicamente o que significava apoiá-la durante seus momentos de luta, segurando-a perto, segurando-a forte. Mostrando-lhe o que ela não entendia e não conseguia identificar, que ele ficaria entre ela e a dor. Talvez não fosse capaz de impedir isto completamente, mas ele estaria lá para amortecer o golpe.

E nesse exato momento, confortável e quente sob suas cobertas, Callum fez isso. Ele fez algo terno de forma que a fez sentir que ele estava mantendo-a a salvo.

—Minha gloriosa Rainha, eu disse que teríamos uma vida linda, você e eu.

Isso poderia ser uma bela vida.

Mas não era tudo o que havia.

Mais pensamentos empurraram os outros para fora e invadiram a sua mente.

Na noite anterior, acordando com a mão dele entre as suas pernas, o desejo já sobre ela, mais forte do que nunca, mudando-a, levando-a para fora de si mesma, então não era qualquer Sonia que ela já conheceu, mas outra pessoa inteiramente diferente. Ela era a criatura que ele criou. A criatura que ele reivindicou. A criatura que, em algum lugar de sua mente, estava dizendo a ela que na verdade era para ser.

E a maneira como ele a tomou. A forma como ela respondeu a ele, o desejou, atirou-se ao seu encontro, seus quadris empurrando contra o dele, seus dedos afundando na sua carne e sua mão fechada firmemente no cabelo dela. Ele exigiu mais, mais e mais e ela exultou em dar a ele, enquanto tomava tudo e sentia que precisava dele como se fosse seu ar.

Não, como se houvesse algo vital faltando. Como se houvesse alguma parte crucial de quem ela era e que esteve perdida. Ela se sentia atraída por Callum, ligada a ele, na verdade, tal como pensou depois que ele a reivindicou, se sentiu possuída por ele e assim sendo, Callum apenas poderia dar-lhe o que ela perdeu.

E nesta manhã, meio adormecida, seus instintos assumiram e comportou-se descarada — novamente! — Adormeceu com a mão dele ainda a provocando entre as pernas.

E a maneira como dormiram na noite anterior e como não foi vergonhoso ou escandaloso (— naquele momento, agora ela estava horrorizada — mas em vez disso se sentiu...

Sentiu-se bem.

—Minha gloriosa Rainha, eu disse a você que teríamos uma vida linda, você e eu.

Uma bela vida? Tudo isso era uma bela vida?

Tudo bem que Callum era tudo isso, terno, carinhoso, quente e provocante, mas superavam as coisas que eram ruins? Superavam as coisas que a fizeram se sentir humilhada,

que a vida dela como sua Rainha significava que ele se sentia no direito de dormir entre as pernas dela com seu pau ainda enterrado dentro dela, apesar dele a querer apenas para usar seu corpo? Será que superava seu conhecimento que ele desenterrou algo de dentro dela que a fazia se sentir completa, satisfeita e inteira, depois que a fodeu tão duro, tão grosseiramente, fazendo-a gritar em seu clímax e então caiu na cama sobre ela, ainda com seu pau dentro dela e sentindo, insanamente, que estava certo?

Esta era uma bela vida?

Era uma bela vida para ele. Ela sabia pelo jeito como falou, com as palavras ainda ecoando em sua cabeça. Ele as murmurou saciado, mas a maneira como disse era a maneira que você diria que o céu era azul, que a grama era verde e a terra era redonda.

Como se fossem, simplesmente, verdadeiras.

Então, novamente, para ele, eram.

O Rei Callum tinha uma coisa certa ao seu lado, para todos os momentos, até o dia que ela morresse. Ele podia não a querer, mas ele era um homem e os homens, pela experiência de Sônia, não se esquivavam. Eles pegariam o que pudessem ter, sempre que pudessem e sob qualquer forma que tomassem — na maioria das vezes.

E, pior de tudo, os pais dela quiseram isto. Sentiram-se honrados por ela ser a Rainha.

Eles conheciam sua cultura. Eram amigos do seu povo. Entendiam a sentença de Sonia e queriam que ela fosse sua Rainha, planejaram isto, mesmo quando era criança.

O que significava que, mesmo estando certa, Callum nunca permitiria a contrário, ela não teria escolha. Ela estava, de fato, condenada a ser sua Rainha, presa nesta vida, para sempre.

Ela desejava, no entanto, que estivesse com Desdêmona em seu caminho para ser isolada... seja lá o que isso significasse.

Em vez disso, estava deitada em sua cama, dolorida de um jeito que não era nada ruim — mesmo que ela dissesse a si mesma que era. Ainda podia sentir o delicioso fantasma de Callum enterrado entre as suas pernas. E estava orando para que pudesse passar seus anos focando no bem e ser capaz de tolerar o mal, sem ficar completamente louca.

Mas não estava certa de que poderia fazer isso.

No entanto, não tinha nenhuma escolha, a não ser, tentar.

Lutando contra as lágrimas que ameaçavam cair e a mortificação que a consumia, Sonia arrastou-se de debaixo das cobertas. Tardamente percebeu que Callum, ao contrário de qualquer amante antes dele — todos que pensaram que sua ligação com o lobo de pelúcia, sendo uma adulta, era um pouco estranho— colocou-o em seus braços.

Um ponto para o lado bom

Ainda assim, o placar estava inclinado para o lado mau, como se o lado bom fosse fofo como algodão e o lado mau a porra de um tijolo — ou dois.

Quando ela tomou banho e estava vestida, sentiu uma tremenda dor de cabeça, causada por estresse, constrangimento e pela agitação constante e inútil de pensamentos, tentando encontrar uma maneira de escapar.

A dor de cabeça persistiu apesar do chuveiro quente aliviar a dor em seus músculos, embora não inteiramente. E não fez, antes de mais nada, aliviar o lembrete suave e pulsante da sensação de Callum entre suas pernas.

Ela ouviu — e ignorou — as vozes durante todo o tempo em que se arrumou e continuou ignorando enquanto descia as escadas, indo até cozinha e direto para a cafeteira. Ela serviu-se de uma caneca com um pingo de leite desnatado e vitaminas, tomou o coquetel de suplementos com a adição de duas cápsulas de ibuprofeno.

Então, porque era a Rainha deles e Rainhas provavelmente não deviam ser rudes, contornou a escadaria que os separava e escondia a maior parte da cozinha da sala de jantar. Ela sabia, desde as vozes que ela contou, que Callum, Caleb, Saint e uma voz que ela não conhecia estavam à mesa da sala de jantar.

No minuto em que ela apareceu na porta, entre a sala de jantar e a cozinha, Callum, à cabeceira da mesa, virou a cabeça para olhar para ela.

Quando seus olhos azuis claros bateram nela e a mente dela novamente registrou sua intensa beleza masculina, seu ventre estremeceu — mas ela disse a si mesma que não era uma sensação boa, quando era — e sentiu correr o sangue para as bochechas, enquanto as lembranças da noite anterior — e daquela manhã — a invadiram.

Ignorando o tremor de seu ventre e o segundo tremor que ela sentiu quando, no momento em que seus olhos bateram nela os viu ficarem suaves, de uma forma muito sexy, ela inclinou-se contra o batente da porta.

Tirou os olhos de Callum e olhou de relance ao redor da sala, dizendo. —Bom dia, rapazes.

Todos a cumprimentaram com um sorriso caloroso.

Ela ouviu as pernas da cadeira de Callum contra a lã de seu tapete... quando ele a empurrou para trás e se virou em sua direção e seu olhar se voltou para ele.

—Venha aqui, pequena. — Ele disse, com uma voz rouca e tão íntima, tão conhecedora, que ela sentiu a pulsação entre as pernas aumentar.

Bom Deus.

Agora bastava ele falar com ela e seu corpo a traia.

Se não conseguisse se recompor, nunca iria encontrar uma saída.

Ela tomou uma respiração para acalmar seu sistema e foi até ele. No minuto em que chegou perto, ele inclinou-se e abraçou-a sobre seus quadris, puxando-a mais perto, enquanto tomava cuidado com sua caneca cheia de café. Ele colocou-a, como sempre, em seu colo.

Desta vez não estava sentada ali porque era seu dever ou porque era o modo como ele gostava. Desta vez, foi claramente um abraço afetuoso.

Sonia tentou ignorar seu público quando ela olhou em seus olhos suaves e sexys.

—Dormiu bem? — Ele perguntou.

Ela dormiu. Ela dormiu o sono dos justos exaustos, em abandonada satisfação, tanto depois que ele a fodeu na noite anterior, como depois que ele a fez gozar esta manhã.

Com seu pensamento prejudicado por sua dor de cabeça, ela decidiu que era melhor apenas dizer a verdade.

Por agora.

—Sim. — Ela sussurrou e os olhos dele ficaram ainda mais suaves e pareciam ainda mais sexy quando o dourado lentamente começou a infiltrar-se em sua íris, apagando o azul, o que fez seu ventre estremecer também — e os mamilos ficarem muito duros.

Mesmo que ela lutasse, não ganharia.

Ele abaixou a cabeça, deslizou sua testa ao longo da dela, o que era, quando ele não estava fazendo isso para repelir alguma pobre louca, era bom e entrava em sua escala do lado bom.

No ouvido dela, ele disse. —Eu também.

O corpo dela traiu-a novamente, fez com que ela sentisse algum tipo de triunfo em saber que ele gostava da maneira como dormiram na noite passada e estremeceu de alegria em seus braços.

Esses braços a apertaram como se dando-lhe uma recompensa por sua resposta, correu os lábios ao longo da curva da orelha dela.

Ela estremeceu novamente.

Ela sentiu-o sorrir contra sua orelha.

—Callum. — Ela murmurou.

Com seus lábios ainda no ouvido dela, sussurrou baixinho. —Agora, eu quero levá-la lá para cima, tirar essas roupas de seu doce e pequeno corpo e fodê-la em suas mãos e joelhos como ontem à noite. — O coração dela quase parou, seu corpo assumiu completamente seu cérebro, as pernas dela inconscientemente deslocaram-se e acelerou o pulsar entre elas quando ele passou o nariz em sua orelha antes de terminar, ainda sussurrando. —E hoje de manhã.

Ela virou a cabeça levemente e inclinou para baixo, então pressionou sua bochecha contra sua barba, agora muito mais grossa e seus lábios estavam na curva da sua forte mandíbula, antes de sussurrar. —Callum.

—Infelizmente, minha pequena, terá que esperar para mais tarde. — Ele disse e ela descobriu que estava respirando pesado, seu peito subindo e descendo.

—Certo. — Ela murmurou e embora quisesse que soasse evasiva, mesmo para seus próprios ouvidos, pareceu desapontada.

Ela ouviu sua risada arrogante, satisfeita em seu ouvido antes de lhe dar outro aperto com os braços e levantar a cabeça.

Seu feitiço se rompeu, Sonia percebeu que havia outras pessoas na sala. O rosto dela corou com embaraço renovado, tinha a esperança de que eles não ouviram os sussurros de Callum e seu corpo tenso.

Callum sentiu. Com certeza sentiu e por isso rapidamente mudou de assunto e perguntou a ela. —O que vai fazer hoje?

Sua pergunta a surpreendeu.

Ela não tinha a menor ideia. Não sabia que havia uma escolha.

Antes dele perder seu humor generoso, ela disse. — Gostaria de ir à minha loja.

—Perfeito. — Ele sorriu, o dourado foi embora, o azul dominava sua íris e sua boca se abriu com sua resposta e seu sorriso. —Regan está louca para ir a sua loja. Ela está vindo para cá agora. Você pode levá-la com você.

Sonia gostava da ideia de mostrar sua loja para Regan. Ela tinha orgulho da Claro. Era, de alguma forma, como mostrar a loja a sua mãe, porque Regan a conheceu a há muito tempo e foram amigas íntimas.

—Adoraria. — Ela disse suavemente e os olhos de Callum também suavizaram, desta vez não de uma forma “sexy”, mas de forma sensível.

—Ela também vai levá-la ao supermercado. — Caleb anunciou do outro lado da mesa e a cabeça de Sonia girou para enfrentá-lo. —Você não tem cerveja em sua casa.

Sonia olhou para o relógio que podia ver sobre a pia na cozinha e de volta para Caleb.

—São 10:30 da manhã. —Ela informou a ele.

—Em ponto. — Disse Caleb, rebatendo divertido e sorrindo.

Sonia sorriu de volta.

—Rainha Sonia, este é Magnum, ele é sargento da guarda real de Callum. — Saint apresentou o homem sentado na mesa, que Sonia não conhecia. Embora ela o tivesse encontrado

brevemente, porém não se lembrava do nome dele nas apresentações depois que eles lidaram com Desdêmona.

—Magnum. — Ela sorriu para ele.

—Rainha Sonia. — Ele respondeu.

Ela estendeu a mão e disse para Magnum. —Considerando que todas essas coisas de Rainha são novas e que não quero ficar me achando, você sabe, sendo de repente da realeza e tudo, é melhor perder a parte de “Rainha” e só me chamar de Sonia. — Os olhos dela deslizaram para Saint incluindo-o em sua declaração.

Ela sentiu o corpo do Callum relaxar debaixo dela e não notou que estava tenso. Ele inclinou-se e agarrou sua caneca de café da mesa, levou-a com ele e chamou sua atenção. Enquanto ele se inclinava de volta, virou o pescoço, olhou para ela e piscou.

O Rei Callum piscou para ela.

Porra.

O corpo dela ficou congelado.

Ele tomou um gole de café, colocou a caneca de volta na mesa, recostou-se e sua mão em seu quadril deu-lhe um aperto antes de dizer. —Pequena?

—O que? — Ela sussurrou, ainda congelada, sua mente em branco, reagindo a piscadela e o fato de que uma piscada o enviou do lado bom para o lado ruim — o de tijolos.

—Você está bem? — Callum perguntou.

Ela piscou. Então engoliu.

—Tenho apenas uma dor de cabeça. —Ela respondeu.

Um olhar para a cara dele disse-lhe que foi a resposta errada. Suas sobrancelhas subiram e sua mão em seu quadril agarrou-a com mais força.

— Você tem isso com frequência? — Ele perguntou.

—O que?

—Dores de cabeça? — Ele perguntou, sua voz não mais soando suave, terna, provocante, mas impaciente.

—Hum... — Ela estava incerta com a situação ou mais precisamente, incerta de como o humor dele mudou tão rapidamente. Pelo amor de Deus, era apenas uma dor de cabeça. —Não realmente. Quero dizer, ocasionalmente. Quando estou sob pressão.

—Tomou algo para isso? — Ele perguntou, ela assentiu com a cabeça e sua mão relaxou assim como seu corpo. —É isso que eu ouvi você tomar esta manhã?

Ela assentiu com a cabeça novamente, cautelosamente, dizendo. —Isso e minhas vitaminas.

—Parecia que você estava abrindo uma farmácia lá dentro. Quantas vitaminas toma?

Ela fez um rápido cálculo mental e lhe disse. —Seis.

Ele olhou para ela.

—Na parte da manhã. — Ela prosseguiu quando ele não falou. — Eu tomo mais algumas na hora do almoço.

Ele começou a rir.

Ela piscou novamente em sua segunda mudança de humor nos últimos trinta segundos, então decidiu olhar pelo lado positivo. Pelo menos ele não parecia mais irritado.

A mão dele viajou por suas costas até parar no pescoço e manobrou sua cabeça na direção dele.

A boca novamente no ouvido dela, ele declarou em voz baixa. —Vamos lidar com esse estresse mais tarde, pequena.

E, lutando contra o arrepio causado por suas palavras, ela nada podia fazer senão concordar novamente.

Sua outra mão deslizou sobre a parte externa da sua coxa, sobre seu quadril e sob a sua malha de seda, larga com nervuras e gola alta preta, em seguida, para baixo no cóis de sua calça de lã branca.

Desta vez, ela não se esqueceu de sua audiência e endureceu em seus braços.

—Callum, o que está...? — Ela parou quando seu longo dedo enganchou em algo sob o tecido de sua calça e ele puxou sua corrente de reivindicação. Libertando-a completamente e fixando-a ao redor de seus quadris por fora de sua calça, quando ela terminou ofegante. —Fazendo.

Sua mente a lembrou naquele momento de como era a sensação da corrente pendurada em seu corpo, enquanto ele entrava nela na noite passada, os delicados elos, um tentador tormento contra sua pele sensível. E mais, depois que eles tiveram um orgasmo, quando ela abaixou os braços e Callum ainda estava por trás dela, empurrando suavemente dentro dela, a corrente deslizou para cima de sua cintura e seu peito para descansar na parte inferior dos seios excessivamente excitados. O pingente naquele momento se ajustou tão perto de seu mamilo e cada centímetro de seu corpo estava tão sensível que ela teve que morder o lábio para não gritar de prazer.

Essa lembrança, foi tão vivida que foi quase como se a levasse de volta para o exato momento, fazendo com que o desejo começasse a surgir, impulsos devassos inundaram o cérebro dela. Coisas que ela queria fazer com Callum. Coisas que ela queria que ele fizesse com ela.

—Eu gosto de vê-la. — Callum murmurou, sua voz levando os olhos estreitos para ele. Seu olhar levantou da corrente para seu rosto e seu corpo ficou tenso sob o dela, em seguida, ele sussurrou. —Porra, pequena.

Ela respirou fundo e tentou acalmar seus pensamentos, concentrando-se em sua mão ainda movendo na corrente. Ele estava brincando com ela e inclinou sua cabeça para baixo, para olhar.

Então sua mente apagou quando viu pela primeira vez — como ela não teve muito tempo antes e não prestou muita atenção a nada além de seus pensamentos febris esta manhã — o pingente.

Em ouro pesado, lindamente trabalhado, era a cabeça de um lobo rosnando com dois olhos feitos de diamantes amarelos.

—É um lobo. — Ela sussurrou e então foi levada pelo pingente, fascinada por ele, que ela não notou o ar na sala ficar tenso.

Ela esqueceu os tijolos do lado ruim da balança. Ela esqueceu tudo. Exceto o fato de que Callum colocou aquele pingente na sua corrente de reivindicação.

Ela levantou a cabeça e ele moveu-se tão perto, que ela precisou se afastar para não o acertar forte no queixo.

—Eu amo lobos! — Ela gritou, incapaz de esconder a alegria em sua voz e ainda não sentindo o ar, que agora se aliviou consideravelmente. Na verdade, ela estava tão tocada por este gesto de Callum — obviamente alguém lhe disse que ela amava lobos — que ela nem percebeu as leves risadas vindo da mesa.

O rosto de Callum estava de volta para aquela suavidade carinhosa quando ele respondeu. —Eu sei, querida.

—Não, eu realmente, realmente amo lobos. — Ela desabafou.

As risadas ficaram mais altas, mas ela ainda não processou, enquanto Callum agora estava sorrindo um sorriso branco e lindo e sua voz contendo sua própria alegria quando ele disse. —Sim, querida, eu sei.

Ela inclinou a cabeça para baixo e comentou maravilhada. —Ele é lindo.

—Estou feliz que pense assim.

Ela afastou a cabeça novamente e proferiu com sentimento. —Obrigada.

Ele abaixou a cabeça e descansou sua testa contra a dela. —Você me agradeceu ontem à noite, pequena, duas vezes. Mas a segunda vez foi tão boa que você conquistou outro pingente.

Ela prendeu a respiração, seus seios incharam, mas ela não tinha tempo para essas reações.

Ele tomou sua boca em um beijo profundo, lindo, parecido com o que lhe deu na noite anterior, mas este era diferente. Ele também estava com fome. Além disso, era na frente de uma plateia.

—Devemos sair da sala? — Caleb perguntou com uma voz provocante.

Callum se afastou e olhou para seu irmão.

Sonia corou, novamente envergonhada, abaixou a cabeça sob seu queixo, escondendo o rosto em seu pescoço e arriscou um olhar para o grupo por baixo de seus cílios.

Eles estavam todos rindo dela e de Callum.

Mas foi Saint que notou as suas bochechas vermelhas e disse-lhe suavemente. —Lembro-me daqueles primeiros dias depois que reclamei minha companheira, Sonia. Você não tem nada para se envergonhar. — Ele olhou ao redor da mesa e disse. —Todos nós sentimos isso ou queremos.

Considerando que o rosto de Sonia estava queimando de tão quente e antes que derretesse, ela decidiu que a melhor coisa a fazer era mudar de assunto e fez isso imediatamente. — Você tem uma companheira?

—Sim. — Respondeu Saint.

—Eu gostaria de conhecê-la. — Disse Sonia.

—Estou certo que ela gostaria muito. — Saint sorriu.

Callum a abraçou e ela decidiu tomar um gole de café em vez de lhe dar atenção, já que dar-lhe sua atenção estava levando-a fazer coisas estúpidas.

Estar de costas para ele não impediu a provocação de Callum.

A boca dele foi à sua orelha e sussurrou, baixo novamente. —Outra coisa que vamos fazer mais tarde, pequena. Você vai

me dizer o que estava na sua mente a um minuto atrás, quando parecia estar a uma fração de segundo de gozar.

Sonia mordeu o lábio, deslizando os olhos para o lado, pegou o olhar sério e sexy em seu rosto — ou, o que pode ter sido um olhar sério e sexy, ela não conseguia dizer — e decidiu que o melhor caminho a seguir era apenas aceitar.

Isto era a coisa certa a fazer. Ele deslizou sua testa contra a dela novamente.

Ela relaxou em seus braços.

A campainha tocou.

—Deve ser Regan. — Anunciou Caleb.

—Vou abrir. — Magnum se ofereceu e se levantou da cadeira para ir até a porta.

—Sonia. — Chamou Callum.

Sonia continuou tomando seu café e seguindo Magnum com os olhos, enquanto ela murmurava. —Mm?

—Ryon disse que você dá uma festa de Natal todos os anos.

Essa afirmação trouxe a cabeça dela de volta e ela olhou nos olhos de Callum, perguntando o que estava em sua mente.

—Sim. — Ela respondeu timidamente.

—Eu decidi, desde que esta situação poderá nos manter aqui por um tempo, independentemente se nós cuidarmos dela, ficaremos para os feriados. Você deve ir em frente com a festa.

O coração de Sonia pulou e o outro lado cheio de tijolos — talvez dois ou mesmo três — juntou-se ao primeiro.

—De verdade? — Ela perguntou.

—De verdade. — Ele respondeu, observando a expressão de seu rosto, com o que ela poderia jurar ser um olhar quase apaixonado. —Você gosta de Natal, então, quero que o seu Natal seja como realmente gosta.

—Olá para todos. — Regan disse quando entrou, mas Sonia apenas tinha olhos para Callum e apenas pensamentos sobre o fato de que seu coração disparou de felicidade.

Não por sua vontade, a mão dela se aproximou e descansou contra o lado da cabeça dele.

Então, ela usou seu polegar para alisar sua sobrancelha escura, depois moveu mais para baixo e o usou para acariciar seu lábio inferior.

Então ela disse suavemente, novamente com sentimento. —Obrigada.

Então no fundo de sua gratidão, ela observou apenas de forma confusa que o rosto de Callum estava de repente com fome, seus olhos estavam totalmente dourados e ela o ouviu rosnar. Veio do fundo de sua garganta e parecia vibrar através

de seu corpo, enviando o constante pulsar entre suas pernas às alturas.

—Oh meus recém-reivindicados. — Regan observava Callum e Sonia, com esforço, ela se virou e se concentrou na mãe de Callum. —É uma pena que este negócio esteja acontecendo agora, vocês dois precisam de algumas semanas sozinhos em um castelo.

Sonia olhou para ela, mas Caleb falou em um murmurar. — Eu apenas espero que ele possa manter sua mente sobre o assunto em questão e longe de seu pau.

—Caleb! — Regan, explodiu ao mesmo tempo que Callum.

—Dá um tempo, Regan. — Caleb respondeu. —Você não estive aqui nos últimos dez minutos. De verdade, recém-reivindicados, porra.

Sonia, definitivamente saiu de seu momento, voltou para o constrangimento e contorceu-se no colo de Callum. Callum sentiu isso e não gostou.

Portanto, ele apontou um olhar escuro para seu irmão.

—Caleb, não vou tolerar essa merda novamente. — Ele avisou com voz perigosa.

—Que seja. — Murmurou Caleb, obviamente acostumado com a voz perigosa de Callum.

—Tudo bem, continuando. — Regan anunciou de uma forma que dizia que ela tinha muita experiência em ignorar a

guerra entre seus filhos. —Sonia, querida, vamos ao supermercado. Callum ligou esta manhã e disse que praticamente tudo em sua geladeira é branco. Não sei o que isso significa, mas sei que não é muito bom. Nosso povo come. — Ela terminou com um sorriso.

—Sonia levará você para a Claro agora, Regan. — Callum informou sua mãe. —Vocês podem ir ao supermercado mais tarde.

—Brilhante! — Regan gritou instantaneamente, enquanto seus olhos se iluminaram e ela bateu palmas alegremente.

Quando ela o fez, Sonia percebeu que ela estava carregando uma pequena sacola de compras de cetim cinza carvão.

Uau, era quase 11:00 e Regan já esteve no shopping. A mãe de Callum claramente era mestre em comprar.

Tirando a sacola e o marido de sua mente, e movendo-se para o dia diante dela, Sonia deslizou fora do colo de Callum, tomando mais um gole de café antes de dizer. —Apenas preciso correr até o meu escritório e pegar os convites para minha festa de Natal. Eles estão prontos para postar. Há uma caixa de correio no caminho para a Claro.

Esses convites estavam preparados para postar, selados e endereçados, desde o dia de ação de Graças.

Callum iria deixá-la ter sua festa de Natal, algo que ela planejou durante todo o ano.

E Sonia esperava, talvez, apenas talvez, se mantivesse as coisas assim, o bom eventualmente compensaria o mau.

—Excelente, querida. — Regan sorriu calorosamente para ela e Sonia sorriu calorosamente de volta.

Outro, definitivamente e maior ponto para o lado bom. Até então, Sonia totalmente não percebeu que sentiu falta, ao crescer com Gregor e Yuri, de nenhuma figura maternal.

Foi uma sorte ela perceber isso quando realmente tinha uma figura do tipo maternal.

Ela sorriu para si mesma, de repente, estranhamente contente. Tanto que sua dor de cabeça desapareceu. Ela entrou na cozinha e colocou a caneca na máquina, em seguida, subiu as escadas para seu escritório. Empilhou os convites em seu antebraço e correu de volta para baixo.

Callum estava na sala, sua cabeça inclinou-se para sua mãe, quando Sonia chegou.

Regan olhou para ela e disse. —Irei encontrar uma sacola mais fácil para levar isso.

—No... — Sonia começou a dizer a Regan onde encontrar uma sacola, mas Regan acenou com a mão, avançou, pegou os convites de Sonia e apressou-se para fora.

—Vou encontrá-la. — Ela murmurou e Sonia a viu partir.

—Pequena. — Callum chamou e ela se virou para ele. Ele se aproximou e agarrou a mão dela, murmurando. —Uma coisa.

Sua cabeça estava inclinada para a mão dela e ela olhou para baixo também. Ele estava segurando uma luxuosa caixa de um joalheiro em veludo cinza carvão. Ele abriu e ela viu o brilho dentro, apenas um momento antes dele puxar dois anéis de lá e jogar a caixa sem a menor cerimônia em uma mesa perto deles.

Então, sem mais, ele deslizou um conjunto de anéis de casamento no seu dedo anelar esquerdo.

Sonia prendeu a respiração e olhou enquanto ele deslizava a aliança de casamento, uma fina faixa de ouro incrustado com cintilantes diamantes amarelos e seu par, um solitário de diamante amarelo. O solitário era enorme, tão gigantesco, que poderia ser visto do espaço e as laterais continham mais reluzentes diamantes.

Independentemente do tamanho do diamante, não era ostentação, mas extraordinário. Sonia, nunca viu nada igual a sua requintada e exorbitante beleza.

Callum soltou sua mão de forma ausente que não coincidiu com o fato de que ele acabou de deslizar uma aliança no dedo dela e isso tirou Sonia para fora de seu extasiado estudo dos anéis.

A mão dele moveu-se para a corrente que estava descansando fora de sua calça, enganchou seu dedo nela mais uma vez e deu um suave puxão.

—Isso é importante. — Declarou em uma voz real e ela sentiu seu corpo começar a endurecer com o tom dele,

enquanto continuava. —Mas seu povo não entende o significado, de modo que. — Ele empurrou a cabeça para a mão dela. — Isso declarará ao seu povo que você é minha.

Isto não foi um gesto romântico, um gesto de amor.

Este era um outro tipo de reivindicação, que fisicamente proclamava o fato de que Sonia estava com Callum, era sua posse. Ele era dono dela e o olhar feroz e majestoso em seu rosto cimentava este fato.

A balança do lado bom começou a tremer quando Regan entrou carregando uma sacola cheia com os convites.

—Oh olhe! — Ela gritou. —Você está usando sua corrente por fora de sua calça. Que bela ideia.

Regan aproximou-se e estupidamente Sonia virou-se para ela quando Regan parou perto e irradiou.

—Olhei centenas de correntes antes de escolher esta para você. — Comentou Regan e em suas palavras Sonia sentiu como se pedras estivessem golpeando o corpo dela. —Gostei do pingente. — Regan prosseguiu. —Como um lobo feroz.

Callum não escolheu a corrente ou o pingente para ela.

Assim como os anéis de casamento, a mãe dele o fez.

Reis, aparentemente, não se incomodavam em comprar coisas para suas companheiras, mesmo que fossem coisas tão significativas como correntes de reivindicação e anéis de casamento.

E, assim mais um tijolo caiu do lado ruim de sua escala, a balança pendeu para o outro lado.

No entanto, infelizmente, Sonia não conhecia a maneira dos lobos.

Ela não sabia que era tradição milenar que a mãe do lobo escolhesse a corrente a ser dada a sua companheira e, portanto, em uma homenagem à humanidade de Sonia, mas ainda aderindo às suas tradições, Regan também escolheu os anéis de casamento por uma questão de conduta.

Sonia nem sabia que eles eram lobos.

Então, ela reagiu com o que ela sabia.

Ela escondeu o fato de que seu estômago se apertou e seu coração endureceu quando Callum roçou os lábios nos seus distraidamente e obviamente tirando-a de seus pensamentos, enquanto caminhava de volta para a mesa de jantar. Isto indicou a Sonia que seu show na sala de jantar naquela manhã era exatamente isso.

Um show.

Não o doce comportamento de companheiros recém reivindicados.

Mas uma performance para seu povo, sentado naquela mesa, então eles achariam que tudo estava bem no mundo de Rei e sua Rainha.

Foi então que seu estranho e breve contentamento, desapareceu e Sonia tomou a feroz decisão de que jamais, nunca se deixaria enganar como naquela manhã.

Nunca.

Então quando estivessem na cama poderia sentir aquele desejo, primitivo e agudo, que sabia que sentiria, fosse o que fosse e de onde viesse, obviamente não era forte o suficiente para lutar contra isso.

Mas seu coração era dela.

Seu corpo podia traí-la, mas ela jurou que nunca iria perder seu coração.

Mentalmente deixou de lado sua balança, não precisava mais dela.

Esta era sua “bela” vida?

Que assim fosse.

Ela seria sua Rainha, seu “doce corpo” para usar e descartar.

E ela seria a Rainha de seu povo, porque era esse o seu destino e não apenas seus pais queriam isso para ela, não apenas seus sonhos o estiveram guiando para ela por vinte anos, mas Gregor a manteve a salvo, a fim de que ela pudesse viver esse destino.

Mas Sonia manteria seu coração seguro.

Ela escondeu essas reações e seus pensamentos com um sorriso falso e brilhante, enquanto Regan enganchava o braço no dela e Sonia a levava até a porta.



Capítulo

12

Recém-casados

Sonia e Regan atravessaram as portas da Claro.

Assim que o sino soou, Mabel, uma das assistentes de Sonia, que estava atrás do balcão com um homem lindo, alto e de cabelo escuro, obviamente, descendente do povo de Callum, gritou —Sonny!

Kerry, outra assistente da loja de Sonia, que estava ajudando alguns clientes, olhou em volta e deu a Sonia um sorriso grande e feliz.

Sonia adorava Mabel e Kerry. Elas eram boas trabalhadoras, nunca ficaram doentes, vinham mesmo quando estavam de ressaca, eram profissionais e nunca reclamavam. Elas eram fantásticas com os clientes e eram exuberantes, cheias de personalidade e executavam seu trabalho com diversão.

Suas reações à sua volta foram um bálsamo para sua alma, algo que Sonia precisava, desesperadamente.

Foi como voltar para casa.

O olhar de Sonia moveu-se para a mulher alta atrás do balcão que observava Sonia curiosamente por um breve momento, em seguida, abaixou a cabeça em deferência a sua Rainha. Ela não podia exatamente cair de joelho em uma loja entre os humanos, mas sua mensagem era clara.

E Sonia se perguntou se algum dia se acostumaria com o jeito de Callum. Quando caminharam na sala do trono, e todo mundo curvou-se em um joelho, ele não sequer olhou para eles.

Então, novamente, ele passou a vida achando que as pessoas deveriam ajoelhar-se diante dele.

Incluindo Sonia.

Sonia afastou estes pensamentos e caminhou em direção ao balcão com Regan ao lado dela, sem saber o que fazer com a mulher alta, então quando ela levantou a cabeça, Sonia inclinou a sua.

Ela cumprimentou suas assistentes de loja, com um. —Oi, meninas.

—Nós estávamos tão preocupadas. — Mabel exclamou, quando ela andou ao redor do balcão em direção a Sonia. — Diana disse que estava tudo bem, mas você nunca tira férias do trabalho. — Enquanto Mabel vinha em sua direção, Sonia

começou a afrouxar o lenço do pescoço dela quando Mabel parou, os olhos dela se arregalaram no lenço de Sonia e ela gritou. —Oh meu Deus! Olha esse anel! — Ela ofegou, em seguida, soltou um grito estrangulado antes de prosseguir. —Ai meu Deus! Ai meu Deus! Você se casou?

Sonia ficou tensa e a cabeça de Kerry se virou em direção a Sonia novamente. Kerry se desculpou e foi em sua direção..., mas Mabel agarrou a mão da Sonia e puxou-a à um centímetro de seus olhos.

—Olhe para essa pedra! — Ela gritou. —É enorme!

—Oh meu Deus! — Kerry gritou, chegando perto. —Isso é loucura! Não acredito nisto! Você realmente se casou?

Lá estava, como Sonia observou, as meninas estavam frenéticas.

Antes que Sonia pudesse proferir uma palavra, Regan, do lado direito de Sonia, anunciou em uma voz orgulhosa.

—Sonia e meu filho fugiram durante um fim de semana prolongado.

—Oh meu Deus! — Mabel e Kerry gritaram em uníssono. Elas se viraram para encarar uma a outra e então começaram a saltar para cima e para baixo, segurando a mão de Sonia enquanto o faziam, empurrando o corpo de Sonia repetidamente através do seu braço.

—Meninas, minha mão. — Sonia disse baixinho pensando, infelizmente — e tentando esconder — para todos os outros seres humanos que esta notícia era motivo para gritar e pular para cima e para baixo.

Para Sonia, não era.

Ela fixou um grande sorriso no rosto, quando as meninas soltaram sua mão e olharam para Sonia com seus rostos cobertos de alegria.

—Você, sua raposa! — Kerry, exclamou. —Eu nem sabia que estava saindo com alguém.

Bom Deus.

Como é que iria explicar isto?

—Bem... — Sonia começou.

A curiosidade efervescente de Mabel salvou o dia, enquanto ela interrompia os pensamentos frenéticos de Sonia tentando encontrar uma história. —Ele é quente?

Callum era quente?

Havia apenas uma resposta para isso e mesmo que ela odiasse, a resposta era um grande e gordo sim.

—Bem... — Sonia começou novamente, mas Kerry a cortou desta vez.

—Claro que ele é quente. Sonia é quente. Quente gosta quente.

—Sim. — Mabel sorriu para Sonia. —Pergunta estúpida.

—Aparentemente ele é cheio da grana também. — Kerry sorriu também. —Caramba, se você vendesse esse anel, poderia alimentar toda uma faminta nação africana.

Isso, Sonia pensou com amargura atípica, era algo para se pensar.

—Quando vamos conhecê-lo? — Mabel perguntou e Sonia ficou imóvel.

Ela mal podia chegar a um acordo em se encaixar na vida de Callum. Ela nunca considerou que ele teria um lugar na dela.

E ela não estava certa de gostar dessa ideia.

—Ele está muito ocupado. — Ela negou, mas Kerry falou sobre ela.

Empurrando Mabel de brincadeira no ombro ela declarou. —Claro que vamos conhecê-lo, louca. Ele vai estar na festa de Natal.

Oh droga.

Sonia não pensou nisso.

—Brilhante! — Mabel gritou.

Sonia lutou contra o desejo de fechar os olhos em desespero e em vez disso, tentou sorrir para suas garotas. Felizmente, isso funcionou e elas sorriram de volta.

Felizmente, Sonia pensou, Mabel e Kerry eram o tipo de pessoas que levavam a repentina “fuga” de sua patroa, como um avanço. Conhecendo-as, provavelmente pensavam que era incrivelmente romântico.

No entanto, era altamente provável que os outros, diga-se, os convidados na sua festa anual de Natal, não pensariam assim. Eles pensariam que era curioso ou mesmo estranho.

Sonia suspirou. Então, ela era estranha. Ela poderia viver com isso e viveu durante toda sua vida. Esta era a menor de suas preocupações.

Kerry tirou Sonia desses pensamentos perturbadores e virou-se para Regan.

—Então você é a mãe do quente, misterioso e rico novo marido. Impressionante! Eu sou Kerry. — E ela ofereceu a mão que Regan estendeu.

Para não ficar atrás, Mabel inclinou-se para apertar a mão de Regan depois de Kerry, enquanto dizia. —Eu sou Mabel e você pode dizer ao seu filho que eu lhe mandei o primeiro beijo de parabéns.

Kerry virou-se para Mabel e protestou. —Por que o primeiro beijo é seu?

—Porque estou na loja há mais tempo. — Mabel lançou de volta.

—Por... um dia. — Kerry respondeu e isso era verdade, ambas estavam com ela desde que abriu.

—Tenho certeza de que Callum terá prazer de receber os dois beijos de felicitações. — Afirmou Regan, sorrindo com muito humor para Sonia.

Sonia tinha certeza de que ele iria gostar muito. Kerry e Mabel, ambas, eram extraordinariamente belas. Diabos, considerando o que deduziu por Caleb, Calder e Yuri, Callum poderia ver as duas e ir à caça.

—Callum. Esse é um excelente nome. — Comentou Kerry, novamente tirando Sonia de seus pensamentos.

—E, e verdade eu quero o que você está tomando, porque se você é mãe do marido de Sonia e se parece irmã de Sonia, então isso tem que ser bom. — Mabel observou.

—Regime e cuidados de primeira linha para a pele. — Regan alegremente respondeu. —Eu vou anotar os produtos que eu uso.

—Excelente! — Kerry gritou.

—Eu sou Regan. — Ela se apresentou. —E adoraria um tour pela loja.

—Tenho que voltar aos meus clientes. — Kerry disse sorrindo, enquanto ia embora. —Logo eu volto.

—Irei lhe mostrar a loja, vamos lá. — Mabel se ofereceu, enganchando seu braço ao de Regan e levando-a enquanto Regan jogava um sorriso por cima do ombro para Sonia.

A mulher alta de cabelos escuros veio para frente e se aproximou.

—Minha Rainha. — Ela disse suavemente.

Sonia olhou em seus surpreendentes olhos cinza claro, algo que ela poderia fazer porque estava usando saltos e a mulher estava de sapato baixo. Se Sonia não estivesse de salto alto, ela estaria olhando para cima.

—Por favor. — Sonia respondeu calma. — Sou Sonia.

O olhar da mulher se aqueceu e ela assentiu com a cabeça.

—E você como chama? — Sonia perguntou.

—Diana. — Respondeu ela.

—Obrigada Diana, por estar aqui, enquanto eu, erm... estive fora. Agradeço muito.

—Qualquer coisa para minha Rainha, afirmou Diana, mas quando Sonia abriu a boca para falar, Diana rapidamente continuou. —Porém, suas meninas são tão divertidas, que não senti como se estivesse cumprindo um dever para com o meu Rei. Foi uma alegria. Mais diversão do que tive em anos.

O sorriso de Sonia não foi forçado, mas genuíno, quando ela disse. —Elas são um pouco loucas, mas você tem razão, são muito divertidas.

Uma cliente se aproximou do balcão pronta para calcular sua compra e Diana virou-se para ela, enquanto a cliente disse em um sorriso. —Obviamente esta é uma ocasião especial, eu posso esperar para que você calcule.

—É uma ocasião especial. — Mabel gritou do outro lado da loja, onde ela estava de pé com Regan e Regan estava examinando um decanter de vidro delicado. —E depois do tour, vou correndo pegar a champanhe!

—Yippee! Champanhe! — Kerry gritou do seu lugar e os clientes que ela estava atendendo começaram a rir.

—Champanhe para todos, por minha conta. — Regan declarou e Kerry e Mabel gritaram. —Yippee!

—Definitivamente divertidas. — Diana comentou sobre uma risada e olhou para Sonia. —Devo admitir. Sua correspondência esta empilhada em sua mesa. Já lidei com tudo o que era urgente. Mesmo os recados do telefone. Tudo o que estava faltando, eu anotei para você. Iria levá-los para o Re.... —Ela parou e continuou, —Hum, Callum hoje. — Ela sorriu novamente e terminou, —Você me salvou de uma viagem.

Sonia pegou a mão de Diana e deu um aperto. —Mesmo que tenha sido divertido, de verdade, obrigada.

Diana, apertou a mão dela e disse. —Foi um prazer.

Em seguida, Diana deu a volta no balcão para atender o cliente de Sonia que esperava, enquanto Sonia foi ao seu pequeno escritório na parte de trás.

Dentro de meia hora tornou-se claro que Diana sabia o que estava fazendo. Os livros foram feitos todas as noites. Os pedidos também, o que as manteriam abastecidas até o Natal. E havia muito pouca correspondência a tratar e a maior parte era lixo eletrônico que Sonia descartou. Ela retornou as três mensagens telefônicas que tinha e descobriu que estava com tudo completamente em dia.

Houve uma batida na porta, Sonia a mandou entrar e Diana colocou cabeça com seu reluzente cabelo preto com mechas vermelhas no vão da porta.

—Regan e Mabel foram buscar champanhe. Elas devem chegar em um segundo. — Diana disse-lhe.

—Entre um minuto e sente-se. — Sonia convidou e Diana deu-lhe um olhar de agradecimento.

—As coisas estão calmas. — Diana comentou quando ela entrou e sentou-se. —Isto é, até que precisemos calcular as compras de Regan. Ela vai comprar metade da loja. Diz que está fazendo as compras de Natal em uma só tacada. Nós teremos que fazer novos pedidos.

Esta era uma boa notícia. Um bom Natal para a Claro significava um bom Natal para Mabel e Kerry. As garotas não sabiam, mas, todo mês de dezembro, Sonia dividia cada centavo

dos lucros ao meio e dava para as meninas como seus bônus de Natal, aumentando de seu próprio dinheiro pessoal se tivessem um ano ruim.

Este ano, evidentemente, ela não teria que aumentar.

—Eu tenho a sensação de que minha sogra gosta de fazer compras. — Sonia comentou com um sorriso carinhoso.

—Por que você acha que Harrinton é tão lucrativo? Regan é nossa melhor cliente. — Brincou Diana e ambas riram.

Mas Sonia não pode deixar de pensar como Regan gostava de comprar. E sobre os milhares de dólares nos diamantes que Callum tão casualmente deslizou no seu dedo. E a maneira cara que a cabana foi restaurada. E o SUV de Callum que não era apenas um SUV, mas também era um SUV de luxo. Para não mencionar a opulência da Mansão Territorial.

Isso não lhe ocorreu antes, considerando que ela nunca viu Callum em nada além de jeans e camisas de flanela, mas ele realmente devia ser muito rico.

Então, novamente, ela lembrou-se, ele era um Rei e reis tendiam a ser assim.

—Então? — Diana disse ansiosa e Sonia saiu de seus pensamentos com um sobressalto e olhou para o lindo e ansioso rosto de Diana.

—Então? — Sonia repetiu, confusa.

Diana se inclinou para frente e a encorajou. —Diga-me tudo sobre isso. Todos os detalhes.

Sonia virou a cabeça, ainda em confusão, e perguntou. — Cada detalhe de que?

—Da reivindicação! — Diana gritou e Sonia pulou.

—O que? — Sonia sussurrou.

—A minha foi selvagem. Oh meu Deus, você não acreditaria. — Ela compartilhou, do nada, inclinando-se sempre para frente. — Estava indo para o meu trabalho e então o senti. E, de repente, não podia esperar. Eu não sabia porquê, mas estava excitada, pronta. Então Harrinton estava lá. Ele esteve correndo. Correndo por milhas. — Ela sentou, abanando o rosto, em seguida, deu um sorriso atrevido. — O que significava que ele estava suado. Foi o melhor.

Porra.

Ela era...?

—Ele me jogou no chão ali e me reclamou.

Ela era.

—Graças a Deus ninguém estava por perto. — Diana continuou e Sonia engasgou, mas Diana não notou ou estava tão animada para contar sua história, que ela não se importou e continuou. —Ele mal conseguiu pronunciar as palavras e colocar a corrente em volta da minha cintura antes dele virar-

me de joelhos e estar sobre mim. — Ela suspirou e terminou sonhadora. — Foi lindo.

Horrorizada com o seu contundente assunto, mas incapaz de impedir, apesar de sua vontade, Sonia perguntou. — Quais... palavras?

Diana focou em Sonia. — O Rei Callum não as disse?

— Hum... — Sonia murmurou.

— Oh, eu esqueci, você é humana. — Disse Diana. — “Você é minha?” Estas são as palavras. É como o seu “Você aceita este homem...” se você diz “Sim”, é o mesmo que “Aceito”. — Ela sorriu. — Mas você sabe a última parte, com certeza.

Sonia não sabia.

Bem, ela meio que sabia.

Mas ela não sabia.

Diana continuou. — E então a diversão começa, ao contrário de vocês humanos, que tem que esperar que a festa acabe. Nós apenas vamos a isso, imediatamente. Temos a festa mais tarde.

Sonia olhou para ela tentando esconder o fato de que ficou apavorada. Eles realmente apenas corriam até uma mulher a jogavam no chão e a reclamavam?

— Eu ainda me lembro de cada segundo. — Diana disse melancolicamente. — Foi o dia mais lindo da minha vida.

Aparentemente, eles faziam e as mulheres gostavam.

Em seguida, bateu-lhe que Callum não fez isso. Ele foi contra os costumes de sua cultura e tentou cortejá-la primeiro. Não era muito bom nisso e obviamente não gostava de fazê-lo, mas tentou.

Mesmo como Rei que, por seu comportamento, sentia claramente a liberdade de fazer qualquer coisa que quisesse, ele tentou dar-lhe um namoro.

Foi apenas uma semana que ele lhe deu, mas se seu povo encontrava suas companheiras, jogavam-nas no chão e as reclamavam então, uma semana para Callum era como um ano de namoro.

Felizmente — para ele — precisou apenas esperar alguns dias.

Ainda assim, Sonia não sabia o que fazer com isso.

Diana invadiu seus pensamentos. —Agora, diga-me sobre o seu.

—Desculpe? — Sônia perguntou com uma voz chocada. Ela realmente não queria, ou queria, que Sonia descrevesse sua reivindicação.

—Diga-me tudo sobre sua reivindicação. Tudo. — Diana incentivou.

Ela queria que Sonia descrevesse sua reivindicação.

—Hum... — Sonia se esquivou. — Foi provavelmente como a média do seu povo, todos os dias, erm... reivindicando.

Diana começou a rir como se Sonia fosse uma premiada comediante e a bilheteria ficasse esgotada em todas as turnês.

Quando Diana ganhou o controle de si mesma, ela limpou os olhos e continuou. —Não, de verdade. Estamos falando do Rei Callum aqui. Todo mundo vai querer saber sobre a sua reivindicação.

Sonia hesitou antes de perguntar. —É normal saberem esta história do Rei?

Diana assentiu com a cabeça. —Todos sabem a história de Mac e de Regan. Mas a sua... acho que você será uma vencedora considerando que é de Callum que estamos falando.

—O que quer dizer? — Sonia perguntou.

Mas ela sabia.

Oh ela sabia.

Diana abriu a boca para falar, mas houve uma batida na porta e Kerry colocou a cabeça através dela.

—Regan comprou champanhe suficiente para os clientes também. Estamos prontas para tirar a rolha e precisamos da dama de honra. Vamos, Sonny!

Em seguida, a cabeça dela desapareceu, Diana chamou a atenção dela, sorriu e se levantou.

Sem escolha, Sonia levantou-se também. Como ela sempre fazia, treinou suas feições, enterrou sua tristeza e preparou-se

para fingir que esta era uma ocasião feliz, cheia de sorrisos, gritos de alegria e garrafas de champanhe.

Ao chegar, Sonia descobriu que Regan não comprou uma garrafa de champanhe. Ela comprou doze delas, todas geladas e um pacote de taças de champanhe de plástico.

Eles estavam todos em pé na frente do balcão e Mabel estava se preparando para retirar a rolha quando o sino sobre a porta soou. Por hábito, cada olho — exceto Regan — foi para a porta.

—Oh... meu...Deus. — Kerry soprou.

Kerry fez isto, porque Callum estava caminhando, seguido por Ryon e dois homens ameaçadores, ultra altos, morenos e bonitos. Os olhos de Callum estavam em Sonia e sua boca estava envolvida em um sexy e íntimo sorriso na direção dela.

Sonia sentiu seu ventre se contorcer, ao mesmo tempo que o pulsar entre as suas pernas acelerou.

Com todos congelados no balcão, olhando para ele, Callum atravessou com sua natural graça masculina. Ele foi diretamente para Sonia e deslizou um braço ao redor de seus ombros, travando sua frente a dele.

—Ei, pequena. — Ele murmurou quando ela jogou a cabeça para trás e os olhos dela baterem nos dele.

Em harmonia, Sonia ouviu Mabel e Kerry emitirem suspiros sensuais.

—O que está acontecendo aqui? — Ryon perguntou.

Sonia começou a olhar em volta de Callum, mas sua outra mão foi para o pescoço dela e ele recapturou sua atenção com o dedo em seu queixo, inclinando o rosto dela de volta para o seu.

Então abaixou a cabeça e tocou seus lábios.

O pulsar entre as pernas dela aumentou, enquanto seu estômago encolhia, mas seu cérebro lhe lembrava que se tratava de um show.

Apenas um show.

—Vamos ter champanhe para comemorar a fuga de fim de semana de Callum e Sonia. — Respondeu Regan e Sonia viu as sobrancelhas do Callum subirem.

—Fugimos? — Ele perguntou em voz baixa que apenas ela podia ouvir.

—Aparentemente. — Sonia sussurrou de volta.

Ele sorriu.

Sonia olhou para sua boca.

Ele começou a rir.

Mentalmente, ela sacudiu-se e puxou contra seu braço.

Callum permitiu isso, mas apenas para se afastar de sua frente e aconchegá-la em seu lado.

—Então Ryon e eu chegamos na hora. —Callum anunciou para o grupo.

Kerry e Mabel estavam olhando para ele com os olhos arregalados.

Então Mabel respirou. —Você não é quente. Você é um sonho.

Todo mundo riu, exceto Sonia, Mabel e Kerry. Mabel e Kerry, porque elas estavam ainda em transe com tudo o que era Callum. Sonia, porque ela não achou nada divertido.

—Você joga basquete? — Kerry deixou escapar.

—Não. — Respondeu o Callum.

—Você é tão alto. — Kerry deixou escapar novamente.

—Sim, — Callum concordou com diversão em sua voz grave.

Sonia tinha que fazer algo sobre isso. Ou poderia continuar o dia todo.

Então ela disse. —Kerry, Mabel, parem de babar e conheçam meu marido. Callum, estas são as minhas meninas, Kerry e Mabel. — Ela indicou cada uma por sua vez. —Meninas, este é o meu marido, Callum. — Ela fez um gesto para Callum.

Os dedos de Callum se enrolaram ao redor de seu ombro flexionado quase convulsivamente e definitivamente com ferocidade em cada vez que Sonia dizia a palavra “marido”. Sonia pensou que era um pouco exagerado, mas podia sentir os dedos dele em seu ombro.

—Senhoras. — Callum cumprimentou.

Mabel arrancou os olhos de Callum e olhou para Sonia.

—Eu posso ver porque você o escondeu, Sonny. — Ela observou. — Eu iria escondê-lo, também. Boa ideia, mantê-lo para si mesma até que você tivesse uma bola e corrente nessa perna.

Houve mais risadas mesmo que ninguém, além de Sonia, soubesse que o provérbio, bola e corrente era usada pela esposa neste momento. Em seguida, eles ouviram uma rolha de champanhe fazer um pop.

Todos olharam para Ryon que o fez.

—Vamos parar de falar e celebrar. — Ele declarou.

—Yee ha! — Kerry gritou.

Taças de plástico foram passadas ao redor, até mesmo para os cinco clientes passeando na loja. Quando todos — inclusive os clientes — tinham uma taça e reuniram-se perto, todos eles brindaram a Callum e Sonia.

—Aos noivos! — Mabel gritou, levantando a taça dela.

Todos menos Callum e Sonia seguiram e gritaram em alegre harmonia, “aos noivos! ”

Sonia desejou que ela pudesse desaparecer.

Em vez disso, ela sorriu.

Callum, por outro lado, muito melhor no seu papel nesta farsa, pegou seu queixo nos dedos, suavemente inclinou sua cabeça para trás e beijou-a.

Era suave e doce, mas também foi longo.

Tempo suficiente para que risadas e vaias ecoassem e tempo suficiente para passar de suave e doce para outra coisa. Algo que exigia que Callum soltasse os dedos de seu queixo, inclinasse a cabeça e a carregasse em seus braços.

Ela estava com pesar e confusa quando a sua boca se separou da dela e moveu sua cabeça, sua testa deslizando contra o cabelo dela.

Seus lábios em sua orelha, ele murmurou. —Aos noivos.

Em seguida, os braços dele deram-lhe um abraço afetuoso.

Os assobios, risadas e risadinhas ao redor dela penetraram em seu torpor e Sonia fechou os olhos contra a dor em seu coração.

Então no ouvido de Callum, ela sussurrou.

—Aos noivos.



Sonia se sentou na cama dela e massageou loção em seus pés, distraidamente, ouvindo as vozes de Callum e seus homens lá em baixo.

Ela estava repassando seu dia em sua mente, esforçando-se para controlar o pânico e se ela fosse honesta — o que ela não era — a expectativa do que a noite poderia trazer.

Enquanto seguia a celebração de champanhe na Claro, Callum explicou que foi lá, porque ele também estava curioso sobre a loja.

Mas também, ele explicou, porque não gostava de ficar separado dela.

Ela esteve ausente menos de uma hora e ele alegou que não gostava de estar separado dela.

Sério.

Ele disse isso depois que os tinha firmemente tirado do grupo de uma forma que pareceu que ele desejava que tivessem seu próprio momento de recém-casados. Eles foram longe o suficiente para que ninguém pudesse ouvir o que significava, a maneira de Sonia pensar, sem uma plateia, ele disse isso sem nenhum propósito em tudo.

Mas ele disse como se quisesse realmente dizer.

Talvez, ela pensou, ele estivesse tentando convencer a si mesmo.

Ou talvez ela.

Ou talvez os dois.

Ela lutou sobre o que responder, então ela decidiu dar-lhe um abraço.

Isso funcionou. Seus braços se fecharam ao seu redor e ele deu a ela outro abraço afetuoso. Ela fez questão de lembrar que era para futura referência.

Ele e Ryon ficaram um tempo e depois Ryon olhou para Callum, Callum suspirou com resignação, beijou Sonia e eles partiram.

Pouco depois, para surpresa de Sonia, Waring chegou à Claro com a missão de carregar quatro sacolas de compras de Regan, apesar de Sonia viver a quatro quarteirões de distância — e Regan e ela terem andado — e nada nas sacolas ser tão pesado.

Em vez de arrumar as sacolas e levá-las para sua Rainha Mãe, ele pegou uma taça de champanhe, conduzindo descaradamente uma conversa com as encantadas Mabel e Kerry — que estavam olhando para ele com um espanto que era quase, mas não completamente, como elas olharam para Callum — então ele carregou as sacolas de Regan e levou-a embora.

Foi quando Sonia percebeu que ela, de repente, adquiriu uma série de novos nomes em sua lista de presentes de Natal e perguntou a Regan se poderiam ir ao shopping. Os olhos de Regan se acenderam, ela imediatamente tirou o celular de sua grande bolsa de couro de marca, apertou alguns botões e disse no telefone. —Caleb, Sonia e eu precisamos dar um passeio no shopping.

Por que Caleb precisava desta informação, Sonia não sabia.

Dez minutos depois, quando uma brilhante SUV estacionou em frente a Claro. Outro homem que era, obviamente, um dos homens de Callum, foi buscá-las — para deleite de Mabel e de Kerry, ele também, era extremamente bonito. Chama-se Nikolas. Parecia um pouco — mas não muito— mais velho que Waring, mas era muito mais sério e, portanto, não passou tempo bebendo champanhe ou conversando com Mabel ou Kerry, para o desânimo delas, óbvio.

Ele as levou ao shopping onde, com a orientação de Regan, Sonia comprou para Caleb, Calder e Ryon presentes de Natal e onde ela e Regan almoçaram mais tarde. Isto incluiu uma adorável conversa de “conhecer você melhor” que, felizmente, não incluiu Regan perguntando sobre a reivindicação de Sonia. Mas, infelizmente, não incluiu Sonia ter coragem suficiente para perguntar a Regan sobre a aberta curiosidade de Diana sobre o mesmo. Em seguida, levou-as para o supermercado onde Regan comprou para Sonia e Callum uma montanha de comida muito pouco saudável. Então levou tudo para a casa de Sonia.

Quando Sonia desceu do SUV e se dirigiu para a parte de trás do veículo para pegar algumas sacolas, ouviu Regan chamar o nome dela.

Ela olhou para sua sogra que estava olhando para Sonia, perplexa.

—Querida, o que está fazendo? — Regan perguntou.

Sonia, tendo as alças de duas sacolas de compras na mão, olhou para Regan, então para Nikolas e então a Regan novamente.

—O que você quer dizer? — Ela perguntou em contrapartida, pois era facilmente perceptível o que estava fazendo.

Antes que percebesse, Nikolas silenciosamente tirou-lhe as sacolas e Regan foi para frente, entrelaçando o braço dela com o de Sonia e guiando-a em direção a casa.

A cabeça de Regan chegou perto e sussurrou. —Querida, você é Rainha. Em companhia, rainhas não carregam sacolas.

Na expressão horrorizada de Sonia, Regan sorriu um sorriso de compreensão e puxou-lhe mais perto.

—Tem sido assim por muito tempo, esqueci-me de como tudo era estranho depois que eu fui reivindicada. Mac era apenas um príncipe então, mas ainda, a vida que ele me deu quando me reivindicou era muito diferente da vida simples que eu vivia. — Regan comentou e deu um tapinha no braço de Sonia com a outra mão. —Mas, juro, irá se acostumar com isso como eu me acostumei.

Sonia tinha certeza que não iria, e assim quando o fim de tarde se vestia de noite, ela estava certa disso.

Isto era porque, quando chegaram em casa, ela descobriu que Saint, Magnum, Caleb, Ryon e Callum estavam acompanhados por Julianna, companheira de Saint. Julianna

era uma mulher linda com um sorriso brilhante e de uma forma tranquila, mas amigável. Ela era menor do que a maioria do povo de Callum, mas ainda levemente mais alta que Sonia.

Depois de Sonia conhecer Julianna, enquanto Nikolas transportava todas suas compras, Callum a puxou, colocando-a no colo dele e tirando um momento para perguntar sobre o dia dela.

Enquanto fazia isso, ela respondia suas perguntas tranquilamente e Julianna guardava as compras na cozinha de Sonia.

Ouvindo Julianna se mover na cozinha dela, Sonia notou que Regan se acomodou com um livro em um dos sofás na sala de estar, enquanto Nikolas acendia a lareira.

E algo sobre tudo isso não fazia com que Sonia se sentisse confortável.

—Hum... — Ela começou e virou os olhos para Callum. — Talvez eu deva ajudar Julianna.

As sobrancelhas de Callum subiram, em seguida, o sorriso dele se ampliou.

Então ele disse algo que fez seu temperamento subir e as palmas de suas mãos coçarem.

—Pequena, quando ninguém está por perto, seu trabalho é cuidar de mim. — Ela olhou para ele — pois este foi o ponto onde seu temperamento começou a subir e suas palmas

começaram a coçar — e ele continuou. —Mas quando alguém está por aí, seu trabalho é cuidar de nós.

De verdade?

Ele podia ser Rei, mas...

De verdade?

Ele continuou. —Saint chamou Julianna aqui para fazer isso. É seu dever. Ela ficaria ofendida se você entrasse e ajudasse.

Sonia decidiu continuar o assunto que queria discutir.

—Meu trabalho é cuidar de você?

Ele sorriu. —Pensei ter explicado isso.

Ele o fez.

Simplesmente não o fez completamente.

—Como, precisamente e de todas as formas variadas, sou obrigada a fazer isso?

Seu sorriso ficou decididamente voraz.

—Acho que você entendeu a parte mais importante.

—Certamente. — Ela respondeu com irritação e ele riu antes de continuar.

—As outras partes incluem cozinhar para mim, cuidar de nossa casa, nossas roupas, se não houver ninguém por perto para fazê-lo. Compreender a minha agenda e prevendo,

certificar-se de que eu tenha o que eu preciso ou quero à minha disposição, então quando...

—Então. — Ela o interrompeu. —Em outras palavras, estou aqui para ser sua “mulherzinha”?

Sua melhor resposta para essa pergunta era “não”.

Em vez disso, sendo Callum, seus olhos por algum motivo, começaram a mudar para dourado e ele respondeu. —Sim.

—Será que seu povo pulou o século XX? — Sonia perguntou com sarcasmo.

O dourado tomou o azul, ela percebeu, devido à raiva, mas sabia instintivamente que havia algo mais. Algo que fazia aquele palpitar sempre presente entre as suas pernas se aprofundar e ele inclinou o rosto mais perto. —Pequena, realmente gostaria de dar-lhe a oportunidade de trabalhar sua raiva agora, mas, infelizmente, eu tenho coisas para fazer.

Ela olhou para ele e depois perguntou. —O que isso significa?

Ela perguntou, mas realmente não queria saber.

No entanto, ele disse.

Seu rosto mergulhou ainda mais perto, virando à esquerda no último minuto, ele disse em seu ouvido. —Significa que, você quer jogar duro e eu quero dar para você. Mas terei que fazê-lo mais tarde.

Ela queria jogar duro? Que porra ele estava falando?

Não teve a chance de perguntar, não que ela quisesse a resposta para esta pergunta.

Dando-lhe um aperto “nós terminamos de falar sobre isso”, Callum a dispensou, voltou sua atenção para os documentos e arquivos em sua mesa de jantar e virou o laptop em sua direção.

Independentemente de sua desatenção com ela, ele ainda manteve Sonia presa ao seu colo.

E ele fez isso por muito tempo.

Fez isso enquanto jantavam. Um jantar que Julianna fez na cozinha de Sonia e serviu na sala de jantar de Sonia, nos pratos de Sonia, usando os talheres e copos de Sonia e limpou tudo, novamente na cozinha de Sonia.

E ele fez isso, enquanto os homens conversavam, não apenas sobre a rebelião, a inteligência que estavam atualmente no processo de coleta e a estratégia que eles estavam formando para acabar com ela, mas sobre todas as coisas do Reino. O que estava acontecendo em outras regiões. Saint assumiu o controle e uma eventual limpeza dos Territórios Ocidentais. Convites para cerimônias oficiais e quais Callum iria — nenhuma delas — e quem iria em seu lugar — na maioria das vezes Regan, mas também, surpreendentemente, uma vez que a rebelião estivesse aniquilada, Ryon.

Era, odiava admitir, fascinante, todo este secreto mundo que era obviamente próspero, mas completamente desconhecido entre o mundo dela.

O mais fascinante era o intenso interesse de Callum em tudo. Sonia sentiu que não governava com uma mão pesada, mas certamente gostava de ter o seu dedo em absolutamente tudo. Estava interessado no que seu povo estava fazendo, certificando-se de que eles estivessem vivendo vidas pacíficas, prósperas e levava muito a sério o seu papel como líder.

Callum interrompeu o processo apenas uma vez, para levar Sonia para cima com sua mão firme na dela, a fim de levá-la ao banheiro para aplicar sua injeção. E ele fez isso com facilidade, agora praticada, rapidamente, mas, como de costume, ela sentiu o ardor no confortável círculo dos braços dele e se Sonia ainda tivesse sua balança, isto estaria definitivamente no lado bom.

Regan saiu com um caloroso adeus e um sorriso quente para Sonia.

Julianna tinha, quando ela não estava mais servindo, para desgosto de Sonia, se sentado completamente quieta no colo de Saint, saiu com ele em uma despedida silenciosa e um sorriso tímido para Sonia.

A noite avançava, Sonia sentada no colo de Callum, Callum parecendo não saber que ela estava lá, mas fazendo as coisas de forma intermitente e inconscientemente, que fez

aquela abominável dor pulsar. Como brincar com o pingente de sua corrente de reivindicação ou ocasionalmente desenhar longos círculos preguiçosos com as pontas dos dedos em seu quadril.

Finalmente, quando chegou outro homem — seu nome era Bodim — carregando grandes rolos de papéis que, ela viu quando ele os espalhou sobre a mesa, eram mapas dos Territórios Ocidentais com muitas marcações sobre eles, a atenção de Callum voltou-se para ela.

A boca dele novamente em seu ouvido e voz mais baixa, ele ordena. —Vá para a cama, pequena.

Sua ordem para ela ir para a cama, ela pensou, era ruim.

Fuga, ela sabia, era bom.

Ela instantaneamente se mexeu para sair do colo dele, mas sua mão apertou, atrasando o seu progresso.

Com sua voz em um murmúrio quase inaudível, ele ordenou. —Não use nada ao se deitar. Eu a quero nua quando me juntar a você.

Ela pressionou os lábios, ignorando o pulsar que disparou da junção de suas pernas direto para os mamilos e encontrou o olhar sexy e sério em seus olhos — ou o olhar sério e sexy, ela ainda não sabia qual.

Sem dizer uma palavra, Sonia deslizou do colo dele e falou boa noite, então, subiu as escadas e fez exatamente o que queria fazer.

Isto era olhar os seus catálogos e navegar na internet para encontrar o presente de Regan. Ela não podia comprar um presente com Regan lá, mas precisava comprar um presente para Regan. Era, de fato, Natal e Regan era sua sogra.

Ela se distraiu durante as compras on-line para Regan e desviou seu caminho de compras para Callum. Ela disse a si mesma que era seu dever como uma Rainha comprar presentes de Natal para o seu Rei. Mas na verdade não era. Ele ficava bem com algumas roupas e ela descobriu que gostava de comprá-las para ele. Tanto era assim, que procurou por evidências de seu tamanho — e encontrou suas roupas penduradas no armário dela, seus produtos de higiene pessoal colocados ordenadamente em seu banheiro e notou que Julianna notavelmente esteve ocupada — e no final, talvez, exagerou um pouco.

Ela finalmente terminou comprando presentes para todos os recém inseridos em sua lista de Natal, mesmo Julianna e Diana, ambas, ela descobriu, de quem gostava muito, embora não conseguisse dizer o porquê. Embrulhou os que comprou para a família de Callum naquele dia e foi para a cama.

Vestiu sua camisola e a calcinha, desafiando a ordem de Callum de ficar nua. Em primeiro lugar, porque não gostava de

dormir nua, embora não se importasse com isto na noite passada. Então, novamente, dormiria o sono dos justos. Em segundo lugar, porque podia ser sua Rainha e seus deveres podiam ser extensos, mas ele, Deus, não podia lhe dizer o que vestir, especialmente não na cama. Não, apague isso, ele não podia dizer a ela o que usar a qualquer momento.

Terminou de passar a loção no rosto, pés, mãos e cutículas. E, com o zumbido das vozes masculinas no fundo, conspirando em sua sala de jantar — algo que Sonia vagamente reconheceu foi que era tremendamente estranho, mas aconteceram várias coisas estranhas recentemente e agora isso nem sequer penetrava — Sonia apagou a luz. Abraçou seu lobo de pelúcia e olhou para a árvore de Natal.

E ela chegou à conclusão, que o zumbido de vozes e o cintilar das luzes que a embalava, afastava o pânico — e a expectativa — que a assombrou através de seus trinta e um anos de vida, como uma névoa.

Perder seus pais ainda tão jovem, compreender completamente que ela era mais do que um pouco estranha e se as pessoas soubessem o que ela poderia fazer, podiam até mesmo ter medo dela, Sonia nunca imaginou sonhar.

Considerando que precisava seus dons de todos, nunca fantasiou sobre quem seria seu marido, como sua vida seria, quantos filhos teria, porque como ela iria viver esse tipo de mentira?

Portanto, nunca considerou viver com outra pessoa e decidir quem iria cozinhar e quem iria tirar o lixo. Nunca pensou sobre como ela e seu parceiro iriam discutir e como eles iriam fazer as pazes. Onde iriam nas férias. Se ficaria impaciente com ele assistindo muitos esportes na TV e se ele ficaria impaciente porque levou muito tempo para ficar pronta. Nunca imaginou um tempo em que, juntos, eles carregariam as caixas com os enfeites de Natal e decorariam a casa com eles. Ano após ano, cheios de lembranças preciosas, comprando novos enfeites para colocar na sua árvore e compartilhar momentos que iriam ser estimados.

Comprou sua casa com cercas brancas, sabendo que seria a única a viver nela e encobrendo a decepção a qual estava destinada, que era viver sua vida sozinha.

Mas agora, estava com sono, depois de ter sonhado com Callum tanto tempo — uma indicação de seu destino antes mesmo que ela soubesse ser seu destino — percebeu que tinha fantasias de como seria sua vida. Eram tão inatingíveis quanto Callum em seu sonho — ela então pensou e, entretanto, o fez. Mas os sentimentos que tinha por Callum nesses sonhos, era o que ela gostaria de ter para cultivar em sua vida real, se fosse possível.

Mas não era assim.

Nunca seria.

Respirou fundo e soltou um longo e triste suspiro, fechou os olhos, apertou seu lobo perto e adormeceu.



Acordou com a boca de Callum entre suas pernas sobre a calcinha e já sentia o desejo enchendo-a, tirando-a de seu controle.

Lutou com sua mente, mas, mesmo que tentasse, seus quadris pressionaram até encontrar a sua boca, enquanto soltava um gemido baixo e o pulsar entre as suas pernas começou a devorá-la.

Callum tirou a boca, mas o dedo a substituiu, deslizando levemente como uma pluma contra o tecido de sua calcinha, causando um tormento sensual.

—Pensei ter dito para você vir para a cama nua. — A voz profunda de Callum vibrou entre as pernas dela e ela gemeu novamente. As mãos dela foram até seu cabelo para pressioná-lo de volta. Seus quadris empurrando contra o leve toque de seu dedo. Os mamilos já duros, lutando contra o tecido de sua camisola causando tanto prazer que era uma tortura.

—Você me desafiou? — Ele perguntou, ainda lhe negando a boca.

—Callum. — Ela sussurrou.

—Responda-me. — Ele ordenou e ela pressionou outra vez, à procura de sua boca, mantendo seu silêncio, a Sonia que ela conhecia tentando vencer a Sonia que ele criou.

E fracassando.

Ele moveu sua calcinha para o lado e dois dedos penetraram-lhe, não suavemente, brutalmente e ela gemeu com a beleza disso, precisando, querendo, tendo palpitações por isso todo o dia.

—Responda-me, Sonia. — Ele exigiu.

—Eu... — Ela gemeu e por um breve momento a Sonia que ela conhecia a vida inteira veio à tona, rompendo com o desejo. —Você não pode me dizer o que vestir.

Seus dedos deslizaram para fora, então entraram novamente e ela gemeu, o desejo voltou, correu mais forte do que antes e ela ergueu os quadris para encontrá-lo.

—Minha Rainha gosta de jogar duro. — Ele rosnou, soando satisfeito.

—Não, eu... — Ela começou, mas ele puxou seus dedos para fora e enganchou na lateral de sua calcinha. Com um puxão feroz, o tecido rasgou em vários lugares e a calcinha desapareceu.

Ela engasgou, mas suas grandes mãos deslizaram ao longo da face interna de suas coxas, agarrando-a por trás de seus

joelhos, levantando-os totalmente dobrados e abrindo suas pernas amplamente, corajosamente expondo-lhe.

Sonia se sentiu vulnerável por um momento antes de sua boca descer sobre ela e todos os sentimentos se evaporarem, exceto o requintado pulsar entre suas pernas.

Ele também não foi gentil com a boca. Ele estava faminto, insaciável, comendo-a com seus lábios, sua língua, até mesmo com seus dentes, fazendo Sonia perder qualquer agarre que confiou ao seu verdadeiro eu, enquanto o corpo dela a forçava a ceder ao impulso.

Estava ofegante, balançando os quadris contra a boca dele, abrindo suas pernas cada vez mais para dar-lhe acesso. Gananciosa por ele, para o que ele a fazia sentir, estendendo a mão e abraçando a criatura que ele poderia fazê-la ser. A criatura, algo enterrado dentro dela dizia que era o que estava destinada a ser.

Ela escorregou para perto de seu orgasmo, não estava mais com medo da enormidade, pronta para deixar-se levar, precisando que isso a consumisse, para que pudesse existir em sua pele, da forma como ela estava destinada a ser. Da forma como ela apenas o fazia nestes momentos com Callum. Ela gritou e no instante em que ela o fez, a boca dele desapareceu e ela foi arrancada de seu precipício.

—Callum! — Ela exclamou seu protesto, mas ele não a estava deixando.

Ele ficou sobre ela, seu peso, fixando-se nela e ela exultou com isso. Sentindo sua promessa um escasso segundo antes dele mover seus quadris para trás e a empalar, fodendo com ela de uma forma que adorou, chocando-se contra ela violentamente, enchendo-a completamente, de novo, de novo e de novo.

A boca dele capturou a dela e deu-lhe um beijo devorador, a língua dele invadindo enquanto dirigia seu pau impiedosamente nela.

Ela envolveu as pernas ao redor dele e levantou os quadris para encontrá-lo. Recebendo-o. Tomando-o por inteiro e amando a sensação dele enchendo-a tão completamente, imprudentemente que gemeu contra sua língua.

Ele saiu e virou-a de bruços, puxando-a em seus joelhos.

—Sim. — Ela engasgou.

Era isto. Isso estava certo. Isto era quem ela era. Isto era quem eles eram, Sonia e Callum.

Perfeito.

Posicionando-se entre as pernas dela, Callum inclinou-se para frente e agarrou seu cabelo, usando-o para puxá-la até ficar sobre suas mãos.

Então, ela sentiu que exatamente esta era Sonia. A Sonia que deveria ser, na frente de Callum, em suas mãos e joelhos.

Ela prendeu a respiração e sentiu suas coxas tremerem em uma doce antecipação, arqueando as costas, inclinando-a para trás, oferecendo seu sexo para ele, descaradamente.

Ele aceitou o convite e entrou até a raiz enquanto puxava seu cabelo para trás, arqueando o pescoço dela. Mas ele não precisava ter feito isso, porque ela jogou a cabeça dela para trás em seu esplendor.

Então ele fez novamente.

E outra vez.

E outra vez.

Ela levantou seus quadris, saudando cada mergulho, sentindo-se finalmente inteira, finalmente certa quando ela o tomou por completo.

A tensão aumentou e aumentou até que seu sangue ferveu. Até que ela sentiu que iria sair de sua pele. Até que ela gritou por seu lobo e explodiu de pura felicidade. Através de seu clímax o sentiu empalá-la uma última vez e ouviu, como se de longe, a profundidade de sua resposta em seu gemido.

Assim como na noite passada, depois, que ele estremeceu dentro dela, seu pau acariciando seu sexo suavemente enquanto seus dedos flutuavam sobre a pele de seu traseiro, o inferior de suas costas, enganchou sua corrente e puxou-a até ele a fixou em sua cintura. Ela sentiu que esta ação de Callum, na noite passada e neste momento, era profunda. A corrente

significava que ela finalmente era dele, assim como ela sempre esteve destinada a ser.

Ele girou para que os elos deslizassem ao redor de sua cintura, a mais leve das sensações, fazendo-a tremer contra ele.

Em seguida, seus golpes ficaram mais lentos e mais lentos e finalmente ele começou a se afastar.

—Não. — Ela sussurrou, pressionando seus quadris para trás.

Ele parou, felizmente ainda duro e ficou lá dentro. Ela nunca conheceu um homem que ficasse duro assim tão rápido.

—Pequena? — Ele chamou.

Ela respondeu seu chamado, usando a boca e os quadris, ainda pressionando contra ele, explicando a sua necessidade. — Não quero lhe perder.

Ele deslizou para fora e depois voltou uma última vez enquanto sussurrava. —Minha pequena.

Então seus quadris forçaram seus joelhos e pernas, por sua própria vontade, os abriu para que ele pudesse se acomodar entre eles, seu corpo, tanto ao redor dela, quanto preenchendo-a profundamente.

Os dedos dele moveram o cabelo longe do rosto dela antes de descansar um pouco de seu peso em seus antebraços um de cada lado de seu corpo na cama, o resto se estabelecendo dentro dela.

Ela amava o quão grande ele era, seu corpo, seu pau, como ele a rodeava, completava-a, tornava-se seu mundo. Ele derretia sua sempre presente solidão, fazendo-a sentir, com Callum envolvendo-a em seu corpo, enchendo-a tão profundamente, que ela nunca se sentiria sozinha novamente.

Ela inclinou a bunda em sua virilha, indicação não-verbal da intensidade de seus pensamentos.

Ele pressionou mais profundo, dando-lhe mais do que ela estava procurando, enchendo-a ainda mais.

—Assim. —Ele disse baixinho no ouvido dela.

Não foi uma pergunta, foi uma declaração. Havia um elemento surpresa, mas o barulho baixo de sua voz revelava a profundidade de sua aprovação.

Sonia não respondeu.

Ele empurrou ainda mais e ela suspirou satisfeita.

Ela sentiu o sorriso dele contra sua orelha.

—Eu gosto muito disso. — Ele sussurrou. —É tudo o que somos. — Ele deslizou um centímetro para fora, em seguida, entrou novamente. —A conexão, nossa conexão, é tão forte. — Havia uma profundidade na voz dele que deslizava preguiçosamente através de seu sistema e então ali se estabelecia de modo que fazia parecer como a eternidade. Ele continuou. —E é tudo o que sou para você. — Os braços dele moveram-se apertando ainda mais em ambos os lados de seu

corpo. —Seu protetor. — Ele passou os lábios ao redor da curva de sua orelha e ela tremeu debaixo dele, antes de murmurar. — Levante seu traseiro para mim, Pequena, eu quero ir fundo. — Sem hesitação, Sonia fez como ele pediu e Callum fez o que queria, murmurando. —E eu também sou seu possuidor.

Ela estremeceu de prazer com esta última estocada e seus braços apertaram ainda mais.

Seus braços estavam eretos e sob seu corpo, preso à cama, mas ela estendeu a mão, entrelaçou os dedos nos dele e inclinou a cabeça até que seu nariz estava descansando contra suas mãos.

Ela inclinou seus quadris para cima novamente e murmurou. —Eu, lobo, gosto de ser preenchida por você. Faz-me sentir completa. Finalmente, faz-me sentir bem.

Ela perdeu seu rosnado em resposta, porque foi então que Rainha Sonia deslizou em um abandonado sono. Cercada, conectada, protegida, possuída, satisfeita e maravilhosamente completa por seu Rei.



O corpo adormecido de Sonia foi deslocado, a camisola puxada para cima. Seus braços, sem resistência, subiram para facilitar esta tarefa e a camisola foi tirada.

Então ela foi enrolada, puxada para perto, um braço forte circundando a cintura dela, moldando seu corpo ao lado de um rígido Callum.

Ela descansou o rosto contra seu peito e jogou um braço ao redor de seu estômago.

Ela começou a entrar em seu sono quando ele murmurou, —Os dias, eu posso esquecer, pequena. Mas as noites... —A voz dele caiu para um grunhido rouco, carregada de um intenso sentimento. —As noites serão torturantes, sabendo que não terei isto por toda a eternidade.

Mesmo se ela estivesse consciente o suficiente para processar suas palavras, não entenderia.

No entanto, não estava consciente o suficiente para ouvir a última palavra que ele proferiu, antes que estivesse dormindo.



Suave e fugaz, os toques dos dedos dele se arrastavam sobre as agulhadas na parte superior de suas nádegas. O mesmo quando os dedos se tornaram lábios, havia algo sobre isso que Sonia não conseguia compreender, mas era como se desejasse curar com o toque.

Em seguida, Sonia estava sendo levantada.

Então ela foi embalada no casulo morno de Callum sentado, encostado contra a cabeceira da cama, completamente vestido, em sua cama.

Ainda meio adormecida em seus braços, ela se aninhou mais perto, enterrando o rosto no pescoço dele.

Os dedos dele invadiram entre as pernas dela, brincando, jogando.

—Os homens estão aqui.

—Mm. —Ela respondeu, pressionando contra sua mão, buscando, até mesmo durante o sono.

—Sonia? — Ele chamou.

—Brinque comigo antes de ir. — Ela insistiu.

O braço sobre ela se apertou, seu pescoço se torceu e ela sentiu os lábios em sua testa e então Callum fez o que ela pediu.

Quando terminou, levantou-a novamente, a acomodou na cama e colocou o lobo de pelúcia em seus braços.

Dormindo, ela caiu ainda mais em um saciado esquecimento.

Os olhos dela vibraram, mas permaneceram fechados quando os lábios dele deslizaram ao longo da curva de sua orelha, ao mesmo tempo que sua mão foi entre suas pernas por trás e os dedos dele entraram novamente.

Ela levantou seu traseiro em um convite reflexo.

Os dedos dele deslizaram para fora, deslizaram preguiçosamente através das dobras de sua umidade, sua boca ainda em seu ouvido, sua voz rouca quando ele declarou com admiração, —Sempre excitada, minha pequena Rainha gananciosa.

Em seguida, a mão dele desapareceu, repousando em seu quadril e Sonia segurou seu lobo mais perto, enquanto Callum cobri-a firmemente com as cobertas e ela pegava no sono.



E este foi o ritmo da vida de Sonia por um tempo.

Noites “e muitas vezes durante os dias” sendo forçada pelo desejo irresistível de “brincar”, como descobriu que era assim que Callum o chamava. Às vezes áspero, às vezes doce, mas sempre terminava devorada por ele. E, muitas vezes, nas noites, desesperada para mantê-lo perto, para se sentir inteira, deslizando de joelhos, Callum ainda dentro e adormecendo com seu peso em volta dela, ele a preenchendo.

As manhãs, passava nos braços enquanto Callum dava-lhe mais do que seu corpo ansiava e deixava-a coberta e segura na cama, de uma maneira que sua mente desejava que pudesse ser verdadeiro.

Tudo isso fazendo-a se sentir mimada, desejada, protegida e adorada.



Mas Sônia passava os dias guardando firmemente seu coração de um Rei que aparentemente queria sua Rainha, acreditando que ela era muito desejada, muito adorada, definitivamente mimada e até mesmo apreciada.

O que significava que Sonia tinha que proteger seu coração com uma ferocidade ainda maior e que, quanto mais tempo fizesse isso, mais a amargura iria se solidificar.



Capítulo

13

Festa

—Callum, estes são Jay e Jo, meus vizinhos aqui da rua e seus meninos Jed e Jake. — Sonia apresentou Callum para a família que acabou de chegar na sua festa de Natal. —Pessoal, eu gostaria que conhecessem meu marido, Callum.

Callum ouviu Jo suspirar e viu os olhos de Jay se arregalarem em estado de choque, e esta foi a mesma reação que todos tiveram quando eles o conheceram.

Os dedos dele, descansando no quadril de Sonia, tencionaram instintivamente.

Mesmo que fosse uma palavra humana que significava pouco para ele como significava pouco para muitos seres humanos, ele amava quando Sonia o chamava de “marido”.

E esta noite ela estava fazendo isso muito.

A família se recuperou de sua surpresa... e o homem estendeu a mão para cumprimentar Callum.

—Somos a família “J”. — Ele anunciou. Em seguida, de forma estranha para Callum — mas muitas coisas que os humanos faziam, Callum pensava que eram estranhas — retirou a si mesmo do legado da família, claramente criado por sua esposa, declarando com constrangimento praticado. —Foi ideia de Jo.

Os olhos de Callum foram para Jo. —É uma boa ideia. Minha mãe teve a mesma. Os nomes dos meus irmãos são Calder, Caleb e Calvin.

O corpo de Sonia endureceu ao lado dele, o que ele ignorou completamente. Ela fazia isso muitas vezes, por razões desconhecidas, que, às vezes, ela dizia-lhe. Ele decidiu nas três semanas que a conheceu, que se fosse importante, ela diria a ele e não tinha o menor problema em fazer isso. Das outras vezes não valeu sua preocupação.

—Vocês são a família “Cal”. — Jo declarou brilhante, dando a seu marido uma cutucada irritada com seu cotovelo.

—Nós somos. —Callum afirmou orgulhoso.

—Jed, Jake, seus presentes estão debaixo da árvore. — Sonia disse, com um olhar apaixonado sobre os dois garotos. — Vão e....

Ela não terminou. Os meninos correram para a árvore, os dois terminando sua corrida caindo de joelhos e derrapando.

—A cada ano eles amam mais os seus presentes. — Jo confidenciou e Callum voltou-se para ver que ela se inclinou em direção a Sonia. —Isso está me deixando complexada. — Acrescentou jocosamente.

Naquela noite Callum descobriu que a cada ano muitas pessoas amavam, ainda mais, os presentes de Sonia. Na verdade, naquela noite Callum descobriu que Sonia dava presentes a todos e eles amavam mais a cada ano. Ele nunca viu nada como a sua generosidade casual.

Outra em uma miríade de formas que ele descobriu nas três semanas que esteve com sua Rainha, que ela era absolutamente perfeita, muito.

—Hum, são skates, eu os vi correndo, infrutiferamente, devo acrescentar, na neve nas calçadas no dia de Natal do ano passado. — Sonia respondeu com um sorriso.

—Então! — Jay trovejou, se intrometendo na conversa das mulheres e olhando entre os dois. —Isso é inesperado, embora tenhamos visto muita atividade na sua casa ultimamente. — Jay informou-os, com olhar especulativo, declarando abertamente sua curiosidade de boa vizinhança, outra coisa, que os seres humanos costumavam fazer. Lobos não se intrometiam na vida de outros lobos. Se eles quisessem compartilhar, o que geralmente faziam, compartilhavam. Curiosidade sem ser convidado poderia significar ter sua garganta arrancada pelos dentes de outro

lobo, um forte elemento para que desistisse. —Casada! — Jay continuou. —Isso é uma grande surpresa. Como se conheceram?

Sonia ficou tensa e abriu a boca para responder, mas, como de costume naquela noite, Callum chegou antes dela.

—Não nos conhecemos. Eu a vi e pensei que ela era a mulher mais bonita do mundo. Agarrei-a, carreguei-a até minha cabana nas montanhas e passei três dias convencendo-a a se casar comigo. Ela aceitou, fizemos o documento e voltamos da montanha.

Callum gostava desta história.

Ele gostava por causa das reações hilárias dos humanos.

—Você... o quê? — Jay perguntou, enquanto Jo piscava para ele, repetida e rapidamente.

—Ele está brincando! — Sonia, exclamou, diretamente tentando controlar os danos, como fez muito naquela noite depois que ele contava esta história, inclinando-se para ele e dando palmadinhas em seu estomago. Agora suas palmadas ficaram muito mais forte do que eram no início da noite, mas eram ainda fracas, como fêmeas humanas tendiam a ser. Ou prováveis machos, aliás, embora Callum nunca tivesse sido acariciado por um macho, nem seria. —Nós nos conhecemos desde sempre. — Ela prosseguiu. —Quase sinto como se nos conhecêssemos desde antes de nascermos. Eu o conheci quando tinha 17 anos. Tem sido idas e vindas, um

relacionamento à distância. Não sabia que chegaria a isso, mas quando ele surpreendentemente me pediu, eu disse sim imediatamente. Decidimos não perder mais tempo, então fugimos.

Callum gostava mais da história de Sonia.

O que ele gostava em tudo era que ambas eram, na maior parte, verdade.

De repente, os olhos de Jo saltaram, ela inclinou-se e agarrou a mão da Sonia.

Callum endureceu.

Esta festa não era no mínimo como uma festa que um lobo faria. Em primeiro lugar, ninguém aparecia bêbado. Por outro lado, mesmo que tenha começado a uma hora atrás, ninguém ainda estava bêbado. Dito isso, ele estava se divertindo imensamente, principalmente devido a estar com Sonia, que estava tendo grande prazer em receber seus amigos e estar com as pessoas que claramente se preocupavam com ela.

No entanto, ele tinha mais do que um pouco de dificuldade com humanos, fêmeas e machos, tocando sua companheira. O instinto de proteção de um lobo com sua companheira era naturalmente forte. O instinto protetor de Callum para com sua Rainha era mais forte. O instinto de proteção de Callum por Sonia era imensurável. Ninguém se aproximava da companheira de um lobo sem permissão, certamente, não se fosse um estranho para aquele lobo e, definitivamente, não a tocaria.

Mesmo assim, esta noite entre o povo de Sonia, ele não podia ceder ao instinto. Se o fizesse, sua linda e clínica sala de estar estaria cheia de corpos inconscientes.

—Meu Deus! — Jo gritou. —O seu anel é lindo!

—Oh senhor! — Jay disse ao teto quando rolou os olhos. —Aqui vamos nós.

Jo examinou o anel de Sonia mais de perto, sem tirar os olhos dele e ainda assim conseguiu discutir. —Bem é isso, Jay. — Ela puxou a mão de Sonia em direção de seu marido. —Olhe.

Jay não olhou para o anel de Sonia.

Ele virou seus aflitos olhos para Callum, buscando camaradagem masculina. —Ela está sempre querendo que eu lhe compre um anel maior.

Não encontrou sua camaradagem quando Callum respondeu abruptamente. —Então faça isso.

Foi a vez do Jay piscar, a vez de Sonia endurecer, mas Jo começou a rir.

—Eu gosto dele. — Ela disse para Sonia, soltando a mão de Sonia e balançando a cabeça para Callum. — Se eu não gostasse disso tudo. — Ela corajosamente fez um gesto para Callum da cabeça até o dedo do pé. —Então eu iria gostar do sotaque. Se não gostasse disso, então eu ainda iria gostar dele.

Sonia relaxou e sorriu, como fez Callum, decidindo que ele também gostava de Jo.

—Se você quer fazer bonito com os homens do bairro. — Jay aconselhou em um forçado gracejo. —Convém tomar um pouco de cuidado.

—É altamente improvável que Sonia e eu continuemos morando aqui. — Anunciou Callum.

Sonia ficou rígida ao seu lado e Jed e Jake foram correndo até eles com seus presentes desembrulhados em suas mãos, derraparam até parar e derreteram as expressões alegres em seus rostos.

—Sonny está mudando? — Jed ou Jake, Callum não sabia qual era qual, sussurrou.

—Ainda não decidimos. — Sonia disse rapidamente com um sorriso radiante para o menino e mudaram rapidamente de assunto. —Então, o que acharam? Vocês gostaram deles?

Os meninos, como crianças, humanas ou lobo, imediatamente lembraram dos presentes. Seus rostos iluminados e Jake — ou Jed — gritou. —Eles são incríveis!

Em seguida, os dois garotos correram para frente e lhe deram seus abraços estranhos, porém genuínos que obrigou Callum a soltá-la.

Isso ele não se importava. As crianças não eram nenhuma ameaça.

Além disso, ele gostava de ver o carinho relaxado e inato de Sonia para com os meninos. Algo que ele esperava, muito em

breve, poder estar testemunhando entre ela e seus próprios filhos.

—Estou com fome. — Jay anunciou e, em seguida, fez outra tentativa de conversa amigável com Callum. —Sonia sempre apresenta e distribui o melhor.

Isso, na maneira de Callum de pensar, não era verdade. Embora houvesse uma boa quantidade de comida e cada item, do tamanho de uma mordida, que ele provou, fosse apetitoso, não havia carne suficiente, não havia queijo suficiente e não havia uma única coisa que exigisse uma faca e um garfo. A maioria das pessoas pegavam um pequeno prato branco de porcelana e um guardanapo e os via através deles.

No minuto que Callum viu os fornecedores colocando a comida, ficou alarmado. Apesar de ninguém, a não ser os outros lobos terem entendido sua reação.

Lobos não faziam finger food³.

—Você sem dúvida, não se decepcionará este ano. — Callum disse a Jay com veracidade.

—Entrem, sirvam-se. — Sonia, convidou, dando a Jed — ou Jake — um tapa de brincadeira na cabeça e Jake — ou Jed — a provocou empurrando seu ombro enquanto caminhavam em direção à mesa da sala de jantar.

³O finger food é uma opção sofisticada e prática para diversos tipos de evento, além de ser uma tendência que veio para ficar. A tradução livre seria um buffet para "comer com as mãos", já que conceitualmente se trata de comidinhas e petiscos que são fáceis de manusear e não precisam de talheres.

Então, ela parecia estar se movendo longe dele, o que Callum não gostou, então passou um braço ao redor de sua cintura e a puxou de frente para ele. Os olhos dela se levantaram até os dele e soube que ela estava chateada.

Ele sorriu.

Callum até gostava quando ela estava brava. Ficava satisfeito que sua Rainha tivesse espírito de fogo. Imensamente satisfeito.

Seu olhar se estreitou em seu sorriso e quando os olhos dela voltaram aos seus ela ordenou irada. —Pare de contar essa história.

—Não. — Respondeu ele calmo.

Ela rosnou baixo.

Callum riu baixo também.

Então ela de repente perguntou. —Quem é Calvin?

Ele sentiu a dor atravessar seu estômago, seu braço se apertou convulsivamente ao redor dela e seu sorriso morreu.

—Meu irmão. — Ele respondeu laconicamente.

A sua reação instantânea, o doce olhar de Sonia não estava mais estreito, mas examinando cuidadosamente.

Em seguida, com a voz muito mais suave, ela perguntou. —Irmão?

—Morreu. Em batalha. Há anos. — Suas palavras eram curtas e lacônicas e ele não tentou ser gentil, porque este esforço seria impossível.

O corpo dela estremeceu levemente no braço dele, então, ele também, foi suave e terminou contra o dela.

—Sinto muito. — Ela sussurrou.

Ele também sentia, mais do que poderia dizer.

Callum não respondeu.

—Não devia ter perguntado, mas fiquei surpresa. Você nunca o mencionou. — Ela disse.

—Ele era o nosso caçula, nós não o protegemos. Não é um assunto que discutimos.

Sentiu-a vibrar, dar um breve suspiro e levantou uma mão e fechou os dedos em seu pescoço, murmurando. —Callum.

Ele desejou que a tivesse tido há anos atrás, quando Calvin morreu. Aquele doce suspiro, o toque no pescoço dele, a sensação do corpo dela pressionado complacentemente ao dele, o sopro do seu nome teria ido longe em atenuar a dor. Ele sabia disso, porque era algo que acontecia agora.

Ele apertou em sua cintura e informou-a.—Foi há anos.

—Ainda está recente para você. — Ela disse suavemente.

—Sempre será. — Callum respondeu, sua voz já não dura, mas calma. —Ele era meu irmão.

Lentamente ela fechou os olhos.

Então envolveu seus braços ao redor dele, apertou o rosto em seu peito e o segurou perto.

Ele fechou os olhos e marcou o topo da cabeça dela com sua testa, puxando-a ainda mais.

Sua doce, doce, Sonia.

Ele abriu os olhos e viu que tinha uma plateia mista de humanos e lobos, todos eles estavam observando avidamente e este fato o deixou extremamente satisfeito.

Uma de suas funcionárias, ele achava que era Kerry — ou Mabel, ele estava muito concentrado em Sonia chamando-o de marido pela primeira vez para prestar muita atenção quando elas foram apresentadas — se aproximou.

—Hum... — Ela começou timidamente. —Sonny? A fornecedora quer falar com você. Algo sobre o salmão na massa folhada? Ela soou como se fosse urgente. — Os olhos travessos da garota foram para Callum e Sonia virou-se em seus braços para enfrentar a recém-chegada enquanto ela observava. — Embora, urgente e massa folhada, para mim, não andam juntos.

Ele não podia estar mais de acordo com o depoimento dela e Callum decidiu que gostava dessa garota. Você podia ver na luz dos seus olhos, na plenitude de seu sorriso, na profundidade de seu riso e no jeito amoroso, que ela olhava para Sonia — ela se alimentava de vida, como um lobo.

Sonia se separou de Callum e murmurou. —Obrigada, Kerry. Melhor ver do que se trata. — Ela saiu com um sorriso distraído para ele e se dirigiu para Kerry, murmurando. — Nem sequer pedi salmão em massa folhada.

Os olhos de Kerry se viraram para ele e ela sorriu.

Então o sorriso dela ficou duro e ela disse. —Sei que você é um cara grande e provavelmente poderia me partir em duas. — Isto, Callum pensou, embora ela não pudesse saber, era exatamente a verdade. —Mas a fará feliz, não é? Não sei por que, embora considerando sua história, ela provavelmente estava esperando por você para parar de brincar. — Ela o informou sem rodeios — e corajosa. —Mas ela está sozinha há muito tempo. Merece ser feliz. Na verdade, eu não sei se conheço alguém que mereça mais.

Ela deu-lhe um olhar que claramente dizia que não ficaria feliz se ele não fizesse como ela pediu, mesmo sabendo que seu desprazer estaria perdido com ele.

Sim, Callum decidiu, ele gostava muito dela.

Ela inclinou a cabeça para o lado, a seriedade saindo de seus olhos, a rigidez indo para longe da sua boca e anunciou. — Uma coisa eu posso dizer para você, convenceu Sonny a ter cerveja. Sempre foi vinho, champanhe e cocktails. Uma garota precisa de uma cerveja. Que eu vou pegar agora. Você precisa de uma?

Callum moveu a cabeça, mas sorriu para ela.

Em seguida, com outro sorriso brilhante, ela se afastou, enquanto Callum pensava que não gostava muito dela. Ele gostava dela para caralho.

Ele notou que Sonia contornava a mesa da sala de estar e decidiu, talvez pela quinquagésima vez naquela noite, que ele gostava do que ela usava. Uma segunda pele, branca com gola que tinha missangas opalas ao redor dos ombros e do tórax que davam a impressão do brilho da neve. Ela combinou com uma correspondente saia slim que chegava até os joelhos e agarrava a bunda dela tão perfeitamente, que deve ter sido feita sob medida. Estava usando luxuosos scarpins⁴ de pele de cobra cinza e saltos stiletto, escandalosamente sexys. Tinha o cabelo solto em uma queda elegante passando seus ombros e costas, mas uma bonita e larga fita de veludo foi passada através dele, mantendo uma grossa parte presa, longe do seu rosto.

Ela parecia um sofisticado anjo de neve.

Sua corrente de reivindicação pendurada por cima da saia — ela sempre usava para fora, quando ele dizia — e os anéis de casamento brilhavam no dedo dela. Os quais, até mesmo os anéis, sendo dele, Callum sentiu um feroz orgulho que ela, Sonia, sua companheira, sua Rainha, vestida com aquela roupa sexy, estivesse exibindo para todos os seus amigos e sua família verem.



No minuto em que ele a viu descendo as escadas mais cedo naquela noite, decidiu tentar encontrar alguma maneira de fodê-la com essa saia.

Se isso falhasse, ele iria definitivamente fodê-la enquanto ela estivesse usando aqueles sapatos.

Ele sabia que todos os homens na sala o invejavam por ter essa oportunidade.

E ele amava isso.

Ela parou na extremidade externa da mesa e estava conversando com uma das mulheres que vieram para atender sua festa. A mulher estava gesticulando freneticamente e Sonia estava olhando para a mesa com perplexidade, encantadora, quando Caleb deslizou ao lado dele.

—Pare de flertar com as funcionárias de Sonia, irmão. — Caleb murmurou jocoso e Callum observou, os olhos dela instantaneamente se estreitaram e seu corpo ficou em alerta imediatamente, assim como os ombros de Sonia levemente se elevaram.

Era um movimento fugaz, mas estava lá e ainda, a cabeça dela se inclinou com um movimento quase imperceptível, virando sua orelha em direção onde Callum e Caleb estavam parados.

—Cal? — Caleb chamou.

—Calado. — Callum ordenou, sua divertida noite se desfazendo.

Sonia tinha este tipo de reação e muitas vezes. Callum começou a notar isso no dia após completar seu primeiro dia e noite nesta casa. Um ser humano podia não perceber, mas Callum definitivamente notou.

Callum e Caleb estavam parados do outro lado da ampla sala de estar, bem longe da mesa. Mesmo não sendo longe, estava tocando ali uma suave música de Natal, inúmeras pessoas na sala criando um alto zumbido com a conversa e Caleb murmurou sua piada sob a respiração.

Mas Callum apostaria sua vida imortal que ela podia ouvir, porra.

E agora, com a orelha dela apontada em direção a eles, ela estava ouvindo.

Não era apenas o elevado senso de audição dela, era mais.

Por exemplo, quando eles transavam, não acontecia frequentemente, mas ela corria o nariz ao longo da pele de seu pescoço ou da barba em seu maxilar. Uma vez ele até mesmo ouviu e a sentiu aspirando o cheiro de seu cabelo.

As fêmeas humanas não faziam isso, não as que ele conheceu.

Lobas, no entanto, como lobos, faziam isso o tempo todo, durante o sexo ou apenas carinhosamente com seu

companheiro. Seu companheiro ou o cheiro do companheiro, era um afrodisíaco enorme, mas era outra forma de seus sentidos reconhecerem um ente querido. Era uma das razões de sua essência misturada entre as pernas dela ser tão importante. Era parte do ritual de reivindicação, o macho revestir a fêmea com isso, espalhando seu perfume misturado, uma representação física de sua conexão, para marcar seu território depois da reivindicação.

Além disso, ele também notou, em mais de uma ocasião, que Sonia inclinava a cabeça ou fazia uma careta quando ela cheirava algo agradável ou desagradável. Algo que Callum também cheirava, mas não era algo que qualquer ser humano teria sentido.

Ela tinha uma visão excepcional, bem como ele percebeu quando ela estava sentada ao lado dele enquanto estava dirigindo e ela puxava uma respiração afiada, quase inaudível, quando um carro derrapava em um pedaço de gelo na frente deles. O carro, no entanto, estava muito à frente. Um lobo podia vê-lo, mas um ser humano? Não em seus anos de vida.

E ali estava a forma como ela gostava de sexo. Certamente respondia a ele quando era gentil com ela, mas ganhava vida quando ele era duro. Ele nunca, nenhuma vez em sua existência, conheceu uma humana que gozasse do jeito que Sonia gozava com Callum. Ele teve o cuidado de certificar-se que todas suas parceiras desfrutassem do sexo, mas a

profundidade de seu desejo, a intensidade de sua participação e seu clímax eram irrealis para um ser humano, ao contrário de uma loba.

Ele atribuiu isto a sua conexão, mas agora, se questionava.

Porque ela ainda era humana.

Por último, as formas como eles adormeciam quase todas as noites, desde a primeira noite, após a reivindicação.

Era uma prática comum para os lobos, especialmente lobos com companheiros, dormirem enquanto seus corpos estavam conectados. O macho por cima, a fêmea por cima ou como Sonia gostava de ficar com Callum, com ele sobre ela de bruços.

Era assim como os lobos faziam.

A primeira vez que o fez, estava tão perdido na experiência que compartilharam que não pensou nisso. Era natural para ele, como lobo, mas nunca faria isso com um ser humano. Não apenas porque suas outras parceiras humanas não eram sua companheira, mas porque elas não achavam confortável e podiam até mesmo achar doloroso.

Mais tarde naquela noite, quando ele acordou ainda ligado a ela e seu peso pressionando o seu pequeno corpo na cama, ele se amaldiçoou. Ele saiu e puxou-a mais perto. Desde aquela primeira vez, ele sempre acordava pouco depois e sem os palavrões, rolava de costas e puxava-a para o lado dele.

No dia seguinte, após a primeira vez, desde sua conversa pela manhã e especialmente naquela noite, ele ficou surpreso e encantado ao descobrir que ela gostava. Eles não dormiam assim todas as noites, mas, se eles terminassem transando com ela em suas mãos e joelhos, eles sempre o faziam e sempre era Sonia quem puxava Callum com ela.

Uma noite, ela até mesmo exigiu. Suas mãos voaram para trás para agarrar os quadris dele, seu sexo convulsionando, apertando o pau dele, ela deslizou seus joelhos para baixo e o puxou com ela abrindo suas pernas para acomodá-lo entre elas.

Foi a coisa mais excitante que uma fêmea já fez e ele imediatamente sentiu o impulso irresistível de fodê-la novamente. Então ele o fez, apoiando-se em suas mãos, seus quadris movendo-se contra dela, seu estômago contra a cama, suas pernas bem abertas, sua bunda inclinada para cima apenas o suficiente para que ela pudesse tirar tudo dele e seus gemidos e gritos abafados pelo travesseiro.

Foi assim, como sempre foi com Sonia, magnífico.

O que não era nada perto de tudo que ele já teve com uma fêmea humana.

E não fazia nenhum sentido.

Callum, sendo orgulhosamente lobo e Rei, não passava uma grande parte do tempo com os humanos. Ele não os evitava, mas seus deveres, as escaramuças e simplesmente porque ele preferia a companhia de seus irmãos, significava que

ele passava a maior parte de sua vida com lobos. Mesmo assim, se ele sentisse o cheiro ou gostasse do olhar de uma fêmea humana, não hesitaria em tomá-la e até Sonia, ele preferia as lobas e elas constituíram a maior parte de suas parceiras de cama.

Talvez fosse algo humano, mas ele simplesmente não sabia.

E o que Callum não sabia, ele não gostava.

Especialmente quando se tratava de Sonia.

—Callum? — Caleb chamou, capturando a atenção dele, enquanto Callum mantinha seus olhos em Sonia e a viu forçar-se a relaxar.

Ela estava escondendo algo. Seus instintos gritavam isso.

Por isso, talvez não fosse apenas algo que ele não soubesse. Talvez fosse outra coisa totalmente diferente.

—Cinco minutos atrás, você estava envolvido nos braços de sua Rainha. — Observou Ryon, sorrindo enquanto ele se aproximava dos irmãos. —Agora você está de cara amarrada. O que está acontecendo?

Callum olhou para seu primo.

Ryon.

O primo dele, por outro lado, preferia fêmeas humanas a lobas, apesar dele não as evitar. Ele também gostava de passar tempo no mundo humano.

Se fosse algo que Callum não soubesse, Ryon poderia ser capaz de dizer a ele.

Ele começou a abrir a boca, mas pensou melhor quando uma lembrança perfurou sua consciência e seus olhos cortaram toda a sala até o vampiro.

Gregor estava parado perto da árvore de Natal, conversando com um dos vizinhos de Sonia que Callum conheceu e se não incomodou em lembrar seu nome.

Duas semanas e meia atrás, Yuri interrompeu seu afago pós-sexo e quando Callum finalmente o sentiu, sua cabeça se virou para a porta ao mesmo tempo que Sonia. Ele não prestou atenção por razões óbvias, mas olhando para trás, ela pareceu profundamente surpresa que Yuri estivesse ali.

Não apenas porque foi surpreendente e tremendamente rude, que Yuri pudesse interrompê-los, mas também porque ela não o sentiu até o último segundo que era algo, assim como era para Callum, incomum de perder.

E mais tarde Gregor quis ter uma conversa em particular com Callum, uma que Sonia não podia ouvir e não o levou para outra sala.

Ele o levou para uma caminhada e não falou por uma quadra e meia.

Gregor não falou, porque ele precisava de distância para que Sonia não pudesse ouvir.

Callum cortou seus olhos para Ryon e disse. —Eu preciso caminhar.

Ryon moveu a cabeça e estreitou seu olhar.

—Caminhar? — Caleb perguntou e Callum olhou para seu irmão. —Do que você está falando? Estamos na festa de Sonny. Você não pode sair. Isto é importante para ela.

Irritava-o que Caleb chamasse Sonia de “Sonny”, quando ele não a chamava de “irmã”. Irritava-lhe ainda mais que Ryon também fizesse isso — sem o “irmã” . A única que fazia isso e que não o irritava era Regan.

Não havia nenhuma razão para que isto o irritasse, fora o fato de que era uma familiaridade que era recebida com um calor radiante por sua companheira e ela retribuía, tendo caído no hábito de carinhosamente — e adoravelmente chamar Caleb de “irmão” e Ryon de “primo”.

Isto o irritava mais, porque ela não usava nenhum termo carinhoso com Callum, mesmo que ele os usasse frequentemente com ela. A única ternura que ela expressava era “lobo” e apenas quando ele estava transando ou brincando com ela.

Ele olhou bravo para seu irmão e disse. —Diga a Sonia que estarei de volta daqui a pouco.

Caleb abriu a boca, mas Callum balançou a cabeça para Ryon e caminhou diretamente para a entrada, agarrou seu casaco e saiu pela porta.

Ryon estava ao seu lado, dentro de momentos.

Callum não falou durante uma quadra e meia.

—Cal, que porra é essa? — Ryon perguntou com irritação.

—Os vampiros estão escondendo algo. —Callum respondeu.

—O que?

—Sobre Sonia, estão escondendo algo.

—Isso é louco, Cal, não...

Callum parou abruptamente, virou-se para o primo dele e perguntou. —Você se lembra de Miranda?

Miranda era uma loba que tinha, infelizmente, perdido seu companheiro. Foi há séculos, Callum e Ryon mal estavam prontos para uma batalha, muito menos uma batalha desgastante e Ryon, que tinha características em comum ao companheiro de Miranda, foi o seu rebote de luto. Ele não era virgem, mas ela ainda assim o iniciou em muitos aspectos do sexo e o fez minuciosamente. Ela perdeu seu companheiro e ensinou a Ryon tudo o que o companheiro dela fez com ela e Ryon foi um aluno grato e um substituto disposto.

Foi a primeira vez que, tanto ele quanto Ryon, souberam que o instinto de permanecer conectado depois de sexo e dormir era uma característica de um lobo.

—O que ela faz... — Ryon começou.

—Lembra-se de como ela gostava que você dormisse com ela? — Callum o cortou.

A expressão de Ryon mudou, tornou-se maliciosa. Ele sorriu e respondeu. —Eu me lembro de muitas coisas sobre Miranda. Eu ainda a visito de vez em quando.

Perdendo a paciência, Callum resistiu ao impulso de rosnar e puxou a conversa de volta aos trilhos. —Dormir, Ry, não sexo. Você se lembra de como ela gostava de dormir com você? De bruços, com você sobre ela, conectados?

Ryon continuou sorrindo, perdendo o ponto. —Ela ainda gosta disso. Uma das minhas partes favoritas sobre ela, a razão pela qual eu sempre volto.

—Sonia também gosta. — Callum informou-lhe e o sorriso de Ryon morreu. —Ela gosta de um bom e maldito ajuste.

—Você não... — Ryon começou. —Porra, você não... — Ele rosnou e depois disse. —Cal, ela é muito pequena.

—Eu sei disso. — Callum interrompeu. —Não vou entrar em como eu a iniciei nisso, mas ela gosta. Você já fez isso com um ser humano?

—De certo modo, mas nunca dormi assim. — Ryon disse. —Eu iria esmagá-la, porra.

—Alguma vez já pegou uma humana que fizesse sexo tão duro como uma loba? — Callum empurrou.

Ryon balançou levemente a cabeça surpreso com a pergunta e ele respondeu. —Não.

—Nem chegou perto? — Callum pressionou.

—Nem mesmo perto.

—Já fez sexo com uma humana tão duro como você faria com uma loba? — Callum persistiu.

O rosto de Ryon escureceu com raiva. —Por favor me diga...

Callum se aproximou. —Ela quer assim, Ryon. Adora isso. Já conheceu uma humana, em sua vasta experiência, que fizesse sexo assim?

—Isso é impossível, ela nem sequer aguentaria.

—Ela aguenta, Ry. — Callum retrucou. —Ela aguenta tudo isso. — As sobrancelhas de Ryon subiram com esta chocante revelação. —E se não dou a ela, ela implora.

—Jesus. — Ryon respirou, encarando Callum. —Que sorte de merda você teve?

Callum não tinha tempo para compartilhar todos os aspectos de sua sorte em ter Sonia, apenas alguns deles, que tinham a ver com a forma como ela gostava de sexo.

—Este não é o meu ponto.

—Qual é o seu ponto? — Ryon perguntou.

—Não se trata apenas disso, há mais. — Callum informou-lhe. —Ela tem sentidos mais aguçados. Não tão elevados como um vampiro ou um lobo quando se transforma, mas, tanto quanto posso perceber, é perto de um lobo em forma humana.

Ryon não conseguiu esconder a sua reação, recuou sussurrando. —Você está brincando, porra.

—Eu não estou, ela está escondendo isso e os vampiros sabem. Você já experimentou algo assim com uma humana?

—Nunca.

—Percebe? Tem a evidente noção disso, porra? — Callum cortou.

—Não, Cal, absolutamente não.

Callum desviou o olhar. —Porra!

Ele não gostava do que estava pensando, mas não podia evitar pensar nisso, principalmente porque era a única coisa que fazia sentido.

Callum decidiu dar a Sonia o seu Natal antes que ele lançasse sua ofensiva para conter a rebelião.

Ele fez isso por duas razões.

Uma, ele e seus homens fizeram um esforço significativo para esconder a extensão de sua inteligência, algo que Calder assumiu coletar — e fazendo um ótimo trabalho, como sempre — dos líderes rebeldes. A rebelião pensava que eles ainda estavam colhendo informações e planejando sua ofensiva. Eles

não tinham ideia de que o ataque de Callum estava por vir. Eles não tinham ideia do quanto Callum sabia e, portanto, tinha a ação por completo, como planejou. Eles não tinham ideia que Callum sabia que eles ainda estavam se reunindo e planejando o ataque para depois do ano novo. Foda-se, até Nikolas, um dos chefes deles, Callum pediu para escoltar sua Rainha e sua mãe ao shopping — sob a constante e secreta guarda, de quatro outros lobos que seguiram todos os seus movimentos —a fim de esconder seu conhecimento sobre a profundidade de sua infiltração. Callum passou tempo apreciando seu Natal com sua nova companheira, assim os faria achar que ele perdeu o foco ou não os levaria a sério e sim, ele esperava, dar-lhes uma sensação de segurança.

E dois, Sonia adorava o Natal e Callum queria que Sonia tivesse seu Natal.

Agora era a noite antes da véspera de Natal. Eles iriam se mover sobre a rebelião no Boxing Day⁵.

Havia muito em sua mente, incluindo o fato de que os rebeldes lutariam sujo e as perdas, de ambos os lados, provavelmente seriam altas.

Ele não precisava dessa merda agora.

Os olhos dele voltaram para Ryon.

⁵ *Boxing Day* é o termo utilizado em vários países anglófonos para designar um tradicional feriado secular comemorado no dia seguinte do dia de Natal, exceto quando 26 cai em um fim de semana, sendo o *Boxing Day* adiado para segunda-feira. Esse dia é comemorado, porque em tempos longínquos, patrões e senhores presenteavam seus trabalhadores no dia seguinte ao dia de Natal. Utilizava-se então uma caixa (Christmas Box) com as ofertas. A origem do nome - Boxing Day - vem daí

—No momento em que esta merda de rebelião acabar, quero que você, pessoalmente, sem que ninguém saiba, investigue a doença de Sonia. Eu quero saber o que é. Eu quero saber a incidência. Quero saber o que ela faz ao seu corpo. E quero saber exatamente o que tem naquela porra de injeção, como funciona e há quanto tempo ela está tomando isso. Se você tiver que torturar o médico dela, faça-o, mas me dê o que eu quero.

—Você não acha que Sonny... — Ryon começou e levou tudo que Callum tinha para recuar a vontade de atacar Ryon por sequer pensar o que ele iria dizer, muito menos dizê-lo.

—De jeito nenhum. — Callum disse entre dentes. —Todas as noites, eu lhe digo que é hora de tomar a injeção e todas as noites vejo os olhos dela ficarem inexpressivos. Os olhos de Sonia nunca ficam sem expressão, mas para ocultar sua aflição, sua agonia todas as noites, eles ficam... inexpressivos... porra. E todas as noites aplico aquela injeção e todas as noites é como se ela estivesse morrendo em meus braços e não de uma forma tranquila, passando pelo véu, mas de um jeito torturado, agonizante. Nunca vi nada assim na minha vida. É horrível. Ela não faria isso a si mesma se não precisasse, ninguém o faria.

—Então o que você está pensando? — Ryon perguntou.

—Ela não faria isso a si mesma. — Explicou Callum. — Mas um maldito vampiro faria isso com ela.

O rosto de Ryon endureceu, pois ele sabia que era verdade.

Os vampiros podiam ser cruéis.

—Eu não sei qual é o jogo deles ou mesmo se estão jogando. Mas, se a profecia acontecer da maneira como foi predita, então... — Callum afirmou.

Ryon o interrompeu. —Vou investigar. Não tire conclusões antes de sabermos.

Callum era um lobo de sorte em muitos aspectos, não apenas por ter Sonia, mas também por ter um pai sábio, uma mãe amorosa, irmãos leais e Ryon, muito mais calmo e equilibrado do que Callum, como seu conselheiro e amigo.

Ryon chegou mais perto. —Lassiter queria sua filha criada por eles, em vez de nós e sabia por quê. Mac concordou e fez o acordo. E Cal, você sabe, Mac não era tolo.

Callum desviou o olhar, levantou a mão para o pescoço e deu um aperto.

Seu pai era tudo, menos tolo.

Em seguida, ocorreu-lhe.

Callum abaixou o braço e olhou para seu primo. —Você se lembra da conversa que tive com Gregor sobre a qual lhe falei?

—A informação sobre Lucien? — Ryon perguntou.

A boca de Callum endureceu com lembrança e grunhiu. — E o resto.

Ryon assentiu com a cabeça. —Eu me lembro.

—Gregor não quer perdê-la, pensa nela como uma filha ou pelo menos, ele queria que eu acreditasse nisso, foi muito convincente. Talvez esta injeção não seja para uma doença mortal. Talvez não seja por algum motivo nefasto, fazendo... seja o que for, a Sonia, minha rainha, é uma traição contra a aliança. Talvez seja vampírico. Talvez eles tenham inventado algo que irá prolongar a vida dela.

—Saliva de vampiro é muito poderosa, mas isso não aumenta os sentidos. — Ryon comentou.

—E os seres humanos não reagem a saliva de vampiro como Sonia reage a essa injeção. Eles não estão injetando isso nela, é outra coisa. Lobos não precisam de medicamentos e eu não posso dizer que tenho muita experiência em testemunhar seres humanos tomando medicamentos, mas não consigo imaginar que seus medicamentos regularmente causam esses tipos de reações. —O olhar de Callum ficou intenso em seu primo. —Quando eu digo que é ruim, Ryon, quero dizer que é ruim.

Ryon piscou os olhos rapidamente antes de seus pensamentos voltarem e ele suavizar. —Pobre Sonny.

Isto foi dito com sentimento, muito sentimento. Mais do que seria oferecido à Rainha de Ryon, até mesmo por um membro da sua família. Callum novamente se questionou sobre isso, ao mesmo tempo, não gostou.

No entanto, ele teria uma conversa com seu primo mais tarde, depois que todos os seus problemas estivessem ordenados.

—No minuto em que lidarmos com esta maldita situação no território de Mona, levarei Sonia para a Escócia. — Ele anunciou.

—É claro.

—Eu quero todo o tempo que ela passar com Gregor ou Yuri ou qualquer vampiro, monitorado. —Callum ordenou.

—Será feito.

Em seguida, Callum disse o que tinha a dizer para que ele pudesse deixar passar e não se transformar em lobo e não rasgar Gregor e Yuri em pedaços no minuto que voltasse para a casa de Sonia. Isto causaria um incidente mortal que poderia inclinar a balança da profecia muito mais cedo do que o esperado.

—Se descobrir que eles estão fazendo algo com ela, enganando-a para fazer isso a si mesma por trinta e um anos, eu juro, Ry....

Ryon o cortou mais uma vez, afirmando feroz. —Você terá meus dentes nas costas deles.

Prenderam seus olhares por um longo momento, Callum, tentando decidir se a declaração leal de Ryon era para seu benefício ou de Sonia.

Então Callum deixou passar e assentiu com a cabeça.

—Foda-se, quem me dera eu pudesse correr. — Ele murmurou um modo quase ríspido, voltando para casa de Sonia. — Já passei muito tempo nesta cidade maldita.

—Você estará em casa logo. — Ryon respondeu, andando ao lado dele. —E quando você for, estará levando sua Rainha.

Pelo menos era algo para olhar para frente, tanto que, Callum olhou para seu primo e sorriu.

Ryon voltou seu sorriso e parou de andar. Callum parou com ele.

—Falando de sua Rainha... — Ryon começou e parou.

Callum automaticamente se preparou.

Ryon o observou por um momento antes de perguntar. — Está tudo bem com vocês dois?

Callum relaxou e sorriu antes de afirmar. —Perfeito.

E eles estavam perfeitos. Não apenas o sexo entre eles, o que acontecia tão frequentemente quanto ele podia controlar e Sonia sempre recebia com avidez, mas tudo o que eles tinham estava perfeito.

Instalaram-se em um ritmo de vida que agradava muitíssimo a Callum.

Ele permitia que ela fosse para a Claro por duas ou três horas por dia, mas a mantinha perto qualquer outra hora. Principalmente em seu colo, gostava dela perto, gostava

do cheiro dela. O som de sua respiração firme. A visão de seu perfil elegante, se ele apenas virasse o pescoço para olhar para ela. Sua doce bunda confortavelmente em seu colo, sua corrente dentro do alcance, então ele poderia brincar com o pingente que ela tanto amava e ele podia ter a lembrança física do vínculo deles entre seus dedos.

Ela não se importava, resolveu isso internamente muito bem, na verdade. Como sua recompensa, ele muitas vezes permitia que ela fizesse as coisas ao redor da casa ou fosse às compras com a mãe dele ou se eles estivessem na mansão, vagar livremente, então ela podia conversar e conhecer seus lobos. Este último, ele notou, como Sonia era muito sociável e doce, ela encantou muitos deles como Callum sabia que seria.

Ela muitas vezes enrijecia e o informava o que lhe desagradou — ou não, dependendo — mas ela era Sonia. Esse era seu jeito.

Não lutavam como fizeram no começo. Ela claramente aceitou seu destino, na verdade, ela o abraçou.

As sobrancelhas de Ryon subiram, tirando Callum de seus pensamentos quando ele perguntou. —Você tem certeza?

Callum virou totalmente para Ryon e exigiu. —Onde você quer chegar?

Ryon soltou um suspiro e observou. —Independentemente de suas habilidades elevadas, ela ainda é humana.

—Sim, Ry, ela ainda é humana. — Callum comentou com uma esticada paciência.

—E fêmeas humanas não são como lobas.

—Não, elas não são. — Sonia, Callum pensou, em muitos aspectos, era muito parecida.

—Cal. —Ryon prosseguiu paciente. — O nosso é um mundo totalmente diferente para ela. Uma cultura diferente, tudo isso, mas principalmente a forma como o macho é com sua companheira, o que ele espera dela. Tenho observado Sonia, ela concordou rapidamente, muito rapidamente. É estranho para um ser humano e me deixa desconfortável.

Callum sentiu seu estomago se apertar. —O que me incomoda é você observá-la.

O corpo de Ryon ficou visivelmente rígido e sua voz um fio de raiva com a afronta quando ele sussurrou. —Você me insulta, meu Rei.

Callum estudou seu primo, em seguida, o lembrou. —Ela é minha companheira.

—Entendido. — Ryon respondeu. —Mais do que provavelmente você saiba.

—O que isso significa?

—Isso significa que nós crescemos juntos, mais próximos do que irmãos e eu quis isso para você por mais de trezentos anos. — Ryon encurtou. —E eu não quero que estrague tudo.

De repente zangado com a implicação indesejada e insondável de Ryon, Callum inclinou-se e declarou. —Eu sou não estou ferrando tudo.

Ryon respirou fundo, irritado e explicou. —Cal, lobas não escondem suas emoções. Você sabe onde está. Estão irritadas, elas vêm até você. Sentem tesão, saltam em você. Precisam de carinho, elas se aninham em você. Querem alguma coisa, elas pedem e você lhes dá. Fêmeas humanas não são assim. Elas se comunicam em um tipo de... um tipo de... — Ele hesitou antes de encaixar a palavra. —Código que só elas entendem. Metade do tempo, você nunca terá qualquer ideia do que se passa em suas cabeças. As mentes das fêmeas humanas são como a resposta para o sentido da vida, impossível de decifrar.

—Sonia não tem problemas em compartilhar o que está na sua mente. — Callum informou ao seu primo, se perguntando, não pela primeira vez, se isso era verdade, porque Ryon incomodava-se com os humanos.

—Você pode achar isso, mas, com uma fêmea humana, você nunca saberá com certeza. —Ryon retrucou.

—Isso é ridículo. — Callum zombou, porque isso certamente era.

—Isso é humano. — Ryon retrucou. —Eu sei que você ainda não a informou sobre o lobo interior, o que eu entendo e sabe eu concordo que ela deveria estar no seio do nosso povo,

quando esse conhecimento for compartilhado. Mas, você já a está instruindo?

—Em que?

—Em tudo. — Respondeu Ryon. —Jesus, Cal, é como se mudar para um novo país, mas sem alterar a localização física. Tudo é diferente. Nossas tradições, traços da nossa personalidade, nosso comportamento. — Ele jogou o braço na direção da casa de Sonia. —Essa festa, por exemplo. Isso não é uma festa de lobo e tão encantadora como a roupa dela seja, não é assim que os lobos se vestem. — Ele se aproximou de Callum e abaixou sua voz. —Tudo o que somos, ela precisa saber. Ela pode estar experimentando coisas que a estão confundindo, mesmo a alarmando, e que nunca deixará transparecer. Ela simplesmente pode deixá-las acumular e acumular até que ambos explodam ou se transformem em ressentimento contra você, contra o nosso povo, contra a sua nova vida. Mesmo a mais pequena coisa, Callum, ela pode não entender. As fêmeas humanas precisam de comunicação, muita. É chato para caralho, mas, acredite, é melhor dar-lhe, do que sofrer as consequências.

Callum olhou para o seu primo, não gostou — intensamente — do que ele ouviu, mas também era inteligente o suficiente para saber que Ryon sabia o que estava falando. Ele passou muito tempo na companhia de fêmeas humanas,

enquanto Callum tomava o que queria e seguia em frente. Ele nunca jogou os jogos delas, mas ele sabia que elas tinham.

E além disso, esta conversa e a orientação de Ryon, percorreu um longo caminho para dissipar sua inquietação com a atenção de Ryon por sua companheira.

—Maldição. — Callum finalmente murmurou depois cedeu. — Conversarei com ela.

—Inteligente. — Ryon assentiu com a cabeça.

Callum suspirou com a adição de mais um problema à lista que ele teria que resolver.

Então eles andaram juntos para casa de Sonia.

Depois deles tirarem seus casacos, Ryon caminhou instantaneamente até Caleb, enquanto Callum foi para Sonia. Ela estava em pé entre um grupo de amigos, ouvindo e sorrindo e ele se aproximou dela por trás.

Ele sabia que ela sabia que ele estava lá porque viu, quase imperceptivelmente, mas estava lá, que o corpo dela ficou tenso antes que ele nem mesmo estivesse perto. Compreendia isso agora, provavelmente notaria essas ações muito mais e começaria a catalogá-las.

Ele usou seu sorriso destinado a seus amigos para esconder sua agitação, chegou nela por trás e deslizou um braço em volta de sua cintura, colocando a boca na orelha dela.

—Está na hora da sua injeção, pequena. — Ele murmurou em um tom que apenas Sonia podia ouvir.

Ele ficou satisfeito, por não poder ver os olhos dela, mesmo que ele sentisse seu tenso corpo. Noite após noite, ver os olhos dela ficarem sem expressão, era como morrer um pouco.

Ela virou-se para ele, seu olhar em seu ombro e acenou com a cabeça, murmurando suas desculpas enquanto ele a levava embora, subindo as escadas, para o banheiro.

Ela esperou obedientemente enquanto ele carregava a seringa.

Quando estava pronto, ela virou as costas para ele, um dos braços dele deslizou ao redor do estômago dela e ele instruiu suavemente. —Levante sua saia para mim, pequena.

Ela a levantou até os quadris, conforme o fazia, expôs uma sexy calcinha de renda branca, que ele disse para ir comprar com sua mãe — cerca de um segundo depois dele juntar suas roupas íntimas pouco atraentes e jogar no lixo. Ela também estava usando meias de renda 7/8.

Independentemente de sua tarefa, ele sentiu seu pau endurecer com a visão.

Rapidamente, para não prolongar a sua apreensão, ele aplicou a injeção.

De frente para a pia, no momento em que a toxina entrou no corpo dela, ambas suas mãos voaram para agarrar a pia e

sua cabeça abaixou. Ela puxou uma respiração torturada e seu belo rosto se torceu com o sofrimento. Callum deixou cair a seringa na pia, puxou a saia para baixo e envolveu seus braços ao redor dela, tentando tirar os olhos do espelho que expunha sua dor e fracasso.

Seu corpo absorveu o torturado estremecimento que rasgava seu caminho através dela até ela inconscientemente respirar de forma calma, enquanto a dor lentamente se extinguia.

Quando acabou, ela ergueu a cabeça até descansá-la em seu ombro, sua bochecha contra a dele. Ele abaixou o queixo até ela e suas mãos deslizaram ao longo de seus antebraços até que os braços dela estivessem cruzados e os dedos seguravam seus pulsos.

—Ainda sinto isso no meu cabelo. — Ela sussurrou, o fantasma da dor veio na voz dela e o couro cabeludo de Callum picou desagradavelmente em ouvir a abrangência da dor de sua companheira.

Ele enterrou o rosto no pescoço dela.

—Pequena. — Ele murmurou, não havendo mais nada que pudesse fazer.

E ele odiava a sensação de impotência que era cravada nele, noite após noite.

Seus dedos se apertaram em seus pulsos e ela disse suavemente, — Acabou, Callum.

Não terminou. Isso aconteceria na noite seguinte e na noite depois dessa.

Se fosse realmente uma doença, isso aconteceria até que ele estivesse ao lado dela em seu funeral.

Ele não respondeu, apenas apertou seus braços, puxando-a mais perto.

—Nós temos convidados. — Ela o lembrou.

Ele tomou uma respiração pelo nariz, seu cheiro já estava de volta, intensificando e seu corpo relaxou com o cheiro e ela lembrando-o do fato que eles tinham convidados.

Ela não disse “eu”, mas “nós”.

Callum gostava disso.

Ele assentiu e levantou a cabeça, seus olhos capturaram os dela no espelho onde ela, que passou por isso, deu a ele, que apenas testemunhou, um sorriso tranquilizador.

Em seguida ele ficou segurando-a, enquanto ela passava batom e reorganizava desnecessariamente o cabelo espesso e bonito.

Então levou-a para baixo e ficou ao lado dela enquanto entretinha todos, tendo perdido seu divertimento da noite e como continuou perdendo a paciência, à medida que crescia sua necessidade por dela.

Ela, no entanto, continuou a apreciá-la e esta era a única razão para Callum poder suportar tudo.

Já era tarde. O bufê levou suas coisas, deixando a casa arrumada, mas Sonia ainda vagava. Encontrando um guardanapo descartado aqui, os restos de papel de embrulho ali e jogava-os fora enquanto Callum fechava a casa para a noite.

Quando ele subiu as escadas, ele a levou até ao banheiro, decidindo que lhe daria uma melhor lembrança do espaço que se tornou, para ele, como tinha que ser para ela, temido.

No começo ela ficou confusa e hesitante mas derreteu, como sempre, quando ele delicadamente colocou suas mãos na pia, ordenou-lhe mantê-las ali e puxou sua saia. Ele puxou para baixo a calcinha dela e ela pisou fora dela, antes que ordenasse que ela abrisse as pernas. Ele viu, refletido no espelho, o rosto dela tornar-se pelo desejo e sua necessidade por ela aprofundou-se, antes dela fazer como foi informada e, ao mesmo tempo, como sua recompensa, ele deslizou sua mão entre suas pernas por trás, dando a ela o que desejava.

Callum observou-a no espelho pensando distraído, que gostava do que viu e teria que ter um quarto com painéis de espelhos em seu castelo na Escócia. A visão de sua crescente excitação, apagando o antes doloroso, quando ele a levou ao orgasmo com os dedos. Então, enquanto ela ainda estava gemendo sua liberação desinibida, observou como entrava e a fodia, a saia agrupada em seus quadris, sua doce bunda voluntariamente, inclinando-se para tirar tudo dele. E ele

continuou observando enquanto a levou ao orgasmo novamente, momentos antes dele ter o seu próprio.

Em seguida, mantendo Sonia empalada em seu pau, ele olhou no espelho, seus olhos estreitos, observando-o, fazendo o mesmo, enquanto ele lentamente a despia, descobrindo seu lindo e pequeno corpo, ainda intimamente ligado ao dele. Uma vez que ficou nua contra ele, ele tomou seu tempo, passando suas mãos ao longo da pele de seu estomago, sua cintura e até os seios dela enquanto ele e Sônia viam a trilha das mãos dele e enquanto ele, sozinho, sentia seu sexo estremecer ao redor de seu pênis em resposta às suas carícias. E ele a abraçou, seus antebraços cruzados, suas mãos cobrindo seus seios, seus polegares preguiçosamente acariciando seus mamilos, seu pau ainda duro e enterrado até a raiz, enquanto ele memorizava o olhar deles juntos. O cheiro de suas essências misturadas. A bela sensação e a visão de tudo o que era ela.

Ela torceu o pescoço e com os lábios contra sua pele, ele viu no espelho quando ela sussurrou. —Como você fica tão duro por tanto tempo?

—Incentivo sensorial. — Respondeu ele suavemente — e era verdade.

Ela emitiu um vibrante suspiro.

Ele sorriu.

Então ele puxou seu pau, virou-a, sentou-a na pia e preguiçosamente tirou os sapatos dela e deslizou suas meias.

Então a levou para a cama, sua doce pequena Sonia, tirou a roupa, se juntou a ela e puxou-a perto, de conchinha, seu rosto no cabelo dela, sua aconchegante bunda em sua virilha, seu corpo pressionado ao dela.

Sua voz era suave, quando ele perguntou.

—Você teve uma boa noite, minha pequena?

—Sim. — Ela sussurrou sonolenta, hesitou e perguntou.
—E você?

—Sim. — Ele respondeu e seus braços deram-lhe um aperto. —Eu gostei mais da forma como terminou.

—Imagino. — Ela murmurou segundos antes de adormecer.

Ele deveria se sentir contente, mas estes eram seus piores momentos. No escuro, Sonia perto, o corpo dela relaxado nos braços dele. Estes eram os momentos que ele sabia que iria sentir mais saudades quando ela partisse.

Ele não se revoltava contra o envelhecimento, o aparecimento de rugas, seu lindo cabelo ficando branco.

Ele se revoltava por saber que um dia, ela partiria.

Como todas as noites, desde a reivindicação, o Rei Callum adormecia com sua Rainha, obrigando-se a chegar a um inquieto acordo com este vil conhecimento de seu futuro.



Capítulo

14

Natal

O corpo de Sonia estava preso entre o encosto do sofá, muito mais confortável em sua sala de TV no andar de cima e todo o corpo de Callum. Sua cabeça estava descansando em seu peito. O braço dela ao redor do estômago dele. Seu olhar estava na televisão.

Nesta posição, bem tarde na véspera de Natal, o Rei Callum assistia o filme *White Christmas* pela primeira vez.

Os restos de suas refeições estavam sobre a mesa na frente deles, algo que, para sua surpresa, foi ideia de Sonia.

Uma das coisas que ela nunca escondeu desde que se conheceram foi sua aversão à dieta dos lobos. Mas naquela manhã, quando ele perguntou como ela tradicionalmente passava a véspera e dia de Natal, ela lhe disse em uma tentativa, quase, para sua surpresa — azar — de maneira tímida, que ambos os dias eram os únicos dias do ano onde ela

comia o que queria, quanto ela queria e não se preocupava com isso.

Callum escondeu a irritação que sentiu com estas palavras, uma irritação que sentia por três razões.

Primeiro, ela ficou tímida ao relatar esta informação para ele. Por que razão Sonia ficaria envergonhada, considerando que eles eram companheiros, ela foi reivindicada, passou a maior parte de seus dias em seu colo e todas as noites cheia de seu pau, ele não poderia imaginar.

Em segundo lugar, porque sua timidez fez com que ele entendesse que nunca se preocupou em perguntar-lhe alguma coisa sobre si mesma, o que ela gostava, não gostava, o que ela gostava de fazer, o que não fazia. Então, imaginava que não seria estranho que ela se sentisse tímida, porque estava sendo convidada a compartilhar sobre si mesma, o que era novo. Pelo menos era ao fazê-lo com ele.

Ela precisava se encaixar em sua vida, isso era verdade. Mas também era uma parte importante dele. Ele tinha muito em que pensar, mas, independente de ter sido acidental, a extensão da sua insensibilidade o sacudiu. Além disso, ele se perguntou, como Ryon sugeriu, se sob a superfície da aceitação de seu destino com Sonia, outra coisa se escondia.

Por último, porque ela controlava tão rigidamente sua alimentação, isso era um dos seus traços humanos que ele mais odiava e que mudaria isto na vida dela depois dos feriados.

Lobos não contavam calorias e não eram obsessivamente organizados como Sonia também era. Contraditório para os seres humanos, mesmo que a vida de um lobo pudesse durar a eternidade, eles não a desperdiçavam com coisas triviais. Eles a viviam em sua plenitude, todos os dias desfrutando do que a vida tinha para oferecer e nunca perdendo tempo com coisas pequenas.

Enquanto na cama naquela manhã, com os olhos cravados em seu peito, seus dedos distraídos acariciando seus pelos, ela explicou — enquanto ele escondia seu descontentamento e, mais tarde, agitação — que na véspera de Natal, ela relaxava, lia um livro, assistia filmes e comia tudo o que queria. Na manhã de Natal, ela abria seus presentes que por alguma razão mantinha intactos e que não compartilhou, sob sua árvore no andar de cima. Então ia para a casa de Gregor à tarde e tinha um jantar no final da tarde com ele e Yuri antes de voltar para casa.

Esta notícia era, Callum pensou, de alguma forma sombria. Embora ela relatasse isso de uma forma que parecia simples, não mudava o fato de que a maior parte de seu amado feriado ela passava sozinha e nada disso, na sua maneira de pensar, soava muito divertido.

Esta também não era a maneira de um lobo, nunca, mas definitivamente, não no Natal.

E Callum determinou, observando os olhos dela seguirem seus dedos, mesmo se sua Rainha tivesse passado seus Natais sozinha, ela não mais os passaria dessa forma.

A partir daquele dia, eles seriam muito diferentes.

E Callum resolveu fazer algo sobre isso.

Quando ela terminou de falar, ele virou-se para ela e fizeram amor. Ele o fez lentamente, tomando seu tempo, aumentando o desejo e quando seus gemidos viraram suplicas ele a saciou. Depois, ainda envolto em seu corpo, seus corpos conectados, ele levou o tempo que raramente tinha — porque raramente tinha — para mimá-la. Suas mãos flutuando preguiçosamente na pele dela. Seu nariz absorvendo o cheiro dela. Seus lábios se arrastando em seu pescoço, orelha, rosto e, enquanto fazia isso, os braços dela se apertavam ao redor dele, protetoramente, amorosamente e ele grunhiu sua aprovação contra a pele dela.

Depois que saíram da cama, ela fez café da manhã para eles e depois foram para o banho. Quando ela estava se vestindo e fazendo qualquer outra coisa que fazia enquanto se preparava para o seu dia, ele fez ligações, fazendo arranjos e buscando informações.

Quando ela desceu as escadas vestida com uma camiseta de manga longa e jeans, ele a mandou de volta para vestir uma roupa mais quente.

Sem reclamar, ela fez como lhe disse.

Então ele a levou para uma loja de artigos esportivos e comprou o que eles precisavam.

Em seguida pegou um trenó para ela.

Ela ficou chocada com isso, ao ponto de não falar.

Mas uma vez que eles atingiram a colina lotada de pessoas com trenós e ela estava entre as crianças e os pais com seus próprios trenós, jogou-se com abandono.

Callum ficou no topo da colina observando-a desafiar as crianças que sempre aceitavam o desafio e em seguida desciam a colina, sempre deixando-os ganhar. Ele caminhou para baixo e arrastou o trenó de volta para ela, Sonia subiu ao seu lado, o braço dele ao redor de seus ombros, os dela levemente em volta da cintura dele, enquanto ela alternava estrondosas e animadas repetições entre seus novos amigos. Ela encontrava seu próximo alvo e desafiava outra criança e descia novamente, rindo todo o caminho.

Jurava por Deus, se ele não a conhecesse, observando sua descarada alegria, ele poderia jurar que ela era uma loba.

Depois que ela ficou exausta, ele a levou para uma lanchonete e eles se sentaram do lado de fora, Sonia no colo dele. Enquanto estavam sentados, as crianças riam deles e homens e mulheres, escondidos, olhavam na direção deles — alguns com curiosidade, mas a maioria, ele observou, tanto homens como mulheres, com inveja — enquanto eles bebiam chocolate quente.

Em seguida, ele a levou para casa, ela o desafiou para um jogo de tabuleiro que eles jogaram sentados no chão em sua sala de estar, aquecidos por uma lareira que ele acendeu. Eles jogaram enquanto comeram um almoço atrasado e ele ganhou dela tranquilamente, ao que ela fez beicinho, magnificamente, então ele deu-lhe outra chance e ela jogou e perdeu novamente. Mas ele de propósito não o fez de forma tão decisiva na segunda vez.

Então ela evitou o jantar, preparando um banquete de lanches não saudáveis que ele aprovou completamente. Enquanto Sonia fazia isso, Callum verificava na garagem se Regan conseguiu os seus pedidos e como sempre, considerando que compras estava envolvida, sua mãe realizou sua missão admiravelmente. Eles levaram a comida para cima, que primeiro mordiscaram vorazmente, enquanto Sonia assistia pela primeira vez, Elf, outro filme que ele também não assistiu, pois muitas vezes não perdia tempo sentado assistindo filmes humanos, então, viu apenas partes dele.

E finalmente, quando estava ficando tarde da noite, Sonia lançou-se no filme, ela explicou-lhe que todos os anos na véspera de Natal o último que ela assistia era, White Christmas.

Elf, Callum achou, era tremendamente engraçado. Scrooged também foi engraçado e esperto, mas ele achou White Christmas melhor. Era bem-humorado, doce, tinha uma profundidade de emoção, para não mencionar o

homem chamado Bing que conseguia cantar para caralho e o chalé que eles estavam na maior parte do filme lembrou-o de casa.

Perto do final do filme, ele sentiu o corpo dela ficar tenso e viu sua mão ao redor dele em punho enquanto ela a levava para a boca. Ele levantou a cabeça para ver que ela estava chorando em silêncio, tendo problemas em conter os soluços em uma cena que ela assistiu dezenas de vezes antes, mas, obviamente, ela nunca deixava de se comover.

Ele encontrou naquele momento, Sonia aninhada nele na véspera de Natal chorando silenciosamente contra seu peito, de alguma forma comovente e certo, então determinou que era uma outra nova tradição e ele teria todos os anos. Sem dizer uma palavra, ele levantou uma mão para embalar seu rosto, arrastando seu polegar através de suas lágrimas, enquanto ele assistia os soldados do general, declarando sua lealdade incessante e pensava que o fim do White Christmas era realmente bom.

Ele usou o controle remoto para desligar a televisão quando chegou ao fim e Sonia imediatamente moveu-se para sair do sofá.

Seu braço apertou, mantendo-a onde ela estava.

—Querida, onde você vai?

Ela recostou para olhar para ele.

—Bem... — Ela começou, em seguida, por algum motivo olhou para além de sua orelha no braço do sofá onde sua cabeça estava descansando. —Depois de White Christmas, eu limpo a bagunça e vou para a cama.

Callum virou a cabeça, os olhos dele foram para o relógio no leitor de DVD e ele viu que era 11:45.

Quase Natal.

E ele escolheu uma outra nova tradição.

Seu outro braço a circulou e ele puxou-a até o peito dele, então estavam olho no olho.

—Por que você assiste White Christmas por último todos os anos?

Ela tomou uma trêmula respiração, algo que fazia muitas vezes, algo que ele gostava porque sempre indicava que ela estava sentindo algo profundo e ele gostava do fato de sua Rainha sentir profundamente.

Em seguida, ela respondeu. —Porque eu assistia com os meus pais todos os anos. Eles adoravam. — Ela engoliu, parecendo nervosa e incerta e olhou em seus olhos como se tentasse ler o que estava diferente. Ela era uma fêmea humana que, de acordo com Ryon, comunicava-se em código. Ele era lobo e, portanto, com sua companheira, pelo menos, um livro aberto. Ela deve ter achado o que estava procurando pois continuou. —Se eu o assistir, significa que antes de ir para a

cama na noite de Natal, me lembrarei deles. Estão na minha mente, que é a única maneira de sempre realmente tê-los.

Tendo perdido Mac e Calvin, compreendia o seu sentido de luto e na esperança de aliviar sua dor, como ela fez com ele, sua mão foi para seu pescoço, os dedos dele deslizaram no cabelo dela e puxou seu rosto para baixo para tocar seus lábios com os dele.

Ela relaxou nos braços dele e ele decidiu, sem nenhuma sensação de triunfo, que foi bem-sucedido em seu esforço.

Ele deslizou suas costas para baixo contra o corpo, com o braço sobre ela e colocou seu rosto contra o peito dele com a outra mão.

Então ele perguntou. —Você gostaria de saber como meu povo passa o Natal?

Ela não respondeu no início, apenas respirou suave, surpresa e ele amaldiçoou a si mesmo novamente por sua insensibilidade, porque Ryon estava certo. Ela precisava de informações sobre a cultura na qual viveria pelo resto de seus dias e a não precisava saber por ser de repente confrontada com isso em toda a sua, para ela, peculiaridade.

Quando ela não respondeu, ele perguntou. —Pequena?

Ela assentiu com a cabeça contra seu peito.

Seus dedos ficaram tensos no cabelo dela, depois relaxaram e os deslizou através dele, novamente e novamente, acariciando-a enquanto ele falava.

—Começamos em primeiro de dezembro com as festas. Todo mundo faz uma. É como uma guerra para ter a melhor festa para que assim as pessoas queiram ir para a sua. Todos os dias há uma para participar, às vezes você participa de duas ou mesmo três. Elas não são como a sua. São um pouco mais barulhentas, um pouco mais selvagens e meu povo não as fazem somente à noite, eles gostam de festejar a qualquer hora. Eles as tem durante o dia também. Enormes almoços com tanta comida, que você precisa de uma soneca depois. Cafés da manhã completos, que sempre levam eventualmente a idas ao pub e então, ainda mais tarde, cambaleiam para casa altamente embriagados enquanto cantam canções de Natal.

Ele ouviu uma surpresa risadinha escapar de sua garganta, soando estrangulada e percebeu que nunca, nenhuma vez em mais de três semanas, a fez rir.

Nenhuma única vez.

Maldição, mas ele esteve enterrado tão profundamente com todo o resto, que com sua companheira, foi um bastardo insensível.

Ela inclinou a cabeça para trás e os olhos dela estavam iluminados quando ela perguntou. —Você cambaleia para casa bêbado cantando canções natalinas?

Ele sorriu para ela, encantado mais do que o habitual por sua Rainha no momento em que os olhos dela ficaram iluminados e admitiu. —Este é um fato conhecido.

Ela pressionou seus lábios juntos..., mas ele sentiu seu corpo tremer de tanto rir.

—O meu povo gosta de cantar. — Ele informou-a suavemente. —Eles gostam mais quando estão bêbados.

Ela riu e abaixou a testa contra o peito dele.

Havia muitas coisas que experimentou com Sonia nas últimas três semanas que Callum passou a amar.

Mas nada era melhor do que sentir o corpo de Sonia balançando com risadas, o som estrondoso no peito dele, enquanto ela estava em seus braços.

Ela eventualmente voltou a engolir sua risadinha, levantou a cabeça e incentivou. —Continue.

A mão dele desceu até o pescoço dela e seu polegar acariciou a parte inferior do maxilar enquanto ele continuava. —Na véspera do Natal passamos, por tradição, na casa de um membro da família. Você chega no café da manhã e fica até cair a escuridão.

—Você tem muitos membros na família? — Ela perguntou.

Ele não queria assustá-la com os números reais então, respondeu. —Alguns, mais do que participaram de sua festa ontem à noite.

Os olhos dela se arregalaram e ela respirou. —Isso é muito tempo para ter muitas pessoas ao seu redor, especialmente se tiver que alimentá-los.

—No final da noite, antes que alguém vá para casa, é também tradição que as mulheres lutem sobre quem será a anfitriã no próximo ano. — Ele sorriu para ela. —Às vezes, fica cruel.

Ela sorriu de volta, sem saber que o que ele disse era literal.

Lobas podiam se transformar e o faziam, muitas vezes, principalmente para correr com seus companheiros. Havia algumas determinadas — em outras palavras, algumas companheiras gostavam de correr e fazer muito sexo — que eram guerreiras e boas.

No entanto, a maioria das outras vezes, lobas ficavam em forma humana.

A menos que elas estivessem lutando embriagadas, assim, tinham muito menos controle de transformação, sobre quem iria organizar a véspera do Natal.

Sangue era derramado na maioria das vezes.

Callum decidiu não compartilhar isso com Sonia.

Em vez disso, ele disse.

—Durante o dia, as mulheres cozinham, conversam e jogam cartas na mesa da cozinha.

Ela revirou os olhos e murmurou.

—Claro que sim.

Ele levantou a cabeça e tocou sua boca até que ele viu os olhos dela revirarem, então ele se sentou e continuou.

—Os machos tem um torneio de rugby ou algum tipo de esporte ao ar livre. — Ele sorriu e informou-a. —Quanto mais brutal, melhor.

—Não é de surpreender. — Ela observou, sem rancor. — Intenso, como todo o resto, mesmo na véspera de Natal.

O polegar dele deslizou sobre seu lábio inferior, porque queria, não para impedi-la de falar, mas ela parou e ele começou novamente.

—Todos se reúnem para uma festa à noite, geralmente ficando bêbados novamente, então temos jogos de grupo que praticamente terminam em pandemônio. As mulheres brigam para ver quem vai sediar no próximo ano e depois todo mundo vai para casa.

—Exceto o dia todo cozinhando e a batalha viciosa que termina a noite, parece divertido. — Ela brincou, seus lábios dando a dica de um sorriso.

—Ê. —Ele respondeu com sinceridade. —A família é muito importante. É por isso que encontrar sua companheira é fundamental para nossa existência. — Sua voz ficou mais baixa e o braço dele ficou mais apertado. —Isso anuncia o momento em que podemos começar a nossa.

A expressão dela mudou rapidamente. Começando com o choque, em seguida, mudando para doçura misturada com ansiedade, direto para alarmada e terminando, com o que ficou surpreso ao ver, uma curiosidade abertamente falsa.

—O que vocês fazem no Natal? — Perguntou ela, mudando de assunto, quase desesperada e ele queria entender o que estava acontecendo na cabeça dela, mas achou prudente deixar isso passar.

O humor, ele sentia, ainda estava leve. Queria isso para ele, mas, com a sensação de ter dado a ela um bom dia, principalmente porque queria isto.

—Você compartilha a manhã com sua companheira e seus filhos, se os tiver. Abre seus presentes, toma um café da manhã. — Ele deu um sorriso de lobo. —Faz amor enquanto as crianças estão brincando. — Ela mordeu o lábio e ele continuou. —Então a própria família se reúne na parte da tarde e ficamos juntos até a noite, festejando, bebendo, jogando. Nada formal, tudo tranquilo. Temos fogos de artifício e um copo de vinho quente à meia-noite, então, se você não estiver em casa, vai para casa.

A expressão dela mudou para suave e ele sabia que era sincero quando o seu corpo se moldou ao dele.

—Isso soa muito divertido. — Ela disse suavemente antes de fazer uma cômica careta de nojo. —Exceto pelo vinho quente.

—Bem, teremos seu champanhe. — Ele murmurou, pensando no próximo Natal e Sonia de pé em seus braços, mas entre seus irmãos, envolta nas peles que ele daria a ela, bebendo champanhe com o rosto inclinado para as estrelas e as explosões multicoloridas de fogos de artifício iluminando sua pele e cabelo.

Definitivamente algo para ansiar.

—Eu prefiro champanhe. — Ela murmurou, fitando-o de forma curiosa, mas combinando seu tom, como se estivesse percebido seu estado de espírito.

Os olhos dele deslizaram para o relógio e observou a hora.

O braço dele levou-a ainda mais perto enquanto a mão dele deslizava em seu cabelo, ternamente enrolando e torcendo, ele levou os lábios dela para os seus.

Então ele murmurou.

—Feliz Natal, pequena.

E ele deu-lhe um beijo que comunicava a promessa de que seus solitários Natais passados ficariam na lembrança e todo Natal no futuro começaria apenas... como...este.

Os olhos dela ficaram atordoados quando sua boca se separou, sua respiração instável e ela pareceu olhar adorável e sem foco para o relógio, inspirando profundamente.

Quando os olhos dela se reorientaram, suspirou e olhou para ele.

Ele esperou, atipicamente paciente, enquanto seus olhos verdes procuraram seu rosto, então olhou bem dentro deles, novamente, como se estivesse tentando lê-lo e duvidasse do que via.

Finalmente, ela sussurrou. —Feliz Natal, Callum.

Ele ficou decepcionado por ela não o chamar de “lobo” ou qualquer outro modo doce que ela pudesse fantasiar.

Mesmo assim, sua desilusão não durou muito tempo, desde que era hora de dormir e Callum iria apresentar a próxima nova tradição.

Foi uma que Sonia gostou muito.

E, no final dela, ela não apenas o chamou de “lobo”

Ela gritou.



Callum acordou quando sentiu Sonia sair de seus braços.

Seus olhos se abriram enquanto seus ouvidos ouviram um gemido torturado.

Seu corpo congelou quando ele a viu.

—Jesus, querida, que diabos? — Ele disse, estendendo a mão para o corpo dela que ainda estava sob as cobertas, mas de quatro, a cabeça inclinada para baixo, a respiração irregular.

Ela pulou violentamente para longe no instante em que as pontas dos dedos dele tocaram na pele dela, mas mesmo assim ele sentiu o tremendo calor. Parecia que ela estava assando.

—Sonia. — Sua voz estava mais nítida com a preocupação.
— Que porra?

Ela não levantou a cabeça quando ofegou seu extremo eufemismo. —Cal, algo está errado.

Ela moveu-se, em seguida, soltou um gemido quase animal e congelou.

Ele deslizou o mais próximo a ela quanto ousou e sua respiração se tornou suspiros. Ela parecia estar lutando por ar.

—Eu vou chamar uma ambulância. —Ele anunciou.

—Não! — Ela gritou e depois disse. —A seringa, encheu a seringa?

—Sim.

—Totalmente, Cal. Usou tudo?

—Claro que sim, porra.

Sua cabeça girou lentamente e olhou para ele, seus olhos estavam nebulosos, mas a voz dela estava aterrorizada quando

sussurrou. —É o que senti quando não tomei a injeção. Este é o ardor. Esta sou eu fervendo para fora da minha pele. —Ela engasgou então gemeu, com terror gritante no seu tom, quando não sabia se deveria gritar ou gemer. —Cal, isso nunca aconteceu enquanto eu tomo a medicação. Algo está errado.

O pavor estabeleceu-se em seu estomago como o peso de uma barra de ferro e declarou. —Vou chamar uma ambulância.

—Eles não sabem como me tratar! — Ela gritou. —As pessoas da emergência sequer ouviram, soltou este lamento primitivo novamente, que Callum sentiu marcar através de seu sistema.

—Seu médico. — Ele disse de repente.

Ela levantou sua cabeça e perguntou. —O que?

—Pequena, seu médico saberá o que fazer. Você tem o número dele?

—No meu celular, na minha...

Ela não terminou porque Callum já estava fora da cama e saltando pelas escadas abaixo, literalmente. Ele plantou a palma da mão no parapeito e saltou para o outro lado, ágil e de pé no alto da escada. Ele fez o mesmo outra vez a partir de lá e pousou ao pé da escada.

Ele encontrou o celular na bolsa dela, o número do telefone e ligou enquanto subia as escadas, três degraus de cada vez, voando para cima.

Enquanto Sonia, que jogou de lado as cobertas, parecia estar lutando a batalha de sua vida na cama, Callum passou pela ladainha de ligar para o médico de plantão que não era, lamentavelmente, o médico de Sonia. Este homem demorou demais — em outras palavras, mais de 10 segundos — prometendo entrar em contato com o médico de Sonia e eles seriam contatados com urgência. A única coisa positiva que veio disso foi o fato de que o médico de plantão parecia familiarizado com a importância letal da doença de Sonia e não parecia que ele estivesse brincando.

Incapaz de tocá-la nem para acalmá-la, Callum foi ao banheiro e jogou a toalha na banheira, encharcou-a com água fria e não se preocupou em fazer barulho. Ele a levou até o quarto e a jogou cuidadosamente sobre as suas costas.

—Sim. — Ela gemeu seu alívio, caindo para a ⁶postura de criança sob a grande toalha molhada, seus braços esticados para fora na frente dela.

Seu telefone tocou e Callum atendeu.

—Dr. Mortenson? — Ele atendeu.

—Você é o marido de Sonia Arlington? — Respondeu um homem.

—Sim. — Callum grunhiu. —É o Dr. Mortenson?



—Sim, filho. Meu colega disse que ela está tendo uma alteração?

Uma alteração? Ele chamava isto de uma porra de alteração?

—Ela está fervendo ao toque e diz que vai sair de sua pele.

—Ela lhe ensinou como administrar a injeção?

—Sim. — Callum respondeu irritado e bruscamente.

—Então dê-lhe a injeção.

—Eu fiz isso há cinco horas.

—Faça novamente. — Ele respondeu calmo. —Ficarei na linha.

Callum não perdeu tempo. Quando ele voltou para seu quarto, ela jogou de lado a toalha e estava de quatro novamente, lamentando baixo enquanto lutava contra a dor.

—Está tudo bem, pequena apenas segure forte. — Ele balbuciou e afundou a agulha contra a carne de sua nádega, tão rapidamente quanto podia.

Ela gritou, arqueando as costas, o pescoço, o cabelo voando sobre os ombros. Então ela se moveu, curvando as costas, a cabeça caindo entre seus braços, seu gemido veio baixo, distinto, gutural e aterrador para ouvir.

Ele agarrou o telefone no ouvido. Frustrado, além de qualquer coisa que ele já experimentou em sua impotência

diante à agonia de sua companheira, Callum foi conciso. —Ela está pior.

—Estou em contagem regressivamente, filho, fique comigo, um minuto e trinta e cinco segundos. — E então ele fez a contagem no ouvido de Callum, a cada cinco segundos, enquanto Sonia caia na cama e começava a contorcer-se.

—Doutor... — A voz de Callum estava vibrando com fúria.

—Você agora provavelmente pode tocá-la. — O médico disse baixinho então continuou. —Quarenta e cinco segundos...

Callum soltou o telefone e aproximou-se cautelosamente de sua companheira que parou de se contorcer. Estendendo lentamente a mão, ele tocou a pele dela que estava úmida de suor, mas não mais escaldante ao toque.

Ele deslizou os dedos em sua pele até tocá-la com a mão inteira e ela não gritou, então cuidadosamente a tomou em seus braços e sentou-se com ela na cama, de costas para a cabeceira, com Sonia embalada contra ele.

—Eu estou bem. — Ela sussurrou em seu pescoço e ao mesmo tempo sua mão serpenteou para fora e pegou o telefone.

—Quero saber porque isso aconteceu. — Callum disse ao telefone.

—Ela está melhor agora? —O Dr. Mortenson perguntou em resposta.

—Eu disse, quero saber porque isso aconteceu. — Callum repetiu.

O Dr. Mortenson suspirou. —Corpos são magníficas e terríveis coisas, filho. Pode ser que Sonia tenha adquirido uma tolerância à droga; ela à está usando há anos. Mas há mudanças na vida e no seu corpo o tempo todo. Ela pode estar liberando mais, ou menos, hormônios. Pode ter sofrido um choque que causou uma resposta física no seu sistema que desencadeou uma mudança na eficácia da droga. Mesmo se ela estiver vivendo quantidades significativamente maiores de estresse e ansiedade, ou depressão, digamos, como a perda de um ente querido, o corpo tem manifestações físicas a tudo isso e todas elas irão interagir com a medicação. Farei exames de sangue e ela precisará de duas injeções diárias, manhã e noite, até que veja os resultados.

Porra, agora ele precisava aplicar duas das malditas injeções?

E pior, Sonia tinha que tomá-las?

—Quando ela pode fazer os testes? — Ele exigiu saber.

—Quando você quiser. Vá para o Hospital St Vincent, dê-lhes meu nome. Irei enviar as ordens. Irão coletar o sangue. Ela está calma agora?

Callum olhou para Sonia que colocou o braço ao redor de seu corpo, uma mão estava entre eles descansando em seu

peito e a outra na bochecha dela. Seus olhos, porém, estavam nele. Eles estavam aflitos, mas não febris e delirantes.

—Ela está calma.

—Garota esperta, ensinando-lhe dar a injeção. Muito bem, filho. Vamos nos encontrar em breve, espero. Feliz Natal.

Então o desgraçado desligou na cara dele.

Callum usou todo seu controle para não jogar o telefone do outro lado do quarto. Em vez disso, socou o botão para desligar e o colocou no receptor.

Em seguida, ele deslizou os dedos pelo cabelo de Sonia, respirou fundo para recuperar a sua compostura e perguntou — Você está bem, minha pequena?

—Hum... além do medo horrível? — Ela perguntou seca. — Sim.

Ele não tinha nenhuma resposta para isso, então não respondeu.

—O que disse Dr. Mortenson? — Ela perguntou.

—Ele quer testes. — Respondeu Callum, decidindo compartilhar as boas novas de que ela precisava de duas injeções por dia mais tarde.

Ela assentiu com a cabeça.

—Ele também disse que foi muito inteligente você ter me ensinado a dar a injeção. — Ele brincou com arrogância simulada, desejando levantar o humor e afastar o olhar

conturbado de sua Rainha. Dando um cauteloso aperto em seus braços, ele continuou. — Ainda bem que você fez tanta questão de fazer isso, pequena.

—Cale-se, Cal. — Ela murmurou com aborrecimento simulado, não sendo capaz de esconder seu alívio.

Mas ele congelou.

Ela o chamou de Cal e fez isso mais de uma vez.

Algo sobre isso o fez querer uivar com a vitória, como se ele tivesse ganho uma batalha épica.

Em vez disso, ele lhe deu outro cuidadoso aperto.

Ela inclinou a cabeça para baixo e se aconchegou mais perto.

Então ela compartilhou. —Toda minha vida, este tem sido o meu maior medo. Toda a minha vida, temi que isso fosse acontecer. Quando não tomei a injeção quando adolescente, tive que rastejar para o banheiro. Pareceu demorar uma eternidade, provavelmente demorou. Tive que parar e respirar, várias vezes, para obter o controle do meu corpo novamente. Dói muito.

Callum, no entanto não gostou de suas palavras, ele desejava que ela parasse de falar, mas manteve este desejo para si mesmo.

—Sempre tive muito medo. — Sua voz engatou como se ela estivesse lutando com as lágrimas e ele procurou algo em seu

rosto para confortá-la, mas deixou passar, sentindo que ela precisava colocar para fora e que era algo que queria ouvir.

Ele não estava errado.

—Quer saber o que eu mais temia? — Ela sussurrou baixo.

—O que, pequena? — Ele perguntou calmo.

—Que isso acontecesse quando eu estivesse sozinha. — Ela virou-se, levantou e colocou o rosto no pescoço dele enquanto envolvia o outro braço ao redor dele e pressionava firmemente. —Estou tão feliz por não estar sozinha. — Ela inclinou a cabeça para trás, até que seus lábios estavam em sua mandíbula e sussurrou. —Você sabia o que fazer. Obrigada, meu lobo lindo, por cuidar de mim.

Ele sentiu-se como se uivasse a sua vitória naquele momento.

Em vez disso, ele abaixou a cabeça e beijou-a, suave e carinhosamente, degustando as lágrimas em seus lábios.

Ele rompeu o beijo, mas não a conexão de seus lábios quando murmurou. —Sempre, minha pequena.

Ela fechou os olhos com força e concordou.

Ele a pegou e caminhou até o quarto de hóspedes, jogou as cobertas para trás, colocou-a na cama, juntou-se a ela, virou-a para o corpo dele e puxou as cobertas por cima deles.

—Hum... — Ela murmurou. —O que está fazendo?

—A cama está encharcada, a toalha...

—Oh. — Ela murmurou antes dele terminar.

—Durma, pequena e quando acordar, será Natal.

Ela concordou, a cabeça dela deslizou em seu peito.

Ele esperou até que a respiração dela se equilibrasse, o que levou algum tempo e não ficou surpreso. Ela passou por uma provação. Despertar do sono no meio disso, com certeza não queria voltar, independentemente do fato de pegar no sono rapidamente todas as noites desde a reivindicação.

Para Callum que, normalmente, apenas precisava de cinco horas de sono por noite, sacrificou algumas colocando-se em alerta para algum outro episódio.

E quando fez isso, permitiu que sua mente processasse o fato dela tê-lo chamado de “Cal”.

E ele reviveu, uma e outra vez, a voz dela sussurrando, ” meu lobo lindo”.

E quando ele finalmente se permitiu juntar a Sonia no sono, independe de seu recente drama, o fez com um sorriso.



Os dedos de Callum afastaram o cabelo de Sonia longe de seu pescoço.

Então inclinou-se para a orelha dela e disse. —Acorde, querida. É Natal.

Os olhos dela vibraram mas permaneceram fechados. Então ele a observou cheirar e eles se abriram.

Ela levantou-se apoiando-se em um braço, seus dedos segurando as cobertas em seus seios e olhou para a caneca de café na mão dele.

Ela olhou para ele sentado ao lado da cama e respirou, sua voz rouca com sono e surpresa. —Você fez café?

Ele sorriu para ela e respondeu. —Fui solteiro por muitos anos, Sonia. Sei como fazer café. — E ele entregou-lhe a caneca.

Os olhos dela se arregalaram, mas ele sentou na cama, enrolando as cobertas a sua volta para esconder o seu corpo e pegou-a.

Ele colocou as mãos na cama de cada lado dos quadris dela e abaixou o seu rosto para que estivesse perto dela. — Agora, minha Rainha, diga Feliz Natal ao seu Rei.

Ela piscou, em seguida, sussurrou. —Feliz Natal.

Ele tocou os lábios nos dela e sussurrou de volta. —Feliz Natal.

Então afastou-se, inclinou-se para baixo e pegou a caixa ricamente embrulhada que levou para o quarto.

Os olhos dela não se arregalaram desta vez. Quase saltaram de sua cabeça.

—O que é isso? — Sonia proferiu em um grito sufocado.

Ele o colocou no colo dela e pegou sua própria caneca que colocou na mesinha de cabeceira, —Dizer a você, eu acho, quebraria uns quinze mandamentos de Natal.

Ela o viu beber de sua caneca, como se nunca o tivesse visto antes.

Quando ela parecia disposta a se mover, ele disse. —Abra.

Ela hesitou um momento, como se nunca tivesse ganhado um presente e não tivesse ideia do que fazer, em seguida colocou de lado a caneca e abriu a caixa.

Ela puxou uma fita de cetim cinza, a descartou sobre cama e olhou.

Era uma camisola longa com alças finas que cruzavam na parte de trás e uma saia rodada que se assentou na cama, luxuosamente.

—Isso é.... isso é. — Ela gaguejou.

Callum a cortou, informando-lhe. —Cada manhã de Natal, quando éramos pequenos, Mac e Regan deixavam fronhas completamente recheadas no final de nossas camas. — Seu olhar hipnotizado lentamente voltou-se para ele enquanto falava. —Nos permitiam rasgá-las imediatamente. Nelas haviam doces, brinquedos, todos os tipos, mas sempre um novo pijama que tínhamos que vestir antes de descermos para desembulhar os presentes debaixo da árvore. — Ele gentilmente puxou o

tecido macio de seus dedos e ordenou. —Levante os braços, pequena.

Quase sonhadora, ela levantou os braços e ele deslizou a camisola sobre a sua cabeça e depois colocou as mãos sob seus braços e levantou-a da cama, colocando-a de pé na frente dele. A camisola deslizou para baixo de seu corpo girando elegantemente até seus tornozelos.

Um ajuste perfeito.

Sua mãe podia comprar, definitivamente.

Ele permitiu que suas mãos deslizassem através de todo o tecido fresco que cobria o seu corpo quente, macio, então ele abaixou-se e pegou outra caixa embrulhada da mesma maneira extravagante, maior do que a primeira.

Ele entregou a ela murmurando. —Agora esse.

Ela olhou perplexamente para ele, por um momento, antes de pegar a caixa, colocou-a na cama e rasgou o embrulho. Ela a abriu e engasgou. Os dedos dela tocaram no material na caixa e ela ergueu o roupão de cashmere de inverno branco até ao rosto dela. Estava segurando com as duas mãos contra o seu nariz e a boca então, quando ela se virou para ele, tudo que ele podia ver foi o espanto brilhando em seus olhos verdes.

Ele não conseguiu parar de rir quando a puxou em seus braços, olhou para ela e brincou. —Querida, você vai comê-lo ou usá-lo?

Ela tirou o roupão da boca e murmurou, adorável. —Usá-lo. Definitivamente usá-lo.

Ainda rindo com o tom de sua voz, ele tocou a testa dela e soltou-a para que ela pudesse vestir seu robe.

Agarrando as lapelas sobre seu peito, ela levantou seus brilhantes olhos para ele. —Eu... isto é tão.... Não sei o que dizer, Callum.

Ele sentiu a decepção reclamá-lo quando ela usou seu nome completo. Ela o chamou de Cal na noite anterior.

Ele afastou a sensação, esperando que, com o tempo, ela dissesse novamente.

Ele colocou a mão no pescoço dela, usando o polegar para acariciar a parte de baixo do seu queixo e solicitou. —Você gostou deles?

Ela assentiu com entusiasmo.

Ele sorriu e concluiu. —Isso é tudo o que precisa dizer.

Ela avançou o passo que os separava e deslizou os braços ao redor dele, sua bochecha em seu peito, o abraçando apertado.

Sua mão em seu maxilar deslocou até seu cabelo e segurou o rosto dela contra ele.

—Agora, isso é definitivamente melhor do que um aceno de cabeça. — Disse ele, sua voz rouca.

Ela soltou uma risadinha curta, feliz, mantendo o corpo dele apertado em seus braços e inclinou a cabeça para trás para olhar para ele. —Estou sendo muito rude. Devo dizer obrigada.

—Eu não sei. Isto não parece rude. — Ele brincou e ela riu baixinho novamente.

—Posso lhe dar seus presentes agora? — Ela perguntou e as sobrancelhas dele subiram.

—Você acha que isso é tudo o que vai ganhar?

Ela piscou novamente, adoravelmente e então respirou. — Há mais?

Callum usou o cabelo dela para inclinar sua cabeça para trás, inclinou a dele e contra seus lábios ele murmurou. —Sim, pequena, há mais.

Em seguida, deu-lhe um beijo de bom dia e Feliz Natal.

Ela piscou novamente quando ele levantou os lábios dos dela.

Ele riu novamente quando a soltou, andou para além dela para pegar a xícara de café e entregou a ela. Então, agarrou sua mão e a guiou ao quarto deles.

Callum ficou acordado por algum tempo. Tempo suficiente não apenas para fazer o café, mas também para lidar com a bagunça que a toalha molhada fez em sua cama e recolher os presentes que a mãe dele escondeu na garagem no dia anterior

enquanto eles foram andar de trenó e colocá-los debaixo da árvore.

Quando chegaram no quarto, Sonia olhou para a árvore como uma garota de trinta sete anos que acabava de descobrir que existia um Papai Noel.

Os brilhantes olhos de Sonia foram para aos dele e ela sorriu. — Acho que isto significa que você também gosta de Natal?

Ele deslizou um braço ao redor de seus ombros e sorriu para ela. —O meu povo desfruta de toda a ocasião que lhe dá uma desculpa para comemorar. Mas isto. — Ele fez um gesto para a árvore. —É porque você gosta muito do Natal.

A expressão dela mudou e ficou olhando para ele, como fez na noite passada e estava tentando lê-lo, entendê-lo, avaliar a validade de suas palavras.

E, assim como ela fez na noite passada, ela deve ter gostado do que viu pois se derreteu nele.

—Vamos aproveitar o Natal. —Ela sugeriu em uma voz suave, com um olhar suave, olhando para ele.

—Vamos aproveitar o Natal. — Ele concordou em um murmúrio, inclinando sua cabeça para tocar sua boca na dela.

Ele foi para a cama, jogou todas as almofadas no chão, perto da árvore e sentaram-se, Sonia declarando, animada, que este ano ela iria “brincar de papai Noel”.

—Você pode fazer no próximo ano. — Ela assegurou-lhe enquanto começava a organizar os pacotes com o que parecia ser uma alegria desenfreada.

Ao vê-la, Callum decidiu que no próximo ano e todos os outros anos, desde que ela obviamente achasse muito divertido fazê-lo, Sonia iria brincar de papai Noel.

Callum descobriu, para sua grata surpresa, que ela foi muito mais generosa com ele do que qualquer um de seus amigos e vizinhos. Callum também descobriu que ela gostava de roupas muito mais do que ele suspeitava, visto que ela não usou a mesma roupa duas vezes nas três semanas que estiveram juntos. Ele tinha novas calças de veludo, camisas, cintos, jeans e até uma jaqueta de couro marrom, nova e elegante, com uma espessa e isolante camada que seria perfeita, quando eles voltassem para a Escócia. Claramente, esses presentes eram os que estavam nas copiosas entregas que ela corria até a porta para confiscar de qualquer um dos seus lobos, antes de correr para cima com os pacotes, mas descia de mãos vazias.

A mãe dele seguiu o mesmo caminho, comprando para Sonia uma variedade de roupas novas, exceto, ao contrário de suas roupas usuais, tudo era mais durável e feitos em camadas para facilitar o uso e entrando e saindo de temperaturas frias. Regan também comprou seus sais de banho, loções e coisas para usar no seu cabelo.

Sentados entre os papéis descartados, fitas, laços e caixas com pilhas acumuladas por ambos, Callum olhou ao redor e murmurou. —Nós vamos precisar de mais do que um ano para usar todas essas coisas.

Sonia, sentada sobre suas panturrilhas, inclinou-se e sorriu. —Eu sei! Não é ótimo?

O que era ótimo, Callum pensou olhando nos olhos felizes e brilhantes de sua Rainha, era que eles terminaram de desembrulhar e agora poderiam avançar para a parte mais agradável da manhã.

Portanto, ele estendeu a mão e puxou-a pelos tornozelos para os braços dele e enterrou seu rosto no pescoço dela.

Arrastando seus lábios até a orelha dela, ouviu-a dizer. — Não terminamos.

Ele levantou a cabeça e olhou para ela, apenas para ver que ela de repente parecia apreensiva.

—O que é? — Ele perguntou cauteloso, não ficando feliz por a luz que brilhava em seus olhos morrer e ser substituída pela ansiedade.

—Você tem mais um presente. — Ela sussurrou como se não quisesse dizer as palavras.

Ela respirou fundo, saiu de seus braços, levantou-se e começou a cavar nos ramos da árvore. Ela encontrou o que procurava e graciosamente caiu de joelhos. Estendeu uma

pequena caixa embrulhada, coberta com um grande laço que a engolia.

Ele pegou e desembulhou enquanto ela falava incerta. — Eu não sei, você sabe, se eu deveria, mas eu pensei... — Ela hesitou. — Bem, então achei que deveria. Mas agora, estou pensando... — Ela parou novamente quando ele puxou a caixa do joalheiro fora da embalagem, permitindo que o papel caísse no chão e abria a caixa com o polegar. — Você não precisa usá-la! — Ela terminou com um grito estrangulado.

Na caixa estava uma larga, simples e masculina aliança de ouro, de casamento humano.

Olhando para o símbolo muitas vezes negligenciado da conexão da outra cultura entre macho e fêmea, Callum sentiu algo tão grande mudar nele que era como se todo o quarto houvesse mudado. O peito dele se apertou como fez suas entranhas, porém sua mente apagou todo o resto menos a porra da aliança.

Os olhos dele foram para Sonia.

— Você não precisa usá-la. — Ela repetiu em um sussurro.

Ele usou seu dedo indicador para levantar a aliança de sua cama de cetim, deixou cair a caixa, mas apontou o dedo para Sonia.

— Coloque em mim. — Ele ordenou, a voz tão grossa que era quase dura.

Ela observou-o inquieta por um momento antes de se lançar de joelhos para frente, pegando a aliança de seu dedo indicador e segurando sua mão esquerda. Então ela a deslizou pelo dedo anelar.

Ele olhou para o ouro reluzente contra sua pele.

—Serviu. — Ela disse suavemente e os olhos dele moveram-se para os dela. —Um... — Ela murmurou. —Feliz Natal.

Antes que o cérebro dele dissesse ao corpo para fazê-lo, Callum levantou seus braços e a rodeou, levando-a com ele enquanto impulsionou-os para o chão, girando para que ele caísse de costas e Sonia sobre ele.

Em seguida ele envolveu a mão no cabelo dela e esmagou sua boca em um beijo possessivo que causaria hematomas, enquanto rolava as almofadas amortecendo-os, amassando todos os papéis de embrulho.

Então ele segurou sua esposa no chão entre papéis de Natal descartados e caixas e fez isso categoricamente, de uma forma possessiva, que ela não poderia descaracterizar ou interpretar mal.

Mesmo assim, quando tudo acabou, suas respirações se estabilizaram, os braços dela ficaram ao redor dele e ele ainda tinha o pau dentro dela, mas com seu antebraço no travesseiro que colocou sob a sua cabeça. Ele passava as pontas dos dedos

pelo rosto dela e ela perguntou timidamente. —Presumo que você gostou da aliança.

Seus olhos capturaram os dela e ele disse. —Sim, gostei muito.

A dúvida nublando os olhos dela desapareceu, um sorriso tocou a sua boca e ela sussurrou. —Fico feliz que tenha gostado.

Ele estava abaixando a cabeça para beijá-la novamente, a cabeça dela estava inclinando para recebê-lo quando a campainha tocou.

Callum parou sua descida.

Sonia piscou para ele. —Quem poderia ser?

Ele sabia quem era.

—Nossa família. — Ele respondeu e quando seus olhos se arregalaram, ele explicou simplesmente. —É Natal.

A campainha tocou novamente e isso fez Callum lamentar sua decisão de dar a ela exatamente o oposto de seus solitários Natais passados.

Isso foi até que ele sentiu a mão dela ao lado de sua cabeça, seu polegar passando ao longo de sua maçã do rosto e ele ouviu a voz suave dela dizer. —Não, é o melhor Natal que já tive em anos.

Callum, olhou para a gratidão brilhando nos olhos de sua companheira apenas um segundo antes dele inclinar a cabeça e fazer o que ele teve a intenção de fazer momentos antes.

A campainha tocou três vezes mais antes que a porta fosse aberta.



—Porra Cal, é uma aliança de casamento? — Calder praticamente gritou para ele do outro lado da mesa.

A família dele e dela, chegaram carregando sacolas recheadas com ainda mais presentes. Todos tinham uma xícara de café, enquanto Callum acendia a lareira na sala de estar, Ryon na sala de jantar e Sonia ligava a música de Natal. Então eles desfrutaram do Natal ao redor da árvore no andar de baixo, antes de Sonia e Callum subirem e se vestirem com as roupas novas. Depois disso, Regan e Sonia fizeram café da manhã. Era a receita de Sonia. Crepes recheados de creme de queijo adoçado e aromatizado com amêndoas e citrino, encharcados em uma calda cítrica doce, levemente alcoólica e polvilhados com amêndoas torradas. Sua esposa, ele ficou satisfeito ao notar, quando se propunha a fazer algo, podia cozinhar. Isso era glorioso.

A exclamação de Calder veio depois do café, enquanto todo mundo ainda estava sentado na mesa.

Sonia estava voltando para a sala com canecas cheias de café para os dois e ela parou com as palavras de Calder, enquanto todos na mesa, que estavam com seus pratos cheios de café da manhã, se viraram para olhar para a mão esquerda de Callum.

—Sim. — Callum respondeu calmo, empurrou sua cadeira para trás e estendeu a mão, agarrando Sonia com um braço ao redor de seus quadris e puxando-a para si, ao mesmo tempo que ele tirava sua caneca de café.

—Nossos homens não usam aliança. — Declarou Caleb, olhando para a aliança, como se fosse um tendão podre enrolado ao redor de seu dedo.

—Um deles usa. — Callum respondeu firme, assentando cuidadosamente o rígido corpo de Sonia no colo dele sob o olhar cuidadosamente remoto de Gregor e o olhar abertamente irritado de Yuri, bem como todos os outros.

—Meu Deus, por quê? — Calder exigiu saber.

—Porque, esta manhã, Sonia me deu de Natal. — Respondeu Callum.

—Não é nossa maneira. — Caleb anunciou com desdém.

—Talvez não, mas é a “nossa” maneira. — Callum afirmou com força, fazendo seu ponto, aproximando mais Sonia e começando a perder a paciência quando corpo de Sonia não perdeu sua rigidez. — Minha companheira é humana. Este é o

seu símbolo. Significa algo para Sonia, portanto, significa algo para mim.

—Mas, o que acontecerá quando... — Caleb começou, mas Callum interrompeu seu irmão, sabendo o que iria dizer. Seus machos não usavam anéis, porque eles o perderiam se precisassem se transformar ou os anéis poderiam causar algum dano durante a mudança para o lobo.

—Caleb, esqueça. — Callum ordenou.

—Mas... — Caleb começou novamente.

—Esqueça. — Callum proferiu.

Caleb fechou a boca bruscamente.

—Você não precisa usá-lo. — Sonia disse em voz baixa e Callum virou a cabeça para olhar para ela.

—Comprou-o para ficar em uma caixa? — Callum perguntou.

—Bem... — Ela começou hesitante. —Não.

—Você comprou, porque queria que eu usasse. —Ele afirmou e ela respirou fundo, então concordou com a cabeça. — Então irei usá-lo. — O olhar dele cortou para seus irmãos e ele avisou, —Nenhuma palavra mais.

Caleb e Calder ambos desviaram o olhar.

Regan e o Ryon encararam Callum e Sonia e eles estavam sorrindo amplamente.

Os lábios de Gregor estavam tremendo.

Yuri... parecia ter acabado de beber um gole de leite azedo.

Foi o olhar de Yuri que dissipou o temperamento de Callum e uma vez que ele relaxou, Sonia relaxou contra ele.

—Será engraçado. — Regan começou ainda sorrindo, mas agora para Caleb e Calder. —Quando vocês encontrarem suas companheiras e depois descobrirem o que é importante e o que não é. Então vamos tirá-los do sério, lembrando seus comportamentos agora.

—Regan. — Callum advertiu. —O assunto está encerrado.

—Apenas quero declarar o direito de dizer “eu lhe avisei” para uma data posterior. — Regan revidou e Sonia soltou uma risada suave, sufocada.

Callum decidiu que desde que o clima festivo ficou de lado por um tempo, ele poderia seguir e conseguir o que ele queria.

Ele olhou para Ryon e informou-o. —Sonia teve uma alteração ontem à noite.

Sonia ficou rígida em seus braços outra vez e murmurou. —Callum.

Mas Ryon já não estava sorrindo quando ele perguntou. — Uma alteração?

Ele disse estas duas palavras ao mesmo tempo que Gregor e o corpo de Yuri ficaram visivelmente tensos.

—Foi como o médico dela chamou. — Callum disse-lhes. —Uma alteração.

—Realmente, não é necessário alarmá-los. Não foi tão ruim. — Sonia disse e com isso a cabeça de Callum voltou para ela novamente.

—Não foi tão ruim assim? — Callum perguntou com uma voz perigosa.

—Bem... — Ela engoliu a palavra, enquanto os olhos dela se arregalaram ao olhar para o rosto dele.

Em seguida, astuta, ela calou a boca.

—O que aconteceu? — Gregor, perguntou abertamente em um piscar de olhos.

—Seu sangue se aqueceu e ela sentiu uma dor extrema. Não podia sequer suportar um toque. — Callum informou ao vampiro e os olhos de Gregor foram para Sonia.

Em uma voz abertamente paterna denotando paciência mal controlada, ele disse. —Como eu expliquei repetidas vezes, minha querida, você não deve perder uma injeção.

—Eu não perdi. — Sonia respondeu, os olhos de Gregor se estreitaram e Callum o observou atentamente.

—Isso é impossível. — Observou Gregor. —O médico me garantiu que, enquanto você tomasse a injeção, não sentiria nenhuma manifestação física da doença.

—Não é impossível, porque aconteceu ontem à noite. — Callum disse e a boca de Gregor ficou dura.

—Terei uma palavra com o Dr. Mortenson então. Isso não poderia ter acontecido. — Gregor afirmou. Definitivamente, explodiu, sua paciência foi esticada além de sua capacidade de controlá-la e sua ira era palpável.

Ambas, vindo de Gregor, eram respostas surpreendentes.

Ele também se preocupava com Sonia, Callum, pensou e se importava muito ou ele estava com raiva pôr a injeção dele não estar funcionando ou os efeitos colaterais desenvolvidos, que fariam Sonia e Callum, questionar o tratamento.

— O médico recomendou exames de sangue, daqui a pouco, Sonia e eu, iremos ao hospital para ver isso. — Callum anunciou... e então se virou para Ryon. —De agora em diante, qualquer um que for atribuído à Sonia terá treinamento médico avançado. Não vamos contar-lhe o porquê, mas eles precisarão ser capazes de administrar uma injeção. —Os olhos dele moveram-se ao redor da mesa e ele continuou. —E todos nesta mesa vão aprender a fazer isso, também. — Ele olhou para Sonia. —E você vai levar sua medicação a todos os momentos e se você precisar dela, vai dizer a quem estiver com você onde encontrá-la e que deverá aplicá-la. — Ela abriu a boca para falar, mas Callum olhou para Ryon e concluiu. —E eu quero suprimento disponível em todos os lugares que eventualmente possamos ir.

—Callum, realmente. — Sonia chamou sua atenção para ela. —Não está sendo um pouco exagerado?

—Eu testemunhei aquilo. —Ele respondeu. —Você experimentou, como pode me perguntar isso?

—Mas... — Ela começou.

—Você não passará por aquilo novamente. —Ele proclamou, pensando que, como Rei, quando ele proclamava uma coisa as pessoas tendiam a ouvir — sempre — era o fim do assunto.

Esta era Sonia, então ele pensou errado.

—Mas... — Ela repetiu.

—Pequena... — Ele começou.

—De verdade, Callum, não é....

—Sonia. — Callum declarou firme. — Não vamos discutir isso.

Ela olhou para ele com rebeldia e fez isso por um tempo.

Então seu brilho suavizou e ela olhou para ele novamente como se estivesse tentando acreditar que ele era real.

Em seguida, os olhos dela mudaram lentamente e, ele não estava certo pois não conseguia compreender, porra, mas parecia em suas profundezas que a luz da esperança brilhou.

Finalmente, ela emitiu um de seus suspiros esvoaçantes e relaxou contra ele.

—Tudo bem, lobo. — Sussurrou calma, os olhos dela não deixando os dele.

Na sua doce ternura, ele queria beijá-la.

Porra, ele queria jogar os restos do café da manhã fora da mesa e fodê-la até que dissesse novamente.

Como não podia fazer isso, por razões óbvias, disse a ela. —Você, às vezes, pode ser um pé no saco, pequena.

Ela pressionou seus lábios juntos..., mas não conseguia esconder o sorriso.

Quando ele olhou para a mesa percebeu imediatamente que todos os lobos estavam sorrindo também.

No entanto, os vampiros pareciam preocupados e eles não esconderam isso.

Callum levantou-se do seu assento, colocando Sonia de pé.

Com o braço ao redor de seus ombros, ele anunciou. — Estaremos de volta em breve e retomaremos o Natal.

Então ele e sua Rainha calçaram suas botas e casacos e Callum levou sua esposa bonita, para o pequeno hospital para colher o seu sangue.



Com Sonia em seus braços, no quarto deles, ela virou a cabeça para trás para olhar para ele.

—O que você queria falar? — Ela perguntou.

Era início da noite. Eles retornaram do hospital. Sonia ajudou Regan a preparar o enorme banquete de Natal, que era todo lobo. Consistia em um excelente assado de carne mal passado, com batatas cozidas, batatas cortadas cozidas no leite, creme, alho e cobertas com queijo, molho grosso de carne, ⁷Yorkshire pudding, feijão verde jogados na manteiga e pedaços de bacon crocante. E terminou com um pouquinho do especial de Regan que tinha mais manjar, mais creme, menos geleia e mais bolo do que qualquer ninharia que Callum comeu.

Depois disso, Sonia deu a Gregor e Yuri abraços calorosos e eles partiram. Então Sonia se reuniu com Jay, Jed e Jake na rua. Ryon foi para a casa do outro lado da rua onde instalaram Trenten, o guerreiro que vigiou Sonia por anos. Eles se juntaram a Callum e seus irmãos e tiveram que conter seu jogo significativamente para não prejudicar os humanos em um jogo de futebol americano em um parque local. Enquanto isso estava acontecendo, Sonia, Regan, a companheira de Trenten, Helena e Jo foram as líderes de torcida em tempo parcial, mas principalmente sentaram-se à margem, sob os cobertores de lã, chocolate quente de uma garrafa térmica que Regan preparou e conversaram.

Eles tinham se despedido de seus vizinhos, voltaram para casa e fizeram uns sanduiches de carne assada. Callum aplicou

⁷Yorkshire pudding é uma espécie de pão, normalmente em formato pequeno, feito tradicionalmente na Grã-Bretanha para acompanhar o “assado de domingo”.

a injeção em Sonia e Ryon começou a lançar olhares a Callum que significava que era hora de ir.

Eles tinham uma distância para viajar e, ao amanhecer, teriam uma guerra para travar.

Callum murmurou a Sonia que ele queria falar com ela em particular e a levou para o quarto deles.

—Eu odeio dizer isso, pequena, mas o Natal já acabou. — Ele a informou e o pesar pode ser ouvido na sua voz.

Ela inclinou-se para ele e sorriu. — Não terminou não. Temos horas sobrando. Podemos ficar acordados até meia-noite novamente e assistir a filmes. Tenho muitos filmes de Natal. Podemos assistir Wonderful Life. Ou nós podemos assistir a Uma História de Natal, que é um engraçado. Ou nós podemos...

Ele a cortou com um aperto de seus braços. —Nós não podemos, querida. Os homens e eu vamos partir.

O sorriso dela morreu lentamente e ela piscou em confusão antes de sussurrar. —Partir? Mas por quê? É Natal.

Ele a puxou para mais perto e mergulhou o rosto para o dela. —Nós tivemos um grande dia, pequena, mas meus guerreiros passaram hoje montando e preparando a batalha de amanhã. — Ela prendeu a respiração, mas ele continuou falando. —Tenho de ir encontrá-los.

—Batalha? — Ela perguntou.

—Amanhã, poderemos sufocar a rebelião. — Callum disse e ela olhou para ele um segundo antes de fechar os olhos com força.

Quando ela os abriu novamente, estavam sombrios e aquele olhar o cortou até os ossos.

—Por que não me disse? — Ela perguntou.

—Porque não queria estragar o seu Natal. —Callum respondeu.

Ela observou-o mais uma vez, seu rosto suavizando com suas palavras e, em seguida, tomou uma respiração superficial e soltou outro suspiro.

Então ela sugeriu. —Talvez você devesse explicar o que “batalha” significa.

—Não tenho tempo. — Ele respondeu e quando ela abriu a boca ele deu outro aperto e continuou. —E você não quer saber.

—Mas eu não... você não pode... quero dizer, como você pode lutar quando... quero dizer, será que meu povo estará nisso?

Ele balançou a cabeça. —O governo do seu povo sabe o que está acontecendo, quando e onde. Como de costume, eles prepararam tudo.

Sua boca se abriu em horrorizado espanto.

Ele abaixou a cabeça e esfregou a testa no cabelo dela. — Acabará logo, pequena. — Ele assegurou-lhe, com os lábios em seu ouvido, esperando, ao mesmo tempo, que estivesse certo.

Em seguida, ele lhe deu outro aperto, seus braços ficando mais apertados e ela afastou a cabeça.

—Você não...você sabe, como Rei, você não luta. — Ela parou e olhou para ele, com o medo e desolação em seus olhos. — Você sabe?

Ele suavizou sua voz ainda mais quando explicou sinceramente. —Ao contrário de seu povo, em nossas batalhas, eu não seria um bom comandante se não lutasse ao lado dos meus guerreiros, mas também se não os levasse para a batalha.

Seu corpo sacudiu, o medo agora era gritante em seu rosto e ela gritou. —Mas não pode fazer isso! Você pode se machucar!

A forte reação dela o agradou tanto que lhe doía o que estava prestes a dizer, para ambos, imensamente.

—Sonia, eu devo.

—Já tentou falar com eles? — Ela perguntou desesperada.

Ele o fez. Mac o fez. Seu avô o fez.

Há milênios eles tentavam uma solução diplomática. Os rebeldes mantiveram-se firmes em suas crenças.

—Já tentamos isso. — Ele disse.

—Mas...

—Sonia, eu tenho que ir.

O abraço dela tornou-se ainda mais apertado.

—Pequena, tenho que ir.

Ela olhou para ele, enquanto lágrimas reuniam-se em seus olhos.

Era a primeira vez que testemunhava o desespero total de sua companheira com o pensamento dele entrar em batalha, incapaz de impedir, Callum inclinou o pescoço e beijou-a, cuidadosamente e por tempo suficiente para provar suas lágrimas mais uma vez.

Ele gostava de tudo o que era dela, mas se ele nunca provasse suas lágrimas novamente ao longo de sua curta vida, ele seria capaz de viver a sua longa muito mais contente.

Quando ele levantou a cabeça, ela levantou uma mão, deslizou os dedos em seu cabelo e depois observou enquanto seu polegar deslizava ao longo de sua sobrancelha, sua maçã do rosto, então seu lábio inferior.

—Pelo menos me diga que você é um bom... hum, guerreiro. — Ela sussurrou e ele sorriu.

—O melhor. — Disse-lhe com sinceridade. —É por isso que eu sou o Rei.

Em suas palavras, ela lhe deu um sorriso triste, em seguida, levantou-se em seus dedos dos pés para colocar os lábios contra os dele.

—Volte para mim seguro, meu lindo lobo. — Ela murmurou.

Ele queria beijá-la, mas não podia. Se ele o fizesse, com ela tão doce em seus braços, não conseguiria parar.

Em vez disso, ele tocou a testa dela, deu-lhe outro abraço apertado, soltou-a e saiu da sala sem olhar para trás.

Do lado de fora, em seu SUV, ele abraçou sua mãe, tirou a aliança de casamento que Sonia lhe deu e a entregou a ela.

—Mantenha isso seguro. — Ele disse baixinho, para que nem mesmo Sonia, com lágrimas caindo de seus olhos e olhando para ele, de pé na janela do andar de cima, ouvisse. — Irei querer de volta no instante que voltar para casa.

Regan assentiu com a cabeça.

Ele entrou em seu SUV e, pela primeira vez em sua vida antes de uma batalha, sua mente não estava na próxima luta.

Estava em sua Rainha.

Mal sabia ele que a mente dela estava nele também.

E ela chorou muito tempo depois que ele se foi. Até tarde da noite, sozinha em sua cama, em seu quarto solitário, em sua casa solitária, que mesmo na companhia das luzes cintilantes da árvore e seu lobo de pelúcia, poderia diminuir.

A Rainha de Callum chorou não porque ele estava indo para a batalha.

Ela chorou lembrando os últimos dois dias que eles compartilharam. Dias que romperam a amargura que construiu em volta do seu coração. A amargura que ele rompeu com sua ternura e generosidade e lhe deu esperança de que seu sonho tivesse, finalmente se tornado realidade.

A amargura voltou como uma vingança quando aquele sonho morreu, no momento que ele tirou a aliança que parecia tão orgulhoso de usar e então, observando não tinha ideia do que porque ele fez isso.

De fato, quando observado por um estranho, parecia que ele não ligava para a aliança ou o que significava.

Se ele estivesse orgulhoso, ele entenderia, como sua corrente de reivindicação que não queria que ela tirasse, assim se ele de verdade sentisse orgulhoso em usar a aliança, ele nunca teria feito aquilo.



—Assine. — Gritou Callum, de pé sobre Nikolas, o único chefe da rebelião ainda vivo. Ele estava de joelhos, nu, ferido e ensanguentado, diante de seu Rei.

Callum também estava sangrando, tanto de suas próprias feridas cicatrizando quanto do sangue de suas vítimas, mas ele tomou um tempo e deu a seus guerreiros, roupas para vestirem.

Ele não permitiu essa cortesia entre as dezenas de lobos derrotados que estavam todos agora ajoelhados na frente dele.

Ele poderia tê-lo feito, se eles não tivessem matado seu irmão Calvin.

E ele poderia tê-lo feito, se eles não tivessem matado seu pai.

E ele poderia tê-lo feito, se a batalha que ele travou em três frentes nas montanhas e em frentes simultâneas em quatro outros territórios, a batalha não tivesse levado oito dias para ser vencida.

E ele poderia tê-lo feito se tivesse dormido mais nesses oito dias, o que não fez, pois apenas dormiu uma hora aqui ou ali e a exaustão estava em seus ossos.

E ele poderia tê-lo feito se ele não tivesse com tanta fome, não tendo tempo para comer, assim como não teve tempo para dormir.

E ele poderia tê-lo feito se a perda de lobos de ambos os lados não tivesse sido tão grande, simplesmente devido a sua teimosa recusa em admitir a derrota, porque seu ataque surpresa, na verdade, foi realmente uma surpresa. O inimigo foi pego sem perceber e jamais se recuperariam e assim deveriam ter admitido derrota há dias. Na verdade, dentro de horas, porra.

E, por último, ele poderia tê-lo feito se ele não estivesse tanto tempo separado de sua Rainha.

Mas, por causa de tudo isso, e porque ele era o Rei Callum, muito mais impaciente do que seu pai, especialmente cansado, com fome e irritado, a humilhação deles correu ao lado de suas derrotas.

Obstinado Nikolas olhou para ele.

—Assine! — Callum grunhiu.

O rosto de Nikolas se transformou em fúria, mas sua voz era um sussurro o quando ele disse. —Ela é uma bela peça.

O corpo do Callum ficou tenso, mas ele buscou a paciência.

—Assine os termos da rendição e aceite a punição como líder de seus seguidores. Não assine e não paramos até derrotarmos cada um de vocês, alertou Callum.

—Uma bela peça. — Nikolas repetiu baixinho. —Ela será uma bela escrava.

Ao mesmo tempo, Callum lançou o braço, e a parte de trás do punho dele pegou Nikolas com um golpe brutal pela mandíbula, enviando-lhe de costas no chão.

—Pelo amor de Deus, assine! — Ele rugiu, curvando-se sobre o lobo.

Nikolas se ajoelhou e gritou fanático. —Todos eles irão! Quando nos alinharmos com os outros imortais que, como nós, acreditam na ordem divina das coisas, todos os seres

humanos serão o que eles sempre foram feitos para ser. Nossos escravos!

Callum respirou acentuadamente pelo nariz.

Então virou as costas para Nikolas e afastou três passos.

Rapidamente, ele se virou novamente, se agachou e em um borrão de movimento, surgiu através do ar e aterrissou como lobo sobre o líder derrotado.

Ele rasgou a garganta de Nikolas com os dentes.

Primeiro.

Então, ele arrancou a cabeça do guerreiro.

Transformando-se de volta em homem, ele pegou a toalha lançada contra ele por um dos seus lobos, limpou o sangue de sua mandíbula e caminhou até suas roupas que ele há muito as tirou enquanto se transformava em lobo. Ele agarrou sua calça e puxou-a.

Enquanto fazia isso, virou-se para Ryon. —Passe por cada um até um deles assinar. — Ele rugiu, enquanto pegava a camisa e vestia. — Se eles não assinarem, então, envie uma ordem para os comandantes em todas as frentes dos outros territórios. Dê a cada lobo rebelde a oportunidade para assinar a rendição. — Os olhos dele fixaram em seu primo. —Se não o fizerem, mate-os.

—Será feito. — Respondeu Ryon, com os olhos iluminados pela fúria, mesmo através de seu cansaço.

Quando Callum estava vestido, virou-se para ir embora.

—Onde você está indo? — Ryon chamou.

Callum continuou andando e não olhou quando ele respondeu. —Para minha Rainha. Nós vamos para casa.



Capítulo

15

Castelo

Sonia acordou sob as pesadas peles, sentindo os lençóis macios e a dor traiçoeiramente agradável que se estabeleceu pesada em todos os músculos do seu corpo.

Em seguida, abriu os olhos.

Ela olhou para os travesseiros vazios de Callum e as lembranças dos últimos nove dias caíram brutalmente no cérebro dela.

Mesmo enquanto Callum, embora estivesse distante lutando contra a rebelião, Sonia passou esse tempo aderindo às suas ordens que foram dadas a ela por meio de Regan.

Ela esteve treinando Kerry e Mabel para administrarem a Claro, como Diana não poderia ficar para sempre, nem aparentemente, poderia Sonia. Sob seu decreto, ela também começou o processo de contratação de um novo funcionário que

suas meninas eventualmente escolheriam e que iria trabalhar ao lado delas. Isto era porque Sonia, assim que a rebelião acabasse, Regan disse a ela, iria se mudar para o castelo de Callum na Escócia.

Ela não pode argumentar sobre este “fato” com Regan, pois Regan tinha tão pouco poder quanto Sonia.

Além disso, Sonia não podia argumentar com Regan porque passou os oito dias com uma mãe muito preocupada. Sua sogra perdeu um marido e um filho para esta rebelião — Sonia descobriu — e ela muito temia por sua família e seu povo.

Diana, Julianna, Helena e meia dúzia de outras companheiras, mães ou irmãs dos guerreiros que estavam na luta, passaram um tempo em sua casa, esta última, Sonia não conheceu até então. Mas, quando Regan disse-lhe que viviam perto, ela as convidou para sua casa — conforto em números, Sonia pensou. Elas todas reunidas com Sonia na casa dela e como seria de imaginar, também estavam abertamente conturbadas.

Sonia tentou ser calma e otimista, muito apropriado para acalmar as preocupações das mulheres — especialmente Regan — com quem ficou preocupada em um curto período de tempo. Era difícil não se preocupar com mulheres cujos rostos estavam tensos com ansiedade e cujas vidas seria uma miséria se seus guerreiros morressem.

Então Sonia manteve o café — da manhã — e o vinho fluindo e comida disponível — à noite— e fez o melhor que pode em uma situação tensa que parecia durar anos e não oito dias.

Portanto, enquanto Sonia estava ocupada atendendo a suas súditas femininas, os machos estavam em guerra, então teria que discutir com Callum quando ele chegasse em casa sobre o fato de que pretendia ficar na casa e não se mudar para seu castelo.

Enquanto Callum lutava contra um inimigo sem rosto — para Sonia — ela empreendeu sua própria batalha.

Uma batalha interna.

Lutava contra o medo dele ser ferido — ou pior. Também lutava para controlar sua raiva, já que Callum outra vez, por qualquer motivo demente, lutava para ganhar um lugar em seu coração e conseguia brilhantemente, apenas para provar que ele não pertencia ali.

Isto foi mais uma vez comprovado depois que ele tirou a aliança, entregou a sua mãe e partiu sem um único olhar para a casa. Um lugar onde ele deu-lhe o melhor Natal que teve em décadas, apenas para acabar através da indiferença, soprando seu próprio castelo de cartas.

Ele provou isto deixando-a saber que ele iria levá-la para longe de sua casa, de seus amigos, de seu negócio, fazendo nada mais do que requisitá-la assim e nem ter a cortesia de pedir pessoalmente a ela. Provou isto, fazendo-a dizer adeus

para seus amigos e vizinhos por, mais uma vez, ordenar-lhe fazê-lo. Provou isto fazendo Regan levá-la as compras de inúmeras roupas — para que precisava de mais, Sonia nunca saberia — que Regan disse a ela que seriam necessárias em sua nova casa. Ele provou isto fazendo tudo sem perguntar a Sonia o que ela queria, onde ela queria viver, quem ela queria que a rodeasse e o que ela queria usar.

Por último, provou isto com seu comportamento no momento em que chegou em segurança da luta e nas horas depois que ele a arrastou para longe.

Callum, seu Callum dos sonhos, seu lindo lobo, era um produto de sua imaginação.

Não importava como se comportasse, às vezes, existia apenas o Rei Callum e ela jurou em sua cabeça que sempre, sempre se lembraria disso.



A pior parte começou quando Regan recebeu um telefonema na cozinha e veio correndo para a sala onde Sonia estava sentada com Julianna e Helena.

—Acabou! A vitória é nossa! — Regan, gritou com prazer, Julianna e Helena gritaram sua alegria e Regan olhou para Sonia. —Callum, Calder, Caleb e Ryon estão bem. — Ela olhou para a Helena. —Trenten também. — Ela olhou para Julianna. — Seu irmão também está conosco e tenho certeza que Saint já

sabe de que seus dois irmãos estão seguros. — Então ela abraçou a si mesma e riu alto antes de Julianna, Helena e Sonia correrem para abraçá-la e umas às outras, tão grande era o alívio delas. Embora Sonia, obviamente, tivesse outros sentimentos misturados também.

De repente, Regan agarrou o rosto de Sonia em ambas as mãos e gritou. — Querida! Esqueci-me! É hora de você começar a se preparar!

Antes de explicar uma palavra desta declaração para Sonia, Regan começou a correr em volta da casa, enquanto Helena e Julianna, ainda envolvidas em sorrisos aliviados, deram-lhe abraços e despedidas, mas, Sonia observou, sem explicações.

Regan estava marchando no andar de cima quando Sonia finalmente se juntou a ela em seu quarto. As seis malas e uma grande bolsa de cosméticos que comprou três dias antes estavam todas abertas e desarrumadas na sua cama, na sua poltrona na janela e mesmo no chão.

— Os meninos estarão aqui em breve. Você encontrará todas as coisas que quiser levar com você. Não se preocupe se perder algo. Julianna pode enviá-lo se lembrar de algo que gostaria de ter. — Então ela fez uma pausa, girou sobre Sonia e exclamou. — Oh não! As caixas estão na garagem. Precisarei ir buscá-las. Você! Arrume suas roupas. Vou correr e fazer isso.

—Regan, que merda...? — Sonia começou, mas ficou falando sozinha. Em um piscar de olhos Regan se foi.

Ela seguiu sua sogra e encontrou-a na cozinha, por alguma razão lutando com fita e caixas de papelão grandes, dobradas.

Regan olhou em sua direção antes de balbuciar. — Devíamos ter feito isso antes, mas não queria... em todo caso... — Ela hesitou. — Bem, obviamente, se algo acontecesse, você ficaria aqui para então eu não... — Ela fez uma pausa novamente e continuou. — Enfim, Callum ordenou-me fazer isso e se não conseguirmos fazer até ele chegar, ele não ficará muito satisfeito.

Apesar de Sonia não ter ideia do que Regan estava falando, percebeu que a última parte era extremamente verdadeira.

Regan continuou. — E Caleb disse que Callum quer ir embora para casa assim que chegar à cidade, então temos que estar preparadas.

—Regan, não sei do que você está falando. — Sonia disse-lhe e Regan parou e olhou para ela como se estivesse perplexa.

—Você vai se mudar para a Escócia com Callum. — Respondeu ela. — Pensei ter explicado isso a você.

—Sim, mas...

—Não há nenhum tempo a perder, Sonny. — Regan lançou uma caixa. — Faça isso. Monte as caixas. Há plástico bolha e

papel de seda para embalagem, na garagem. Tudo o que quiser daqui, coloque nas caixas. Verei suas roupas.

—Regan... — Sonia começou novamente, mas o telefone de Regan tocou.

Ela levantou uma palma da mão para Sonia parar de falar e atendeu ao telefone. Enquanto ouvia, desceu a palma da mão, mas girou-a com firmeza em direção as caixas.

Com um suspiro — mesmo que Sonia não fosse a lugar algum — começou a montar as caixas enquanto Regan ouvia, murmurando. —Hum, hum. Hum, hum. Certo. — Regan fechou o telefone e anunciou. —Nós temos menos tempo do que eu esperava. Os meninos estarão aqui em uma hora e meia. Vamos trabalhar.

Antes que Sonia pudesse proferir uma palavra, Regan voou pelas escadas.

Sonia ficou entre as caixas e decidiu, por Regan, que ela faria o que lhe foi pedido. Facilmente poderia desempacotar tudo mais tarde quando ela dissesse a Callum que não se mudaria para a Escócia.

Uma hora e meia depois, Sonia se levantou olhando pela janela em choque quando suas seis malas cheias, uma caixa cheia de cosméticos, três malas de Callum e cinco caixas cheias de enfeites de Natal da família dela, seu lobo de pelúcia, seus álbuns de fotos e algumas bugigangas foram levadas por um dos homens de Callum.

Isso vai tornar o desempacotamento um pouco mais difícil esta noite, ela pensou, enquanto mordida o lábio e a preocupação começava a atormentá-la.

Qualquer esperança de ficar foi destruída quinze minutos mais tarde quando Callum chegou.

A porta se abriu e Sonia, sentada e desfrutando de uma caneca de chá de ervas com Regan na sala de estar, ficou em pé, virou-se para o companheiro dela e abriu a boca.

Então ela parou e a olhou.

O corpo de Callum, cabelo e roupas estavam limpos, embora sua roupa estivesse amarrotada.

No entanto, a barba que cresceu nas semanas que esteve com ele, agora estava imensamente grossa e não aparada. Além disso, o cabelo dele parecia ter crescido tremendamente neste curto espaço de tempo e isso passou de longo demais para simplesmente caindo além do colarinho de sua camisa.

Além disso, seu rosto tinha uma aparência tão exausta que parecia quase desfigurado, algo que ela nunca teria imaginado, pois ele parecia sempre alerta e energizado.

E seus olhos estavam famintos e não de um jeito bom. As linhas de expressão deles estavam mais profundas e estavam positivamente fervendo, não com raiva, mas com ira. Um ódio tão profundo, tão forte, que emanava dele e enchia a sala com sua intensidade aterradora, instantaneamente.

Ele parecia mesmo selvagem e Sonia ficou congelada no lugar quando Callum não olhou para sua mãe, que se levantou ao lado de Sonia. Ele foi diretamente para Sonia e ela sentiu o desejo de fugir, fugir dele tão rápido quanto pudesse. No entanto, seu terror era tão absoluto, que sentiu que seus pés enraizaram no chão.

Ela não moveu um músculo quando ele usou um braço para enganchá-la brutalmente pela cintura e puxou seu corpo fazendo com que colidisse contra o dele. Então ele usou a outra mão para torcer violentamente seu cabelo causando tanta dor que se não sentisse sensualmente agradável, apenas sentiria dor. Então a boca dele bateu contra a dela e ele beijou-a de uma forma como nunca a beijou antes. De uma forma que Sonia nem sabia que se poderia beijar.

Foi violento, impiedoso, possessivo e até mesmo cruel.

Portanto, quando ele levantou a cabeça e olhou para sua mãe, Sonia não disse uma palavra.

—Nos encontraremos em casa. — Ele rosnou, sua voz era áspera, bem como seu olhar, tudo isso estava esculpido em suas feições, em cada linha de sua face enfurecida.

Então ele pegou a mão de Sonia e arrastou-a para fora até sua caminhonete.

Sim, arrastou-a.

Ela tropeçou duas vezes, tentando acompanhar seus passos comendo terra e ele nem sequer olhou para ela.

Ela colocou o cinto e ele foi acelerando casualmente pelas ruas, antes que percebeu que ele não disse a ela uma palavra.

Ele não disse sequer “olá”.

Sentia medo de sugerir ou dizer isso a ele.

Definitivamente, muito medo de lhe dizer que ela não iria para a Escócia.

Ele levou-a para um campo de pouso, jogando as chaves do SUV para Saint, que estava esperando e arrastou-a degraus acima para uma aeronave.

Quando ela chegou lá dentro, viu, para seu choque, que era um jato pessoal. Havia um conjunto de quatro, amplos e confortáveis assentos estofados em um rico couro castanho, de frente um para o outro em uma reluzente mesa revestida de madeira, quatro lugares mais atrás, dois de cada lado de uma porta. Havia um bar e um frigobar na parede em frente à porta do jato, o bar também feito de madeira altamente brilhante onde copos e garrafas estavam em prateleiras compactas e seguras. Havia uma tela de televisão na parede atrás da cabine do piloto. E havia um amplo, longo e firme sofá, no lado oposto dos assentos e bar.

Callum, virou-se para ela e ordenou ríspido. —Aperte os cintos.

Olhando em seus proibidos e hostis olhos, sem falar nada, Sonia fez o que lhe disse. Ela escolheu um lugar na parte de trás, perto da janela e afivelou o cinto.

Ele colocou a cabeça na cabine do piloto e disse uma palavra. —Vamos.

Então ele sentou-se ao lado de Sonia.

Ela tentou fazer seu coração parar de bater tão louco. Tentou encontrar um fio de coragem. Tentou pegar um único pensamento.

Ela falhou em todas estas coisas face a este novo e temível Callum.

Quando eles se estabilizaram no ar, novamente sem dizer uma palavra para ela, ele desapertou-a, pegou-a e carregou-a para o sofá.

Sonia ficou tensa quando Callum praticamente a jogou e desceu em cima dela.

Com a maior parte do seu corpo, fixando-a entre ele e o encosto do sofá, ele colocou o rosto em seu pescoço e dentro de momentos, a tensão deixou seu corpo, seu enorme peso estabeleceu-se nela e ele rapidamente adormeceu.

Ela ficou chocada com isso, chocada e imóvel por longos minutos.

Em seguida, o choque passou e ela percebeu que não estava confortável nem estava cansada, principalmente porque estava assustada, fora de si. Mas quando tentou se deslocar de debaixo dele, seu braço a apertou reflexivo, puxando-a ainda mais embaixo dele.

Então Sonia desistiu e deitou-se sob ele, tentando ficar confortável, às vezes cochilando —ele dormiu durante nove horas seguidas, sem mover um músculo — mas na maior parte do tempo decidindo que ela não podia viver esta vida.

Não importava o quão bom eles fossem, ela não podia viver para os momentos que Callum se lembrava que ela existia e, pelo menos, tentava ser o companheiro que ele não queria ser, mas que era seu dever como Rei. Ela não podia protestar contra as vezes que ele se esquecia de fazer isso e era apenas Rei.

Ela não podia suportar isso por toda a vida.

Sabia que não podia ir embora, mas também não podia viver assim.

Esteve certa todas aquelas semanas. Viver assim iria levá-la à loucura.

Antes que chegasse a uma única conclusão e, portanto, antes que fizesse o primeiro plano, Callum acordou.

Foram momentos antes do Comandante anunciar que eles em breve pousariam e precisavam tomar os seus lugares e apertarem seus cintos.

Callum usou o banheiro na parte de trás, assim como ela, descobrindo que não era um banheiro compacto, mas um banheiro completo, quatro vezes o espaço de um avião normal. Tinha até um chuveiro.

Quando ela saiu, com o braço estendido a ela, ele puxou-a para seu colo e beijou-a, desta vez lentamente, lembrando-lhe como poderia ser bom e quanto ela sentiu falta.

Seu coração balançou conforme seu ventre se apertava, mas sua mente lutou contra a doçura, mesmo que o corpo dela se rebelasse e relaxasse contra o dele.

Então ele acariciou seu pescoço, passando rapidamente o nariz por sua orelha e sussurrou. —Aperte o cinto, pequena. Estamos quase em casa.

Ela fez o que lhe foi dito, o assustador Callum ainda estava fresco em sua memória, mesmo que sua voz não fosse mais dura, seus olhos já não estivessem famintos ou enfurecidos e seu tom morno indicasse uma extrema sensação de alívio.

Quando eles desceram do avião, um homem alto de cabelos escuros estava de pé ao lado de um Range Rover verde para o qual Callum, segurando a mão dela, guiou-a imediatamente.

O homem olhava curioso para Sonia..., mas não caiu em um joelho.

Ele curvou sua cabeça para ela e Callum, antes que ele levantasse a cabeça para Sonia, reverentemente murmurou com seu evidente sotaque escocês, mesmo tendo falado duas palavras. —Minha Rainha. — Quando ela assentiu com a cabeça e lhe deu um sorriso trêmulo, ele sorriu para Callum e disse. —Ela é bonita, sua alteza.

—Sim, ela é, Drogan. — Callum respondeu enquanto o homem jogava um conjunto de chaves que Callum capturou.

—É bom tê-lo de volta. —Drogan falou quando Callum praticamente empurrou Sonia no banco do passageiro do lado esquerdo.

—É bom estar de volta. — Respondeu Callum, batendo a porta de Sonia sem se preocupar em apresentá-la a Drogan.

—Salve a vitória, meu Rei. —Drogan falou, sua voz era suave, mas também estava cheia de orgulho e alívio.

—Salve a vitória. — Callum repetiu, a voz dele como aço.

Callum dirigiu através do cair da tarde por uma paisagem arborizada tão rápido quanto ele dirigiu horas antes até o aeroporto.

Ela queria pedir-lhe para abrandar. Mas estava entorpecida demais para falar.

Ele não se preocupava.

No entanto, finalmente ele disse. —Ali está.

Sonia virou a cabeça da sua contemplação silenciosa, irritada, temerosa do campo zunindo a sua esquerda para olhar para frente.

Um castelo construído sobre uma pequena elevação.

Ela viu à fraca luz. Não era exatamente grande e também não era como qualquer castelo que já viu quando Gregor a levou para a França e Alemanha.

Este era como saído de um conto de fadas.

Tinha oito — ela contou — torres sobre as quais longas bandeirinhas voavam. Ele parecia não ter lados retos, ângulos acentuados. Era todo arredondado com pontas arrebatadoras. Ele não tinha um caminho sinuoso contornando a subida, mas era compacto e alto, pelo menos três andares, exceto as torres, que eram muito mais altas.

Ela mal conseguiu dar uma boa olhada antes de Callum virar e circular a unidade que tinha uma pequena fonte no meio, parasse o Rover e estacionasse.

Ela também mal conseguiu ver as duas estátuas — poderia jurar que eram lobos — que guardavam o corrimão em ambos os lados de um — dois ou mesmo três — metros de largura do conjunto de escadas. Estas levaram para adornadas e arqueadas portas duplas de madeira que pareciam ter cinco metros de altura e tinham enormes e ornamentadas dobradiças de ferro.

Também mal conseguiu dar uma olhada no interior, acolhedor e iluminado, enquanto ele a arrastava em uma sinuosa escadaria de pedras iluminada por candelabros na parede e cortadas por finas tapeçarias penduradas nas paredes arredondadas.

Caminhando por um, dois, três, quatro e cinco corredores ele foi direto para o único quarto que ficava no final do último. Um quarto que não conseguiu visualizar.

Porque ela estava concentrando-se no fato de que Callum estava quase rasgando a roupa de seu corpo.

—Callum... — Ela começou.

—Silêncio. — Ele ordenou em sua voz real.

—Cal...

Ele a beijou.

Ela lutou. Não contra ele, mas contra o desejo que estava lutando para emergir durante seu profundo, inebriante e faminto beijo. Porque não queria fazer isto, então se esforçou.

Não, nunca mais.

Concentrada em sua batalha interna, ela perdeu o fato dele tirar todas suas roupas.

Então quando ficou nua e ele colocou as mãos em suas nádegas, levantou-a e jogou-a na cama, mas pegou os tornozelos dela e puxou-a para frente ao mesmo tempo separando suas pernas, assim ela percebeu que estava perdendo a luta em sua cabeça.

E quando Callum, ainda completamente vestido, caiu de joelhos ao lado da cama, foi quando Sonia perdeu e o impulso assumiu, porque ele inclinou-se para frente e de repente sua boca estava entre as pernas dela.

As solas dos pés dela plantaram-se na beira da cama. Com um gemido descarado de profundo prazer, começando pelo núcleo, abrindo até a garganta e através de seus lábios, os

quadris dela subiram para atender as vorazes e famintas demandas de sua boca. Ele segurou sua bunda em suas grandes mãos e a tomou como um homem que esteve vagando por um deserto por dias sem água e acabou de cair de joelhos na piscina de um oásis.

No que pareceu ser segundos, Sonia gozou contra sua boca. Seu orgasmo foi tão intenso que ela mal o percebeu virá-la de bruços, em seguida, puxar seus quadris para cima. Os joelhos dela indo até a beirada da cama, ele entrou nela selvagem.

O desejo a consumiu, fazendo-a esticar os braços para frente e os dedos agarrarem as peles que cobriam a cama, enquanto ele a tomava, áspero, rápido e duro. Em seguida mais duro e mais duro ela acolhia cada um de seus impulsos com abandono irracional e recuava em desespero para aprofundar o contato. Seu primeiro orgasmo pareceu nunca parar, quando o próximo chegou e depois outro, antes dele entrar fundo uma última vez, enchendo-a completamente e rosnando sua liberação.

Mas ele não terminou.

Ele tomou-a novamente, Callum por cima, Sonia envolvendo suas pernas ao redor dele e deixando-o montar, novamente duro, novamente rápido, novamente áspero, até que ambos culminaram em um orgasmo.

E ele a tomou novamente, Callum atrás dela, suas mãos em suas coxas mantendo-as suspensas e estáveis para seus impulsos, enquanto ela agarrava a cabeceira da cama, a cabeça para trás em seu ombro, seus gemidos perfurando o ar.

Ele tomou-a novamente, Sonia por cima e montando seu pau enquanto Callum, sentado a incentivava a ir mais rápido com uma mão no quadril e a outra mão cobrindo um seio e levando-o à boca, onde ele atormentava seu mamilo.

E, finalmente, ele a tomou novamente, mas nenhum deles atingiu o clímax, uma vez que estavam cansados deitados de lado, de conchinha, seu pau deslizando com ternura, quase ocioso, dentro e fora dela e seus braços estavam ao redor dela, apertados.

—Durma, pequena. — Ele sussurrou.

Exausta, tudo o que ela podia fazer era obedecê-lo.

Agora, ela estava deitada em sua cama em seu castelo na Escócia, seu corpo cansado e dolorido pelo sexo. Com a consciência de que ele adormeceu novamente dentro dela e ela novamente dormiu cheia dele. Perdendo tudo o que disse a si mesma sobre o que nunca seria e nunca mais faria.

A humilhação penetrou em seus músculos, juntamente com a dor e a amargura que guardava em seu coração, transformando-se em ódio.

As lágrimas desse ódio amargo começaram a arder em seus olhos quando ela ouviu uma batida na porta.

Ela parou e olhou, em silêncio, esperando que quem quer que fosse — pois não era Callum, ela iria sentir o cheiro dele e de qualquer forma, ele nunca se daria ao trabalho de bater — fosse embora.

Não foi.

A cabeça de uma mulher alta, muito bonita passou pela porta. Ela tinha cabelo escuro com reflexos acobreados e um enorme sorriso no rosto.

—Você está acordada! — Ela disse brilhante, suas palavras também cheias de sotaque escocês e abriu a porta, equilibrando uma bandeja em uma mão e fechando a porta atrás de si com um chute forte do pé.

Sonia sentou-se, segurando as peles até os seios nus. A mulher, vestindo jeans, botas e uma bonita blusa de lã laranja fluorescente, com um cachecol fofo em listras laranja, vermelhas e roxas, enrolado em volta do pescoço, entrou no quarto. Então ela colocou a bandeja na mesa de cabeceira e caiu imediatamente para um joelho, com a cabeça abaixada.

Sonia olhou para ela, atordoadas.

Então ela se lembrou do que ela deveria fazer.

—Por favor levante-se. — Ela pediu e com uma abundante energia que assustou Sonia, com um pulo a mulher se levantou.

—Minha Rainha! — Ela exclamou. — Estive esperando por você há anos! Todo mundo estava! Anos, anos e anos! E olhe para você! É mais bonita do que eu esperava!

—Hum... — Sonia murmurou, surpresa por sua exuberância e, claro, o fato de que ela estava nua na cama e de frente a uma estranha. —Obrigada.

A mulher começou a rir enquanto ela se virava e corria para as seis malas de Sonia — e uma caixa de cosméticos — que de alguma forma estava toda alinhada com as malas de Callum no quarto.

—Ela está agradecendo-me por ser bonita. — A mulher disse para ninguém. —Hilário! — Ela gritou.

Então ela começou a abrir as malas em aparente abandono. Estava remexendo nas coisas de Sonia enquanto olhava em choque sem saber o que fazer e incapaz de fazer qualquer coisa, vendo como estava nua, e a mulher tinha uns dez centímetros e pelo menos vinte quilos a mais que ela.

—Eu sou Maraleena. Sou companheira de Drogan. — Anunciou enquanto abria outra mala e continuava mexendo. — Drogan é o regente das propriedades do Rei. — Ela pegou algo de uma mala e virou-se, agitando uma camisola de algodão com bainha de renda preta e um laço preto combinando com a renda do decote. —Ah ha! — Ela gritou e correu para Sonia. — Você pode colocar isso. Então precisa comer. Tudo. O Rei Callum disse que queria que eu levasse de volta um prato limpo.

Claro que sim, Sonia pensou, mas não falou em voz alta, enquanto pegava a camisola que Maraleena colocava na cama ao lado dela, para que a outra mulher pudesse começar a tirar as tampas da comida na bandeja.

—Você é humana, eu esqueci. — Ela disse a propósito do que Sonia pensava não ser nada, mas voltando para o seu assunto anterior. —Ser Regente das propriedades significa que Drogan cuida de todas as coisas do castelo. Você sabe, encanamento, aquecimento, os carros, os jardins, floresta e coisas assim. Ele também ajuda Callum com outras coisas, assuntos oficiais. Chatos. Cha... tos! — Ela decretou, levantou a bandeja e Sonia tinha apenas puxado a camisola para baixo sobre os quadris quando Maraleena colocou a bandeja no colo de Sonia, então ela olhou e disse. — Sou uma governanta ou era. Isso significa que eu cuido de todos no Castelo, de coisas como, você sabe, coisas de limpeza. Mantê-lo limpo, lavar a roupa, engomar, fazendo a comida. No entanto, sou uma péssima cozinheira. Pobre Drogan, ele adora comer. Sua vida é uma miséria comigo. — Ela sorriu um sorriso que desmentiu suas palavras e então continuou. —Tem uma loba que faz isso, ou fazia, nome dela é Callista.

Os olhos espantados de Sonia passaram de sua bandeja para Maraleena. E sua bandeja, aliás, consistia em dois ovos fritos sobre o que parecia dois pedaços de pão torrado, do lado de uma pilha de feijões, cogumelos salteados, duas fatias de bacon, dois salsichões e dois hambúrgueres de algum tipo de

carne negra. Isto estava acompanhado por um recipiente com quatro metades de pães cortados em losango perfeitamente torrados e três tigelas pequenas, uma de manteiga, uma de geleia de morango e outra de geleia de laranja. Isto E havia um café, uma caneca, um pequeno jarro cheio de leite, uma tigela de açúcar e um pequeno saleiro e outro de pimenta.

—Loba? — Sonia respirou, esquecendo a comida e observando quando Maraleena ficou completamente imóvel e seu rosto empalideceu.

Então ela piscou.

Em seguida, ela gaguejou. —Oh, é apenas uma coisa... é sim. Bem... — Ela gaguejou, seus olhos se iluminaram e ela proclamou. —O Rei Callum é conhecido como O Lobo!

Foi a vez de Sonia piscar para ela, atordoada, em silêncio com esta notícia.

Callum era conhecido como O Lobo?

O lobo?

O lobo?

Por que ele não mencionou isso a ela?

Nenhuma vez.

Não enquanto ela o chamava assim, gritando durante seus orgasmos — quão horríveis essas lembranças eram no momento — abraçando seu lobo de pelúcia, brincando com o pingente de

lobo que sua mãe comprou para ela ou qualquer momento entre eles.

—O Rei McDonagh era conhecido como lobo também. Por causa disso somos todos conhecidos como lobos. — Maraleena sorriu para Sonia, parecendo, por alguma razão, estranhamente satisfeita consigo mesma e o seu anúncio. —Então, você sabe, se alguém mencionar isso, digamos, nos chamar de lobos ou lobas ou... sei lá, sabe por quê.

Sonia não ouvia tudo.

Ela estava mais ligada no fato de que não sabia que o nome completo do pai de Callum era McDonagh.

Ela pensou ser Mac.

Callum não lhe disse isso também.

E McDonagh era um nome estranho — não que alguns dos homens de Callum não tivessem nomes estranhos.

Era um sobrenome? Era o sobrenome de Callum? Callum tinha um sobrenome?

Ele nunca lhe contou isso também e ela nunca — estúpida, ela era estúpida — pensou em perguntar.

Não, é claro, que ela se importasse — muito. Era apenas que seu sobrenome fosse provavelmente o sobrenome dela e ela deveria saber o seu próprio sobrenome!

Maraleena, alheia aos pensamentos furiosos de Sonia, moveu-se para as malas. —O Rei Callum e Droghan estão no seu

escritório, revendo as coisas e começando os planos para a celebração e o acasalamento. — Ela levantou algumas roupas de Sonia fora de uma mala aberta e virou-se animada. — Duas festas para agitar o ano novo! — Ela gritou alegremente. — Uma pelo fim dos terríveis rebeldes e a outra, um acasalamento real! Como é excitante!

Sonia pensou se deveria responder ou talvez perguntar o que Maraleena estava fazendo com as roupas dela, mas o primeiro tornou-se irrelevante quando Maraleena balbuciou e o último tornou-se óbvio quando o Maraleena começou a guardá-las.

Portanto, Sonia decidiu comer e deixar Maraleena tagarelar.

—Eu acho que o Rei Callum irá fazer algo deslumbrante nas duas festas, no acasalamento, definitivamente. — Ela jogou um sorriso por cima do ombro para Sonia. Sonia espetou alguns cogumelos e Maraleena deixou suas roupas em cima de uma mesa e começou a classificar e continuou falando.

Sonia levou sua tagarelice como uma oportunidade de olhar em volta e finalmente ver o seu novo quarto.

No minuto em que ela o fez, parou de comer e olhou o quarto de olhos arregalados, maravilhada.

Não era como nenhum outro quarto que ela já viu.

As paredes não eram retas, mas arredondadas, no entanto, o quarto não era um círculo mas seguia em curvas.

E era enorme.

Tinha dois guarda roupas de madeira escura com cinco portas que iam do piso ao teto elevado e eles também seguiam as curvas onduladas das paredes. Havia uma cômoda estreita, mas era alta. Havia outra mais ampla, com sete gavetas e uma mais longa, que tinha quatro gavetas acima e quatro lados a lado, mas era mais baixa — naquela que Maraleena estava agora. As paredes não abrangidas por móveis estavam cobertas de intrincadas tapeçarias que pareciam antigas, mas eram definitivamente bem conservadas e penduradas em trilhos de latão polido na borda superior da parede.

Haviam muitas janelas, todas elas com vidros em forma de diamante e os vidros eram tão antigos, que estavam modulados, bem como, dando a paisagem cinza, verde e branca, um atributo quase sonhador.

Havia um conjunto de sofás retangulares fixados em uma das paredes que era grande o suficiente para acomodar duas pessoas e tinha um estofado macio coberto com sarja verde oliva e enormes e macias almofadas espalhadas em diferentes tons de marrom e verde.

Havia uma lareira circular que, ela observou em estado de choque, estava no meio do quarto. Tinha o que parecia ser uma capa de pedra sobre ela que servia como uma chaminé. Um dos lados da lareira era um semicírculo, com um confortável sofá marrom-avermelhado e do outro lado estavam duas confortáveis

poltronas separadas por uma corpulenta mesa redonda. O sofá e as poltronas também tinham grandes almofadas empilhadas e lã macia ou pele de animal jogadas.

A cama de Sonia era maior do que qualquer cama que ela já viu, não apenas mais larga, mas mais comprida. Tinha quatro postes acortinados e estava coberta por pesadas, macias e escuras peles costuradas. Havia uma abundância de travesseiros em toda a cabeceira, o colchão estava coberto por um macio lençol de flanela cor de barro e o lençol que estava entre Sonia e as peles era igual.

O piso estava forrado com tapetes, todos de tamanhos diferentes, a maior parte deles grandes e grossos e elaborados tecidos em tons de marrons, verdes e ferrugem.

Qualquer parte que era não utilizada pelos móveis, tapeçarias ou tapetes, era composto de uma pedra argilosa, marrom, vermelha e dourada.

Era o mais convidativo, de aspecto confortável e bonito quarto que ela já viu.

Sentiu imediatamente vontade de chorar.

Pois foi este quarto que ela viu em alguns dos seus sonhos. Ela sabia que, por muito tempo, veria aquele vermelho, dourado e marrom nas bordas de sua consciência, quando estava envolvida com seu lindo lobo bonito ou viu a dança da luz da lareira em sua pele.

Para enterrar esses pensamentos e impedir as lágrimas que ela não poderia derramar em frente a Maraleena, Sonia olhou para seu prato e forçou um ovo em sua boca.

Então olhou para a louça na bandeja que, também, era linda de uma forma rústica, considerando que a parte inferior da bandeja e o exterior das tigelas, canecas e jarros, eram de um rico barro marrom, mas o interior era um lindo azul turquesa, fosco.

Claro, apenas Callum poderia ter louças que ela amaria instantaneamente e, portanto, se forçou a odiar instantaneamente.

— ...executado todos eles. — Maraleena estava dizendo enquanto Sonia empurrava para baixo a parte superior da cafeteira, suas palavras capturaram a atenção de Sonia.

—Desculpe? — Sonia perguntou.

Maraleena estava fechando uma mala vazia e deixando de lado quando ela olhou para Sonia.

—Eles devem ter executado todos eles. —Maraleena repetiu.

—Quem?

—Os rebeldes! — Maraleena, exclamou, não parando seu trabalho e indo em direção a outra mala, em seguida, retirando os jeans, as calças de veludo de Sonia e empilhando-as, dobradas em dois no sofá. —Um golpe de mestre, todos nós

achamos, o Rei Callum deu a ordem para matá-los um por um até que eles assinassem os termos da rendição.

Sonia respirou fundo e o oxigênio queimou seus pulmões congelados.

Matá-los um por um? Sonia repetiu em seu cérebro.

—Nada menos do que eles mereciam. — Murmurou Maraleena, novamente alheia à reação de Sonia. —Muitos de nós sentem que não deveria ter parado. Isto tem acontecido em anos. Anos! E o que eles querem, pelo que estão lutando! E matando nossos homens devido a isso. É revoltante. Agora, finalmente, acabou.

Sonia decidiu começar a trabalhar seu sistema, para isso serviu-se de café, que sempre ajudava e, portanto, com uma precisão estudada, na tentativa de parar o tremor em sua mão, ela preparou sua caneca.

Callum ordenou a execução de homens.

Um por um.

Até que eles fizessem o que ele queria.

Era bárbaro.

Ele era um bárbaro.

E ele era seu companheiro, seu marido e agora era seu Rei!

—De qualquer forma, este será um feliz ano novo com este assunto terminado e você sentada no colo de seu Rei. —

Maraleena declarou enquanto colocava as calças de Sonia em cabides. Ela jogou outro sorriso para Sonia como se ela não estivesse apenas cantando a morte de multidões de homens. — Todo mundo está muito animado.

—Fico feliz. — Sonia respondeu, mas sua voz soou embargada, então ela tomou um gole de café.

Estava delicioso. Mas não ajudou.

—Você sabe. — Sonia começou desejando — desesperadamente — mudar de assunto, em um esforço para não ficar completamente louca. —Eu posso fazer isso.

Maraleena congelou enquanto empurrava os cabides com as calças dela no guarda-roupa.

Lentamente, ela virou-se e inclinou a cabeça para baixo.

Em seguida, deferente, ela murmurou. —Sim, minha Rainha.

Mas antes que ela abaixasse a cabeça, Sonia viu um olhar no rosto dela que estava perto do trágico.

—O que? — Sonia perguntou antes de se lembrar de Callum dizer a ela que Julianna ficaria ofendida se Sonia tentasse ajudar. Então, rapidamente, ela disse. —Maraleena, desculpe-me. Sou nova nesse negócio real e humana. — Maraleena levantou a cabeça, mas o rosto dela perdeu a alegria conforme Sonia continuava. —Estou acostumada a fazer tudo sozinha.

—Eu suspeitava, que como companheira do Rei Callum, você iria querer cuidar dele. — Maraleena respondeu em uma voz morta.

Difícilmente, Sonia pensou, mas não disse em voz alta.

—Não é isso, é apenas... — Sonia parou de falar quando uma luz de esperança se acendeu nos olhos de Maraleena.

Sonia tomou uma decisão, colocou a bandeja de lado e saiu da cama. Ela caminhou até Maraleena, agarrou a mão da mulher surpresa e levou-a para o sofá. Sentaram-se ambas, lado a lado, ela enfrentou a mulher alta.

Em seguida, ela explicou. —Callum tem estado ocupado. Ele não teve tempo de dizer-me sobre os costumes de seu povo e o meu povo é muito diferente. Então, se você sabe o que está acontecendo aqui, porque eu preciso entender tudo para que eu possa... — Sonia parou sem saber o que dizer, então, encontrou as palavras dela. —Ser uma boa Rainha.

Parecia ridículo, mas a esperança aumentou nos olhos de Maraleena e, obviamente, não sendo uma mulher que precisava de muita persuasão para falar, ela o fez.

—Bem, veja, como companheira do Rei Callum você pode decidir cuidar do funcionamento do castelo, sabe, cozinhar, limpar e outras coisas. A Rainha Regan fez isso para o rei Mac. —Quando ela parou, Sonia sorriu e acenou com a cabeça de forma encorajadora para que ela continuasse e a esperança diminuiu quando ela começou a ficar nervosa, mas apressou-se

em ir adiante. —Mas, veja, este é o meu dever para meu Rei, mas também é.... — Ela hesitou. —Meu trabalho. O Rei Callum me paga para fazê-lo e Drogan e eu acabamos de comprar uma casa de campo maior, porque nossos filhotes estão crescendo e precisamos do dinheiro por isso, se você...

—Você pode manter seu emprego. — Sonia cortou rapidamente e a luz brilhante voltou aos olhos de Maraleena, antes que ela puxasse uma surpresa Sonia em seus braços e a abraçasse.

—De verdade? — Ela gritou, em seguida, continuou antes que Sonia pudesse responder. —Oh, estou tão feliz! Estava tão preocupada desde que soube que ele a reivindicou. —Ela se afastou e olhou para Sonia. —Drogan disse que não devíamos ter comprado aquela casa, porque não sabíamos quando o Rei iria encontrar sua companheira e se ela iria querer cuidar do funcionamento do castelo. — Ela sorriu. —Mas disse-lhe para não se preocupar. Tive um pressentimento de que tudo estaria bem e agora está aqui e você é tão pequena, bonita e agradável. E, eu sei que pode parecer loucura, mas eu amo meu trabalho, adoro este castelo e é uma honra para qualquer um estar a serviço de nosso Rei. — Ela puxou Sonia nos braços e deu seu outro abraço feroz com um sussurro. — Obrigada.

Sonia abraçou de volta pensando que gostava de Maraleena, era uma coisa boa em um mundo que parecia muito triste e respondeu. —Sem problemas.

Maraleena a soltou e levantou-se, retomando rapidamente o trabalho. —É melhor terminar seu café da manhã. Ficará frio e o Rei Callum disse que deveria comer tudo.

Ali estava ele. Um lembrete de seu mundo sombrio.

Sonia retomou seu lugar na cama com a bandeja e ela olhou para as salsichas pretas.

—O que é isso? — Ela perguntou, espetando uma e mostrando para Maraleena.

—Salsicha preta. — Maraleena respondeu, depois de olhar para ela antes de fechar outra mala, deixando-a de lado.

Algo sobre a resposta dela, embora provavelmente não fosse a resposta, provavelmente era histeria, fez Sonia começar a rir, mas falou através da risada. —Eu posso ver isso, Maraleena. É definitivamente preta e parece um tipo de salsicha, mas o que é?

Maraleena sorriu para ela novamente e disse. —Salsicha preta, chouriço de sangue, você sabe, linguiça feita de sangue.

Sonia empalideceu.

Maraleena riu.

—É muito bom. Prove. — Maraleena a persuadiu.

Sonia engoliu.

—Vamos, prove. — Maraleena solicitou. —Eu apenas obtenho o melhor. Irá adorar. O Rei Callum gosta.

Claro, Callum adoraria linguiça feita de sangue. Ele provavelmente iria beber o sangue, se pudesse.

Querendo ser uma boa Rainha e agradar Maraleena, estremecendo o tempo todo Sonia mordiscou um pedaço.

Estava delicioso.

Então ela decidiu que o odiava.

—Não é gostoso? — Maraleena perguntou, com um sorriso na voz, Sonia olhou para ela com atenção.

—Sim. Gostoso. — Sonia concordou, fez uma careta cômica, Maraleena riu novamente e voltou a trabalhar.

Enquanto ela fazia isso, Sonia forçou muita comida goela abaixo, o que não queria, mesmo que não tivesse comido a eras. Alternadamente, nos momentos de pausa conversava com Maraleena enquanto a mulher terminava com mais duas malas.

Foi enquanto Sonia estava engolindo o último pedaço de torrada com um gole de café que Callum chegou.

Sonia olhou para ele e o seu coração saltou dentro da garganta.

Ele estava vestindo a camisa de veludo marrom chocolate que ela lhe deu de Natal, sobre o jeans que se ajustava em seu corpo e um par de botas marrons.

Desde a noite anterior, ele teve não apenas seu cabelo cortado, mas também fez a barba.

Completamente.

Sem nada de barba.

Ele era exatamente a visão de seus sonhos, Callum. A visão que ela nunca viu na vida real —exceto que ele estava vestido.

Ela ficou tão impressionada com a imagem dele, que ele se sentou na cama sorrindo para ela antes que ela percebesse isso.

Então ele se inclinou, tirando sua caneca de café que segurava no alto e sua bandeja, para roçar seus lábios com os dele.

Afastou apenas dois centímetros antes de murmurar. — Bom dia, minha pequena.

—Bom dia. — Ela respondeu, mas sua voz parecia rouca e baixa.

Ela limpou a garganta.

Seu sorriso se transformou em uma risada.

Ela queria bater na cabeça dele com sua caneca de café.

—Brilhante. — Os dois ouviram o murmúrio de Maraleena e ambos viraram a cabeça para olhar para ela.

Ela estava segurando uma das camisolas de Sonia e os observava abertamente.

—Vocês são tão bonitos e doces juntos. — Maraleena observou, um grande sorriso feliz no seu rosto. — Brilhante. Adoro. — Os olhos dela moveram-se para se concentrar em Callum. —Olá, vossa majestade, seja bem-vindo.

—Olá, Mara. — Callum retornou, movendo-se, assim ficou sentado na cama ao lado da Sonia. Próximo ao lado dela, seus pés retos para fora na frente dele, de costas para a cabeceira da cama e pegou a caneca de café de seus dedos e em seguida, tomou um gole.

Sonia cerrou os dentes com as indesejáveis — ela estava dizendo para si mesma — intimidades.

Maraleena continuou dobrando as camisolas como se ela estivesse no quarto de um casal todos os dias fazendo a suas tarefas enquanto eles ficavam na cama.

—Muito bem as coisas com os rebeldes. — Maraleena disse casualmente outro sorriso radiante em sua direção.

—Obrigado. — Callum respondeu com um meio sorriso.

—É hora de celebrar. — Maraleena observou alegre.

—Sim. — Callum murmurou em mais um gole de café, mas seu braço estava empurrando através das almofadas até a cintura de Sonia onde, se estabeleceu. Sua mão em seu quadril, encontrou o pingente de lobo através de sua camisola e, como sempre, ele começou a brincar com ele.

Sonia não tentou parecer que estar fervendo, permitindo-se, apenas em sua mente, ferver.

—Mal posso esperar. — Maraleena murmurou, enquanto guardava as camisolas de Sonia sobre uma prateleira do guarda-roupa.

—Mara? — Callum chamou enquanto colocava a caneca na bandeja e então a tirava de Sonia.

Maraleena virou-se para a cama com suas sobrancelhas levantadas.

—Pode me fazer um favor? — Callum perguntou, segurando a bandeja para ela.

Os olhos de Maraleena ficaram tão brilhantes que praticamente chamuscaram o quarto com seu brilho.

Então, por alguma razão, ela começou a rir, apesar de Sonia achar que Maraleena fazia isso em uma base regular. Ela correu para frente, pegou a bandeja e estava fora do quarto antes que Sonia pudesse dizer algo.

Assim que a porta foi fechada, Callum virou o corpo dela, puxando-a para baixo na cama assim a cabeça dela ficou nos travesseiros.

Então ele a beijou, suave e doce, mas também molhado e lentamente.

Foi um grande beijo.

O corpo de Sonia respondeu, mas, felizmente, o cérebro dela não.

No entanto, ela estava respirando mais pesado quando ele levantou seus lábios dos dela.

—Callum. — Ela sussurrou.

—Você está aqui. — Ele sussurrou, seus olhos estavam completamente dourados, percorrendo o rosto dela, seus dedos passando pelo cabelo ao lado de sua cabeça. —Nos meus braços, na minha cama, na minha casa.

Ela tinha que pará-lo. Não podia ouvir isto, não podia testemunhá-lo novamente e querê-lo tanto quando sabia que ele nunca iria querê-la.

—Callum. Eu me sinto estranha. — A cabeça dele se inclinou para o lado com suas palavras e o olhar quente em seu rosto desapareceu enquanto suas sobrancelhas se juntaram. — Não é isso. — Ela disse rapidamente, não podia suportar sua falsa preocupação, não outra vez. — Acho que é apenas o fuso horário ou algo assim. Toda aquela comida. Foi tudo tão rápido ontem. Sinto-me estranha. Acho que preciso de um banho e mais café...

Ela parou de falar, porque seu rosto relaxou e ele tocou sua boca na dela.

—Tome uma ducha, pequena. — Ele permitiu — será que ela nunca se acostumaria a ele dizendo o que podia e não podia fazer? —Eu tenho algumas coisas para fazer, mas voltarei para levá-la em um passeio por seu novo lar. — Sua cabeça se curvou e ele a esfregou em seu pescoço por um momento, antes de marcar seu cabelo com sua testa e levantar a cabeça novamente. —Você irá se acostumar dentro de poucos dias, se climatizar. Isso é bom?

Ele estava perguntando como se ele se preocupasse com a resposta dela ou foi uma pergunta retórica?

Ela respondeu da única maneira que podia. —Isso é bom.

Ele sorriu para ela.

Adorava seu sorriso, assim como ela disse a si mesma que o odiava.

Ele se afastou dela e saiu da cama.

Ela olhou para o quarto grande e gritou para ele —Callum?

Ele olhou para ela, com sobrancelhas levantadas.

—Hum, onde é o banheiro?

Realmente esperava que não fosse em outro andar ou algo assim. Seria horrível descer aqueles degraus de pedras se ela precisasse das instalações no meio da noite.

Ele sorriu, plantou um punho na cama em ambos os lados dela, tocou seus lábios — novamente! Com os dele, afastou-se, atravessou o quarto e abriu uma porta que estava em uma tapeçaria. A tapeçaria foi afixada à porta de uma forma que parecia uma parte contínua dela. A maçaneta da porta também estava escondida no design da tapeçaria.

Era muito interessante e superinteligente.

Mas não compartilharia isso com Callum.

Ela jogou as peles para trás — realmente? Eles dormiram sob peles? — E saiu da cama e se dirigiu ao banheiro.

Callum parou seu progresso colocando um braço ao redor de seu estômago e ela virou o pescoço e olhou para ele.

—Estou ansioso para mostrar sua nova casa, querida. — Ele murmurou, antes de beijar sua testa e terminar, ordenando suavemente, mas definitivamente régio. —Você tem uma hora.

Então ele se foi.

Ela ficou feliz por se lembrar que ele era Rei.

E o lembrete de que, mesmo que ela fosse a Rainha e não de seu povo, ela ainda não passava de um negócio.



O banheiro era “quase” tão bom quanto o quarto. As paredes e pisos ainda eram daquela pedra, mas havia um grande aquecedor de bronze, uma enorme banheira circular em um tom muito bonito de ferrugem e um chuveiro em forma de cubo revestido por azulejos em ricos blocos coloridos. A pia de cerâmica era cor de ferrugem e composta mais por esta cor do que o suave vermelho, marrom e dourado da pedra. Havia um conjunto de prateleiras inseridas em uma parede com pilhas de toalhas macias e dobradas ordenadamente. As prateleiras também tinham bonitos recipientes de barro e bandejas que Sonia gostaria de preencher com seus diversos itens femininos. Havia um enorme e redondo espelho sobre a pia, cercado na metade superior com luzes de bronze. E por último,

idênticos e estreitos, consideravelmente estreitos, armários nas paredes em ambos os lados do lavatório embutido.

De verdade, até agora, Sonia podia ver por que todo mundo era tão feliz naquele castelo.

Ela tentou odiá-lo, mas simplesmente não podia.

Carregou sua caixa de cosméticos para o banheiro, encontrou as coisas necessárias, tomou um banho rápido e fez o melhor que pode com o cabelo e a maquiagem, sendo que não sabia onde tudo estava.

Por sorte, havia um secador — o dela não tinha a tomada certa — e felizmente, quando ela ficou pronta, não tinha uma aparência assustadora, como não queria ter quando, possivelmente, iria conhecer seus novos súditos, como sua nova Rainha.

Ela decidiu não esperar por Callum — ele não pediu que ela ficasse no quarto — e começou a vagar por conta própria.

O quarto era o melhor de todos, mas também era o melhor quarto que Sonia já viu na sua vida. Embora o resto ainda fosse muito, muito bom.

Eram todos decorados em ricos tons quentes e viris. A mobília era bonita e parecia confortável. Havia muitas almofadas confortavelmente jogadas e peles em todos os lugares, tudo isso era convidativo, bem como bonito. Havia toneladas de lareiras circulares em outros cômodos, para não

mentonar as paredes arredondadas e janelas com vidros em forma de diamante.

Era mágico.

Sonia queria odiar isso também, mas não podia.

Em sua nova vida ela teria Regan e provavelmente Maraleena e claro, Ryon e Caleb, talvez Calder, embora ele não ficasse por perto tanto quanto os outros e às vezes, podia ser grosseiro, então ela não sabia o que fazer com ele, ainda.

E ela teria o castelo.

Apenas não era o suficiente.

Mas, decidiu, era tudo o que seria.

Pois ela decidiu que diria a Callum que cumpriria com seus deveres como sua Rainha, mas ela não seria sua companheira.

A noite anterior foi a última que eles tiveram.

Para sempre.

Ela estava de pé no que ela adivinhou ser uma sala de estar, embora todos os cômodos parecessem assim. Ou pelo menos tanto quanto conseguiu ver, apenas que ela encontrou uma biblioteca que parecia ser uma sala de tricô, pois haviam enormes novelos de lã em cestas grandes, volumosos tecidos pelas confortáveis cadeiras. Estava olhando a paisagem pela janela — a maior parte envolvia grande quantidade de neve que

cobria a floresta, tanto quanto podia ver — quando Callum a encontrou.

Ela ficou tensa, esperando ele ficar com raiva por ela ter começado o tour por conta própria, mas ele apenas caminhou até ela, deslocando para ficar em suas costas. Seus braços se envolveram ao redor dela e ele puxou-a para frente e abaixou a cabeça para beijar seu pescoço.

Ela disse a si mesma que estremeceu porque estava frio — embora essa não fosse a razão.

E ela decidiu, agora era um momento tão bom quanto qualquer outro.

Sonia abriu a boca para falar, mas Callum falou antes.

—Você gostou do que já viu, pequena?

—Sim, você tem uma bela casa. — Ela disse a ele e em seguida. —Callum...

Ele interrompeu e a corrigiu. —Nós temos uma bela casa.

—Sim. Certo. Cal...

Ele a interrompeu mais uma vez, informando-lhe — Estamos planejando uma celebração de vitória primeiro. Devo isso aos meus homens. Todos os guerreiros que lutaram chegarão nas próximas semanas e a minha guarda está voltando para casa. — Ele deu-lhe um aperto e sua voz ficou baixa. —Então, duas semanas depois, nós vamos ter o

acasalamento real. — Ele descansou seu queixo no ombro dela e perguntou. —Você está bem com isso?

Como ela não sabia o que O Acasalamento era, mesmo que tivesse ouvido muitas conversas sobre isso, não poderia dizer exatamente.

Mesmo não sentindo ter algo para comemorar, no entanto, a resposta foi “não”.

—Callum... — Ela começou novamente.

—Aí está você. — Ela ouviu um homem dizer e tanto ela quanto Callum — embora Callum não a soltasse — se viraram para a porta para ver Drogan entrar sorrindo.

Ele começou a cair em um joelho, mas Sonia deixou escapar. —Não! — Ele ergueu a cabeça, enquanto o corpo de Callum enrijecia.

Ah bom Deus.

Ela fez algo errado.

Drogan olhou interrogativamente para Callum.

—Levante-se. — Callum disse a ele, sua voz era puramente régia e parecendo irritado.

Sonia precisava consertar.

—Eu fiz algo errado. — Ela afirmou e o homem não respondeu, então ela aventurou-se adiante. —É apenas que, em sua... quero dizer, nossa casa, deve ser casual. As pessoas devem se sentir confortáveis e não... você sabe... — Ela

terminou e virou a cabeça para olhar Callum antes de perguntar. —Não deveria?

Callum parecia tão irritado como soava — e tão real.

Ele não falou.

O coração de Sonia começou a bater loucamente.

—Peço desculpas. — Ela sussurrou. —Apenas não estou costumava a ter pessoas curvando-se para mim e isso me deixa desconfortável.

Houve um longo momento de silêncio antes de Callum suspirar.

Ele a soltou e olhou para Drogan. —Sua Rainha não quer que fique de joelhos no castelo, informe Mara e Callista.

—Claro, Vossa Majestade. —Drogan disse, mas sua boca estava se contraindo e ele, felizmente, mudou de assunto informando a Callum. —Há uma chamada urgente do Duque Ryon.

Callum assentiu com a cabeça, envolveu uma mão em volta de seu pescoço e puxou-a para dar-lhe um beijo no topo da sua cabeça antes que ele começasse a caminhar até a porta. —Sonia precisa de café. Pode mostrar a ela aonde fica a cozinha, então, Mara pode conseguir um pouco para ela? Mande Mara trazê-la para mim no meu escritório quando acabar.

Ele não esperou por uma resposta enquanto desaparecia pela porta.

Drogan foi para frente e ofereceu o braço, convidando. — Vamos tomar um café.

Ela inspirou, expirou e deslizou o braço no dele.

Ele acompanhou-a para fora da porta, enquanto ela anunciava. —Até agora, eu não sou boa em ser Rainha.

—Oh, não sei. — Ele respondeu e ela olhou para ver que ele estava sorrindo. —Vossa Majestade pareceu-me muito feliz esta manhã com os relatórios que ouvimos, durante as batalhas que você acolheu nossas mulheres em sua casa, fez-lhes companhia e tentou levantar seus espíritos, enquanto seu próprio companheiro lutava.

Sonia disse a si mesma que a sensação de calor que floresceu em seu ventre não era o sentimento de orgulho por suas palavras — quando era.

—Está bem então, acho que é toda essa coisa real em que eu não sou boa. As regras e o protocolo — Ela continuou.

—Não se preocupe. Pedirei a Mara para explicar a você. Ela irá adorar. — Disse ele.

Se Maraleena fosse falante como pareceu em seu primeiro encontro, então Sonia estava bastante certa de que ela iria adorar, também.

—Isso é uma grande ideia. — Ela sorriu para Drogan.

Eles desceram dois lances de escadas e estavam indo em um corredor quando Drogan parou e declarou. —Você deve saber, Cal também não gosta dessas coisas oficiais. Apenas o chamo de “majestade” em público. Já estive a seu serviço e a serviço de seu pai por tanto tempo, que nunca me curvo a não ser minha cabeça para ele e nem Mara ou Callista.

Ela olhou para ele com espanto, não acreditando em uma palavra que disse e também chocada porque, também, parecia velho o suficiente para ser irmão de Callum, não para ter servido ao seu pai.

—Mas ele ficou tão... tão... irritado. — Ela protestou.

—Você é sua companheira e minha Rainha. É meu dever ajoelhar-me diante de você e desculpe-me, Sonia, eu sei que é diferente entre sua espécie, mas o correto é dizer que não tenho que fazê-lo.

Agora como ela esqueceu isso?

—É claro. — Ela murmurou.

—Irá aprender com o tempo. — Ele disse gentilmente, afagando a mão dela e em seguida continuou dizendo misteriosamente —Ou ele irá. — Quando suas sobrancelhas subiram, ele riu e concluiu. —Vamos buscar o café.

Ele levou-a para a simpática e calorosa — tanto na aparência quanto na temperatura — cozinha — três cômodos! Onde ela conheceu Callista que era menos falante, não tão alta, mas definitivamente tão amigável quanto Maraleena. Drogan

saiu após deixá-la com as mulheres. Deram-lhe uma excursão pela cozinha, Sonia teve uma xícara de café e logo depois Maraleena levou-a de volta para Callum.

Seu escritório era também um belo ambiente com mobiliário convidativo, isso incluía uma grande e pesada mesa esculpida com duas cadeiras enormes de frente. Não havia uma lareira circular no meio, mas uma cavernosa atrás de sua cadeira na mesa, de frente a qual estava uma alta e primorosamente forjada grade de ferro.

Callum estava sentado naquela cadeira. Ele estava ao telefone, mas no minuto em que ela entrou na sala, seus olhos foram para ela e esticou o braço para o lado.

Ele a queria em seu colo.

Ela tinha que admitir que estava se acostumando com a coisa do colo e, no final, gostando.

Ela não gostava mais.

—Até logo. — Maraleena sussurrou e saiu, deixando Sonia sozinha com seu companheiro.

Sem mais nada para fazer, ela aproximou-se dele e sentou-se silenciosamente em seu colo, enquanto ele falava ao telefone, obviamente com Ryon. Ela sabia disso porque ele ficava dizendo “Ry”, não porque ela fosse um detetive que decifrava pistas em seu lado da conversa.

Quando ele finalmente desligou, ela instantaneamente desejou que sua atenção estivesse no telefone novamente, porém foi diretamente para ela.

Envolveu ambos os braços ao redor dela e puxou-a mais para perto dele.

—Você tem tomado as injeções duas vezes por dia? — Ele perguntou, surpreendendo-a com seu assunto.

—Sim, Regan me disse que você a avisou que o Dr. Mortenson disse que eu deveria.

—Tomou-as somente quando ela estava lá?

Ela assentiu com a cabeça e tentou não cerrar os dentes ao seu domínio. De verdade, ele agia como se ela nunca tivesse tomado uma injeção antes dele invadir sua vida.

—Tomou uma hoje? — Ele perguntou.

O corpo dela estremeceu e ela olhou para ele.

—Não, eu acho que não. Meu relógio está desligado. Nem mesmo sei se já é a hora. — Ela disse de forma estúpida pois já deveria ser a hora. Passaram-se horas desde a última vez.

—Vamos para cima e faremos isso em um minuto. —Ele afirmou, felizmente sem raiva então passou a perguntar. —O Dr. Mortenson pegou os resultados do exame?

Ela balançou a cabeça. —Não que eu saiba. Ele não ligou. Isso pode levar um tempo, às vezes.

Callum desviou o olhar e murmurou. — Irei ligar para ele.

Sonia tomou uma respiração profunda e em seguida, abriu a boca para falar.

Ele se virou para ela e falou primeiro novamente.

—Não faça isso, Sonia.

Ela fechou a boca.

Então, mesmo que ela soubesse do que ele estava falando, ela perguntou bruscamente. —O que?

—Foi explicado a você que meu povo se submete a mim quando estamos juntos. Eles irão concordar com você quando não estiver comigo, mas eu dou as ordens quando estamos juntos. — Ele lhe disse paciente. —Você não precisa ficar em silêncio em qualquer lugar, a não ser durante uma missão oficial, mas não dá uma ordem, como fez hoje com Drogan, quando estou ao seu lado.

Sonia esqueceu o assunto que queria falar e decidiu que seu tema era excelente para discutir.

—E eu lhe expliquei que achava medieval.

Um músculo saltou em sua mandíbula, indicando, talvez, que ele não estava mais paciente quando respondeu. —Sim, você explicou. E eu acredito que disse a você, na época, que era o jeito do meu povo.

Ela se endireitou no colo dele. —Sim e eu também acredito que uma vez era costume do meu povo tratar doenças usando

sanguessugas, mas encontraram outra maneira que funciona muito melhor então, agora eles estão fazendo diferente.

O dourado começou a penetrar o azul nos olhos dele quando ele declarou em um tom baixo e vibrante. —Pequena, um aviso, você quer jogar duro e pela primeira vez, eu tenho tempo para lhe dar isso.

Ela descobriu o que isso significava e não era nada daquilo.

—Não quero jogar duro. Não quero qualquer jogo. — Ela anunciou e o dourado surgiu, tomando o azul enquanto sua mão se arrastava por suas costas.

—Agora, isso soou como um desafio.

Ah não! Agora, o que ela fez?

Ela tinha que pensar rápido.

Ela conseguiu isso apenas quando seus dedos deslizaram em seu cabelo e colocaram pressão para trazer sua boca para a dele. —Não foi um desafio, Callum. — Ela sussurrou. —Ontem à noite foi... — Ela lutou por uma palavra e encontrou. — Vigoroso. — Seus olhos ficaram instantaneamente acesos com humor ao ouvir sua palavra — e eles também se iluminaram com algo completamente diferente — e ele sorriu antes dela terminar. —Doeu.

Ao mesmo tempo, o humor foi varrido de suas feições. A mão no cabelo dela colocou pressão, mas apenas para levar sua testa ao pescoço dele.

—Pobre bebê. — Ele murmurou. —Cansada e usurpada por seu Rei. — Sua mão deslizou para o pescoço dela e começou a massagear e ela disse a si mesma que não se sentia bem — quando sentia. —Desculpe-me, querida. — Ele continuou suavemente. —Depois de uma batalha assim... — Ela enrijeceu com suas palavras e ele suspirou. —Ficar longe de você não foi bom.

Ela gostaria de poder acreditar nele.

Ela realmente gostaria.

Ele inclinou o pescoço para beijar a testa dela e então disse. —Vamos dar-lhe o medicamento, irei mostrar seu novo lar e então quero que pegue leve pelo resto do dia. Sim?

Novamente ela se perguntava se era uma pergunta verdadeira ou uma retórica.

Ela sabia que era retórica para ele, saiu de seu colo e a levou para seu quarto. Ele localizou a medicação e lhe deu a injeção e ela descobriu, tanto quanto odiava admitir, que sentia falta de emergir do ardor na segurança de seus braços fortes.

Ele passou algum tempo, mostrando-lhe a sua nova casa e era óbvio enquanto fazia isso que sentia orgulho, pois era evidente em suas palavras e suas feições, que ele amava este castelo. Então, novamente, havia muito para amar, não

somente por sua aparência e o quanto havia sobre ele, mas como o sentia.

Eles foram para a biblioteca onde ele ordenou que ela encontrasse um livro, o que ela fez, em seguida, ele a levou para seu escritório.

Ele a colocou no sofá grande e fofo que estava sob uma janela de vidro em forma de diamante, justo quando a neve começava a cair lá fora.

Ele jogou um grande cobertor de lã, quente e macio sobre o corpo dela e o colocou firmemente ao redor de seus quadris e pernas e colocou um travesseiro atrás de sua cabeça. Depois que ela se instalou, ele pegou o telefone e ordenou que Maraleena lhes trouxesse o almoço.

Ele foi até a mesa dele e fez ligações, passou e-mails e eventualmente começou a escrever notas. Ela colocou o livro dela de lado e olhou para a neve se perguntando como conseguiu encontrar-se presa em um castelo de conto de fadas com um Rei de conto de fadas, quando tudo era real, mas nada disso era verdade — exceto, claro, o castelo.

Callum almoçou em sua mesa.

Sonia desafiou seu comando tácito para limpar o prato e escolheu sua comida, porque ela estava longe de terminar o processo de digestão de seu enorme café da manhã.

Callum não teve a oportunidade de confrontá-la, pois ela se enrolou no fofo sofá sob seu cobertor de lã macio com as mãos sob a bochecha e adormeceu.

Então, estava dormindo e perdeu quando seu Rei olhou em sua direção e o rosto dele ficou suave.

E ela perdeu quando ele andou até ela no sofá e sentou-se na curva do colo dela.

E ela perdeu quando ele tirou o cabelo de seu pescoço, mas dobrou o cobertor mais firmemente ao redor de seus ombros, para que ela não ficasse com frio.

E ela perdeu seu beijo suave em sua testa, antes de tocá-la com a sua.

E perdeu quando ele sussurrou em seu ouvido com uma voz embargada com uma emoção que mesmo Sonia não poderia ter entendido mal. —Porra, pequena, eu senti muito sua falta.



Capítulo

16

Expostos

Sonia se sentou no sofá no escritório de Callum, olhou pela janela para o céu cinzento, a paisagem coberta de neve branca e tentou encontrar pelo menos algo de coragem para dizer o que precisava a Callum.

Ela estava com Callum no castelo há três dias.

Três dias!

Ela disse que não queria ser sua companheira, mas estava disposta a ser sua Rainha como ela prometeu a si mesma, ela o fez?

Não.

Ela o impediu de fazer amor com ela, como prometeu a si mesma, ela o fez?

Não.

Ficou encantada com seu castelo, as pessoas que estavam nele, a aldeia aos pés do castelo e as pessoas nela?

Sim!

Após o primeiro dia tranquilo quando Callum a ordenou repousar, ela acordou em sua cama, em seus braços, o desejo quase sobre ela, porque suas mãos estavam sem rumo e seus lábios se arrastando pelo ombro.

—Callum...

Sua boca foi para a orelha dela e envolveu firmemente seu braço ao redor dela, puxando-a para seu grande corpo quente.

—Bom dia, pequena.

Bom Deus.

Se o mundo fosse real, ela acordaria toda manhã quando ele dissesse essas palavras com sua voz profunda e retumbante.

—Bom dia. — Respondeu ela, tentando desfazer o pensamento de sua mente.

—Como você está se sentindo esta manhã?

Enquanto seu corpo a traia e aconchegava-se mais próximo a ele, sua mente se fechou sobre uma maneira dela sair de sua primeira situação esta manhã.

—Ainda um pouco dolorida. — Ela disse — e não era uma mentira total.

—Pobre bebê. — Ele sussurrou em seu ouvido e mesmo que parecesse vagamente arrogante, ela não conseguia parar de tremer por ele estar perto e sussurrando em seu ouvido. —Vou

pedir para Mara preparar um banho quente. — Ele inclinou-se e beijou-a no pescoço. — Descanse, pequena.

Então ele se foi da cama, entrou no chuveiro, saiu do banho em suas roupas e com uma última viagem à cama inclinou-se para baixo e beijou sua testa, depois saiu do quarto.

Bem, ela evitou a bala e estava muito orgulhosa de si mesma, porque o tempo todo que ele esteve no chuveiro pensava em seu corpo alto, musculoso, nu com água deslizando para baixo nele e sentiu o impulso quase irresistível de acompanhá-lo.

Ficou deitada na cama praticando suas palavras para quando fosse confrontá-lo.

No entanto, ficou deitada na cama por muito tempo, até que veio uma batida na porta.

Ela respirou fundo.

Então suspirou.

Maraleena — ela sentiu o perfume da mulher.

Ela disse um bom dia, Maraleena colocou a cabeça através da porta e sorriu grande. — Oi, Rainha Sonia, você dormiu bem?

Em seguida, ela foi apressando-se em puxar as cortinas para trás, mexendo com a manta no sofá antes dela dirigir-se para o banheiro enquanto Sonia respondia. — Sim, Maraleena, dormi muito bem.

E ela o fez.

Dormiu como um bebê nos braços fortes de Callum em sua cama grande com seu pesado corpo cobrindo-a.

—Cal disse que você deve tomar um banho quente e Drogan disse que posso chamá-lo de Cal na sua frente. — Ela falou metade de sua declaração no banheiro antes de Sonia ouvir as torneiras serem abertas.

—Bem, você pode me chamar de Sonia. — Sonia disse de volta, jogando as cobertas para os lados, saindo da cama e terminou. —Ou pode me chamar de Sonny, que é como todos os meus amigos me chamam.

Maraleena apareceu na porta do banheiro, mas parou e ficou imóvel, com os olhos fixos em Sonia.

—Eu a conheço há um dia. — Maraleena respirou com um olhar chocado em sua expressão, Sonia decidiu que deve ter feito algo errado.

Mais uma vez.

Ela começou a caminhar rapidamente em direção a Maraleena ao mesmo tempo que ela começava a falar rápido. — Desculpe-me. Eu fiz algo errado novamente. Se tiver que me chamar de Rainha Sonia então faça. Tudo bem. Irei me acostumar a isso.

Ela parou na frente de Maraleena, que olhou para ela por um momento.

Então começou a rir e arrebatou Sonia em seus braços, dando-lhe um abraço forte antes de, tão de repente deixá-la ir.

—Eu simplesmente não posso acreditar no quão boa você é! —Ela declarou, caminhando rapidamente para a cama. — Estive no telefone durante toda a noite dizendo a todos, o quão a nossa nova Rainha é pequena, bonita e simpática. E que ela e o nosso Rei são muito doces e bonitos juntos. —Maraleena começou a fazer a cama enquanto Sonia tentava decidir o que ela sentia sobre Maraleena fofocando.

Então, uma vez que o que Maraleena disse não era ruim e claramente falava o dobro — ou triplo — do que qualquer fêmea normal diariamente ou poderia explodir, ela decidiu que não se importava.

—Se fosse comigo, eu provavelmente seria toda a Rainha do castelo. — Ela prosseguiu, puxando os lençóis, em seguida, jogou um sorriso para Sonia. — Embora eu esteja feliz que você não seja.

Sonia sorriu-lhe e respondeu, —Estou contente que esteja feliz.

Ela enxotou Sonia para o banheiro com a mão. — Xô. Vá. Cal, disse que está dolorida e precisa cuidar de seus músculos. — Seu sorriso ficou impertinente. —Eu lembro disso. Depois de minha reivindicação... —Ela deu uma risadinha. —Oo, fiquei dolorida por semanas. Drogan era insaciável. E duro! Foi brilhante! E, devo acrescentar, duas

vezes ontem à noite, ainda é! É um milagre que ainda possa andar hoje!

Sonia olhou para ela, desejando que tivesse os meios necessários para não engasgar em espanto horrorizado.

Mas ela não o fez.

Maraleena pegou seu olhar, o sorriso dela morreu e ela se endireitou.

—O que? —Ela perguntou.

O corpo de Sonia saiu de seu estupor chocada e ela deslizou as mãos ao longo de sua barriga, cruzando os braços sobre o tecido preto de sua camisola.

—Nada, apenas estou... os humanos não... — Ela gaguejou, mas parou quando Maraleena, de repente, bateu em sua testa com a palma da mão.

—Idiota! — Ela gritou. —Esqueci-me. Você é humana. — Ela estendeu o braço para Sonia. —Você disse que Cal não teve uma chance de explicar as coisas e Drogan me disse que queria que eu a ensinasse sobre o protocolo e tal. Eu sou uma idiota.

—Você não é uma idiota, Maraleena. — Sonia disse suavemente, caminhou até sua nova amiga e perguntou. — Conheci uma mulher, uma dos seus e ela também foi meio sem corte. Todas as pessoas falam... hum, de sexo assim?

O sorriso de Maraleena voltou com toda a sua força. — Oh. Sim. — Os olhos dela brilhavam, ela se inclinou e

sussurrou. —Definitivamente. — Então ela voltou a fazer a cama. —Nunca passei muito tempo com os humanos, mas sei que vocês não falam. — Em seguida, ela terminou em um resmungo. —Estranho, isso.

Sonia sorriu ao pensar que alguém poderia pensar que o jeito dos seres humanos fosse estranho.

Então, novamente, ao seu povo, obviamente era.

—De qualquer forma. — Prosseguiu, Maraleena. —Você tem seu banho. Cal disse que deveria ser morno. Irei trazer café da manhã daqui a pouco.

—Posso tomar café na cozinha com você e Callista? — Sonia pediu e Maraleena começou a rir.

Através da risada dela, ela disse —Sonny! Você é a Rainha! Você pode fazer tudo o que quiser!

Sonia realmente desejava que fosse verdade.

Infelizmente, não era.

Ela tomou um longo e quente banho na bonita banheira grande, perfumada com sais de banho, que Callum lhe deu no Natal. Ela colocou uma maquiagem leve e secou seu cabelo, olhando distraída onde estavam todas as coisas em seus novos ambientes.

Mas quando ela foi para o guarda-roupa decidir sobre sua roupa para o dia, viu que todas as malas estavam abertas e

todas as suas coisas guardadas, Regan não embalou as roupas de Sonia.

Ela só apenas embalou as roupas que Callum comprou para ela.

Sonia procurou através dos ganchos, pilhas de camisolas e gavetas para usar em casa, algo que era dela.

Nada.

Provavelmente foi uma ordem do rei Callum também!

Fumegando, Sonia “agasalhou-se”, como Callum mandou-a fazer, com uma calça marrom escura que era quase preta. Para isso, colocou um cinto marrom largo e escuro, botas de salto baixo sobre meias grossas e uma blusa salmão brilhante com decote canoa. A blusa não era uma das cores de Sonia, mas na loja Regan lhe disse que era simplesmente a cara dela e precisava comprar, então Sonia comprou.

Ela agarrou o longo, fino, quente cachecol de tricô de lã cor rosa com suaves fios balançando nas extremidades, o enrolou no pescoço e deixou-o cair na sua frente e então ela saiu para a cozinha.

Era difícil se manter fumegando com Callista e Maraleena, ambas, tão incessantemente alegres e ambas tão animadas para compartilhar com Sonia os costumes de seu povo.

E ao longo de um café da manhã de mingau adoçado com o que Callista chamava “melaço” —que era delicioso, e não era grosso e entupidor de artérias — Sonia aprendeu muito.

Por exemplo, aprendeu que quando um homem reivindicava sua companheira, ele e sua companheira ficavam isolados por semanas — até meses — depois da reivindicação, não sendo vistos ou ouvidos até eles voltarem para a cerimônia de acasalamento.

E aprendeu que uma vez que voltassem, diziam a todos sobre tudo, tudo sobre a sua reivindicação, até os detalhes mais íntimos. Na verdade, faziam isto muitas vezes ao longo dos anos tentando ter a melhor história de reivindicação de todas. E não eram apenas os machos que faziam isso, ambas Maraleena e Callista compartilharam as delas, com chocantes detalhes — Sonia se negou, usando a humanidade como desculpa, o que felizmente funcionou.

E ela aprendeu que o acasalamento cerimonial e o ritual, eram como a recepção de casamento dos humanos e apenas que não havia nenhum vestido de noiva, smoking, brindes de champanhe, poses para fotos ou danças combinadas. Eles iam direto para o que parecia ser uma bebedeira e devassidão com um grande buffet de comida que, como Callista assegurou-lhe com uma piscadela, —Nos velhos tempos, querida, não fazemos mais isso. —O macho na verdade, acasalava com a fêmea na frente de todos.

Agora, aparentemente — e felizmente — no final, o casal apenas ficava — ou seduzidos, dependendo de quão bêbado estivessem — na frente de todos e reafirmavam as palavras; macho: —Você é minha? — Fêmea: —Sim. — Depois iam para casa com todos gritando conselhos, encorajamento e transavam novamente.

Era isso!

—É uma pena que aqueles rebeldes patifes estragaram as coisas para você e Cal, arruinaram toda sua reivindicação com suas palhaçadas. — Callista murmurou irada, em seguida, afirmou. —Oh e o fato de que ele é o Rei.

—O que isso significa? — Sonia perguntou enquanto ela colocava mais café em todas as três canecas.

Callista olhou atentamente para Sonia, dando a impressão — correta — de que ela não estava inteiramente certa sobre isso ainda e respondeu. —Apenas que ele é como seu pai. Mac nunca caiu na ociosidade e Cal certamente não o fará. Todos sabem que ninguém poderia pegar seu governo de surpresa. Ele é o guerreiro mais poderoso do Reino. Mas há muito mais do que isso e ele leva tudo a sério.

—O que? — Sonia perguntou, curiosa apesar de tudo.

—Como um grande acordo, muito para agora. — Callista respondeu, mas o fez com um sorriso genuíno. —Agora, querida, você precisa ir até seu Rei.

Sonia sufocou seu suspiro, pingando leite — não desnatado, mas também não muito açúcar, graças a Deus — em seu café e começou a caminhar para o escritório de Callum mas parou quando Maraleena a chamou.

Sonia observou Maraleena puxar outra caneca marrom terra com o interior turquesa e a encheu com café e leite.

Ela entregou a Sonia, que pegou em sua mão livre.

—Para Cal. — Ela murmurou e sorriu. —Ele gostará de você cuidando dele, mesmo que tenha nos escolhido para fazer, hum... a maior parte disso.

Sonia assentiu com a cabeça e sorriu sua gratidão para Maraleena, mas no caminho para seu escritório, ela teve vontade de jogar sua caneca de café pela janela. Gostava muito da caneca, então não jogou.

Ele estava sentado atrás de sua mesa quando ela apareceu na porta e a bela e escura cabeça dele se levantou instantaneamente.

De alguma forma, de ontem para hoje, sua mesa ficou coberta de papéis espalhados, empilhados e arquivos, muitas correspondências e um laptop aberto.

Ela olhou para a bagunça na mesa e não pode se impedir de perguntar em tom de brincadeira. —Você está planejando outra guerra?

Ele começou a rir e o corpo dela estremeceu, depois se acalmou com o som rico.

Ela o fez rir. Com certeza o fez rir. Ela o fez rir. Ela o ouviu rir. Mas nunca propositalmente o fez rir e fazer isso a fez se sentir como se tivesse plantado sua bandeira no topo da montanha mais perigosa do mundo.

—Não. —Ele respondeu depois de controlar seu humor. — Isto é o que normalmente parece.

—Você precisa de um assistente. — Ela informou a ele, andando para frente, tentando obter o controle de si mesma e soar concisa e não fazendo um trabalho muito bom — porque ela não era uma pessoa de sonoridade concisa.

—Eu tenho quatro, Ryon, Calder, Caleb e Drogan. — Callum disse. — Nenhum deles são bons com papelada. — Disse ele com um sorriso.

Sonia acreditava. Nenhum desses homens parecia do tipo de papelada.

Ela parou no lado oposto da mesa e estendeu a mão, tentando encontrar um lugar seguro para colocar sua caneca. Então ela colocou uns papéis de lado expondo um bloco de papel e abaixou a caneca, porque dificilmente a deixaria nesta desordem.

—Você me trouxe café. — Ele declarou, sua voz era suave e calorosa.

Ela olhou para ele, não querendo que ele tivesse ideias. — Maraleena pensou que gostaria de uma caneca.

—Sim eu quero. — Respondeu ele. —Gostaria de saber o que mais eu gostaria?

Não, ela não queria.

—Callum... — Ela começou, mas ele a interrompeu.

—O que eu gostaria é de saber por que você está parada aí?

Ela endireitou os ombros, decidindo que o momento finalmente chegara e declarou. —Porque precisamos conversar.

—Você pode falar em meu colo.

—Prefiro falar daqui.

Sua voz era firme, mas ainda suave e calorosa, quando ele ordenou. —Sonia, venha aqui.

Aquela voz fazia coisas estranhas ao seu sistema. Coisas estranhas como acender o desejo nela. Coisas estranhas como fazê-la querer se sentar no colo dele e colocar a boca sobre ele. Em qualquer lugar. Em todos os lugares.

Sim, apenas a voz dele.

Ela lutou contra o desejo.

—Não, Callum, eu... — Ela parou de falar, porque ele se levantou.

Então ela olhou enquanto ele desviava de sua mesa.

Ela começou a recuar, muito tarde.

Ele agarrou um dos pulsos dela, puxou a caneca de café de sua outra mão, colocou-a sobre alguns papéis na sua mesa e enquanto ela tentava torcer o pulso para soltá-lo, ele arrastou-a para ele. Então estava nos braços dele. Ele andou ao redor da mesa e sentou-se com ela no colo dele. Ele calmamente inclinou-se, pegou a caneca dela e entregou-a, então pegou a dele.

Finalmente, a atenção dele foi para ela e convidou-a. — Agora, pequena, o que está pensando?

Nada.

Nada estava na mente dela, exceto o fato de que estava novamente no colo dele, onde ela lhe disse que não queria estar.

—Sonia?

Ela piscou para ele, querendo chorar e gritar ao mesmo tempo — para não mencionar arrancar seus olhos.

Ele esperou.

Ela não falou. Havia muitas palavras para dizer e não conseguia nem mesmo formar duas delas juntas.

—Vejo que este é um daqueles momentos. — Ele murmurou misteriosamente, não soando irritado ou zangado sobre qualquer um desses momentos, mas divertido. —Tudo bem, pequena, isso é o que vamos fazer hoje. — Ele disse a ela

suavemente. —Vamos lá para cima, irei aplicar-lhe sua injeção, então vamos à cidade.

Ela não estava acompanhando. Sua mente estava agitada, mas o corpo estava registrando o fato de que gostava do conforto e a segurança dele tão perto.

—A cidade? — Ela perguntou.

—A cidade. — Ele respondeu. —Então nós vamos voltar para casa e você irá descansar o resto do dia. — Ele terminou. —De acordo?

Ele tomou um gole de café, o que teria lhe dado tempo para concordar ou porventura, discordar. Mas antes que ela pudesse falar, ele a deslizou cuidadosamente de seu colo, agarrou a sua mão e levou-a para fora da sala e até a escada em caracol.

Enquanto ele fazia isso, disse. —Falei com o Dr. Mortenson enquanto você estava dormindo ontem e ele disse que todos os seus exames de sangue deram normais. Ele ainda está preocupado. Disse que há um médico especialista em Aberdeen, ele quer que você o veja. Marquei uma consulta nesta manhã de sexta-feira.

A mente de Sonia clareou com essa surpreendente notícia e ela perguntou. —Há um especialista na Escócia?

—De acordo com o Dr. Mortenson, há.

—Não sabia que havia tal coisa. — Ela disse.

—Bem há, pequena. E você tem sorte, que ele está a um curto voo de distância. — Callum respondeu, levando-a para o banheiro, ele aplicou a injeção, segurou-a até o ardor cessar e segurou-a por muito tempo depois.

—Callum. — Ela sussurrou quando ele não parecia querer soltá-la, suas mãos deslizando ao longo dos antebraços dele, que estavam cruzados em seu estomago.

Nesses momentos, agora duas vezes por dia, ela poderia acreditar nele, realmente acreditar.

Ele levantou a cabeça e seus olhos agora dourados prendeu os dela no espelho.

—Espero muito que novo médico conheça outra maneira.

Sua voz era áspera, com frustração e ela quase podia acreditar nisso também.

Perdida no momento, ela prometeu. —Você irá se acostumar a isso.

Sua risada foi tão cruel quanto a voz dele antes de dizer. — Não acho que isso acontecerá, querida.

Então ele fechou sua calça, afivelou seu cinto e levou-a para a cidade.



A cidade “não era uma cidade”.

Era uma aldeia encantadora. As casas e edifícios eram todos feitos do mesmo tom quente de vermelho e dourado como o castelo de Callum. Havia apenas uma rua de paralelepípedos que estava alinhada com lojas de ambos os lados e em pequenos becos que levavam à rua e até ao morro atrás da aldeia, havia casas e casas pitorescas.

A neve derretida deu as ruas um brilho cintilante e as calçadas estavam todas desobstruídas de neve.

Independente do dia cinzento que ameaçava mais neve, a aldeia parecia vibrante e fascinante. Havia uma padaria, com rosquinhas, compotas, biscoitos e bolos, exibidos em sua janela, dentro haviam diferentes pães e rolos sobre uma grade atrás de um balcão aquecido e repleto de petiscos quentes. Havia uma loja de frutas e vegetais com produtos coloridos em cestas suspensas do lado de fora. Uma floricultura com flores vivas em baldes de aço na frente. Um açougue, uma farmácia, uma loja que parecia vender nada além de artigos de pesca. Outra loja que parecia não vender nada além de fios. Uma loja de roupas femininas, com uma janela que exibia artigos mais esportivos, do tipo ao ar livre — mas as bolsas e blusas pareciam exuberantes. Uma loja de presentes, que, quando Sonia lançou um olhar para dentro, enquanto eles passavam em frente, parecia estar repleta de divertidas bugigangas, nenhuma das quais você precisava, mas todas que poderia se convencer que precisaria. E havia um café cheio de pessoas comendo ou encomendando chás e bolos.

E, por último, mesmo que fosse uma pequena aldeia, tinha nada menos do que cinco bares. Cinco!

Sonia gostaria de ter tido oportunidade de examinar, mas esta oportunidade não se apresentou.

Principalmente, porque a outra coisa sobre a vila era que estava ocupada com um monte de pessoas fazendo compras ou conversando nas calçadas.

E todos eles eram do povo de Callum, com olhos claros, corpos alongados, cabelos escuros e belos rostos.

E todos eles, quando viram Sonia e Callum, pareceram surpresos e encantados, então sorriam e começaram a cair para seu joelho.

E a todos eles, Callum dizia algo como.

—Levante-se Merriden, sua Rainha não faz cerimônia. —
Ou. —Fique de pé, Rhiannon, a Rainha Sonia não é fã de formalidades.

Então eles curvavam a cabeça com um sorriso amigável para Sonia e conversavam com ela e Callum antes de deixá-los seguir seu caminho.

Quatro coisas que surpreenderam Sonia.

A primeira, que Callum sabia todos os nomes. Cada um.

A segunda, que ele aparentemente não era fã de formalidades também. Sabia disso porque ele conversou amistosamente com os moradores, o braço em volta dos ombros

de Sonia, como se fossem pessoas normais, não um Rei e sua nova Rainha.

A terceira, que todos eram muito acolhedores, abertos, cheios de vida, sorrisos e riam com facilidade.

A última, foi que Callum agiu assim para salvá-la do desconforto das pessoas se curvando para ela nas ruas. Pessoas com as quais teria que conviver e queria que gostassem dela, não que se curvassem para ela. Ela não queria pensar que ele lhe fez um favor, depois de ficar sabendo que ela não gostava, um dia antes e assim, impedir que isso acontecesse novamente. Mas ela não podia parar de pensar que era.

Lentamente, eles caminharam por um lado da rua, parando e conversando ao longo dele, com todos olhando para eles francamente e de forma especulativa. Então lentamente caminharam pelo outro lado da rua, fazendo o mesmo.

No final do passeio, Callum os levou a um pub, chamado “The Claw”⁸. Ele também tinha janelas com vidro de diamante, mas o vidro era multicolorido em âmbar, vermelho e verde, tinha uma pata peluda com garras afiadas, pintadas na placa suspensa.

O interior era convidativo e quente após o frio do lado de fora. Havia uma lareira circular no meio com uma capa de bronze sobre ela e uma chama acesa dentro. Havia as torneiras de bronze no bar reluzente e uma variedade de assentos

⁸Garra, pata.

almofadados. E havia outra pata com garras gravada no espelho atrás do bar.

Callum guiou-a diretamente ao bar e quando pararam, perguntou-lhe. —Você gosta de cidra?

Ela olhou-o e imaginando que ele queria aquecê-la com cidra de maçã quente, embora ela preferisse chocolate quente, mas o que gostaria mesmo era pedir chá de ervas, ela perguntou. —Cidra de maçã?

Ele sorriu e respondeu. —De certa forma, embora não do jeito que você está acostumada. — Em seguida, ele proclamou. —Irá experimentar uma cidra.

Então, ele virou-se para um homem — que se chamava Ralph, a propósito — e pediu suas bebidas e também duas tortas de peixes, embora ele não tivesse perguntado para Sonia se ela queria torta de peixe ou algo para comer. Ele entregou-lhe um copo com meio litro de algo frio e dourado e disse a Ralph. — Coloque na conta de Canis. — E os levou a um confortável e curvo sofá, perto do fogo.

Ele tirou a jaqueta de couro marrom que ela lhe deu no Natal. Mas continuou com o cachecol listrado de marrom, bordô e marinho, envolvido no pescoço, sobre sua grossa blusa em tricô de lã, marinho — ambos os quais Sonia lhe deu também. Ela seguiu seu exemplo e se desfez de seu próprio casaco de lã verde e azul escuro. Em seguida, Callum sentou próximo a ela.

Sonia provou um gole de sua cidra e descobriu que era espumoso, nem quente nem frio, mas refrescante.

Ela não queria se sentir assim — disse a si mesma —mas não conseguia evitar. Gostou da aldeia. Gostou dos aldeões. Gostou de estar ao ar livre no frio nevado. E gostou da cidra.

—Isso é incrível. — Ela disse a ele enquanto seu braço deslizava ao redor dela e a puxava para perto.

—Fico feliz que tenha gostado, querida.

—Gostei da aldeia também. —Ela acrescentou.

Ele não respondeu, apenas sorriu para ela.

Ela não queria — disse a si mesma — mas mais uma vez não pode evitar. Estava muito curiosa para não o fazê-lo.

—Viveu aqui toda sua vida?

Ele puxou-a um pouco mais perto e levantou a perna para descansar a sola de sua bota contra a beira da lareira.

—Uma boa parte dela, sim. Passamos algum tempo na França, com a família da minha mãe. Durante um tempo de paz, quando meu pai não precisava de mim, morei no Canadá. E meu pai me nomeou articulador com o governo britânico por um breve período e então vivi em Londres.

Bem, isso explicava o sotaque dele.

—Mas você gosta daqui? —Ela perguntou.

—Gosto daqui.

—Mas? — Ela prosseguiu, Callum riu e a mão que estava em sua cintura deu-lhe um aperto.

—Mas. Embora eu tenha achado difícil deixar as montanhas rochosas canadenses. Era feliz lá. —Ele informou a ela.

Este conhecimento estabeleceu-se em algum lugar em Sonia — e, se ela fosse honesta, foi no coração — pois ela sempre foi mais feliz nas montanhas rochosas americanas. E ela odiava admitir, mas gostava mesmo dali.

Tardiamente, ela decidiu encontrar um assunto diferente, menos pessoal. Um que não poderia dar a Callum uma abertura através da parede ao redor de seu coração.

Portanto, ela perguntou. —Articulador entre o governo britânico?

Ele assentiu com a cabeça e tomou um gole de sua cerveja. —Todos os governos sabem do nosso povo.

Ela olhou para o fogo, tomou um gole em sua cidra e murmurou. —Estou surpresa com isso.

A mão dele deu a cintura dela outro aperto e ele perguntou. —Por quê?

Ela olhou para ele e respondeu. —Porque vocês são tão misteriosos. Eu não tinha ideia.

—Ninguém tem a menor ideia. — Ele respondeu. —A menos que queiramos que saibam. —Ele aproximou seu rosto e sua voz ficou mais baixa quando ele terminou. —Como você.

Ela pressionou seus lábios juntos em um esforço para não responder o quanto gostava de seu rosto tão perto e sua voz baixa e olhou novamente para o fogo.

Seu grande corpo relaxou ainda mais contra o dela. — Nosso povo se mistura com as pessoas o tempo todo.

—Muitos de seu povo têm companheiros humanos? — Ela perguntou.

—É raro. — Ele respondeu. —Mas isso acontece.

Sonia olhou através do pub e viu todos os olhos sobre eles e todos os olhos eram claros e iluminados. As cabeças eram escuras. E todos os corpos eram grandes e longos.

Ela voltou para Callum e sussurrou. —Todos nesta aldeia são de seu povo.

Ele olhou para ela e sorriu. —Percebeu?

Ela assentiu com a cabeça.

Ele puxou-a ainda mais perto. —Essa é uma das razões para precisarmos de uma ligação ao governo britânico e por que temos ligações com todos os governos. Existem pequenos países como este em todo o mundo.

—Países?

—Sim, pequena. — Ele respondeu. —Aldeias, cidades, até mesmo algumas pequenas cidades. Esta é nossa terra, nosso país. A aldeia e milhas de florestas que a rodeiam. Ela não é propriedade do governo britânico. É propriedade governada por nós. Não se perguntou por que não passou pela alfândega e imigração quando chegamos?

Ela não pensou nisso, sua mente estava em outras coisas.

—Não. — Ela disse. —Eu nunca voei em um jato particular antes. Não pensei sobre isso.

—Bem. — Ele disse. — É por isso. Não, porque você chegou em um jato particular, mas porque pousamos em uma pista, uma pista de pouso privada, nossa pista privada que ninguém usa. As estradas que levam a esta aldeia não estão em nenhum mapa. Essencialmente, para o seu povo, este lugar não existe.

Sonia não respondeu, apenas olhou para ele.

Callum continuou. —Isso não significa que os seres humanos não cheguem até aqui em certas ocasiões e eles não são bem-vindos quando o fazem. Simplesmente não seriam capazes de encontrar o caminho de volta a menos que tivessem excelentes memórias e pouco medo de estradas muito ruins. —

Ele deu-lhe um sorriso rápido antes que tomasse um gole de sua cerveja e em seguida continuou. —Há aqueles que preferem viver entre seus próprios, sendo quem somos e como somos e não ter que manter algo em segredo. Há quem encontre sua

vocação no mundo humano e suas profissões leva-os para lá. Há aqueles que apenas gostam de viver no mundo humano, entre outras pessoas, ter mais oportunidades. Há outros que vão e vem, dependendo de seu humor. E há outros que vivem aqui, mas também gostam de passar um tempo no mundo dos humanos. — Então ele terminou. — Ryon é assim.

—O que você gosta? — Ela perguntou calma, mais curiosa do que prudente quanto à sua resposta.

—Eu gosto de estar com meu povo e eu raramente me aventuro no mundo humano. — Ele respondeu honestamente.

—Você não gosta de humanos? — Ela deixou escapar em um sussurro antes que pudesse parar as palavras e então desejou que pudesse chutar a si mesma, porque ela não queria saber — embora, quisesse.

—Eu gosto. — Ele sorriu novamente, sua voz era suave, os olhos dele ficaram quentes e seu rosto se aproximou. —Uma em particular.

Ela puxou uma respiração e lembrou-se que ele poderia ser assim, doce e terno em um minuto e no próximo...

Bem, o próximo não viria.

—Então por que não passa tempo com os humanos? — Ela empurrou.

Ele suspirou e se afastou, dizendo. —Não os entendo.

Os olhos dela se arregalaram. —O que não entende?

Ele olhou para ela por um segundo, antes de jogar a cabeça para trás e dar uma gargalhada.

—O que é engraçado? — Ela exigiu quando sua risada se acalmou.

—Você, pequena. — Ele ainda estava rindo quando respondeu. —Que parte da minha cultura faz sentido para você?

Ela tinha que admitir, ele tinha razão.

Ela não o informou desse fato. Ela olhou para o fogo e tomou um gole de sua cidra, o que o fez rir.

—Farei um acordo com você. — Ele disse, dando outro aperto na cintura dela e capturando sua atenção.

Ela olhou para ele novamente e levantou suas sobrancelhas.

—Irei lhe ajudar a entender meu povo e você me ajuda a entender o seu.

Antes que ela pudesse responder, ouviu um barulho lá fora. Um barulho que soou como alguém carregando sacos, que escorregou e caiu na calçada dando um grito assustado de dor. Ela automaticamente ficou tensa com o ruído, como se ela estivesse preste a correr lá fora para ajudá-lo, com os olhos piscando para a porta.

Então percebeu que era um barulho que Callum não ouviu e não poderia evitar, porque ela não deveria tê-lo ouvido também.

Como ela fez muitas vezes em sua vida, Sonia obrigou-se a relaxar e tomou mais um gole de sua bebida.

—Sonia. — Ele chamou e ela hesitante se virou para olhar para ele.

—Sim? —Ela respondeu tentando parecer inocente e pensando que talvez tivesse falhado, pois ele estava observando-a atentamente.

Ele abriu a boca para falar, mas Ralph estava lá com duas grandes bandejas em cima da qual estavam menores e retangulares pratos com um purê suave e dourado, tortas de peixe cobertas com batatas que estavam tão quentes que chegavam a fumer e pareciam deliciosas.

—Duas tortas de peixes, vossa alteza? — Ralph perguntou.

Callum não parecia feliz ao ser incomodado, mas ele assentiu, moveu-se para uma mesa e eles comeram suas tortas — recheadas com salmão, creme, cenouras, ervas, cebola e queijo, eram de morrer e provável tinham um milhão de calorias cada.

A conversa deles morreu, porque Callum parecia imerso em pensamentos e Sonia não tinha nada a dizer.

Depois disso, ele a levou para o castelo.

Mas não antes de levá-la para a padaria e comprar um enorme cookie, metade mergulhado em uma camada grossa de chocolate. Isso ele ordenou que ela comesse no Rover e quando ela se recusou, ele puxou o carro para o lado da estrada, virou-se para ela e levantou suas sobrancelhas ameaçador.

Ela comeu o cookie e se odiou por ser tão fraca.

E o odiava ainda mais.

Mas o cookie, ela tinha que admitir, estava delicioso.



Callum fez Sonia descansar o resto da tarde, mas obrigou-a a fazer isso no sofá do escritório dele, enquanto ele sentava-se na mesa e trabalhava. Clicando através de seu laptop ou falando ao telefone, mas principalmente parecia passar seu tempo escrevendo notas à mão.

Eles jantaram e ele a levou para o quarto para aplicar sua injeção e depois se deitaram no sofá na sala que ele chamava de “salão”. Era um sofá com o estofado em couro — e ela disse a si mesma que não era suave e confortável, mas era. Ele jogou uma colcha de lã por cima — deixando-os confortáveis também — e eles assistiram Cool Hand Luke, que, de acordo com Callum, era o filme favorito de seu irmão Calder, um fato que Sonia não achou surpreendente.

O telefone tocou — ou, dezenas deles tocaram em toda casa — enquanto estavam indo ao andar de cima para a cama. Sonia também estava tentando descobrir como iria impedi-lo de fazer amor com ela ou mais precisamente, ela mesma de desejá-lo.

—Suba pequena, estarei lá em um segundo. — Ele murmurou distraído e foi para a sala.

Ela estava dormindo quando ele se juntou a ela na cama.

E o desejo surgiu quando ela acordou com uma mão entre as suas pernas e dedos rolando seu mamilo.

Não havia nenhuma chance de lutar contra isso, ela estava muito longe.

Arqueou as costas e pressionou os quadris em sua mão.

—Você ainda está sensível, querida, eu vou.... — Ele começou, mas ela rolou para ele, desalojando suas mãos e beijando-o.

Então ela fez outras coisas com ele com sua boca.

Então ele fez as mesmas coisas com ela.

Então ele a tomou, não duro e áspero, mas lento e doce e ela não gritou lobo quando gozou. Sussurrou isso em seu ouvido em um suspiro satisfeito.

Então adormeceu nos seus braços.

Ela acordou neles também, assim como na noite anterior, mas Callum não estava a fim de ser lento e doce. Ele estava com

um humor diferente. E com desejo por ela, Sonia gostou do humor dele.

Gostou tanto que implorou por isso.

Depois ela ficou deitada de bruços, os olhos fechados, sua mente tentando controlar sua respiração.

Ela o sentiu deitado ao lado dela, a cabeça estava afastada da dele, mas sabia que ele estava em um cotovelo e os dedos dele estavam se arrastando levemente ao longo da pele nua de suas costas. A mão dele finalmente deslizou para baixo sobre o traseiro dela e mais para baixo deslizando na parte de trás de sua coxa e ele gentilmente levantou a perna dela.

Então, como fez depois de reclamá-la, ele revestiu suas coxas com suas umidades misturadas.

Ela sentiu seu peito em suas costas e seus dedos cavando em seu quadril quando ele rosnou em seu ouvido. —Isso é a coisa mais linda do mundo.

Sonia não respondeu verbalmente, mas estremeceu deliciosamente, porque em algum lugar, lá no fundo, mesmo que dissesse que não, ela concordava.

Os dedos dele deram a seu quadril outro, muito mais suave, aperto.

—Vista uma coisa quente antes de vir para mim. — Ele ordenou antes de sair da cama, jogando as peles sobre ela e caminhando para o banheiro.

Antes que ele saísse do quarto, colocou o lobo nos braços dela e beijou sua testa.

Sonia encarou os travesseiros, segurando seu lobo e disse a si mesma para não chorar.

Ela também disse a si mesma, naquele dia, que ela iria encontrar uma maneira de acabar com isso.

Antes que Maraleena pudesse chegar, jogou as peles para trás, foi ao banheiro e tomou um banho.



No entanto, Sonia não encontrou uma maneira de acabar com isso.

Em vez disso, tomou o café da manhã com Maraleena e Callista na cozinha novamente e elas passaram esse tempo ensinando-lhe a etiqueta de uma Rainha e o protocolo e fazendo-o de forma hilária. Callista encenando a parte silenciosa da Rainha, enquanto Maraleena encenava a parte dominante do Rei e todas as três riram até doerem seus estômagos.

Quando ela chegou na porta do escritório de Callum ele já estava caminhando através do cômodo. Sonia mal abriu a boca antes que a levasse escada a cima para a injeção e então ele disse que iriam sair para explorar a floresta.

Antes que pudesse dizer outra palavra, saíram para explorar a floresta.

Isso foi o pior, porque foi o melhor.

Vagar através da neve e das árvores, o ar fresco em seus pulmões, o frio no rosto, o calor nos seus músculos ativos, ela podia cheirar a vida selvagem, ouvi-la e senti-la ao seu redor.

E adorou.

Lembrou-se de todas as vezes que esteve na floresta com seu pai quando era criança. Ela não fez isso desde que ele morreu e esqueceu o quanto amava.

Não, o quanto se sentia bem, como se estivesse onde pertencesse, como se tivesse voltado para casa.

E estar ali com o doce e tenro, Callum. Sentindo isso com ele, enquanto Callum segurava a sua mão e se arrastavam na neve, era demais. Parando-a de vez em quando para colocar a mão sob seu queixo, inclinando sua cabeça para ele roçar seus lábios nos dela — e às vezes era muito mais do que roçar. Chegando a uma elevação que expunha uma nova vista, ambos pararam de pé, perto e apenas apreciando à vista. Ela permitiu-se fingir. Apenas uma vez, ela se permitiu estar onde sempre quis estar, com o homem que ela desejou por tanto tempo, sendo dela.

Então, quando voltaram, sem objeção, ela almoçou sentada no colo dele e depois do almoço, ficou com ele na sua

cadeira de trabalho que estava virada para a lareira. Não disse nada quando ele a pegou, a carregou até o sofá e a colocou lá.

Organizando a manta de lã por cima dela, ele murmurou em um tom cheio de remorso. — Tenho trabalho a fazer, pequena. — Ele segurou seu rosto com as mãos e tocou sua boca na dela. — Terminaremos daqui a pouco. — Raios dourados cortaram o azul de seus olhos, antes que ele sussurrasse. — Há algumas coisas que quero que você faça para mim naquela cadeira.

Sonia sentiu o pulsar entre as pernas e ela também ouviu o gemido suave que ficou preso em sua garganta.

O dourado assumiu o azul quando ele disse com aprovação. — Está excitada.

Em seguida, ele a beijou mais forte, mais longo e mais molhado, antes de soltá-la e voltar para sua mesa.

Uma vez que Sonia saiu de seu fantasioso mundo de castelos encantados e reis de conto de fadas, que conheceu em seus sonhos, percebeu que estava na Escócia há três dias.

Ela não tinha a intenção de ir para a Escócia, mas estava ali há três dias, encontrou pessoas que de quem gostou e caiu de amores pela aldeia e pela floresta.

Não pretendia fazer sexo com Callum novamente, mas eles fizeram sexo seis vezes, não aceitável, não sexo bom, mas sexo fantástico — como sempre.

Mas ela tinha a intenção de esclarecer algumas coisas, o que era a única coisa que não fez.

E ela precisava de coragem de fazê-lo e em breve. Ou estaria fazendo coisas com Callum na cadeira dele, coisas que sua mente estava fazendo por conta própria, coisas que estavam fazendo palpitar entre as suas pernas e seus seios incharem. Coisas que, apenas o pensamento delas, quando Callum não estava sequer olhando ou falando com ela, estavam afetando-a profundamente.

E estava, ela decidiu que estava em sérios, sérios problemas.

Sonia estava tão profundo em seus pensamentos, que quando ouviu a porta da frente sendo aberta, à milhas de distância — bem, não exatamente, apenas dois andares de escada em espiral e um longo corredor, mas mesmo assim — nem pensou em parar de olhar em direção a porta.

Ela pensou nisso quando Callum disse o nome dela.

Seu corpo ficou tenso, mas olhou em direção a ele.

Ele estava observando-a de perto, estreitou os olhos, com as sobrancelhas levantadas.

Seu olhar era ameaçador.

Finalmente, ele perguntou. —Você ouviu isso?

Ah bom Deus.

Ela esqueceu de esconder seu dom. Seu pai disse a ela para nunca, nunca se esquecer.

Ela tentou disfarçar. — Ouvir o que?

Callum instantaneamente respondeu. —Regan e Ryon chegando.

Ela olhou para ele.

Ela sabia que era Regan e Ryon também, podia ouvir suas vozes e eles estavam se aproximando.

Como é que ele...?

Ele interrompeu seus pensamentos. —Responda-me Sonia, você ouviu isso?

Ela não tinha tempo para pensar sobre ele ouvir a chegada de sua família. Ainda tinha que disfarçar.

—Ryon e Regan estão aqui? —Ela perguntou, jogando a manta de lado e ficando em pé.

—Você não ouviu? —Ele retornou, conforme também ficava de pé e começava a ir em sua direção.

Ela considerou fugir.

Em vez disso, ela mentiu. —Não. — Então ela levantou a cabeça e continuou mentindo. —Oh. Agora os ouvi.

Qualquer um ouviria, eles estavam subindo as escadas.

Callum parou na frente dela e olhou para ela. —Se você não os ouviu, por que virou sua cabeça no momento em que a porta da frente se abriu?

—Você pode ouvir daqui a porta da frente ser aberta? — Ela perguntou imediatamente, chocada e extremamente interessada nesta notícia, ao mesmo tempo, ainda escondendo o segredo dela.

—Eu posso. — Ele respondeu aproximando-se, fazendo-a inclinar a cabeça para trás para olhar para ele e sentindo o calor de seu corpo, em seguida, ele terminou com. —E você também pode.

Os olhos dela se arregalaram, sua boca se abriu para negá-lo e Regan entrou pela porta.

—Cal! Sonny! É tão bom estar em casa! —Ela gritou, apressando-se com o rosto envolto em sorrisos.

Ryon a estava seguindo, seus olhos estavam em ambos, Sonia e Callum e eles estavam tão desconfiados que ele sentiu o ar tenso.

Callum virou-se para encarar sua mãe.

—Odeio essas viagens de avião. É tão longa e ficar trancada. Não há lugar para passear. — Regan declarou ao mesmo tempo colocando a mão nos bíceps de Callum, dando um beijo em sua bochecha e em seguida, dando um abraço em Sonia.

Depois que Regan se afastou, Sonia tentou se afastar de seu companheiro.

O braço dele deslizou ao redor de seus ombros.

Sonia parou de se mexer.

Callum a aninhou do lado dele.

—Mas estou em casa agora! — Regan alegremente anunciou antes de se virar para Sonia. —E quero saber como você está passando, Sonny, mas a primeira coisa que farei será trocar de roupa e dar um passeio. Então pedirei a Drogan para acender uma lareira na sala de tricô e você vai me contar tudo. Oh, espero que Callum a tenha levado para a aldeia. Eles tem a melhor padaria do mundo e eu sou francesa, se é que diz alguma coisa! — Ela sorriu, olhou entre eles e brincou. —Então, deixarei Cal ter você de volta para o jantar.

—Estou feliz por você está em casa, Regan. — Sonia sorriu para sua sogra, em seguida, virou seu sorriso para Ryon. —E você também Ryon. Fico feliz em vê-lo seguro.

—É bom estar seguro, Sonny. — Ryon sorriu de volta.

—Oh! — Regan gritou de repente. Sonia saltou e olhou para ver o que sua sogra estava cavando na bolsa. —As coisas estavam... bem, não tivemos muito tempo e eu estava tão feliz que todos estavam bem e então fiquei preocupada em preparar tudo para Sonny. — Ela tirou a carteira da bolsa e a abriu. — Então, eu esqueci, mas... — Estendeu o braço na direção de Callum e anunciou. —Aqui!

A aliança de casamento que Sonia deu para Callum estava brilhando entre o polegar e o indicador.

Sonia olhou aquilo e sentiu cada músculo de seu corpo se enrijecer, temia que se ela se movesse se romperia em um milhão de pedaços.

Ela observou enquanto, casualmente, Callum estendia a mão e pegava a aliança de sua mãe, murmurando seus agradecimentos. E, tão casualmente, ele estendeu a mão sobre o corpo rígido de Sonia e a deslizava no dedo que estava no ombro dela.

Diziam que as pessoas tinham seus limites, seus pontos de ruptura.

Este foi o de Sonia.

Algo veio sobre ela. Algo que ela nunca sentiu em sua vida. Algo que ela não entendeu por um momento.

Então percebeu que era fúria. Era uma fúria tão gigantesca, que não poderia pensar em mais nada, além disso.

Ela olhou para Callum não percebendo que o ar na sala ficou denso, quando todos os habitantes sentiram a raiva dela.

—Precisamos conversar. — Ela declarou antes de sair impetuosamente de seu abraço e praticamente correr para seu quarto.

Nos segundos antes de Callum a seguir e fechar a porta, Sonia percebeu que chegou a hora.

Ela iria fazer isso.

Agora.

Esticou a mão com a palma para cima e exigiu. —Dê-me a minha aliança.

Callum estava olhando atentamente para ela, braços cruzados no peito, enquanto ele perguntava —Como?

Ela contorceu os dedos dela. —Minha aliança. Dê-me.

Ele não estava mais olhando para ela atentamente. Percebeu o que ela estava falando e sua mandíbula se apertou.

Então ele perguntou, —Por quê?

—Isso não significa nada para você. E quando a comprei, não sabia que significava algo para mim. — Ela viu um músculo de advertência saltar em seu maxilar com estas palavras, mas estava furiosa demais para se importar. —Mas então significa. Isso significava alguma coisa. E não é certo, se isso significa algo para quem deu e, a pessoa que recebeu usá-la se não significa nada.

Ele pausou por um momento antes de falar.

Então ele disse em um tom que era uma ameaça tão forte quanto o músculo pulsando em seu maxilar. —Posso perguntar por que porra você acha que isso não significa nada para mim?

Sonia também ignorou o tom dele.

Ela abaixou a mão e explodiu. —Não importa como eu sei, apenas sei. Agora me entregue a minha aliança!

Ela observou seu corpo ficar tenso antes de afirmar. — Você tem cerca de dois segundos, pequena, para me dizer que merda está falando.

Algo se rompeu dentro dela e a dor foi insuportável.

Por causa disso, ela se inclinou para frente e sussurrou. — Não me chame de pequena.

E no segundo que as palavras saíram de sua boca, ela viu, claro como se estivesse a um centímetro de distância.

Seus olhos instantaneamente ficaram dourados.

E ele começou a ir em sua direção.

Sonia estava alerta o suficiente para recuar.

—Os dois segundos acabaram. — Ele disse enquanto se aproximava dela.

Ela ainda estava jogando o cuidado para o vento diante sua assustadora fúria espelhada. Ela poderia ter estado em alerta para recuar, mas definitivamente não iria recuar.

—Eu não sabia que sua espécie existia. — Ela disse a ele. — Mas você sabia sobre os seres humanos. Você sabia o que as alianças de casamento significavam.

—E? — Ele resumiu.

Ela parou de recuar, preparou-se e gritou. —Então, eu tinha uma desculpa quando eu comecei a tirar minha corrente de reivindicação! Eu não sabia o que era! — Ela apontou o dedo para ele, enquanto ele parava seu avanço e olhava para ela. — Mas você sabia o que era uma aliança de casamento e você a tirou assim mesmo!

Ele moveu levemente a cabeça, seu rosto cheio de fúria e ele murmurou. —Querida.

—Não me chame assim também. — Sonia surtou. — Acabou esta farsa. Não gosta de loiras? Ótimo. Tudo bem. Tanto faz. Considere seu dever cumprido, Callum. Em público, se o seu povo me quiser eu serei a Rainha deles. Meus pais queriam isso. É o meu destino. Até eu sinto isso, embora não queira. Mas, em particular, acabou. Terminei. Se você não estiver de acordo, isso é bom também. Eu simplesmente vou para casa.

Sonia achou que foi muito bem. No entanto, quando ela se concentrou em Callum e não no que estava dizendo, viu que ele estava sorrindo.

Sim, sorrindo.

Ele era um babaca arrogante!

Então ele perguntou calmamente. —O que faz você dizer que eu não gosto de loiras?

Sonia ficou boquiaberta.

Ele era louco?

—Aquela mulher louca disse isso antes de você isolá-la! —
Sonia gritou.

Ele começou a caminhar em sua direção novamente, não a perseguindo, mas ainda assim estava.

—Pequena. — Ele disse com bom humor em seu tom. —
Ela é louca.

Sonia começou a recuar novamente exatamente da mesma forma como antes.

—Você gosta de loiras? —Ela perguntou com um tom sério.

—Não. — Ele respondeu honestamente. Os ombros dela atingiram a tapeçaria e ela foi forçada a parar, ao mesmo tempo que engasgava em seu descaramento, antes dele terminar. —
Ou, devo dizer, não até recentemente.

Ele chegou perto e ela tentou, rapidamente, mover-se para o lado para escapar dele.

Isso falhou.

Sem nenhum esforço, seu braço disparou, enganchando ao redor da cintura dela e ele puxou-a para frente, deu um passo na frente dela e ela estava de volta contra a tapeçaria, presa lá por seu corpo alto.

Sonia decidiu que iria lutar à sua maneira. Não fisicamente, ela não era estúpida ou, pelo menos, não tão estúpida.

Verbalmente.

—Você a isolou. —Sonia acusou.

—Eu isolei. — Respondeu ele, olhando para ela paciente, um braço ao redor dela, a outra mão subindo para seu pescoço.

Sonia tentou afastar o pescoço para longe.

Isso falhou também.

Ela parou e prosseguiu. —Isso foi cruel.

As sobrancelhas dele subiram. —Isolar Mona?

—Não. — Ela disse de volta. —Tudo o que você fez a Mona.

—Sonia, você não sabe do que está falando. — Ela abriu a boca para falar, mas a mão que estava em seu pescoço moveu-se para a sua mandíbula e o dedo pressionou contra seus lábios. —Mas se você se acalmar um pouco, vou explicar.

Ela empurrou o rosto de sua mão e disparou. —Não quero uma explicação. Você está certo, não sei o que isolado significa. Mas sei que a humilhou na frente de uma sala cheia de homens. Então você forçou-a a ir a algum lugar que ela não queria ir e ela mal conseguiu dizer uma palavra. Não há explicação para isso.

Callum a observou falar com curiosidade, em seguida, ele murmurou. —Caramba, Ryon estava certo. Pequena, você esteve presa a isto por um mês inteiro?

—Foi apenas um mês? — Sonia replicou sarcasticamente. —Senti como se fosse anos.

Ele a observou ainda por um momento, com aquela estranha curiosidade, em seguida, observou pensativo. — Pensei que seria chato, mas não é. Você é bela o tempo todo, pequena, mas você é espetacular quando está furiosa.

Sonia rosnou e empurrou contra a parede maciça de seu peito.

Ele balançou para trás alguns centímetros, mas recuperou-se rapidamente e voltou para sua posição anterior.

—Tudo bem Sonia, você, obviamente, precisa conversar, vamos conversar. — Ele ofereceu, mas parecia estar lutando contra um sorriso. —Diga-me o que está em sua mente. Tudo.

Ela olhou para ele com espanto.

Ele estava gostando!

Sua visão ficou encoberta com uma película de vermelho.

Ela nunca se sentiu tão irritada e ela não se importava que ele pudesse rompê-la como um galho. Ela empurrou-o novamente, mais forte dessa vez, mas ele apenas balançou para trás e depois foi para frente mais uma vez.

Então ela voltou para sua estratégia anterior.

—Não quero conversar! — Ela gritou na cara dele. —Não há nada que possa dizer sobre como você tratou Mona. Sobre eu estar aqui sem você me perguntar se eu queria me mudar, se queria deixar minha empresa, meus amigos, minha casa. Não há nada que possa dizer sobre a sua volta do... onde quer que foi, arrastando-me para longe e assim, sem nem sequer dizer olá! Não há nada que possa dizer sobre eu não ter qualquer uma das minhas roupas aqui, sobre você assumir tudo, tudo que faço, tudo que eu uso, tudo o que como. Nada que eu possa dizer que irá explicar todas essas... coisas... a você!

Ele ainda estava lutando contra um sorriso quando disse. —Há muitas coisas aí, pequena.

—Pare de me chamar de pequena! —Ela gritou.

Ela mal disse a palavra “pequena” quando ele se inclinou, colocou um ombro no estomago dela e a ergueu. Ela esperneou e bateu em suas costas com os punhos, mas ele não percebeu ou não se importou. Caminhou calmamente para a cama e a jogou nela.

Sonia instantaneamente rolou, levantou-se de quatro e começou a rastejar, mas mãos dele agarraram os seus tornozelos e ele puxou os joelhos de debaixo dela, arrastando-a por sobre a cama e ela rolou de costas.

Ela rosnou e foi para ele.

Em um momento, ele estava em cima dela e fixou seus pulsos sobre a cabeça dela.

—Vamos fazer sexo mais tarde, Sonia. — Ele informou a ela, seu rosto de repente sério, mas estava cuidadosamente assim, como se ele estivesse sendo sério para benefício dela, mas ainda achando a situação divertida. —Agora vamos conversar.

Sonia olhou para ele boquiaberta, muito boquiaberta.

Ele pensava que ela queria sexo?

Ele era louco.

—Vamos começar com Desdêmona. — Ele anunciou e ela se contorceu embaixo dele, mas suas mãos apertaram seus pulsos e deu-lhe uma sacudida de aviso antes que ele exigisse. —Preste atenção.

Ela se calou e olhou para ele.

—Há muita história com Mona, não vou entrar em detalhes. — Ele começou a explicar.

—Eu percebi isso. — Sonia retrucou fria.

Ele a observava ainda obviamente tentando lutar contra o seu humor.

—Você não tem porque ter ciúmes, pequena.

—Não estou com ciúmes! —Ela gritou.

Ele balançou a cabeça, ignorou-a e continuou.

—Ser isolada não é uma coisa ruim. Seu povo faz isso também quando alguém não está bem e eles precisam de ajuda. Mona, como você pode dizer, não é certa.

—Ela apenas tem uma coisa por você. —Sonia retrucou.

—Sim, ela tem, mas é mais do que isso. — Ele voltou sem problemas. —Ela está em um lugar muito melhor do que merece estar. Pelo que ela fez ou mais ao ponto, o que não fez, ela deveria ter sido punida. Em vez de estar entre as pessoas que vão tentar ajudar a resolver a sua cabeça.

Os olhos de Sonia se estreitaram e ela perguntou com desprezo.

—Ela deveria ter sido punida apenas porque ela tem tesão por você?

Sua expressão meticulosamente séria mudou para verdadeiramente séria.

Na verdade, muito séria. Tão mortal, que um olhar fez Sonia prender a respiração.

—Não, Sonia. — Afirmou lentamente. —Ela deveria ter sido punida por aquilo que sua desatenção para com suas responsabilidades causaram. Ela deveria ter sido punida, porque o que ela não fez significou centenas de guerreiros mortos. Centenas de ambos os lados. Ela deveria ter sido punida, porque o que ela não fez significou eu passar os últimos três dias escrevendo cartas para amigos e mães explicando que seus amantes e filhos morreram lutando. Morreram com

honra. Mesmo que cada palavra seja uma merda inútil, porque nada que eu diga vai aliviar suas angústias.

Em suas palavras e a profundidade de sentimento com o qual ele falou deles, a luta deixou Sonia. Ela sentiu seu corpo relaxar sob o dele, enquanto sentia seu coração bater na garganta e lágrimas começaram a arder em seus olhos.

Ele escreveu muito. Ela o viu fazendo isso.

Callum escrevia cartas a mão para companheiras e mães de luto.

Ela não conseguia imaginar escrever centenas de cartas assim. Ela não saberia o que dizer. A tarefa era tão atroz, que não poderia imaginar ter a força para suportar isso.

Mas Callum o fez. Ele fez isso e ao mesmo tempo sorriu para ela, levou-a para a aldeia ou caminhou com ela através da neve, em nenhum momento deixou que este forte peso fosse um fardo sobre seus ombros largos.

Pela primeira vez desde que o conheceu, o peso de sua responsabilidade para com seu povo, como Rei, a atingiu e sentiu como se ela tivesse sido queimada por um raio.

Isso saiu de sua boca antes que ela pudesse impedir. Saiu suavemente, gentilmente, até amorosamente, enquanto lágrimas enchiam os seus olhos e deslizavam pelos lados.

—Meu lindo lobo.

No instante em que ela sussurrou essas três palavras, suas mãos soltaram seus pulsos e a testa dele caiu contra a dela.

Soltando-a, seus braços o envolveram, apertado.

Ele rolou para o lado, levando-a com ele, envolvendo seus braços ao redor dela para abraçá-la.

Ela então percebeu que era mais um dos seus deveres. Uma companheira que exatamente não queria, mas ele tinha mesmo assim e era seu dever fazer o bem a ela.

E ele estava tentando cumprir o seu dever, não apenas com seu povo, mas para com ela. Seus momentos de realeza eram uma parte arraigada dele. Era quem ele era.

O resto, sua ternura e humor, era ele fazendo o melhor que podia em uma situação difícil.

O destino a levou até ali ser sua Rainha, Rainha de seu povo e ela tinha um dever com ele, bem como com seu povo. Era uma grande responsabilidade, mas também era uma honra que ninguém, mas ninguém da sua espécie teria.

Mas Sonia foi a escolhida e ela agiu como uma idiota egoísta, pensando em seu sonho perdido, em vez de cumprir seu dever para com ele.

Ninguém, nem mesmo alguém tão forte e carismático como Callum, deveria enfrentar um fardo sozinho. Era seu dever, seu

destino, estar ao seu lado e fornecer o que podia para ajudá-lo a atravessar isso.

Ela ainda chorando silenciosamente, virou a cabeça para trás para olhar para ele.

—Callum...

Ele olhou para ela e começou a falar ao mesmo tempo. — Seu lugar é ao meu lado, Sonia, onde quer que eu vá. Eu irei levá-la para visitar seus amigos tanto quanto possível, mas você pertence ao meu lado. Depois do que aconteceu com a rebelião, preciso ficar em casa e eu preciso de você comigo.

—Callum... — Ela repetiu.

Ele continuou.

—Você não pode usar suas roupas e sapatos de salto alto aqui. É frio e neva muito. É meu dever cuidar de você e eu cuidei, conseguindo o que você precisava para viver sua vida ao meu lado. — Então ele murmurou com irritação. —Cristo, você é a única mulher que eu conheço que não gosta de roupa nova.

Ela quis chutar-se por jogar sua generosidade na sua cara, mas em vez disso mais uma vez tentou interromper.

—Callum...

Ele continuou falando da mesma maneira que, visivelmente, sua irritação crescia.

—A vida é curta demais para se preocupar com calorias, foda-se, é muito curta para se preocupar com qualquer

coisa. Você tem um corpo lindo e será ainda mais bonito quando estiver mais cheinha. Mas precisa aprender, pequena, a desfrutar de sua vida e não a desperdiçar com coisas ridículas como contar calorias e certificar-se de tomar cada vitamina até a última.

—Callum... — Ela tentou novamente, mas ele estava firme.

—E quando cheguei para buscá-la e não a cumprimentei, foi porque lutei durante oito dias sem trégua. Sem comida, sem descanso. E eu deixei a frente depois de ter dado uma ordem, uma ordem que eu sabia que seria realizada na minha ausência, uma vil ordem que não tive escolha senão dar, pois não iriam admitir a derrota.

Seu corpo ficou tenso contra o dele novamente, porque ela sabia que ele estava falando sobre as execuções e percebeu que o peso do seu fardo não era imenso.

Era colossal.

Ela tentou interromper.

—Callum, por favor...

Ela falhou em seu esforço e ele prosseguiu.

—Isso já se arrasta por muito tempo, porra. Meu pai lidou com isso, seu pai antes dele, já tentamos de tudo. Não tive escolha senão rompê-los. Eu não tenho uma maldita escolha e não aprecio ser forçado em um canto para me obrigar a tomar

uma decisão que significa o fim da vida de homens que são provavelmente bons homens, mas eles seguiram o caminho errado. Se eu não os derrotasse, ainda mais guerreiros morreriam, seriam escritas mais cartas, esta porra nunca teria fim.

Ela decidiu esperar. Levou-o a isto, agora tinha que sofrer as consequências.

No entanto, aparentemente, ele terminou, pois perguntou.

—Você entende?

Sonia entendia.

Nossa, ela entendia.

Ela levantou a mão para o lado de seu rosto, os dedos em seu cabelo, mas seu polegar varreu ao longo de sua bochecha e ela respondeu baixinho.

—Eu entendo.

Ele observou o rosto dela e deve ter aprovado o que viu pela intensidade como seu grande corpo relaxou contra o dela e os dedos dele começaram a acariciá-la de volta.

—Então estamos bem? — Ele perguntou, sua voz grave e suave como a dela.

Não, eles não estavam bem.

Mas eles estavam tão bem quanto iriam conseguir. E, como sempre, Sonia tinha que aceitar isso.

Sentindo seu corpo quente e forte contra o dela, olhando para seu rosto bonito, permitindo o afago de seus dedos para relaxar, pensou que talvez ela estivesse errada.

Talvez se ela simplesmente desistisse de seu sonho, poderia fazer isso e jurou naquele momento que iria.

Portanto, concordou com a cabeça.

—Tudo bem, pequena. — Ele ainda falava baixinho, mas, por alguma razão, os braços dele estavam ficando mais apertados. —Nós temos mais uma coisa para falar.

Comprometida com o seu novo voto, Sonia concordou com a cabeça novamente.

Em seguida ele afirmou.

—Você ouviu Regan e Ryon chegar.

Esquecendo completamente seu voto, Sonia se virou automaticamente em seus braços para tentar fugir.

Esses braços apertaram ainda mais.

Em pânico, ela olhou para ele e negou.

—Não.

—OuvIU. — Ele retornou com firmeza. —Você ouviu a pessoa cair do lado de fora ontem também. — Seu pânico aumentou, Sonia continuou empurrando contra os braços dele, mas ele segurou-a firme. —Você ouve muito coisa que a audição não permite, também cheira muito. — Na medida de seu conhecimento, ela começou a lutar, mas ele não a deixou

ganhar um centímetro. —Você vê muito também. Mais do que qualquer ser humano faz.

—Eu não... — Ela mentiu.

—Sonia. —Ele advertiu.

Ela balançou a cabeça.

Suas sobrancelhas se uniram e ele perguntou em um tom muito menos suave.

—Por que esconde?

Ela olhou para ele e então algo perfurou seu pânico.

Ele ouviu Regan e Ryon, bem como a pessoa cair do lado de fora ontem e ouviu Waring chegando, semanas antes, na cabana. E ele sentia o cheiro deles entre as pernas dela, assim como ela o fazia. Pensando nisso, ela notou muitas vezes de forma distraída que ele podia sentir as mesmas coisas que ela.

E seus atacantes naquela noite, eles a cheiraram. Eles sentiram o cheiro dela e se esqueceu ou bloqueou de sua mente, mas pensou nisso, na época, que eles eram como ela.

Era porque eles eram da espécie de Callum.

Tanta coisa estava acontecendo que ela nunca pensou nisso, mas Callum consistentemente exibia as mesmas habilidades, os mesmos dons de visão, audição e olfato, assim como ela.

E ele nunca escondeu isso. Nenhuma vez.

—Você tem sentidos aguçados. — Ela respirou maravilhada.

Ele continuou observando-a com as sobrancelhas contraídas. —Todo o meu povo tem.

—Eles têm?

—Sim, Sonia, eles têm. — Ele respondeu e seus braços deram-lhe um aperto. —Todo o meu povo tem. O que eu quero agora é que você admita que também tem.

Ela não sabia o que fazer com isso. Nunca conheceu alguém que tivesse seus dons, exceto o pai dela. Ela sempre foi a estranha preocupada com o que as pessoas pensariam, como reagiriam se soubessem.

Mas Callum era como ela.

Ela o olhou e depois engoliu.

Então ela pensou sobre seu destino e como ele a trouxe a este homem que compartilhava seus dons.

Então ela aproveitou esta enorme chance, esperando que seu pai não desaprovasse e calma compartilhou.

—Meu pai me disse para nunca contar a ninguém. — Ela sussurrou e viu suas sobrancelhas se unirem e levantarem.

—Por que diabos não? —Ele perguntou irado.

Ela balançou a cabeça e respondeu. —Os humanos não tem meus dons. Ele disse que eu deveria me sentir orgulhosa deles mas teria que escondê-los de todos. Todo mundo. Eu

nunca poderia dizer a uma alma viva. E eu não disse. Mesmo Gregor e Yuri não sabem.

Sua boca ficou apertada com isso, mas ele não falou.

—Se eles soubessem Callum, eles poderiam pensar que era uma aberração. — Ela continuou explicando. —Eles podiam até mesmo me temer. — Ela pressionou mais perto e sua voz caiu para um sussurro. —Eles poderiam até mesmo me prejudicar. Meus sentidos são muito bons. Eles poderiam pensar que era uma mutante. Poderiam querer me estudar.

Quando os medos ao longo de sua vida, talvez histeria, foram verbalizados, Callum deu-lhe uma sacudida.

—Pequena, ninguém vai lhe machucar.

—Agora não. — Ela concordou. —Eu tenho você para me proteger. Mas antes, quem sabe? —Ela gritou. —Não é apenas isso, tem mais. — Ela acrescentou. Agora que ela colocou para fora, após tanto, tanto tempo, não conseguia impedir o fluxo de informações. —Os animais não tem medo de mim. E eu não falo apenas de cães e gatos, estou falando de todos os animais. Pássaros e os animais selvagens, papai e eu gostávamos de observá-los quando estávamos na floresta. E ainda mais, eu posso sentir os olhares em mim, cheirar as pessoas de longe, mas eu sei se elas são boas ou se são más. Eu tenho sentido seu povo me observando há anos e sabia que eu não tinha nada a temer. Eu também sabia daqueles homens

que me atacaram naquela noite, antes deles entrarem na minha casa. Conhecia-os porque os senti durante semanas.

Foi a vez de Callum tentar interrompê-la. —Sonia...

Mas foi a vez de Sonia se manter firme.

—E eu sonhei com você. Sonhei com você há muito tempo e você era real. Sonhei com você e eu neste quarto e não sabia que você ou este castelo existia. Ninguém faz isso! Eu sou uma aberração!

Os braços dele ficaram tão apertados que, por um segundo, cortou sua respiração e ela parou de falar e olhou para ele.

—Pequena, acalme-se. Você não é uma aberração. Eu e cada um de meus tem as mesmas habilidades.

Os olhos dela se arregalaram com esta revelação e ela respirou.

—Você sonhou comigo?

O olhar dele ficou suave e ele rolou de costas, rolando-a sobre ele ao mesmo tempo. Em seguida, ele aproximou a mão e com os dedos colocou seu cabelo atrás da orelha.

—Não, infelizmente, nunca sonhei com você. — Ele sussurrou. —Isso, querida, é um dom todo seu. — Ela puxou uma respiração para falar, mas ele continuou falando. —Mas seu pai tinha razão, é um dom. Tudo isso e você não deve escondê-lo. Deve se sentir orgulhosa. — O polegar dele acariciou

seu lábio inferior e ela tremeu contra ele, ouvindo essas palavras novamente, palavras que o pai dela disse uma e outra vez, mas desta vez de Callum, falado em seu sussurro feroz, os olhos dele nunca deixando os dela. —Você não precisa escondê-lo aqui, não entre meu povo, que agora é o seu povo. Pequena, comigo, você não precisa esconder nada. Pode ser tudo o que quiser.

Um alívio extremo, um alívio que ela nunca pensou que conheceria, atingiu Sonia e era tão imenso que, o corpo dela cedeu com isso. Derretendo-se contra o dele, ela descansou sua bochecha contra o peito dele, agarrou sua camisa em seus punhos e explodiu em soluços.

—Nunca pensei que... tem sido tão... tão hum... difícil... — Ela gaguejou enquanto seus dedos suavemente alisavam o cabelo dela. Ela estava focando nos movimentos da mão dele, tentando chegar a um acordo — uma tarefa impossível — quando algo lhe ocorreu, Sonia levantou a cabeça, as lágrimas cessaram e ela perguntou. —Você acha que eu sou uma de vocês?

Callum balançou a cabeça.

—Não, pequena. Não temos quaisquer loiras entre nós. — A mão dele foi até seu rosto, ele limpou suas lágrimas e disse baixinho. —Mas você sabe que você não é. Se você tomar um minuto, poderá sentir a diferença.

Ela suspirou e sabia o que ele estava dizendo. Ela nunca se deu tempo para fazer a conexão antes, mas os aromas de seu povo eram diferentes dos dela. Eles eram mais profundos, almiscarados, quase selvagem e animal, mas não desagradável.

Na verdade, ela gostava de seu cheiro mais do que dos humanos.

—Eu gosto de seu cheiro. — Ela deixou escapar, significando o cheiro do seu povo — embora ela gostasse dele também, imensamente — mas não saiu dessa forma.

Ele sorriu antes de rolar sobre ela dizendo suavemente.

— Eu gosto do seu também.

O dourado foi subindo através de suas íris e Sonia sabia muito bem o que isso significava.

E ela de repente se sentiu vulnerável.

Exposta.

Ela nunca esteve com ele conhecendo-o do jeito que conhecia agora, em seguida, compreendendo suas funções, suas habilidades, bem como sua conexão a um nível que não tinha, até aquele momento, penetrado.

—Callum... — Ela sussurrou, mas ele estava sobre ela e seu rosto desapareceu em seu pescoço.

Então sua língua deslizou por toda sua extensão, antes de dizer.

—Regan quer que você e ela voltem cedo de sua caminhada, temos que ser rápidos.

—Callum... — Sonia sussurrou novamente, mas sua boca se moveu sobre sua mandíbula, em um beijo voraz e ela ficou instantaneamente perdida.

Eles foram rápidos ou ela deveria dizer, Callum foi rápido.

Com facilidade praticada, ele despertou seu desejo, mas, mesmo se eles precisassem ser rápidos, ele parecia a fim brincar.

Portanto, ela estava completamente vestida, como estava ele, mas Sonia estava de joelhos na frente dele. Seus braços estavam ao seu redor, uma mão em seu jeans aberto, a outra em seu suéter puxando para baixo o sutiã dela. Seus dedos estavam torturando-a de belas maneiras, em ambos os lugares.

Estava descansando a cabeça dela contra seu peito e enquanto se esfregava contra seus dedos, ela inclinou-se para trás para olhar desfocada para o seu forte maxilar quadrado.

—Eu quero você dentro de mim. — Ela implorou.

—Esta noite. — Ele disse.

—Por favor. — Ela respirou.

Ele deu a ela o que ela pediu, mas não o que ela realmente queria e dois dedos entraram nela, acariciando-a profundamente.

Tomando o que conseguia, ela o montou descontroladamente.

—Assim, querida. —Ele gemeu com a voz rouca no seu ouvido. —Foda-se e goze para mim.

Instantaneamente, ao ouvir suas palavras, ela fez como ele disse. Seus gritos perfurando o ar enquanto o orgasmo a oprimia e seu corpo tremia em seus braços.

Quando ela terminou, ele estava segurando seu peito e seu sexo e sua boca estava em seu pescoço.

—Você está bem, pequena?

O corpo dela não estava bem. Estava mais do que bem, feliz e contente.

A mente dela também não estava bem, mas estava melhor do que antes de Callum invadir sua vida e virar sua cabeça.

Ela o entendeu, entendeu o seu dever e agora conhecia o seu lugar.

Estava tudo bem, como sempre ficaria.

Ela decidiu concordar.

—Bom. — Ele murmurou, suas mãos delicadamente se afastaram e ele endireitou sua roupa, mas envolveu seus braços ao redor dela e segurando-a onde ela estava. — Apenas mais uma coisa, pequena. — Ele ainda estava murmurando, mas havia um tom de aço e segurou a respiração para o que estava por vir. —Nunca mais me peça para devolver a minha

aliança. Não importa o quão brava você esteja, nunca faça isso novamente. — Seus braços se apertaram em volta dela e ele disse. — Não posso usá-la em uma batalha por razões que você eventualmente vai entender. Eu a entreguei a Regan por segurança. De agora em diante, se for preciso, darei a você. Mas significa algo para mim. Eu não posso imaginar porque você diria que não, mas tire isso de sua cabeça agora. Está entendido?

Sua respiração ficou presa em seus pulmões, o aço em seu tom penetrou a guarda do seu coração. Mesmo que ela não estivesse inteiramente certa disso, entendia ou acreditava no que ele estava dizendo, então Sonia nada podia fazer senão concordar.

Satisfeito com a resposta dela, ele beijou seu pescoço, deu-lhe um apertão e em seguida, puxou-os para fora da cama, eles saíram do quarto e levou-a até sua mãe, deixando-a na aconchegante e calorosa sala de tricô com seu escaldante arquivo e a sogra dela sorrindo alegremente para eles, ele a beijou cuidadosamente e saiu.

Provavelmente escreveria mais cartas.

Ela ficou olhando atrás dele muito tempo depois que ele se foi.

Então Sonia Arlington suspirou, finalmente aceitou seu destino e ela se virou com um sorriso para Regan.



Capítulo

17

Traição

Andando pelo corredor até a cozinha, Callum ouviu as vozes de três mulheres cheias de risadas, enquanto sentia os três aromas distintos.

Duas lobas.

Sonia.

Quando ele virou a esquina para entrar na cozinha, Sonia, não escondendo seus dons, já estava olhando na direção da porta com expectativa e um leve sorriso no rosto.

Callum sorriu de volta.

Ela estava sentada em um banquinho no balcão, uma caneca de café em concha em ambas as mãos. Tinha o cabelo longo puxado para trás de seu rosto por uma larga faixa rosa pálida e estava vestindo a túnica de cashmere que ele comprou para ela no Natal, bem como um par de grossas meias rosa pálidas. Seu rosto estava livre de maquiagem e pensou que ela

nunca pareceu mais adorável, não simplesmente porque era, mas porque, desde a sua explosão naquela tarde, uma semana e meia atrás, ela mudou.

Quando entrou na cozinha, Callum acenou para Mara e Callista, mas foi diretamente até sua companheira, chegando perto, ela virou a cabeça para trás para olhar para ele.

—Ei. — Ela disse suavemente, seus olhos quentes sobre ele e essa única palavra fez seu pau endurecer.

Ele passou os dedos no seu grosso e macio cabelo e inclinou sua boca na dela.

—Ei. — Ele respondeu contra seus lábios antes de beijá-la de leve.

Quando ele levantou a cabeça, suas bochechas estavam rosa, mas os olhos dela mostravam sua decepção.

Satisfeito com a reação dela, Callum sorriu.

O olhar dela caiu para seu sorriso e ela soltou um delicado e trêmulo suspiro.

Amava esse som, a mão de Callum moveu-se reflexivas, porém, suavemente em seu cabelo.

—Você quer café? —Ela perguntou.

Ele não queria café.

Queria pedir para Mara e Callista saírem da cozinha e queria levantar Sonia no balcão da cozinha e fazer coisas com sua Rainha que, apenas com as lembranças fariam aquele rosa

aparecer em suas bochechas a qualquer hora que estivesse tomando café com seus novos amigos nesta cozinha.

—Sim. — Ele respondeu.

Os dedos dele deslizaram através do cabelo dela quando ela soltou sua caneca, levantou-se, roçando seu corpo no dele, mas não foi para o café imediatamente. Ela parou, subiu nas pontas dos pés, beijou a parte inferior de sua mandíbula e em seguida foi para a cafeteira.

—Grande dia amanhã. — Mara comentou, Callum inclinou seu quadril contra o balcão e observou Sonia preparar-lhe uma caneca de café.

—Mm. — Respondeu Callum, com a mente em sua companheira.

—Mal posso esperar. — Comentou Callista. —A minha casa está cheia. Cada quarto, cada sofá. Alguns até mesmo em sacos de dormir no chão. A cidade inteira está zumbindo de excitação.

—Eu sei! — Mara, exclamou. — A vila está agitada. Ontem à noite, Drogon e eu levamos os filhotes para nosso telhado apenas para que pudéssemos olhar as fogueiras dos acampamentos ao redor pontilhando as colinas no escuro. — Ela apertou as mãos juntas e suspirou. —Estava muito bonito, foi como um sonho.

Sonia retornou e entregou a Callum seu café, depois deslizou um braço ao redor de sua cintura e descansou seu

peso ao lado dele. Quando ela o fez, ele puxou-a mais perto com o braço ao redor de seus ombros.

Sonia olhou para as mulheres e declarou. —É uma loucura, de verdade. Todos os dias, por dias, mais e mais fogueiras. Eu não posso acreditar que tantas pessoas estejam nesta neve e frio em tendas.

Callista sorriu para ela. —Nosso povo não se importa com o frio.

—Como não? — Sonia respondeu. —Foi abaixo de zero na noite passada. Mesmo no castelo, Callum manteve o fogo aceso durante a noite toda no nosso quarto para afastar o frio.

—Eu aposto que sim. — Mara murmurou com olhos cheios de humor arregalados para Callista e Callum viu as bochechas de Sonia ficarem rosa novamente, mas Mara estava certa. Callum manteve o fogo na lareira, mas ele manteve Sonia quente sob as peles de outras maneiras.

Callista notou o rubor de Sonia e ela brincou. —Mara, você esquece que nossa delicada Rainha é um ser humano respeitável. Eles não conversam durante o café sobre todas as melhores maneiras de se afastar o frio.

—Talvez não, mas preciso ter uma conversa com Drogan. Faz tempo desde que ele foi capaz de passar a noite toda afastando o frio.

Callista e Mara explodiram em risadas histéricas e Callum olhou para baixo para ver Sonia, nada pouco ofendida, mas sorrindo para elas.

Ela deve ter sentido seus olhos, virou a cabeça para trás para olhar para ele e anunciou alegremente. —Mara e Callie acham que eu sou uma puritana.

—Você é puritana, Sonny! — Mara gritou e depois o olhar dela moveu-se para Callum. —Ainda, depois de tanto tempo, ninguém sabe sua história de reivindicação! Deve ser ilegal.

—Concordo. — Callista assentiu com uma falsa seriedade. — Ilegal.

Sonia com calma, pegou a xícara de café, levou até a boca e murmurou. —Sorte a minha, meu marido é o Rei.

Foi quando Callum começou a rir, colocando sua esposa de frente. Ela abaixou sua caneca e virou a cabeça para trás para sorrir para ele.

—Encontre-me quando terminar aqui, esposa. — Ele ordenou tranquilo, sua mão se apertou no ombro dela ao dizer a palavra “esposa”.

Os olhos dela piscaram rapidamente e ela assentiu com a cabeça. Ele tocou sua boca na dela e com outro aceno para Mara e Callista, saiu da cozinha e foi para seu escritório.

Sentado em sua mesa, tentando focar a mente nas centenas de questões que deveria tomar sua atenção,

principalmente a celebração da vitória que aconteceria no dia seguinte, achou sua tarefa impossível.

Os olhos dele deslizaram para a janela e viu pela primeira vez o sol brilhando sobre a neve.

Ele virou sua cadeira para encarar a vista e seu olhar ficou tão distraído quanto sua mente enquanto olhava a esplêndida paisagem, mas não a via.

A última semana e meia foi cheia de revelações.

Ryon estava certo. Mulheres humanas precisavam de comunicação e dar isso a Sonia fez uma enorme diferença. Não a conhecendo quase nada antes de reivindicá-la, não sabia o quanto ela guardava em sua cabeça.

E, portanto, mantinha guardado.

Agora ele sabia.

Porra, sabia.

Ela era como uma nova Sonia e se pensava que a antiga Sonia era perfeita, esteve enganado.

Esta Sonia, sentada com sua túnica, seu cabelo puxado para trás em sua cozinha com suas novas amigas, divertindo-se, dando-lhe café, murmurando piadas em seu humor seco e apoiando-se nele, era perfeito demais.

E tudo isto funcionava excepcionalmente bem para Callum. Na verdade, não poderia ter ficado mais feliz, porra.

Sua companheira estava ali para apoiá-lo, conversar, resolver suas frustrações e achava, já que ele nunca fez isto com outra fêmea, humana ou loba, uma libertação extraordinária.

Contar a Sonia sobre Desdemona, sobre as cartas que precisou escrever, a ordem que foi obrigado a emitir, ao mesmo tempo, sentindo seu corpo suave contra o dele enquanto estavam deitados em sua cama, foi como ser libertado de uma prisão mental. Ele poderia e falou com Ryon e seus irmãos, mas nada era como a suavidade no rosto de Sonia e seu corpo se derretendo no dele enquanto soltava toda esta merda. Nada. Ele nunca experimentou nada parecido. Foi lindo.

Mas, com Sonia, era mais.

Quase três semanas atrás, Ryon disse que ele tinha muita sorte e Callum agora sabia que tinha sorte por ter uma companheira assim escolhida pelo destino.

Neste momento ainda não conseguia entender o quanto tinha sorte.



Começou no dia depois de sua luta, depois que ela tomou café da manhã e ele aplicou-lhe a injeção. Ele a levou para seu escritório e ela sentou-se no colo dele quando se inclinou para a tarefa de escrever mais cartas.

Ela sentou-se em silêncio por um tempo curto então começou a organizar as coisas na mesa dele. Em seguida, mais coisas. Então saiu de seu colo e começou a arrumar tudo com seriedade.

Ele permitiu. Principalmente, porque sua mente estava sobre outros assuntos, mas também porque ele notou que ela era muito organizada e se quisesse organizar a sua mesa, ele a deixaria.

Callum, descobriu muito tarde, deveria ter prestado atenção. Porém, no final, ficou feliz por não o fazer.

—O que é isso? — Ela perguntou e ele olhou para cima para ver sua cabeça inclinada para o lado e ela virou um pedaço de papel de frente para ele.

O olhar de Callum caiu para o papel.

Era o relatório que Caleb enviou com a lista dos nomes de guerreiros caídos, os parentes próximos e endereço dos parentes. Cerca de um terço até o fim a lista tinha marcas de cartas que ele já escreveu.

—Esses são os caídos, querida. — Ele explicou suavemente.

Suas sobrancelhas se uniram em confusão e ela começou. —Caídos...?

A percepção surgiu, seu rosto empalideceu e sua mão pressionou a lista no peito. Ele se levantou enquanto ela virava

a lista e via a verificação. Ela recuou quando ele avançou, não levantando a cabeça para olhar para ele quando o fez.

Callum parou.

—Eu o conheço. — Ela sussurrou e virou a lista para Callum. Olhando-a ela apontou para um nome, em seguida levantou bruscamente a cabeça e os olhos dela capturaram os dele. —Eu o conheci na mansão. Conversamos algumas vezes. Ele foi muito doce comigo.

Havia mais de um nome de lobo, com quem ela conversou algumas vezes na mansão naquela lista. O que significava que, pela expressão claramente preocupada em seu rosto por sua leitura, Callum precisava tirá-la dali.

Ele estendeu a mão e disse. —Pequena, dê-me a lista.

Ela o desafiou e deu mais um passo para trás, balançando a cabeça e olhando para a lista novamente.

Ele começou a se mover em direção a ela, mas ela continuou recuando, com os olhos na lista.

—Sonia...

Ele parou de falar e mover-se quando ela parou e engasgou. A cabeça dela levantou-se de forma brusca novamente, desta vez, o movimento mais acentuado, os olhos estavam arregalados, seu rosto pálido.

—Querida... — Ele começou, mas ela o cortou e quando o fez sua voz estava trêmula.

—Diga-me há dois dos seus homens chamados Waring.

Porra!

Ele moveu-se mais rápido, mas ela recuou com a mesma rapidez, deslizando pela sala, o olhar dela se fixou nos dele o tempo todo implorando. —Diga-me, Callum. Diga que é um nome comum em seu povo.

Era raro os nomes de seu povo serem comuns. Desde que os lobos não tinham sobrenomes, seus pais, muitas vezes eram criativos. Pelo menos, carregavam um nome que ninguém em sua cidade ou aldeia compartilhava.

Callum viveu mais de trezentos anos e nunca conheceu outro lobo chamado Waring.

Exceto aquele que Sonia conhecia.

Ela correu para a parede, mas levantou o braço com a palma da mão para cima, para afastá-lo.

—Diga-me, Callum.

Ele ignorou o braço dela e a palma de sua mão atingiu seu peito quando ele chegou perto e segurou o rosto dela com as mãos.

Então, tentando ser gentil com ela, ele sussurrou. —Eu não posso, pequena.

Ela fechou os olhos com força e virou a cabeça.

Ela não abriu os olhos enquanto sussurrava. —Ele salvou minha vida.

Ele o fez. Mas Waring fez mais do que isso.

—Eu sei. — Callum compartilhou. —Ele salvou a minha também.

Seu olhar voltou para ele e Callum viu o mais puro terror misturado com sua dor.

—O que? —Ela respirou.

Rapidamente se debateu contra a ideia de contar-lhe a história, mas as mãos dela foram até seu rosto e seus dedos se envolveram firmemente ao redor dele, segurando o papel ainda na mão.

Então ela perguntou em voz alta. —O que?

Callum suspirou então rapidamente explicou. —Eu fui alvejado. Estava me defendendo contra seis atacantes, talvez mais. Waring atraiu vários deles, despachou dois, mas foi morto pelo terceiro, antes que eu pudesse ajudá-lo.

—Oh meu Deus! —Ela respirou com horror, enquanto seus dedos ficavam tensos.

—Querida, era uma guerra. —Ele explicou suavemente.

Sua explicação gentil não teve efeito pois ela repetiu. —Oh meu Deus.

Antes que ele pudesse se mover para confortá-la, ela afastou-se violentamente, longe de suas mãos e deu um passo para o lado.

—Quem é esta? — Ela exigiu saber, virando o papel e apontando para o nome ao lado de Waring.

Cauteloso, Callum respondeu. —Esta é sua mãe.

—Certo. — Sonia disse e caminhou rígida para a mesa dele, sentou-se na cadeira e inclinou-se para frente.

Callum observou enquanto ela agarrava um pedaço de papel em alto relevo com seu brasão no topo e começava a escrever.

Silencioso, ele caminhou para ficar ao lado dela e olhou para baixo para ver enquanto ele escrevia.

Querida Michela,

Agora, você já deve ter ouvido falar de mim. Eu sou Sonia, Rainha de Callum e conheci o seu filho.

Nas semanas em que o conheci, ele foi por várias vezes gentil comigo, duas muito importantes. Uma delas salvou a vida de meu companheiro.

Ele também me fez rir.

Não há nada que eu possa escrever nesta carta que irá ajudá-la durante este tempo de tristeza. Mas espero que lhe dê um pouco de conforto saber que existem dois seres muito gratos pelo fato de terem compartilhado este glorioso planeta com seu filho, mesmo que tenha sido por pouco tempo.

Por favor, saiba que você e sua família estão em meus pensamentos e de Callum.

Para sempre em dívida para com seu filho, lindo e corajoso Waring, divertido e carinhoso.

Sonia

Uma vez que ela terminou de escrever sua carta extraordinária, sem hesitação ou dificuldade, ela dobrou, procurou através de sua mesa até que encontrou um envelope, inseriu a carta, selou-a e escreveu o endereço.

Em seguida, levantou a cabeça e olhou para ele. Callum viu o rastro de umidade em suas bochechas e as lágrimas ainda brilhando em seus olhos.

Tudo bem, estava claro que ela não a escreveu sem dificuldade.

—Tudo bem, Callum. — Ela disse com uma voz trêmula, segurando o relatório preenchido com os nomes dos soldados mortos e o movendo para ele. —Quem é o próximo?

Em primeiro lugar, Callum não se mexeu.

Não foram muitas as vezes em sua longa vida que Callum, Rei dos lobos, ficava indeciso sobre o que fazer, mas em face da compaixão profunda, mas equilibrada de sua Rainha, esta era uma delas.

Então ele fez o que seus instintos lhe diziam para fazer. Inclinou para baixo, para sua companheira, passou os dedos por seu pescoço e marcou o seu cabelo com sua testa. Então ele a beijou suavemente nos lábios.

Em seguida, puxou-a fora de sua cadeira, sentou-se nela, puxou-a suavemente para o seu colo e, juntos, eles escreveram cartas para os parentes dos caídos. Callum escrevendo as cartas, Sonia, sentada no colo dele, endereçando-as, marcando os nomes e escrevendo notas pessoais para o parente mais próximo de alguns lobos que ela conhecia, no entanto, de forma breve.

Sua assistência fez sua tarefa menos difícil, se não um pouco menos miserável.

E, nesses dias de telefonemas, e-mails, as suas cartas, especialmente aquelas recebidas rapidamente pelos parentes de sua guarda real que viviam na aldeia — incluindo a mãe de Waring — propagou-se de forma extensa e espalhou-se rapidamente.

Assim como ele esperava, mas muito mais rápido, na verdade, antes da maioria de seu povo conhecer a Rainha deles, eles caíram de amor por ela.



A nova Sonia continuou surgindo quando, três noites mais tarde em seu quarto, a luz da lareira dançando em sua pele, o rosto em seu pescoço, seu corpo montando o dele, sua conexão física ainda mantida, mas suas respirações já recuperadas de seus orgasmos, ela se levantou com seu antebraço no peito dele.

Os olhos dela moveram-se para seu rosto antes de capturarem os dele e ela perguntou, um pouco tímida e até mesmo com vergonha.

—Qual é o seu sobrenome?

Ele ficou surpreso com a pergunta, mas não deveria ter ficado. A maioria dos imortais, incluindo vampiros “embora Gregor e Yuri tivessem adotado um e eles fizeram isso por ela” não tinham sobrenomes. Mas os seres humanos, claro que tinham.

—Meu povo não tem sobrenomes. —Ele informou a ela.

Ela pareceu surpresa por um momento quando sussurrou.

—Oh. — E os olhos dela se afastaram quando ela prosseguiu. —Isto é um problema.

Os braços dela deram-lhe um aperto, trazendo sua atenção de volta para ele antes perguntar.

—Porquê?

—Bem, no meu mundo, temos sobrenomes. — Ela disse. — As pessoas esperam que você tenha um e irão esperar que eu tenha ou explique por que não tenho. — Ela suspirou e concluiu. —O que eu suponho que, é o que terei de fazer.

Havia uma coisa que ele gostava sobre o ritual de acasalamento do ser humano, a fêmea aceitava o nome do macho. Callum gostava disso não porque denotava posse, mas

porque significava o nascimento de uma única unidade, uma família.

Ele descobriu naquele momento, para sua maior surpresa, que desejava ter um nome para dar a ela.

Foi com prazer, quando ele ouviu que Sonia tinha uma ideia ainda melhor.

—Mara me disse que o nome completo do seu pai era McDonagh. — Ela comentou.

—Era. —Callum confirmou.

—Bem. — Ela começou afastando o olhar e ficou novamente hesitante antes que olhasse de volta para ele. —É um sobrenome para meu povo.

—Eu sei. — Respondeu ele.

—Bem. — Ela prosseguiu depois de um breve aceno. — Pensei que... — Ela hesitou então, seguiu em frente. —Se você não se importar e hum Regan, talvez, quando estivermos no meu mundo, eu possa dizer as pessoas que o meu novo nome é Sonia Arlington-McDonagh.

Em suas tranquilas e hesitantes palavras, ele teve a mesma exata reação que quando ela lhe deu a aliança. Algo mudou dentro dele, tão grande que era como se a cama se movesse. Seu estômago e peito se apertaram e tudo em que podia pensar era ela sendo conhecida pelo nome de Sonia Arlington-McDonagh.

Ela olhou para ele e o rosto dela ficou preocupado antes de sussurrar.

—Eu não tenho que...

Mas ele a interrompeu rolando ela de costas, então estava deitando-a na cama, seus quadris confortavelmente entre as pernas dela, o pau dele ainda dentro dela e endurecendo novamente enquanto a boca dele faminta a beijava.

Quando ele levantou a cabeça, a respiração dos dois estava mais forte.

Seus olhos se prenderam aos delas e ele decretou. —Você será conhecida assim entre o meu povo também.

Então ele começou a se mover lentamente dentro dela e automaticamente seus quadris moveram-se também.

Uma de suas mãos deslizou por suas costas, enquanto a outra surgiu para descansar ao lado de seu rosto, antes ela disse suavemente.

—Presumo que você gosta dessa ideia.

Ele parou de se mover, lentamente saindo e entrando novamente, enterrando-se ao máximo antes de rosar contra sua boca.

—Sim, eu gosto.

Em seu impulso, o braço dela se apertou ao redor dele, os joelhos dela subiram pressionando contra a lateral do corpo dele e os dedos da outra mão deslizaram em seu cabelo.

Mas ela sorriu contra os lábios dele.

Na reação dela, seus quadris começaram a se mover mais rápido.

Os lábios dela foram ao seu ouvido e começando a ofegar, então ela sussurrou.

—Mara também me disse que você é conhecido como “O lobo”.

Seu corpo ficou imóvel e com a reação dele e sua cabeça recuou para os travesseiros para que ela pudesse olhá-lo com curiosidade.

—Como? —Ele perguntou, com um sentimento diferente agarrando-o.

Ele planejou cuidadosamente com Regan e Ryon, como conselheiros, quanto a compartilhar as informações com Sonia sobre seu povo ser lobo. A reação dela poderia ser inesperada e Callum queria controlá-la.

Homens lobos eram criaturas de fantasia para os humanos e não bons. Cruéis, assassinos e abomináveis, algo a ser temido, os vilões em uma história de horror.

Antigamente, quando os lobos eram menos cuidadosos sobre quem testemunhava a transformação, os seres humanos às vezes os viam. E, sendo humanos, ao invés de tentar compreendê-los, os temiam.

E caçavam.

Era uma das razões da rebelião estar ali por milênios, permaneceram muito firmes em suas crenças de que os seres humanos deviam ser escravizados.

Sonia poderia temer o que seu povo poderia fazer e a menos que ele tivesse tempo para permitir que ela experimentasse o fato de que os lobos eram amigáveis, bem-humorados e gentis, pois havia uma leve dúvida sobre o que ela faria.

Ele também queria reforçar sua conexão. Sentia confiança em sua conexão, mas isso seria um choque. Callum queria a vida dela completamente entrelaçada com a sua, de forma que ela não pudesse se imaginar viver sem ele, independente dos segredos que ele pudesse guardar e quão grande eles fossem.

Regan e Ryon concordaram com o seu plano e foi até mesmo sugestão de Ryon manter este conhecimento longe de Sonia, até que ela estivesse firmemente inserida em seu meio.

No entanto, depois de sua explosão, Callum tinha preocupações sobre este plano.

Sonia parecia preferir entender o que estava acontecendo ao redor dela. Quanto mais ele esperava, menos parecia que a estava protegendo, mais parecia uma mentira.

Tanto assim, que começou a sentir algo que nunca experimentou antes. Uma pontada de algo desagradável. Quase como se ele temesse que ela descobrisse o segredo dele e considerasse seu sigilo uma traição.

Homens lobos eram metade homens. Eles não estavam imunes a foder tudo, digamos, jogando ou bebendo demais. Embora os lobos nunca se separassem, infidelidade ao seu companheiro era inédito. Antes de encontrar seu companheiro, encontrar parceiros de jogo “e inúmeros deles” para machos e fêmeas era normal. Depois que encontrasse seu companheiro, nunca mais. Callum conhecia muitos lobos que sucumbiram à fraqueza da bebida e jogos de azar e ao fazê-lo, traíram seus companheiros através de mentiras. E, com uma loba, isso nunca era inteligente e muitas vezes a fêmea nunca esqueceria.

Viver uma eternidade pagando por uma traição era uma perspectiva assustadora.

Viver uma eternidade esperando que acontecesse outra vez, ele achava, seria muito pior.

Callum não queria que nada estragasse a perfeição daquilo que tinha com Sonia.

E não queria que ela pensasse que a traiu, nem por um instante, mas especialmente pelo curto período de tempo que representava sua eternidade.

Ele não queria isso, tanto que realmente pensava que a desagradável sensação que sentia era medo e isto era que nunca experimentou antes.

Além disso, não gostava desta sensação.

—Mara me disse que você é conhecido como “O lobo”. —
Ela repetiu baixinho, observando-o de perto.

—Querida... — Ele começou.

Ela o interrompeu.

—Porque você não me disse?

—Eu... — Ele começou novamente, mas ela ergueu sua boca e apertou-a contra a dele ao mesmo tempo em que inclinava seus quadris e ele deslizava mais fundo. Ambos se sentiram tão bem que, a palavra dele terminou em um rosnado.

—Eu gosto de lobos. — Ela sussurrou contra sua boca e a mão dela pressionou o seu cabelo. Inclinou levemente a cabeça para convidar seu beijo e o olhar dela ficou cheio de desejo de concluir. —Eu gosto muito deles.

A tentação era quase demais.

Mas chegou a hora. Ele precisava lhe contar.

Então, ele disse.

—Pequena...

Mas ela o interrompeu novamente, interrompeu com as palavras que sempre rompiam seu controle, ao mesmo tempo sua boceta apertava seu pau, tornando seu convite uma demanda que ele não podia ignorar.

—Foda-me, lobo.

Com outro rosnado, Callum fez o que ela pediu, em três posições diferentes, duro e áspero, como os dois gostavam.

Foi tão duro, áspero e desgastante que, no momento em que ele a empurrou de bruços e colocou-se entre as pernas abertas dela, seu antebraço dobrado em seus lados e seus lábios em seu ouvido sussurrando o segredo dele, Sonia estava dormindo.



Dois dias depois, Callum ainda não tinha encontrado o momento apropriado para explicar as coisas para Sonia.

O primeiro dia foi Sonia novamente quem tirou sua mente de sua determinação para compartilhar o segredo.

Após o café, como de costume, ela apareceu em seu escritório. No entanto, desta vez ela fez isso com um olhar engraçado no rosto que Callum não conseguiu ler.

Após o sexo na noite anterior, ele deixou seus braços naquela manhã sem acordá-la e começou seu dia.

Isso era incomum. Desde que chegou ao castelo e deu-lhe tempo para se ambientar, geralmente esperava por ela acordar e também cuidava dela ou dos dois, antes de começar seu dia.

No entanto, se lembrou dela se queixar de dor quando ele a tomou “vigorosamente” quando a levou para a casa e, como a

noite anterior foi quase tão vigorosa, decidiu que ela precisava descansar.

Também era incomum que ela fosse até ele e então virou seu assento na direção dela para oferecer o seu colo, mas ela não se sentou imediatamente.

Em vez disso, ela parou, inclinou a cabeça para o lado e olhou para ele, aparentemente hipnotizada.

—O que é? —Ele perguntou, mas o corpo dela pulou suavemente com suas palavras, como se ele a tivesse acordado de um sonho.

Ela mordeu o lábio, parecendo indecisa em seguida ajoelhou-se diante dele.

Foi a vez do Callum olhá-la.

Ela colocou as mãos sobre seus joelhos e então fez pressão para que os separasse.

Então, Callum sentiu seu pau responder instantaneamente, quando ela abaixou sua linda cabecinha e acariciou sua virilha com o rosto.

—Porra. —Ele soltou e ela levantou-se, pressionou-se contra sua virilha e colocou as mãos em seu peito.

—Você não brincou esta manhã. — Ela tranquilamente o acusou, a expressão dela não era mais ilegível, mas gananciosa.

Sempre com tesão sua Sonia.

Claramente, a noite anterior não foi tão vigorosa.

Callum marcou esse conhecimento em sua mente e seus dedos deslizaram em seu cabelo ao lado da cabeça dela.

—Não. — Foi tudo o que conseguiu dizer.

A mão dela caiu para sua virilha acariciando-o suavemente e ela sussurrou. —Posso brincar com você?

—Porra, sim. — Ele cerrou os dentes e ela sorriu.

Então ela abaixou a cabeça e ele viu quando puxou sua camiseta para acima, expondo seu estômago e colocou a boca ali e então, deslizou para baixo enquanto desabotoava a calça e o liberava.

Sem hesitar, ela agarrou seu pau duro como aço com a mão e levou-o a boca, acariciando e chupando ao mesmo tempo. Muitas vezes, ela lambia enquanto acariciava, os olhos dela subiram para olhar os dele enquanto fazia isso e a cada momento os dela ficavam mais cheios de desejo, como se ela não conseguisse o suficiente dele.

Por sua parte, Callum não tirava os olhos dela nem por um segundo.

E o que ele via era bonito demais.

Não muito mais tarde ele teve o suficiente e manobrou o corpo dela, para que ficasse inclinada sobre sua mesa, puxou seu jeans e calcinha para baixo de suas coxas e descobriu que ela estava tão excitada por chupá-lo que no minuto que ele se

enterrou na sua abundantemente molhada sedosidade, ela bateu de volta para recebê-lo e gritou sua liberação imediata.

Callum não demorou muito tempo para segui-la.

Permitindo, tanto a ele quanto a ela, tempo para se recuperar, Callum arrumou suas roupas. Mas foi Sonia que se enrolou totalmente em seu colo, puxando as pernas para cima e dobrando para descansá-las contra a sua frente, a testa dela a em seu pescoço, o braço ao redor dele.

—Era isso que queria que eu fizesse com você em sua cadeira na outra vez? —Ela perguntou baixinho.

Sim.

Mas também foi muito melhor, porque o fez por sua própria vontade e não porque ele disse para ela.

—Sim.

—Mm. — Ela respondeu e aconchegou-se mais perto.

Callum segurou sua Rainha por um tempo, depois retomou o trabalho.

Sonia não se mexeu, ficou encolhida em seu colo.

Enquanto trabalhava com sua esposa bem perto, Callum decidiu, aquele não era o dia para contar seu segredo.



No dia seguinte, Callum não teve tempo de dizer-lhe, porque Caleb retornou.

Regan levou Sonia para uma leitura mais aprofundada da cidade, algo que era óbvio que Sonia queria fazer pelo olhar de emoção em seu rosto quando Regan sugeriu. Então, Callum permitiu.

Enquanto ela estava fora, ele ficou escondido em seu escritório com Caleb e Ryon discutindo sobre o fim da rebelião, a limpeza dos territórios ocidentais, a varredura através de várias regiões para localizar e neutralizar todos rebeldes restantes que Calder estava liderando e perdeu a noção do tempo.

Regan ligou e explicou que ela e Sonia foram jantar com Maraleena e Drogan na cidade e quando Callum e seus irmãos saíram de seu escritório era tarde. Não só apenas tarde, era hora de dormir e Sonia não tomou sua injeção.

Ele foi à procura dela e encontrou-a sozinha no quarto de tricô. O fogo, obviamente, Regan acendeu e começava a arder, pois Sonia não tinha ideia de como acender uma lareira. Foi algo que Callum soube dias antes quando entrou em seu quarto no meio de suas adoravelmente frustradas tentativas e ela o fez prometer que iria ensiná-la a fazer isso. Ele mentiu — não exatamente uma traição em sua mente — e prometeu que o faria quando ele não tinha intenção de fazê-lo, porque se ela

não aprendesse, ela teria que encontrá-lo para fazer por ela gostava dessa ideia.

Ela estava de pé na janela, mas não estava olhando para fora.

Estava com a cabeça inclinada e olhando os dedos de uma mão e a outra torcendo as alianças que ele lhe deu, girando e girando.

Então algo o atingiu e ele parou na porta, inclinando um ombro contra o marco, cruzando os braços no peito e observando-a.

Durante sua briga, ela disse que quando deu a aliança para ele, não sabia se isso significava alguma coisa para ela.

Ele não a questionou sobre aquilo. Ficou satisfeito com o resultado de sua discussão. Não havia nenhuma razão para desenterrar o assunto e não tentou processar cada palavra que ela lhe disse enquanto estava com raiva, a partir do comportamento dela, desde então, ela deu-lhe todas as indicações de que não estava apenas estabelecendo sua vida com ele esplendidamente, mas apreciando-a completamente.

Mas agora, vendo o rosto dela pensativo e distante, torcendo essas alianças que não tinham significado nada para ele quando as deu a ela e lembrando-se de uma hora mais tarde, quando ele a ouviu chamá-lo de “marido”, sentiu um mal-estar agudo. Um mal-estar semelhante àquela desagradável sensação que parecia medo.

Sem levantar a cabeça, ela disse baixinho.

—Eu sei que você está aí.

—Eu sei que você sabe. — Respondeu ele.

Ela finalmente olhou para ele e seus dedos pararam de girar, mas não soltou as alianças. —Então por que você está aí?

—Quero saber o que está pensando. — Ele disse com sinceridade.

Ela abaixou a mão, mas envolveu seus braços ao redor de sua cintura e explicou. —O que está em minha mente é, quero saber por que meu marido parou na porta quando ele nunca para em uma entrada quando estou em algum lugar. Ele sempre vem até mim. Então, estou pensando que quero saber o que você está pensando.

Ela provavelmente estava falando a verdade.

Mas não tudo.

Ele andou até ela e quando se aproximou, ela deslizou os braços ao redor de sua cintura e inclinou seu corpo contra o dele, inclinando a cabeça para trás para olhar para ele.

Ocorreu-lhe então que ela fazia muito isso recentemente. Sem esforço, colocando seus braços ao redor dele, apoiando seu peso nele. Antes seus abraços e momentos de afeto eram raros e quando eles vinham parecia, em comparação com os últimos, desconfortáveis.

Agora eles estavam relaxados e naturais e Callum os preferia assim.

Ele retornou o favor, envolvendo-a em seus braços, puxando-a apertado contra seu corpo e abaixando o queixo para olhar para ela.

—Certo, Sonia, agora o que realmente está pensando? — Ele perguntou.

—Eu disse. — Ela mentiu.

—Você não estava de pé, na janela, girando suas alianças por causa disso. — Ele informou a ela, sua voz bem calma e o mal-estar que sentia continuava.

Ela observou o seu rosto. Então suspirou. Não era o suspiro esvoaçante que ele amava. Era um suspiro frustrado.

Ele sabia pelo som, mas também sabia pelo flash irado em seus olhos verdes.

—Você é muito perspicaz. — Ela murmurou, a voz dela também estava irada, em seguida, ela informou-lhe o óbvio. — Isso é irritante.

Ele preferiu seu tema da conversa, então ele deu-lhe um aperto suave e disse em advertência. —Sonia...

—Ah tudo bem. — Ela bufou, ainda claramente frustrada e de repente seus olhos deixaram os dele e olhou para seu ombro um momento, antes de voltarem. —Certo, Callum, o que eu estava pensando era... — Ela hesitou um momento antes de

declarar. —E você pode não dizer porque, bem, percebo que você não é bom com coisas humanas e bem, isso é definitivamente humano. Obviamente, nem sonharia em lhe pedir para fazer algo excepcional ou nada disso, porque considerando que, até mesmo em minha festa de Natal, você usou calça de veludo e um belo suéter... — Ela fez uma pausa e disparou pela tangente. —No entanto, as botas que usava eram muito legais naquela noite. Eu gostei delas. Você deveria usar...

Ele não pode evitar. Começou a rir e deu-lhe outro aperto, interrompendo-a, dizendo. —Querida, qual seu ponto?

Os olhos dela se arregalaram, por um momento, ela respirou fundo e sussurrou. —Certo. — Em seguida, ela continuou rapidamente. —O que eu dizia era, você não tem de fazer coisas grandes para mim, sabe, mesmo se fosse o décimo sexto aniversário, que é o dia mais importante na vida de uma garota. Mas não lhe pediria para vestir um smoking e conseguir um fotógrafo e coisas tão formais, mas eu posso... —Ela olhou para ele, os olhos cheios de desejo frustrado. —Você se importaria se....? — Ela hesitou novamente e então forçou as palavras. —Eu sei que não é a tradição, mas, no nosso acasalamento, posso ao menos usar um bonito vestido branco?

Ele olhou para ela por um segundo, confuso, porque não tinha a porra da ideia sobre o que ela estava falando. Em acasalamentos lobos gostavam de se vestir, mas vestir para

lobos era apenas usar roupas mais elegantes, mas ainda assim casuais.

Em seguida, excepcionalmente lento, isso o atingiu. Ela virava as alianças de casamento, falava sobre smoking e formalidades e o dia mais importante da vida de uma garota.

Porra, ela estava falando sobre um casamento humano.

O que, sendo sua companheira, ela nunca teria.

Mas, sendo sua esposa humana, ela iria querer.

E queria.

Aquele mal-estar deixou Callum, sentindo apenas o calor suave de seu corpo pressionado contra o dele e seus braços ao redor dele.

—Pequena... — Ele começou.

—Você pode dizer não. — Ela deixou escapar. —É provavelmente uma ideia estúpida. As pessoas vão pensar... — Seus olhos ficaram enormes novamente e ela disse. —Oh não, eles ficariam ofendidos?

Uma de suas mãos foi para suas costas e se enrolou em seu cabelo enquanto seu rosto se aproximava do dela. —Não, eles não ficariam ofendidos. Vista o que quiser.

Ele viu a luz de excitação nos olhos dela por um segundo antes de se extinguir. —Vai parecer estúpido?

Callum sorriu, puxando-a mais firme contra ele. — Impossível.

—Não quero que pensem que estou me mantendo longe...
Quer dizer, eu não quero que pensem que eu não levo
minha responsabilidade...

Ele cortou-a.

—Eles irão pensar que se sente orgulhosa de quem você é
e de quem será, ambos, o que meu povo vai se sentir honrado.

A emoção voltou em um flash.

—De verdade? —Ela sussurrou.

—Sim. —Ele respondeu.

—De verdade? —Ela pressionou tanto verbalmente quanto
em seu corpo.

Callum conteve a risada a seu adorável e cuidadoso olhar,
mas não o controlou totalmente e disse através da risada. —
Sim, pequena.

Ela olhou para ele como se procurando provas de
desonestidade.

Em seguida, cedendo seu peso, ela colocou o rosto em seu
peito dele e deu-lhe um aperto. —Bom.

Ele beijou o topo de sua cabeça, apreciando um
sentimento muito diferente, esse que sentia agora, em vez do
outro quando ficou parado na porta.

Foi mais que seu abraço. Foi mais que o conhecimento de
que ela desejava estar conectada a através de suas alianças,
levar o nome de seu pai, aderir às tradições de seu povo.

Ele estava gostando de dar-lhe algo que ela desejava muito.

O que significava que, o que precisava fazer agora doía demais.

—Está na hora de sua injeção.

Ele sentiu o corpo dela se apertar em seus braços antes de relaxar e ficou feliz por não poder ver os olhos dela.

—Eu sei. — Respondeu ela.

—Vamos lá, querida.

Ela concordou, afastando o rosto de seu peito. Ela afastou-se, ele segurou a mão dela e a guiou para o banheiro.



Callum se mexeu em sua cadeira, atrás de sua mesa e levou a mão na testa, pressionando para afastar a tensão que se formou após o lembrete da injeção.

Na semana passada, ele a levou para Aberdeen para visitar o “especialista” que simplesmente decretou que o Dr. Mortenson disse sobre sua tolerância à droga e que as mudanças em sua vida eram as culpadas pela “alteração”. Explicou que não havia outros tratamentos — três vezes. Coletou mais sangue que, novamente, estava normal. E sugeriu que preparasse a dose de manhã, injetando metade por alguns dias e depois parar por completo.

—Tomara que funcione. — Ele disse em um sorriso médico distraído, enquanto simultaneamente escrevia as receitas.

Callum queria quebrar seu maxilar pois não funcionar significava dor insuportável para sua companheira que era o que, com os dentes cerrados, ele informou ao médico depois que chamou a atenção do homem de volta para sua paciente e seu marido.

—Você sabe o que fazer agora. Basta dar-lhe outra dose se ela sentir os sintomas, volte para injeções duas vezes por dia. — O médico respondeu tranquilamente diante da fúria controlada de Callum.

Foi então que Sonia apertou a mão dele e Callum tomou a decisão de não jogar o médico pela janela, que foi a decisão que tomou instantes antes de apertar a mão dele.

Felizmente, a dosagem funcionou e Sonia não sentiu mais os sintomas.

Então, novamente, se foi o estresse e as mudanças em sua vida que afetaram a eficácia da droga, ela estava se estabelecendo e esperava que eles não tivessem outra “alteração”.

Callum ouviu Ryon se aproximando e sua mente mudou diretamente para o que a preenchia em qualquer momento, quando não estava no sorriso de Sonia, seu afeto, sua risada, sua bondade, seu humor, seu doce e pequeno corpo e como

respondia a ele, sua conexão profunda com ele e sua família e sua maldita injeção.

Para onde sua mente foi, também não era seu dever como Rei.

Foi para o fato de que todos os dias em que ele não contava a ela seu segredo, sua vida se tornava uma mentira.

Ryon entrou com um sorriso e fechou a porta.

Desde a descoberta de que Sonia tinha as habilidades por toda sua vida, tempo suficiente para o pai dela explicar que deveria escondê-las, as suspeitas deles contra os vampiros já não existiam.

No entanto, eles também estavam todos conscientes de que as habilidades de Sonia rivalizavam com as deles e Ryon, fechando a pesada porta significava que havia algo que queria que fosse silenciado, que deveria estar longe da audição de Sonia.

Ele se aproximou da mesa de Callum e sentou-se em frente, declarando. —Tudo está no lugar para amanhã.

A boca de Callum ficou apertada.

Ryon ainda sentia que Sonia precisava de tempo com os lobos e era contra Callum dizer a ela. Eles conversaram sobre isso. Callum discordou e decidiu ele mesmo dizer-lhe quando surgisse o momento certo.

Infelizmente isso não aconteceu e no dia seguinte centenas de lobos celebrariam nas ruas.

Merda aconteceria. Especialmente com lobos.

Portanto, como Drogan, Maraleena e Callista, sua guarda real foi avisada por Ryon que Sonia deveria ser protegida de testemunhar qualquer transformação ou falar de homens lobos no dia seguinte, onde quer que ela fosse estaria com ele, sua família ou sob escolta de sua guarda.

—Não gosto disso. — Callum disse ao seu primo. — Encontrarei tempo para dizer-lhe esta noite.

—Você deve esperar até depois de amanhã. — Ryon discordou. — Ela vai desfrutar amanhã. Verá a natureza verdadeira do lobo. Você precisa dar-lhe mais tempo.

Callum observou seu primo, novamente questionando seus motivos quando se tratava de sua companheira.

—O que o faz pensar que ela precisa de mais tempo? — Callum perguntou.

Ryon sorriu. —Chama-se de instinto.

Callum não achou nada divertido.

—Você não notou a mudança nela? —Ele perguntou.

A expressão de Ryon ficou séria e ele compartilhou. — Sim, Cal, eu notei e não consigo confiar nisso.

Callum sentiu seu sangue gelar. —E por que diabos não?

Ryon balançou a cabeça e os olhos dele eram tão vagos quanto seu tom, quando ele disse. —Eu não posso colocar minha mão no fogo sobre isso, mas sinto que ela está escondendo algo.

Foi então, que as mãos do Callum se fecharam em punhos.

Primeiro, se Sonia estivesse escondendo algo, então a verdadeira Sonia seria além da perfeição, o que era impossível.

Segundo, porque o primo dele ainda estava claramente de olho em sua companheira e ele não gostava.

E por último, porque parecia que Ryon estava tentando fazer Callum duvidar de sua esposa.

—Eu acho. —Callum disse de forma uniforme, em um tom que Ryon conhecia e chamou sua atenção imediata, portanto, seu olhar distraído se limpou e focou em Callum. — Talvez você deva parar de se preocupar muito com minha companheira.

—Cal...

Callum inclinou-se e disse com enganosa voz suave. —Ela é minha companheira, Ry. Minha.

—Cal...

—Esqueça isso. — Advertiu Callum e Ryon inclinou-se para frente também.

—Tem falado com ela como eu disse a você?

—Esqueça.

—Cal, você tem?

—Sim, eu tenho, porra. Agora, esqueça isso! — Callum disparou.

Ryon fez uma careta para ele e então se recostou. Callum viu um músculo saltar na mandíbula de seu primo por longos momentos antes de Ryon falar novamente.

—Você deve saber. Eu dei um frasco de remédio a um amigo meu que conhece alguém que pode analisá-lo.

Callum recostou-se também. —Pensei que tínhamos acabado com isso. Ela tem suas habilidades desde o nascimento.

—Eu sei. Não dói verificar. — Ryon retornou.

Callum olhou para ele, antes de perguntar. —O que você está pensando?

—Bem. — Respondeu Ryon, ainda irritado, mas Callum sentiu que não por causa da sua anterior troca de palavras. — Eu tive minha cota de experiência com seres humanos. Nunca vi nada como suas habilidades.

—Sim, já tivemos essa conversa antes.

—É incomum.

—Sim.

—Não gosto disso.

—Ry...

—Você não esconde uma doença que ameaça sua vida em um segredo quase inexpugnável, Cal, algo está errado aqui. E não gosto disso e não tive tempo para dar-lhe toda a minha atenção.

Callum suspirou. —Você daria se ela estivesse destinada a ser a Rainha de uma sociedade secreta e que esse conhecimento nas mãos erradas a deixaria vulnerável. Ela tem seus dons desde o nascimento, o pai dela sabia sobre eles, pelo amor de Deus. Ela e eu já conversamos sobre isso. Seu pai provavelmente deu alguma explicação para o médico dela. Gregor quase saiu de sua pele quando soube que ela teve uma “alteração” e ele não é um macho propenso a mostrar suas reações. Meus instintos me dizem que sua reação não foi por causa de algum plano nefasto, mas pelo pensamento dela se machucar com suas dores. Lassiter provavelmente contou a ele sobre seus dons também, mas mesmo que não, ele é um vampiro que conviveu com Sonia por anos. Ele notaria. Demorei uma maldita semana. Se Lassiter não disse a Gregor, ele provavelmente levaria o mesmo tempo que levei. O que ela pode fazer é incomum para um ser humano, mas está entre aqueles que irão aceitá-la agora. Está tudo bem. Ela está bem. Esqueça.

Com isso, Ryon perdeu a paciência e respondeu. —Deixe-me fazer meu trabalho, tudo bem?

Callum analisou seu primo. Ele o conhecia há muito tempo e os instintos de Ryon eram tão afiados quanto os de Callum.

E o que custava?

Portanto, ele cedeu. —Tudo bem, Ry, se você sente isso tão forte, faça o seu trabalho.

Foi então que ambas as cabeças se inclinaram quando sentiram Sonia.

Os olhos de Ryon fixaram-se em Callum e ele sussurrou em uma voz baixa para que Sonia não ouvisse, mas também estranhamente soou como um aviso. —Ela é apaixonada por você, sabe disso. Há anos.

Callum simplesmente sorriu, porque sabia e era exatamente por isso que Sonia Arlington-McDonagh era absolutamente perfeita, demais.

Portanto, ele respondeu com satisfeita e majestosa arrogância. —Eu sei.

Ryon o olhou de perto, comunicando algo que Callum não entendeu.

Ele também não se importava.

Sua mente, mais uma vez, voltou-se para sua companheira.

Houve uma curta e suave batida na porta antes dela colocar a cabeça para dentro.

—Estou interrompendo alguma coisa?

—Venha aqui, pequena. — Callum chamou e ela passou pela porta ainda vestindo nada além de seu robe e meias, o cabelo preso por aquela bonita faixa rosa.

Ele se perguntava enquanto a observava graciosamente caminhando em direção a ele, o que estava sob o roupão.

Ele esperava que fosse apenas a sua corrente.

Ele virou sua cadeira para ela, ela sentou-se em seu colo e quando ele se virou para a mesa, ela olhou para Ryon.

—Ei primo. —Ela cumprimentou com um sorriso.

—Ei prima. — Ryon sorriu de volta, pelo cumprimento ou escondendo sua intensidade anterior.

Então ela se virou para Callum e anunciou, fingindo irritação. —Eu simplesmente fui brindada com um interrogatório de trinta minutos sobre a minha reivindicação na cozinha. Mara e Callie são gritantemente intrometidas. Minha desculpa de “ser humana” não está mais funcionando.

Callum sorriu para ela e aconselhou. —Então conte a elas.

Os olhos dela se arregalaram e ela gritou. —De jeito nenhum! Isso é entre você e eu. — Então ela ofegou com algum pensamento súbito, virou acentuadamente a cabeça em direção a Ryon e depois voltou para Callum, onde seus olhos se estreitaram. —Você não...

—Não. — Ele cortou e o corpo dela relaxou contra o dele. — Pelo menos ainda não. — Ele continuou e o corpo dela endureceu. Ele estava rindo quando terminou com uma provocação. —Apenas não tive tempo.

—Você...! — Ela logo gritou, claramente irritada demais para continuar.

Ao mesmo tempo, Ryon observou maliciosamente. —Eu não vejo a hora de ouvir.

Ela virou a cabeça para olhar para Ryon antes de virá-la novamente para Callum. Ele levantou a mão para segurá-la, portanto, controlou os movimentos de seu pescoço, para que ela não desviasse.

—Não se atreva! — Ela virou-se para ele e ele sorriu mais uma vez, mas esse foi um sorriso diferente.

—Você vai ficar irritada se eu o fizer?

—Sim. — Ela respondeu instantaneamente.

Callum respondeu com a mesma rapidez. —Eu gosto de você irritada, pequena. Ainda não tive tempo. — Ele esfregou seu pescoço rígido e tocou sua orelha com o nariz antes de dizer. —Senti sua falta.

Ela rosnou em sua garganta.

Callum riu na dela.

Em seguida, ambos ficaram imóveis e todos os três olharam para a janela. Um carro ou, pelos sons do mesmo, uma caminhonete ou um SUV estava se aproximando.

—Você está esperando companhia? — Ryon perguntou casualmente.

Não, ele não estava.

Então, novamente, havia centenas de lobos em suas colinas, alguns com seus companheiros, outros com membros da família e a maioria com os dois. A cidade e seus arredores, como Mara observou, estavam arfando.

No entanto, seus lobos não se aproximavam. Não sem um convite ou uma razão. Isto não era apenas o padrão, mas porque ele recentemente reivindicou sua companheira. Eles precisariam de uma boa desculpa para interrompê-lo durante esse tempo, mesmo se uma celebração estivesse começando no dia seguinte.

O que significava que isto poderia ser más notícias.

Ele saiu de sua cadeira, levantando Sonia e colocando-a de pé, enquanto fazia isso, murmurou. — Eu preciso ver quem está à porta.

Com sua mente finalmente fora de sua companheira e sobretudo o que estava vindo, Callum não percebeu no início que Sonia estava andando ao lado dele.

Quando percebeu, ele parou, olhou para ela e ordenou. —
Fique aqui.

Ela olhou-o. —Mas... alguém está na porta.

—Sim. — Ele concordou. —E verei quem é.

A expressão dela mudou. Por alguma razão Sonia ficou teimosa e retrucou. —E eu vou com você.

Callum procurou paciência e respondeu. —Pequena, você está com um roupão.

—Então? — Ela voltou instantaneamente. —Ele está me cobrindo, certo?

Ele cobria.

No entanto, considerando o seu doce corpo e rosto bonito, não deixava muita à imaginação mesmo se você não tivesse muita imaginação. E a maioria dos lobos tinham excelente imaginação.

—Você vai ficar aqui ou vai se vestir. — Disse Callum.

—Vou atender a porta. — Ela respondeu.

—Sonia...

Ela inclinou a cabeça. —Esta é minha casa?

—Sonia...

—Aquela porta é minha?

Ainda buscando paciência, Callum olhou para Ryon que estava sorrindo para eles e, obviamente, não iria ajudar, então ele murmurou. —Merda.

—Estou indo para a porta. — Sonia terminou e começou a caminhar para fora da sala.

Ele suspirou sua derrota. Ryon riu. Callum olhou para ele e saiu de seu escritório, deixando Ryon. Ele a alcançou, pegou a mão dela e juntos eles foram para a porta.

Ele cheirou vampiro quando atingiu a grande e rochosa porta de entrada.

Um vampiro com uma fêmea humana.

Mais precisamente, Lucien, provavelmente com sua companheira.

O alívio o acertou ao mesmo tempo que a curiosidade e Callum manobrou Sonia parcialmente atrás dele, mas continuou ao lado dele quando abriu a porta.

Um polido Porsche Cayenne preto estava brilhando no sol ao pé da escadaria.

Lucien, alto, cabelos negros e poderosamente construído, vestindo jeans, botas e uma gola rolê que poderia ser vista sob seu casaco de lã preto trespassado que chegava na altura dos quadris, estava subindo até eles. Subindo ao lado dele, com a mão na sua, estava uma bela loira com olhos azuis escuros. Ela tinha uma figura fantástica, vestida com uma calça de veludo

carvão cinza, uma elegante e ajustada jaqueta de couro preta com um cachecol cor berinjela enrolado ao redor do pescoço e ela usava botas pretas de salto alto.

Simplesmente, uma classe fodida. Os dois.

Observando a fêmea, seus olhos tão vivos quanto sua expressão, como se não conseguisse esconder o amor de sua vida, nem que ela quisesse, para não mencionar o cheiro de seu requintado perfume, Callum percebeu imediatamente que o destino de Lucien o levou também para o par perfeito.

Satisfeito pelo vampiro, seus olhos se moveram para Lucien enquanto Callum puxava o seu par perfeito ao seu lado e sorria.

—Isto é uma surpresa. — Ele cumprimentou, enquanto Lucien conduzia sua companheira até a porta.

—Uma surpresa agradável, acredito. — Lucien respondeu, também com um sorriso, mas os olhos pretos do vampiro estavam, como de costume, cuidadosamente sem expressão. Lucien nunca deixava transparecer nada, pelo menos não que Callum recordasse.

—Isso depende de sua finalidade. — Callum retornou, deslocando a si mesmo e Sonia para o lado, permitindo que Lucien e sua companheira entrassem e então ele bloqueou o frio por trás deles, fechando a porta.

Lucien e sua companheira entraram e puxando-a protetoramente perto, ele disse. —Ouvi que finalmente reivindicou sua companheira. Fiquei curioso.

Lucien não sentia curiosidade. Lucien tinha um motivo para estar ali.

Callum também escondeu a reação dele e virou-se para Sonia. —Querida, este é um amigo meu, Lucien. — Ele olhou para Lucien. —Lucien, essa é minha Rainha, Sonia.

Ela estava olhando para Lucien, abertamente insegura sobre o que fazer com ele e hesitante estendeu uma mão que, depois de um olhar para Callum, Lucien pegou.

Curvando-se para baixo, Lucien beijou suavemente os dedos dela e todos na porta de entrada — exceto, talvez, a companheira de Lucien — ouviram a respiração de Sonia.

Callum não gostou do suspiro suave.

Nem ele gostou quando Lucien manteve a mão dela e puxou-a mais perto.

Callum ficou tenso e apenas parcialmente relaxou quando Lucien virou-se para sua companheira.

—Sonia, esta é Leah, minha esposa. — Disse ele baixinho, mas Leah estava sorrindo abertamente para Sonia.

—Olá. — Leah disse em uma alta e atraente voz, seu sorriso nunca oscilando.

No entanto, foi fácil ver no rosto de sua elegante companheira que Sonia estava repensando tardiamente sobre aparecer na porta em suas meias e roupão ou não.

—Oi. — Sonia respondeu com um sorriso tímido e ela educada puxou a sua mão de Lucien. Quase correu para Callum antes que ele a pegasse e a puxasse novamente para seu lado onde colocou os braços ao redor dele.

Com isso, Callum relaxou totalmente.

—Leah, conheça Callum. — Lucien convidou e foi a vez de Callum pegar na mão da companheira de Lucien, mas ele não roçou seus lábios contra os dedos dela. Ele apenas apertou e soltou-a.

—Café! — Sonia de repente gritou e olhou para Callum. — Eu vou pedir café e algo para comer e hum... me vestir. — Ela olhou para Lucien e Leah. —Estão com fome?

—Morrendo de fome, mas eu mataria por uma xícara de café. — Leah respondeu, ainda sorrindo.

—Brilhante. Temos café. — Sonia anunciou. —Bom café. Mara apenas faz o melhor. — Ela se virou novamente para Callum. —Você, hum... leve-os a um lugar quente. Eu já volto.

Então, com um sorriso constrangido a seus convidados, ela saiu do domínio de Callum e correu pelo corredor.

Callum a viu partir.

Ele percebeu que Lucien também olhou, quando ouviu o vampiro murmurar. —Atraente

—Ainda estou aqui, você sabe. — Leah comentou, seu tom severo desmentido por seu sorriso inabalável.

Os olhos de Lucien se viraram para sua companheira, antes dele murmurar. —Mm, eu sei, meu docinho.

Callum observou, escondendo sua surpresa quando Lucien olhou para sua esposa com flagrante carinho.

Cristo, ele a ama, Callum pensou, observando o casal.

Isso não deveria tê-lo surpreendido. Ela era sua companheira e foi por ela que colocou suas vidas em risco e virou o mundo dos vampiros de cabeça para baixo. Além disso, Callum passou toda a sua existência sentindo a intensidade desse tipo de conexão entre seu próprio povo.

Mas não de um vampiro. Nunca de um vampiro. Não aquela adoração transparente. Não em quinhentos anos.

E, por alguma razão estúpida, a exibição meiga de Lucien e aceitação de Leah sacudiram Callum.

Ele foi tirado de seus pensamentos quando Mara disse. — Bem, olá! Eu sou Mara, criada em Canis. Deixe-me tirar seus casacos e vamos levá-los a um lugar quente. Callista está preparando o café e algo para comer.

Mara tomou seus casacos e Callum liderou o caminho para a sala de estar no primeiro andar. Era uma sala circular

na parte inferior de uma torre com mobília pesada, confortável e uma lareira esférica no meio, já em chamas, tornando o espaço acolhedor.

—Por favor, sentem-se. — Callum convidou e Leah sorriu novamente para ele.

—Você tem um lindo castelo. — Observou ela, olhando ao redor, enquanto sentava-se em um sofá e cruzando as pernas antes de virar o rosto para Lucien e perguntar com uma falsa petulância. —Porque não temos um castelo, querido?

—Você quer um castelo, docinho, eu lhe darei um castelo.
— Lucien respondeu casualmente.

Leah falou brincando.

Lucien não.

Callum viu o deslumbrante rosto de Leah absorver este fato. Que suavizou a um olhar com tal extrema devoção que Callum sentiu-se derreter na sala. Os dois eram os únicos ali. Callum deixou de existir.

Foi quando ele soube o que o sacudiu. Entendeu porque Ryon não estava seguro. Sabia que seu primo estava certo.

Algo não estava certo com Sonia.

Ele sabia disso porque, desde o Natal, a menos que ele estivesse transando com ela, exceto durante sua luta, ela nunca o chamava de “lobo”.

Não fingia petulância.

De modo algum.

Ele tinha o seu carinho. Ele tinha o seu afeto. Ela gostava de sua atenção e ela era uma Rainha brilhante em todos os aspectos.

E ela o amava.

Ele sabia disso.

Mas algo estava faltando.

Cristo, ele tinha tudo isso e era magnífico, mas ela ainda estava escondendo algo.

—Callum? —Ao chamado de Lucien os olhos fora de foco de Callum se concentraram no vampiro.

—Sente-se. — Callum grunhiu, inquieto com o seu novo conhecimento, mas mais pelo que poderia estar por trás dele e Lucien sentou-se ao lado de sua noiva enquanto Callum fazia o mesmo na frente a eles.

Leah instantaneamente se enrolou no lado de Lucien enquanto seu braço deslizava ao redor de seus ombros, puxando-a mais perto.

Ver isto fez Callum cerrar os dentes.

Em seguida, Lucien anunciou. —Nós precisamos conversar antes de Sonia retornar.

A atenção de Callum aguçou e seus instintos o fizeram se preparar.

—Faça-o rapidamente. — Callum convidou. Ele queria que isso acabasse, precisava conversar com sua esposa, seu olhar se moveu brevemente para Leah, decidindo que ela provavelmente tinha pleno conhecimento das habilidades de Lucien, ele continuou. —Mas se você sentir Sonia perto, pare de falar.

As sobrancelhas de Lucien subiram. Ele iria sentir o cheiro dela antes de Callum, enquanto estivesse em forma humana. Se ele fosse um lobo, seu sentido seria um pouco mais aguçado do que o do vampiro, mas, naquele momento, ele não era um lobo.

—Gostaria de explicar isso? — Lucien sugeriu.

—Agora não. — Respondeu Callum, dando a Lucien a implicação correta de que ele poderia não explicar mais tarde também. Dependia de como esta conversa progredisse.

Lucien assentiu com a cabeça, deixou de lado e continuou sem preâmbulo. —Conversei com Gregor.

Callum não respondeu.

—Ele explicou as coisas. — Lucien prosseguiu.

—E o que ele explicou? — Callum perguntou.

Lucien apertou o braço protetoramente ao redor de Leah antes de dizer. —Ele compartilhou “As Profecias”.

O corpo de Leah ficou tenso e seu rosto ficou mais sério do que feliz quando ela olhou Callum.

Ela também sabia e o medo dela era palpável.

Como seria de esperar.

Lucien o observava atentamente e ele perguntou. —Você sabe delas?

—Algumas delas, sim. — Callum respondeu.

—Disseram que você não sabia. — Murmurou Lucien e Callum não respondeu. Por conseguinte, Lucien continuou. — São vagas, como profecias tendem a ser, mas parecem estar se tornando realidade. Você e Sonia são óbvios. Leah e eu... — Ele hesitou. —Nem tanto.

—Há outra. —Callum informou-lhe.

Lucien levantou o queixo antes de observar. —Sim, mas acontecerá em breve.

—Não precisa.

Lucien olhou para ele um momento antes de dizer baixinho. —Sim, Callum precisam.

Callum sabia o que ele queria dizer e sentiu o músculo saltar em seu maxilar.

A terceira companheira precisava ser encontrada, a fêmea ser reivindicada antes da Profecia se tornar realidade.

Leah, sendo a companheira de um vampiro, teria a vida eterna.

Sonia, sendo a companheira de um lobo, sempre seria mortal.

A terceira companheira precisava ser encontrada antes de Sonia morrer, o que significava que em breve na vida de um imortal.

Callum decidiu mudar de assunto. —Tem alguma ideia se será lobo ou vampiro quem vai reivindicar a terceira companheira?

Lucien segurou seus olhos e respondeu. —Um híbrido. — Callum sentiu suas sobrancelhas subirem e Lucien assentiu. — Lobo, híbrido de vampiro. O primeiro de sua espécie.

Isso era novidade.

Lucien continuou falando. – É importante formarmos uma aliança, e quando eles forem descobertos, aliar-nos a eles.

Callum pensou que não haviam palavras mais verdadeiras a serem ditas.

—Absolutamente. — Ele concordou.

—Portanto, você deve saber sobre Leah. — O olhar de Callum moveu-se para a noiva de Lucien, mas Lucien continuou falando, explicando, simplesmente. —Ela sonha.

O olhar de Callum voltou para o vampiro, enquanto seu corpo ficava tenso.

—Sonha? —Ele usou essa palavra para persuadir o vampiro a continuar.

—Eu sonho. — Leah afirmou. —Estão melhores agora, mas, bem... — Ela parou e olhou para o companheiro dela.

—Ela sonha com o futuro. — Lucien continuou por ela. — Vividamente. Tão vividamente que o sonho pode tomar posse na vida real ao ponto de que o que está acontecendo em seu subconsciente pode acontecer com ela fisicamente.

—Curioso. — Callum murmurou e viu a boca de Lucien se apertar com irritação.

—Ela sonhou com A Sentença. — Ele declarou e com isso foi a boca de Callum que ficou apertada.

A Sentença foi quando, há séculos, vampiros que tinham companheiros humanos se rebelaram contra os seus próprios e se recusaram a denunciar. Um veredicto implacável que incluía o vampiro amarrado a uma estaca e incendiado na frente da humana, para que ela pudesse ver a morte iminente de seu companheiro. Então, a humana era pendurada na frente do vampiro para que ele pudesse ver sua companheira se debater antes que sua própria vida fosse extinta.

No pensamento da deslumbrante companheira de Lucien, sonhar com essa realidade, Callum disse. —Cristo.

Nisso, Lucien compartilhou. —Quase estrangulada por enforcamento enquanto não fazia nada, senão ficar deitada na cama.

Callum olhou para Leah e murmurou, com sentimento. — Lamento muito.

—Está tudo bem. — Ela sussurrou.

Mas não estava.

Ele podia ver que a lembrança do medo dela não desapareceu e Lucien já não estava anulando suas reações. Isto os abalava e ele mostrava visivelmente.

Outra surpresa para Callum e uma indicação da confiança de Lucien.

Foi a vez de Lucien mudar de assunto. —Ela tem outras habilidades.

Callum quase não conseguiu controlar sua reação ao outro traço de sua companheira que Lucien compartilhou, mas ele o fez.

—E essas são?

—A mais importante delas, considerando A Profecia. — Lucien respondeu. —Ela pode sentir o perigo.

Interessante, pensou Callum.

Mas ele perguntou. —Qual sentido? Audição, olfato, visão?

—Não é bem isso. — Respondeu Lucien, observando-o de perto. Corretamente, Callum sabia, assumindo a partir da advertência anterior de Callum que Sonia tinha esses dons. — Ela simplesmente pode sentir uma ameaça em tempo suficiente para se preparar a uma situação incerta.

—Isso é sorte. — Comentou Callum.

—É mais do que sorte. — Lucien retornou. —E isso ajudaria em muitos assuntos se todas as companheiras profetizadas compartilhassem estas habilidades.

Callum decidiu aliviar ambas as mentes e divulgou. — Sonia tem sonhos. Ela os teve a vida toda. Ela sonhou comigo repetidamente anos antes de me conhecer. — Ele olhou Leah e depois para Lucien. —Leah sabe do meu povo?

Lucien assentiu. —Ela sabe.

Isto foi surpreendente também.

Homens lobos, ao contrário da maioria dos outros imortais, compartilham seus segredos com os humanos. No entanto apenas com aqueles em que confiavam implicitamente, por exemplo, se sua companheira fosse humana ou eles tivessem formado um vínculo de amizade com alguém de confiança. Eles eram muito mais cuidadosos em compartilhar sobre outras culturas imortais. Na verdade, era raro que o fizessem, porque todos eles guardavam seus próprios segredos, bem como o conhecimento de outros seres imortais, obsessivamente.

Vampiros também interagiam com os seres humanos, por razões óbvias, mas o faziam sob fortes restrições até recentemente. Tal como acontecia com outros imortais, no entanto, se um vampiro compartilhasse a existência de outras raças imortais, o vampiro e o ser humano seriam caçados e mortos.

Simples assim.

Sangue frio.

E, ao pensamento de Callum, totalmente insano.

Callum empurrou seu queixo para Leah antes de continuar. —Sonia me conheceu como lobo quando era criança. Ela sonhava comigo como lobo também.

—Ela sonha com perigo? — Leah perguntou baixinho e Callum felizmente pode balançar a cabeça.

—Não. — Respondeu ele.

Leah inclinou-se levemente em direção a ele. —Eu acho e Lucien concorda, como ele mencionou antes, que estes sonhos falam sobre o futuro. Eles não dizem o que é. Dizem o que poderia ser. Para mim, foi um aviso que felizmente conseguimos evitar. Agora. — O sorriso dela ficou um pouco apaixonado, mas principalmente íntimo. —Sonho com outra coisa. Para Sonia. — Seu sorriso mudou, deixou a intimidade e tornou-se amigável. —Bem, obviamente, ela estava sonhando com seu futuro, mas. — O sorriso de Leah sumiu. —Agora que ocorreu, eles podem se tornar outra coisa.

Os dentes de Callum cerraram enquanto Lucien retomava a conversa. —Você deve saber, pouco depois de Leah e eu nos conectarmos, comecei a ter os sonhos dela.

—Porra. — Murmurou Callum, mas não foi com desagrado.

Ele gostaria muito de saber o que Sonia estava sonhando quando sonhava com ele.

Lucien continuou. —É bem vívido. Contava uma versão do futuro, mas não estava ligado a mim de uma forma física onde poderia prejudicar tanto a mim quanto Leah. Foi apenas mais um aviso.

—Isto é bom. — Declarou Callum.

—É. — Lucien concordou com um leve sorriso. —Mas, nós precisamos monitorar e compartilhar esses sonhos, obviamente.

—Obviamente. — Callum concordou.

Leah se virou para olhar para o companheiro dela e observou. — Sonia parece bem instalada aqui e é seguro para ela. Talvez não tenha necessidade de apresentar as habilidades para sentir o perigo.

—Ela tem habilidades. — Anunciou Callum e ambos Leah e Lucien viraram-se para ele. —Não como as suas. — Ele disse a Leah, mas continuou. —Ela tem as capacidades sensoriais de um lobo na forma humana.

Callum ouviu Lucien puxar uma respiração.

Leah olhou para ele fixamente então Callum explicou. — Audição, visão e olfato intensos. Ela pode também sentir o perigo e, infelizmente, teve a oportunidade de fazê-lo. Mas para Sonia, é mais. Como é quase lobo, ela tem instintos. Pode sentir

a ameaça, mas também pode sentir qualquer coisa, mesmo se uma presença está perto, mas não é uma ameaça.

—Porra, excelente. — Lucien murmurou, isso seria necessário taticamente se a Profecia se revelasse.

—Eu não estou certo. — O orgulho veio em sua voz quando Callum continuou dizendo-lhes o que descobriu pelas várias caminhadas que fez com sua Rainha. —Sonia tem uma afinidade com animais selvagens. Ela acha que são apenas animais, mas é mais. Ela está no seu mais confortável ambiente natural. Os animais a sentem, mas não a tomam com uma ameaça. Alguns até mesmo movem-se para se aproximar dela. Eu acho que, se desenvolvesse isto, ela poderia chamá-los com ela, talvez até mesmo se comunicar com eles.

—Nossa. — Leah respirou.

— Lupino, mais uma vez. — Lucien observou pensativamente.

— Não exatamente. —Respondeu Callum. —Chamamos de canis, chacais, lobos, cães. Qualquer outra criatura que nos sente como predador. Sonia não é percebida como predador. Ela é sentida como se fosse de quaisquer espécies seja de pássaros, lobos ou ursos.

—Legal! — Leah exclamou e Lucien sorriu, provavelmente pela exuberância de Leah, mas também por esta feliz notícia. Leah virou-se para seu companheiro e disse com entusiasmo. —Eu espero ter algo assim.

—Você tem, querida. — Lucien respondeu e ao fazê-lo, revelou.

— Isso seria? — Callum se intrometeu em sua curta conversa e os olhos de Lucien foram a ele.

Franco, ele informou a Callum. —Ela pode marcar-me, comunicar-se comigo não verbalmente e lutar contra hipnoses por breves períodos de tempo.

Callum não se preocupou em esconder sua surpresa. Ele assobiou baixo.

Se os vampiros tivessem reis, Lucien seria um deles. Ele era mais que um guerreiro épico, mais forte do que muitos. Ele acumulou habilidades, algumas das quais outros vampiros tinham, nenhuma das quais tinham com a força e controle de Lucien. Ele podia ler e controlar mentes. Também podia marcar os humanos ou imortais, o que significava que poderia manipular suas frequências cardíacas e antecipar suas ações.

Se Leah tivesse apenas uma parte destas habilidades, incluindo lutar contra a hipnose, se desenvolvida, poderia ser poderosa.

Isso era uma excelente notícia.

—Parece que o destino tem fornecido armas para os mais vulneráveis. — Callum observou suavemente, percebendo finalmente e com uma sensação de alívio, porque sua Sonia era dotada.

—De fato. — Lucien respondeu suavemente.

—Talvez, nós meninas, possamos ajudar vocês, grandes e fortes rapazes a chutar uns traseiros. — Leah declarou orgulhosa e ambos, Lucien e Callum, sorriram para ela.

E depois de Lucien sorrir para ela, ele virou o rosto dela para o seu e deu-lhe um breve beijo que deixou Leah com aquele olhar de carinho, intimidade, quando terminou.

Então ele olhou de volta para Callum. —Eu queria falar disso sem Sonia, porque Gregor sugeriu que não lhe contou sobre os imortais e você não sabia sobre a Profecia.

—Este primeiro é verdadeiro. — Callum revelou.

—Ela acha que você é humano? — Leah disse com horror e Callum olhou para ela.

—Não.

Leah soltou um suspiro de alívio e disse. —Ela sabe que você é um homem lobo.

—Não. — Callum repetiu, desta vez um modo quase malcriado.

As sobrancelhas de Leah se juntaram e ela olhou em direção a porta antes de voltar para Callum e perguntar. — Quanto tempo estão juntos?

—Seis semanas.

Os olhos da Leah se arregalaram e ela murmurou. —Uh— oh.

Porra.

Lá estava, como ele suspeitava. A reação de um humano do sexo feminino, indicando que sua proteção seria considerada uma decepção.

—Ela não é como você, Leah. Ela não cresceu sabendo o seu lugar em sua cultura. — Lucien disse a sua noiva. —Se eu estivesse no lugar dele e percebesse o que está em jogo com a minha companheira, eu faria a mesma coisa.

Callum sentiu-se um pouco melhor.

—Então você ficaria com sérios problemas também. — Leah afirmou séria.

Callum sufocou um rosnado.

Lucien olhou para Callum e disse com a experiência de um homem imortal que vivia com uma fêmea humana. —Ficará bem, Callum.

Leah olhou para Callum e disse com a experiência de quem era simplesmente uma fêmea humana. —Ficará, mas apenas depois que ela lhe fizer colocar o rabo entre as pernas... sem ofensa.

—Talvez possamos parar de falar sobre isso. — Callum sugeriu de uma maneira que afirmava claramente, que a expressão era uma cortesia, as palavras eram um comando.

Leah mordeu o lábio.

A boca de Lucien se contorce.

Callum sufocou outro rosnado.

—Sua empregada está chegando. — Lucien finalmente observou e Callum teria beijado Mara por seu tempo, se ele não soubesse que Drogan iria desafiá-lo por fazer isso.

—Café! — Leah declarou encantada. Lucien riu e Callum sentiu o aroma de Callista, como de costume, fazia dele um excelente anfitrião, porque havia muito mais do que café vindo em sua direção.

Mara chegou com uma bandeja de café, pratos de bolos caseiros, biscoitos e uma advertência. —Callista está preparando uma gigantesca mesa para o almoço, não comam muito.

Sonia chegou enquanto Leah estava enchendo a sua segunda xícara e ficou claro ao ver o porquê de sua demora.

Ela tomou banho, aplicou uma leve maquiagem e seus cabelos caíam em suaves e elegantes ondas sobre os ombros e costas, mas na frente estava puxado para trás com uma presilha oval de casca de tartaruga fixada com um hashi⁹ correspondente. Ela estava usando calças de veludo rosa pálido e um casaco de lã com cinto, cor creme que caía até os quadris dela e com uma gola xale. A queda suave do material era pesada o suficiente para abrir amplamente a frente, expondo por baixo uma blusa verde escura bem justa.

⁹Palito, tipo palito de comida japonesa.

Quando ela recebeu seus convidados em seu robe na porta, mas provavelmente não percebeu, Sonia parecia, da cabeça aos pés, a Rainha do castelo de um lobo.

Todos ficaram imóveis quando ela chegou. Sonia moveu-se para Callum, com um sorriso para os seus convidados e ele viu que sua corrente de reivindicação estava escondida atrás do material de seu casaco de lã, mas seus anéis de casamento pareciam mais brilhante do que o habitual, como se ela os tivesse limpo.

O olhar de Callum foi para o dedo de Leah para ver que ela também estava usando símbolos de Lucien. O dela eram diamantes negros fixados em platina, o diamante de noivado foi cortado em forma de esmeralda em vez de solitário como o de Sonia. Embora o diamante fosse menor, o anel de noivado estava entre duas bandas. Uma incorporada com menores, diamantes em forma retangular na parte inferior, o outro incorporado com ônix preto brilhante na parte superior.

Ao vê-lo, Callum instantaneamente decidiu mandar sua mãe providenciar uma banda de acompanhamento para Sonia. Algo dourado.

Os dedos de Sonia encontraram os dele e os entrelaçou, quando Leah observou. —Você estava certa, Sonia, seu café é bom.

O sorriso de Sonia aumentou e ele notou que ela perdeu seu constrangimento anterior, agora que estava preparada para

visitas e sua sociabilidade inata estava claramente em evidência. —Não é meu. O meu é mediano. Callista é uma artista. Espere até você experimentar a comida dela. Você acha que morreu e foi para o céu.

Com suas palavras inocentes, os olhos de Callum foram para Lucien e ele sabia que os dois ficaram tensos.

As Profecias eram conhecidas, mas elas eram pouco claras. Portanto, os destinos de suas companheiras eram desconhecidos e como seres humanos, ambas facilmente poderiam perecer e, como imortais, ambos Lucien e Callum enfrentariam uma eternidade desolados se acontecesse.

Infelizmente, Callum enfrentaria de qualquer forma, mais cedo ou mais tarde.

—Perguntou-lhes se vão ficar? — Sonia perguntou a Callum, tirando sua mente de seus pensamentos sombrios.

—Não. — Callum forçou um sorriso. —Mas você o fez.

—Não podemos. — Leah cortou.

—Vocês podem. — Sonia respondeu, firme, mas amigavelmente. Ela soltou a mão de Callum e virou-se para Leah. —Deixe-me levá-la para um tour. Você pode escolher um quarto. Há doze no total, mas oito deles estão no topo de uma torre. Cinco estão ocupados, mas, acredite, os outros três são fantásticos.

Sonia guiou Leah para fora da sala, lançando um sorriso aparentemente despreocupado por cima do ombro para Callum.

Leah saiu com Sonia da sala, lançando um sorriso verdadeiramente despreocupado por cima do ombro para Lucien.

A diferença era mínima, mas definitivamente existia.

—Callum. — Lucien chamou suavemente enquanto ele olhou para a porta e virava a cabeça para o vampiro.

Lucien não falou durante vários momentos, esperando até que as mulheres estivessem bem longe e quando ele finalmente falou, foi baixo.

—Hesito em dizer, mas sinto que você deve saber para que possa se preparar.

Callum permaneceu em silêncio quando Lucien pausou.

Lucien compartilhou. —Gregor está escondendo algo de você.

O olhar de Callum se estreitou no vampiro. —Como?

—Ele está escondendo algo sobre Sonia. — Callum ficou tenso e Lucien prosseguiu. —Quando estava explicando as coisas, pude senti-lo. Não gostei. Depois de ler as Profecias, perguntei-lhe sobre isso e ele me disse que nem você e nem Sonia sabiam algo sobre as Profecias. Mais tarde, apertei-lhe sobre isso e ele compartilhou comigo.

Callum não respondeu.

Ele sabia sobre as Profecias. Foi passada a ele por Mac, embora por razões que ele não compreendia completamente e que não gostava, nunca lhe permitiu realmente vê-las.

Antes que pudesse reagir ao conhecimento que Lucien tinha, Lucien chegou mais perto e sua voz ficou mais baixa.

Então ele disse com indisfarçável emoção. —Sinto muito, meu amigo.

Callum estava sentindo aquele sentimento, o que ele calculou ser medo, mas desta vez era penetrante.

—Sente muito por quê?

Lucien levantou uma mão para agarrar os bíceps de Callum como se estivesse esforçando-se para contê-lo. — Lamento dizer a você que as Profecias afirmam que o tempo de vida de sua mortal será curto.

O corpo do Callum sacudiu antes de travar enquanto esta declaração se cauterizava diretamente em seu sistema.

Lucien continuou rapidamente e silenciosamente, seus dedos seguraram rápido. —As Profecias são vagas, simplesmente indicam que a vida de sua humana será curta. Não contei a Leah e sugiro que você faça o mesmo com Sonia.

—Você está mentindo. —Callum sussurrou.

—Eu não estou, por que eu iria? — Lucien respondeu suavemente.

Ele não faria isso. Não havia nenhuma razão. Eles estavam juntos nessa.

Ele soltou o braço do aperto de Lucien e deu um passo para trás, reconhecendo que esse sentimento era de medo.

Definitivamente medo.

E ao lado disso, correu um novo e agonizando fio de dor.

—Nós vamos lutar contra isso. — Lucien prometeu. Foi uma promessa, não podia confundi-lo a partir do aço nas palavras. —Eu iria oferecer meus serviços, mas Leah odiaria, por isso sugiro que você encontre um vampiro para alimentá-la...

—Você tem que estar brincando. — Callum rosnou para a ideia de um vampiro alimentando-se de sua Rainha.

Em primeiro lugar, ela era a porra da sua Rainha.

Em segundo lugar, ela era dele e nenhum macho iria tocá-la por qualquer motivo.

Em terceiro lugar, ela era Sonia, não uma refeição.

E por último, os seres humanos supostamente tinham na alimentação dos vampiros, uma experiência sensual. Uma experiência altamente sensual. Uma experiência sensual que sua sexualmente sensível companheira não iria ter.

Nunca.

—Podemos pedir a uma vampira. — Lucien propôs, lendo os pensamentos de Callum ou talvez entendendo porque estes também seriam os seus.

—É preciso de anos de alimentação constante para a saliva do vampiro fazer a sua magia. —Callum observou com desdém. — E você sugeriu que não tem essa porra.

—Ela vai sobreviver até que a guerra comece, Callum. — Lucien retornou. —Temos tempo.

—Não é o suficiente. — Callum disse.

Não era o suficiente.

Nunca seria o suficiente, mas, evidentemente, havia ainda muito menos.

Seus sentidos a procuraram em seu castelo. Abrindo e estendendo a mão, ele a encontrou em algum lugar no segundo andar. Seu discurso era confuso, mas havia risadas em seu tom e isso cortou através dele como uma lâmina.

—Callum. — Lucien murmurou.

—Dê-me licença. — Callum retornou e não esperou por uma resposta. Ele já estava saindo da sala.

—Esta é uma notícia preocupante, mas nós vamos lutar contra isso, Callum. — Lucien gritou atrás dele e oficializou o seu voto. —Eu prometo.

Isto não fez Callum se sentir melhor.

—Diga a Sonia que precisei sair para resolver algo. — Ele disse. —Estarei fora por um tempo e não quero ela preocupada.

Novamente, ele não esperou por uma resposta.

Sua pele estava ardendo e seu sangue estava se aquecendo e estava com dificuldades em lutar contra a vontade de uivar.

Ele saiu da sala para a porta de entrada, pelo corredor até a porta dos fundos. Colocando sua aliança de casamento em seu bolso, na porta dos fundos ele mudou para lobo e correu pela neve e para dentro da floresta, a única maneira como poderia acalmar seus pensamentos devastados.

Então ele correu como lobo por horas em um esforço fracassado para aplacar o medo que se estabeleceu como um peso em seu ventre e a dor que dilacerava seu coração.

Quando isso não funcionou e a noite caiu, sentou-se na neve, na subida ao lado de seu castelo, seus olhos na luz que vinha das janelas do quarto que ele compartilhava com sua companheira e uivou para a lua a sua fúria inconsolável.



Capítulo 18

Sonhos

Callum entrou como lobo no quarto que ele compartilhava com Sonia.

O fogo estava diminuindo, mas a luz ainda dançava por todo o quarto.

Os olhos dela vibraram então se abriram, ela olhou e sussurrou. —Olá cachorrinho.

Ele sentou-se ao lado da cama, olhando para ela.

Ela sorriu para ele.

Ele continuou olhando para ela.

—O meu lobo bonito gozou esta noite? —Ela perguntou.

Callum rosnou, sabendo que ele gozaria e que ela gozaria também, tão forte quanto ele pudesse forçá-la a fazê-lo.

Sonia piscou os olhos lentamente, sonhadora, sabendo que seus pensamentos se tornariam realidade.

Os seus olhos se fecharam, mas a mão dela caiu como se tivesse tentando agarrá-lo.

Ele se moveu para frente, deslizou seu focinho ao longo de seus dedos e em seu sono, ela passou a mão contra ele amorosa.

Cansado deste tipo de afeição e precisando de um tipo diferente, Callum deu as costas para ela e mudou para homem.

Quando ele se aproximou da cama, os olhos dela se abriram e focaram nele.

Sem dizer uma palavra, ele deslizou as cobertas de seu belo corpo, nu e sem hesitação, cobriu o corpo dela com o seu.

Ele puxou as peles sobre eles.

—Oi. — Ela respirou.

Callum olhou para ela.

Deus, ele a amava.

E ele adorava o fato de que ela também o amava.

E ele adorava o fato de que ela podia expressar a enormidade desse amor em uma palavra de duas letras.

Portanto, ele sorriu.

O braço dela envolveu-o enquanto ela levantava a outra mão para tocar seu rosto. A ponta dos dedos no seu cabelo, seu polegar deslizava ao longo de sua sobrancelha depois para baixo

sobre seu maxilar, então para baixo outra vez ao longo de seu lábio inferior.

Ela observou seu dedo e fez isso como se estivesse fascinada.

Callum esperou enquanto o fazia, também amando a sensação dela memorizar suas características, como ela fazia toda as vezes que vinha para ela depois de correr.

No entanto, ele pensou, enquanto ela fazia isso, deveria estar memorizando as dela pois ela sumiria da face da terra muito tempo antes que ele o fizesse.

Ela levantou a cabeça do travesseiro e colocou sua boca contra a dele, tirando-o de seus pensamentos. —Onde você esteve, meu lindo lobo?

Em vez de responder, ele deslizou a língua ao longo de seu lábio inferior.

Sonia estremeceu e abriu as pernas, então seus quadris desceram.

Um convite.

Como sempre, sua Rainha gananciosa, queria seu pau.

Então ela o envolveu carinhosa e protetoramente com as pernas. Como sempre, seus movimentos eram uma indicação eloquente de sua adoração de mais do que o seu pau, de tudo o que era ele.

Com essa lembrança, Callum rosnou contra a sua boca.

Ela estremeceu novamente debaixo dele.

Em seguida, sua voz profunda e grave disse com aprovação. —Sempre excitada, minha pequena.

—Apenas para você. — Ela sussurrou, com sua respiração presa, seu coração acelerado, a pele dela estava aquecida, tudo com nada além que sua presença.

—O que você quer? — Ele perguntou baixinho, seus quadris pressionando os dela, sabendo que, quando ele se enterrasse dentro dela, ela estaria molhada, escorregadia, pronta para ele.

—Você, dentro de mim. — Ela respondeu.

—Apenas isso? — Ele brincou.

—Você esteve sumido por um tempo. — Ela disse-lhe e arqueou as costas. —Eu senti sua falta.

Ele sentiu seu rosto suave.

Ele sabia que ela sentia falta quando ele saia mesmo se fosse por um minuto, mas especialmente quando eram horas, enquanto ele vagava.

Ele sabia disso, porque sentia falta dela da mesma forma.

Sabia que não deveria fazer isso. Tinha tão pouco tempo com ela e queria que este tempo voltasse quando ela se fosse.

Mas ele era lobo, ele precisava correr.

Ele compreendia o seu anseio por ele, de uma forma que estava feliz por ela nunca descobrir exatamente como ele detestava o fato de que carregava esse mesmo anseio a cada momento e iria ficar com ele por toda a eternidade, ele murmurou baixinho. —Pequena.

Ela parou de falar. Ele também soube isso quando ela pressionou os lábios contra os dele, apertou as pernas ao redor de seu corpo, levantou os quadris contra o seu, cravou as unhas nos músculos de suas costas e implorou. —Por favor, meu lindo lobo, foda-me...

Ele não a deixou acabar. Parou de falar também.

Seus quadris recuaram, ele ouviu a respiração dela se prender e se preparou para invadir.



Sonia se deitou com a cabeça no ombro dele, os dedos dela alisando ociosamente os pelos em seu peito.

Ele adorava quando ela fazia isso.

—Você está bem, pequena? — Sua voz estava ainda rouca de seu orgasmo e de outras coisas além.

Ele perguntou, porque a tomou forte como de costume e ela amou, como de costume.

Mas ele não a queria dolorida.

—Mm. — Ela murmurou, seus dedos enrijecendo para arrastar as unhas ao longo de seu peito e suas pernas se moveram contra a dele, seu corpo pressionando mais perto, entrelaçando-se com o dele.

Callum sorriu.

Ela estava bem.

Ela fazia isso agora, entrelaçar-se com o seu corpo, cada vez mais perto.

Ela fazia isso muitas vezes, agora que entendia.

Agora que entendia tudo.

Antes ele pensou que sentiria falta dela quando ela se fosse.

Agora, nestes momentos, seriam uma requintada tortura.

—Cal. — Ela chamou, voz soando como se sentisse a virada de seus pensamentos.

—Sim, querida?

Com a mão contra o peito dele como se a sua pele pudesse absorvê-la.

Ou ela poderia absorver algo de sua pele. Algo que ela precisava. Algo que ela sem isso não pudesse existir.

Em seguida, ela sussurrou. —Você sabe que eu o amo, certo?

Ele fechou os olhos antes de seu braço sobre ela apertá-la e sua outra mão surgir em seu peito para deslizar até o macio e dourado cabelo ao lado de sua cabeça.

Como ele pode nunca ter gostado de loiras?

Porque, ele sabia que nunca seriam ela.

—Eu sei, querida.

—Você nunca vai esquecer? —Ela ainda estava sussurrando.

O pescoço dela se arqueou levemente, mas ele forçou seu corpo a relaxar.

—Eu nunca esquecerei.

Ela se aconchegou mais perto e sua mão deslizou sobre o peito dele para envolvê-lo apertado. —Eu quero que prometa que será feliz, mas quero que jamais se esqueça.

—Não me esquecerei.

—Promete ser feliz?

Impossível.

—Eu prometo.

—Obrigada. — Ela sussurrou.

—Eu a amo, querida.

—Eu sei. — Ela disse com um suspiro esvoaçante e seu peito ficou tão apertado, que Callum sentiu dificuldade para respirar.



Eles estavam correndo, vagando como lobos, ele e sua companheira.

Não, Sonia.

Um lobo.

Ela era rápida e mantinha-se com ele, perto de seu lado direito, onde ela sempre corria.

Callum os levou mais dentro, para as árvores. Eles correram durante horas. Ele podia ouvi-la ofegar. Sabia que a estava pressionando. E ele sabia o que ela queria.

Ele continuou pressionando-a, sabendo que a antecipação valeria a pena.

Como ele jamais poderia ter imaginado que se sentiria satisfeito com uma Rainha humana?

Então, novamente, ele não tinha ideia de que estava perdendo isso.

Finalmente, ele se virou, indo para casa e ele a sentiu se excitar instantaneamente.

Ele sentiu o mesmo.



Ela estava debaixo dele, de bruços, seus longos e grossos cabelos cor mogno, espalhados por suas costas, escondendo o rosto dela, emaranhado com folhas de pinheiro. Seu doce perfume almiscarado de loba o atingiu, vindo de seu cabelo, de sua pele e entre suas pernas.

Mas havia algo familiar sobre isso. Algo bonito. Algo nostálgico. Algo que ele adorava.

Ele estava se apoiando em suas mãos, impulsionando seus quadris para empurrar em sua umidade com uma brutalidade selvagem.

Seus gemidos não estavam cheios de dor, mas cada um deles, uma tentação para fodê-la mais forte.

Então ele o fez.

—Abra mais suas pernas. — Ele ordenou.

Ela fez como ele disse.

—Incline a sua bunda, tire tudo de mim. — Ele ordenou.

Mais uma vez, ela fez como ele ordenou e ele se conduziu dentro dela, em seguida, pressionou seus quadris entre suas pernas abertas, seus braços estendidos e seu gemido foi tão profundo, que ele pode sentir sua vibração contra a ponta de pau dele.

Isso era bom demais, Callum entrou mais profundo e ele sabia que não aguentaria muito mais.

—Vamos. — Ele exigiu, mas ela desafiou-o, apertando seu sexo ao redor de seu pau em um esforço para adiar seu clímax. Ele deslocou seu peso para um braço e torceu seu cabelo escuro em seu punho, puxando-o para trás, arqueando o pescoço dela e entrando mais e mais com seu pau nela. — Vamos, loba.

Ele se excitava quando a chamava de “loba” como Sonia fazia com ele. Gostava muito disso.

As pernas dela se abriram ainda mais. A bunda dela inclinou mais. Ele abaixou a cabeça e viu a sua perfeição. Não era uma bunda marcada com agulhadas, um lembrete constante, horrendo da vulnerabilidade de sua antiga companheira e ele sentiu uma sensação de triunfo tão completa, que a visão o fez empurrar nela novamente.

E era isso o que ela queria.

—Com mais força, Cal. — Ela respirou sua demanda, a voz dela quase um sussurro, mesmo ele mal podia distinguir as palavras. —Foda-me com mais força.

Ele estava perdendo o controle, seu orgasmo estava vindo e ele sabia que seria surpreendente.

Como sempre foi com ela.

O melhor que ele já teve.

—Porra, vamos! —Ele rugiu no instante em que o sexo dela convulsionou ao redor de pau dele.

Ela posicionou-se de quatro, impulsionando-se sobre seu pau tão intensamente que ele temia que ela o dividisse em dois.

Mas ela jogou sua cabeça para trás, seu cabelo escuro voando sobre sua mão ainda os segurando, ao longo do seu antebraço, nas costas dela e ela uivou sua liberação.

Ele saiu e entrou novamente, enterrando-se até as bolas uma última vez e, em seguida, uivou a sua própria liberação.



Callum acordou com um sobressalto, ainda lobo, deitado de lado na neve, debaixo de um pinheiro.

O sonho ainda estava vivo. Sua pele sob os seus pelos não aquecida pelo casaco, mas de foder com a anônima loba de cabelos escuros.

Porra, ele pensou, levantando-se, sua mente perturbada.

As partes de seu sonho não estavam sincronizadas. Eram tão contraditórias entre si, de seus sentimentos por Sonia agora, do mais profundo que ele teve em seu sonho, dolorosamente mais profundo do que sentiu por ela. Seu instinto de lobo de ser fiel à sua companheira chocava-se contra o episódio com a loba, um episódio tão lúcido, tão real que era como se tivesse acontecido.

Como se ele realmente tivesse sido infiel a Sonia.

O pensamento era tão vil que sentiu seu estômago se embrulhar e começou a correr.

Mas ele correu em direção a casa.

Em direção a Sonia.

Ele mudou para homem na porta dos fundos, que sempre estava aberta, no caso de ele ou sua família precisarem perambular, o que era frequente.

Ele abriu a porta e negligentemente vestiu a roupa que deixou lá quando se transformou mais cedo.

Ele deslizou sua aliança de casamento e estava vestindo a camisa enquanto se movia para dentro da casa, quando viu a sua mãe.

Ela estava usando um roupão, o cabelo despenteado, o rosto tão perturbado quanto seus pensamentos.

Atipicamente, Callum não tinha tempo para os pensamentos conturbados de sua mãe.

—Agora não, Regan.

—Cal...

Impaciente para chegar à Sonia, ele parou e recostou-se nela. —Não... agora.

Sem outra palavra ou processar o olhar de angústia no rosto da sua mãe, Callum subiu as escadas de três em três degraus para chegar até sua esposa.

Ela estava deitada de lado, o fogo diminuiu, mas continuava a dançar no quarto. Assim como seu sonho isso rasgou através dele.

Mas, ao contrário do sonho, ela estava de costas para a porta.

E ela não estava dormindo.

Ele foi imediatamente para a cama.

Ele sentou-se ao lado dela e colocou uma mão em seu quadril sobre as peles.

—Pequena. — Ele sussurrou, amaldiçoando-se mentalmente por ceder de forma egoísta ao seu instinto de correr. —Sua injeção...

—Eu já tomei. — Ela respondeu com uma voz estranha. — Não se preocupe, Callum. Regan estava no quarto quando eu apliquei.

Ele correu por horas, por milhas, dormiu ao relento e correu novamente por milhas e ainda assim seu estômago estava apertado. Pensamentos de um tormento. Sentimentos de culpa, medo e sofrimento tudo serpenteando insidiosamente por seu cérebro.

Ele precisava dela.

—Sonia...

Ela o interrompeu e sua voz ainda era mais sem vida, tão plana que, parecia quase morta.

—Ouça, Callum, estou realmente cansada, certo?

—Pequena...

Ele parou de falar quando seu corpo visivelmente enrijeceu com suas palavras e em seguida ele observou com um severo fascínio quando ela forçou seu corpo a relaxar.

Ela rolou para olhar para ele e Callum se conteve antes de vacilar.

Seus olhos estavam tão planos e mortos como a voz dela.

Que porra era aquela?

—Eu tenho tentado dormir por um tempo e não consigo. Eu quase adormeci antes de você entrar, então importa-se....?

Preocupação foi adicionada àqueles pensamentos que serpenteavam por ele, atormentando-o.

Ele segurou seu queixo com a mão. Sua mandíbula ficou tensa sob seu toque, mas os olhos dela nunca deixaram os dele.

—Qual é o problema? —Ele perguntou.

—Nada. — Ela respondeu imediatamente. —Como eu disse, estou muito cansada.

Ela estava mentindo.

Ele puxou-a de debaixo das peles para os braços dele e sentou-se na cama, de costas para a cabeceira, Sonia no colo dele.

Isto o fez sentir melhor, tremendamente melhor. Sonia em seu colo, seu corpo contra o dele, seu perfume ao redor dele.

—Certo. — Ele disse quando a sua mente finalmente se estabeleceu. —Agora, a verdade desta vez. Diga-me qual é o problema.

Ela estava olhando para ele, mas os olhos dela estavam apagados, sem emoção. Não em branco, como ficavam quando ele dizia a ela que precisava tomar a injeção, mas sem vida.

—Sonia... — Ele começou, esse medo se formando novamente, mas ela o interrompeu.

—Você realmente quer saber? —Ela perguntou como se duvidasse que ele realmente quisesse.

—Claro que quero saber. — Respondeu ele, começando a perder a paciência.

—Tudo bem, Callum, eu vou lhe dizer. — Ela afirmou. — Eu sinto falta de meus pais o tempo todo, mas às vezes sinto mais a falta deles e esta noite estou sentindo muito a falta deles. Este é o problema. É por isso que não consigo dormir.

Ela estava falando sobre os pais dela e não ficou surpreso que ela estivesse dessa forma apática. Era um mecanismo de defesa, como os olhos dela ficarem em branco antes de tomar a injeção.

Perder os pais dela deve ter sido ainda pior do que aquela merda de injeção.

Ele deslizou uma mão no cabelo dela e pressionou sua bochecha contra o peito dele, dizendo. —Querida.

—Você deveria saber, acontece muito. — Ela disse com naturalidade, em seu peito.

—Está tudo bem.

—Se eu tiver problemas para dormir, encontrarei outro quarto para não lhe incomodar.

Os dedos dele agarraram a cabeça dela e ele disse. —Isso não está certo.

—Eu gosto deste lugar, mas realmente não me importo.

Ele afastou sua cabeça de seu peito e a manobrou, então estavam cara a cara antes que ele rosnasse. — Eu me importo.

Ele não sabia com o que se importava mais, o pensamento de que ela iria mudar para outro lugar para dormir ou o pensamento de que ela não se importava de não dormir com ele.

Algo estava errado e era mais do que apenas pensamentos de seus pais mortos. Ela gostava de conversar e não conseguia dormir e ele nunca mais conseguiria dormir depois do que Lucien contou a ele e aquele maldito sonho.

Então eles iriam conversar.

—Preciso que me explique uma coisa. — Ele anunciou e os seus olhos levemente se estreitaram em confusão.

—Callum, estamos no meio da noite.

—Você está acordada. Eu estou acordado. Vamos conversar. — Ele disse e ela suspirou.

Não um suspiro esvoaçante, doce. Um irritado, “estou sendo forçada por Callum” suspiro.

—Tudo bem, Callum, o que você quer que eu explique? — Ela perguntou, com uma sarcástica ênfase no “eu” que fazia com que seu estômago já apertado, se apertasse mais.

Ele ignorou isso.

—Quando tivemos nossa discussão depois que Regan devolveu minha aliança de casamento... — Ele começou e sentiu o corpo dela ficar duro contra o seu, mas ignorou isso também e continuou. —Você disse, quando me deu a aliança, que não sabia se isso significava alguma coisa para você. Então, disse que sim. Eu gostaria que explicasse isso.

—Gostaria que eu explicasse assim, digamos, eu tenho uma escolha sobre se faço ou não? Ou você está me dizendo para explicar como, não tenho escolha a respeito?

Suas perguntas eram um atoleiro que ele sabia que, se ele desse a resposta errada, seria muito difícil desvencilhar-se.

Portanto, ele respondeu com cuidado. —Estou pedindo para explicar, Sonia.

Ela olhou para ele.

Ele esperou.

Ela respirou fundo e disse com uma voz que não era mais sem vida e sim desafiadora. —Tudo bem, eu vou. Você pode ser muito majestoso. — Ela lhe disse absurdamente, pois era um maldito Rei. —Eu percebi agora, com o tempo, que você é, mas na época fiquei preocupada, porque quando começa a ser Rei, esquece que eu existo. Isso me incomodava e eu suspeitei que não se importava nada comigo, a não ser apenas seu dever para comigo como sua Rainha.

A mandíbula de Callum se apertou, antes dele interromper. — Diga-me que você está brincando.

—Eu não estou. — Ela respondeu instantaneamente. — Nunca estive ao redor um rei, então claro, não entendi. Mas mesmo depois que você me reivindicou, que no mundo do meu povo é uma coisa muito significativa e, como me disseram uma e outra vez, para o seu povo é uma coisa ainda mais significativa, você me obrigou a tomar banho. Em seguida, entrar em um carro. E então não falou por horas. Eu desapareci de seu mundo. —Ela olhou para ele com calma e terminou. — Acho que foram cinco, dez minutos depois que você me fez sua quando se esqueceu que eu existia, exceto, o seu dever de colocar-me na caminhonete e levar-me para baixo da montanha. — Ela continuou olhando para ele, um momento antes de apontar e acertar um alvo. —Isso, Callum, não me fez sentir muito bem.

Ele podia imaginar, mal esfriou e ele fez isso com ela.

Exatamente como ela disse.

Exceto pelo fato de que ela deixou de existir.

—Sonia...

—Não. — Ela interrompeu, ainda calma. —Eu entendo agora. Você não precisa se preocupar. Entendo. Você tinha muita coisa na cabeça, mais do que eu sabia ou entendia. Agora eu entendo. Estava sendo egoísta.

Não mais zangado, explicou suavemente. —Você não estava sendo egoísta. Apenas não entendia o que estava acontecendo.

—Bem, sim, é verdade, mas agora eu entendo, então não é grande coisa, certo?

Ele deslizou os dedos por seu cabelo enquanto dizia suavemente. —Pequena.

Seu corpo ficou tenso e ela perguntou, sem a voz plana, sem calma, soando impaciente e irritada. Não adoravelmente impaciente e irritada, mas algo diferente. Mais ousado, mais irritada, quase desesperado. —Agora que eu expliquei, posso tentar dormir um pouco?

Algo estava errado ainda. Algo que ela não estava dizendo. Algo que ela estava escondendo.

Sabendo disso, de repente ele perguntou. —Você me ama?

Ela instantaneamente prendeu a respiração e tentou afastar-se.

Seus braços se apertaram.

Ela começou a lutar.

Ele registrou sua surpresa em suas ações e suas entranhas registraram preocupação quando ela parou tão de repente.

Ela estava empurrando contra seu peito com ambas as mãos, mas dobrou seus cotovelos, curvou suas costas e abaixou sua testa para descansar sobre eles.

—Sim. — Ela sussurrou ao seu peito, proferindo essa palavra de uma forma que parecia que estava rasgando-a. Mas dentro de seu peito, quando ela murmurou, sentiu como se barras de ferro, que foram fixadas firmemente ao redor dele há séculos, finalmente fossem liberadas para que Callum pudesse, pela primeira vez em sua vida, na verdade respirar. — Sim. — Ela repetiu em um sussurro para seu peito enquanto olhava para o cabelo dela brilhando à luz da lareira. —Eu me apaixonei por você durante meu primeiro sonho quando eu tinha dezessete anos. E eu me apaixonei por você novamente na véspera de Natal quando limpou as lágrimas do meu rosto durante a cena do general em White Christmas.

Sem disposição então, com seus braços esmagados nele, forçando seu corpo contra o dele, os braços dela presos entre eles, o rosto dela descansou contra seu pescoço.

Todo o seu tormento se perdeu em seu sentido atual de triunfo.

E ele podia dizer-lhe agora que era lobo.

—Sonia, pequena...

Ela pressionou o rosto contra seu pescoço e o corpo dela contra o seu. —Por favor, Callum, por favor. Por favor, posso apenas dormir? Por favor.

Ele levantou uma mão e arrastou seus dedos pelo seu cabelo, curvando-os em sua mandíbula para puxar o cabelo longe de seu pescoço.

—Foi ruim esta noite, sentir falta de seus pais? —Ele perguntou calmo.

Ela pressionou mais firme contra ele e seus dedos, como no seu sonho, se esticaram no pelos de seu peito, suas unhas arrastando através dele. Isso tocou suas lembranças, trazendo a culpa por causa da porra da loba, adorando sua bunda impecável, chamando-o pelo nome do animal de Sonia, enquanto ele se movia dentro dela, traindo sua própria companheira, mesmo que somente em sua mente inconsciente.

—Sim. — Ela sussurrou. —Foi ruim.

Foi muito ruim.

E ele saiu, deixando-a para enfrentar a tristeza sozinha, enquanto ele egoísta, não, como ela dizia, majestosamente, focava em seus próprios pensamentos, em vez de proteger sua companheira.

—Desculpe-me, pequena. Claro que pode dormir.

Ela aproximou-se ainda mais e disse com sentimento. — Obrigada.

Ele saiu da cama, levou-a com ele e colocou-a sob as peles. Então tirou a roupa e se juntou a ela. Ele puxou-a em seus braços e ela agiu como se fosse resistir, no início, antes que relaxasse e em seguida se derretesse contra ele.

Então, surpreendentemente, considerando que ela disse que sentia dificuldade para dormir, adormeceu rapidamente.

E, com Sonia perto, Callum poderia colocar seus pensamentos em ordem.

Não, com Sonia perto, sua Rainha, sua companheira, que o amava, que o amou por décadas, mas que ele fez se apaixonar por ele na véspera de Natal — que, para sempre, seria seu feriado favorito — Callum finalmente poderia colocar seus pensamentos em ordem.

Ele tinha uma celebração de vitória no dia seguinte.

Em seguida, ele diria a sua esposa que era um lobo.

Então ele lhe daria um acasalamento e a porra de um casamento, porque ela era humana e merecia, mas também, porque ela o amava e ele iria amarrar-se em nós para dar-lhe tudo o que ela desejasse pelo tempo que respirasse nesta terra.

Então, ele conversaria com Lucien e Gregor em uma tentativa para criar uma estratégia sobre como vencer a profecia que dizia que a vida dela seria curta.

Nesse meio tempo, ele iria fazer valer cada maldito momento da sua contagem regressiva.

E o sonho...

No começo ele pensou ser o sonho de Sonia, como Lucien disse que tinha os de Leah e podia ver como ela se apaixonou por ele, se foi assim que ela os sonhou juntos. Pois, se ele tivesse tido esse sonho sem conhecê-la, ele teria se apaixonado por ela também.

Foi melhor do que o que eles tiveram uma hora atrás, mesmo que dissesse a ele, ele não teria acreditado.

Era o que, determinou, eles teriam a partir de agora.

Era tudo.

Mas não poderia ser um sonho com ela, obviamente.

Então, foi apenas um sonho.

Não antecipação do futuro.

Sonia virou-se em seus braços.

Ele a seguiu, colocando a parte de trás de seu corpo na frente dele e envolvendo seus braços ao redor dela.

Inconsciente durante o sono, como ela fazia após a injeção, as mãos dela deslizaram ao longo de seu antebraço, mas desta vez os seus dedos prenderam os dele.

Seus dedos apertaram os dela e ele sorriu em seu cabelo.

Tão perdido em seus pensamentos, ele não notou que sua mão esquerda estava nua.

Ele também não viu sua aliança de casamento descansando na sua mesinha de cabeceira.

Levou algum tempo, mas finalmente Callum, com sua Rainha, segura em seus braços, seguiu-a no sono.



—Acorde, querida, temos companhia e uma celebração para participar. — Callum sussurrou em seu ouvido.

Os olhos de Sonia tremularam. Eles se concentraram nebulosamente sobre ele e viu o desejo fluir dentro deles antes que ela piscasse, se empurrava e levantasse em um braço, puxando as peles para seu peito.

— Bom Deus. — Ela respirou. — Leah e Lucien, eu deveria...

Ela parou e olhou ao redor enquanto Callum olhava para ela, atordado com seu comportamento.

Ela sempre queria sexo de manhã, mesmo que ela estivesse com sono.

— Sonia. — Ele chamou e ela piscou novamente e olhou para ele sentado na beirada da cama, —Você está bem?

—Sim, bem, hum... sim. — Ela gaguejou e então se virou, assim ficou de costas para ele, jogou as peles de lado e balançou as pernas fora da cama.

Ela estava indo ao banheiro quando seus olhos se estreitaram e explodiu.

—Sonia. — Ele repetiu, ela parou e virou-se para ele, claramente distraída.

—Sim?

—Venha aqui. — Ele ordenou.

Ela se acalmou, então perguntou. —O que? Agora?

O temperamento de Callum explodiu um pouco mais.

Não era exatamente, o que ele achava que suas vidas seriam depois que ela admitiu que o amava.

E isto não era, em tudo, o que ele determinou que seria, como em seu sonho.

—Sim. — Ele disse firme. —Agora.

Ela puxou um fôlego pelo nariz e caminhou até ele.

No minuto em que ficou ao alcance do braço, ele passou o braço ao redor de seus quadris e puxou-a para seu colo.

Quando ela se acomodou, ele olhou para ela e disparou. — Antes que você comece o seu dia, pelo menos gostaria de dar ao seu Rei um maldito beijo de bom dia?

Ela olhou para ele em estado de choque, como se nunca tivesse beijado um homem antes e a ideia fosse repugnante para ela, e como se ela não tivesse se ajoelhado entre as suas pernas e colocado seu pau em sua boca há uma semana.

Seu temperamento se desintegrou e ele sussurrou. —O que merda está acontecendo?

Ela olhou em seus olhos, seu rosto empalideceu e ela declarou em voz alta. —Callum, estou enlouquecendo!

Foi a vez de ele piscar e o fez lentamente.

—Como?

—Hoje, eu vou.... lá estarão muitos do seu... — Ela engoliu, em seguida, com sua voz cheia de pânico, ela gritou. — E se eu fizer algo errado?

Ele olhou para ela um momento antes que começasse a rir, puxando-a para perto, em seus braços, enquanto o fazia.

—Isso não é engraçado! —Ela gemeu através de sua risada. — Estou representando Regan, Caleb, Calder, você, Ryon e até o seu pai!

Os dedos dele deslizaram em seu cabelo e ele puxou sua cabeça para trás e roçou sua boca com a dele.

Foi como se ele não tivesse se movido quando ela declarou. —Eu preciso de um banho.

—Querida, acalme-se.

—Calma... — Ela balançou a cabeça como se para limpá-la. —Não realmente, Callum, eu preciso de um banho. Preciso estar sozinha, esclarecer meus pensamentos, espairecer minha cabeça. Ficarei bem. Preciso de um banho longo e quente.

Callum sorriu e a informou. —Você pode ter o seu banho, pequena, apenas tem que merecê-lo.

Ela ficou rígida em seus braços e seu rosto empalideceu novamente. —Merecer?

Seu sorriso se aprofundou. —Sim. Ganhá-lo.

—Como eu faço...? — Ela fez uma pausa, testou seus braços, empurrando-se contra eles. Eles apertaram, então ela desistiu e ele tentou não rir quando ela terminou. —Merecer?

—Você pode escolher duas das três coisas. —Ele afirmou.

—Duas das três...

—Primeiro. — Ele a cortou e abaixou a cabeça para esfregar o cabelo dela com sua testa, antes que dissesse em seu ouvido, —Você pode dizer que me ama novamente.

Ela se acalmou em seus braços.

Ele ignorou e levantou a cabeça para olhar para ela. —Em segundo lugar, você pode descrever um dos seus sonhos sobre mim.

Ela olhou para ele com horror.

Ele sorriu e ignorou isso também.

—Em terceiro lugar, você pode me beijar. — Ele descansou a testa contra a dela e concluiu, —Agora, escolha dois.

—Posso fazer um agora e outro...?

Ele levantou a cabeça, em seguida, balançou. —Dois.

Ela olhou para ele.

Em seguida, retrucou. —Sonho.

Quando ela não disse mais nada, ele deu-lhe um aperto, mordeu de volta seu sorriso e incentivo. —Continue.

—Bem, o último que tive. — Ela hesitou e revisou. —O último realmente foi assim. —Endireitou-se no colo dele e se virou totalmente a ele. —Estava dormindo e meu cachorrinho, hum... isso seria meu lobo. Você sabe, aquele que eu lhe disse que conheci quando era criança? —Ela esperou que acenasse. Ele fez, seu divertimento diminuindo e sua boca se apertando sobre o fato de que ainda não lhe disse que ele era seu “cachorrinho”, então ela continuou. —De qualquer maneira, ele sempre vem nos sonhos primeiro. Então ele me procurou. Eu estava dormindo. Acordei e ele estava ao lado da cama. Eu disse oi para ele e ele sentou-se. Perguntei onde estava e então fechei os olhos. Então abri os olhos e meu cachorrinho se foi, mas você estava lá. Eu senti as cobertas deslizarem para baixo e....

O corpo de Callum ficou tenso enquanto ela continuava explicando, com todos os detalhes, o sonho que teve na noite passada.

—Então você começa a.... você sabe, e eu acordei. — Ela terminou.

Callum olhou para ela.

Ela olhou para trás.

Então sua sobrancelha se levantou e ela sussurrou, —O que?

—Esse foi o seu sonho?

Ela mordeu o lábio, soltou e continuou calma. —Eu lhe disse que não eram na verdade sexuais, como tal. Provavelmente não parece muito com você, mas... você tem que sentir.

Ah, ele sentia.

Ele sentia muito.

—E depois de fazer sexo? —Ele quis saber.

Suas sobrancelhas se uniram em confusão e ela repetiu. —O que?

—Você nunca sonha conosco fazendo sexo. Mas e quando você sonhou com nós dois depois que fizemos sexo?

—Nunca sonhei isso.

Ele olhou para ela, tentando avaliar se ela estava mentindo.

Ela ainda parecia confusa, mas séria.

—Nunca? —Ele empurrou.

—Nunca. Por que você...?

—Você nunca sonhou com nós dois deitados juntos, dizendo que me ama e para nunca esquecer disso?

Seu rosto empalideceu novamente e sussurrou. —Não, Callum, nunca sonhei com isso.

Ao mesmo tempo distraído e precisando encontrar Lucien, esquecendo completamente a explicação de Sonia de como a fazia se sentir quando ele esquecia de tomar conta de sua companheira, Callum ordenou. —Beije-me.

—O.... o que?

Seus irados olhos focaram nela. —Sonia, beije-me.

—Mas...

—Faça-o, porra.

Ela estremeceu em seus braços.

Então ela o beijou. As mãos dela curvaram-se ao redor de seu pescoço, ela pressionou os lábios contra os dele rapidamente e em seguida com a mesma rapidez, ela se afastou.

—Agora diga que me ama. — Ele exigiu.

—Mas você disse apenas dois...

—Sonia. —Ele advertiu, impaciente para falar com Lucien.

Ela olhou para ele e estava tão preocupado, que não notou a vida se esvaindo de seus sempre animados olhos, nem notou

sua voz sem vida quando ela disse, como se por hábito. —Eu o amo, Callum.

Ele tocou seus lábios na testa dela, levantou-se, colocando-a no chão e saiu do quarto.

Portanto, ele não estava lá quando Sonia olhou para a porta, seus lábios tremendo, lágrimas silenciosas deslizando por suas bochechas.

E ele não estava lá quando ela pegou suas alianças da mesinha de cabeceira e cavou até encontrar seu lobo de pelúcia e o puxou de debaixo das cobertas.

E ele não estava lá quando ela caminhou até o fogo que Callum alimentou naquela manhã e cega, jogou as alianças e o lobo no fogo.

Mas Sonia estava tão cega pela emoção que, felizmente, seu urso de pelúcia saltou fora, ao lado e para o chão vindo descansar ileso, debaixo do sofá.

E as alianças saltaram também, mas caíram no fogo, pousando em segurança para que as chamas do fogo cintilassem em sua borda.



—Callum, realmente preciso de um momento para falar com você. — Regan declarou, descendo as escadas atrás de seu enfurecido filho.

Em resposta, não parando Callum perguntou. —Onde está Sonia?

—Callum, fique parado um momento e....

Callum fez como sua mãe lhe disse, parou, em seguida, virou-se para trás e a encarou.

—Eu lhe perguntei, onde diabos está a porra da minha Rainha?

Regan olhou para ele e subiu um degrau, afastando-se dele.

Então ela endireitou os ombros e disse.

—Callum, algo está errado. Eu sei. Pode ver isso. Eu senti ontem, mas preciso explicar algo. Uma coisa importante. Algo que você precisa saber neste momento.

A mão de Callum se apertou ao redor das alianças que encontrou na lareira enquanto procurava sua companheira e sua mente se debatia com as lembranças de sua esposa, rindo, conversando, brincando com seu povo, todo o dia. Confraternizando, bebendo, comendo, batendo palmas, dançando, fazendo-os se apaixonarem por ela.

Mas ela fez tudo isso longe dele.

Longe, muito longe.

Ela caminhou silenciosamente na picape ao lado dele enquanto ele a levava para a cidade, mas quase no instante em que eles chegaram, ela desapareceu na multidão.

E eles a aceitaram com prazer. O dia teve a sensação de duas celebrações. Uma da vitória e a outra pela sorte de a Rainha de Callum ser perfeita.

Ele ouviu uma e outra vez, seu povo lhe falar sobre suas cartas para os parentes dos caídos. A história de que ela levou suas mulheres para sua casa foi longe e juntas esperaram a batalha terminar enquanto ela demonstrava força de vontade, incutindo esperança nos corações de suas fêmeas. Brilhante como eles achavam que ela, um ser humano, orgulhosa exibia sua corrente ao redor dos quadris como fez naquele dia e todos os dias. Seu povo não sabia que a corrente corajosamente exibida por fora de sua calça, foi uma ideia de Callum.

E o bom humor de Sonia era evidente a cada momento durante a celebração. Claramente pronta para qualquer coisa, sua Sonia, bebendo grandes quantidades de cidra. Degustando cada pedaço de comida vendida pelos fornecedores. Rindo com abandono. Agarrando punhados de confetes amarelos e dourados em forma de cabeça de lobo. Jogando-os no ar e rindo enquanto flutuavam ao seu redor e as pessoas próximas a ela, no cabelo dela, no cabelo deles, caindo na calçada apenas para ela pegar mais e fazê-lo novamente enquanto seus lobos observavam adoravelmente ou juntavam-se para participar. Ajoelhando-se no chão, para envolver seus braços ao redor de filhotes e segurar seus pulsos longe com segurança enquanto eles rodopiavam estrelinhas, o tempo todo vislumbrando os pais dos filhotes, enquanto eles a olhavam

apaixonadamente. Ligando seu braço com Leah, suas cabeças loiras, as únicas loiras no meio da multidão, inclinando juntas enquanto falavam baixo e riam uma com a outra. Não como se elas se conhecessem a apenas um dia, mas como se elas se conhecessem a vida toda, enquanto as lobas sorriam para sua camaradagem, mas os lobos as observava com olhos famintos.

Mas no minuto em que Callum começou a se aproximar para compartilhar o dia com sua entusiasmada Rainha amante de diversão, foi a hora em que ela se afastou. Ele manteve-se preso na festa, tornando mais fácil para ela escapar.

E ela estava fugindo. Não havia dúvida sobre isso.

Tanto, que quando a noite caiu, ela desapareceu da cidade e quando ele a procurou, não conseguiu encontrá-la. Ninguém a viu, das inúmeras pessoas que perguntou, até que um dos seus guardas lhe disse que outro a levou, por alguma razão desconhecida, para o castelo.

Mas quando ele chegou ao castelo, preocupado com o desaparecimento dela, mas mais, com o significado por trás dele, descobriu que ela não estava lá.

E sua busca foi completa. Então ele descobriu que as alianças que ele lhe deu foram jogadas no fogo.

Agora, a mãe dele estava ali e ele ouvia mais caminhonetes chegando. Ele podia sentir um grande número de lobos, provavelmente bêbados e a procura de diversão, porque as principais celebrações acabaram, os fogos de artifício foram

disparados como o planejado. Mas eles foram disparados sem o seu Rei estar lá para testemunhá-los ou sua Rainha, pois ninguém sabia onde diabos ela estava.

Amarrado a isto estavam os pensamentos que Lucien disse-lhe sobre como os sonhos de Leah mostrarem como poderiam ser os eventos em que participaram, quase reais, mas Lucien sonhou mais, mais acontecimentos, mais detalhes de sua situação. Participou também, em seus sonhos. Ele participou de coisas que Leah nunca sonhou.

Como Callum sonhou na última noite, em que traía sua Rainha com uma loba, o primeiro de sua espécie que alguma vez traiu sua companheira.

—Não. — Ele respondeu a sua mãe. —Agora eu preciso encontrar a porra da minha mulher.

Enquanto ele andava até a porta de entrada, ouviu que mais caminhonetes chegavam e vozes nas escadas. Ele podia ouvir tanto Caleb, quanto Ryon soarem irados e a voz cautelosamente fria e controlada de Lucien. E outra, uma voz que ele conhecia, que era familiar, mas Callum não tomou um momento para processá-la.

Porque as vozes não eram de Sonia.

No entanto, sentiu o cheiro dela e iria ter uma palavra ou provavelmente várias delas com sua Rainha.

Ele abriu a porta, sua mãe em seus calcanhares e ele parou e olhou para a cena.

Ryon, Caleb e Lucien estavam ombro a ombro no topo da escada e havia oito guardas de Callum, quatro de cada um dos lados.

Em um relance rápido, Callum viu que havia na unidade setenta lobos, não seus lobos, não sua guarda, alinhados na parte inferior virada para fora, claramente para a ofensiva, em formação de ataque contra eles.

Automaticamente, Callum avaliou a proporção de seis para um e o fato de que, para os lobos, não era um problema.

Titium, pai de Desdemona, estava de pé no terceiro degrau com o rosto como o de um trovão.

Os distantes sons da cidade, certamente ainda na festa feita pelos bêbados, podiam ser ouvidos através do silêncio absoluto.

Porra.

Callum observou Sonia e Leah, ambas próximas e de pé ao lado do patamar superior, olhos pregados nos homens e Regan moveu-se em direção a elas.

—Bom recebê-lo. — Ryon comentou seco.

Callum ignorou seu primo e lançou a Sonia um olhar. Seu rosto já pálido ficou mais pálido quando ela o viu e ele deslizou a mão no bolso de sua calça, guardando as alianças de casamento de sua companheira.

Alianças que ele nunca esperou que ela tirasse, porque em primeiro lugar, não deveria e sabia que não deveria, e em segundo lugar, por causa do modo como ela se comportou quando ele o fez.

Alianças que ele nunca esperou que ela jogasse no fogo e não poderia imaginar por que ela o fez.

Era como se ela tivesse tirado sua corrente de reivindicação e jogado no fogo.

Um ato que era imperdoável.

Ele caminhou entre Ryon e Lucien e desceu três degraus em direção a Titium.

Em seu ousado avanço, o grupo todo ficou tenso e vários lobos começaram a agachar-se.

Ele ouviu Sonia puxar o ar.

Foi apenas isso que o fez parar.

—Qual é o significado disto? —Ele perguntou a Titium.

—Estou lhe desafiando. — Titium respondeu de forma estúpida Callum lutou contra um suspiro frustração.

—Caralho. — Murmurou Caleb em aborrecimento e o olhar enfurecido de Titium passou para o irmão de Callum.

—Olhe para mim! — A voz de Callum explodiu como um chicote e o grupo tenso ficou ainda mais tenso e ao mesmo tempo sentiu o medo de alguns dos lobos de Titium.

Os espertos.

No entanto tardiamente, pois Callum iria punir a todos por sua insurreição.

O olhar de Titium cortou de volta para ele.

—Você isolou minha filha. — Titium acusou.

—Sim. — Callum concordou.

—Isto é inconcebível. — Gritou Titium.

Ele era louco? Ele tinha que saber o que a puta louca fez.

Aliás, o que ela não fez.

—O que é inconcebível, é o que sua desatenção causou, Titium. Isso é inconcebível. — Afirmou Callum. — Desdemonia deveria ter recebido algo pior e você sabe disso, agora ela está recebendo a atenção que precisa.

—Minha filha não é louca. — Declarou Titium, visivelmente irritado. Ainda estragando sua filha e ela nem sequer estava lá.

—Ela se recusou a procurar seu companheiro. — Callum retornou.

—Ela estava um pouco ocupada, cumprindo o seu dever para com seu Rei! — Titium disse.

—Não muito bem. — Respondeu Callum, Titium começou a agachar-se e Callum o advertiu, —Você não quer fazer isso. Ela irá precisar de você quando sair.

Os olhos de Titium se estreitaram com raiva e ele bufou, ironicamente.

—Você acha que pode ser melhor do que qualquer um.

—Isso é porque eu posso. — Callum afirmou calmo.

Titium flexionou ainda mais as pernas.

— Você...

—Ela não está bem. — Sonia afirmou atrás deles e Callum sentiu, ao invés de ver, Sonia mover-se em direção a eles.

Foi quando ele suspirou e apenas então parou a tempo de rolar os olhos para os céus.

Depois que ele descobrisse o que estava na cabeça dela neste momento, ele iria bater naquele seu doce traseiro até que estivesse vermelho por seu mais recente comportamento inapropriado.

Pois agora, ela sabia. Mara e Callista a instruíram no protocolo real, para não mencionar que ele lhe contou em várias ocasiões como ela deveria se comportar. Isto poderia não ser oficial, mas ela sabia que devia manter a boca fechada.

—Sonia, fique quieta e fique onde está. — Callum ordenou.

Ela o desafiou. Ele ouviu as botas dela se aproximando assim como sentiu seu cheiro ficar mais nítido.

Surpreendentemente, o olhar de Titium moveu-se para Sonia e seu rosto suavizou antes dele dizer.

—Meu argumento não é com você, pequena rainha.

—Eu sei. — Sonia disse suavemente, sabiamente parando fora do alcance do braço de seu companheiro. —Mas, eu a vi, senhor. Ela não está bem.

—Ela é louca de pedra. — Murmurou Caleb e Sonia se virou.

—Silêncio Caleb, isso não está ajudando. — Ela sussurrou.

—Ela é. — Caleb devolveu.

Sonia prendeu a respiração e voltou-se para Titium antes de continuar.

—Callum não queria fazer isso, mas precisa saber, os resultados de sua... hum, falta de concentração foram desastrosos.

—Há coisas que você provavelmente não sabe, pequena rainha. — Titium disse-lhe.

—Eu sei. — Ela ainda estava falando baixinho, mas agora as palavras dela estavam aflitas. —Por favor, vamos entrar no castelo. Vamos sentar e conversar. Não é preciso ficar exaltado.

—Deveria ter ficado acalorado há séculos. — Titium respondeu, Sonia ficou tensa, assim como Callum.

—Séculos...? — Ela sussurrou, mas Titium continuou falando.

—Ele abusou dela. — Titium anunciou, seu rosto endurecido e os olhos dele voltaram para Callum que em preparação, tirou sua própria aliança de casamento e a deslizou no bolso junto com as de Sonia. —Como ele fez com muitas lobas. Abusou dela sabendo como ela se sentia sobre ele e a dispensou sem olhar para trás. Não como se ela fosse a filha de um guerreiro, mas como se ela fosse uma prostituta.

—Basta. — Callum ordenou quando sentiu a tensão de Sonia se intensificar.

—Mac foi um rei digno, fiel à sua companheira, como um lobo. — A voz de Titium declarou orgulhosa, antes de se tornar sarcástica. —Você, com sua doce humana, não vai durar mais de...

—Basta! — Callum trovejou.

Titium começou a se agachar e declarou.

—Nunca será o suficiente. Não até você ser humilhado.

—Não faça isso! — Sonia gritou, sentindo a intensificação, seu pânico era palpável.

—Eu deveria ter feito isso há muito tempo! — Titium gritou, definitivamente tão louco, quanto sua filha e apenas mais hábil em esconder isso.

—Ry, tire Sonia daqui! — Callum exigiu enquanto observava a pele de Titium escurecer, a mudança estava chegando.

E então aconteceu.

Titium se agachou, Callum o seguiu e Sonia gritou.

—Não!

Os dois lobos pularam enquanto Sonia se movia, mais rápido do que qualquer humano que ele viu e dentro de um piscar de olhos ela estava entre eles. Assim como esteve quando ele era lobo e ela era uma criança, se jogando na frente dele para protegê-lo, mas desta vez era diferente.

Mas quando ela chegou, ele já não estava lá. Ele se moveu para evitá-la no último segundo, saltando sobre a cabeça dela.

Os reflexos de Titium não foram tão rápidos e ele lançou as garras através da transformação em um inconsciente esforço para capturar Callum.

Então quando Callum pousou derrapando na base da escada e virou-se, Sonia estava no chão, o corpo dela de frente para ele. Titium estava de pé sobre ela como lobo, ofegante e arranhando o degrau ao lado dela, como se tentando ajudá-la.

A cabeça dela estava levantada, seu pescoço virado e ela olhava Titium, de boca aberta, em estado de choque.

Então ela virou a cabeça e Callum viu sangue escorrendo de sua testa onde bateu contra os degraus e com a visão ele rosnou.

Mas ele não se moveu, porque os olhos dela estavam nele como lobo, cara a cara com seu “cachorrinho”.

Em seguida, a expressão dela mudou. Ela estremeceu em dor, mas Callum sabia que era a dor da traição.

Ela tomou uma respiração que parecia ao mesmo tempo surpresa e irregular, antes de perder a consciência. Ao fazê-lo, ela caiu para frente e rolou um degrau enquanto Callum se esticava para pular, mas ele parou quando Sonia parou em um dos degraus com as costas voltada para ele, as marcas da garra de Titium o sangue escorrendo através da jaqueta dela.

Os homens de Titium se arrastaram atrás dele com a visão de sua Rainha caída, sangrando.

Mas Callum não percebeu.

Ele uivou sua fúria e seus músculos se agruparam para atacar.

No entanto Titium também uivou, mas o uivo de Titium não era de fúria.

Era o tom da merda da rendição que significava que Callum não podia atacar, mesmo quando sua boca salivava para rasgar a garganta do lobo.

Nos segundos que passaram, Ryon, Caleb e a guarda mudaram para lobos. Ryon e Caleb estavam rondando, rosnando e circulando o corpo caído de Sonia. A guarda de Callum estava ao pé da escada, mordendo os homens de Titium em advertência para se afastarem.

Lucien, com a velocidade relâmpago de vampiro, correu para Sonia, cuidadosamente levantou-a em seus braços e novamente como um flash, ele subiu os degraus, desaparecendo dentro do castelo.

Callum, como lobo, correu atrás dele.



Havia muitas pessoas no quarto.

Sonia estava deitada em sua cama de bruços, com a cabeça para o lado, seu peso pressionado em seu antebraço, ainda estava com sua calça, mas suas costas estavam nuas enquanto Orphenon a examinava.

Irmão mais novo de um dos seus guardas, Orphenon também era simplesmente um jovem lobo, tendo apenas um século e meio de idade. Mas sua vocação fez dele um médico de humanos, atualmente clinicando em Glasgow. Ele estava com seu irmão para as celebrações, seu irmão era um dos oito que testemunharam a cena e depois chamou Orphenon para o atendimento médico.

Felizmente, Orphenon descobriu que qualquer coisa poderia acontecer em qualquer lugar e estava com seu kit médico.

Ele limpou as feridas das costas e da cabeça de Sonia e a anestesiou para atenuar a dor enquanto costurava as marcas

das garras, quando ela recobrou a consciência, enquanto ele ainda estava costurando.

Ela entrou em pânico, o rosto dela cheio de medo e começou a resistir, rasgando os pontos quando ela o fez. Levou algum esforço antes que pudessem acalmá-la o suficiente para Orphenon terminar.

No entanto, foi apenas Leah quem pode acalmá-la e apenas Leah quem ela permitiu que a tocasse.

Apenas a humana.

Sua astuta e pequena Rainha, podia cheirar a diferença neles agora.

O resto deles, todos eles, incluindo Callum e cada um de sua família estavam na porra do quarto, ela olhava com cautela, um medo silencioso que nem sequer permitiu mascarar a dor que sentia com sua traição.

Enquanto Orphenon costurava e Leah estava sentada do lado da cama, segurando a mão dela, Callum viu a boca de sua companheira ficar apertada. Então ele viu Leah começar a estremecer repetidamente enquanto a mão de Sonia apertava a dela com cada inserção da agulha.

Mas ela ainda assim permaneceu em silêncio.

—Ela está sentindo. — Callum rosnou para o lobo.

Orphenon parou e inclinou-se mais próximo ao ouvido de Sonia. —Sonia, sente o que estou fazendo?

Ela não falou, simplesmente fechou os olhos firme.

Orphenon observou isto, o olhar dele deslizou para Callum e ele murmurou.

—Irei administrar outra dose.

Callum observou o médico injetar outra dose do anestésico e Sonia recuou quando ele o fez, mas ele falou para sua mãe, uma vez que isto estava acontecendo.

—Tire todo mundo daqui.

—Callum querido, estamos preocupados e Sonia precisa de sua família por perto. — Regan objetou e estava certa.

Em tempos difíceis para um lobo, a família sempre estaria lá.

—Ela não é lobo. Está desconfortável com isso. Leve-os para fora. — Callum ordenou.

—Cal...

Finalmente, ele virou-se para sua mãe e gritou.

—Fora!

Sonia pulou com seu tom, o medo nos seus olhos aumentou e Callum cerrou os dentes.

—O vampiro deve permanecer. —Orphenon observou. — Ele pode ser útil. Pode monitorar seus batimentos cardíacos.

Nisso, os olhos de Sonia se arregalaram e ela se moveu, deslizando em seus antebraços para cima da cama, fugindo e

protegendo a sua nudez ao mesmo tempo, enquanto se encolhia e os olhos dela voaram pelo quarto em pânico tentando encontrar o vampiro.

—Posso informar que seu batimento cardíaco está irregular, agora que ela sabe que sou um vampiro. — Lucien falou irritado.

—Opa. — Murmurou Orphenon. —Ela não sabia.

—Calma, Sonny. — Leah falou, subindo urgentemente na cama com ela. — Está tudo bem. Lucien é bom. Ele é bom. Eles são boas pessoas e estão preocupados com você. Acalme-se e deixe que o médico veja você.

Os olhos de Sonia foram para Leah. Ela respirou e segurou antes de expirar e assentiu, descendo novamente.

—Regan... — Advertiu Callum.

—Tudo bem. — Sua mãe explodiu aproximou-se da cama, Sonia a observou com os olhos aterrorizados enquanto ela o fazia e o corpo de sua companheira ficou tenso, se preparando para fugir.

Regan viu, sentiu seu rosto suavizar mesmo quando lágrimas encheram seus olhos. Ela se inclinou em direção a cama e parou de se aproximar.

—Sonny querida, estarei lá em baixo se precisar de alguma coisa. — A mãe dele disse a sua companheira.

Sonia não respondeu.

Regan fez um som que era metade gemido, metade soluço. Os olhos dela molhados foram para Callum e depois saiu.

O olhar de Callum foi para seus irmãos, sua ordem foi não verbal, mas entendida da mesma maneira.

Caleb aproximou-se ao lado da cama apenas para Sonia ter a mesma exata reação, então ele parou.

—Ei irmã. — Ele chamou em um tom suave e Callum ficou surpreso porque ele não tinha ideia que Caleb ainda tivesse um tom suave.

No entanto, suas palavras e o tom tiveram o efeito oposto ao desejado em Sonia quando sua expressão se encheu de um tipo diferente de dor e ela fechou os olhos.

Não desistindo, Caleb prosseguiu.

—Isso não parece ruim, querida, embora provavelmente o sinta assim. Você vai brigar com Callum novamente em um instante.

Sonia não deu nenhuma resposta e sempre com os olhos fechados.

Caleb também olhou para Callum, cerrou a mandíbula e saiu do quarto.

Ryon não se aproximou, Sonia ficou com os olhos fechados.

Mas ele falou com Callum.

—Eu não tinha como imaginar que ela descobriria assim.

Callum lançou um frio olhar ao seu primo.

—Merda sempre acontecem, Ryon. — Quando o rosto de Ryon ficou duro, Callum prosseguiu. —Mas não foi você quem não contou a ela. Fui eu. Não tem qualquer responsabilidade e sabe que vou trabalhar nisso. Vá para baixo e veja como Magnum está lidando com Titium e seus lobos.

Ryon assentiu e com um último olhar para Sonia saiu também.

Quando Callum olhou para ela, os olhos de Sonia estavam abertos e sua expressão claramente indicando que ela ouviu e era duvidoso que o seu trabalho em reparar o seu erro seria rápido e fácil.

Callum suspirou.

Lucien moveu-se para sair, Orphenon levantou a cabeça e sua boca abriu-se para falar.

Lucien falou antes dele.

—Ela está assustada. Estou fazendo mais mal do que bem-estando aqui.

Orphenon assentiu e voltou ao trabalho. Lucien cortou um olhar tranquilizador para Callum e um suave para sua mulher em seguida, ele também saiu.

Callum ficou ao lado da cama, braços cruzados, pernas amplamente plantadas e olhando impaciente enquanto os ferimentos de Sonia eram fechados.

Finalmente, Orphenon cortou a última linha, passou um remédio nas feridas e enfaixou suas costas. Durante tudo isso, ele falou com o baixo e reconfortante tom de médico para Sonia, mesmo enquanto limpava tudo e guardava tudo em sua mala.

O tempo todo Sonia olhava fixamente para o travesseiro ou seus olhos procuravam apoio em Leah.

Embalado e pronto para ir, Orphenon se aproximou de Callum.

—As feridas nas costas são profundas, mas ainda superficiais. Como você pode ver, ela nem sequer ficará marcada por sua quarta garra o que significa que o golpe foi leve. — Callum, que ouvia isso sem olhar para Sonia, balançou a cabeça uma vez. —Estou mais preocupado com a pancada que teve em sua cabeça. — Orphenon anunciou, um médico claramente diferente do especialista de Sonia em sua explicação, bem-humorada e reconfortante. —Ela ficou desacordada por um tempo. Você precisará acordá-la com frequência durante a noite. Ela terá uma dor de cabeça, isso é esperado. A dor não deve ser extrema e se ela sentir tonturas, letargia, visão dupla, quero saber imediatamente. Sim?

Sonia observou o médico durante todo o tempo em que ele falou, seu rosto não mostrando nada.

—Sim. — Callum concordou.

O médico continuou.

—Irei deixar alguns analgésicos com Regan. Uma vez que o efeito da anestesia passar, ela vai sentir algum desconforto. —

Callum sentiu um músculo repuxar em seu maxilar antes de Orphenon terminar de forma encorajadora. —Em poucas semanas ela estará novinha em folha e sua Rainha estará dançando no seu acasalamento.

Os olhos de Sonia se fecharam novamente, desta vez com força.

—Obrigado. — Callum resmungou, mas a palavra foi involuntariamente indelicada.

—Tenho o prazer de estar a serviço de meu Rei e, minha Rainha. — Orphenon murmurou, deu uma última olhada em Sonia e saiu do quarto.

Leah olhou para ele e inclinou a cabeça, dando-lhe um leve sorriso antes dela virar-se e inclinar-se para Sonia.

—Estou indo agora, Sonny. — Ela disse e os olhos de Sonia se abriram.

Sonia olhou para Leah, em seguida, para Callum e então para Leah novamente e ela acenou freneticamente com a cabeça, segurando firme a mão de Leah.

Leah levou as mãos ao peito e inclinou-se ainda mais em direção a sua companheira.

—Está tudo bem. Você está bem. Apenas precisa descansar, durma um pouco se puder, com seu companheiro. — Leah disse-lhe, mas Sonia continuou movendo a cabeça e a voz de Leah diminuiu quando ela continuou. —Amanhã, depois que você já tiver descansado um pouco, vamos conversar. Vou explicar algumas coisas. — Leah sorriu para ela. —Irei lhe contar minha história. Ela é das boas. —Ela confidenciou como se compartilhasse uma excitante fofoca antes de concluir. — Mas irá entender muito mais, uma vez que ouvir tudo.

Sonia olhou para sua nova amiga, em seguida, os olhos dela ficaram inexpressivos, ela concordou e soltou a mão de Leah.

Leah mordeu o lábio, enquanto colocava o cabelo de Sonia atrás da orelha. Então, ela suspirou, levantou-se e foi até Callum. Tocou a mão dele brevemente, dando-lhe outro leve sorriso, então ela atravessou o quarto e fechou a porta atrás de si.

Uma vez que ouviu o clique do trinco da porta, Callum moveu-se até a cama.

Sonia ficou imóvel, mas os olhos dela o observavam.

Ele colocou um joelho na cama e se acomodou cuidadosamente ao lado dela, apoiando-se em um antebraço, perto de seu corpo imóvel e cautelosamente, estendeu a mão e a colocou espalmada contra a parte inferior de suas costas, acima do cós de sua calça.

Ela virou o rosto.

—Pequena, olhe para mim. — Ele ordenou suavemente.

Sonia não se mexeu.

Callum decidiu não a forçar mesmo que ele não gostasse dela apoiar a cabeça do lado lesionado.

Ele deitou-se na cama, então a cabeça dele ficou em sua mão, o cotovelo no travesseiro, seu corpo quase roçando o dela quando se inclinou para frente e tarde demais sussurrou seu segredo no ouvido dela.

—Eu sou um homem lobo. Meu povo é também. Como você sabe, sou o Rei deles, como meu pai foi antes de mim, seu pai antes dele.

Seu corpo ficava mais e mais tenso, com cada palavra que ele falava, mas fora isso ela não se mexeu.

A mão dele deslizou ao longo de sua pele, curvando os dedos em volta da cintura dela e continuou.

—Eu sou imortal. Tenho trezentos e oitenta e três anos de idade. Eu estava lá naquela noite a trinta e um anos atrás, quando seus pais morreram. Estava lá por instinto, para protegê-la, porque estava sozinha. Eu fui baleado porque fui arrogante e você acabou me protegendo.

Nenhum movimento, nenhum som.

Callum respirou fundo.

Em seguida, ele continuou. —Homens lobos não são o que você pensa que são, não o que você viu nos filmes. Não nos transformamos apenas durante a lua cheia, nós podemos nos transformar tanto em lobo quanto em homem sempre que quisermos. Podem atirar em nós com balas de prata e nossa carne apenas irá expeli-la e curar. Nós vivemos em povoados de lobos, como a cidade ou entre os humanos. Como humanos, tentamos não fazer mal e nós, quero dizer, não somos hostis com ninguém. Como você viu, meu povo é gentil e amigável, diferente do seu, em muitas maneiras, mas nenhum deles é ruim.

Não houve resposta.

Callum continuou compartilhando, tardiamente, com sua Rainha as informações, que ele deveria ter dito a ela semanas antes.

—Nascemos lobos. Não temos capacidade para transformar os seres humanos em lobos com uma mordida. Ninguém entende verdadeiramente como nós surgimos, embora muitas pesquisas tenham sido feitas. Sabemos que evoluímos dos lobos, ao contrário dos vampiros, o que descobriu que também existem, que evoluíram dos seres humanos. Não há nenhuma magia, nada de sobrenatural, nada de sinistro, nós somos da natureza, assim como você. Uma loba dá à luz a um filhote e ele cresce mais lento do que uma criança humana, cinco anos para um lobo

cada um ano de um humano. Então paramos de nos desenvolver perto dos nossos quase quarenta anos e nós nunca mostramos quaisquer sinais de envelhecimento.

Ainda assim, nenhuma reação.

—Querida, por favor, olhe para mim.

Ela novamente virou a cabeça no travesseiro e quando seus olhos encontraram os dele, estavam em chamas, com ódio.

Seu estômago revirou e abaixou o seu rosto até dela.

—Isso, o que está sentindo, como está olhando para mim, era exatamente o que eu queria evitar ao não contar a você. — Ele explicou, sua voz estava cheia de sentimento.

Finalmente, ela falou.

Com sua voz tremendo de ódio, ela sussurrou.

—Obviamente, você falhou.

—Pequena...

—Vá embora, Callum.

—Não. — Ele respondeu e ela fechou os olhos.

Quando ela abriu, perguntou.

—Por que eu pensaria que você daria uma merda sobre o que eu quero?

Então sem hesitação ela novamente virou o rosto.

Por um momento, Callum pesou virtuosamente em dar a ela o que queria e pedir a Leah para passar a noite com

ela. Então decidiu que ela não se beneficiaria com sua ausência, porque poderia pensar que poderia se acostumar com isso.

O que ela não podia.

Cuidadosamente, saiu da cama. Ele sentiu sua mandíbula endurecer quando não lutou e nem se moveu quando ele tirou suas botas, gentilmente levantou sua bunda para desabotoar e retirar sua calça e puxou-as por suas pernas, deixando sua calcinha. Então ele se despiu, apagou as luzes e se juntou a ela na cama, deitando-se novamente ao seu lado, puxando as peles para cima e lenta e cautelosamente, forçando seu corpo ao lado dela, de frente para ele.

Ela teve que virar a cabeça novamente quando ele fez isso e ela olhou para sua garganta.

—Dói deitar-se de lado? —Ele perguntou baixinho.

Ela cerrou os dentes, em seguida, resmungou.

—Não sinto nada.

—Bom. — Ele murmurou. —Não quero que você se deite sobre esse ferimento em sua testa.

Ela não respondeu, simplesmente continuou a olhar para sua garganta.

Ele respirou fundo e desabafou, profundamente.

Finalmente, ele admitiu em um sussurro.

—Eu ferrei tudo, pequena. Quis contar uma e outra vez, mas não encontrei o momento certo. — Ela permaneceu em

silêncio, então ele continuou. —Não esperava que isso acontecesse. Não esperava que você descobrisse assim. Eu queria controlar, protegê-la, gerenciar sua reação. Sabia que seria um choque e queria amortecer o golpe. — Ela não falou então Callum perdeu a paciência e exigiu. —Pequena, porra, me dê alguma coisa.

Ela levantou o olhar até o dele e perguntou com uma curiosidade ácida.

—Como posso lhe dar algo, Callum, quando você já tirou tudo o que eu tinha para dar?

Callum congelou com suas palavras.

Com uma mão em seu peito congelado, ela empurrou e retomou sua posição de braços com a cabeça virada para ele.

Callum liberou seu inflamado temperamento e seu braço a envolveu, enganchando na cintura dela e com um movimento cuidadosamente controlado, ele a deslizou em direção ao seu corpo para que seu lado estivesse sob sua frente.

Então ele se inclinou até a orelha dela.

—Entendo que você esteja zangada, pequena, tem o direito. Especialmente considerando que foi ferida na briga, mas, vou salientar apenas desta vez, porque nunca, nunca mesmo, falaremos disso novamente, isso foi sua própria e maldita culpa. — O corpo dela ficou tenso sob o braço dele, mas ele ignorou e continuou. —Darei-lhe tempo. Mas você nunca experimentou nada de ninguém do meu povo para continuar

tendo esta reação a eles, após o choque. Quanto a mim, estou disposto a pagar a minha penitência, mas expliquei que eu iria fazer isso em um bom lugar, para o seu próprio bem. Se você não começar a aceitar isso e em breve, não ficarei feliz. — Ela não falou então ele apertou sua cintura, ainda suavemente, mas de forma que ela não pudesse ignorar. — Agora diga que entendeu.

Instantaneamente, ainda de costas, de forma amarga ela respondeu.

—Ah, eu entendi, vossa majestade.

Callum grunhiu baixo.

Sonia não fez nenhum outro ruído.

Callum fez uma careta em seu cabelo.

Então moveu sua mão e o polegar dele encontrou sua bandagem. Sua raiva evaporou-se, seus olhos fecharam e as visões de seu pequeno corpo deitado de bruços, sangrando sobre a escada de sua casa encheu seu cérebro. Para dissipar as imagens, seus olhos se abriram.

Aquela não era a noite para ela morrer.

Mas, por um insuportável segundo, quando seus olhos pousaram em suas feridas, ele sentiu aquela sinistra pontada de medo marcar através dele.

Callum inclinou-se cautelosamente em direção a ela e colocou o rosto em seu cabelo.

—Ninguém pode me irritar como você, querida. — Ele sussurrou. —Mas certamente estou muito aliviado por você estar bem.

Seu corpo ficou tenso com suas primeiras palavras e ficou rígido por longos momentos depois que ele parou de falar.

Então, lentamente, ela relaxou.

E, com isso, Callum também o fez.



Callum acordou várias vezes durante a noite para checar sua companheira e avivar o fogo.

Não foi até que, um silencioso e cinzento amanhecer lentamente começou a varrer o céu que ele acordou uma última vez.

Sonia murmurou sonolenta que estava bem, como fez toda a noite.

Mas desta vez, ela se virou para ele. Ainda de bruços, pressionou seu corpo macio ao lado do seu duro corpo, descansou o rosto em seu peito e jogou seu braço sobre seu estômago.

O peso dela ficou forte no dele e sabia que ela estava dormindo.

Callum também sabia que ficaria tudo bem.

As ações, especialmente quando eram instintivas, para os seres humanos e lobos, diziam muito mais do que palavras.

Segurando o cabelo dela em sua mão, o torceu até que estivesse como uma longa corda ele o enrolou na palma de sua mão e também, finalmente adormeceu.

Por dez minutos porque, logo, iria descobrir que eles estavam chegando.



—Regan, o plano é este.

Regan olhou pela janela para a luz do muito adiantado amanhecer, na verdade, não havia quase nenhuma e fechou seu celular.

—Bem, eu não concordo.

—Sim. — Gregor respondeu calmo. — Mas Mac, Lassiter e eu concordamos. — Ele guardou o seu vitorioso argumento para o final. —E Cherise.

Regan sabia disso.

Ela sabia.

Fechou os olhos com força.

—Gregor, eles estão sofrendo. — Ela sussurrou. — Especialmente Sonny.

Ela ouviu o suspiro aflito de Gregor antes dele responder baixinho.

— Eles estão destinados a isso, Regan. Sabe que esse tem que ser o caminho.

—Porque tem que ser eles? — Regan gemeu.

—Não sei, apenas são eles. — Gregor respondeu de uma forma que declarava eloquentemente que ele não gostava disso tanto quanto Regan, em seguida, terminou. —Regan, você sabe, não é assim que tem que ser, é o único jeito.

Regan ficou em silêncio.

Este silêncio, ambos sabiam, era o acordo.

—Descreva os ferimentos dela novamente. — Gregor exigiu e Regan fez o que ele pediu, mesmo que fosse pela terceira vez, em seguida, Gregor continuou. —Diga-me o que Callum fez com Titium.

—Ordenou a Ryon e Caleb que o prendessem, ele e seus homens. Vão todos a julgamento.

—Ele também tem muito de Mac nele. — Gregor resmungou e apesar de seu crescente senso de desespero, Regan sorriu.

Apenas Gregor, um vampiro, pensaria que Callum tinha muito de Mac nele. Pelo padrão dos lobos, o filho de Regan era implacável.

Porém, não tão cruel como um vampiro.

—Como eu disse. — Regan lembrou a Gregor. —Titium uivou rendição antes que Callum pudesse atacar.

—Muito Mac. — Gregor repetiu.

Regan mudou de assunto.

—Você precisa vê-la.

—Sim. — Gregor concordou. —Antes do esperado.

Regan prendeu a respiração por um momento antes de dizer.

—Você irá.....

Gregor interrompeu.

—Não há nenhuma razão para atrasar.

Regan se apoiou contra o parapeito da janela, com alívio.

Em breve estaria tudo terminado, para seu filho e para Sonia.

Graças a Deus.

Então ela piscou para o amanhecer que surgia lentamente.

Não, porque estava claro.

Mas, porque carros começaram a chegar.

Ela olhou.

—Regan?

—Eu tenho que ir. — Regan disse distraída.

—O que foi? — Gregor perguntou enquanto Regan via as sombras se formando nas colinas, vindo das tendas, movendo-se lentamente, indo para o castelo.

Ela sentiu um arrepio de emoção na espinha, enquanto lágrimas enchiam os seus olhos.

E suavemente, mas com imenso orgulho, ela sussurrou. — Meu povo veio visitar sua Rainha.



Capítulo 19

Homens Lobos

Sonia sentia-se como se tivesse acabado de adormecer quando Callum se moveu, deslizando suavemente longe dela, mas ainda segurando seu corpo. Apenas quando ele se desvencilhou, ele a acomodou cuidadosamente no colchão, um travesseiro sob a bochecha onde esteve seu peito.

Ela sentiu o calor sair da cama, mas as peles vieram até seu pescoço e então foram dobradas suavemente ao redor dela.

Ela cochilou, mas no limite da sua consciência, ouviu a porta se abrir e fechar.

Então cochilou novamente até que de forma nebulosa ouviu, em algum lugar distante Callum murmurando.

—Maldição.

Ela sorriu para o travesseiro e depois soltou um suspiro trêmulo e suave. Adorava quando ele ficava irritado, ela achava bonitinho.

Embora nunca iria dizer isto a ele.

Com esse pensamento distorcido, ela adormeceu.

Por cerca de trinta segundos.

—Pequena. — Sua grande mão estava curvada ao lado de sua cabeça. —Você precisa acordar.

Os olhos dela abriram e ela inclinou a cabeça para olhar para ele.

Então uma dor lancinante atingiu sua testa e uma dor que insinuava algo mais penetrante se arrastou por suas costas e ela se lembrou.

Ela fechou os olhos e virou o pescoço em uma meia careta. Ela o ouviu praguejar e abriu novamente os olhos.

Sua boca estava dura quando olhou para ele.

—Dói?

Se doía?

Sua cabeça e costas, com certeza. Ela bateu a cabeça em uma pedra e tinha uma maldita garra de lobo em sua jaqueta.

Mas machucou outros lugares piores e por razões que ela sabia, até as profundezas de sua alma, que essas feridas nunca cicatrizariam.

Ela decidiu responder sua pergunta. —Apenas um pouquinho.

Seu belo rosto suavizou e ela quis arranhá-lo com as unhas. Queria inclinar-se para ele e gritar. E queria inclinar sua cabeça e beijá-lo. Ela não podia fazer nada dessas coisas e o odiava por isso.

—Sinto muito, mas preciso que venha comigo, querida, apenas por um momento. Então vamos trazê-la de volta para cama e você poderá dormir. — Ele disse a ela e então antes que pudesse piscar ele foi embora.

Ela olhou para o lugar onde ele esteve, de repente incerta de ter estado ali.

Em seguida, voltou, as peles foram puxadas de lado e ele colocou suas grandes mãos sob seus braços e terno a levantou da cama.

Quando ela ficou pé, inclinou a cabeça para trás para olhar para ele e começou. —Callum...

—Levante os braços para mim, pequena. — Ele murmurou, suas mão erguidas segurando uma camisola de algodão cor de rosa.

Desde que ela estava nua “totalmente” uma camisola seria bom, ela fez como lhe disse.

Estremeceu quando com o movimento, a dor incômoda tornou-se penetrante.

—Merda. — Ele sussurrou baixinho diante de seu estremecimento, puxando rapidamente a camisola sobre a cabeça dela e em seguida, ele ordenou. —Braços para baixo.

Com gratidão, ela abaixou os braços enquanto ele cuidadosamente puxava a camisola por seu corpo, amontoando-a em seu lado antes de puxar por suas costas e cair sobre seus quadris, indo até os joelhos. Ela registrou isso vagamente como uma experiência inovadora, considerando que Callum a estava vestindo com uma camisola ao invés de tirá-la, como ele afirmava repetidamente, a preferia nua em sua cama e geralmente fazia algo sobre isso.

Ele a sentou na beirada da cama e ela o olhou, desta vez completamente em choque, quando ele se ajoelhou na frente dela e colocou grossas meias de lã cinza nos seus pés.

O Rei Callum ajoelhado aos seus pés.

Ele tinha se ajoelhado para ela apenas uma vez, mas isso foi para colocar a boca entre as suas pernas.

Agora ele estava colocando meias em seus pés para evitar um resfriado.

Antes que ela pudesse lidar com isso, ele segurou sua mão e cauteloso puxou-a para cima e então apoiou-se nela, indo para o lado enquanto ela recuava “tentando não parecer como se tivesse feito” trouxe seu roupão de cashmere.

—Agora isso. —Ele afirmou. —Vire-se.

Ela fez o que ele disse, principalmente para não encarar o roupão que, se ela tivesse pensado, também deveria ter ido para o fogo com suas alianças e seu lobo. Estava duplamente feliz por ter jogado o lobo no fogo, agora que sabia que ele era seu cachorro e não disse a ela, não há semanas. Não, aparentemente, há anos embora, ela não estivesse duplamente feliz, sentiria falta do seu lobo de pelúcia como louca.

Ele puxou o roupão até seus braços e com as mãos em seus ombros a virou e delicadamente o amarrou.

Quando terminou, suas mãos foram ao pescoço dela e com os polegares na parte inferior de seu queixo ele inclinou sua cabeça para trás para olhar para ele.

—Você pode andar? —Ele perguntou tranquilamente.

—Estou bem. — Ela mentiu. —Aonde vamos?

—Você verá. —Ele respondeu, seus olhos estavam suaves. Segurou sua mão e a guiou para fora da porta.

Eles desceram dois lances de escada quando ela puxou a mão dele.

—Callum, realmente, aonde vamos?

Ela não queria ver ninguém. Não queria falar com ninguém. Não queria comer, beber ou possivelmente, respirar.

Desde que não respirar seria uma má ideia, decidiu que respiraria, mas queria fazer isso sozinha em algum lugar para que pudesse colocar seus pensamentos em ordem e resolver sua

louca e inacreditável vida. Uma vida que já era bem inacreditável, diga-se, porque incluía reis de seitas secretas da sociedade e castelos encantados em pequenos países desconhecidos e independentes, nas profundezas da Escócia. Mas agora estava sendo forçada a concordar com o fato de que precisava compartilhar essa vida com um homem lobo arrogante, egocêntrico e mulherengo.

—Apenas irá levar um minuto, pequena e depois você volta para a cama. — Ele disse, sem parar de conduzi-la pela escada.

Seja lá o que fosse que levaria apenas um minuto, quer ver alguém, falar com eles ou comer e beber com o povo de Callum, levaria muito mais tempo do que isso, então ela o seguiu sem protestar.

Na porta da frente, ele a parou e a virou de frente para ele.

—Uma última coisa. — Ele murmurou e colocou a mão no bolso de seu jeans.

Ela o observou, sua respiração ficou presa, quando ele puxou as alianças de casamento.

Como?

O que?

Novamente, como?

O que, ele tinha cópias de segurança ou algo?

Ele levantou sua mão mole e deslizou-as no dedo dela.

Então ele levantou sua mão ainda mais e inclinou a cabeça até ela onde seus lábios tocaram as alianças e roçaram seu dedo.

Sentiu um frio no estômago, o coração dela disparou e suas narinas formigaram com as lágrimas não derramadas.

É assim que se coloca alianças de casamento no dedo de uma mulher.

Então, apenas seu olhar se levantou, seus lábios permaneceram na mão dela e ele disse calmo, mas muito, muito firme.

—Nunca faça isto novamente, pequena. Ouviu?

Ficou atordoada. Ela não conseguiu fazer nada a não ser concordar silenciosamente.

Ele levantou a cabeça, apertou a mão dela e em seguida, puxou-a um pouco para trás da porta. Ele a abriu e com a mão ainda na dela, ele guiou seu corpo dormente até o lado de fora.

Ela quase tropeçou com o que viu.

Do outro lado da clareira ao pé da escada, ao redor da fonte, mesmo acima da colina, sem mencionar os altos guerreiros flanqueando os lados da escada, estava o povo de Callum.

Até mesmo Regan, Ryon, Caleb, Lucien e Leah estavam de pé no patamar da escada.

Todos eles em silêncio, alguns deles carregando velas, outros segurando ramalhetes de flores ou latas.

Todos eles olhando para o castelo, olhando para ela.

Em seu robe!

Callum levou-a para a beirada do patamar superior onde ele parou e puxou-a para seu lado com seu braço cuidadosamente ao redor de seus ombros.

Quase no minuto pararam e quase ao mesmo tempo, até o último lobo ajoelhou-se sobre um joelho, mãos na neve ou pedra, cabeças curvadas embora Lucien e Leah não, claro, não sendo lobos e tudo.

Sonia parou de respirar e descobriu que, mesmo sem respirar, poderia chorar.

Quando ela começou a respirar novamente, ela sussurrou.

—Oh meu Deus.

—Eles precisavam ver que está tudo bem. — Murmurou Callum.

—Faça-os se levantarem. — Sonia ainda estava sussurrando.

Callum ignorou-a e continuou.

—Eles ouviram que você se moveu para me proteger.

—Callum. — Ela sussurrou, não conseguindo tirar os olhos da multidão curvada. —Faça-os se levantarem.

—Embora. —E continuou ignorando-a. —Eles teriam vindo do mesmo jeito.

—Por favor. — Ela repetiu.

Ele passou seu braço através do peito dela, colocou os dedos sob seu queixo e levantou seu rosto até o dele.

Em seguida, ele beijou-a levemente, um toque sobre seus lábios.

Sua cabeça se levantou em um insignificante centímetro, olhos azuis celeste olharam para ela e ele disse. —Este é o meu povo. Este é o seu povo. Esses homens e mulheres que se curvam para você são lobos.

Com isso, ele soltou seu queixo, virou-se para seu povo e com uma clara, carregada e profunda voz ordenou.

—Levantem-se!

Seu povo se levantou. Eles também se moveram.

Enquanto os guerreiros nas escadas ficavam de sentinela, flores, latas e velas acesas foram colocadas sobre os degraus enquanto os lobos caminhavam para frente dando um aceno para Callum e um sorriso para Sonia antes de darem seus presentes.

Isso tudo aconteceu em silêncio antes de voltarem para seus carros ou voltarem à colina para suas tendas.

Demorou mais de um minuto e ela ficou surpresa até os ossos quando o último lobo curvou sua cabeça ao companheiro de Sonia e enviou um sorriso a ela.

Mas Sonia quase não sentiu o frio ou a dor cortante em suas costas que começava a atormentá-la.

Como qualquer Rainha faria, ela ficou, por seu povo, ferida e tudo.

Quando terminou, sem dizer uma palavra, Callum a guiou de volta para o quarto deles, deslizou o roupão de seus ombros e empurrou-a cuidadosamente na cama.

Ele beijou sua testa ferida, abaixo da pele rasgada.

Então ele deslizou sua testa por seus cabelos e em sua orelha ele sussurrou.

—Agora durma, pequena.

Ele puxou as peles mais para cima e saiu.

Sonia não achou que poderia dormir. Não depois disso.

Mas não demorou muito até que ela adormecesse.



Capítulo 20

Acerto de contas

Hoje era o dia do julgamento.

Sonia sabia disso.

Ela podia senti-lo.

Callum estava com raiva.

Ele foi paciente.

Por um tempo.

Que se dissipou e ele passou de paciente a impaciente.

Por mais um tempo.

Agora estava louco.

E ela não queria saber ou era o que dizia para si mesma.

Passaram-se três semanas desde o incidente onde ela descobriu a sua verdadeira natureza — toda ela — e essas três semanas foram as mais longas da sua vida.



Sonia perdoou Reagan, Ryon e Caleb por sua cumplicidade no dia seguinte.

Ela fez isso, porque sabia que eles mentiram para ela, porque Rei Callum ordenou ou se ela fosse justa, apenas esconderam as coisas dela. Coisas que iriam fazê-la pirar, mas foi quase como mentir, mesmo que essas fossem coisas que seriamente iriam enlouquecê-la.

Mas ela também o fez, porque se importava com eles.



Regan apareceu com uma bandeja de café da manhã e no momento em que ela olhou para Sonia, a óbvia hesitação de Regan partiu instantaneamente o coração de Sonia.

Sonia, que ficou acordada por um tempo enquanto estava deitada na cama, sentindo pena de si mesma e lamentando seu destino ao mesmo tempo, contraditoriamente sentindo-se honrada pela exibição notável e tocante que os lobos fizeram para ela naquela manhã, sentou-se cuidadosamente quando viu o incerto sorriso de Regan.

Então ela estendeu a mão para sua sogra.

Regan colocou a bandeja na mesinha de cabeceira, sentou-se na cama tomando cuidado com os ferimentos da Sonia, deu-lhe um abraço gentil.

—Foi um choque, mas ainda assim fui horrível. — Sonia sussurrou em seu ouvido, capaz de abraçar Regan com muito mais firmeza.

—Nós não deveríamos ter esperado. Callum queria... — Regan começou, mas Sonia deu-lhe um aperto.

Ela não queria saber o que Callum queria.

—Não importa agora. — Ela assegurou a Regan.

Regan se afastou e segurou o rosto de Sonia em suas mãos.

—Eu sinto muito. Eu sinto muito, sinto muito por tudo isso.

—Essa é a última vez que pede desculpas por ser quem você é. — Sonia disse firme envolvendo seus dedos ao redor de Regan, puxando-a e segurando suas mãos entre elas. —Foi um choque. Passou. Está tudo bem agora. — Ela terminou com uma mentira e seu próprio sorriso vacilou.

Os olhos de Regan observaram Sonia e ela continuou confusa.

—Então, você não está com raiva de Callum?

Não, ela não estava com raiva dele.

Não mais.

Ela nunca teria mais nada com ele.

Não, porque ele era um maldito homem lobo e não contou a ela e não apenas por causa disso.

Não, porque todo o seu povo era lobo e ele não lhe disse e também, não apenas por causa disso.

Para não mencionar a existência de vampiros que, ela percebeu, a fazia se sentir imensamente estúpida — e ela culpou Callum por isso também— Gregor e Yuri eram vampiros, pelo seu cheiro muito mais parecido com o de Lucien do que com lobos, não como seres humanos — mas, em sua defesa, como Sonia iria saber que homens lobos e vampiros existiam!

E não porque ele somente era o seu lindo lobo, mas também seu amado cachorrinho e ele levou os dois para longe dela — ou, novamente, não apenas por causa disso.

Mas, porque ele desapareceu por um dia e uma noite, fazendo Deus sabia o que, com Deus sabia quem e então voltou para sua cama, comprovando suas fervorosas e verdadeiras suspeitas por cheirar como ele cheirava depois que eles faziam sexo e fingir ser carinhoso, gentil e atencioso, porém fazia isso de uma maneira arrogante e canalha.

Naturalmente, ela sabia que ele eventualmente encontraria outra pessoa.

Ela apenas não sabia que doeria tanto e quando ela exaustivamente processou tudo chorando deitada em sua cama,

ela se sentiu como morta e quão surpresa ficou ao descobrir que aquela sensação estéril doía ainda mais.

Ela também não sabia que as profundezas dessa dor e sua tortura não chegariam nem perto de sua totalidade até ele forçá-la admitir que o amava.

Deus, isso foi humilhante demais para sequer pensar.

Ela admitiu que o amava!

Isso, porque evidentemente era fraca, fraca, fraca, era tudo em que poderia pensar enquanto ficou deitada na cama naquela manhã.

—Tenho certeza que Callum e eu ficaremos bem. — Ela mentiu novamente para Regan, que lhe deu uma olhada como se soubesse que Sonia estava mentindo, mas deixou passar.

Ela ficou enquanto Sonia comia e lhe deu seus analgésicos, porque os pontos em suas costas estavam, até então, matando-a e as pílulas deixavam Sonia sonolenta.

Logo, Sonia dormiu.

Ela acordou nos braços de Callum.

Ou, mais precisamente, com a cabeça e a mão apoiada em seu estômago, seus ombros estavam contra a cabeceira da cama, suas longas pernas esticadas em linha reta na frente dele, e tinha o braço ao redor de seus ombros com os dedos preguiçosamente desenhando círculos na sua pele.

—Está acordada, querida? —Ele perguntou.

Ela apertou a mandíbula com o seu ocioso afeto.

—Sim. — Ela respondeu.

—Como se sente?

Como lixo, completamente, ela pensou, mas não disse em voz alta.

—Com dor. — E isso não era mentira. Era apenas um eufemismo.

—Pobre bebê. — Ele murmurou, tinha a sorte dela estar ferida ou a teria atacado mesmo que pudesse rasgá-la com suas garras e dentes.

—Regan disse que tiveram uma conversa agradável. — Ele disse.

—Tivemos. — Afirmou Sonia.

Sua mão se apertou em seu ombro, com aprovação.

Ela lutou novamente com o desejo de arrancar os pontos de suas costas, atacando-o.

—Você quer se movimentar? — Ele perguntou. —Irei lhe ajudar no banho.

Ela não pensava assim.

—Está me dizendo que estou fedendo? —Ela disparou irada.

Ele riu antes de dizer “falso” com carinho.

—Você nunca fede, minha pequena.

Ela teve o suficiente e, portanto, começou a afastar-se dele dizendo.

—Preciso me movimentar. Não quero ficar dura.

Ela não chegou muito longe antes de suas mãos irem sob seus braços, ele puxou-a suavemente até que ficou descansando em seu peito, com seus rostos perto.

Ela colocou as mãos no peito dele e empurrou para trás, mas ele deslizou seu braço ao redor de sua cintura e a manteve imóvel.

Quando ela parou de se mover, a outra mão foi para trás da cabeça dela, segurando seu cabelo em um grande punho, puxando-o por cima do ombro e torcendo-o novamente e novamente até que formaram uma longa corda. Então ele o enrolou na palma de sua mão ao lado de seu pescoço.

Ele observou sua mão fazer isso como se estivesse encantado.

—Callum. — Ela chamou e lembrou-lhe. —Eu ia me movimentar.

Ele olhou para ela e anunciou.

—Ainda está com raiva.

Ah, ele estava certo sobre isso.

Aparentemente, ela poderia ser algo para Callum, mas “raiva” era tudo o que ela sempre iria ser.

—Posso levar um dia para me acostumar com o fato de que meu companheiro é um lobo? —Ela perguntou e em seguida, —Ou pedir isso é demais?

Ele sorriu para ela o filho da puta arrogante!

Então ele usou seu cabelo para puxar o rosto dela até o dele e tocou seus lábios.

Olhando em seus olhos, ainda sorrindo, ele concedeu.

—Você pode ter um dia.

Agora era o momento em que ela teria atacado se ela pudesse.

Mas ele simplesmente deslizou a testa em seu cabelo “esse negócio peculiar, finalmente explicado por ele ser meio-lobo” a soltou, afastou-se e saiu do quarto.

Ela tomou um banho como pode, se vestiu e decidiu ficar no quarto, porque não conseguia encarar ninguém.

Leah apareceu com uma bandeja de comida no final da tarde.

Naquele momento, Sonia estava grata por Leah. Era bom estar perto de sua espécie, por exemplo, mesmo que isso a fizesse uma má pessoa por pensar assim. Por outro lado, gostava de Leah. Ela era engraçada, doce e um pouco louca e Sonia podia ser ela mesma perto dela, porque, obviamente, Leah tinha uma vida cheia de vampiros e tal.

Enquanto Sonia comia, Leah falava, contando suas histórias selvagens de concubinas de vampiros e cativantes histórias de lugares chamado Festas e aterrorizantes histórias de algo chamado A Sentença. Tudo isso contando como ela caiu de amor por Lucien.

A história levou mais de uma hora para ser contada e Sonia, que já tinha limpado o prato dela há muito tempo, ficou olhou para sua nova amiga, quando ela terminou de falar.

—Como você pode ver. — Concluiu Leah. — Estou segura, saudável e feliz e Lucien é.... — Ela sorriu um sorriso doce, eloquente, antes de terminar. — Feliz também.

—Fico feliz por você. — Sonia respondeu suavemente, querendo dizer cada palavra.

Leah sorriu para ela.

—Se você aceitar isso, Sonny, será feliz também e juro será mais do que seus sonhos.

Duvidava disso.

Sonia teve seus “sonhos selvagens”. Sabia o quão bom poderia ser e não era aquilo que vivia.

—Eu não tenho muita escolha a não ser aceitar. — Disse Sonia. —É o destino.

—Eu sei. O meu também foi e o destino é meu melhor amigo. — Leah declarou com uma risadinha.

Sonia riu suavemente, não concordando nenhum pouco, mas também não querendo romper o clima feliz de Leah.

Ryon surgiu pouco depois e ela o desarmou sorrindo para ele no momento em que entrou pela porta.

Caleb veio não muito tempo depois e ela teve a companhia deles enquanto Leah levava a bandeja, mas voltou com Lucien.

Lucien a olhou com atenção quando entrou, mas mesmo que a assustasse mais do que os lobos, ela viveu com vampiros por toda a sua vida “aparentemente” então era experiente o suficiente para não o temer histericamente ao invés de totalmente porque Lucien, ainda era meio assustador.

Regan chegou alguns minutos mais tarde com um jogo de tabuleiro e todos eles começaram a jogar. Até mesmo Lucien, que não derrotou Sonia, embora fosse um jogo de tabuleiro e isso, bem... acontecia. Então, novamente, ela teve a fria e distante sensação que, Lucien faria qualquer coisa para agradar sua noiva, incluindo jogar um jogo de tabuleiro.

Portanto, horas mais tarde, Sonia estava deitada de bruços no sofá de canto, perto da lareira. Regan e Lucien estavam em cadeiras puxadas ao redor, ao lado do sofá. Leah estava sentada de pernas cruzadas no chão aos pés de Lucien. E corpo alongado tanto de Ryon quanto de Caleb estavam espalhados pelo chão, deitados de lado com almofadas sob os cotovelos e cabeças em suas mãos quando Callum entrou.

Ele parou junto aos pés de Sonia no sofá e olhou para eles de sua colossal altura de homem lobo.

—Estamos quase terminamos este jogo. Você pode entrar no próximo. — Anunciou Caleb.

—Não haverá um próximo. — Callum declarou significativamente — totalmente Rei, aliás — andando até o sofá e levantando Sonia de forma cautelosa antes de sentar-se, esticando suas longas pernas na frente dele, cruzando-as nos tornozelos e acomodando o tronco de Sonia em sua coxa.

Ela queria afastar-se, mas não conseguia, principalmente porque suas costas começaram a doer muito e não queria mencionar isso e preocupar ninguém, mas também porque eles a estavam observando com Callum.

Então ela apenas se acomodou como se não se importasse quando se importava.

Eles terminaram o jogo, curvaram-se e disseram boa noite e Sonia decidiu que aquele era o momento de seus comprimidos para a dor, porque não se importava que Callum se preocupasse.

Ela começou a se levantar do sofá ele seguiu todos até a porta e fechou-a depois de saírem.

—Apenas fique aí, trarei sua injeção aqui. — Ele disse a ela e então se moveu para o banheiro.

Santo Deus.

Ela esqueceu de sua injeção. Como pode esquecer disso? E como poderia aguentar com suas costas já ardendo?

—Callum. — Ela chamou. —Eu preciso do remédio para dor.

—Após a injeção. — Ele respondeu, caminhando com a seringa já carregada.

Ela olhou para ele como se fosse uma coisa viva que existisse apenas para fazer-lhe mal.

Callum viu o seu olhar, agachou-se à frente do sofá e colocou suas mãos em concha no lado do rosto dela.

—Dois minutos, pequena. — Ele disse suavemente. — Então estará terminado e nesse tempo todo estarei bem aqui.

Homem, como ela odiava o fato de amá-lo, que fez ter tantas coisas para amar e que todas fossem mentiras.

Ele moveu-se para o lado dela e murmurou.

—Você consegue abaixar seu jeans para mim?

Doía, mas ela o desceu.

Ele injetou nela.

O ardor foi dez vezes pior e queimava através de suas costas como um incêndio.

Ficou ofegante quando acabou, mas sentiu a mão quente de Callum segurar sua nuca, o que disse a si mesma que não a fazia se sentir bem quando era mentira.

Então, quando se recuperou totalmente, Callum fez algo estranho.

Ele geralmente arrumava as roupas dela antes de se recuperar, mas seus jeans foram abaixados ainda mais nos seus quadris e as palmas de suas mãos foram para sua bunda, os dedos circulando seu quadril e seus polegares deslizaram sobre as agulhadas expostas por sua calça jeans. Ele estava sentado sobre suas coxas e começou a falar como se para si mesmo.

—Eu odeio isso. — Disse ele baixinho. —Porra, eu odeio.

Ela ficou tensa “ou deveria dizer, mais tensa” mas ele não terminou.

—Mas eu deveria amá-las, porque são uma parte de você.

Sonia pressionou seus lábios juntos e fechou os olhos com força.

Ela deu-lhe um momento antes perguntar.

—Posso me levantar e pegar meus remédios? Minhas costas estão começando a doer.

Os dedos dele se envolveram no cós de seus jeans e ele puxou-a antes de se oferecer.

—Irei buscá-los, pequena.

Ele deu-lhe os comprimidos, ajudou-a se vestir para dormir outra “camisola, um milagre!” e ele a abraçou quando ficaram sob as peles, agindo como o Rei devoto à sua Rainha ferida.

Eles estavam na mesma posição quando ela acordou mais cedo que tarde, quando ele perguntou.

—Você gostaria que eu falasse mais sobre a minha espécie?

Ela iria conversar com Regan, Mara, Callista, Ryon e Caleb sobre isto.

Ela não queria nada dele.

—Os comprimidos me deixam sonolenta e eles trabalham muito rápido. — Isso não era mentira. —Não quero perder nada. —Isso foi uma mentira.

—Tudo bem, querida. — Ele murmurou e continuou falando calorosamente. —Sabe, você está levando isso muito melhor do que eu esperava.

Ela poderia rir.

Mas não o fez.

—Você não me conhece muito bem. — Ela disse a verdade pela primeira vez.

Os dedos dele deslizaram em seu cabelo e seguraram sua nuca.

—É verdade, mas tudo o que descubro, eu gosto.

Mentiroso, mentiroso, mentiroso, pensou, mas ela soltou um trêmulo e estúpido suspiro.

Seus dedos se esticaram contra seu couro cabeludo.

Ela rezou para que as pílulas fizessem sua magia e felizmente, pouco tempo depois, elas fizeram.



Na semana seguinte, Callum foi paciente principalmente porque Sonia ainda estava sentindo considerável quantidade de dor que ele teve o cuidado em avaliar, muitas vezes perguntando suave e doce.

—Como você está, pequena? — Ele também exigiu que fosse o único para aplicar a pomada e cuidar dos ferimentos. E, surpreendentemente, além disso, deu-lhe espaço para descansar e se curar.

Além disso, Callum deu espaço a ela, porque Gregor apareceu, uma vez que Regan lhe disse que Sonia foi ferida.

Gregor deu a ela um longo....

—Callum é grandinho e não precisa de você para protegê-lo, então não tem nada que se jogar na frente de um lobo com raiva, mesmo se você não tivesse ideia que ele era um lobo raivoso. — Sermão — embora não foi bem assim. Em seguida, Sonia perguntou. — Então, você e seu filho são vampiros? — E foi exatamente como ela começou. Então terminou e Gregor assegurou que iria ficar por mais um tempo. Isto ficou evidenciado por ele ter levado consigo muita bagagem, não que Sonia fosse excessivamente perceptiva. Isso e também Callum

perder a paciência, mas, por alguma razão, fez Regan parecer realmente feliz.

Lucien e Leah partiram vários dias após o seu incidente “meu companheiro é um lobo” então, Sonia angustiante descobriu que se afeioou a Leah muito rapidamente e gostava de estar perto deles. Havia algo bonito com os dois. A maneira como eles se olhavam e agiam um com o outro. A maneira tranquila, mas óbvia, de que estavam simplesmente apaixonados.

Normalmente, considerando as circunstâncias de Sonia, isto seria adicionado à tortura, mas Sonia se importava com Leah e ela também começou a gostar de Lucien. Ele parecia o tipo de homem que merecia ser feliz e agia como o tipo de homem que esperou muito tempo por isto e agora que ele era, apreciava profundamente. Considerando o que Leah disse-lhe sobre Lucien ser mais velho que Callum por quatro séculos inteiros, foi um longo tempo para ele, literalmente, um longo tempo.

Regan, Mara e Callista compartilharam com Sonia e Leah muito sobre a natureza dos lobos, história, folclore e praticamente qualquer outra coisa que elas pudessem compartilhar, porque Mara, como sempre, gostava de falar. Era uma cultura fascinante com uma história rica e eles se sentiam orgulhosos como deveria ser.

Houve apenas um contratempo na primeira semana e foi perto do final da mesma.

Sonia estava lendo na cama e não apagou a luz e se deitou antes de Callum chegar. Isso era o que costumava fazer, dizia que ia para a cama mais cedo por causa da dor e precisava descansar e, considerando que Callum não sabia muito sobre os seres humanos, não percebia nada. Mas Gregor lhe lançava olhares de que sabia e Regan lhe lançava olhares cada vez mais penetrantes.

Quando ela sentiu que ele estava subindo, não podia fingir que estava dormindo, pois ele saberia desde que a porta estava aberta e ele veria a luz, para não mencionar que ele provavelmente iria ouvi-la se mexer.

Felizmente, ele sorriu para ela quando entrou, mas foi direto para o banheiro. Ela teve tempo para apagar sua luz, acender a dele, colocar de lado o livro e ficar em uma posição de dormir, antes que ele saísse nu e fosse para a cama.

Ela disse a si mesma que ele não a ouviu respirar fundo com a beleza do seu corpo nu, “mas não acreditou em si mesma” e de qualquer maneira, isto foi provado ser falso quando ele sorriu para ela consciente.

Uma vez na cama, ele imediata e habilmente “ignorando totalmente sua posição de dormir meticulosamente trabalhada” a deslizou para mais perto dele, a rolou de bruços, em seguida, de lado, evitando suas costas e puxou-a para ele, cara a cara.

Então suas mãos começaram a acariciá-la.

Ela escondeu o rosto em sua garganta e mordeu o lábio, porque suas mãos sobre ela... era muito bom e ela sentia sua falta.

Muito.

—Sonia, pequena, você quer brincar? —Ele perguntou baixinho.

Ela balançou a cabeça.

—Serei gentil, pequena.

Ela adorava quando ele era gentil, quase tanto quanto adorava ele ser duro.

—Estou com um pouco de dor. Os comprimidos não estão funcionando tão bem quanto estavam. — Ela mentiu, pois, se sentia bem. A dor era principalmente uma pontada nessa altura e as feridas começavam a coçar, indicando que estavam se curando.

—Tudo bem, querida. — Ele murmurou, mas suas mãos ainda a acariciavam, embora elas tivessem abrandado e as carícias eram calmantes ao invés de excitantes.

Então ele perguntou. —Você quer conversar?

—Sobre o que? —Ela perguntou de volta e a voz dela soou mais alta do que o normal.

Sua mão deslizou por seu braço, seus dedos foram para o pescoço dela então em sua mandíbula e levantou o queixo dela, forçando-a a olhar para ele.

—Sobre qualquer coisa. — Respondeu ele.

—Não realmente. — Ela disse.

Suas sobrancelhas se uniram e ele comentou.

—Muitas coisas aconteceram com você. Comigo, minha família, meu povo comovendo-se, descobrir sobre Gregor e Yuri, encontrar Lucien e Leah. Você está bem com tudo isso?

Deus, ele seria doce se não fosse tão idiota.

—Estou superando. — Ela disse a ele e quando ele olhou como se não acreditasse nela, continuou. —Quero dizer, é muito, você se acostumar com seu mundo balançar sob seus pés todos os dias. Se Frankenstein entrasse por essa porta agora e nos convidasse para ir a um churrasco na casa dele amanhã, provavelmente eu nem sequer piscaria.

Ele riu... e envolveu seus braços ao redor dela, abaixo de sua cintura para evitar sua lesão, rolou de costas e levou-a com ele, então ela ficou sobre ele.

Ela plantou seu antebraço em seu enorme peito e levantou para vê-lo rir.

Ela disse a si mesma que se sentia apática — quando não sentia — e notou que ele ficava incrivelmente bonito quando

sorria e, portanto, desde que estava como uma cientista observando a natureza, ela podia vê-lo fazer isso.

Quando ele se controlou, a informou: —Não há tal coisa como Frankenstein.

—Confio em você. — E isso não era totalmente mentira.

Ela não confiava nele, confiava em sua declaração, ele estava dizendo a verdade e de todas as pessoas, saberia.

— Você iria? —Ele perguntou.

—O que? —Ela perguntou de volta.

Ele sorriu.

—A um churrasco na casa de Frankenstein.

—Não sei. — Ela respondeu. —O que os Frankensteins servem em churrascos?

Ele caiu na gargalhada novamente e com uma mão, segurando sua nuca forçou-a para baixo de modo que seus braços deslizassem ao redor dele e ele pressionasse o rosto dela em seu pescoço.

Então segurou o cabelo dela e enrolou-o como uma corda novamente, envolvendo-o ao redor de sua mão.

—Eu amo seu cabelo. — Ele murmurou e ela forçou seu corpo a relaxar.

Porque isso era uma mentira. Ele odiava loiras.

O que era, supostamente, até recentemente.

—Estava pensando em cortá-lo. — Ela mentiu novamente apenas por maldade.

Seu punho apertou em seu cabelo e ele decretou.

—Não permitirei isto.

Ela soltou.

—Sim, vossa majestade. —E ficou em silêncio.

Ele usou seu próprio cabelo para esfregar na mandíbula dela quando sussurrou.

—Você está feliz, pequena?

Era uma pergunta estranha, cativante e incrivelmente comovente e, além disso, ele parecia se preocupar com a resposta dela.

Ela sentiu o ardor de lágrimas novamente, mas com esforço, ela conseguiu controlá-las.

Em seguida, suspirou e disse.

—Bem, acho que uma garota poderia fazer melhor em um castelo de conto de fadas, em uma bonita floresta, com um bonito lobo como seu marido, que por acaso é o Rei, fazendo-a Rainha de uma espécie e pessoas amorosas que pensam coisas boas sobre ela..., mas não sei como.

Exceto, claro, que aquele Rei deveria amar sua Rainha além de qualquer coisa no mundo inteiro, como Lucien amava Leah e como Regan amou Mac e como Mara amava Drogan.

Ou como o pai de Sonia amou sua mãe.

Ou até mesmo um pouco do que eles tinham.

Sem saber sobre seus pensamentos, em suas palavras, ele soltou seu cabelo e a abraçou. Pela primeira vez desde que ela foi ferida, eles fizeram isto poderosamente, esmagando-a a ele e fazendo aquela pontada de dor em suas costas aumentar.

—Estou feliz. — Ele disse e voz parecia estranhamente rouca.

—Callum, minhas costas. — Ela sussurrou.

Ele soltou seu domínio e a deslizou para seu lado, mas a manteve perto com um braço em volta da cintura dela. Ele apagou a luz, ela acomodou-se com o rosto no ombro dele e ele puxou o braço dela a volta do estômago.

—Durma. — Ele murmurou.

—Certo. — Ela murmurou de volta.

Ele deu-lhe um aperto.

Seus seios começaram a latejar novamente, doía muito, mais do que ela pensou que poderia suportar, querendo que ele fosse real e sabendo que não era.

Mas, de alguma forma, ela adormeceu.

Muito mais tarde, acordou percebendo que ele saiu. Ela ficou acordada até que ele voltou e escorregou na cama ao lado dela, sua pele estava fria quando a puxou para perto, mas ele, novamente, cheirava a sexo.

E seu coração partido se rompeu um pouco mais.



Nas duas semanas seguintes a paciência de Callum diminuía consideravelmente, mais e mais a cada dia.

Primeiro, ele não era o maior fã de Gregor e Gregor agora tinha o hábito de monopolizar qualquer tempo não ocupado por Regan, Ryon, Caleb, Mara, Callista e os lobos da cidade que, através de Regan, Mara e Callista os convites começaram a aparecer para encontrar e conhecer a Sonia.

Portanto, Sonia não passou quase nenhum tempo no colo de Callum em seu escritório ou com Callum em qualquer lugar. Praticamente no minuto em que ela se sentava, Gregor estava na porta perguntando se ela queria ir para a cidade, se queria sair para uma caminhada, dizendo que Yuri estava no telefone e queria falar com ela e coisas do tipo.

Segundo, Callum não estava comprando a desculpa do “eu estou com dor” mais, considerando que ela ia para a cidade e fazia caminhadas, mas também percebia de primeira mão que as feridas estavam cicatrizando bem. Mesmo se ele não tivesse visto, Orphenon apareceu para examiná-la cuidadosamente na terceira semana e anunciou que elas estavam cicatrizando surpreendentemente rápido. Sonia sempre se curava rápido e tinha a capacidade bizarra de nunca ficar com cicatrizes e ela se perguntava se era parte de seus dons, mas nunca mencionou

isso a ninguém e não o fez agora, por razões óbvias. Na verdade, Orphenon retirou os pontos de seu ferimento, que deixou nela uma pequena aparência de esfolado, que Callum, após examinar seu rosto de perto, acreditava que ao menos uma vez ela estava dizendo a verdade.

Terceiro, porque Callum estava começando a ficar frustrado que Sonia estivesse encontrando força de vontade para lutar contra o desejo.

Ele deixou profundamente claro na segunda semana, que queria “brincar”. Mas, porque ele queria brincar quando duas ou três vezes por semana desaparecia de sua cama no meio da noite e voltava, obviamente estando fora e cheirando aquele intenso e belo aroma almiscarado que exalava depois de fazerem sexo, ela nunca saberia.

Sonia o afastava de manhã e de noite, além de, algumas tardes, com uma variedade de desculpas que já estavam se esgotando.

Ele começou a ficar desconfiado, então começou a ficar duvidoso e isso fundiu-se diretamente para extremamente irritado.

Felizmente, Calder apareceu na terceira semana e Callum perdeu o interesse nela, quando ficou com os rapazes em seu escritório. Mas isto ainda deixava as noites para Sonia encontrar maneiras de afastar suas mãos, sua boca e seus tranquilos, suaves e doces interrogatórios antes de dormir —

mas ficando menos gentil, menos tranquilo e definitivamente menos doce.

Na noite anterior o tranquilo, suave e doce saíram pela janela.

Sonia estava na cama lendo “novamente” quando Callum entrou no quarto.

Ele não sorriu para ela quando entrou.

Considerando que era 20:30, ele parou, cruzou os braços no peito, franzindo de forma ameaçadora a testa e olhou para ela na cama.

—São 20:30. —Ele informou.

Sonia ficou tensa e decidiu não olhar mais para ele, porque ele a estava assustando. Portanto, ela olhou para seu livro.

—Este é um livro muito bom. — Ela disse a ele — embora não fosse. —Esperei todo o dia por uma desculpa para voltar a ele. —Embora ela não tivesse.

De repente seu livro foi retirado de suas mãos e seus olhos automaticamente e de forma irritante dispararam para ele.

—Há a pequena questão de sua injeção. —Ele cortou e ela fechou os olhos e olhou para outro lugar.

Ela odiava aquelas injeções, mas disse a si mesma eram um mal necessário.

Agora, elas eram de pura tortura com Callum aplicando-as e Sonia sentindo o ardor sempre amorosamente, “mas sem sinceridade” em seus braços.

Ela abriu os olhos quando sentiu a cama se afundar com seu peso, seus dedos deslizaram no cabelo dela para o lado e ela viu-o sentado ao lado na cama.

A raiva dele se foi, o olhar gentil estava de volta e ele murmurou.

—Dois minutos, pequena, então estará acabado.

—Eu odeio essas injeções. — Ela sussurrou e seus dedos se flexionaram no cabelo dela.

—Eu também. — Ele concordou.

Ele aplicou-lhe a injeção, levou-a de volta para a cama e jogou as peles para trás. Ela começou a subir, mas ele a impediu, virou seu rosto para ele e em seguida suas mãos agruparam o tecido de sua camisola em seus quadris e em uma lufada, desapareceu.

—Ei! —Ela gritou, chocada com suas ações.

—Agora a calcinha. — Ele ordenou.

Sonia estava cobrindo os seios com seus braços e pareceu confusa, quando não estava usando mais nada além de sua calcinha.

Então ela olhou para ele.

—Quer dizer minha calcinha?

—Tire. — Ele exigiu, inclinando-se e enganchando os polegares no elástico.

—Callum! —Ela gritou, mas a calcinha já estava em seus tornozelos e ele estava levantando-a, então ela repetiu. — Callum!

Quando ela não disse uma palavra “ou, neste caso, gritou seu nome duas vezes” ele colocou-a na cama e puxou as peles sobre ela.

Sonia levantou-se sobre um cotovelo e Callum sentou-se na beirada, inclinando-se sobre a mão que ele colocou na cama por trás dela.

—Eu pensei ter dito a você que a queria nua quando não precisasse usar roupas. —Ele declarou tranquilamente.

Ela olhou para ele.

—Não me sinto confortável dormindo nua.

Suas sobrancelhas se uniram.

—Não pareceu incomodá-la antes que você descobrisse que eu era um lobo.

Isto era verdade, mas apenas porque, quando ele a deixava dormir, ela já estava nua, exausta e dormia o sono dos justos.

Agora eles não faziam sexo, nunca mais iriam fazer sexo novamente, então ela queria usar uma camisola.

Como ela não tinha vontade de, particularmente, entrar nesse assunto naquele momento, apenas olhou para ele.

Ele absorveu seu olhar por um tempo e depois estendeu a mão, agarrou seu livro e entregou-o para ela.

—Estarei de volta em breve. — Ele murmurou, inclinou-se para baixo, beijou sua testa e então saiu do quarto.

Sem ele a encarando, Sonia olhou para a porta.

Então ela levantou-se, vestiu a calcinha e a camisola e voltou para a cama.

Callum podia fazer muitas coisas, considerando que ele era o Rei.

Mas ele não podia dizer a ela o que usar para dormir.

Ela estava dormindo quando sentiu seu corpo se mover e não pediu a ele para fazer isso.

Então ela sentiu sua camisola deslizar para cima, para cima e whoosh, desapareceu.

Seus olhos se abriram e ela olhou grogue para Callum que estava puxando a calcinha por suas pernas. Então, whoosh, ela foi embora também.

—O que...? —Ela sussurrou, mas não estava acordada o suficiente para fazer seu cérebro funcionar.

Ele deitou de costas, puxando as peles por cima deles e puxou-a bruscamente em seus braços.

—Você... não fez isso? —Ela perguntou contra o peito dele, sua mente ainda um pouco confusa com o sono.

—Eu fiz. — Ele respondeu tranquilamente.

—Eu... não acredito que fez isso. — Ela sussurrou.

—Acredite. — Respondeu ele.

—Por que você fez isso? —Ela perguntou.

—Amanhã. — Foi a estranha resposta dele.

—Amanhã?

Ele rolou sobre ela, então eles estavam cara a cara.

—Estou muito puto agora para ter esta conversa, Sonia. — Ele informou-a, soando irritado. Soando completamente louco. —Mas amanhã de manhã, depois do café da manhã, nós, sem sombra de dúvidas, iremos conversar. — Ele terminou.

Em face a sua ira, Sonia achou prudente não dizer mais nada.

Então, ela não disse.

Ele rolou de costas novamente, levou-a com ele, assim a cabeça dela estava em seu ombro. Então ele puxou o braço dela ao redor dele, de modo que estivesse descansando sobre seu estômago e envolveu seu braço ao redor da cintura dela, apertando, assim ela foi pressionada contra ele.

Quando ele se acomodou, ela percebeu que não tinha nada para ele estar irritado.

Ela não estava sorrateiramente saindo à noite para se encontrar com qualquer um ou vários alguéns.

Ela não estava fingindo ser sua Rainha dedicada quando ela não se sentia atraída por ele.

Ela apenas estava fazendo o melhor que podia em uma péssima situação.

No entanto, ela não sentia vontade de entrar nestes assuntos naquele momento também.

Ou, nunca, realmente.

Então forçou seu corpo a relaxar e ouviu a sua respiração profunda, cheirou seu inebriante perfume e desejou que pudesse voltar a um tempo quando ela podia, pelo menos, fingir que isto era real.

Mas ela não podia.



Era a manhã seguinte e Sonia estava encolhida na pequena sala oval tentando se concentrar no seu livro, mas não podia, porque sabia que aquele era o dia do acerto de contas.

Ela acordou sozinha, tomou banho, vestiu-se, tomou um café da manhã rápido e correu para cima, antes que alguém pudesse pegá-la.

Ela não tinha ideia do porquê acordou sozinha, porque Callum sempre a acordava quando ele saía, mesmo que fosse apenas para dar-lhe um beijo e dizer que estava saindo.

Ela não tomou isso como um bom sinal.

Quando o ouviu se aproximando, não precisou se concentrar para saber que ele subia a escada, em pelo menos, dois degraus de cada vez, não tomando isso como um bom sinal também.

Quando ele chegou ao cômodo e bateu a porta tão forte que o som fez parecer ondular através do quarto como uma onda de choque, ela não tomou isso como um bom sinal, também.

No instante em que ela viu o olhar no rosto dele, percebeu que hoje não era o dia do acerto de contas.

Hoje era o dia do Apocalipse.

Sem hesitar, ele foi até ela, puxou o livro das mãos dela que “congelaram com medo” e jogou-o do outro lado do quarto com tanta força, que o som que fez quando bateu contra a porta do guarda-roupa do outro lado do quarto, foi como um tiro.

Ela olhou para o livro no chão por um segundo, seus lábios se separaram em estado de choque, então olhou para ele. O que ela viu aterrorizou-a a tal extremo que a única coisa em que conseguia pensar era fugir.

Então ela tentou.

Ela disparou para fora e passou por ele tão rápido quanto seus pés podiam levá-la, seu coração batendo a cem por hora e sua mente totalmente em branco.

Ela não foi rápida o suficiente.

Enganchou um braço em sua cintura e a levantou, de costas para o peito dele, batendo as pernas e empurrando o braço dele com as mãos.

—Solte-me! —Ela gritou, mas ele se virou, deu três passos largos e a jogou na cama.

Ela instantaneamente rolou e ficou rolando até chegar ao outro lado, levantou-se e olhou para ele de pé, de frente para ela na cama. O peito dele estava arfando e visivelmente estava com dificuldade para controlar sua raiva.

Sonia estava ofegante, com medo, mas esse medo foi substituído por fúria.

—O que está acontecendo com você? —Ela gritou.

—Você não foi até o escritório após o café da manhã. — Ele respondeu, sua voz ainda era grave, mas longe de estar calma.

Ele estava furioso. Sua voz dizia isso. O rosto dele dizia. Cada linha do seu alto e grande corpo, dizia.

Mas Sonia não se importava.

—Você apenas bateu a porta, arrancou o livro da minha mão e me jogou do outro lado do quarto, porque eu não fui para o escritório? —Ela gritou.

—Não joguei você do outro lado do quarto, mas disse que iríamos conversar esta manhã e você não foi para meu maldito escritório! —Ele gritou de volta.

—Não grite comigo, Rei Callum. — Ela gritou.

Ele colocou as mãos nos seus quadris e inclinou-se, gritando.

—Irei gritar até descobrir o que diabos há de errado com você, Rainha Sonia!

—Não há nada de errado! —Ela gritou sua mentira, inclinando-se para ele também.

—Não há? — Ele se inclinou para trás. —Então, minha esposa está me negando a afeição dela porque...?

Ele deixou a última parte morrer, mas Sonia não.

Ela mentiu novamente.

—Eu não estou negando meu afeto!

—De verdade? — Ele perguntou ironicamente. — Você está me fodendo durante a noite e eu não senti?

As mãos dela se apertaram em punhos com tanta raiva, que não podia ter parado mesmo que tivesse tentado.

O que ela não faria, esteve guardando isso tempo suficiente.

Então ela soltou.

—Bem, eu pensei, já que você está transando com alguém durante a noite, não precisa de mim!

Seu corpo estremeceu, mas ele fez uma careta para ela através do movimento, resmungando irritadamente.

—Que porra é essa?

—Você está me traindo, Callum. Eu sei. Lembra-se? Tenho dons! Sinto o cheiro! Você sai no meio da noite, volta para casa e você cheira a isso! — Ela gritou.

Ele olhou para ela, parecendo chocado e furioso e gritou.

— Porra, você está louca?

—Não! — Ela gritou de volta. —Eu não estou louca! — Ela balançou a cabeça e jogou um braço, desviando o olhar e falando mais para si mesma, mas ainda fazendo isso calorosamente. —Eu não me importo. Fico dizendo que eu não deveria ligar. Por que me importaria?

—Você não deveria ligar? — Callum murmurou, baixo e perigoso tom fazendo o olhar de Sonia voltar para ele e se ela pensou que ele estava com raiva antes, estava errada.

Agora ele estava irado.

Mas ela foi longe demais.

—Não, eu não me importo. — Ela disse para ele.

—Você não deveria se importar por achar que estou traindo você? —Ele perguntou, ainda em tom baixo.

— Não! —Ela gritou.

—Por que? —Ele perguntou. —Agora você quer que eu foda em outro lugar, agora que sabe que eu sou lobo e não quer que o seu doce e pequeno corpo seja deflorado por um animal?

Sonia engasgou com indignação por suas palavras e gritou.

—Como se atreve! Eu amo lobos!

—Sim, querida. — Ele disse de forma aguda e penetrante.
— E a três semanas atrás você disse que me amava. No dia seguinte eu encontrei minhas malditas alianças no fogo e você me evitou o dia todo e então descobriu que eu sou lobo e fez tudo o que pode para me evitar durante as próximas três semanas! O que o amor é para você?

—Não, Callum. Eu fiz tudo isso porque você me fez dizer que eu o amava ao me fazer sentar em seu colo, quando você voltou para casa depois de ter transando com outra e ainda cheirando a isso!

—Eu não estou transando com ninguém! —Ele rugiu, perdendo o pouco do controle que tinha sobre seu temperamento.

Mas algo se rompeu dentro de Sonia. Aconteceu antes e ainda doía tanto que era um milagre ela não ter caído de joelhos.

Em vez disso, sua raiva e desgosto forneceu a ela fôlego para se levantar e brigar.

Ela se virou e contornou a cama, os olhos dela presos em seu companheiro, sua mão no alto com o dedo apontado para ele, o tempo todo gritando.

—Você é tão cheio de si! Não me quer. Você nunca me quis! Eu sou apenas um dever. Outro em uma longa linha de deveres. — Ela ainda estava gritando quando foi até ele e usou

as duas mãos para empurrar seu peito, fazendo-o recuar um passo, enquanto ele ficava olhando para ela, parecendo chocado. —Você disse no começo que éramos uma farsa! Seu irmão disse que queria fazer a reinvidicação logo, que se sentia forçado ao estar na cabana comigo e que eu teria que entender sua necessidade de foder com sua própria espécie. — Ela o empurrou outra vez e continuou gritando. —Seu outro irmão ligou enquanto estava na cabana “brincando” comigo. Aquela mulher Desdêmona disse que você odeia loiras e eu sou loira! E todos, realmente todos, Calder, Yuri, até mesmo Titium, falaram sobre sua lendária façanha com as mulheres.

Ele segurou os pulsos dela e arrastou-a até o peito dele, murmurando.

—Sonia...

—Não! — Ela gritou no rosto dele. —Eu tenho boas notícias. Isto acabou para você, Callum! Acabou. Não precisa mais fingir. Você não tem que fingir. Eu prometo, cumprirei o meu dever como Rainha e você pode ir e fazer... o que é que você tem que fazer e de alguma forma irei lidar com isso. Irei enfrentá-lo. Encontrarei uma forma de ser feliz, mesmo que eu esteja com você, mas eu continuo, como sempre fui, sozinha.

Então ela soltou seus pulsos e começou a correr, mas ele pegou-a pela cintura e puxou-a para trás, de frente para ele.

—Pequena... — Ele começou.

As lágrimas atingiram seus olhos com essa palavra e ela gritou.

—Pare de me chamar assim! — Ela empurrou seu peito com as mãos e lutou contra seus braços. —Pare de me chamar assim, quando não sou isso para você. Nunca fui isso para você. Eu apenas sou isso nos meus sonhos estúpidos!

Ele mal controlava sua luta enquanto sussurrava.

—Querida, acalme-se e me ouça.

Trabalhando forte para conter as lágrimas, Sonia gaguejou.

—N.... não! —E continuou lutando.

Mas Callum manteve sua luta sob controle, por isso ela teve que lutar mais intensamente.

Ela tinha que ficar longe, muito longe. Longe o suficiente para colocar sua cabeça no lugar, juntar os pedaços do seu coração e encontrar alguma maneira de continuar com seu hediondo destino.

Ela conseguiu fugir, mas ele a pegou novamente e empurrou-a na cama.

Ela rolou e quase ficou de joelhos, mas ele envolveu suas mãos ao redor de seus tornozelos, virou-a de costas, puxou-a para baixo na cama e seu grande corpo caiu sobre ela.

Em pânico, porque este não era o lugar onde ela queria estar “mesmo que fosse” ela resistiu e empurrou seus ombros, gritando.

—Deixe-me sair. Eu preciso ficar longe!

—Pequena, você precisa se acalmar. — Ele murmurou baixinho.

Algo no tom dele a atingiu.

O corpo dela ficou imóvel e sua mente clareou, mas suas mãos ainda empurravam seus ombros quando ela olhou para longe, olhando para a beirada da cama.

Ela respirava irregular.

Então ela respirou novamente.

Então percebeu o que disse e o que fez e o quanto isso traía sobre o muito que ela sentia por ele.

Então, expirando e esmagadoramente humilhada, ela fez uma tentativa de salvar uma situação muito ruim, sussurrando.

—Você está certo.

Ele segurou o queixo dela e disse baixinho.

—Olhe para mim, querida.

Ela fechou os olhos com força e resistiu, mas finalmente, respirou fundo e olhou para ele.

Deus, ele estava lindo olhando para ela com ternura gravada em cada traço.

Ao vê-lo olhando para ela daquele jeito, percebeu que estava tão envolvida com a dor, que se esqueceu que ele estava lidando com um destino horrível também.

—Sinto muito. — Ela ainda estava sussurrando. —Você não precisa disso. Tem um reino com o qual se preocupar. Eu deveria ter.... deveria... deveria apenas aprender a lidar por conta própria.

Ele olhou para ela por um momento, então seu olhar se desviou para cima de sua cabeça e ela quase podia ouvi-lo contar até dez em sua cabeça.

Então seu olhar voltou para o dela e ele declarou.

—Eu não estou traindo você, Sonia.

Um odiado soluço brotou no peito dela e ela engoliu-o sobre a palavra.

—Não.

—Pequena, estou correndo durante a noite.

Ela piscou para ele, subitamente confusa com suas palavras, em seguida, ela perguntou.

—Correndo?

—Eu me transformei em lobo e corro. Também fiz isso na cabana. Preciso fazê-lo, obrigado pelo lobo em mim. — Ele disse e ela o olhou, porque ninguém disse isso a ela. —Não podia fazê-lo quando estávamos na cidade, mas faço isso aqui o tempo

todo. Você sempre está dormindo, por isso eu saio e volto. — Ele fez uma pausa e então terminou. — Até recentemente.

Ela ficou olhando, tentando convencer sua mente sobre este fato estranhamente lógico.

—Você... você. — Ela não deveria perguntar, realmente não deveria perguntar, mas, em um fraco sussurro, ela perguntou. — Corre com outra pessoa?

Seus lábios se contraíram e ele disse.

—Não, pequena, sou um lobo solitário.

—Mas você cheira como... — Ela começou.

Ele a interrompeu. — Cheiro como um lobo.

—Mas, eu nunca senti esse cheiro antes, exceto quando...

—O cheiro desaparece rapidamente, definitivamente pela manhã.

—Mas cheira como depois que nós...

Ele sorriu.

—Sim, querida, isso é exatamente o que cheira.

Ela achou que isso fosse puro e definitivamente sexy e sentiu seu corpo relaxar sob o dele.

—Então você não está se encontrando com ninguém?

O rosto dele ficou sério quando ele respondeu.

—Eu nunca a trairia, Sonia. — Em seguida, ele abaixou seu rosto para mais perto e terminou em um resmungo. — Nunca.

Um alívio começou a deslizar através dela, mas ela não conseguia deixar de lado.

—Mas... por quê? Você não me quer. Você disse... e Caleb e Yuri...

—Esqueça o que Caleb e Yuri disseram.

Ela voltou a olhar para ele e começou a ficar irritada, então retrucou.

—Esquecer?

—Eu vivi por quase quatrocentos anos e você sabe que eu gosto de sexo. —Ele explicou tranquilamente.

Sim, ela definitivamente estava ficando irritada.

—Certo, então...

—Não, pequena. — Ele a cortou firme. —Você disse o que tinha a dizer. É a minha vez de falar.

Ela manteve a boca fechada e olhou para ele.

Ele olhou para ela como se estivesse esperando por ela desafiá-lo e então continuou.

—Tive muitas amantes, mas nunca tive uma companheira.

Ela abriu a boca e disse de volta.

—Uma companheira que você não quer.

Agora Callum parecia estar ficando irritado quando a informou.

—Sonia, você está falando.

—Sim, eu estou. — Ela respondeu. —Não há nenhuma razão para fazer isso. Entendi. Entendo o meu lugar. Eu compreendo, então acabou.

—Mas você não entende o seu lugar. — Ele disse.

E sim, ele estava definitivamente ficando irritado também.

—Eu...

—Sonia, cale-se. — Ele a cortou.

Sonia olhou.

Callum fez uma careta.

Isto durou algum tempo.

Sonia finalmente perdeu a paciência.

—Você queria falar... fale.

—Cristo, você é um pé no saco. — Ele disse a ela.

—Obrigada. — Ela retrucou.

Ele estreitou os olhos e perdeu o controle de seu temperamento.

—Tudo bem, pequena. — Ele disse entre os dentes. — Nunca pensei que esta fosse a maneira que eu lhe diria, mas aqui está. Você é perfeita.

Sonia parou de encarar e a sua boca se abriu.

Callum continuou falando.

—Precisa saber, não achei que me sentiria assim no início, mas cada maldito segundo que eu estive com você percebi isso cada vez mais. Todos os dias, acordava e achava que era perfeita e todas as noites eu ia dormir pensando, que de alguma forma durante o dia, você foi ainda mais perfeita. Se eu pudesse ter pedido ao vento o que queria em minha companheira perfeita, e ele a tivesse mandado para mim em uma tempestade, nunca poderia ter vindo com algo tão requintado como você.

Sonia olhou sem palavras para seu Rei.

Ela nunca, em toda a sua vida, ouviu nada tão bonito.

Era sobre ela mesmo que fosse dito com irritação.

Ela sentiu as lágrimas nascerem em seus olhos quando sussurrou.

—Callum...

Mas ele falou sobre ela.

— Eu não sei o que você ouviu quando estava escutando e ninguém sabia que você estava ouvindo ou o que foi dito a você diretamente, mas qualquer coisa, eles não sabiam o que estavam falando. No minuto em que acordei na minha cama, na cabana, eu quis você. Eu questionei isso, aquele primeiro dia não foi bom, mas questionei por cerca de uma hora antes de começar a ficar interessante. Em seguida, mais interessante. E

quando nos deitamos no sofá, na primeira noite eu pensei que nossa vida juntos seria doce... — A mão dele deslizou no cabelo dela, enquanto ela olhava para ele amorosa e chocada. —E sabia que na noite de sua reivindicação quando adormeci dentro você que nossa vida seria bela e nunca pensei nada desde então, exceto que, todos os dias, pareciam tornar-se incrivelmente mais bonitos.

—Callum...

Em seguida, ele concluiu.

—Até as últimas três semanas.

Ela fechou os olhos e tudo o que ele disse dançou na sua mente.

Callum segurando-a no colo e dizendo-lhe que tinha família.

Callum abraçando-a enquanto as luzes de Natal piscavam, dizendo que ela estava em casa.

Callum brincando com o pingente em sua corrente, querendo que ela a usasse por fora de suas roupas, assim ele poderia ver o símbolo do seu povo, como suas alianças de casamento, dizendo a todos que ela era dele.

Callum levando seu trenó, jogando jogos de tabuleiro e assistindo filmes de Natal, em seguida, mais tarde, fazendo cessar a dor quando o sangue dela começou a ferver.

Callum, esforçando-se para lhe dar o melhor Natal que teve em trinta e um anos.

Callum, indo direto para ela depois de uma sangrenta batalha de oito dias e dormindo de exaustão abraçado a ela, enquanto partiam e depois confiando nela para enterrar as horríveis lembranças, tomando-a de novo e de novo.

A delicadeza de Callum quando ela descobriu que Waring morreu.

Callum deixando-a ser quem ela era, a primeira pessoa desde que os seus pais morreram.

Apenas quem ela era, sem esconder nada.

Ele estava certo naquelas semanas atrás.

E ela esteve lá por semanas e semanas.

Ela esteve lá naquele momento.

Ela estava em casa.

—Eu te amo, pequena. — Ele disse, sua voz não mais irritada. Estava cheia de ternura e os olhos dela se abriram para ver que o rosto dele estava cheio da mesma coisa. — Eu a amei antes que você respirasse pela primeira vez nesta terra, porque era meu destino, mas você me fez lhe amar, porque você é apenas... você... porra.

O coração dela disparou, o estomago derreteu e, por iniciativa própria, sua mão se levantou para o lado de seu rosto. Os dedos dela deslizaram em seu cabelo e ela observou

enquanto seu polegar alisou sua sobrancelha depois, ao longo do ângulo lindo da maçã do rosto, em seguida em toda a plenitude de seu lábio inferior.

Quando os olhos dela foram para os dele, eles estavam fechados e parecia, por algum motivo, como se estivesse experimentando um êxtase estranhamente doloroso.

—Cal? — Ela chamou. Seus olhos abriram-se instantaneamente, eles estavam dourados, ela o amava tanto, que sentiu seu coração inchar e sussurrou. —Você me ama?

Ele respondeu sem hesitação.

—Com tudo o que sou, pequena e tudo o que estou destinado a ser.

Ela sentiu o soluço de seu choro subindo por seu peito. Ela ergueu a cabeça para colocar o rosto no pescoço dele e sua respiração falhou com o esforço de contê-lo.

Callum ouviu, rolou de costas, puxando-a sobre ele e a abraçou, um braço na cintura dela, o outro descansando ao longo de suas costas com os dedos no cabelo dela, enquanto ela pressionava seu rosto na pele dele, lutando contra as lágrimas.

Então um pensamento ocorreu-lhe. Foi tão imenso que o corpo dela estremeceu com ele e levantou a cabeça.

—Você é real! —Ela gritou de alegria como se tivesse feito alguma descoberta fabulosa que iria incendiar o mundo.

Ele sorriu para ela e disse.

—Eu estou bem aqui, pequena.

Ela olhou para ele, o homem dos seus sonhos, seu lindo lobo. Ela estava em seus braços, em sua cama, no seu quarto e em seu castelo.

—Você é real. — Ela sussurrou.

O abraço dele ficou mais apertado e ele sussurrou.

—Eu sou real.

—E.... e. — Ela engoliu seco quando a enormidade a atingiu, bloqueando sua garganta. —Você é o meu cachorrinho também.

Seu sorriso ficou maior quando ele moveu uma mão para acariciar seu rosto com ternura com o polegar. —Estou pensando que, eu ser seu “cachorrinho” deveria ficar entre você e eu, pequena. Provavelmente não causarei medo aos meus inimigos, sendo conhecido como “Cachorrinho”.

Ela riu, colocou o rosto de volta em seu pescoço, ele lhe abraçou apertado e ela o sentiu lá. Bem ali. Não era um sonho. Nada disso era um sonho.

Tudo isso era real.

—Cal? —Ela chamou em seu pescoço.

—Sim, querida?

—Lembra quando você me perguntou se eu estava feliz?

—Sim.

—Eu menti.

Seus braços enrijeceram.

Ela levantou a cabeça e olhou em seus cautelosos olhos por um momento antes de colocar a boca na dele e sussurrar.

—Agora... eu estou feliz.

Sua mão deslizou para o cabelo dela enquanto inclinava sua cabeça para trás, esmagando sua boca na dele ao mesmo tempo que rolava e a beijava.

E seu beijo foi quente, doce, molhado, profundo, longo e melhor de tudo, perfeito.



Sonia acordou no meio da noite, aconchegada nos braços de Callum.

Eles passaram o dia todo na cama, compensando o tempo perdido, com Callum deixando-a sair apenas para descer e pegar comida.

Todo o dia, ela ficou da forma como disse que estava.

Feliz.

Em êxtase bem como quente e dolorida, mas estava em êxtase, como apenas Callum poderia lhe fazer sentir.

Mas coisas aconteciam em sua mente quando acordava no meio da noite e elas aconteceram com Sonia.

Respirando de forma tranquila, ela deslizou cuidadosamente para fora de seus braços, fora da cama e caminhou até seu robe. Puxando-o e amarrando-o apertado, ela foi para a janela e olhou para a noite, o céu sem nuvens, permitindo que a lua brilhasse sobre a neve, tornando as colinas arborizadas um paraíso no inverno.

Por um momento, ela desejou com toda sua força, que assim como Callum, pudesse se transformar em lobo e correr pela neve durante a noite.

Ou, pelo menos, como ela faria com seu papai, caminhar, ver, ouvir, cheirar, experimentar.

Mas então esses pensamentos agradáveis derreteram e Sonia percebeu que o cosmos não terminou sua piada.

—Querida? — Callum chamou e ela se virou para ele.

Ele estava sobre um cotovelo, seus lindos olhos nela.

—O que está fazendo? —Ele perguntou.

—Pensando. — Respondeu ela.

—Bem, acho que pode pensar aqui. — Ele ordenou.

Ela sentiu sua boca se curvar em um sorriso, porque, porra, ele era realmente assim, enervantemente mandão.

Ela, porém, não hesitou, caminhou até o pé da cama e então engatinhou sobre o corpo dele.

Quando ficou cara a cara com ele, seus braços foram ao redor dela e puxou-a para baixo em seu corpo poderoso.

Ele deslizou a mão ao lado do cabelo dela e colocou seu rosto no pescoço dele quando ele perguntou.

—O que você estava pensando?

Novamente, sem hesitar, ela respondeu.

—Quero saber quantos anos você tinha quando parou de envelhecer.

—Por volta dos cento e noventa e cinco.

Ela levantou a cabeça e olhou para ele.

— Você não parece ter cento e noventa e cinco. — Ela disse e ele sorriu.

Ele colocou a mão na parte de trás do pescoço dela e juntou seu cabelo na palma da mão e torceu-o em uma corda, explicando.

—Em anos humanos, cerca de trinta e nove.

Ele estava enrolando o cabelo dela ao redor de seu punho quando ela observou.

—Então, você é ainda mais velho que eu.

Seu rosto suavizou-se com a compreensão, então ele respondeu.

—Sempre serei mais velho que você, Sonia.

Ela abaixou cabeça para aconchegar seu rosto novamente no pescoço dele, sabendo que isso não era verdade.

Essa era a última, grande, enorme e feia piada do cosmos.

Ele esfregou seu cabelo no seu queixo e chamou. — Pequena?

—Hum? —Ela respondeu, não querendo falar mais naquela noite ou qualquer outra noite se fosse sobre este assunto.

—Você pode pensar sobre isso esta noite, se preocupe, fique triste sobre isso, mas então tire-o da cabeça. —Ele ofereceu em um comando.

Ela sentiu as lágrimas se juntarem nos olhos, quando ela sussurrou.

—Você sempre será lindo.

Ele soltou seu cabelo e rolou sobre ela, então ela ficou de costas, ele na maior parte sobre ela e levantou-se sobre um cotovelo.

Em seguida, ele anunciou.

—Lobos são companheiros para a vida toda.

—O que? —Ela perguntou.

—Somos companheiros para a vida toda. Nunca traímos. Nós nunca somos infiéis. Nunca vamos embora. Somos companheiros para a vida toda. Nosso instinto, tudo o que fazemos, tudo o que somos, concentra-se ao redor do nosso companheiro, nosso grupo, nossa família. É a única coisa que importa. Não a beleza, não a juventude.

—Fácil para você dizer. — Ela murmurou, desviando seus olhos. —Você será eternamente jovem.

Os olhos dela voltaram para ele quando ele afirmou.

— Agora eu me sinto tão velho como eu sou.

Surpresa com isso, ela perguntou.

—Porquê?

Ele olhou para ela por um momento, balançou a cabeça e disse.

—Não importa.

Então ele inclinou seu pescoço para tocar sua boca, antes dele rolar novamente para as suas costas, levando-a com ele.

Mas foi a vez dela se levantar em um cotovelo e olhar para ele.

—Por que você acha isso?

—Sonia, vamos apenas...

—É porque você sabe que terá que me ver envelhecer?

—Pequena...

Ela o interrompeu.

—Não, sério, Cal diga-me.

—Eu não devia ter mencionado isso.

—Mas você mencionou. — Ela empurrou.

—Sim, eu fiz e foi um erro. — O braço dele foi ao redor de seu peito e tentou puxá-la em seus braços, mas ela resistiu e ele, estranhamente, cedeu.

Ela colocou uma mão em seu peito, começando a se sentir estranha. A felicidade estava deslizando para longe e o desespero estava retornando com o pensamento de que ele podia vê-la ficar enrugada, grisalha, fraca e curvada, enquanto ele ficaria para sempre bonito, alto e forte e, portanto, ela exigiu.

—Cal, fale comigo.

—Não é porque eu tenho que vê-la envelhecer.

—Então o que é? —Ela pressionou.

Suas sobrancelhas se juntaram enquanto sua paciência começava a diminuir.

—Apenas esqueça.

Ela pressionou em seu peito e insistiu calorosamente.

—Não, me diga o que é!

—É porque eu tenho que vê-la morrer.

Ela prendeu a respiração e olhou para ele. Esse pensamento hediondo não lhe ocorreu e ela não sabia o que dizer.

—Todas estas semanas em que estivemos juntos, que você pensou que eu não a queria. Sabe o que eu estive pensando, pequena? — Ele perguntou baixinho e ela não queria saber,

realmente não queria, mas assentiu de qualquer maneira e ele foi ainda mais suave. — Estive pensando em como continuar por séculos sem você, depois que você se for.

Sonia sentiu a respiração ficar presa dolorosamente e, incapaz de se sustentar por mais tempo, ela caiu, descansou a testa contra sua clavícula e deslizou seu braço ao redor de seu peito.

Então ela murmurou em seu peito.

—Você não pode me amar. Eu sou tão egoísta. Todo esse tempo, tudo em que estive pensando era sobre mim. Como pode me amar?

Sua mão deslizou em seu cabelo e pressionou seu rosto no peito dele enquanto dizia tranquilamente.

—Infelizmente, pequena, não temos tempo suficiente para eu explicar todas as formas como a amo. Que, por si só, levaria séculos.

Ela riu, mas foi sem humor que a fez pressionar mais perto de seu corpo, segurando-o mais apertado e movendo as pernas com as suas. Os dedos dele deslizaram através de seu cabelo de novo e de novo, até que, algum tempo depois, quando seu árduo carinho e seus suaves dedos aquietaram seus pensamentos furiosos, ela respirou irregular.

—Então agora você sabe. — Ele disse suavemente. —Nosso tempo é precioso. Então nós não vamos desperdiçá-lo falando sobre isso novamente. De acordo?

Ela levantou uma mão e percorreu seus dedos ociosamente através dos pelos de seu peito.

Meu Deus, ela amava o peito dele.

Sobre esse pensamento, ela esticou os dedos e arrastou as unhas por seus pelos, enquanto sussurrava.

—De acordo.

Ela voltou a brincar com os pelos de seu peito e decidiu naquele momento que ele precisava saber algo muito importante.

—Cal?

—Sim, pequena...

Deus, ela adorava quando ele a chamava de “pequena”.

Ela respirou fundo e perguntou.

—Você se lembra quando me perguntou se eu amava você?

O corpo dele ficou imóvel sob ela e ele respondeu.

—Sim.

Tranquilamente ela disse.

—Naquela época, eu não menti. — Ela sentiu seu corpo ainda imóvel e terminou. —Não sobre isso. —Seus braços estavam ao redor dela, mas ela subiu, pressionando seu corpo ao dele e sussurrou sua história no ouvido dele. —A primeira vez que o conheci, meu primeiro sonho, eu senti você deslizar

na cama atrás de mim. Você me segurou em seus braços e eu disse que estava feliz por você estar em casa. Você beijou meu pescoço e deitei-me em seus braços, pensando, “Este é o homem que amo”. Foi rápido, apenas antes de que eu acordasse, senti-me estranhamente feliz. — Ela levantou a cabeça e olhou nos olhos dele, agora dourados e concluiu. — Nesse primeiro sonho, não vi seu rosto.

As suas duas mãos foram para a cabeça dela, deslizando em seu cabelo, empurrando-o para trás.

Então ele declarou gutural.

—Você me ama.

Sonia descansou os lábios contra os dele, mas com os olhos abertos e olhando fixamente ela sussurrou.

—Com tudo o que sou, lobo e com tudo o que estou destinada a ser.

Os dedos de Callum se apertaram em seu cabelo e ele rolou Sonia mais uma vez.

Ele estava beijando-a quando suas costas atingiram a cama.

Demorou um pouco antes de voltarem a dormir.

E quando eles o fizeram, estavam conectados.

Em mais de uma maneira.



Capítulo

21

Compreensão

Callum estava sentado em seu escritório, passando um relatório sobre alguns dos seus investimentos, quando ele sentiu Sonia se aproximar.

Ela estava usando um outro par de meias grossas assim seus passos eram macios.

Mas naquela manhã, antes que ele a deixasse, ele fez amor com ela e ela não tomou banho. Podia sentir a essência deles ficando mais forte enquanto ela se aproximava.

E ele amava aquele cheiro.

Fazia um mês desde que ela finalmente desabafou.

Estavam, também, há apenas alguns dias de seu acasalamento oficial.

E Callum mal conseguia esperar.

As colinas estavam se enchendo novamente com tendas e a cidade estava estourando novamente. Todos queriam estar ali,

não porque o Rei iria formalmente se vincular à sua Rainha, mas porque Callum iria formalmente se vincular a Sonia.

Ele esteve em muitos acasalamientos e apreciava isto.

Mas sabia que iria gostar mais deste, esse último mês que passaram juntos foi melhor do que os meses anteriores.

Infinitamente melhor.

Foi além de perfeito.

Era um sonho.

No entanto, com a ajuda de Regan e os conselhos a longa distância de Leah, ele estava planejando uma surpresa para acontecer durante o acasalamento. Uma surpresa para sua esposa.

Ele estava olhando em direção à porta, quando Sonia entrou na sala sorrindo.

A visão de seu lindo, sorridente e feliz rosto, estabeleceu-se agradavelmente em algum lugar em suas entranhas, ele abandonou seu relatório, recostou-se em sua cadeira e devolveu seu sorriso.

Ela teve pouco trabalho com a distância, a fenda em seu roupão de cashmere expondo suas pernas bem torneadas, enquanto ela caminhava. Ele notou, mais uma vez, que ela engordou neste último mês. Como ele suspeitava que iria, atingiu todos os lugares certos e ele ficou satisfeito com o resultado. Mas estava mais contente dela ter desistido de sua

obsessão com calorias e estava simplesmente, como ela deveria, desfrutando de sua comida.

—Eu contei a Mara e Callista minha história de reivindicação. — Ela anunciou quando contornou a mesa e ele virou a cadeira para enfrentá-la.

Suas sobrancelhas subiram quando ela se sentou no colo dele e depois se encolheu, com seus joelhos dobrados, pés perto da sua bunda, tronco torcido para enfrentá-lo.

—Você contou? —Ele perguntou, seus braços envolvendo seu pequeno corpo, surpreso com essa notícia.

Ela encolheu os ombros como se não fosse nada e ela não tivesse guardado esse segredo durante meses.

Então sua boca se abriu em um sorriso “algo que ela fez muito no mês anterior” e explicou.

—Elas estavam implacáveis. —Então seu corpo começou a tremer enquanto ria. —Embora, ache que não acreditaram em mim. Aparentemente, lobos são muito animados durante uma reivindicação e não tem os meios para fazê-lo em várias posições, na primeira vez. — Ela cobriu seu maxilar com a mão e roçou seu polegar ao longo de seu lábio inferior antes de terminar suavemente. —Acho que fiz de você uma lenda, lobo.

Ele estava sorrindo para ela enquanto ela contava sua história, mas com seu carinho, ele rosnou antes de inclinar a cabeça e beijá-la duro e áspero, o que ela correspondeu instantaneamente.

Quando ele levantou a cabeça, ela soltou um vacilante suspiro, colocou o rosto na curva do seu ombro, colocou sua mão no centro de seu peito e a deixou ali, outra coisa que ela fez muito no mês anterior.

Sua Rainha, como descobriu por uma variedade de maneiras deliciosas, gostava do seu peito.

—Eu gosto de como beija. — Ela sussurrou.

—Eu sei. — Ele sussurrou de volta.

Ela balançou a cabeça no pescoço dele e murmurou.

—Tão arrogante.

Os braços dele deram-lhe um aperto.

Ela se aconchegou mais perto.

Ele amava esses momentos em que ela vinha até ele depois do café da manhã.

Porra, ele amava todas as vezes que estava com Sonia.

—Cal? — Ela chamou, os dedos dela brincando com o suéter dele.

—Sim, pequena?

—Eu me sinto esquisita esta manhã. — Seus braços se apertaram reflexivamente a esta notícia e ela levantou a cabeça para olhar para ele. —Assim não. — Ela disse rapidamente. — Não, é outra coisa. Senti-me esquisita ontem de manhã também e na manhã anterior. — Os olhos dela estavam atordoados e ela

desviou o olhar para cima do ombro dele. —Não sei como descrever. — Então ela olhou para ele. —É quase como jet-lag¹⁰, mas apesar das náuseas, eu não vomito. Como se de alguma forma eu não estivesse em meu corpo.

Os braços de Callum apertaram novamente e ele engoliu um uivo triunfante.

—Vamos levá-la ao médico. — Ele disse.

Ela balançou a cabeça, ainda parecendo atordoada, preocupada.

—Isso não é necessário. Não acho que seja assim tão ruim.

Ela estava certa, já que ela estava grávida de seu filhote.

Ela não menstruou desde que chegou ao castelo. Ele não estava familiarizado com os humanos, mas sabia que tinham seu ciclo mensal, ao invés de cada cinco meses como uma loba. E desde que ela chegou há mais de dois meses, ele calculou que ela estava há, pelo menos, esse tempo.

Se não mais.

E ele adorou essa ideia.

—Por favor. — Ele ordenou, seus atordoados olhos se limpavam e ela olhou para ele.

—Mandão. — Ela murmurou, mas seus lábios se curvaram novamente.

¹⁰Cansaço pós viagem – problema de fuso horário.

As mãos dele moveram-se sobre ela e seus olhos se arregalaram com a compreensão, antes de ficarem languídos.

—Cal, a porta está aberta. — Ela sussurrou.

Ele não se importava.

—Não se preocupe.

—Cal...

Ele puxou seu roupão, expondo os seios dela.

Ela conteve a respiração.

Porra, ela estava nua.

Ele abaixou a cabeça e tomou um mamilo em sua boca e, não o puxou, chupou profundamente.

Ela claramente não se importava mais com a porta, sua cabeça caiu para trás e os dedos dela deslizaram em seu cabelo para segurá-lo a ela.

Havia uma miríade de maneiras que ele amava Sonia, mas uma delas era o quanto ele amava como receptiva ela era.

Ele ergueu a cabeça, afastou o roupão de seu outro seio e fez o mesmo.

Ela moveu sua bunda macia contra seu pau duro, um gemido baixo, escapando de sua garganta arqueada.

Sua mão foi para o joelho, puxou o seu robe de lado e a deslizou sobre a pele de sua coxa e entre suas pernas para descobrir que ela estava molhada, já estava pronta para ele.

Sua Sonia, sempre pronta para ele.

Ela era perfeita.

Ele a tocou e os quadris dela empurraram imediatamente e ela gemeu baixinho.

Ele sorriu contra seu mamilo e chupou mais forte.

Com a mão entre as pernas dela, Sonia arqueou sobre seu outro braço e com a boca, alternando entre os seios dela, ele a acariciou. Ouviu quando ela gozou silenciosamente — pelo menos uma vez. Ela inspirou suavemente e segurou, quando ele sentiu seu sexo agarrar os dois dedos que ele colocou dentro dela e rolou a língua ao redor do mamilo dela enquanto pressionava seu polegar contra seu clitóris prolongando seu clímax.

Quando ela relaxou contra ele, suas mãos segurando sua cabeça começaram a acariciar seus cabelos. Ele levantou a cabeça e olhou para sua bonita e pequena Rainha, seu corpo lindo, aquecido e exposto para ele, seu rosto suavizado, olhos estreitos, olhando-o satisfeita e pela primeira vez ele poderia esquecer seu futuro e se sentir em paz com seu destino cruel.

A mão dele deslizou suavemente para longe de sua boceta, puxou-a para mais perto e murmurou.

—Você sabe que eu a amo, pequena?

Ela concordou com a cabeça enquanto as mãos dela deslizaram de seu cabelo, então estava segurando seu pescoço.

—Você sabe que eu o amo, lobo?

Ele não respondeu, ele a beijou levemente.

—Você ainda está duro. — Ela sussurrou contra sua boca.

—Sua doce bunda está no meu colo. —Ele explicou, sorrindo contra a dela.

Ela sorriu de volta antes de perguntar.

—Você quer que eu...?

Ele a cortou.

—Mais tarde.

Ele tinha coisas para fazer. Quando ela colocasse sua boca sobre ele, queria que ela tomasse tempo, o que era como ela preferia também.

—Está bem. — Ela respirou, pegando o seu significado e os olhos dela, mesmo depois de acabar de gozar, estavam novamente cheios de desejo.

Porra...

Perfeito.

Ele ouviu Ryon se aproximar assim como ela, e ela endireitou-se enquanto ele fechava seu robe.

Então os olhos dela voaram ao seus e ela sussurrou baixinho.

—Deus, Callum! Eu cheiro a sexo.

O sorriso de Callum mudou e presunçosamente, disse. — Sim, você cheira.

Ela apenas teve a chance de olhar para ele antes que Ryon batesse na porta.

Quando Callum olhou para seu primo todos os pensamentos, agradáveis e presunçosos deixaram a cabeça dele.

—Hmm. — Murmurou Sonia, também olhando Ryon. — Esta parece ser a minha deixa para ir tomar um banho.

Ela virou o rosto de Callum para ela com uma delicada mão em sua mandíbula, tirando os seus pensamentos dos seus deveres e trazendo-a de volta a ela. Algo que também adquiriu como hábito ultimamente e algo que ele também gostava.

Ela deu-lhe um beijo rápido e um sorriso compreensivo antes de sair de seu colo. Puxando o roupão apertado ao redor dela, lançando outro sorriso para Ryon, que estava franzindo a testa, enquanto ela atravessava a sala e com uma última olhada para Callum, fechava a porta atrás de si.

Ryon ficou na frente da mesa e permaneceu em silêncio, sua orelha parcialmente virada para a porta esperando por Sonia estar fora do alcance da voz.

Isto, Callum não tomou como um bom sinal e ele sentiu sua mandíbula endurecer.

Após vários momentos, Ryon jogou as pastas de dois arquivos que ele segurava na mesa limpa de Callum. Sonia se ocupou mantendo-a em ordem, o que era uma bênção e uma maldição. Uma maldição, porque ele nunca sabia onde nada estava. Uma bênção, porque precisava encontrar Sonia para perguntar quando precisava de algo.

Os arquivos derraparam e foram descansar na beirada.

—Esses dois chegaram esta manhã. — Ryon anunciou em voz baixa, mas Callum não tocou nos arquivos. Ele apenas olhou silenciosamente para seu primo e Ryon continuou. —Os resultados da análise da medicação de Sonia chegaram há algum tempo. Mas, no final, tive que encontrar um dos nossos para fazê-lo. Eu não entendi direito, mas o que eu entendi me fez ir mais fundo. Dei a Orphenon.

Um músculo se flexionou no maxilar de Callum, mas ele continuou sem falar.

—Orphenon me ligou no minuto em que ele, pessoalmente, terminou uma segunda análise. Ele não podia acreditar que Sonia estava sendo injetada com esse coquetel e eu lhe pedi para pesquisá-lo. Dei a ele o histórico médico dela e ele os examinou. Então ele fez mais, conversou com colegas e professores até mesmo estudou sobre isso.

Finalmente Callum falou.

—Não gostei de você ter compartilhado a doença de Sonia com os outros sem perguntar, Ry.

Ryon inclinou-se e colocou as mãos na mesa do Callum. — E eu sabia que não iria gostar, foi por isso que não lhe disse. — Quando Callum abriu a boca para falar, Ryon falou primeiro. — A doença não existe, Cal.

Callum fechou a boca e seu peito se apertou.

—Desculpe? —Ele perguntou tranquilamente.

Ryon inclinou-se ainda mais em suas mãos e disse.

—Não existe.

Callum também se inclinou na cadeira dele.

—Vi acontecer com ela. Senti o corpo dela. Ela estava queimando. Ela estava assando.

—Não posso explicar isso. — Respondeu Ryon.

—É raro. — Callum lembrou-lhe.

—Não é raro, Cal. Isso... não... existe. Não há em qualquer literatura médica. Ninguém nunca ouviu falar disso.

—Isso é impossível. — Callum retrucou.

—É verdade. — Ryon disse apontando para as pastas na mesa de Callum e exigiu. —Olhe o relatório, pasta superior.

Callum fez como ele disse, abrindo a pasta e vendo em cima um relatório do laboratório, identificando os vários componentes da medicação de Sonia. A página inteira estava preenchida com a lista e a maioria fazia pouco sentido, mas, na

parte superior, os três itens que compunham as partes maiores da substância eram facilmente identificáveis.

—Que porra é essa? —Ele murmurou.

—Estrogênio humano, estrogênio lupino e testosterona humana. — Ryon disparou.

—Por que diabos eles injetam nela estrogênio lupino e testosterona humana? — Callum perguntou.

—Quem sabe? — Ryon respondeu. —Orphenon não pode acreditar que o sistema dela sequer aguentaria um hormônio lupino. Ele diz que algumas das outras coisas nessa lista são tóxicas para os seres humanos. Usado a longo prazo seria mortal.

Callum teve que usar todo o seu autocontrole para não sair de sua cadeira.

Em vez disso, suas mãos simplesmente enrolaram em punhos e ele lutou contra o instantâneo formigamento da sua pele.

—Não é apenas isso. — Continuou Ryon, observando Callum de perto.

—O que? — Callum disse.

Ryon não demorou.

— Os meninos de Calder finalmente descobriram a fonte de quem vazou as informações para os rebeldes, de que Sonia era sua Rainha.

Callum sentiu um arrepio frio na espinha antes de perguntar.

—E esse seria?

—Yuri.

Callum levantou-se tão rápido que a cadeira dele voou em direção a grade da lareira. Sua fúria era palpável, seu sangue fervia, sua mente focada em duas coisas impedir a transformação e fazer com que alguém pagasse.

—Traga Gregor para mim. — Ordenou em uma voz perigosa e então um pensamento de repente ocorreu-lhe e ele continuou. —E minha mãe.

Ryon concordou com a cabeça e saiu imediatamente para executar as ordens de Callum.

Callum usou o tempo que Ryon saiu para ler apressado o conteúdo de ambas as pastas. Ele não estava de bom humor quando Ryon guiou Gregor e Regan para a sala.

—Callum, o que...? — Regan começou mas olhou para o rosto de seu filho e fechou a boca.

Callum nem olhou para Gregor. Ele virou-se para Ryon que estava parado na porta. —Eu quero Sonia ocupada longe deste escritório. Fale com Mara.

Ryon assentiu.

Callum continuou.

—Yuri chega esta tarde?

Ryon assentiu novamente.

—Você irá receber seu avião. — Ordenou Callum. Ryon soltou um sorriso cruelmente satisfeito e saiu da sala.

Callum recepcionou sua mãe e o vampiro.

— Sentem-se. — Ele disse.

Eles fizeram como lhes foi dito. Regan visivelmente agitada. Gregor, o imbecil insensível, completamente composto.

Callum não se sentou, não podia, seu autocontrole estava por um fio.

Ele olhou para eles e anunciou.

—A doença de Sonia não existe. O medicamento que ela está tomando é uma toxina mortal e Yuri é o responsável por expô-la aos rebeldes, como minha Rainha.

—Oh querido. — Murmurou Regan e o olhar de Callum se estreitou em sua mãe.

—Callum, há uma explicação. — Gregor respondeu friamente.

O olhar de Callum cortou para o vampiro e ele exigiu.

—Então é melhor dar-me rapidamente ou vou arrancar sua maldita cabeça, mas você vai morrer sabendo que eu vou brincar com seu filho até que ele implore para eu matá-lo.

—Sonia está morrendo. — Gregor afirmou.

Essas duas palavras rasgaram a fúria de Callum e tudo o que ele podia fazer era olhar.

Gregor respirou fundo e continuou tranquilamente.

—Ela apresentou os sintomas quando era criança. Naturalmente, como você experimentou os sintomas de primeira mão, entenderá que Lassiter e Cherise ficaram frenéticos em encontrar alguma solução. A doença dela, seja o que for, e mesmo que eles a tenham levado a dezenas de médicos, nunca descobriram o que era, isso é único. Assim como suas habilidades que, presumo, desde que ela não as esconde mais, compreende também.

Gregor permitiu que assimilasse e quando Callum não respondeu, ele continuou.

—Quando não havia respostas para serem encontradas, Lassiter e Cherise foram forçados a irem a uma viagem de descobertas. Eles tentaram de tudo e, sabendo dos imortais, alargaram a sua busca. Sangue de lobo, sangue de vampiro, saliva de vampiro, um coquetel disso, outro daquilo e um pouco daquilo outro. Alguns funcionavam, mas apenas por um tempo e ela apresentava os sintomas novamente. Demorou anos, mas finalmente encontraram a solução, sua atual injeção. Mas eles sabiam, assim como Mac e eu, que seria apenas uma questão de tempo. Sabíamos, por causa da profecia, que a injeção apenas funcionaria por algum tempo. Sabíamos que não estava salvando a vida dela, estava simplesmente prolongando-a.

—É de meu conhecimento que ela herdou esta doença de seu pai. — Observou Callum.

—Isso foi uma mentira. — Respondeu Gregor.

Callum respirou fundo, olhando para baixo e para o lado. Seu peito se apertou novamente, poderosamente e a respiração que ele tomou não fez nada para aliviar a dor.

Gregor continuou.

—Nós nunca lhe dissemos. Queríamos que ela vivesse sua vida livre do fardo deste conhecimento. —Então ele terminou. — Tenho certeza você irá concordar que foi a decisão certa manter o pacto que nós três fizemos.

Callum olhou de volta para Gregor então para sua mãe e perguntou.

—Talvez um de vocês gostaria de me dizer, porque eu vivi minha vida livre do fardo deste conhecimento?

Regan levantou-se e suplicante colocou a mão sobre a mesa.

—O que ganharia com isso? Você já sabia que ela era humana e lutou contra isso. Saber que sua existência humana na terra era ainda mais curta...

Regan parou enquanto os olhos dela deslizaram para longe e prendeu o lábio entre os dentes.

Callum olhou para sua mãe, disposto a processar as emoções que ardiam dentro dele.

Então ele olhou para Gregor.

—E Yuri?

—Digamos que eu e Mac discordávamos sobre quando você deveria conhecer sua companheira. — Gregor respondeu de forma vaga.

—Por que não explica isso plenamente? — Callum perguntou.

Gregor trocou um olhar com Regan, quando ela se sentou novamente.

Então ele olhou para Callum.

—Mac conhecia você. Ele sabia que você iria querer ter o controle do encontro, do namoro, da reivindicação. Ele sabia que você iria atrás dela quando estivesse pronto.

Quando ele parou de falar, Callum perguntou de um modo quase ríspido.

—E?

—Você estava demorando muito. — Gregor imediatamente respondeu.

—Eu não demoraria tanto se soubesse que ela estava morrendo. — Callum grunhiu e levou tudo o que tinha para não rugir as palavras. —O que nos leva para o fato de que. — Seus olhos incluíram sua mãe em suas palavras. —Sabiam deste fato e vocês não o compartilharam.

—É proibido ver a profecia. — Regan afirmou tranquilamente.

—Lucien as viu. — Callum retrucou.

—Ele viu, na verdade. — Gregor colocou firmemente. — Mas ele não foi capaz de ver todas elas, no entanto, apenas as partes que lhe permitiram ver.

—Talvez alguém possa me explicar novamente, porque as principais peças destas Profecias não podem ser lidas? — Callum sugeriu, em seguida, terminou estreitando os olhos para Gregor. —Ou todas elas.

—Você já fez essa pergunta antes, Callum... — Regan começou.

—E nunca gostei da maldita resposta. — Callum a cortou.

—Você acha que gostamos disso? — Regan retrucou calorosamente. —Você acha que foi fácil para mim esconder isto de meu filho?

Antes que Callum pudesse responder, Gregor falou.

—Entendo o que você está sentindo, Callum. — Gregor disse em voz baixa. —Confie em mim, não impede a dor, mesmo sabendo por todos esses anos.

Regan olhou para Gregor, mas Callum perdeu porque ele sentou-se e passou a olhar seu polegar e indicador.

Então ele olhou para Gregor e mudou de assunto.

—Então você e Yuri decidiram acelerar as coisas, colocando Sonia em perigo?

—Ela nunca esteve em perigo. Por que acha que providenciamos para que as informações de que os rebeldes estavam se reunindo fossem divulgadas para Saint? — Gregor respondeu tranquilamente.

Callum inclinou-se para frente e disparou.

—Eles invadiram sua casa no meio da noite, colocaram suas mãos nela e a aterrorizaram.

—Sim, mas ela saiu ilesa. — Gregor permaneceu calmo.

—Ela foi lançada através do quarto. — Callum soltou. — Bateu com a cabeça e ficou inconsciente. Isto não é ilesa.

Gregor segurou o olhar furioso de Callum e prosseguiu.

—Nós fizemos o que tínhamos de fazer. — Quando Callum abriu a boca para falar, Gregor continuou rapidamente. —E, mesmo tão irritado quanto está agora, não teve quaisquer problemas com os resultados.

Callum sentou-se.

Esse desgraçado de sangue frio estava certo.

Callum planejou conhecer Sonia em sua festa de Natal, semanas depois dele realmente conhecê-la, iria lhe dar um namoro humano que teria durado meses.

Agora, ela estava em sua cama e sua casa. Estava usando sua corrente de reivindicação e alianças de casamento. Ela

caminhava até seu escritório todas as manhãs depois do café da manhã com um sorriso para ele, se sentava em seu colo e contava-lhe histórias enquanto ria.

E ele estava em seu coração.

Sem nada para estar zangado, Callum foi deixado apenas com aquele aperto no peito que estava dificultando sua respiração.

Gregor leu a alteração de humor de Callum.

—Eu apreciaria se você continuasse escondendo isso dela. Protegendo-a. Mostrando-lhe uma boa vida humana enquanto ela a tem e.... — Ele pausou quando os olhos de Callum concentraram-se nele. —Chame Ryon e diga-lhe para não machucar o meu filho.

Callum olhou para o vampiro por um segundo antes de concordar.

Então ele tomou uma respiração profunda, que pareceu não chegar em seus pulmões, antes de ordenar. —Deixem-me.

Gregor imediatamente preparou-se para sair, mas Regan novamente levantou-se, inclinou-se em direção a ele e colocou a mão sobre a mesa.

—Callum... — Ela começou, mas quando o olhar do seu filho se encontrou com o dela, ela parou de falar e seu rosto pálido ficou aflito.

Ele sabia o que ela viu e sabia que era sombrio.

—Por favor, Regan, deixe-me. — Ele pediu em voz baixa.

O rosto de sua mãe suavizou, ela concordou e silenciosamente ela e Gregor saíram, fechando a porta atrás deles.

Callum se virou sua cadeira e apontou seu olhar cego para as janelas.

Ele precisava correr, precisava disso.

Mas ele o faria mais tarde quando ela estivesse dormindo. Ele não iria perder outra porra de segundo de sua vida.

Ele se levantou e contornou sua mesa, seus pensamentos, não estavam sobre a variedade de coisas que tinha que fazer naquele dia. Eles estavam em encontrar sua Rainha.

Mas parou de repente e olhou para um peso de papel de vidro que Sonia comprou na cidade e levou para escritório, para segurar os papeis em sua mesa.

Ele pegou e o observou, nunca realmente tendo-o visto antes.

O vidro era claro com redemoinhos dourados ao fundo, medindo a sensação do frio e pesado em sua mão.

Era realmente extraordinário.

Em um piscar de olhos, ele se virou e atirou-o pela sala e lançando com sua força de lobo, virou pó no minuto em que atingiu a parede de pedra.

Ele olhou para os pedaços pensando que isso não diminuía o aperto em seu peito.

Então ele foi em busca de sua esposa.



Naquela noite foi ideia de Sonia sair com ele enquanto ele corria.

E, para estar com ela, Callum concordou.

Como um ser humano, ela não podia correr, mas mesmo que fosse noite, como sempre fazia quando eles estavam na floresta, ela parecia em paz com o ambiente ao redor dela e as criaturas estavam em paz com ela ali...

Ela andou alegremente enquanto ele corria, sempre voltando para circulá-la. Para pegá-la olhando para ele com eterna admiração. Para andar ao lado dela por longos minutos enquanto caminhava pela neve, a mão dela, muitas vezes chegando até o pelo de sua cabeça ou de seu corpo, deslizando por ele carinhosamente.

Então ele vagava novamente e voltava para ela. E correndo, ele decidiu que eles fariam isso toda vez que ele precisasse correr.

Eventualmente, ele guiou-a para casa e uma vez que ela abriu a porta e pisou dentro, ele se abaixou e saltou,

transformou-se em homem quando os pés dele tocaram no chão.

Quando ele se endireitou e virou-se para ela, ela estava olhando para ele com os olhos brilhando. Ela viu ele mudar para lobo três vezes agora. Sendo a primeira quando ela foi ferida, a segunda antes deles saírem e a última agora.

Ainda olhando para ele, ela murmurou admirada. —Isso é tão legal.

Callum sorriu ao mesmo tempo que ele a puxava em seus braços.

Então ele a beijou.

Depois ele a pegou e andou nu pela casa, levando-a para seu quarto, onde ele colocou-a na cama e fez amor com ela.

Ele queria ir mais devagar, aproveitar o pouco do tempo que ele tinha com ela para memorizar sua pele, seu cheiro, seu toque, o gosto dela, os sons que ela fazia. Mas Sonia estava com vontade de jogar duro. Quanto mais Callum tentava ser suave, mais exigente e faminta Sonia se tornava.

Então ele deu o que ela queria.

Depois, Sonia deitou-se com a cabeça no ombro dele, os dedos dela alisando preguiçosamente os pelos de seu peito.

Ele adorava quando ela fazia isso.

—Você está bem, pequena? —Ele perguntou.

Ele a fodeu duro e queria ter a certeza de que não a machucou. Sua voz ainda estava rouca de seu orgasmo, mas também a lembrança de seu tempo na floresta e as lembranças angustiantes de sua manhã, que foram de alguma forma, com Sonia por perto, menos agonizantes.

—Mm. — Ela murmurou satisfeita, esticando os dedos para arrastar as unhas ao longo de seu peito e enroscando suas pernas com as dele, seu corpo pressionando mais perto, entrelaçando-se com o dele.

Callum sorriu.

Ela estava está bem.

Ela fazia isso agora, entrelaçar-se com o seu corpo, cada vez mais perto. Ela fazia isso o tempo todo e Callum adorava, mesmo que fosse uma intensa e implícita tortura, ele sempre soube que não iria compartilhar o suficiente destes momentos com ela.

—Cal. — Ela chamou, sua voz soando como se ela sentisse seus pensamentos mudarem.

—Sim, querida?

A mão dela estava espalmada contra o peito dele como se a sua pele pudesse absorvê-la.

Ou se ela pudesse absorver algo integrado em sua pele, que ela precisava, algo que ela não poderia existir sem.

E algo o atingiu com este gesto, algo que ele não conseguia lembrar, mas Sonia falou antes que ele pudesse puxar em sua memória.

Em seguida, ela sussurrou.

—Você sabe que eu o amo, certo?

Ele fechou os olhos com suas palavras, lembrando do sonho.

Eles estavam vivendo parte de seu sonho.

Ele e Sonia diziam agora.

—Você sabe que eu o amo? — Tornou-se um hábito deles.

Ele não reconheceu isto como sendo parte de seu sonho antes.

Agora ele o fazia.

Seu braço sobre ela se apertou e a outra mão foi até seu peito para deslizar sobre o cabelo macio e dourado, ao lado da sua cabeça. Era grosso e brilhava à luz da lareira e considerando isso, ele sabia quais seriam seus próximos pensamentos, mas ele os teve de qualquer maneira.

Como pode nunca ter gostado de loiras?

Porque, ele sabia, não eram ela.

—Eu sei, querida.

—Você nunca vai esquecer? — Ela ainda estava sussurrando.

Seus pulmões queimaram e seu pescoço se arqueou levemente quando a dor rasgou através dele, mas ele forçou seu corpo a relaxar.

—Eu nunca esquecerei.

Ela se aninhou mais perto e sua mão deslizou sobre seu peito para envolvê-la apertada ao redor dele. —Eu quero que prometa que será feliz, mas não quero que volte a esquecer.

—Não me esquecerei.

—Promete ser feliz?

Para viver o sonho perfeito com a mulher perfeita equivalia um piscar de olhos em sua longa vida apenas para que ela fosse impiedosamente arrancada para longe e então, encontrar uma maneira de ser feliz por toda a eternidade?

Impossível, Callum pensou.

—Eu prometo. — Callum disse.

—Obrigada. — Ela sussurrou.

—Eu a amo, pequena.

—Eu sei. — Ela disse em um trêmulo suspiro e seu peito estava tão apertado, que Callum tinha dificuldade para respirar.

Ela se levantou, pressionando-se ainda mais contra ele e observou quando ela estendeu a mão para sua mesa de cabeceira e pegou a aliança de casamento que ele tirou mais cedo, em preparação para se transformar. Acomodou-se ao lado

dele, os dedos dela em seu pulso e ela puxou seu braço do corpo dela, levantando a mão em direção ao seu rosto.

Então ela deslizou sua aliança no dedo dele e levantou a mão à boca. Com aqueles olhos suaves de adoração, nunca deixando os dele, ela beijou a aliança.

Ela uniu seus dedos com os dele e sussurrou.

—Se não quiser, não precisa usá-la para sempre.

Ele cerrou os dentes e agarrou a mão dela firme.

Quando ele pode falar, ele disse baixo.

—Irei usá-la para sempre.

—Você não precisa... — Sonia começou.

Callum a interrompeu.

—Sempre.

Ela fechou os olhos e Callum viu uma única lágrima correr por seu rosto.

Ao ver isso, levou tudo o que tinha para não gritar de dor e fúria.

Ela abriu os olhos e repetiu, novamente em um sussurro.

—Obrigada.

Ele ficou satisfeito por não ter sonhado esta parte.

O que foi, felizmente, o único pensamento que teve tempo para ter. Sonia deslizou sobre seu corpo, seus dedos

acariciaram o cabelo ao lado de sua cabeça e ela inclinou-se para beijá-lo.

Ele a beijou primeiro e depois rolou.

Desta vez, ele a possuiu e foi devagar.

Ele levou o seu tempo e guardou em sua memória, a pele de sua companheira, seu cheiro, seu toque, o gosto dela e os lindos e sexy sons que ela fazia.



Capítulo

22

Mudanças

—Podemos tentar. — Sonia, sentada ao lado de Callum no SUV, retrucou.

—Pequena, não vamos mais falar sobre isso. — Callum respondeu, tentando manter seu temperamento sob controle e ficar calmo.

Eles estavam a caminho do julgamento de Titium e de seus homens, que foi o motivo do primeiro desacordo deles naquela manhã. Eles tiveram três.

Callum proibiu Sonia de ir.

Sonia não queria ser proibida.

Eles conversaram. A conversa se transformou em uma briga. A desavença se transformou em sexo e antes de Callum saber o que estava fazendo, estava concordando em deixá-la participar do julgamento com ele.

—Tudo bem, você pode ir. — Ele disse enquanto afastava suas mãos, pernas e boca que estavam empurrando, chutando e mordendo de forma intermitente com carícias, apertos e lambidas. Ele teve o suficiente. Podia cheirar a sua excitação, ouvir a sua respiração ofegante e, nesse ponto, não queria nada além de enterrar-se dentro dela e ele diria qualquer coisa para conseguir o que queria.

Ela sorriu, parou suas lutas instantaneamente e levantou a cabeça, rodando a língua ao longo de seu pescoço.

Ele tomou um momento para memorizar essa doce sensação antes de virá-la, agarrar os quadris dela e puxá-la de joelhos, se posicionou entre eles e a fodeu. Forte. Sua recompensa por ganhar, também foi a recompensa dele.

Cristo, mas ela era a humana mais sexualmente voraz que ele já conheceu. Ele fez amor com ela duas vezes em apenas seis horas antes.

E uma vez já naquela manhã.

No entanto, não estava reclamando.

Agora, ele nem sabia sobre o que ela estava falando. O segundo argumento, Deus o ajudasse, sobre quais botas do caralho ela iria usar “outro argumento que ele perdeu, desta vez de propósito, porque era muito ridículo” terminou mudando para uma terceira e ele não estava prestando atenção.

Ele tinha uma série de coisas em sua mente, principalmente o negócio desagradável do julgamento e ainda,

como seria a reação de Sonia a ele. Para não mencionar seu acasalamento que estava agendado para o dia seguinte, seus planos secretos e a reação que Sonia teria, algo que, ele esperava, seria muito mais agradável para os dois.

—Por que você acha que pode dizer que nós não vamos falar sobre algo agora e nem sobre isso depois? —Ela perguntou zangada e ele olhou da estrada para vê-la olhando para fora do para-brisas.

—Porque falaremos sobre isso mais tarde. — Ele respondeu, sem saber o que era “isto” e voltou a olhar para a estrada. —Agora, é importante eu explicar o que vai acontecer no julgamento, então estará preparada.

Callum sentiu o ar no carro ficar tenso e ele estendeu a mão para agarrar a dela em um aperto quente, puxando-a para a coxa dele e acariciando seus dedos com o polegar.

—Tão ruim assim? —Ela perguntou suavemente, os dedos dela apertaram forte os dele.

—Para você, provavelmente. — Callum disse-lhe honestamente e então explicou. —Nosso modo de Justiça não é da maneira que está acostumada, pequena. Lobos tem muito poucas regras, muito poucas leis. Nós vivemos e deixamos viver. Portanto, rompendo uma, será tratado duramente para que outros sejam dissuadidos de fazer o mesmo.

Sonia tomou um momento para processar isso antes de perguntar.

—Há advogados? Promotores? Ele terá uma chance de falar?

—Ele terá permissão para falar. — Respondeu Callum. — Todos eles terão.

Sonia ficou em silêncio por mais um momento, ele olhou para ela novamente antes de olhar de volta para a estrada e viu que ela já não estava zangada, mas parecia reflexiva.

Então ela perguntou.

—O que significa duro?

Esta era a parte que Callum não estava ansioso, fazendo seu julgamento, lançando sua sentença e tendo Sonia ouvindo. Ele sabia que ela não iria gostar. Ele também sabia que, não importava quão ardilosa e caprichosa ela conseguisse ser, não estaria presente nas execuções. Elas eram horríveis, mesmo pelos padrões de um lobo. Um ser humano, especialmente um ser humano como Sonia, não seria capaz de suportar.

—Ele cometeu traição, pequena. — Callum lembrou-lhe tranquilamente e ele sentiu o ar no carro ficar ainda mais tenso e os olhos dela foram para ele.

—Em minha experiência eu sei que existem lobos que podem estar exaltados, Cal e ele é um pai. É claro que ele estava cego pela doença de sua filha, pelo amor paterno e, embora errado, é compreensível. Talvez, já que isso aconteceu, ele teve tempo para refletir.

—Ele me desafiou e ao fazê-lo, feriu, minha Rainha. — Callum concluiu salientado em seguida. —Quem aliás, também é a Rainha dele.

—Mas e se ele for...? — Ela começou, mas ele apertou sua mão e olhou para ela novamente antes de virar os olhos para a estrada.

—Eu raramente sou desafiado exceto durante uma rebelião ou confronto, pequena. — Ele disse suavemente. — Uma razão para isso é que não podem vencer. Isto não é um orgulho. Esta é a verdade. A outra razão é que, se isso for feito, a punição é dura. Não tenho tempo para isso. Você trabalhou ao meu lado por semanas. Sabe que meus deveres são onerosos. Vamos ter nosso acasalamento amanhã. Minha atenção está nisto e longe de outros assuntos mais importantes tem um efeito cascata em todo o Reino. Se não tivesse uma resposta, quem estivesse com raiva de uma decisão que tivesse proferido ou simplesmente bêbado e agisse estupidamente poderia pensar que poderiam tentar superar o Rei. Eu passaria todo o meu tempo com as ações dos Canis, envolvido em desafios. Esta é uma das razões por que qualquer governante, qualquer governo, deve lidar com situações como estas duramente.

—Está bem. — Ela respondeu devagar. —O que significa duro?

—Qual é a punição usual para traição, pequena? —Ele perguntou tranquilamente e a ouviu respirar fundo e rápido.

Ela sabia qual era.

Então ela observou.

—Pensei que lobos fossem imortais.

Cautelosamente, ele explicou.

—Se você cortar a cabeça de nossos corpos, não podemos sobreviver.

Com isso, ele respirou rápido novamente.

Então ela começou.

—Callum...

Ele a interrompeu para dizer algo que ela precisava saber.

—Eu não desfruto disso mais do que você, Sonia.

—Eu sei disso! —Ela gritou, sua voz aumentando de repente. —Mas esse não é um lobo bêbado tentando superar você como se fosse um duelo entre pistoleiros de faroeste, vença o gatilho mais rápido e o vencedor ganha nada além da oportunidade de se gabar. Família é importante para os lobos, você me disse dezenas de vezes. Ele estava defendendo sua filha. Sim, ele estava equivocado, mas isso não nega o fato de que era o que ele fazia e eu acho que, em algum lugar lá no fundo, você entende porque ele fez isso. E lealdade tem que ser quase tão importante e foi o que os lobos de Titium mostraram a ele e ainda, eles também irão receber esta punição? O fim de

suas vidas por não fazerem nada, além de ficarem ali e serem leais?

Callum sentiu seu temperamento novamente começar a subir.

—Eu lhe disse que não falaria disso novamente, mas parece que esqueceu que ele a machucou. O fato dele fazer isso já é absolutamente imperdoável, e, no entanto, ele fez isso na minha frente. Você estava em perigo, ele sabia disso e ainda assim agiu e isso, minha Rainha, é indefensável. — Ele apertou a mão dela outra vez. —Não posso deixar passar.

—Então não deixe passar, Cal. — Ela retornou rapidamente. —Você está certo. Ele errou e causou danos no processo. Mas eu gostaria de salientar, que você estava de mau humor quando o recebeu na escada de Canis e por isso não estava a fim de sentar como homens honrados que eu, pelo menos, sei que você é, e resolver as coisas. Sei que sou sua companheira e me proteger é coisa séria para vocês lobos, mas não quero que fique chateado quando eu digo que realmente sou eu quem vai ou não perdoar por ele ter me machucado e eu o perdoo, Cal. — Ela pausou um momento antes de dizer tranquilamente. —Foi um acidente. Ele se rendeu imediatamente depois de ter visto que me machucou. Ele sabia que estava errado e lamentou muito sobre isso, então talvez você possa pensar em outra punição que seja menos... — Ela fez uma pausa e concluiu. —Derradeira.

Callum sentiu seu temperamento subir ainda mais.

—Está sugerindo, pequena, que eu, em parte, tive culpa pelo que aconteceu?

—Eu não estou sugerindo nada. — Ela respondeu. —Estou dizendo que talvez agora e depois, haja uma outra maneira de fazer as coisas e talvez, antes de você fazer algo que não possa ser desfeito, possa querer refletir sobre ambos.

Callum tomou em uma longa respiração para acalmar a sua ira antes de responder com firmeza e definitivamente.

—Este é o costume dos lobos, Sonia.

Ela ficou em silêncio e Callum dirigiu, ainda com raiva e parte disto tinha a ver com o fato de que Sonia o irritou antes de um dos poucos deveres repugnantes que tinha como Rei dos homens lobos. Agora, ela deveria saber melhor, mas aparentemente ela não sabia.

Cada momento de cada dia ele estava ciente de que seu tempo com ela era curto e ainda mais consciente de que ela não sabia. Ele queria muito explicar mais uma vez que, em momentos como estes, ele precisava de seu apoio, não um confronto. No entanto, era altamente provável “ele esperava” que em sua curta vida, ela não precisasse suportar outro momento como este, então decidiu deixar de lado e a inevitável discussão que isso causaria.

Ele dirigiu pela sinuosa estrada malconservada, através da floresta e virou à direita, dirigindo através das densas

árvores. Ele ouviu outra rápida ingestão de ar quando as árvores desapareceram de repente e lá estava.

O Lodge, um prédio enorme e circular, com um amplo estacionamento pavimentado ao redor dele e em ambos os lados, vinte e quatro estacionamentos com estruturas históricas. Era feito com a mesma pedra avermelhada e marrom-ouro de Canis e tinha dez de suas bandeirinhas reais voando de seu telhado e parecia o estádio de um ser humano, pequeno, porém, mais imponente com as pedras e ameias. O interior possuía arquibancadas, também como o estádio humano, em um círculo de frente para o campo. Embora pequena pelos padrões humanos, ele poderia abrigar dez mil lobos.

Naquele dia, considerando os veículos estacionados ao redor, ele calculou que estaria um pouco cheio, outra coisa que irritava os já desgastados nervos de Callum.

Isso era esperado, considerando que as colinas estavam cheias para celebrar o acasalamento real e, portanto, ele planejou isso, sua guarda estava lá para manter a ordem, bem como diversos destacamentos de soldados.

Não que Callum esperasse que alguém discordasse de seu julgamento. Era que os lobos podem ser vingativos e, assim, sanguinários. Eles amavam Sonia. Esperavam o veredicto que ele estava prestes a dar, tinha pouca dúvida que iriam ficar alegres com isso e, com os lobos, isso facilmente poderia ficar

fora de controle. Além disso, Sonia poderia achar isto na melhor das hipóteses, de mau gosto, na pior das hipóteses, repugnante.

Callum, por outro lado, não se alegrava em ordenar o fim de uma vida. Era um peso na sua alma que apenas Sonia tinha a capacidade de aliviar, mas, novamente, ele segurou o conhecimento amargo que sua companheira não estaria sempre ali para fornecer este auxílio para ele.

Com este peso em sua mente, ele dirigiu e contornou a entrada, uma curva que levava para as portas mais próximas onde o tablado real seria colocado, quando Sonia observou. — Este lugar é incrível.

—É o Lodge, pequena. — Ele murmurou distraído, parando o carro no estacionamento e desligando a ignição, ainda resmungando. —Os jogos são realizados aqui. Negócios oficiais são conduzidos aqui. Como você sabe, nosso acasalamento será aqui amanhã. E, por último, os julgamentos são realizados aqui.

—Cal. — Ela chamou.

—Hum? —Ele murmurou, a mão na maçaneta da porta, sua mente sobre o que estava prestes a acontecer.

—Meu lindo lobo, por favor, olhe para mim. — Ela pediu suavemente, sua ternura deslizou através dele como a seda, ele virou o corpo e os olhos dele foram para os dela.

Em seguida, seu estômago se apertou com a expressão suave em seu rosto, uma expressão cheia de amor e compreensão.

Ela inclinou-se e colocou a mão contra o lado de sua cabeça, passando o dedo ao longo de sua sobrancelha, sua bochecha e sobre seu lábio inferior, enquanto seus lindos olhos verdes o olhavam.

Tudo bem, então talvez ela o apoiasse, apenas, como sempre, à sua maneira.

O olhar dela moveu-se por ele.

—Não fui uma boa Rainha esta manhã. — Ela admitiu tranquilamente.

—Pequena... — Callum começou inclinando-se para ela, mas ela se inclinou mais para ele e pressionou o dedo contra seus lábios.

—Posso terminar? —Ela perguntou e ele manteve os olhos nos dela, mas concordou.

Ela puxou uma respiração suave, em seguida, sussurrou.

—A tradição é uma coisa bonita.

Callum sentiu sua mandíbula endurecer, mas não disse nada.

Ela continuou.

—Mas, meu lobo, compaixão é muitas vezes confundida com fraqueza, quando o fato é que, há muito pouco que é mais

poderoso do que a coragem que é preciso ter. A única coisa que eu sei que é ainda mais poderosa é a coragem que leva para forjar seu próprio caminho, fazer sua própria marca e ao fazê-lo, ter uma mudança. Líderes que seguem nunca são lembrados, porque eles não são realmente os líderes. Líderes que são pioneiros, que levam seu povo a melhores horizontes, que fazem isso com força, sabedoria e compaixão, são reverenciados. Você deve fazer o que precisa como Rei de seu povo e como meu companheiro. Mas o motivo para você achar tão difícil mostrar misericórdia é porque é difícil ser misericordioso. — Ela inclinou-se mais perto e a voz dela ficou mais suave, mais baixa e mais doce, enquanto os olhos dela seguravam os dele. —E a última coisa que eu sei, é que o meu lindo lobo é homem lobo mais forte que existe e não apenas porque ele é um grande guerreiro. Eu o vi escrever carta após carta para as famílias daqueles que caíram, então eu sei que é, também, porque ele é compassivo. Ele pode fazer qualquer coisa e pode fazê-lo não apenas com suas garras e dentes.

Depois disso, ela inclinou-se, tirou o dedo para que ela pudesse tocar seus lábios nos dele, em seguida, ela sentou-se no lugar dela, seus olhos nele, seu sorriso leve e delicado e esperou por ele sair da caminhonete e abrir a porta para ela.

Callum prendeu outra vez a respiração enquanto suas palavras se fixavam em sua mente, suas entranhas e em seu coração.

Em seguida, ele se virou para a porta do seu lado, seus lábios tremendo porque sua pequena Rainha demonstrou mais uma vez dentre uma miríade de maneiras que ela era absolutamente perfeita.

Ela provou isso ainda mais quando ele a ajudou a sair do carro e andou silenciosamente ao seu lado, os ombros retos, cabeça erguida, levantando seu queixo e dando um pequeno sorriso para Ryon, Calder e Caleb que estavam do lado de fora da porta, esperando por eles. Ela estendeu sua mão rapidamente conforme ele a colocava ao lado de seu peito, mantendo-a perto enquanto caminhavam através das portas que Calder e Caleb abriram e entraram no Lodge.

Metade de sua guarda estava alinhada na parte de dentro. Eles começaram a caminhar na frente de Callum e Sonia, Ry, Calder e Caleb vindo atrás e Callum levou sua companheira para o tablado.

Olhando em volta, ele viu que estava certo. O Lodge estava quase cheio e havia um baixo ruído de conversa. Quando sua guarda se moveu e tornou-se claro que o Rei e a Rainha estavam presentes, o barulho se aquietou e Callum puxou sua companheira mais perto para oferecer-lhe tranquilidade enquanto sentia milhares de olhos moverem-se para eles.

Ela apertou a mão dele e saiu ao seu lado, seus corpos se roçaram quando ele a guiou para subir os degraus. Como por costume, aqueles em seus assentos mantiveram-se, porque não

havia espaço suficiente para ficar de joelhos na arquibancada, mas o acusado e os soldados ao pé do tablado ajoelharam-se e se curvaram de forma cerimonial suas cabeças.

Callum se sentou no trono. Sonia sentou-se de livre vontade no colo dele, seu rosto, cuidadosamente em branco, virou-se para os homens na frente deles.

Callum esperou até Ryon, Calder e Caleb se situarem à esquerda e à direita do seu trono e sua guarda se alinhar nos degraus do tablado antes de ordenar em voz alta e profunda.

— Todos, menos os acusados, levantem-se.

Os soldados se levantaram, Titium e seus homens continuaram com um dos joelhos no chão e suas cabeças se curvaram.

— Titium, você e seus homens continuem de joelhos, mas olhem para mim. — Callum ordenou, a voz dele ecoando no espaço silencioso, amplificada pela ajuda dos microfones, situados no tablado.

Ele observou enquanto Titium e seus homens levantaram a mão do campo e olharam para ele, de joelhos.

— Para fins oficiais. — Continuou Callum, abaixando a cabeça para uma pequena mesa ao lado, onde uma loba estava sentada, os dedos dela movendo-se no teclado de um laptop para relatar o processo. — Mesmo que o que você fez tenha se espalhado, eu devo proclamar as acusações.

Titium concordou e Callum desviou os olhos do guerreiro para olhar entre os lobos que estavam presentes, sentados nas arquibancadas e assistindo avidamente.

Então ele anunciou.

— Devo lembrar meus irmãos e irmãs que minha companhia é humana e os procedimentos de hoje não são uma celebração. Os homens que estão sendo acusados são guerreiros que tiveram tudo e ao longo dos anos eu os lembrarei de que vocês, muito recentemente, colocaram suas vidas em perigo para ficar bravamente contra aqueles que se rebelaram. Ficarei descontente se mostrarem a eles menos do que o respeito que merecem. Em outras palavras, durante todo o processo e até sua Rainha e eu sairmos, espero silêncio.

Um breve murmúrio varreu a multidão antes de Callum ter o que ordenou.

Os olhos dele foram para Titium e ele começou.

—São acusados de traição, guerreiros. Por seus homens estarem com você quando me desafiou, enfrentam a mesma carga. Você realizou este desafio e ao fazê-lo, feriu sua Rainha. Lembro-vos que isto foi testemunhado por um príncipe, um Duque, a Rainha viúva e muitos da minha guarda pessoal. Agora irei ouvi-lo como pediu, bem como os apelos de seus lobos.

—Falo por mim e meus lobos, vossa majestade. — Titium respondeu, sua voz soando alto e forte e Callum novamente foi

lembrado do quão repugnante esse dever era. Titium foi um mau pai, mas ele era um excelente guerreiro, leal a Mac, leal a todos os lobos, forte, corajoso, confiante e, até recentemente, nobre.

—E qual o seu apelo? — Callum perguntou, sentindo Sonia ficar tensa contra ele, quando ele mesmo enrijeceu.

—Nos declaramos culpados, vossa majestade. — Titium anunciou de cabeça erguida, tendo orgulho perante as terríveis consequências que ele sabia que iriam acontecer não apenas com ele, mas com seus homens depois de dar este fundamento.

Mais um murmúrio varreu a multidão antes dos olhos de Callum cortarem para eles e os silenciassem.

Ele olhou novamente para Titium e abriu a boca, seu estômago revirou e seu peito ardeu. Então ele fechou a boca.

Seu olhar se moveu para os lobos ajoelhados atrás de Titium. Ele reconheceu apenas um. Ele era um lobo que lutou ao seu lado embora Callum não conseguisse lembrar o nome dele. Era jovem. Precisava de treinamento com os dentes, mas era excelente com suas garras. Callum não lembrou o nome dele, mas lembrou-se que ele não encontrou sua companheira, não naquela época, sessenta anos atrás. Ele não tinha assim, começado uma família e se o fez, seus filhos ainda seriam, a maioria, filhotes, sua vida com sua companheira mal começando.

Após o veredicto, ele não teria nenhuma chance de ser pai para seus filhos, se ele os tivessem e sua companheira, então, certamente estavam no estádio, de frente para a decisão de Callum.

Seu estômago revirou acentuadamente, o ardor em seu peito abrasando através dele, respirou fundo, olhou para Titium e as palavras de Sonia se moveram em sua cabeça.

O que tiver de fazer, faça à sua maneira, porque você é o Rei.

Sim e eu acredito que uma vez foi também uma maneira do meu povo tratar doenças usando sanguessugas, mas encontraram outra maneira que funciona muito melhor então, agora eles não o fazem.

Líderes que são pioneiros, que levam seu povo a melhores horizontes, que fazem isso com força, sabedoria e compaixão, são reverenciados.

Callum encarou os lobos na frente dele.

O que tiver que fazer, faça à sua maneira, porque você é o Rei.

Você é o Rei.

Ele era Rei.

—Levante-se, Titium. — Callum ordenou e observou o corpo de Titium estremecer de surpresa e ignorou o murmúrio atordoado que varreu a multidão.

Titium levantou-se, mas o fez sem tirar os olhos de Callum.

—Seu amor por sua filha é honrado, sua lealdade para com ela também e a lealdade dos seus lobos para com você é o mesmo. — Callum anunciou, ignorando Calder, murmurando. —Maldição do caralho. — Ao seu lado.

—Dito isto. — Callum continuou. —Tudo isto foi um erro, você agiu e o resultado poderia ter sido desastroso.

Os olhos de Titium deslocaram para Sonia, suas feições cheias de remorso e ele abaixou a cabeça.

Um guerreiro orgulhoso estava na frente de seu Rei e Rainha, cheio de remorso, rapidamente assumindo a responsabilidade por suas ações, admitindo sua culpa, falando por seus lobos, curvando a cabeça na derrota, aguardando julgamento.

Você é o Rei.

Callum continuou falando e Titium olhou para ele.

—No entanto, minha Rainha tem sérias preocupações por você, seus lobos e até mesmo sua filha, independentemente de suas ações e da dor que causaram a ela. — Ele viu os lábios de Titium se separarem em estado de choque, como sentiu Sonia ficar rígida no colo dele, mas ele continuou. —Ela teve minha atenção sobre este assunto e deseja mostrar misericórdia. Acho que isso é difícil; suas garras tiraram sangue de minha companheira. Mas se ela é capaz de perdoá-los pelos danos que

infligiram a ela, então posso mostrar misericórdia por suas ações que foram, de fato, traição, mas, acredito que se tivéssemos dado tempo para que o nosso lado racional prevalecesse, teria tido um resultado diferente.

Titium piscou para ele enquanto seus lobos viravam a cabeça para frente e para trás, olhando uns para os outros e o murmúrio da multidão aumentava antes de silenciarem quando Callum continuou falando.

—Portanto, eu o tirarei do seu governo da Europa e o comando dos exércitos europeus. Condeno-o a cuidar de sua filha isolada, até que ela seja trazida ao seu juízo perfeito. Se isso ocorrer, o que é duvidoso, você ficará ao lado dela quando ela for liberada do isolamento e enquanto ela procurar por seu companheiro. Somente após o acasalamento você será livre para retomar sua vida, mas não vai, nunca, enquanto eu governar, exercer cargos ou comandar homens. Seus lobos não serão elegíveis para cargos ou assumirão um comando por cem anos. Terão, antes de voltar para casa, de renunciar a lealdade a você e declará-la a mim. Você, Titium, pessoalmente pagará uma multa de um milhão de dólares para Canis que serão apresentados ao nosso fundo de guerra. Seus lobos, cada um pagará uma multa de cinquenta mil dólares para a mesma finalidade.

Enquanto um murmúrio mais alto atravessava a multidão e Callum observava os ombros dos lobos na frente dele caírem

com alívio, um deles até mesmo curvou sua cabeça e cobriu o rosto com a mão, enquanto as lobas sentadas ao redor, as companheiras e as mães dos homens diante dele começaram a chorar, Callum continuou falando.

—Se qualquer um de vocês novamente se rebelar contra Canis, não haverá nenhum julgamento. Será executado imediatamente e queimado em uma pira e a família não terá permissão para assistir. Suas cinzas serão dispersas sem cerimônia, uma desonra que nem mesmo os traidores recebem.

Callum observou Titium engolir, seu rosto ficou vermelho com emoção, olhando de um lado para o outro entre Callum e Sonia, ao mesmo tempo em que ouviu a respiração de Sonia aumentar, seu peito subindo e descendo rapidamente, a bunda dela se contorcendo em seu colo.

—Tem algo a dizer? — Callum perguntou a Titium.

—Eu... — Titium limpou a garganta, em seguida, perguntou em descrença. —Mostrará misericórdia?

—Você não ouviu? — Callum impaciente respondeu com outra pergunta.

—Mas... — Titium começou.

Callum sentiu suas sobrancelhas levantarem-se.

—Você prefere a execução? —Ele perguntou e risadinhas atravessaram a multidão enquanto os homens em frente a ele ficaram tensos.

—Não! — Titium disse em voz alta e rapidamente, balançando a cabeça. —Não, não eu.... —Os olhos dele foram para Sonia. —Minha Rainha...

Callum de repente inclinou-se, levando Sonia com ele e rosnou. —Minha esposa teve minha atenção guerreiro e ela falou por você, mas você se dirige a mim.

Titium olhou rapidamente para Callum, enquadrando seus ombros, respirou visivelmente fundo e anunciou. —Eu apenas queria agradecer-lhe por sua misericórdia e oferecer-lhe as minhas desculpas pela dor que lhe infligi, vossa majestade. Você está certo. Meu comportamento foi leal, mas equivocado e tenho, nessas últimas semanas, pensado muito e de forma angustiante sobre a dor que causei a nossa pequena Rainha, que não estava fazendo nada, além de tentar me salvar de mim mesmo e causei essa dor por agir precipitadamente e com raiva. Nunca, nunca, vossa majestade, esquecerei dela deitada sobre os degraus de Canis, abatida por minhas garras e meu orgulho. Uma fêmea humana que tentou persuadir-me a ver a razão e que se moveu em defesa de seu companheiro.

Ele balançou a cabeça como se ainda não acreditasse no que ele testemunhou ali ou no caso anterior, então continuou.

—Para mim, minha companheira e meus lobos, eu... Não há palavras para dizer o quanto... O quanto o perdão de nossa Rainha e seus meios de misericórdia significam. Minha companheira iria... — Ele engoliu, em seguida, continuou. —

Minha filha, meus filhos, as famílias dos meus lobos. — Ele olhou para Sonia, em seguida, às pressas para Callum. —Você e ela salvaram séculos, milênios de dor. Ela... ambos salvaram nossos entes queridos que... — Balançou cabeça, engoliu novamente e terminou, sua voz rouca. —Sinto muito, não tenho palavras.

—Se você não tem palavras, Titium, então sugiro que aceite a misericórdia e o meu julgamento para que minha Rainha e eu possamos ir para casa. Temos coisas importantes para fazer amanhã. — Callum sugeriu e outra risada atravessou a multidão.

—Eu aceito sua misericórdia e julgamento, vossa majestade, para mim e meus lobos e eu agradeço em nome de minha família, meus lobos, suas famílias. — Titium proclamou em voz alta.

—Bom, então nós terminamos. — Callum murmurou, ignorando a risadinha aliviada que Sonia mal conteve, as risadas que Ryon e Caleb não tentaram suprimir e levando Sonia com ele e a colocando de pé. Ele virou-se para a loba no seu laptop. —Isto conclui as atividades de hoje. — Ele olhou para Ryon. — Veja o acordo das sentenças e multas. — Ryon, sorrindo como um idiota, ergueu o queixo. Callum olhou para a multidão e gritou. —Amanhã, nos veremos aqui em melhores circunstâncias.

Houve um momento de silêncio antes que aplausos ecoassem alto e ensurdecedor, atingindo Callum e sua Rainha com uma onda de som e Callum teve que esconder sua surpresa pois eles não estavam apenas vibrando pelas festividades de amanhã. Eles estavam aplaudindo a decisão dele.

Ele não estava inteiramente chocado por eles aceitarem seu veredicto. Ele era o Rei, não tiveram escolha.

Foi apenas uma surpresa eles fazerem isto tão prontamente e, aparentemente, tão profundamente.

Então, novamente, muitos deles encontraram seus companheiros, portanto, muitos deles tiveram seus companheiros sussurrando em seus ouvidos. Era provável que eles não estivessem envergonhados pelas mudanças que Callum demonstrou naquele dia, sabendo que um ser humano como Sonia sussurrou em seu ouvido. Ou, nem tanto sussurrou, mas ela encontrou sua maneira para fazê-lo ver o seu ponto de vista e ele, finalmente, aprendeu a ouvir.

Ele colocou a mão na cintura de Sonia, puxando-a para perto e conseguiu tirá-los daquela porra.

Eles estavam no carro, descendo a estrada sinuosa, cercada por floresta e Sonia estava surpreendentemente silenciosa.

Então ela disse.

—Callum? — Ela chamou.

Ele se preparou, querendo saber se o que ela diria iria irritá-lo ou fazê-lo querer beijá-la.

—O que, pequena? —Ele perguntou em um suspiro, sabendo que, de qualquer forma, era melhor acabar logo com isso.

—Você sabe que eu o amo, certo?

Isso o fez querer beijá-la.

—Você sabe que eu a amo? —Ele respondeu, em seguida, ele a ouviu se mexer, antes que sentisse seus lábios contra seu pescoço e os dedos dela se curvarem ao redor de sua coxa.

—Sim. — Ela sussurrou, sua voz era gutural. Ela se moveu novamente, forçando-se contra o seu cinto de segurança para deslizar o nariz ao longo de seu pescoço, antes de esconder o rosto ali. A voz dela era baixa e rouca com sentimento, quando ela continuou. —Sim, Cal, eu sei que me ama. Hoje, eu também descobri o quanto.

Ele realmente a amava.

A amava muito.

Absolutamente.

—Bom. — Ele murmurou, sua voz estava rouca.

—Sim. — Ela ainda estava sussurrando. —É bom. Muito bom. — Ela soltou um suspiro trêmulo que ele não somente ouviu, mas sentiu contra sua pele antes que ela terminasse. — Perfeito.

Ela estava certa.

Muito bom.

De diversas maneiras.



Ele tinha sua bela e pequena companheira pressionada contra ele, de costas para ele sobre a pele que cobria o sofá quando o filme terminou e Sonia deslocou-se para alcançar o controle remoto. Ela desligou, jogou na mesa e no minuto em que ele caiu, Callum a puxou debaixo dele e rolou sobre ela.

Ela olhou para ele, com um leve sorriso, os olhos dela foram para sua boca e ficaram cheios de desejo, algo que, como sempre, ele sentiu em sua virilha.

Mas, infelizmente, precisou ignorá-lo para dizer.

—Hora para eu encontrar minha cama e você, a sua.

Ela piscou e moveu o olhar para ele.

—O que?

—Eu acredito e me corrija se eu estiver errado, sobre o que destacarei, espero que eu esteja certo, é a tradição entre os humanos que a noiva não veja o noivo antes do casamento. — Ele disse a ela e sua boca se abriu.

Ela fechou e repetiu um agora ofegante.

—O que?

—Estou errado? —Ele perguntou esperançosamente e ela piscou novamente.

—Uh... não, você não está. — Ela sussurrou. — Mas...

Ele interrompeu abaixando a cabeça para tocar seus lábios antes de se levantar e concluir.

—Então irei encontrar minha cama e verei você no casamento.

—Está falando sério? —Ela perguntou baixinho.

—Infelizmente sim e depois de amanhã, irei pedir que me explique por que os humanos fazem algo tão estúpido assim. — Ele respondeu e sua boca contorceu-se.

—Supostamente é para dar sorte. —Ela explicou.

—Estúpido. — Callum retrucou, depois alterou. —Muito estúpido.

Seus lábios se curvaram em um sorriso e seus braços se curvaram ao redor dele.

—Você irá me deixar dormir sozinha para me presentear com uma tradição humana?

—Sim. — Respondeu ele, mas nem sequer tentou suprimir a relutância em sua voz.

—Você irá me deixar dormir sozinha pela primeira vez, fora as noites que se ausentou por causa da guerra, é claro, desde que o conheci, para me dar uma das tradições do meu povo.

Foi uma declaração e uma repetição, mas Callum considerou como uma pergunta e repetiu.

—Sim.

Sua mão deslizou pelas costas, pescoço e enquadrou o lado de sua cabeça quando seu polegar saiu para acariciar a maçã do rosto, mas seus olhos nunca deixaram os dele e pensou que se ela não parasse de segurá-lo e tocá-lo, iria retirar sua oferta.

Antes dele ter a chance de avisá-la sobre esta eventualidade, ela falou.

—Se você encontrar sua própria cama, Callum, irei para ela. Eu era sua companheira antes de eu nascer. Sou sua mulher há meses. Significa o mundo que faça algo assim por mim e eu o amo por estar disposto a fazê-lo. Assim como o amo por ter feito o que fez hoje não apenas por Titium, seus lobos, suas famílias, mas também provando que me ouve e se importa com o que eu digo. Assim como eu o amo por aguentar o mau humor de Calder e sua ávidas palavras e as provocações de Caleb e Ryon por fazer exatamente isso. Assim como eu o amo por um milhão de outras coisas que não tenho tempo para enumerar porque estou cansada e quero que você faça amor comigo e durma ao meu lado para que eu possa acordar amanhã revigorada, então não estarei uma bagunça quando estiver ao seu lado na frente de milhares de lobos durante o acasalamento. Mas estávamos destinados a deitarmos um do

lado do outro desde antes de sermos células em um útero. Portanto, não vou dormir sem meu lobo. Em outras palavras, se você encontrar outra cama, também irá me encontrar nela.

Callum olhou para sua esposa por meio segundo antes de rosnar, então, ele rosnou na garganta dela, porque estava beijando-a.

Em seguida afastou-se, ficou de pé, levantou sua esposa em seus braços e carregou-a para cama pensando, porra.

Se fosse verdade, este disparate humano de má sorte, que assim fosse.

Eles já tiveram a má sorte. A pior que havia.

E ele não iria perder um momento de Sonia, por isso não tinha nada a perder.

Ela o queria.

Ela o tinha.

Como sempre.

Como sempre seria.

Até aquele temido dia em que ela já não estivesse lá.



Capítulo

23

O acasalamento

—Hum... não acha que é um pouco demais, Mara? —
Sonia perguntou hesitante, enquanto Maraleena ia para trás dela, segurando um espelho para o cabelo de Sonia enquanto ela olhava por outro à sua frente, apreciando o complicado, mas artísticos e encantadores cachos que Mara fixou em um espesso e largo coque em sua nuca.

—Não, Sonny! Absolutamente não! Hoje é um grande dia e haverá fotos sua e de Cal em todos os jornais de lobos do mundo. Tem que estar perfeito!

As borboletas no estômago de Sonia, já fora de controle, entraram em sobrecarga.

Ela encontrou um bonito, mas simples vestido marfim online e ele foi entregue. Era definitivamente além do que Mara e Callie descreveram que uma loba usaria no seu acasalamento,

mas muito aquém do que qualquer noiva humana que se preze — a menos que ela fosse uma hippie ou apenas não estava tão a fim de vestir-se — usaria. Sonia achou ser um meio termo, embora ela tivesse que admitir, mesmo que apenas para si mesma, que teria preferido a pompa e circunstância. Um vestido incrustado com rendas e pérolas, o cabelo dela, tal como estava, sapatos fabulosos e todos os enfeites de um casamento.

Na verdade, um casamento real.

Ela era a Rainha e este foi um percurso atribulado, seria bom se tivesse algo incrível para lembrá-la quão glorioso foi e sempre seria.

Até que ela não estivesse mais ali.

Ela respirou fundo, escondendo o fato que estava fazendo isso e decidindo que era bom que não tivesse a pompa e circunstância.

Seria sempre uma lembrança feliz para ela.

Para Callum, quando ela tivesse partido, seria doloroso.

Portanto isso era bom. Simples. Rápido. Em seguida, uma grande festa.

—Você está linda. — Regan sussurrou de perto e Sonia se virou para o lado para ver sua sogra ali de pé, as lágrimas brilhando em seus olhos que fizeram sucesso em deixar úmidos os olhos de Sonia. — Ou, mais linda do que você costuma ser. —Ela corrigiu.

—Obrigada, Regan. — Sonia sussurrou de volta.

—Lassiter e Cherise. — Ela respirou fundo, Sonia fez o mesmo e Regan continuou, a voz dela estava rouca. —Eles se orgulhariam.

—Obrigada. — Sonia disse suavemente, abaixando o espelho para o colo dela.

Regan, estendeu a mão e tirou-o da mão dela e depois o colocou de lado, empurrou a mão no bolso de sua elegante calça e tirou algo que brilhava, mas Sonia não pode vê-lo. Regan pegou a mão de Sonia e puxou-a para ela, levantando o dedo mindinho de Sonia, ela deslizou um fino anel de ouro, parecendo antigo, com um pequeno diamante amarelo no seu dedo.

Sonia olhou para o anel e seus olhos assustados foram para Regan quando ela declarou.

—A mãe de sua mãe deu isso a ela quando era uma garota. Sua mãe o entregou a mim para guardar e dar a você hoje.

Sonia puxou uma respiração chocada, dolorosa e alegre, enquanto apertava forte a mão de Regan e lágrimas inundavam seus olhos.

—Ah Sonny! — Mara gritou. — A maquiagem!

—Deixe-a chorar. — Sonia ouviu Callie dizer baixinho. — Nós iremos corrigi-la.

—Eu... — Sonia começou.

—Não diga nada. — Regan a interrompeu, em seguida, terminou em um sussurro. —Eu sei. O que você precisa saber é que Cherise e Lassiter sabiam que você os amava tanto quanto eles a amavam.

Com seus lábios trêmulos ela não conseguiu mais segurar e Sonia chorou quando Regan puxou-a em seus braços e a abraçou.

—Pegarei a maquiagem novamente. — Mara murmurou por trás delas, enquanto Sonia a abraçava apertado.

E ela continuou fazendo isso por muito tempo.

Regan retornou o favor.



Sonia se olhou no espelho de corpo inteiro que levaram para ela no quarto de Callum.

O cabelo não estava certo e a maquiagem, fixada novamente depois de chorar nos braços de Regan, também era demais para o vestido dela.

Demais.

Muito, muito, muito, muito.

Os olhos dela voaram para o relógio na mesa de cabeceira de Callum. Eles tinham trinta minutos até que ela tivesse que

estar no SUV com Gregor e Regan que iriam levá-la para encontrar Callum no Lodge.

—Hum... talvez devêssemos... — Ela começou, mas parou porque ela o ouviu e cheirou.

Ela também ouviu e cheirou outra coisa, o cheiro familiar fez seu coração começar a bater forte quando ela se virou e olhou para a porta.

Segundos depois, Callum, tão bonito que feria os olhos, usando um bem cortado, maravilhosamente ajustado smoking, entrou carregando um enorme saco de roupa branco sobre o antebraço.

Sonia parou de respirar, mesmo com sua boca aberta.

Callum olhou para ela da cabeça aos pés e depois olhou em seus olhos, sorriu seu sorriso sensual e declarou.

—Pequena, isto é bonito, mas não vai servir.

Ele então virou-se para a cama, jogou o saco de roupa nela e saiu do quarto, Kerry e Mabel passaram por ele enquanto saía.

Sonia começou a respirar, mas, apenas para perder o fôlego.

—Oh meu Deus! Dá para acreditar neste lugar? — Kerry gritou, correndo para Sonia e jogando seus braços ao redor dela.

Como de costume, para não ficar atrás, Mabel gritou. — A Escócia é impressionante e Callum McDonagh é mesmo incrível! — Sonia sentiu o corpo de Mabel se chocar contra ela e os braços de Kerry, então elas se moveram para acolhê-la em seu abraço.

—Eu não posso chorar, não posso chorar. Já fiz minha maquiagem duas vezes. — Sonia disse, abraçando apertado.

Kerry se afastou, segurou-a com um braço e levantou a outra mão em frente ao rosto de Sonia e enquanto Mabel seguia seu exemplo, Kerry ordenou.

—Não chore. Não temos tempo. Temos que a vestir e depois temos que nos vestir também.

—Sim, querida, temos que a vestir. — Regan proclamou mais atrás, Sonia olhou para ela e perdeu o fôlego novamente pois Regan estava segurando um vestido de casamento lindamente incrustado com rendas e pérolas, e de pé ao lado dela estava Callie, segurando um fabuloso sofisticado e elegante par de sapatos chanel com salto stiletto, bico fino, marfim e com pérolas incrustadas.

Sapatos de Cinderela. Absolutamente.

—Oh bom Deus. — Sonia sussurrou.

—Callum pensou que talvez quisesse algo especial, então mandou-me fazer compras. — Regan informou.

—Oh bom Deus. — Sonia repetiu em um sussurro e como ela conseguiu isso com a garganta fechada foi um milagre.

—Ela pediu nossas opiniões e todos nós concordamos. — Anunciou Mabel.

—Assim como eu. — Sonia ouviu dizer da porta, seus olhos saíram do lindo vestido de casamento e dos fabulosos sapatos para a porta e ela viu Leah, ali de pé.

Leah disse que ela e Lucien estavam ocupados, não poderiam ir para o acasalamento, mas, eles viriam visitá-los assim que possível.

Ela mentiu.

—Oh bom Deus. — Sonia gemeu, imediatamente antes de explodir em lágrimas.

Kerry e Mabel a abraçaram e apenas se afastaram quando Leah assumiu.

—Pegarei a maquiagem novamente. — Mara murmurou em um suspiro.

Sonia começou a rir, mas o fez através de lágrimas.

De felicidade.



Sonia sentou-se entre Regan e Gregor no Rolls Royce, o carro fabuloso, outra surpresa, a caminho para o Lodge.

Leah, Kerry, Mabel, Mara e Callie colocaram seus lindos, mas secretos, vestido de damas de honra jade escuro depois de terem ajudado Sonia a se vestir. Regan vestiu seu elegante vestido amarelo claro de “mãe do noivo”. Antes de Gregor a ter ajudado a entrar no Rolls, Regan entregou-lhe um enorme e deslumbrante buquê de lírios misturados com tufos fofos de lírios do vale que não apenas pareciam majestosos, como simplesmente deslumbrantes e tinha um cheiro divino.

O vestido dela, surpreendentemente, caiu como uma luva, mas então novamente, Regan tinha há muito tempo tirado as suas medidas para um “suéter que vou tricotar para você, querida”.

— Sonia, na época, não pensou no porque Regan esticou a fita métrica do quadril até a sola de seus pés e em todos os outros lugares. Ela tinha muita coisa na cabeça e tricotar não era uma delas, o que ela sabia?

Agora sabia.

O vestido dela, assim como todos, Callum, sua mãe e Leah “ela achou” juntos, estava perfeito.

Elegante e opulento, mas de alguma forma simples, o vestido deslizou sobre seu corpo perfeitamente, a totalidade da seda marfim coberta por uma delicada renda marfim, incluindo uma cauda de um metro e meio que se arrastava atrás dela. Pérolas e contas opalescentes decorando o laço, mas não em abundância, simplesmente chamando a atenção e dando ao

vestido ainda mais personalidade. O decote era princesa, o vestido sem mangas, um corte gracioso, roçando seu corpo até os joelhos, em seguida, alargava-se levemente em uma elegante queda com um laço com a ponta ondulada, assim como a bainha e cauda.

Ela não poderia ter escolhido melhor.

Pérolas em gotas suspensas por diamantes, um presente de Regan, penduradas em suas orelhas.

Algo novo.

O anel de sua mãe que Regan deu a ela, no seu dedo mindinho.

Algo velho.

Um único fio de pérolas com um fecho de ouro e diamante, preso em seu pulso, emprestado a ela por Leah.

Algo emprestado.

Uma liga de cetim azul debruada com uma intrincada renda circulava sua coxa, dada a ela por Kerry e Mabel.

Algo azul.

Sua corrente de reivindicação pendurada em seus quadris, dada a ela por Callum.

Algo do lobo.

Ela estava pronta para o casamento e parecia exatamente uma mulher prestes a se casar com um Rei.

Mas estava se sentindo estranha, como esteve há semanas. Estranha, como “jet-lag”, não sozinho, mas ultimamente, era acompanhado por ondas de calor, a pele de todo o seu corpo esquentando às vezes por segundos, às vezes minutos antes de esfriar.

Ela levantou o buquê até o rosto dela, respirou e depois expirou, mas não ajudou.

Nada, que ela encontrou, ajudou.

—Está tudo bem, Sonny? — Murmurou Gregor e Sonia olhou para o vampiro.

—Sim, estou ótima, Gregor. — Ela disse-lhe e o canto de seus lábios se curvaram para baixo, mas os olhos dele moveram-se sobre o rosto dela.

—Você está um pouco ruborizada, minha querida. — Ele observou e ela ergueu uma mão para abanar o rosto.

—Apenas... me sentindo estranha. Provavelmente estresse. Isso vem acontecendo há um tempo. Eu suspeito que, depois que isto acabar, vai parar. — Ela disse a ele e estava tão concentrada no que estava por vir, que perdeu o olhar dele se mover rapidamente para Regan antes de voltar para ela.

—Sonny, querida, você e Callum estão, hum... — Regan parou e Sonia virou a cabeça para sua sogra.

—Estamos...? — Ela perguntou.

—Uh, planejando ter filhotes em breve? — Regan terminou e Sonia sorriu.

—Não, estou tomando... — Ela parou abruptamente em um suspiro, inclinou-se para Regan e perguntou em pânico. — Pilulas anticoncepcionais humanas funcionam com homens lobos?

Regan deu um sorriso gentil, estendeu a mão e deu a mão de Sonia um aperto antes dela responder.

—Sim, Sonny. Geralmente um médico irá prescrever uma determinada marca como, obviamente, homens lobos têm, uh... alguns hormônios diferentes, mas é incomum para uma loba ou humana engravidar, se uma mulher está tomando qualquer tipo de contraceptivo oral.

Sonia recostou-se em seu assento e soltou um suspiro aliviado.

—Callum sabe que você está no controle de natalidade? — Regan perguntou e Sonia olhou para ela novamente.

—Eu, bem, acho que sim. Quer dizer, nós estivemos juntos por algum tempo. Não me lembro se eu já fiz isso na frente dele, mas ele nunca tocou no assunto, então presumi que soubesse que eu tinha tudo sob controle. Quero dizer, nós discutiríamos sobre ter, bem. —Ela sorriu. — Filhotes e decidiríamos juntos qual o melhor momento para começarmos uma família.

Algo que, na lua de mel

— Callum disse-lhe que teriam uma lua de mel, portanto, não foi uma surpresa — ela estaria trazendo à tona.

Para ela, quanto mais cedo melhor. Mara, Callie e Regan explicaram que o DNA lupino sempre prevalecia sobre humanos e qualquer prole criada em uma interação humano/lobo era lobo e, por conseguinte, imortal.

Callum teria séculos com seus filhos. Sonia, décadas.

Ela queria começar imediatamente.

—Eu acho querida, que você poderia discutir isso com ele o mais cedo possível. — Regan aconselhou tranquilamente e Sonia novamente sorriu para ela.

—Oh, irei. — Ela sussurrou, os olhos de Regan se iluminaram e se moveram para Gregor.

Sonia a seguiu e ela viu Gregor levemente balançando a cabeça e franzindo a testa.

—Uma espécie de vovô vampiro. — Ela murmurou sua provocação, deslizando contra ele e se acomodando, então ele levantou o braço e envolvê-lo ao redor dos seus ombros.

Ele olhou para ela e murmurou com desagrado.

—Vovô vampiro de lobos.

Sonia sorriu.

Gregor continuou franzindo a testa.

Sonia pressionou mais perto e continuou sorrindo.

Os olhos de Gregor foram para o rosto dela, seu rosto suavizou —e os olhos dele ficaram quentes.

—Vovô vampiro para as crianças da minha Sonia.

Sonia puxou o folego rápido e advertiu,

—Não me faça chorar, Gregor.

—Bem, Sonny. Então, respire profundamente ou faça o que os humanos fazem para suportar algo assim. — Ele avisou, então disse a ela. —Você está linda hoje. Você é linda sempre, mas hoje, você está esplendorosa. Eu a amo, minha querida, desde o momento que veio para mim, mesmo aquele momento sendo triste. E estou muito orgulhoso de você.

Ela respirou fundo, respirando pelo nariz e soltando por sua boca, enquanto olhava para ele.

Em seguida, ela sussurrou.

—Eu também o amo. Há muito tempo e farei isso para sempre.

Ele moveu a cabeça concordando, um músculo em seu rosto contorceu-se e virou a cabeça para olhar pela janela, mas o braço ao redor dela ficou apertado.

Regan agarrou a mão dela e segurou tão forte quanto.

Vinte minutos mais tarde, no braço de Gregor, Sonia recebeu toda a pompa e circunstância que uma mulher caminhando em direção a seu marido, o Rei, deveria ter.

Na sequência Calder e Caleb acompanharam sua mãe, em seguida, suas damas de honra percorreram toda a extensão do Lodge até o tablado onde Callum, Ryon, Drogan, Magnum, interligados por Calder e Caleb, estavam de pé, todos incrivelmente bonitos em smokings, Sonia observou que a totalidade do espaço não utilizado pelos lobos foi enfeitado com rosetas de seda marfim, bandeirinhas e muitos lírios, lírio do vale e rosas brancas, Callum deve ter comprado cada flor, não apenas na Escócia, mas em toda a Europa.

O edifício era tão grande e a procissão levou tanto tempo, que as mulheres percorreram o espaço com “Ode to Joy” de Beethoven, uma sinfonia completa e o coro atrás do tablado preenchia a bela acústica do espaço com algumas das mais extraordinárias notas sempre em uníssono.

E naquele dia, enquanto Sonia olhava em volta maravilhada e sorria para seu companheiro que lhe deu tudo isto, o nome da canção era mais do que apropriado.

Ela estava alegre.

Rodeada por amigos e família.

Pessoas que aceitavam quem ela era, exatamente quem ela era.

Pessoas que a amavam.

E apaixonada por um homem, bem, um lobo, que ela amava com tudo o que era, tudo o que estava destinada a ser.

Portanto, Sonia Arlington-McDonagh irradiava enquanto trompetes e violinos tocavam uma obra prima acompanhada por cem vozes, o ar encheu-se com o perfume de lírios e rosas, milhares de lobos se levantaram, seus olhos observando seu caminhar, seus rostos com sorrisos e ela, uma Rainha, caminhou até o companheiro que a mão benevolente do destino lhe deu, um homem com o qual ela sonhou a maior parte de sua vida, seu lindo lobo, um Rei.

E ela fez isso sem ter a menor ideia de que em trinta minutos, iria morrer.



Capítulo

24

Morte

Callum olhou para os brilhantes olhos verdes de Sonia enquanto ouvia suas palavras doces e guturais, de perto e transmitida a todos através de microfones, quando ela disse.

— Sim.

Ele sorriu.

Lágrimas encheram os olhos dela.

—Bem, uh... agora, lobo. — O oficial dos lobos ao lado deles murmurou e Callum desviou seu olhar de sua Rainha e olhou para o macho. —Callum. — Ele disse acenando com a cabeça em direção a Callum.

Callum acenou de volta e olhou novamente para sua noiva.

—É minha? —Ele perguntou, com sua voz rouca.

—Sim. — Ela sussurrou imediatamente, sua voz ainda rouca e os olhos dela ficaram ainda mais brilhantes.

Uma ensurdecadora salva de palmas atravessou a multidão.

O oficial se inclinou em direção a Sonia. Callum, segurando as mãos dela na sua a sentiu se aproximar e sua cabeça se virou levemente enquanto o macho sussurrava algo no ouvido dela. O sorriso de Callum aumentou enquanto ela piscava em estado de choque, virou a cabeça para olhar para ele, seus lábios se separaram, os olhos dela se aqueceram e ela falou.

—É meu? —Ela perguntou, esta era uma nova nuance de acasalamento, algo que ele incorporou apenas naquela manhã.

Ele era Rei.

Ele podia fazer qualquer coisa que quisesse.

E ele queria dar a ela o que ela deu a ele.

—Sim. — Ele respondeu com uma voz forte, carregada e outra ensurdecadora salva de palmas explodiu no espaço.

Sonia sorriu, suas mãos apertando as dele. Seu sorriso era incerto, mas, mesmo assim, era lindo.

Callum soltou as mãos dela, mas apenas para colocá-la no bolso da sua calça e tirar o que estava lá.

Um pingente de ouro para sua corrente de reivindicação, outro lobo, mas com olhos dourados para combinar com a

aliança que ele adicionou as que ele já deu a ela mais cedo. Ele abriu o fecho com a unha de seu polegar e fechou na sua corrente de reivindicação.

Quando seus olhos capturaram os de sua mulher e suas mãos novamente seguraram as dela, pode ver que, mesmo que a cabeça dela estivesse inclinada para baixo olhando para seu novo pingente, ela mordida o lábio.

Ela levantou os olhos para os dele e estavam ainda radiantes, mas mais brilhantes, luminescentes.

Feliz.

Ele sorriu.

—É um prazer pronunciar, Rei Callum e você Rainha Sonia, marido e mulher e, er, lobo e companheira! —Declarou o oficial e ambos, Callum e Sonia se entreolharam para verem que estavam sorrindo amplamente. —Sempre quis dizer isso. — Ele continuou, em seguida, terminou. —Pode beijar a noiva!

Finalmente, Callum pensou, a parte boa desta cerimônia humana.

Ele se virou para sua noiva e sorriu, o que ele não sabia era que era um sorriso de lobo, os olhos molhados dela, foram para a boca dele e ele a ouviu suspirar trêmula.

Então ele inclinou a cabeça, apertando sua mão na dela e beijou sua noiva.

Outro rugido explodiu através da multidão.

Mesmo tendo ouvido isso, ele provou Sonia com sua língua, cheirou seu perfume com suas narinas, sentiu a mão dela agarrar a lapela de seu smoking.

Ele rompeu o beijo para olhá-la e viu que ela estava, de repente ruborizada, os olhos vagos.

—Pequena? —Ele murmurou baixo então os microfones não pegariam.

—Estou bem. — Ela sussurrou. —Muito bem. — Ela declarou tranquilamente, mas puxou sua outra mão da dele e apertou-a na testa enquanto os dedos em sua lapela se agarravam com mais força e ela inclinava o corpo contra o dele.

—Sonia. — Callum chamou quando os olhos dela se desviaram para o peito dele.

Ele levantou uma mão até a mandíbula dela e seu estômago girou quando sentiu o quanto a pele dela estava quente. Ele a levantou delicadamente, forçando os seus olhos nos dele e estavam além de vagos.

Eles estavam aflitos.

—Pequena. — Ele murmurou, aproximando a cabeça.

—Certo. — Ela disse suavemente. —Eu acho que talvez não esteja bem.

No instante em que ela parou de falar, as pernas dela cederam e isso foi uma surpresa, ela quase caiu no tablado, antes de Callum pegá-la em seus braços.

A multidão parou de rugir enquanto um silêncio preencheu o espaço.

Callum nem percebeu porque, mesmo através da renda e seda de seu vestido, ele podia sentir que o corpo de sua mulher estava em chamas.

Quando ele a levantou e a embalou em seus braços, os olhos dele foram para sua mãe, com o rosto pálido sentada na primeira fila e ele gritou.

—Regan! —Rapidamente, com passos largos, dirigiu-se para o lado do tablado, desceu os degraus e deu a volta por trás, sob as arquibancadas e a um curto corredor onde haviam salas de conferência, gabinetes e vestiários.

Ele a levou para um gabinete, deitou-a no sofá, sentou-se na extremidade e pegou a sua mão.

Os olhos dela se abriram.

—Cal, tire o vestido de mim. — Ela implorou com uma voz aflita.

—Agente pequena. Regan tem uma injeção. — Ele falou, segurando a sua mão com força, enquanto ela começava a se mexer no sofá.

—Eu preciso deste vestido fora de mim. — Ela repetiu, segurando a mão dele e começando a se mexer agitada.

—Um momento, querida. — Ele disse a ela e cheirou Regan, antes de vê-la correndo com Gregor em seus

calcanhares, Yuri não muito atrás e atrás dele, Caleb, Ryon, Calder, as damas de honra de Sonia e Lucien.

—Um guarda na porta, Ry. — Ele ordenou, seus olhos, em seguida, moveram-se para sua mãe. —Injeção.

Ela já estava procurando na bolsa enquanto corria em direção a eles.

—Cal. — A mão de Sonia se apoderou da dele em um aperto de morte. —Por favor, querido, por favor, tire este vestido de mim. Estou queimando.

—A injeção está vindo. — Callum assegurou-lhe.

—Sonny, minha querida, você esqueceu a sua injeção ontem à noite? — Gregor perguntou. Depois de ter se aproximado, agachando ao lado do sofá.

—Não. — Ela balançou a cabeça, com os olhos acalorados e confusos. — Cal aplicou como de costume.

Gregor olhou para Callum.

—Estresse? —Ele murmurou.

—Talvez. — Callum murmurou de volta, quando Regan entregou-lhe a seringa carregada.

—Consiga um pano frio, rápido. — Ele ouviu Yuri ordenar a alguém enquanto Callum olhava para sua companheira.

—Role para seu lado, pequena, vou injetar através de seu vestido. — Callum disse a ela e ela parou de se mexer agitada e rolou para o lado como ordenado.

Callum fez um rápido trabalho de injetar o medicamento.

Ele então cuidadosamente a puxou em seus braços.

—Dois minutos. — Ele sussurrou em seu ouvido. —Dois minutos, pequena, espere.

Ela se contorcia em seus braços, lutando contra ele enquanto ele contava regressivamente em seu ouvido.

Em um minuto e cinco segundos, suas costas se arquearam tão violentamente que ela quase saiu de seus braços, a cabeça dela voou para trás e ela gritou, um grito cheio de agonia.

O sangue de Callum gelou.

—Porra, que merda é essa? — Yuri disse de perto.

—Aqui está um pano frio. — Disse Leah, entregando-o a Gregor que imediatamente o pressionou à testa da Sonia.

Ele não o pressionou nem por um segundo antes dela pular novamente, soltando um grito primitivo que rasgou o espaço e diretamente o coração de Callum.

Sonia moveu-se com mais força, as mãos dela formando garras, rasgando o corpete do vestido dela enquanto gritava.

—Não está funcionando. Não está funcionando. Eu preciso tirar este vestido. Eu preciso tirar este vestido!

Callum girou a cabeça e seus olhos se fixaram em Calder.

—Encontre o lobo que foi treinado para ver isto. Arranje-me outra injeção. —Ordenou Callum.

Calder, também pálido, acenou com a cabeça e correu da sala.

As mãos de Sonia moveram-se de seu vestido para arranhar Callum.

—Cal! Tire esse vestido!

—Vamos trazer outra injeção. — Callum disse-lhe, tentando soar reconfortante, mas até ele podia ouvir a preocupação em sua voz.

—Vou chamar o médico. — Gregor explodiu, levantando-se, colocando a mão em seu casaco para puxar o celular.

—Faça alguma coisa, pelo amor de Deus. Mais panos frios. Gelo. Alguma coisa! — Yuri, gritou.

Callum tentou controlar a luta de Sonia.

—Calma, Sonia. Espere, pequena. Foi demais para você. Nós deveríamos ter planejado. O julgamento, o acasalamento. Nós deveríamos ter planejado.

Ela parou de se debater, os olhos dela, nebulosos, encontrando os dele.

—Isto não está certo. — Ela sussurrou, a voz dela entrando em pânico, angustiada, apavorada.

Callum sentiu uma presença, ele sabia quem era antes de olhar para cima e ver Lucien de pé, próximo a eles.

—Deixe-me alimentar. — Ele pediu gentilmente enquanto Leah se movia para pressionar o pano frio na testa da Sonia.

Distraído Callum observou Leah balançar a cabeça antes de rapidamente olhar para seu companheiro, seu rosto chocado bem como magoado.

—A saliva de vampiro tem poderosas propriedades de cura, Callum. Você sabe disso. Talvez, até chegar o remédio, isso lhe dará algum alívio. — Lucien sugeriu.

—Faça isso, qualquer coisa. — Sonia implorou. —Qualquer coisa.

Callum olhou para Leah para ver que o rosto dela se apagou e ela estava pressionando o pano na testa de Sonia.

Ele soube naquele instante que se Lucien se alimentasse de Sonia, seria uma traição a sua companheira e não valeria a pena esse grande sacrifício, porque poderia não funcionar.

—Você não pode. — Ele murmurou, olhando para trás, para Lucien e ele terminou. —Sua companheira.

—Eu posso. — Afirmou Gregor, dando um passo à frente.

—Ela é sua filha. — Yuri sussurrou, com repulsa.

—Sim, e eu quero que ela sobreviva. — Gregor retrucou.

—Então farei isso. — Yuri anunciou se movendo em direção a eles.

—Porra, porra. —Callum disse rapidamente, olhou para sua mulher agonizando, assumiu seu tormento e tomou uma

decisão. —Yuri vai se alimentar de você, querida. Tente ficar calma. Não irá doer.

Ela assentiu com a cabeça, claramente em agonia, claramente disposta a tentar qualquer coisa.

Callum se afastou e Yuri se aproximou, puxando Sonia suavemente para cima, colocando-a em seu colo, enquanto ele se sentava no sofá e Callum sentia todo o seu corpo se transformar em pedra.

—Por favor, querida, tente ficar quieta para não lhe causar muitos danos. — Yuri murmurou em voz baixa, seus braços acolheram ternamente a companheira de Callum, colocando uma mão em sua nuca, movendo-a para o lado, expondo seu pescoço e Callum provou bile em sua garganta.

Os olhos dela foram até ele e ele forçou seus lábios a sorrirem.

—Ficará tudo bem, pequena. —Ele garantiu.

Ela concordou com a cabeça.

Yuri passou a língua ao longo do pescoço dela e levou tudo o que Callum tinha para lutar contra o instinto que o agitava por dentro para arrancar sua companheira dos braços do vampiro e despedaçá-lo.

Impotente e odiando esse sentimento, Callum assistiu quando Yuri rasgou a carne de sua mulher e se alimentou.

Isso durou muito tempo, muito tempo enquanto Yuri a puxava mais perto, mais perto, perto demais e tomava mais.

Novamente, de repente, o corpo de Sonia se arqueou violentamente, puxando sua garganta dos dentes do vampiro, sangue escorrendo por seu peito e ela gritou, um grito horrível.

Yuri se moveu rapidamente para atacar o pescoço dela com a língua, a cura começou lentamente, mas Callum estava lá, arrancando sua esposa do vampiro e puxando-a em seus braços.

Ela se debateu novamente, lutou, o arranhou, agora lamuriantes ruídos de animais que parecia físicos, o destruiu.

Ele não conseguia aguentar mais.

—Onde está aquela maldita injeção! —Ele rugiu, movendo-se para sentar no sofá que Yuri desocupou, segurando sua companheira tão perto o quanto podia, sentindo sua carne queimar ao toque.

—Isso não é bom, Cal. Isso não é bom, meu lobo. — Sonia disse, sua voz fraca, o medo era palpável, a luta do seu corpo era incessante.

A porta começou a se abrir e Orphenon seguido por Calder correu para a sala e direto para Sonia.

—A injeção? — Callum proferiu e Calder a entregou a ele enquanto Orphenon se aproximava, tomava o pulso de Sonia e então soltou imediatamente.

—Jesus. — Orphenon sussurrou, olhando rapidamente para Callum, antes de pegar novamente o pulso de Sonia e pedir para todos na sala. —Uma banheira com gelo, imediatamente! Mande alguém ir ao meu carro para buscar a minha maleta!

Callum virou sua companheira e moveu-se para injetar nela.

—Quantas foram? — Orphenon perguntou, seu tom grave e urgente e Callum parou.

—Segunda dose. — Callum disse-lhe.

—Vossa majestade, não acho que... —Orphenon começou.

—É a única coisa que funciona. — Callum o cortou.

—É veneno, vossa majestade. — Orphenon sussurrou, Sonia engasgou, em seguida, curvou-se então, se arqueou e gritou tão alto, tão longo e tão horrível, que foi um milagre todos os ouvidos não comecem a sangrar imediatamente.

Callum a abraçou forte, mas inclinou-se para Orphenon.

— Funcionou durante décadas.

—Eu não tenho certeza que seja sábio. — Orphenon respondeu, mas Sonia estremeceu poderosamente e gritou novamente.

—Se você não acha que é sensato então que porra fazemos? — Callum rosnou, deixando de lado a injeção e novamente lutando para puxar sua companheira para perto.

—É preciso descer a temperatura dela imediatamente. —
Respondeu Orphenon.

—Você acha? — O tom de Callum foi sarcástico.

—Eu vejo que você está irritado e entendo isso, entendo, mas eu sei o que é essa injeção, Callum, e duas doses absolutamente não é aconselhável.

—Ela está queimando viva.

—É por isso que temos que diminuir a temperatura dela.

—Então que tal parar a discussão e fazer isso? — Callum rangeu.

—Cal, Cal, Cal, meu lobo. — Sonia chamou de repente, a voz dela, estranha, terrivelmente fraca ao mesmo tempo desesperada e Callum empurrou seu olhar para sua esposa, seu sangue gelou em suas veias ao ouvir o som. —Cal, Cal, Cal. — Ela cantava fraca.

—Pequena, estou bem aqui.

—Cal, está acontecendo. — Ela sussurrou, movendo a mão para agarrar sua lapela novamente.

—Nós vamos diminuir sua temperatura, querida. — Ele assegurou-lhe.

—Está acontecendo. — Ela repetiu, a mão apertando sua lapela, puxando-o para ela, puxando-o perto, mas ela não precisava. Ele se inclinou para ela, enquanto uma frenética atividade se movimentava pela sala.

—Estamos arrumando uma banheira com gelo. Ficarà tudo bem. — Ele prometeu.

—Você sabe que eu o amo? —Ela sussurrou e Callum sentiu seu coração se apertar, porque o tom dela era frágil, mas também era final.

—Sim, eu sei e eu também a amo, querida. Agora, espere.

—Com tudo o que sou. — Ela afirmou tão baixinho, a voz dela desaparecendo com cada palavra e Callum sentiu seu corpo queimar o dele, enquanto os dedos dela começaram a soltar-se da lapela.

Não, isso não estava acontecendo.

Ele puxou-a mais perto, mais apertado.

—Fique comigo, Sonia. Fique comigo, pequena.

Os olhos dela se encheram de lágrimas e segurou os dele quando ela sussurrou.

—Com tudo o que sou.

Isso não estava acontecendo. Isso não estava acontecendo. Isso não ocorreria. Ela tinha que sobreviver, pelo menos até que tudo começasse.

Isto não estava acontecendo.

Então aconteceu.

Sua companheira, sua noiva, sua esposa, sua Rainha ficou mole em seus braços. Abriu seus olhos verdes e ainda sobre ele, não havia nada atrás deles. Sem foco. Sem luz.

Eles estavam vazios.

Mortos.

Mortos.

Bem.

Desse.

Jeito.

Ele olhou para seu rosto bonito e sussurrou.

—Isto não está acontecendo.

Sonia não se moveu, a mão dela caiu longe de sua lapela, ele não sentia mais sua respiração tocar seu rosto, a sala ao seu redor ainda estava cheia de um sentimento de medo, rastejante, frio, feio, hediondo.

—Isto não está acontecendo. — Ele sussurrou, embalando Sonia, cheirando o perfume dela, sentindo o aquecido corpo dela esfriar.

Ele não moveu um músculo quando Orphenon se moveu, colocando os dedos no pescoço de Sonia enquanto Callum olhava para o rosto dela.

Vago.

Morto.

—Por favor, Deus. — Ele implorou. —Não deixe isso acontecer.

Os dedos de Orphenon se afastaram e ele disse baixinho, sua voz grave.

—Vossa majestade, sinto muito.

Isso estava acontecendo.

Com raiva rasgando-o, Callum se levantou segurando o corpo sem vida de sua companheira apertado contra seu enorme peito, ele jogou sua cabeça para trás e trovejou palavras inúteis.

—Isso não está acontecendo, porra!

Ele sentiu uma leve mão em seu braço e a voz suave de sua mãe.

—Ela se foi, Callum, querido. Sabíamos que esse dia chegaria. Por favor...

Callum se virou, inclinou-se e gritou no rosto de sua mãe.

—Isso não pode acontecer.

Ela não hesitou.

Ela ergueu uma mão para o lado do rosto dele, o dela estava torturado, com a compreensão de sua dor gravada em suas feições e sussurrou.

—Sinto muito, meu filho amado.

Foi então que ele sentiu. Sua pele formigou. A mudança estava chegando e ele sabia que não conseguiria impedi-la. Ele não conseguiria.

Ele nem sequer queria.

Ele se virou, inclinou-se e colocou o corpo de sua esposa no sofá como se fosse um pedaço de cristal de valor inestimável, maldição, ela era e ele olhou fixamente em seus olhos pela última vez.

Então, ele levantou a mão e as fechou, sua garganta apertada, sua pele começando a queimar. Ele se curvou ainda mais, inalando seu cheiro, seus olhos se moveram sobre a pele ainda corada dela, registrando que parecia tranquila e odiava isso. Querendo que ela se sentasse e discutisse com ele. O provocasse. Sorrisse para ele. Porra, ele a faria se contorcer e gritar se isso significasse que ela ainda estava respirando.

Mas ela não estava respirando.

Ele fechou os olhos, inalou seu perfume uma última vez então se inclinou e tocou sua boca na dela.

—Minha esposa. — Ele sussurrou contra seus lábios imóveis. Ele abriu os olhos e encontrou os dela fechados e estariam por toda a eternidade. —Com tudo o que sou, tudo o que estou destinado a ser, pequena. Sempre.

Ele ouviu gemidos de mulher, tranquilos, abafados, mas ele ignorou-os. Ele tirou sua aliança de casamento, levantou a

mão dela e colocou-a em sua palma. Fechando seus dedos inertes ao redor dela, ele a pressionou contra seu estomago.

Seu filhote.

Ele fechou os olhos.

Ele perdeu sua esposa e seu filhote.

No dia do seu próprio casamento.

Sim, ele não conseguia aguentar mais.

Ele se virou, agachado e entregou-se, mudando para o lobo no ar, aterrissou em suas patas e correu através dos corpos. Fora da sala, passou pelos guardas, pelos espectadores parados no corredor que olharam e ofegaram quando viram seu Rei correndo através deles, dando um passo atrás para dar-lhe espaço, um abriu a porta do prédio e ele disparou para fora.

E ele correu.

Correu por quilômetros, por horas através da floresta, seu coração pulsando, suas patas em movimento, os galhos das árvores roçando seu pelo.

Ele não sentia nada.

Nada.

De qualquer forma sabia que nunca sentiria nada novamente.

Exceto a dor.



Callum sentou-se como lobo, uivando sua agonia por entre as árvores para a lua cheia.

Não ajudou.

Isso não podia ajudar.

Nada ajudaria.

Esta era sua eternidade.

Uma eternidade de agonia.

Ele pensou que estivesse preparado para isso.

E não estava.

De repente, ele sentiu o cheiro. Parou de uivar, inclinou sua cabeça para baixo e olhou em volta enquanto se levantava.

Havia uma loba ali.

Ele olhou por entre as árvores escuras, seu corpo ficou tenso quando o perfume se aproximou. Era familiar, mas não era sua mãe, a quem poderia imaginar que fosse procurá-lo. Também não era nenhuma loba que conhecia.

Mas, porra, era familiar.

Em seguida ela apareceu, tropeçando por entre as árvores, desajeitada, como se ela tivesse se transformado embriagada, mas enquanto ele observava ele notou que ela não se transformou bêbada, mas desorientada.

Ela se moveu ruidosa em direção a ele, parecendo estranhamente desarmonizada com seu lobo. Na verdade, os movimentos dela pareciam realmente assustados. Então o corpo dela de repente empurrou para o lado e ela parou.

Seu focinho se virou em sua direção e a loba ficou completamente imóvel.

Cristo, mesmo através de seu sofrimento ele registrou que ela era uma bela loba. Ele nunca viu uma loba tão bela.

Tão de repente quanto ela parou, correu direto para ele, tão rápido que ele mal teve tempo de se deslocar para o lado para ela passar. Quando ela passou, ele mostrou os dentes e rosnou uma advertência, porém, suavemente sobre um flanco.

Ela girou, se movendo em direção a ele, gemendo.

Ele latiu para ela.

Ela se aproximava enquanto ele se afastava, mas ela continuou se aproximando, tentando esfregar sua cabeça nele, os movimentos dela eram estranhos, inexperientes, gemendo constantemente.

Porra, ela era uma jovem loba. Muito jovem, talvez fosse uma de suas primeiras transformações. Filhotes se transformavam constantemente e sem controle. Os pais trabalhavam com eles enquanto cresciam para ensiná-los a administrar suas transformações para fazê-las quando desejassem. Era provável que ela tivesse fugido de seus pais, mas o que ficou claro era que ela estava apavorada.

Ele latiu para ela novamente e com os dentes beliscou seu flanco. Ela se afastou depois que recebeu sua mordida de cautela, tão desajeita, que ela caiu nos galhos.

Callum latiu novamente, mas ela parecia incapaz de compreender a comunicação de lobo. Ela endireitou-se e continuou tentando acariciar lhe com o seu focinho, gemendo ainda.

O ruído, aparentemente desesperado e tentando comunicar algo que ela ainda não aprendeu a transmitir como lobo, partiu seu coração ferido.

Ele queria paz para tentar, o que ele sabia que seria inútil, acalmar sua devastada mente.

Como um lobo e o Rei dos lobos, ele tinha que levar essa apavorada filhote para um lugar seguro.

Ele a circulou e começou a pastoreá-la, algo que claramente não entendia e lutava contra, continuando com sua tentativa de acariciá-lo com o focinho, a cabeça, como se ela estivesse tentando marcá-lo com sua testa.

Definitivamente uma filhote. Instintivamente, filhotes marcavam seus pais, mães, irmãos e às vezes, pessoas idosas. Lobas, como lobos e em forma humana, marcavam seus companheiros e sua prole. Ele sentiu que esta filhote estava tentando marcá-lo em uma tentativa de marcar um ancião.

Moveu-se ao redor dela, continuando a guiá-la em direção a Canis, levou algum tempo, mas ela finalmente pareceu

entender o que ele estava tentando fazer e começou a correr com ele, caindo para seu lado esquerdo e continuando ali enquanto ele a levava para Canis.

Quando eles chegassem, ele iria entregá-la a Regan para encontrar os pais dela, então iria se trancar no seu escritório com uma garrafa de uísque — ou cinco.

Ou ele se transformaria novamente e passaria o próximo ano na floresta como lobo.

Ele estava começando a optar por fazer o último quando ele os conduziu para a porta dos fundos do castelo. Em vez de se transformar em homem e talvez tornar-se incapaz de controlá-la, ele empurrou a alta e ampla porta inferior ajustando-a para permitir a entrada da loba.

Ela o seguiu.

Ele então se agachou para fazer a transformação, a fim de trancar a porta inferior para que assim não pudesse escapar, mas seus profundos olhos castanhos seguraram os dele e de repente ela o contornou e começou a correr através do castelo.

Porra, pensou Callum antes de correr atrás dela.

Como ela sabia exatamente para onde estava indo, ela correu para a escada e subiu.

Porra, Callum pensou novamente enquanto corria atrás dela.

Ela continuou subindo, subindo e correu direto para o maldito quarto, dele e de Sonia.

Ele derrapou até parar do lado de fora da porta.

Ele não queria estar ali. Ele podia sentir o cheiro do lado de fora e aquele cheiro, o cheiro dela, tudo o que restava de sua Sonia, ele não poderia suportar.

Ele não queria estar ali. Nunca mais queria entrar naquele quarto.

Ele ouviu a loba uivando.

Porra, ele pensou de novo enquanto rosnava e disparou para dentro do quarto, depois mais uma vez derrapou, parou e olhou.

Ela estava pulando pelo quarto, pulando, contorcendo seu corpo de um lado para o outro. Ela abruptamente parou, gemeu, desceu em suas patas dianteiras e saltou novamente, torcendo o corpo no ar.

Ela estava tentando se transformar.

Callum usou sua pata para fechar a porta, a fim de contê-la, se agachou e mudou para homem.

Rapidamente, ele foi para o guarda-roupa, o abriu e puxou um jeans.

Puxando-o ele ordenou.

—Calma lobo, se concentre e agache. Não faça mais nada. Mantenha-se ali e me escute.

Ela não deu ouvidos. Desceu em suas patas dianteiras novamente, sacudindo sua cabeça de pelo cor mogno de um lado para o outro, em seguida, seu corpo de lobo parou. Inesperadamente, ela começou a cavar debaixo do sofá, gemendo desesperadamente, tão frenética que ela empurrou o sofá para trás com seu corpo, a cabeça dela toda debaixo do sofá.

Então ela saiu, levantou-se e virou para ele, com o lobo de pelúcia de Sonia em sua boca.

O coração de Callum oscilou e foi uma agonia pura, sem adulteração.

Aquele lobo de pelúcia, o símbolo que seus pais lhe deram, ela o manteve perto antes de conhecê-lo e continuou mantendo mesmo depois, ele desapareceu na mesma época que ele encontrou seus anéis na lareira. Não questionou Sonia sobre isso. Sabendo que ela agiu com raiva quando jogou seus anéis, suspeitou que ela tivesse feito o mesmo com o lobo.

Aparentemente, como os anéis, o lobo sobreviveu.

Agora, com o perfume dela que pairava no quarto e sua aliança de casamento guardada em sua mão sem vida, isso era a única coisa que ele tinha dela que continha qualquer importância.

—Solte isso! —Ele gritou, mas ela não o fez.

Ela se apressou, correndo ao redor dele, circulando, batendo com a cabeça em suas coxas, ao mesmo tempo gemendo.

—Solte o maldito lobo! —Ele gritou, inclinando-se para ela, apenas para ela saltar até suas patas traseiras e arranhar seu peito com as dianteiras.

Ele a empurrou, tentando pegar o lobo de Sonia, mas ela virou a cabeça para o lado e pulou para fora do alcance.

—Maldição, largue a porra do lobo da minha mulher! —Ele rugiu.

Ela soltou o lobo, afastou até a cauda dela bater na parede, então irrompeu para frente. De repente, derrapou até parar e agachando-se ela saltou, transformou-se em pleno ar e caiu ao chão, de bruços, como humana, seu corpo nu e corado, uma massa brilhante de seu extraordinário cabelo cor mogno caindo sobre os ombros e costas.

Ela estava de frente para o chão, as mãos ao lado do corpo, as palmas das mãos no tapete, e estava ofegante.

Mas Callum estava congelado.

Completamente.

Ele conhecia o cheiro dela, porque ele a conhecia.

Ele sonhou com ela.

Ela era a loba de seus sonhos.

—Isto não está acontecendo. — Ele sussurrou.

—Parece. — Ela falou e foi tão baixo, que ele mal conseguiu ouvi-la, mesmo com uma audição elevada. —Que eu sou como seu povo. — Ela ergueu a cabeça, inclinando o pescoço para trás e Callum olhou em estado de choque, o corpo dele ainda congelado, quando os amados e familiares, olhos verdes encontraram os dele e ela terminou. —Lobo.

Callum piscou quando algo dentro dele se moveu, vibrou, clareou.

Esperança.

Mas, mesmo olhando para ela, ele não podia acreditar.

Ela se ajoelhou, sentou-se sobre seus tornozelos, envolveu um braço ao redor de seus seios, o outro ao redor de seu estomago sem tirar os olhos dele, seu lustroso e magnífico cabelo escuro emoldurando e acariciando seu rosto e ela observou.

— Uh... a coisa nua não é tão divertida. E, durante um tempo, eu pensei que seria loba para sempre. Foi muito legal até ficar assustador.

—Sonia? — Callum chamou, sua voz baixa e calma, incrédulo.

Ela olhou para ele.

Então ela sorriu.

Em seguida, ela sussurrou.

—Entendi, lobo. Eu sou uma loba.

Ela era uma loba.

Ela estava viva e era uma loba.

Callum saiu de seu estupor e estava sobre ela em menos de um segundo. Com as mãos sob seus braços, ele a levantou e então a jogou através do quarto. Ela caiu de bunda na cama e ele se moveu, pousando sobre ela.

Cobrindo seu corpo com o dele, suas mãos segurando o seu rosto, seus olhos encontraram os dela, ele observou o marrom escuro cobrir o verde e lá estava ela.

Sua esposa, sua companheira, sua noiva, sua Rainha.

Sua loba.

Ele abaixou a cabeça e beijou-a.

Sonia o abraçou apertado, abriu as pernas, envolveu-as ao redor dele protetoramente, amorosamente e beijou-o de volta.

Era a mesma coisa. Absolutamente o mesmo. O gosto dela, seu beijo, sua Sonia.

Simplesmente uma loba.

Sua vida humana seria fugaz.

Mas sua vida de lobo poderia durar uma eternidade

Com esse pensamento, Callum beijou-a com mais força e Sonia, como sempre, devolveu o gesto, suas mãos moveram-se para o cós de sua calça jeans, ela colocou os dedos por dentro e

ele levantou seus quadris para que ela conseguisse alcançar o zíper.

Ela teve pouco trabalho, pressionando-se contra ele para puxar sua calça para baixo de seus quadris.

Ela afastou sua boca da dele.

—Agora. — Ela ordenou.

Callum não a deixou pedir duas vezes. Ele enterrou seu pau dentro de sua boceta molhada e aquecida, direto até as bolas.

Seu pescoço se arqueou, seu gemido encheu o quarto, as pernas ao redor dele tremeram enquanto seu sexo se apertava ao redor de seu pau.

—Sim. — Ela sussurrou.

—Não. — Ele rosnou.

Ela levantou o pescoço e olhou para ele, perplexa, seus olhos castanhos cheios de desejo.

—Não?

—Assuma a posição. — Ele ordenou, sentindo seus lábios se curvarem mesmo quando ele murmurou. —Loba.

Os olhos dela ficaram estreitos e ele soube que ela entendeu. Ele saiu, moveu-se minuciosamente para dar-lhe espaço para se mover e ela rastejou sob ele. Ficou de quatro na frente dele, então ele olhou para o corpo dela enquanto se virava

para o quadril, arrancou sua calça jeans, em seguida, se levantou e posicionou-se entre suas coxas, abertas e trêmulas.

Ele guiou seu pau para sua abertura, colocando apenas a ponta.

—Cal. — Ela sussurrou empurrando para trás, mas ele a conteve enquanto ia para frente e enrolava um punhado de seu grosso, exuberante e escuro cabelo em sua mão, mesmo enquanto mantinha os olhos nela.

—Você é minha? —Ele perguntou e viu o rosto dela se abrandar e ao mesmo tempo o desejo tornou-se ainda maior.

—Sim. — Ela respondeu tranquilamente. —Você é meu?

—Porra, sim. — Ele rosnou e entrou nela, puxando sua cabeça para trás pelos cabelos, mas ela já tinha arqueado, gritando seu prazer.

Ela ergueu sua bunda para ele enquanto ele entrava nela, duro, profundo, rápido, áspero, quente, lindo até que ele sentiu seu sexo se convulsionar ao redor dele, seus gemidos ficaram desesperados e seu traseiro se contraiu.

—Cal. — Ela sussurrou.

Callum entrou forte e profundo, os impulsos aumentando, seu devastador orgasmo quase sobre ele.

—Goze para mim, pequena.

Ela gozou para ele, arqueando o pescoço novamente, os sons do seu clímax perfurando o ar, abafados apenas por seus rugidos.

Quando seus orgasmos cessaram, ele suavizou seus golpes, as mãos em seus quadris percorreram sua pele, as picadas de sua injeção, ele observou com alguma surpresa, desapareceram completamente.

Então, novamente, os lobos se curavam rapidamente. Feridas abertas poderiam levar horas, mas picadas de agulha levariam apenas alguns minutos.

Ocorreu-lhe então que haviam muitas pessoas que tinham explicações à dar.

Mas ele iria exigir isso mais tarde.

Agora seria sobre ele e sua noiva.

Ele empurrou os quadris contra os dela, ela sabia o que ele queria e deitou-se, abrindo suas pernas amplamente e segurando seu pau com seu sexo para mantê-los conectados. Ele acomodou seu corpo sobre o dela, mas, mesmo que fosse loba, ela era ainda pequena e, portanto, ele fez o que sempre fazia, descansou um pouco de seu peso em seus antebraços em ambos os lados dela.

Com o queixo, ele aninhou o cabelo no pescoço dela.

—Boa notícia para você. Aparentemente, não sou uma loira. — Sonia murmurou, ele levantou a cabeça e a viu olhar de lado, para ele.

Eles ainda estavam marrons.

Eles também estavam sorrindo.

Ela estava saciada.

Feliz.

Feliz por ser loba. Feliz por ser dele.

Callum moveu os olhos para o cabelo dela e murmurou.

— Sentirei falta deles.

—Mentiroso. — Ela sussurrou e ele olhou para ela.

—Não. — Ele falou firmemente, levantando uma mão para puxar o espesso e macio cabelo para longe de seu pescoço, passando os dedos por ele, enquanto o colocava contra o outro ombro dela. —É verdade, pequena. Era você.

—Eu poderia tingi-lo. —Ela sugeriu, contraindo os lábios.

Ele olhou para ela, sentindo-a sob ele, seu sexo à sua volta, molhado e sedoso, o cheiro dela, parte Sonia, parte lobo, enchendo suas narinas, os olhos dela, agora verdes com picos marrons neles, ternos e apaixonados e isso o atingiu.

—Temos a eternidade para você experimentar qualquer cor que queira.

Sua boca ficou suave enquanto lágrimas enchiam os olhos dela. Callum saiu dela, rolou de costas e a levou para cima dele. Ela colocou o rosto em seu pescoço e o abraçou firmemente.

Ele segurou-a enquanto ela lutava para conter as lágrimas e isso durou um bom tempo antes de senti-la calma.

Ele colocou um braço ao redor dela para que pudesse puxar o cabelo de seu rosto, quando perguntou.

—Você sabe o que aconteceu?

Ela balançou a cabeça contra seu pescoço, mas respondeu.

—Em um segundo, eu estava dormindo profundamente, no seguinte, eu estava em chamas outra vez e de repente... — Ela fez uma pausa, levantou a cabeça, olhou com espanto para ele e exclamou. —Boom! Eu era uma loba. Foi uma loucura. Eu não sabia o que fazer, mas meu corpo de lobo sabia e me conduziu. Eu sei que senti seu cheiro, mesmo sendo apenas suave, o segui, corri, corri e então eu o ouvi uivando e fui direto para você.

Ele a encarou tentando acreditar no fato de que, em primeiro lugar, e mais importante, sua companheira não estava morta e em segundo e quase tão importante, ela não iria morrer, em vez de ceder à sua escaldante raiva ele sentiu sua alegria aumentar.

—Eu acho que destruí meu vestido. — Ela murmurou antes de morder o lábio.

Sua raiva dissipou-se, porque ele começou a rir, envolvendo-a em seus braços, ele rolou sobre ela.

Ele se levantou e olhou para o rosto dela.

Seu cabelo escuro se espalhou sobre o travesseiro enquadrando-o e ele se perguntou se iria se acostumar. Ele tinha uma eternidade para fazê-lo então era provável que sim, mas estava surpreso por ter gostado da ideia de ela morrer. Apenas por um instante. Apenas até ele se acostumar a essa nova Sonia.

Ele ainda precisava da antiga.

Ele sempre precisou da antiga.

Então, novamente, ele teve um pressentimento, quando tudo se tornou claro, que ela sempre foi essa Sonia. Ela exibiu traços e tendências de lobo desde o início.

Ele deveria ter percebido.

Ele não percebeu.

Então, novamente, esta foi a primeira vez, de humana a loba então ele nunca consideraria isso. Além disso, naquele precioso momento, não iria se permitir pensar na indiscutível conspiração por trás disso.

Ele não compartilharia nada disso.

Murmurou.

—Você vai aprender a se transformar e tirar suas roupas.

—Bem, infelizmente, eu não estava usando um velho jeans, mas um vestido de casamento fabuloso quando aconteceu. — Ela respondeu.

—Se estiver rasgado, teremos de repará-lo. — Ele disse.

—Isso seria bom. — Ela murmurou, ele sorriu, abaixou a cabeça e tocou sua boca na dela.

Seu sorriso sumiu e sussurrou.

—Você morreu nos meus braços.

Ela afastou a cabeça e seus olhos se arregalaram.

—Eu morri?

Ela não se lembrava.

—Não se lembra? —Ele perguntou para confirmar.

—Lembro-me de desmaiar em seus braços. — Ela franziu o nariz de uma maneira que dizia que ela achava desagradável, o que Callum achou ser um grande alívio. —Lembro-me de Yuri se alimentando. Eu me lembro de você discutindo com Orphenon, mas depois tudo ficou nebuloso e então... nada.

Ele balançou a cabeça, mas afirmou.

—Você morreu, minha pequena. Você morreu nos meus braços.

Ela olhou-o, atordoadada.

—Como é possível?

—Não sei. —Ele respondeu.

Ela inclinou a cabeça para o lado enquanto franzia sua testa, adoravelmente.

—Então você não sabe o que está acontecendo.

—Eu tenho uma ideia. — Respondeu Callum. —O que eu sei. — Ele declarou ameaçador. — É que alguém explicará para nós dois.

—Isto também seria bom. — Ela sussurrou, movendo as mãos suavemente por sua pele, em seguida, envolveu seus braços ao redor dele, seu olhar sobre ele tornou-se avaliativo e o puxou para perto. —Eu morri em seus braços?

—Você morreu, querida. —Ele afirmou baixinho, sua voz vacilou de repente com a lembrança.

A mão dela foi para o lado da cabeça dele, passando seu polegar suavemente por sua sobrancelha, sua maçã do rosto e em seguida, seus lábios.

Ele fechou os olhos, memorizando isso mais uma vez, mesmo que ele já não precisasse.

Suas palavras também vacilaram, quando ela sussurrou,

—Eu não sei o que está acontecendo, mas eu sinto muito, meu lindo lobo.

Ele abriu os olhos.

—Não sinta. Você está aqui. Você é loba, o que significa que sempre estará aqui. — Ele pressionou seu peito ao dela no

“sempre”. —Nós logo entenderemos por que isso aconteceu e terei a certeza de que nada fundamental quanto isso seja mantido escondido de nós outra vez.

Ela o observou mesmo quando concordou.

Então ela sorriu trêmula.

—Cal, eu sou loba.

Callum sorriu de volta e o dele não era trêmulo.

—Você é, pequena.

—Eu sou loba. — Ela sussurrou.

—Como sempre soube, perfeita para mim. — Callum disse a ela e seus olhos fixaram-se nele.

—Perfeita para você. — Ela repetiu, fortalecendo seu sorriso.

—Como eu sou perfeito para você. — Ele declarou.

—Sim. — Ela sussurrou, a mão na cabeça dele tornou-se um braço e ao redor dele novamente e dois braços envolvidos apertados nela. —Posso perguntar uma coisa?

—Você pode perguntar qualquer coisa.

Amor e gratidão brilharam nos olhos dela antes de levantar a cabeça do travesseiro para tocar sua boca.

Quando se afastou, perguntou.

—Quando você soltar todos os demônios em quem fez todas essas, uh... coisas, pode fazê-lo rápido para que ainda possamos ir à nossa lua de mel?

Callum olhou para sua esposa.

Então ele começou a rir novamente e ele fez isso enquanto a rolava e depois o fez enquanto a colocava sentada e a beijava.

Com sua companheira sentada em seu colo, as mãos afastando seu cabelo cor mogno de seu lindo rosto, ele respondeu.

—Absolutamente.

Então o Rei Callum levou os lábios de sua Rainha de volta aos dele e beijou-a novamente, antes que ele lhe fizesse outras coisas.

E foi tudo perfeito.



Epílogo

Eternidade

—Sonia! Chame seu lobo para sair de cima de mim! —
Gregor ordenou para Sonia.

Ele estava deitado de costas no chão com Callum prendendo-o ali, seu nariz de lobo perto do rosto de Gregor, dentes à mostra, rosnando baixo em sua garganta.

Ela olhou para o vampiro, em seguida, olhou para o companheiro dela.

—Cal, querido, talvez você devesse deixar Gregor se levantar.

Ele virou a bela cabeça de lobo em sua direção e rosnou. Então ele olhou para Gregor e moveu-se rápido e violentamente faltando propositadamente pouco para chegar em seu rosto com os afiados dentes de lobo, mas ele estava tão perto, que o corpo de Gregor estremeceu e então fez uma careta.

Ela olhou para Gregor.

—Como você pode ver, ele está um pouco zangado. — Ela inclinou-se, plantando suas mãos nos quadris. —Como deveria estar.

E ele deveria. Eles começaram a contar para Sonia e Callum tudo o que aconteceu e obviamente, mas compreensível, Callum não gostou muito.

—Callum, Sonny, por favor. — Regan suplicou. —Se nos der um momento para terminar de explicar, sem derramamento de sangue, eu prometo que irão entender.

Callum virou sua cabeça na direção de sua mãe e rosnou.

Regan ficou pálida.

Sonia suspirou, foi até seu marido e passou sua mão suavemente por seu pelo, inclinando-se.

—Meu lobo, vamos dar a eles a chance de terminar a explicação... sem derramamento de sangue.

Ele virou a cabeça para ela, voltou para Gregor, mostrou os dentes em outro rosnado baixo então lentamente recuou do corpo de Gregor. Quando Gregor levantou-se, novamente os olhos de Callum foram até Sonia e latiu agudo. Ela assentiu com a cabeça e foi direto para as roupas que ele descartou quando se transformou. Reunindo-as, ela seguiu seu companheiro enquanto ele saía da sala.

Ele mudou para homem no corredor e Sonia entregou-lhe as roupas dele, mas mesmo quando as tinha, ele não as vestiu. Em vez disso, ficou ali nu e levantou a mão, palma para cima. Ela imediatamente colocou sua aliança de casamento que ele lhe entregou momentos antes de se transformar em lobo e apenas quando instantaneamente escorregou em seu dedo, só

então ele puxou suas roupas, mas o fez resmungando furiosamente:

—Não acredito nesta merda.

Sonia também não.

Profecias. Conspirações. Oráculos. Poções para suprimir traços de lobo que o pai de Sonia lhe deu — o pai dela era homem lobo! — E salientar os genes humanos de sua mãe — infelizmente, a companheira de seu pai era humana, o destino fez com que morressem juntos, em vez de seu pai suportar uma eternidade sem sua companheira, algo amargo.

Sonia tinha que admitir — não em seguida, claro, com Callum tão enfurecido — foi um alívio entender coisas sobre si mesma que não entendia antes. As habilidades dela e por que as tinha. Por que ela se curava tão rápido e não ficavam cicatrizes. Por que sua menstruação vinha a cada cinco meses em vez de todo mês, como um ser humano. Este último ela nunca contou a ninguém, desde que era interesse apenas dela, exceto o médico que lhe disse que muitas mulheres tinham ciclos irregulares. Isto podia ser verdade, mas o que era mais verdadeiro era que ele mentiu descaradamente. Sobre muitas coisas.

—Também não acredito que você está no maldito controle de natalidade. — Callum continuou.

O corpo de Sonia se moveu involuntariamente e os olhos dela foram aos dele.

—O que? —Ela perguntou.

—Pequena, não acha que é algo que você deveria ter me contado?

—Achei que você soubesse que estava cuidando disso. — Respondeu ela.

—O que presumi foi, quando você não estava se sentindo normal, porque minha mãe e seu tutor estavam conspirando para dosá-la com aquele maldito veneno para impedir que seu lobo saísse, que estava grávida do meu filhote. Então quando você morreu, eu pensei que nosso filhote tivesse morrido com você.

Sonia sentiu seu rosto ficar suave, enquanto ia até seu marido e colocava a mão no peito dele.

—Cal, desculpe. Pensei que soubesse.

—Ryon mencionou de passagem há meses, mas isso não nega o fato de que você não disse. Não sabia que você era uma loba. Não estava tendo ciclos regulares de humanos. O que eu iria pensar?

De repente, Sonia sentiu suas sobrancelhas se unirem.

—Como é que isso virou em minha direção?

Callum fez uma careta e ergueu as sobrancelhas, em seguida, olhou nos olhos dela.

—Pequena, você morreu nos meus braços. Isso é algo que jamais esquecerei e pode não saber disso e não vai pôr

cinquenta, cem, duzentos anos, mas o nosso para sempre é um longo... maldito... tempo. Com você, vou acrescentar, eu pensei que eu tivesse perdido nosso filho.

—Não fui eu que conspirei para esconder meu lobo. — Ela retrucou. —Nem sabia que tinha um! E de qualquer forma, marido e mulher discutem sobre quando eles vão começar uma família. Se você quisesse começar a ter filhotes, talvez deveria ter falado comigo sobre isso. Eu admito, fiz suposições, lobo, mas você também fez.

Com seu rosto ficando ainda mais assustador, Callum inclinou-se até ela.

—Não me chame de lobo quando estiver com raiva, loba.

—Não me chame de loba quando estiver com raiva, também. — Ela levantou-se em seus dedos dos pés para ficar mais perto de seu rosto e concluiu. —Lobo.

—Vocês querem parar de discutir para que possamos acabar com isso e talvez matar Gregor e, provavelmente Yuri, então os dois podem pegar o avião e irem em sua lua de mel? — Ryon chamou da porta pela qual eles saíram e Sonia se virou para ele.

—Ninguém vai matar Gregor ou Yuri. — Ela retrucou.

—Nós veremos isso. — Callum disse, enquanto ia até ela, agarrava sua mão e a arrastava com ele enquanto caminhava de volta para seu escritório onde, Regan, Gregor, Yuri, Lucien, Leah, Calder e Caleb estavam à espera.

Sonia o seguiu mas anunciou após entrar na sala.

—A propósito, lobo, quero ter filhotes imediatamente.

—Oh, Sonny, que emocionante! — Regan gritou, mas Callum soltou sua mão, virou-se para ela e a olhou furiosamente.

—De jeito nenhum. Tenho você por toda a eternidade. Eu vou curtir isso por pelo menos cem anos antes de adicionar mais caos em nossas vidas.

—Crianças não são caos. — Retrucou Sonia.

—Sim, elas são. Você gosta de seus sapatos, pequena, filhotes de lobo gostam de mastigar.

Ah bom Deus. Ela não pensou nisso.

Ela mordeu o lábio. O olhar de Callum caiu para sua boca e sua expressão ficou ainda mais assustadora.

—Pare de provocar. — Ele ordenou.

Sonia parou de morder o lábio e exclamou.

—Eu não estou provocando!

—Jesus, estão falando sério? — Calder perguntou, soando exasperado e o olhar de Callum cortou para ele.

—Fique fora disso, Calder. — Ele ordenou.

—Irmão, você esquece que eu e todos nesta sala assistimos sua companheira morrer em seus braços e ele. — Calder esticou um dedo apontado para Gregor. —Planejou não somente esse

cenário, como também fez Sonia sofrer por uma falsa doença e um tratamento tortuoso toda a sua vida.

—Sim. — Callum sussurrou bem sombrio, movendo seu olhar para Gregor, sua mente claramente de volta para o assunto em questão. —Vamos voltar a isso.

Gregor, novamente calmo, falou para Callum.

—Se você respirar e pensar por um momento, Callum, entenderá, considerando as profecias, a necessidade de tudo isso.

—Que tal nos poupar tempo e explicar. — Callum sugeriu de uma maneira que todos na sala sabiam não era uma sugestão.

Gregor suspirou não escondendo o fato que estava buscando por paciência.

Em seguida, ele começou.

—Callum. — O olhar dele moveu-se para Sonia. —Sonny, minha querida, das três destinadas nas Profecias, duas das companheiras são humanas. Uma, você. — Ele abaixou a cabeça para Sonia. —Não é. — Ele olhou para trás para Callum. —Para comunicar a solidariedade com os seres humanos através de seres sobrenaturais, sendo acoplados com eles, Sonia tinha de viver o triângulo.

—Mas. — Callum rosnou quando Gregor parou de falar e suspirou antes de seu olhar voltar-se para Sonia.

—Nascida de um homem lobo e uma humana, viveu uma vida humana, e me desculpe, minha querida, sofrer por isso e ser criada por vampiros, a fim de entregá-la em segurança para um companheiro homem lobo. O triângulo.

Para Sonia, isso fazia sentido. Considerando que nas profecias três companheiras iriam salvar a humanidade da escravidão — ou ela esperava que não morressem em seus esforços — seres humanos, que em sua maioria não sabiam dos homens lobos ou vampiros, precisariam de uma declaração forte para fazê-los confiar em imortais. Para não mencionar, que lobos e vampiros precisariam confiar em humanos também e assim, como Gregor explicou anteriormente, todas as companheiras tinham que suportar as tribulações para provar o seu compromisso para com os outros e eventualmente, a causa.

—Ela é lobo, Callum, mas seu povo a aceitou e a amou como humana. Eles mostraram isso, quando ela estava machucada e mostraram ontem durante o curto período em que pensaram que ela morreu, passando instantaneamente para um luto generalizado. — Gregor explicou a Callum e olhou para Sonia. Sua voz ficou baixa e havia uma profunda e inconfundível emoção, porém, quando ele disse a ela. —Isso não foi fácil. Não foi fácil para Regan. Para Mac. Para seus pais. Para mim e Yuri. Nós não sofremos como você, Sonny, mas sofremos. Nós odiamos cada momento e minha querida, em comparação com nossas vidas, a sua ainda é curta, mas, confie

em mim, fazê-la suportar o que suportou toda a sua curta vida pareceu uma eternidade.

Sonia sentiu seu rosto ficar suave quando sentiu um pouco da raiva sair da sala, mas Callum continuava furioso.

—Agora que você explicou isso, pode explicar por que não me disse, pelo menos, talvez quem sabe, mesmo se eu não pudesse falar com minha companheira sobre isso, eu fosse capaz de fazer algo, qualquer coisa, para tornar tudo mais fácil para minha mulher?

—É óbvio. — Gregor retornou.

—O que é óbvio é que ela é minha companheira. Eu iria aceitá-la de qualquer jeito, mesmo quando ela veio até a mim. Na forma de lobo. — Callum retrucou.

—Seres humanos, como você sabe, não são lobos. — Gregor respondeu.

—Por favor, não tente minha paciência ainda mais, dizendo-me coisas que eu já sei. — Advertiu Callum, em seu tom mortal.

—Você precisava aceitá-la como humana também, Callum. — Gregor disse-lhe. —Suas fragilidades. Compreendendo que a vida dela era curta. Seu amor por ela como humana era demonstrar com tal ferocidade que era essencial. Você chegou ao ponto de ir contra todos os seus instintos como um lobo e permitiu que um vampiro se alimentasse de sua companheira em um esforço para aliviar a dor dela. Se você soubesse, este

juízo que tirou o melhor de si, não teria sido superado. Lobos, vampiros, todos os imortais que deveriam entenderam que você iria amá-la, como uma humana, mas os humanos precisavam que essa declaração fosse feita e tenho certeza de que nós todos vamos concordar que foi convincente.

Sonia ouviu Callum inspirar irritado e profundamente pelo nariz.

Ele entendia. Não gostava, mas entendia.

—Tudo isso. — Regan disse e todos olharam para ela, mas ela estava olhando para Sonia. —Foi cuidadosamente planejado desde bem antes da morte de seus pais. —Os olhos dela foram para Lucien e Leah. —Uma vez que a sua situação... bem, teve início, colocamos em ação nosso plano. — Ela olhou para o filho dela. —Como as profecias previram, Lucien e Leah precisavam estar acasalados, então você e Sonia tinham que se encontrar. — Novamente, os olhos dela foram até Sonia. — Crianças lobo, como você sabe querida, envelhecem muito mais lentamente do que os seres humanos e dar-lhe aquela injeção era para forçar seu processo de envelhecimento para acelerar o humano, para que você e Callum pudessem se encontrar na hora certa. Se não, neste momento, pela idade de lobo, você teria apenas um pouco mais de sete anos humanos. Em vez disso, você é uma mulher adulta e, portanto, poderia se acoplar ao seu Rei.

—Agora que eu não estou tomando a injeção, meu envelhecimento vai se atrasar novamente? — Sonia perguntou e Regan balançou a cabeça.

—Não, você parou aqui, Sonny. Seu desenvolvimento foi interrompido como seria naturalmente perto desta idade como lobo. Infelizmente, no entanto, você agora deve aprender a ser lobo, mas... — Ela sorriu. —Não mulher.

Isso era verdade. No dia anterior, no dia do casamento como todos os dias começou maravilhoso, mas não acabou tão divertido. Ela não se lembrava de “morrer” — felizmente — mas se lembrava de acordar e transformar-se quase imediatamente para lobo. Isso a assustou muito e um pouco mais, seus instintos de lobo foram para encontrar seu companheiro assumindo e fazendo seu novo corpo agir, não estar no comando de sua mente a assustava mais. Piorou quando ela encontrou Callum e não conseguiu se comunicar com ele, nem sabia como voltar a ser uma humana. Foi pura sorte e uma enorme quantidade de desejo que foi capaz de fazê-lo.

Callum disse a ela naquela manhã antes de terem o seu confronto com a família que ele iria trabalhar com ela, ensiná-la, eles iriam se transformar juntos e ele a levaria para correr.

Ela estava ansiosa para isso.

Ela também estava louca por ter essa idade por toda a eternidade. Estava longe de ser uma coisa ruim, nunca

envelhecer, nunca ficar enrugada e grisalha, mas o melhor de tudo, o marido dela não teria que vê-la fazer isso.

—Por que ela morreu? — Lucien perguntou e Sonia focou sua atenção sobre o vampiro, porque pensava ser uma pergunta muito boa.

—Ela não morreu. A parte humana dela morreu. — Yuri afirmou.

—Explique. — Lucien pediu e Yuri apertou a mandíbula ao comando.

Então ele olhou para Sonia.

—Você sabe claro, que o DNA de lobo é dominante.

Ela assentiu.

Yuri disse.

—Isso não significa que você não tenha o DNA de sua mãe também. É latente, e quando o DNA do lobo foi suprimido, como foi explicado, veio à tona. Regan e papai estiveram dosando sua medicação há semanas, as doses cada vez menores, mesmo que a injeção tivesse a mesma quantidade, o resto foi preenchido com vitaminas e hormônios que não alteravam ou a prejudicavam. Você na verdade não morreu desde que não pode morrer como uma imortal. No entanto, seu corpo foi desligado para finalizar a mudança. — Ele olhou para Callum. — Nós também sabíamos que isso aconteceria. Foi explicado pelos médicos que criaram a injeção, foi acompanhada de perto e os

efeitos nocivos, que poderiam ter sido piores, foram calculados, controlados e monitorados para que eles não fossem letais. Por último, era necessário, embora, difícil de testemunhar e experimentar.

—Difícil não é a palavra que usaria. — Callum disse entre os dentes e Sonia foi até ele.

No instante em que ela chegou perto, ele envolveu um braço ao redor de seus ombros e a puxou para seu lado. Ela descansou a mão no estômago dele, envolveu o outro braço ao redor de suas costas e pressionou mais perto

—Foi horrível Callum, para todos nós, não apenas para você. Acha que foi fácil esconder isso de você? De Sonny? — Perguntou Yuri.

—Eu suspeito que foi mais fácil esconder o que foi para nós, vivendo suas mentiras. — Callum lançou de volta e um músculo saltou no maxilar de Yuri, concordando silenciosamente com o ponto.

—É de meu conhecimento que, Lassiter e Cherise Arlington foram assassinados pela rebelião dos lobos. — Lucien disse e uma sensação diferente surgiu na sala, uma sensação que Sonia decidiu não ser boa considerando quão apertado o corpo de Callum ficou ao lado dela. —Isso é verdade? — Ele perguntou a Gregor.

Novamente Gregor prendeu a respiração antes de admitir.

—Não. Eles foram assassinados por vampiros.

—O que? — Sonia sussurrou, mas ninguém lhe respondeu.

—Meu pai. — Lucien disse rapidamente e Sonia sentiu seu corpo estremecer com a surpresa enquanto os olhos dela dispararam para ele.

Ela viu que o rosto de Leah ficou indignado e com raiva e os olhos dela também foram para o marido.

—Sim. — Confirmou Gregor. —Etienne com uma comitiva de vampiros e lobos que discordavam dos esforços de Lassiter dentro do governo americano para lançar as bases para que os imortais e os mortais vivessem pacificamente sabendo um do outro, caçaram Lassiter e Cherise e os mataram.

O coração de Sonia se espremeu.

—Eu não acredito nisso. — Lucien disse e Sonia se pressionou mais perto de Callum, porque o vampiro estava zangado, tranquilamente, mas, no entanto, terrivelmente.

—Você sabe que não deve precipitar as profecias. — Gregor alertou e Sonia ficou confusa. Então, novamente, toda essa mudança da conversa foi confusa.

—Os últimos companheiros foram localizados? — Lucien perguntou.

—Ainda não. — Respondeu Gregor.

—Sugiro a você encontrá-los, Gregor. Fale com Dominion.
— Seu olhar cortou para Callum. —Você solicite uma audiência com os oráculos.

—Feito. — Callum respondeu.

—Isso deve acontecer como está destinado a acontecer. — Regan apressada colocou.

—Etienne. — Declarou Lucien, então olhou para Sonia e explicou de um modo quase ríspido, “meu pai”. — Ele olhou para trás para Regan. —Prejudicou minha companheira, ele a tocou, deixou-a apavorada, mandou que fugisse de mim e no que poderia ter sido perigoso ou até mesmo a morte de seus próprios sonhos. Ele matou os pais de Sonia. E ainda assim está livre. —Finalmente, olhou para Gregor. —Tenho sido paciente, Gregor, como prometi que seria, mas estou avisando que a minha paciência está se esgotando.

—A minha evaporou há cinco minutos. — Declarou Callum e Sonia pressionou-se ainda mais perto de seu companheiro.

—As profecias afirmam que, uma vez que a segunda companheira fosse encontrada, a terceira seria imediatamente. — Explicou Gregor.

—Vamos esperar que isso seja verdade. — Callum respondeu.

—Até agora, todas elas têm sido verdadeiras. — Gregor respondeu.

A sala ficou em silêncio sobre isso, não completamente — embora algumas fossem — boas notícias.

Regan rompeu o silêncio perguntando.

—Agora que este assunto desagradável acabou, podemos ter uma bela refeição, comemorar os noivos e em seguida, levá-los ao avião para que possam desfrutar de sua lua de mel?

—Sim. — Callum concordou mas continuou. —E quanto a isso. — Ele olhou para Ryon. —As duas semanas que planejamos, simplesmente transformaram-se em dois meses. —

Seus olhos percorreram Calder e Caleb enquanto o coração de Sonia se apertava inchando de felicidade. Uma lua de mel de dois meses era uma notícia muito boa. —Ajuste seus planos. Sonia e eu não retornaremos até lá.

—E espero que eu esteja grávida quando voltarmos. — Sonia anunciou e Callum abaixou o queixo para olhar para ela.

—Você não ficará grávida. —Ele declarou.

Ela olhou para ele.

—Veremos.

—Não veremos. Não ficará grávida. — Ele repetiu sua declaração e a alegria no coração de Sonia se transformou em raiva.

—Callum, você não pode ser o Rei Callum quando estivermos discutindo sobre começar uma família e, portanto, tentar fazer valer sua palavra. — Ela retrucou.

—Sonia, você não será a Rainha Sonia quando discutirmos sobre começar uma família e, portanto, mesmo sendo bonita, amada e recentemente, para todos os propósitos e finalidades, morta, não significa que também tenha que fazer valer sua palavra.

—Talvez possamos discutir isso mais tarde, lobo. — Ela respondeu.

—Oh, nós discutiremos isso mais tarde. — Ele se inclinou para baixo, então ficou cara a cara com ela. — Loba.

O coração dela acelerou com seu companheiro chamando-a de loba, mesmo que ele tenha feito isso enquanto ela estivesse irritada.

—Ótimo, agora podemos comer? — Calder perguntou. — Ou todos temos que ficar e ver vocês dois brigarem pela próxima meia hora?

—Vamos comer. Estou morrendo de fome. Sonia morrendo de repente, voltando à vida e se transformando em loba e me assustando, porque eu não sabia que era loba, me deixou sem comer, a noite passada. — Caleb anunciou conforme começava a caminhar até a porta. — Hora da festa e com isso quero dizer, comer e beber até ficarmos doentes.

Sonia, esqueceu que estava irritada, principalmente porque achava Caleb engraçado.

— A cidade está festejando agora e os fogos de artifício foram reagendados para esta noite. Sei que você quer partir,

Cal, mas seria bom se você e Sonia adiassem um pouco mais, para fazer uma aparição antes de embarcar no avião. —Ryon sugeriu, se aproximando.

—Organize isso. — Callum ordenou, se deslocando e começando a ir com Sonia em direção à porta.

Ryon concordou com a cabeça e foi embora.

Sonia chegou perto de seu marido e pediu.

—Mais tarde, você pode me dizer sobre o que foi essa última parte, a parte com Lucien e seu pai e os sonhos de Leah a matarem?

—Sim pequena, depois que descobrir de Lucien, quais são as partes que eu não sei sobre isso. — Callum resmungou irritado e Sonia suprimiu um sorriso.

Regan se aproximou e, mesmo com Sonia no braço de Callum, ela segurou a mão de Sonia.

—Você está com raiva de mim, querida? —Ela perguntou baixinho para Sonia.

—Claro que não, Regan. — Sonia respondeu suavemente e sentiu o braço de Callum ficar tenso ao redor dela quando Regan se aproximou ainda mais. —Tudo isso não foi fácil para nenhum de nós. Mas agora acabou.

Eles se moveram em direção à porta, Regan sorriu para Sonia, em seguida, inclinou-se um pouco, levantando os olhos para seu filho.

—Você está com raiva de mim, querido?

—Sim. — Respondeu Callum, Regan e Sonia ficaram tensas, mas Callum continuou. —Mas irei superar, depois dos fogos de artifício e quando eu estiver em um avião levando minha esposa para sua lua de mel.

Regan olhou para Sonia e sorriu.

Sonia sorriu de volta.

Regan soltou Sonia para que ela e Callum pudessem passar pela porta, mas Sonia virou-se para trás para que pudesse sorrir para Gregor.

Ela viu os olhos dele se moverem para as costas de Callum antes de voltarem para ela e suspirou.

O sorriso dela aumentou.

Então ela foi com seu esposo para a sala de jantar para festejar com sua família.

Em outras palavras, com despreocupação.

Como um lobo.



Callum ficou na porta da frente, à espera de sua esposa se juntar a ele para que pudesse levá-la à cidade, mostrar a seu povo que estavam saudáveis, felizes e Sonia, cheia de vida e para assistirem os fogos de artifício antes de finalmente levá-la

para algum lugar onde seriam apenas eles por um bom e longo tempo.

Ele percebeu que teria que esperar, uma vez que ouviu Sonia rindo com Leah, Kerry, Mabel, Mara, Callie, Regan e o merda do Caleb e todos o faziam alegremente.

Ouvindo sua felicidade e alegria, ele olhou para as próprias botas e sorriu.

Sua esposa era uma loba e o som da sua alegria, abraçando tudo o que ela era, estava longe de ser desagradável.

Ele levantou a cabeça quando sentiu o cheiro do vampiro.

Observou enquanto Gregor se aproximava dele e se preparou. Sabia o que estava por vir.

—Precisamos conversar. — Gregor disse baixo, assim que chegou perto.

—Você está certo. — Concordou Callum. —Agora não. Quando voltarmos.

—Isso vai ser rápido. — Gregor disse a ele.

—Minha companheira morreu ontem independente do fato de que ela não o fez. Ela é uma loba. Nós tivemos pouco tempo sozinhos. Vamos tomá-lo e comemorar. Quando voltarmos, iremos conversar. E quando eu voltar, irá me mostrar as profecias. — Respondeu Callum.

—Callum, não podemos...

Callum inclinou-se para o vampiro.

—Irá me mostrar as profecias. — Ele rosnou.

Gregor respirou fundo antes de concordar.

Então ele declarou.

—Ela é lobo e isso explica os sentidos entre outras coisas, mas sabe que ela tem habilidades adicionais.

—Sua afinidade com os animais selvagens, seus sonhos.
— Callum confirmou.

—Temos que entender isso. — Afirmou Gregor.

—Primeiro, eu e ela vamos viajar. — Callum disse.

—Callum, estamos nos preparando para a guerra. —
Gregor lembrou-lhe.

—Estou ciente disso, muito mais do que você, já que eu e minha companheira estaremos no meio dela, Gregor. E qualquer guerreiro sabe, antes da guerra e depois dela, você saboreia a beleza da vida para que tenha sempre em mente o motivo pelo qual está lutando.

Gregor segurou seu olhar, em seguida, inclinou a cabeça.

Ele virou e começou a se afastar, então, parou e voltou atrás.

—Obrigado. —Ele disse baixinho.

—Por quê? — Callum perguntou.

Gregor olhou nos olhos de Callum.

—Por fazê-la feliz.

Então, em um piscar de olhos, o vampiro se foi.

—Jesus. — Callum murmurou para o espaço onde Gregor desapareceu.

Ele ouviu Sonia cantar.

O humor dele mudou e sorriu.

Então ele gritou.

—Sonia! Loba! Venha aqui!

—Paciência, lobo! —Ele ouviu sua esposa gritar atrás dele e seu sorriso se transformou em um sorriso largo, feliz.



O fogo rugia na lareira da cabana, Callum, deitado de costas no sofá ouviu a porta do banheiro se abrir e sua esposa caminhar silenciosamente.

Seus olhos se encontraram enquanto ela contornava o final do sofá e caminhava até ele, o cabelo envolto em uma toalha e o corpo em um roupão curto.

Ele moveu as mãos apenas para envolver seus quadris, enquanto ela sentava-se, montada, nele.

Ela inclinou-se para baixo, seu rosto irritado e apoiou os antebraços no peito dele.

—Adivinha. — Ela disse.

—O que? —Ele perguntou, lutando com um sorriso, conhecendo seu tom descontente e as vezes que passou por isso antes, exatamente assim.

Ela levantou uma mão, puxou a toalha e seu cabelo escuro, molhado caiu ao redor de seu rosto e ombros.

— “O Projeto Tão Loira Que Iria Chocar Marilyn Monroe” foi um fracasso. Cabelo de lobo é imune a água oxigenada. — Ela anunciou.

Ele deslizou as mãos em sua cintura, puxando-a mais perto enquanto ela torcia os lábios.

—Pequena, isto foi comprovado cinco vezes.

—Você me quer loira. —Ela apontou.

Ele queria. Ele sentia falta do seu cabelo dourado. O mogno era lindo, mas ele se apaixonou por uma loira.

—Com o tempo, irei me acostumar. — Ele murmurou.

—Quanto tempo, um século? Três? —Ela perguntou descontente.

—Talvez quatro. — Ele respondeu, enquanto lutava com seu sorriso.

Ela olhou para ele, então seu olhar suavizou enquanto seu corpo se derretia no dele e ela sussurrava como se ainda não conseguisse entender, mas muito feliz mesmo assim.

— Talvez quatro. Eu tenho quatro séculos com você e muito mais.

Os braços dele a rodearam.

—Sim, minha pequena, quatro séculos e muito mais. — Ele lhe apertou. —E quando chegarmos a quatro, estaremos prontos para começar uma família.

Os olhos dela brilharam, o marrom tomando o verde.

Perfeito. Ela estava ficando irritada.

Isso significava uma briga.

O que significava que essa luta terminaria de forma fenomenal.

Os braços dele ficaram mais apertados.

De repente, o marrom recuou e ela envolveu a mão na lateral de seu pescoço.

—Você me trouxe para casa para nossa lua de mel. — Ela disse tranquilamente e Callum sentiu suas sobrancelhas se unirem.

—Como, pequena?

Ela acenou com a mão.

—Esse sempre foi o meu lar. — Ela explicou. — A cabana dos meus pais, nossa cabana. Onde me trouxe quando o conheci, mesmo que eu não soubesse quem você era. A única casa, até você me dar o castelo, que eu já conheci. E você me trouxe aqui para nossa lua de mel. — Ela inclinou-se ainda mais perto, roçou a boca na dele e sussurrou contra seus lábios. —Perfeito.

Era.

Ela era.

Tudo era.

Aparentemente, eles não iriam lutar, iriam fazer outra coisa e Callum descobriu que estava bem com isso.

Ele novamente estava errado.

—Podemos correr? —Ela perguntou, seu polegar percorrendo a grossa barba em seu maxilar.

Ele a olhou nos olhos. Ela era uma aprendiz rápida, tornando-se uma especialista em controlar suas transformações. Ela amava a floresta, a natureza, adorava correr com ele e assim o fizeram todas as noites e dias, durante as três semanas que estavam em sua cabana.

Uma ideia lhe ocorreu.

Não, uma lembrança.

Não, um sonho.

E isso fez seu olhar ficar luxurioso enquanto seus lábios sussurravam.

—Certamente, pequena. Podemos correr, com certeza.



Ele não era mais um lobo solitário.

Eles estavam correndo, vagando como lobos, ele e Sonia.

Ela era rápida e mantinha-se ao seu lado, perto de seu lado direito, onde sempre corria.

Callum os conduziu mais para dentro das árvores. Eles correram durante horas. Podia ouvi-la ofegar. Sabia que a estava pressionando. Sabia o que ela queria.

Ele continuou pressionando-a, sabendo que a antecipação valeria a pena.

Finalmente, ele se virou, dirigiu-se para casa e a sentiu se excitar instantaneamente.

Ele sentia o mesmo.



Sonia estava sob ele, de bruços, seus longos e grossos cabelos cor mogno espalhados em suas costas, escondendo o rosto dela, emaranhado com folhas de pinheiro. Seu doce perfume almiscarado de lobo o atingiu, vindo de seu cabelo, de sua pele e de entre suas pernas.

Havia algo familiar nisso. Uma coisa linda. Algo nostálgico. Algo que adorava.

A Sonia humana.

Ele estava apoiado em suas mãos, impulsionando os quadris em sua umidade com uma brutalidade selvagem.

Seus gemidos não estavam cheios de dor, mas cada um, uma tentação para fodê-la mais forte.

Então ele o fez.

—Abra mais as suas pernas. — Ele ordenou.

Ela fez como ele disse.

—Incline a bunda, tire tudo de mim. — Ele ordenou.

Mais uma vez, ela fez como ele disse e ele entrou mais nela, em seguida, pressionou seus quadris entre suas pernas, seus braços estendidos e seu gemido foi tão profundo, que ele pode sentir sua vibração contra a ponta de seu pau.

Isso era bom, Callum entrou mais fundo e sabia que não aguentaria muito mais.

—Vamos. — Ele exigiu, mas ela o desafiou, apertando seu sexo ao redor de seu pau em um esforço para adiar seu clímax. Ele deslocou seu peso para um braço e torceu seu cabelo escuro ao redor de seu punho, puxando-o para trás, arqueando seu pescoço e entrando mais e mais com seu pau nela. —Goze, loba.

Ele se excitava quando a chamava de “loba”, assim como Sonia fazia com ele, especialmente quando estava fazendo amor com ela.

Adorava demais.

Ela também adorava.

Ela abriu ainda mais as pernas. Inclinou ainda mais sua bunda. Ele abaixou a cabeça e viu sua perfeição. Não era uma bunda marcada com agulhadas e ele sentiu uma sensação de

triunfo tão completa, que a visão o fez entrar mais forte novamente.

E era o que ela queria.

—Com mais força, Cal. — Ela soltou sua demanda, a voz dela, quase um sussurro, mesmo ele mal conseguia ouvir as palavras. —Foda-me com mais força.

Ele estava perdendo o controle, seu orgasmo estava vindo e sabia que seria surpreendente.

Como sempre era com ela.

O melhor que ele já teve.

—Porra, goze! —Ele rugiu no instante em que o sexo dela convulsionou ao redor do pau dele.

Ela posicionou-se de quatro, impulsionando-se sobre seu pau tão intensamente que ele temia que ela o dividisse em dois.

Mas ela jogou a cabeça para trás, seu cabelo escuro voando sobre sua mão ainda o segurando ao longo de seu antebraço, nas costas dela e ela uivou sua liberação.

Ele saiu e entrou novamente, enterrando-se até as bolas uma última vez e em seguida, uivou o seu próprio orgasmo.



Nua em sua cama de folhas de pinheiro, Callum deitado de costas, Sonia sobre ele, sua companheira se

moveu. Deslocando-se, ela apertou sua testa contra a dele e a deslizou por seu cabelo, marcando-o.

Ele rosnou em seu ouvido, ela rolou de costas, ele por cima e fez o mesmo.

Quando terminou, ele levantou a cabeça e olhou para ela na luz do luar.

—Você sabe, deu-me outra aliança de casamento, mais um pingente e uma fabulosa lua de mel como presentes de casamento e eu não lhe dei nada, além de, bem... eu. — Ela disse suavemente.

—Tudo que eu preciso é você. — Ele apenas respondeu baixinho e sentiu o corpo dela já relaxado derreter-se sob ele, apertando os braços.

—Certo então, que tal, como presente de casamento, eu lhe der mais de mim e concordar em esperar cinquenta anos antes de começar uma família? — Ela sugeriu.

—Setenta e cinco. — Ele rebateu, ela balançou levemente a cabeça antes que ele visse seus olhos iluminarem e sua boca se contrair.

—Feito, lobo. — Ela sussurrou. —Setenta e cinco.

Ele sorriu e abaixou a cabeça para tocar sua boca na dela.

Ele levantou a cabeça e ela deslocou uma mão e segurou seu rosto, seu polegar deslizou sobre sua sobrancelha, a maçã de seu rosto, sua mandíbula e ela acompanhava com o olhar.

Finalmente, eles chegaram aos olhos dele.

—Você sabe que eu o amo? —Ela perguntou.

—Você sabe que eu a amo? —Ele lhe respondeu devolvendo a pergunta.

—Com tudo o que você é. — Ela sussurrou.

Ele abaixou seu rosto até o dela e murmurou com emoção.

—Com tudo o que sou, pequena.

—Eu e você, meu lindo lobo. Com tudo o que eu sou, com tudo o que estou destinada a ser e com a eternidade para ser, isso é muito.

Callum sorriu para sua esposa.

Então ele moveu a cabeça e novamente a marcou com sua testa.

Dele.

E, assim como ele, ela fez o mesmo.

Dela.

Como era.

Como sempre seria.

Por toda a eternidade.



Naquele exato momento... em outro lugar...

Ah meu Deus, eles estão atrás de mim.

Caçando-me!

Corri, minha respiração irregular, uma cortante e forte dor no meu lado, enquanto os ouvia se aproximando. Mais perto.

Rápido.

Muito rápido.

Eu sou uma garota e talvez não ¹¹Jackie Joyner-Kersey, mas não estava fora de forma. Eles ganhariam, mas não tão rápido.

De maneira nenhuma.

Isso não significava que eles não fossem bem mais velozes.

Eles estavam.

E eu estava apavorada.

Entrei em um beco, esperando que a escuridão pudesse despistá-los e fugir com tudo o que me restava.

Direto para um beco sem saída.

—Merda. —Sussurrei ofegante, escondendo-me, sentindo-os se aproximarem de mim.

Então lá estavam eles, sobre mim. Em um piscar de olhos estava deitada de costas, um deles fixando o meu corpo para baixo com o seu, um segurando meus braços acima da cabeça, um em minhas pernas, em meus tornozelos, enquanto eu

¹¹Jacqueline "Jackie" Joyner-Kersey é uma antiga atleta americana. Jackie é considerada uma das melhores atletas de todos os tempos no heptatlo e no salto em distância

olhava para o lado sem esperança, dois cães enormes e assustadores, me rodeavam, rosnando e mostrando seus afiados e alarmantes dentes em minha direção.

—Rasgue sua garganta e acabe logo com isso. — Uma voz vindo acima de minha cabeça disse rapidamente e minha atenção se voltou para o homem enorme que estava completamente em cima de mim, dificultando minha respiração e me encarando de uma forma que eu... não... gostava.

Tentei lutar, mas as mãos em meus pulsos e tornozelos seguravam muito forte, era tão sobrenatural como eles eram. Eu não estava presa. Estava completamente imobilizada.

—Em um minuto. — Ele resmungou, não tirando os olhos de mim. —Cristo, sinta o cheiro dela. Divina. Porra, absolutamente divina. — Seu rosto mudou para uma expressão que eu gostei menos ainda e ele terminou. —Primeiro eu vou me alimentar.

Ele iria se alimentar?

Oh homem. O que isso significava?

Eu não sabia. O que eu sabia era que, não era bom.

—Você está louco? —Uma voz vinda de meus pés perguntou, assim ele pensava que o cara me segurando era, realmente, insano. De fato, muito louco. Ao mesmo tempo, um rosnado feio, assustador veio de ambos os cães.

Pareceu-me que isto foi um aviso, mas o cara em cima de mim era, aparentemente, louco, porque ignorou os avisos dos cães enormes e ferozes, rosnando. Abaixou sua cabeça em minha direção, em seguida, sua boca estava no meu pescoço.

Oh merda. Oh merda!

Isso definitivamente não era bom.

Tardiamente, eu abri minha boca para gritar.

Não que o primeiro som saísse porque, de repente, não estava imobilizada. Nada estava sobre mim, nada me segurando.

Eu continuava imóvel.

Isto porque algo que eu não podia ver e não apenas porque estava escuro, mas porque algo estava acontecendo, então... merda... rápido, estava girando ao redor de mim.

Queria saber o que era quando, repugnantes jorros quentes de sangue espirraram em meu peito e pescoço, quase meio segundo antes que visse uma cabeça canina — sem corpo — rolar através do asfalto na minha frente. Mais sangue espirrou no pavimento ao meu lado em uma onda horrorosa e eu ouvi os barulhos hediondos de corpo após corpo sem vida batendo no chão.

Então estava de pé, meu corpo balançando como se estivesse voando pelo ar, mas senti mãos em mim. Uma brisa soprava através do meu cabelo, eu estava me movendo muito

rápido, e em seguida minhas costas bateram contra a parede de tijolos do edifício ao lado do beco.

Pisquei, sentindo a parede em minhas costas, mas o intenso calor de um musculoso corpo pressionado à minha frente e diante dos meus olhos, um homem.

Um grosso cabelo preto.

Um par curioso de olhos, a cor não consegui distinguir no escuro, mas, surpreendentemente, eu poderia ver que uma cor era clara e a outra era definitivamente escura.

Mandíbula forte e saliente, maçãs do rosto acentuadas, sobrancelhas grossas.

O traço de uma ameaçadora cicatriz atravessava a testa dele, através de sua sobrancelha esquerda, separando-a, em seguida, juntava-se novamente em sua bochecha, deslizando por todo seu rosto, contornando sua mandíbula e desaparecendo.

Eu ofeguei em seu rosto manchado de sangue.

Ele a encarou, intensa e assustadoramente, seu olhar, jurava por Deus, era como um toque.

Parei de ofegar, porque parei de respirar.

Seu rosto se aproximou e meu estômago revirou, meus músculos ficaram tensos perto da ruptura e meu peito queimou, mas ele desviou a cabeça e tocou sua testa na minha, deslizou-a, esfregando-a no meu cabelo.

Puxei uma respiração apenas para prendê-la novamente quando as mãos dele deixaram minhas axilas. Uma deslizou por meu lado e em seguida me contornou, para se tornar um braço ao redor de minhas costas me segurando tão forte, que fiquei colada à sua frente. A outra veio por cima do meu ombro e se envolveu firme e absurdamente quente ao redor da lateral do meu pescoço.

Abaixou seu queixo e senti seus lábios na minha orelha.

—Minha. — Ele rosnou de uma profunda, gutural e intensa maneira que mesmo eu, que não tinha ideia do que estava acontecendo, simplesmente sabia que eu não gostava nenhum pouco... dessa... única observação.

Quando ele disse “minha”, ele quis dizer eu.

Uh-oh.



Lucien estava no beco com Gregor, que o chamou.

Os dois olharam os restos fumegantes de três vampiros e sangue dos corpos decapitados de dois lobos violentamente mutilados ainda em forma de lobo.

Ele sentiu os olhos de Gregor nele e desviou seu olhar para o vampiro.

—Cinco contra um. — Gregor observou.

Dois imortais apenas podiam fazer este tipo de coisa.

Lucien e Callum, o Rei dos homens lobo.

Agora, o terceiro.

—Acho que o terceiro casal de companheiros foi encontrado. — Gregor continuou murmurando irônico.

Lucien amaldiçoou e puxou seu telefone. Ele apertou um botão e o colocou no ouvido.

Quatro toques mais tarde, ele ouviu um rosnado de lobo.

— É melhor que valha a pena para interromper minha lua de mel.

—Os terceiros companheiros se conheceram.

—Porra. — Callum resmungou.

—Meu pensamento, exatamente. — Lucien concordou.

Houve um silêncio de Callum, em seguida, ele comentou.

— Minha esposa e eu tivemos uma boa noite. Quero que ela desfrute do resto dela, como eu pretendo desfrutar com ela. Nós estaremos em um avião amanhã.

—Sinto muito, Callum. — Lucien murmurou.

—Começou, portanto, está mais perto de terminar. — Callum respondeu.

—De fato. — Murmurou Lucien.

—Iremos saborear a vitória. — Callum disse.

—Iremos. — Lucien concordou.

—Até amanhã. — Callum afirmou.

—Até amanhã, Callum.

Ele ouviu Callum desligar e deslizou seu telefone no bolso de sua jaqueta de couro.

Seus olhos escuros novamente analisando a carnificina.

Então, sem outro olhar para Gregor ou qualquer um dos outros membros do Conselho Vampírico na cena, ele virou-se e caminhou para o seu Porsche, assim poderia deixar a matança para trás por enquanto e voltar para sua esposa.

Começou.

Eles tinham muito pouco tempo

Então ele e Leah iriam foder aproveitando o pouco que tinham.

The Three Series continuará...

Com a história dos dois últimos.

Sobre a autora

Kristen Ashley cresceu em Brownsburg, Indiana, mas viveu em Denver, Colorado e no oeste da Inglaterra. Assim, tem sido abençoada com amigos e família ao redor do globo. O grupo dela é atordado — para dizer o mínimo — mas atordado é bom quando você quer escrever.

Kristen foi criada em uma casa com uma família grande e multi-geracional. Eles viviam em uma pequena fazenda em uma pequena cidade do interior e viviam entre as músicas de Glenn Miller, The Everly Brothers, REO Speedwagon e Whitesnake — e com um guarda-roupas que combinava.

Bem, cresceu em uma casa cheia de música, roupas e amor, assim foi uma boa maneira de crescer.

E como ela continua crescendo, fica cada vez melhor.

Avisos

Aviso 1

Por favor, não publicar o arquivo do livro em comunidade de redes sociais, principalmente no facebook!

Quer baixar livros do PL? Entre no grupo de bate-papo, entre no fórum, no blog, lá você encontrará toda a biblioteca do PL ou envie por e-mail a quem pedir.

Postagens de livros no facebook podem acarretar problemas ao PL!

Ajude-nos a preservar o grupo!

Aviso 2

Gostou do livro e quer conversar com sua autora favorita?

Evite informá-la que seus livros em inglês foram traduzidos e distribuídos pelos grupos de revisão! Se quiser conversar com ela, informe que leu os arquivos no idioma original, mas, por favor, evite tocar no nome do PL para autores e editoras!

Ajude a preservar o seu grupo de romance!

A equipe do PL agradece!

Aviso 3

Cuidado com comunidades/fóruns que solicitam dinheiro para ler romances que são trabalhados e distribuídos gratuitamente!

Nós do PL somos contra e distribuímos livros de forma gratuita, sem nenhum ganho financeiro, de modo a incentivar a cultura e a divulgar romances que possivelmente nunca serão publicados no Brasil.

Solicitar dinheiro por romance é crime, é pirataria!

Seja esperta (o).